

The image shows a medieval manuscript page with a sword hilt in the background. The page is yellowed and has a slightly torn edge. The text is written in a Gothic script. The author's name is at the top, followed by the title. The word 'GRAMMAL' is written in large, red, block letters. At the bottom, there is a signature or name in a cursive script. The sword hilt is made of metal and has a textured grip. The background is a dark, textured surface, possibly a book cover or a wall.

Peter Berling

Os filhos do

GRAMMAL

Recco

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Peter Berling

OS FILHOS DO GRAAL

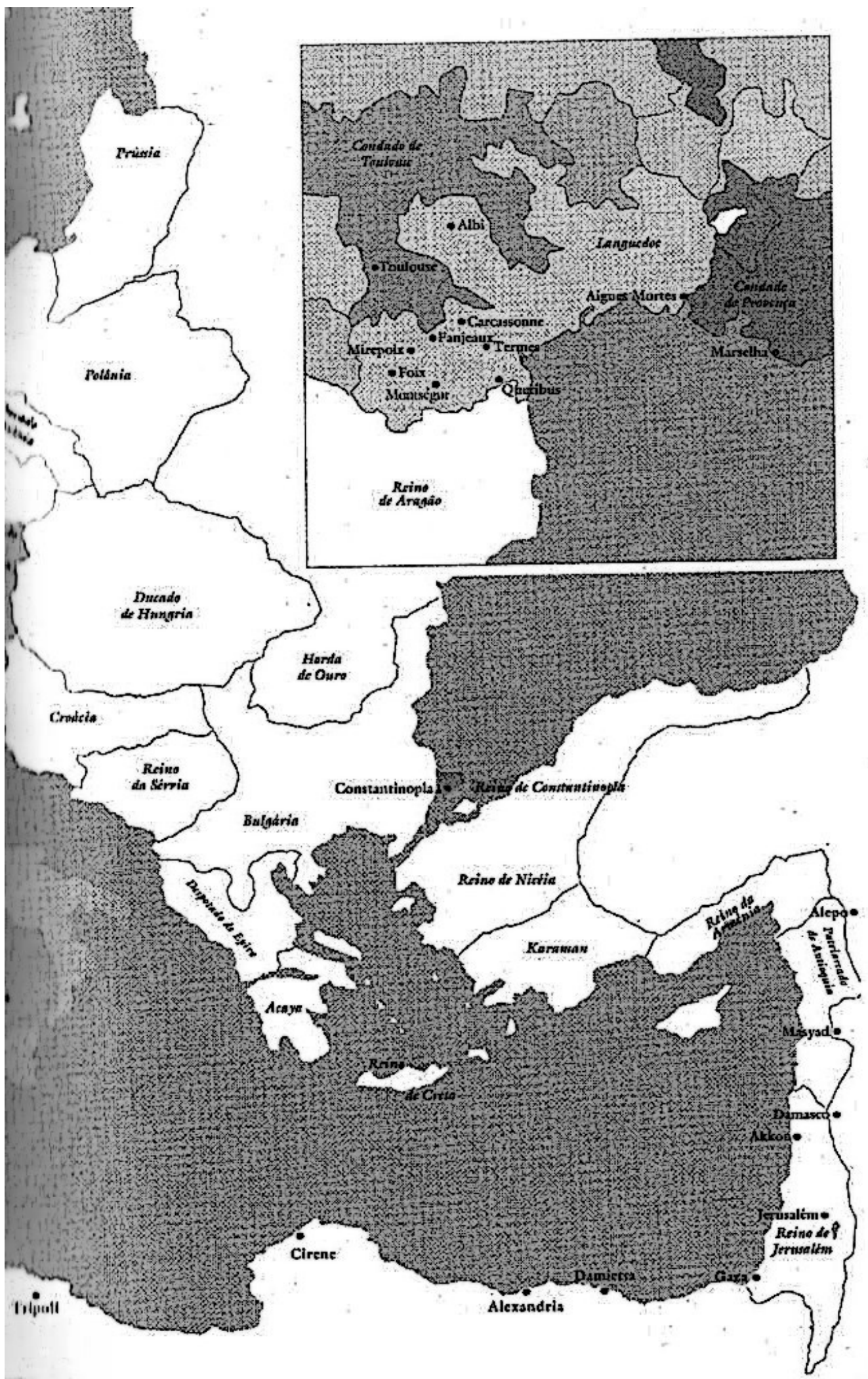
Tradução de MÁRCIA CAVALCANTI

ROCCO, Rio de Janeiro – 2003

Dedicado ao poder da memória
Elgaine de Balliers

NEC SPE NEC METU





SUMÁRIO

OBSERVAÇÕES DO AUTOR

DRAMATIS PERSONAE

PRÓLOGO

I - MONTSÉGUR

O cerco • Os montanheses • A barbacã • A capitulação
A última noite • Interlúdio noturno • *Máxima constellatio*

II - O RESGATE

A "Loba" • *Le trou 'des tipli 'es* • A fogueira • Xacbert de Barberá
O asno de são Francisco • Os ciganos • Em terras de Babilônia

III - IN FUGAM PAPA

O mapa-múndi • Vã ilusão do fugitivo • Cruz entre duas fugas *O bombarone*

IV - PEGADAS APAGADAS

Contra o Anticristo • Histórias de harém
O sacrifício de Beccalaria • "O grande plano"
Morte em Palermo Jogos aquáticos • Servir a dois senhores
A condessa de Otranto • Ladrões viajantes

V - O OUVIDO DE DIONISO

A fonte • Uma porta sem tranca • O castelo de Quéribus
A caverna da moréia • Uma pista falsa • A mina sem saída
Histórias de mulheres • Aigues Mortes • Leitos vazios
O palanquim • Um despertar ruim

VI - CANES DOMINI

O lobo solitário • Excomunhão e condenação • O amalfitano

A grande maîtresse • O assalto • Tempestade sobre Apúlia Pratos quebrados • Clarões que parecem raios • Os infantes reais • Dúvidas edificantes • A avalanche

VII- OS SARATZ

O "cardeal cinza" • A ponte dos sarracenos • Ferros candentes

A igreja incineradora • Conjuração bizantina • As pastoras

VIII - O SOLSTÍCIO

A câmara de tesouros do bispo • Tributo de amor

O menu • Vésperas de casamento • Um franciscano enjoado

O guarda-corção

IX - A PISTA DO FRADE

Um banho quente • Armadilha de ratos • Carta sem remetente

Roberto, o "arrebentador de correntes" • Desgosto em Óstia William, ave de mau agouro • Cordões ao mar

X - CHRISOQUERAS

A "Abadessa" • A espera • *Falsificatio errata* • A trirreme

XI - NO LABIRINTO DE CALIXTO

O pavilhão das perversões humanas • *Venerabilis*

A última fuga • Prisioneiro do legado

XII - CONJUNCTIO FATALIS

Ensaio geral • A hora dos místicos • A noite de Estix

O cemitério dos *Angeloï* • Sob o sol de Apolo

XIII - A REVELAÇÃO

Formação, saída e desfile • O jogo de Asha • No Reino de Hades • O roque • A honra de Otranto • O Graal se desvanece • Triunfo final

OBSERVAÇÕES DO AUTOR

AGRADECIMENTOS

MAPA DA ITALIA

OBSERVAÇÕES DO AUTOR

Neste livro são citadas, em extrato, algumas anotações do frade franciscano William de Roebruk (*1222), que durante muito tempo foram consideradas perdidas nas bibliotecas árabes. Não havia quem se interessasse por elas nem quem as buscasse ou se preocupasse com sua possível tradução. Muitas folhas desapareceram ao longo dos séculos; algumas foram objeto de transcrição em língua árabe, e nestas se baseou o autor para reconstruir a história bem como em outras fontes. A introdução baseia-se em um texto que o frade minorita confiou, presumivelmente às vésperas de sua viagem à Mongólia, a seu amigo Lorenzo de Orta (de Portugal). Essa missão levou-o, entre os anos de 1253 e 1255, como emissário do rei Luís IX de França até Karakorum, a sede do grande clã. Tal documento foi encontrado entre os "Pergaminhos de Starckenberg", e é aqui reproduzido de forma abreviada.

A "Crônica de Roebruk" propriamente dita inicia-se pouco antes de 1244, ano da capitulação do castelo de Montségur, onde se encontrava o Santo Graal; ano também da perda definitiva de Jerusalém. Tem sua maior parte redigida em jargão latinista, mas contém numerosas citações e versos nos idiomas então habituais na região mediterrânea, entre eles o provençal, o grego e o árabe. Algumas dessas citações conservaram-se em sua forma original: apresento a correspondente tradução nos anexos. Para facilitar o leitor interessado em familiarizar-se com a história, anotei junto ao título de cada subcapítulo o local e a data da ação ou fato relatados, e incluí a observação de tratar-se de uma "crônica" às passagens que constituem uma transcrição do texto original de William de Roebruk. Também é apresentada, antes do início do texto, uma lista completa dos personagens, os quais, além disso, foram classificados por grupos, para melhor identificação.

DRAMATIS PERSONAL

O CRONISTA

William de Roebrok, chamado também William, da Ordem dos Frades Menores

AS CRIANÇAS

Roger-Ramón Bertrand, chamado de "Roç"

Isabelle Constanza-Ramona, chamada de "Yeza"

À SERVIÇO DO SANTO GRAAL

CÁTAROS:

Bertrand en Marti, bispo

Pierre-Roger, visconde de Mirepoix, comandante da fortaleza do Montségur

Ramon de Perelha, senhor do castelo

Esclarmonde de Perelha, sua filha

Bertrand de la Beccalaria, mestre-construtor

Rosalba Cecília Estefânia de Cabd'Aret, chamada de "A Loba"

Xacbert de Barberá, chamado de "*Lion de Combat*", senhor do castelo de Quéribus

Alfia de Cucugnan, ama

"ASSASSINOS":

Tarik ibn-Nasr, chanceler de Masyaf (Síria)

Crean de Bourivan, filho de John Turnbull, convertido ao islamismo

LA PRIEURÉ:

Marie de Saint-Clair, chamada de "*a grande maîtresse*"

Guillem de Gisors, seu enteado, cavaleiro templário

Gavin Montbard de Béthune, preceptor de Rennes-le-Château

John Turnbull; aliás, conde Jean-Odo de Monte Sião, antes embaixador imperial a serviço do sultão

À SERVIÇO DO IMPÉRIO

O imperador Frederico II

EM CORTONA:

Elía, barão Coppi de Cortona, ex-ministro-geral dos frades franciscanos, chamado também de "bombarone"

Gersenda, sua governanta

Biro, dono da taverna O Bezerro de Ouro

EM OTRANTO:

Laurence de Belgrave, condessa de Otranto, conhecida como

"A Abadessa"

Hamo L'Estrange, seu filho

Clarion de Salento, sua filha adotiva

Guiscard, o Amalfitano, seu capitão

NA TERRA SANTA:

Sigbert von Öxfeld, comendador da Ordem dos Cavaleiros Teutônicos

Constâncio de Selinonte; aliás, Fassr ed-Din Octay, conhecido como "O Falcão Vermelho"

ENTRE OS SARATZ:

Rüesch-Savoign, jovem sarracena

Xaver, seu pai

Alva, sua mãe

Firouz, seu noivo

Zaroth, o podestà

Madulain, prima de Rüesch-Savoign

À SERVIÇO DA IGREJA

O papa Inocêncio IV

CISTERCIENSES:

Rainiero de Capoccio, o "Cardeal Cinza"

Fulco de Procida, inquisidor

DOMINICANOS:

Vito de Viterbo, filho bastardo de Rainiero de Capoccio *Mateus de Paris*, arquivista

Simón de Saint-Quentin

Andrés de Longjumeau

Anselmo de Longjumeau, chamado também de "frei Ascelino", irmão menor do primeiro

FRANCISCANOS:

Lorenço de Orta

Giovanni Pian de Carpine, chamado de "Pian"

Benedito da Polônia

Bartolomeu de Cremona

Walter dalla Martorana

EM FRANÇA:

Pierre Amiel, arcebispo de Narbona

Monsenhor Durand, bispo de Albi

NA TERRA SANTA:

Alberto de Rezzato, patriarca de Antioquia

Galerão, bispo de Beirute

EM CONSTANTINOPLA:

Nicola della Porta, bispo latino

Yarzinth, seu cozinheiro

À SERVIÇO DE FRANÇA

O rei Luís IX, chamado de "o Santo"

O conde Jean de Joinville, senescal da Champagne, Cronista *Hugues des Arcis*, senescal de Carcassone

Oliver de Termes, renegado cátaro

Yves, "o Bretrão"

Gorka, capitão dos montanheses

OUTROS

Roberto, arrebentador de correntes *Ruiz*, pirata

Ingolinda de Metz, prostituta

Aibeg e *Serkis*, monges nestorianos, emissários dos mongóis

PRÓLOGO

In memoriam infantium ex sanguine reali

(Da crônica de William de Roebrok)

Quando o sol da tarde já havia se posto para mim, a fortaleza dos hereges ainda resplandecia sob sua luz dourada, como se Deus quisesse uma vez mais ressaltar a obsessão daqueles antes de aniquilá-la com sua ira, castigo justo para seus pecados. Acabávamos de chegar ao pé do penhasco chamado *pog*, e lá embaixo, no vale, onde estávamos acampados, a noite estabelecia rapidamente seus domínios, cobrindo-nos com suas sombras negras e arroxeadas. Foi assim que o Montségur apresentou-se a mim pela primeira vez e, sem querer, me emocionei, embora pela mesma razão tenha sentido raiva de mim mesmo. Nessa época eu ainda pensava que Deus estivesse a favor de nossa missão, e eu não duvidava da solidez da minha fé católica, com a qual partira para juntar-me à campanha de extirpação daquele pestilento tumor de heresia infame. Eu, William de Roebrok, forte e astuto camponês das terras de Flandres, vestido com o pobre hábito da Ordem dos Irmãos Menores, mas graças a uma bolsa do conde dotado daquela altivez que qualquer estudante parisiense leva no coração e na testa — pelo fato de ter freqüentado a Universidade de Paris — sentia-me, então, como se fosse O Grande Inquisidor em pessoa: "Treme, ninho de víboras cataras, iluminado por um brilho falso de sol herege! Outro fogo lhes mostrará daqui a pouco o caminho do Inferno, quando vossas almas ímpias despedirem-se libertas pela fogueira!"

Agora, transcorridos dez anos daquela data, com mais de trinta anos nas costas e dotado de uma prematura calvície, não posso senão sorrir e recordar com melancolia o franciscano frágil, ignorante e torpe que então eu era, embora já situado no limiar de um mundo jamais sonhado de personagens importantes, misteriosos, selvagens e cruéis, pérfidos inclusive: situado, sem o saber, à beira de uma cratera abismal cheia de aventuras, penúrias, ameaças e catástrofes, disposto a incorporar-me — mas, que digo! a arrojar-me — ao combate de uma vida sacudida e revolta por paixões, inveja, intrigas e ódio. Uma vida na qual eu não seria muito mais que uma simples bola lançada por outros de cá para lá, de acordo com sua vontade, de modo a muito brevemente não saber onde tinha a cabeça. Naqueles instantes não fui capaz de adivinhar o que me esperava, mas lembro, sim, minha comoção quando vi o castelo do Santo Graal debaixo daquela luz! O legendário Montsalvat!

É verdade que eu tinha começado minha vida em outro lugar bem diferente e distante. A família condal de Hennegau, feliz por ver que um de seus membros fora escolhido imperador de Constantinopla, outorgou uma graça à paróquia de Roebrok: um filho do povo, qualquer um que fosse benjamim de uma família pobre e que tivesse uma inteligência promissora, poderia estudar, para maior honra de Deus, desde que o pároco estivesse de acordo. Por azar, era eu em casa o irmão menor, e, assim, acompanhado da bênção da Igreja, quer dizer, seu *obolus*, meu pai me conduziu entre tapas e chicotadas ao convento franciscano mais próximo, sem preocupar-se com os meus gritos. As lágrimas de minha mãe não se deviam tanto à minha angústia quanto à sua preocupação de que o filho desbaratara suas ambições de ter um missionário famoso entre seus descendentes. Acho até que lhes teria parecido bom contar entre os seus com um mártir degolado pelos hereges!

Pude superar o noviciado sem dano ao corpo graças a certos doces bocados que me chegavam em

segredo, a me dotar desde o começo da aura gloriosa dos eleitos. A partir de então, elevei a mendicidade de seu nível menor de virtude a uma arte que, pelo fato de ser tão bem dissimulada, não falhava em me trazer seus dourados frutos. Desfigurado apenas pela tonsura, não me foi difícil convencer meus superiores a procurarem um lugar na universidade para mim. Meu pai, cheio de orgulho, dedicou-se à criação de porcos, e minha mãe foi alimentando uma esperança cada vez mais veemente de assistir a uma espécie de canonização maravilhosa, ou pelo menos a uma certíssima beatificação de seu filho. Quando eu contava apenas dezenove primaveras, me despacharam — *viribus unitis* — para Paris.

Deus, que cidade! E que carestia de vida! Lá desenvolvi o dom de viver do parasitismo em que minha ordem me educara com firmeza, e consegui aperfeiçoá-lo extraordinariamente. Viver de esmolas? Que projeto tão humilhante, próprio de uma existência indigna! Aprendi, sim, a suportar a companhia daqueles que me mantinham, e desde então sempre preferi pensar que se tratava de um livre intercâmbio de favores recíprocos.

Pude abstrair-me em grande parte do estudo dificilmente prescindível de teologia clássica, embora tivesse o hábito de acalmar minha "consciência de missionário" aceitando, conformado, a língua árabe como cadeira obrigatória. Assim, poderia preparar-me para o indesejável caso de um dia ocorrer-lhes, já que minha mãe não desistia de seus objetivos, a idéia de deportar-me aos desertos da Terra Santa, exclusivamente à minha custa. Pensei que deveria, no mínimo, saber como rogar aos hereges para que, mesmo não se dispendo a perdoar-me, pelo menos me concedessem um gole d'água. Sempre me senti impressionado pelo poder da palavra bem colocada, razão pela qual jamais descuidei das disciplinas de livre predicação e das formas mais severas de liturgia.

Em seguida, sucedeu de o meu rei procurar alguém que pudesse instruir-lhe no idioma dos muçulmanos. Imagino que o santo rei Luís já namorava a prodigiosa idéia de repreender pessoalmente o sultão a fim de fazê-lo renunciar, de forma pacífica, a suas ímpias crenças. Outro argumento não menos convincente seria o de que seu primo imperial, Frederico, dominava com grande desenvoltura tal idioma e gozava de enorme fama por tal motivo. Na minha situação de ambicioso bacharel, papel que então me caía às mil maravilhas, pareceu-me que o aprendizado daquele idioma não era mais que um desprezível instrumento para que certos tuberculosos crônicos passassem o dia tossindo e cuspiendo-se na cara. Atualmente, quando escuto os versos de algum poeta árabe, sinto uma profunda vergonha daquela infantil ignorância, pois a esplêndida sonoridade de tais versos nos transporta a uma altura mais luminosa que a de qualquer outra bela língua, por mais sonora que seja.

Mas o meu rei não foi tão longe. Decididamente, não se atreveu a chamar à Corte o venerado professor Ibn Ikhs Ibn-Sihlon, com quem eu aprendera o árabe. De modo que fiquei sendo, por escolha deles, o inocente intermediário, todos convencidos de que eu professava um especial carinho a tal idioma.

Não conseguimos nunca estabelecer um horário regular para as aulas. Cada vez que meu soberano me concedia uma brevíssima audiência, ele mesmo preferia que a passássemos rezando juntos, ou me pedia para eu lhe relatar histórias de São Francisco. Nem reparava no fato de que eu jamais cheguei a conhecê-lo pessoalmente, detalhe sobre o qual silencieei com grande sagacidade para não desiludi-lo. Nós nos dávamos por satisfeitos com essa situação.

Meu senhor e benevolentíssimo soberano deve ter sofrido um horrível pesadelo, ou seria culpa dos males que o atormentavam, entre eles a anemia e a erisipela. É possível, também, que seus outros conselheiros espirituais, entre os quais eu dificilmente poderia incluir-me, estivessem-no atormentando semana após semana para por fim ele se decidir — como, de fato, ocorreu — a arrancar a última espinha de heresia ainda plantada no flanco meridional do reino, há tanto tempo sendo maltratado pelos hereges. O mais provável é que fossem os cochichos de seu obscuro confessor, Vito de Viterbo, enviado pessoal do papa, que empurraram-no a reconciliar-se com Nossa Senhora e a vingar a insolência do assassinato do

inquisidor de Avignonet. Seja como for, aquele devoto crente jurara diante da Virgem Santíssima acabar com o ninho de hereges estabelecido no *pog* de Montségur.

O ignóbil senhor a quem nunca pude ver o rosto talvez estivesse desgostoso com nossas rezas comuns, agulhão que o levou a insistir para certo e infausto dia eu amanhecer agraciado com os signos da maior bondade real: concederam-me o privilégio de me incorporar à empresa dirigida contra a fortaleza dos cátaros, com o cargo de capelão militar de um senescal de províncias que já dispunha de outros dois capelães e na realidade não desejava em absoluto ter de suportar mais um.

Viterbo preocupou-se de me entregarem sem demora a cédula de minha nomeação para que eu partisse. Prevendo uma estada monótona no campo, abasteci-me de dois livros que julguei ninguém sentiria demasiada falta na biblioteca real, com a intenção de afastar a provável rotina de um acampamento militar nas províncias opondo-lhe meu programa pessoal de formação espiritual. Não pude sequer despedir-me de meus amados pais, que com agradável regularidade haviam cuidado para que, tanto a mim como a casa de minha ordem na capital, não nos faltassem nunca tripas e toucinho. Assim, iniciei sem nenhum entusiasmo a viagem prevista em direção ao sufocante sul. Nunca voltaria a ver meu povoado, nem Paris, nem as adoráveis terras de Flandres.

Uma vez submerso no redemoinho mediterrâneo, cáí prisioneiro de Cila e Caribde, que me afundaram em suas profundezas e me arrastaram fortemente para lançar-me depois a umas praias cuja existência jamais imaginara. Não foi assim? Não eram aqueles os desertos infinitos, os montes pedregosos pelos quais o Demônio tentador me conduziu em direção ao castelo, os paramos que tanto temor me inspiraram em pequeno e que, ainda como noviço, tive de atravessar sendo arrastado através deles, eu, insignificante peão rural no gigantesco tabuleiro de xadrez dos poderosos deste mundo. Tão logo achava que era bispo, ou cavalo já me via ameaçado por torres escuras, adulado por altivas damas ou rebaixado à mera figura secundária no jogo de algum poderoso rei.

De início, servi ao rei Luís com fidelidade incondicional. Ele era meu bom rei; se algo lhe faltasse, eu me sentiria bastante envergonhado, se é que ainda era possível envergonhar-me. Mas quando foi se distanciando de minha vista, também foi esmorecendo minha simplicidade camponesa e flamenga. Sempre fui um desgarrado. Outras forças me empurraram para o limite do Universo, lançando-me para fora do primitivo tabuleiro com suas regras e campos compreensíveis, tão inequivocamente marcados em branco e preto. Essas mesmas forças me devolviam ao jogo quando eu já havia desistido, animavam-me, para esquecerem-me depois de novo. Acaso poderia ser o campo preto o terreno do bem pelo qual deve lutar um monge devoto da Santa Igreja Católica? Poderia considerar-se ainda a cruz vermelha dos templários, com suas extremidades em forma de garras, como um símbolo de Cristo? O pano verde dos muçulmanos seria promessa ou condenação? Seriam as insígnias de guerra dos mongóis um sinal marcado pelo ferro incandescente do Diabo? E as vestimentas tão brancas e tão esvoaçantes dos cátaros, não prometiam o Paraíso? Ao longo de minha vida, vi e experimentei a misericórdia dos "assassinos" e a fidelidade incondicional dos tártaros; encontrei amigos entre os cavaleiros cristãos e nobreza nos emires árabes; sofri as conseqüências do veneno, da traição e a tortura mortal; soube o que é o amor e o sacrifício. Mas nenhum outro destino me comoveu tanto quanto o das crianças chamadas de "Os Filhos do Graal".

De agora em diante, sinto-me obrigado a guardar fidelidade a sua memória, pois chegaram a ser quase que parentes meus, membros da minha família. Suas figuras delicadas, representando a esperança que poderes cruéis movem sobre o tabuleiro do jogo da história, conformavam uma dupla de soberanos infantis submetidos à idéia de um "grande plano". Meu rei e minha rainha! Com seu fim, ficou destruído o sonho de paz e de felicidade para o resto do mundo. Eu não era mais que um pequeno peão insignificante a quem foi permitido sobreviver. Eles, ao contrário, foram sacrificados ainda antes de ter terminado a

partida.

E é deles que eu quero lhes falar...

I – MONTSÉGUR

O Cerco

Montségur, outono de 1243

Montségur é uma rocha cônica de encostas escarpadas que se ergue de urna planície tortuosa, a ponto de à primeira vista parecer uma ilusão longínqua, qualquer coisa não pertencente a este mundo. Parece estar lá para acolher os exércitos de anjos que, de sua perspectiva seráfica, talvez sejam capazes de descobrir aquele palmo de patamar plano onde possam apoiar uma escada celestial. O invasor humano que se aproxima a partir do norte parece ter o monte ao alcance da mão, como um capacete que alguém retirou da cabeça, mas que, depois, uma mão mágica vai elevando mais e mais à medida que os pés do caminhante se aproximam de algum de seus flancos. Caso chegue do leste, abandonando-se ao engano de um suave declínio da montanha, o escudo erguido do Roc de la Tour o fará retroceder, quiçá arrojarse sem mais nem menos à espumosa garganta do rio Lasset, tão profundamente cortada na rocha que de lá embaixo sequer se vê o cume da montanha e menos ainda o castelo. Apenas pelo sudoeste se oferece, após ultrapassar um declive harmonioso, uma encosta coberta por bosque; mas, no momento em que o alpinista arquejante abandone a proteção da mata selvagem, verá que a parede restante, composta por uma pedra nua, ascende quase verticalmente. Verá, então, os muros da fortaleza assomarem-se por cima dele, seu coração se entregará a um galope selvagem, sua respiração se tornará mais difícil, o ar escasseará; no alto dos Pireneus, uma luz violeta e azulada iluminará o caminho, mostrando seus picos que, naquele veranico de San Martin, de 1243, apareciam já cobertos de neve. O vento sacode ruidosamente as folhas do buxal. O invasor não chegará a ouvir o silvo da flecha que lhe abrirá a garganta deixando-o grudado ao tronco de um arbusto, e o sangue brotará da ferida como faria a fonte refrescante que tanto desejava encontrar durante a subida. Acompanhando as batidas de seu coração, que desfalece, o sangue continuará jorrando, até que as acinzentadas rochas lá de cima confundam-se com as muralhas, enchendo-se de uma luz clara como o céu, e os sentidos o abandonarão antes que caia de costas em direção ao verde-escuro do bosque, do qual nunca deveria ter se afastado.

A ordem era montar acampamento no prado cuja suave encosta situava-se a uma boa distância do penhasco, ou *pog*, suficientemente longe para evitar as bestas. No centro do acampamento foram armadas as barracas para os dois capitães: a de Pierre Amiel, arcebispo de Narbona e enviado do papa que, possuído de um feroz fanatismo, tinha por objetivo destruir aquela "sinanoga de Satanás"; e, a uma conveniente distância, embora sem especial intenção, a de Hugues des Areis, senescal de Carcassone, a quem o rei nomeara chefe militar da missão. Como fazia a cada manhã, o senescal havia oficializado a missa diante do exército completo, embora tivesse preferido assaltar rapidamente a fortaleza dos hereges, encabeçando seus homens, munidos de escadas e torres de assalto; e novamente ajoelhar-se diante de sua barraca, também como sempre, enquanto tocavam os sinos do *Angelus*, rodeado dos três capelães de campanha, entre os quais William de Roebrok.

O arcebispo, considerando que rezavam muito e lutavam pouco, esperou com enorme impaciência o fim daquela prece:

— Deveriam buscar o bem de vossas almas não tanto na paz com Deus, mas na luta contra seus inimigos!

O senescal preferiu ainda não levantar o joelho, que mantinha fincado na terra, e permaneceu com os olhos fechados e as mãos juntas, os punhos apertados até mostrar os nós dos dedos, mas não respondeu.

— Já faz muito tempo que o conde de Tolosa sustenta essa espécie de cerco atenuado, e meu senhor, o papa...

— Eu sirvo ao rei de França — interrompeu-lhe nesse instante Hugues des Areis, que tinha conseguido restabelecer seu equilíbrio interior e não hesitou em fazer sentir a seu concorrente sacerdotal, sem perturbar-se nem um pouco, o desgosto que lhe provocava sua presença — e, se Deus assim o quiser, executarei fielmente suas ordens: conquistarei o Montségur!

Levantou-se e dispensou seus capelães com um gesto brusco de mão.

— A perseguição dos hereges que tanto afeta seus corações deve seguir submetida à primazia de minhas ordens. Esperar que o conde de Tolosa cumpra essa tarefa revela uma pobre visão política, posto que os defensores do castelo são seus antigos vassallos, inclusive em muitos casos seus parentes próximos.

— *Faidits!* — resmungou o arcebispo. — Traidores infiéis e rebeldes! Sem falar do senhor feudal desta região, o visconde de Foix, a quem não pareceu sequer necessário apresentar-se para cumprimentar-nos.

O senescal iniciou a retirada:

— Faz tempo que designou sucessor: Guy de Levis, filho do companheiro de armas do grande Monfort. Pretende-se ser este que lhe tire do fogo...

Pierre Amiel seguiu-o bem de perto, espumando de raiva.

— Falam de fogo? Isso é o que vocês devem prender lá em cima: incendeiem esse ninho de víboras malignas, e que a fumaça e as chamas os carreguem ao Inferno!

O senescal, muito calmo, inclinou-se para tirar um ramo que queimava numa das fogueiras.

— A tocha da Inquisição! — disse, ironizando, entregando a madeira que ardia ao surpreso arcebispo. — Leve-a você mesmo! Se continuar soprando à medida que subir para o castelo, e se a Virgem Santíssima lhe emprestar seu alento, não se apagará! — Como o legado não fizesse o gesto de aceitar o ramo, o senescal devolveu-o à fogueira e retirou-se. Seus súditos, já acostumados a tais rompantes, reprimiam o riso a duras penas.

Com o entardecer, eram acesas fogueiras por todo lado. As cantineiras enchiam os caldeirões, e os soldados faziam girar a carne trespasada; haviam conseguido muitas peças com a caça nos bosques de Corret e o saque das fazendas de Taulat. Não fosse essa sorte grande, teriam de conformar-se com as glandes de carvalho e com as castanhas, e o pão seco que os forrageadores repartiam.

A tropa compunha-se em sua maioria de mercenários. Os cavaleiros templários, seus senhores, eram nobres procedentes do norte do país e que não viam de que forma se opor ao desejo de seu soberano Luís; havia os que lá estavam para conseguir favores do rei; e também simples aventureiros que, depois de perderem seus feudos e benefícios, prometiam a si mesmos algum lucro procedente dos saques ou outras vantagens, já que além do mais a Igreja prometera, a cada participante, o perdão por seus pecados.

As muralhas do Montségur, cujo flanco mais pronunciado formava um ângulo obtuso bem em cima do acampamento, douravam-se com os raios de sol em seu ocaso.

— Quantos devem ser? — perguntou Esclarmonde de Perelha, a jovem filha do senhor e dono do castelo, que, se aproximando sem medo algum da encosta da muralha, deteve-se para observar o vale. — Seis mil? Dez mil?

O visconde Pierre-Roger de Mirepoix, cunhado de Esclarmonde e comandante da fortaleza, sorriu.

— Isso não deverá preocupar-nos, enquanto eles não forem capazes de fazer subir mais de cem nestas muradas.

— Mas vão nos deixar morrer de fome...

— Até o momento, cada um desses senhores armou a barraca como bem quis, bem separados uns dos outros — e Mirepoix apontou na direção do prado, montanha e vales.

— Essa arrogância estúpida, aliada a um território acidentado e pouco visível e à escuridão dos bosques, para os que temem, têm para nós uma consequência favorável: o cerco a que pretendem submeter-nos tem mais buracos que o queijo dos Pireneus que recebemos fresco toda semana.

Era evidente que desejava se fazer de importante. O nome de batismo de Esclarmonde o obrigava a considerar o exemplo daquela outra catara, a mais famosa de todas, chamada também "irmã de Parsifal", que há quarenta anos restaurara e reabilitara a fortaleza de Montségur. Como ela, a jovem Esclarmonde era uma *parfaite*, uma virgem pura. Se a montanha da salvação não resistisse, correria o maior perigo. Mas não parecia gostar de riscos.

— Jamais conhecerão o Santo Graal — retrucou em voz baixa, externando assim sua única preocupação ao visconde — Jamais cairá em suas mãos.

Duas crianças pequenas tinham chegado vagarosamente. O rapaz rodeou com seus bracinhos as pernas da jovem, enquanto a menina, de estatura pequena e delicada, aproximou-se com bastante atrevimento da encosta do muro. Lançando uma pedra ao abismo, escutou com atenção e entusiasmo o barulho que anunciava o fim de seu vô. Foi esse barulho que atraiu a atenção do comandante.

— Vou proibi-los de vir até aqui em cima — exclamou enquanto já via a aia subindo pela íngreme escada de pedra que seguia pelo pátio interior do castelo. Depois de dar uma leve palmada na menina, agarrou-a pelo pescoço e entregou-a à criada. Esclarmonde acariciou o cabelo do rapaz, que seguiu, obediente, à menina.

— Quanto tempo durará isso? — falou Esclarmonde, dirigindo-se novamente ao visconde.

O comandante da fortaleza parecia mergulhado em profunda reflexão.

— Frederico não nos abandonará à nossa sorte... — mas sua voz não conseguia esconder de todo a dúvida.

— O germano não duvidaria em pisotear o que fosse de mais sagrado — replicou a menina com ceticismo, mas sem amargura — em seu próprio proveito ou de sua estirpe. Não devem confiar nele, pelo bem dessas crianças! — e lançou um olhar em direção às duas crianças, que faziam o quanto podiam para dificultar a descida da aia pela íngreme escada de pedra.

— Mas posso dizer com toda certeza que existe um poder superior, e posso jurar-lhe, Esclarmonde, de que eles se salvarão! Venha aqui! — Aproximou-se do lado oriental, onde estava o observatório coberto. — Por este lado, onde o rio Lasset atravessa os montes Tabor, onde suas águas cortam o desfiladeiro profundo, não há vigilância nem pode haver.

Esclarmonde uniu as palmas das mãos para saudar os anciãos, vestidos de branco, *parfaits* como ela, que da plataforma observavam o curso dos astros cujas luzes iam se acendendo.

- Além da pouca disciplina que caracteriza nossos inimigos — prosseguiu Mirepoix —, favorece-nos também o fato de que muitos dos mercenários, no fundo, simpatizam conosco. Por exemplo, os de Camón, que são antigos vassallos de meu pai, e que estão acampados exatamente debaixo do Roc de la Tour — buscava assim dar ânimo à jovem. — Enquanto esta rocha estiver em nossas mãos, a comunicação com o mundo exterior não será interrompida, e assim sempre poderemos ter esperanças...

— Por favor, Pierre-Roger — a jovem colocou a mão em seu ombro —, não espere nada do mundo exterior, pois que só o que se consegue assim é fechar os olhos diante da visão das portas do Paraíso. O

Paraíso é a certeza que ninguém pode nos tirar!

E despediu-se com um sorriso alegre.

Entretanto, o Montségur ficara envolto nas trevas da escuridão noturna, ao mesmo tempo que as estrelas luziam com um brilho mais claro. Embaixo, no vale, as fogueiras ardião, mas as canções obscenas, os gritos das prostitutas e as blasfêmias dos soldados entretidos no jogo de dados e com a bebida não chegavam até o alto da montanha.

O ambiente no acampamento deixava muito a desejar. Aproximava-se o outono. Há mais de meio ano estavam acampados naquele lugar, e embora nos primeiros dias alguns atrevidos tivessem pretendido assaltar o monte, confiando em suas próprias forças, fracassaram em todas as tentativas. Sua situação estratégica e as poderosas defesas da fortaleza vinham resistindo durante mais de duas gerações a todos os ataques.

O senescal sabia disso e mantinha-se na expectativa apesar das contínuas pressões do legado, mas também Hugues des Areis mostrava-se cada vez mais irritado conforme transcorriam os entediados dias de espera ao pé do *pog*. Ordenou a seus capelães que rezassem missa várias vezes ao dia, como se suas orações pudessem melhorar a situação militar. Certa noite em que se apresentara ao franciscano, para rezar com ele, teve uma súbita revelação.

— Caçadores da montanha do país basco! — alfinetou William, que, obedecendo ao costume, já ajoelhara. — Deveríamos contratá-los de imediato, ainda que nos custem muito dinheiro, mesmo que seja quase impossível que entrem num acordo antes de terem recolhido suas colheitas.

— Santificado seja o nome do Senhor e da Santíssima — começou William.

— Levanta esse traseiro flamengo — retrucou o senescal — e dê-me a jarra. A idéia merece um brinde!

Os Montanheses

Montségur, inverno de 1243-44 (crônica)

No final do outono, chegou o corpo de montanheses procedente do distante país basco. Meu senhor, o senescal, não quis que acampassem entre os outros, por isso conduziu-os pessoalmente para além do *pog*, debaixo do Roc de la Portaille, onde a parede rochosa ascende tão verticalmente que de baixo apenas se pode antever a grande torre central do Montségur. Ao chegar, permitiu que descansassem.

Fui o único escolhido para acompanhá-los, o que provocou inveja em meus companheiros. A tarde voltamos a empreender a marcha, deslizando um por um debaixo da parede norte, protegidos de qualquer olhar devido aos altos pinheiros do bosque de Serralunga, cujos limites chegam até o mesmo rochedo.

Caminhando atrás de Gorka, um dos chefes bascos, a duras penas conseguia manter-me ao ritmo de seus passos e ao mesmo tempo sustentar uma conversa na qual nos servíamos de uma mistura de vozes italianas e latinas. Não tinha a mínima idéia da direção que tomava nossa expedição secreta.

— Roc de laTour — informou-me Gorka sem mais rodeios. Ofegante, eu tropeçava pelo caminho.

— Para quê?

— Para cortar o chouriço, é preciso atá-lo primeiro. Parece que se esqueceram desse detalhe.

Calei-me. Por um lado porque suas palavras me fizeram sentir fome imediatamente, e por outro também porque a mesma idéia da comida me fez pensar de imediato no Santo Graal, de quem todos estavam falando no acampamento, mas sobre o qual ninguém conseguia dar uma resposta minimamente satisfatória. Devia tratar-se de alguma coisa superior a um tesouro, de uma espécie de bebida reconfortante que já não fazia sentir sede nunca, de um maná celestial que livraria um pobre frade como eu de toda fadiga terrena.

— Não estamos buscando um tesouro, o tal do Graal? — prossegui, indagando com certo recato, pois me dava vergonha não saber melhor das coisas e porque vira diversas vezes as reações mais estranhas de enfado quando um de nós perguntava pelo motivo real daquela cruzada.

— Pois não, William — sorriu Gorka. — Vamos à conquista de um monte de pedras que não valem nada, com que até a presente data ninguém se preocupou, razão pela qual elas se converteram, para os defensores do Montségur, numa cômoda abertura pela qual recebem suas provisões. Mas nós somos o gato que a partir de agora vigiará essa ratoeira!

Seu riso soava sarcástico e eu continuava tão ignorante como antes, embora agora pudesse imaginar onde estava situado o Roc de la Tour: na ponta mais extrema da parte noroeste do *pog*, onde o dorso da montanha desce, deixando novamente em liberdade o rio Lasset.

— Por que não atravessamos a garganta, que parece o caminho mais curto?

— Muito simples, porque ali já estão instalados os templários, e terão avisado os de cima de nossa chegada!

— Mas os templários são cavaleiros cristãos — retruquei indignado. — Como pode pensar que se relacionam com os hereges?

— Não tinha perguntado pelo Graal, jovem franciscano? Pois essa é a resposta! — e acelerou seus passos dando-me a entender que não diria mais nada.

Chegamos rapidamente ao pé da rocha onde acampava a turma que vinha de Camon. A recepção foi fria, para não dizer pouco amistosa. Cumprimentaram formalmente o senescal e ignoraram os bascos. "Traidores", escutei-os vociferar entre dentes.

A noite estava chegando. O senescal proibiu que fossem acesas fogueiras para evitar sermos descobertos, mas esta ordem não ajudou a melhorar o ambiente.

Por cima de nós, escondendo-se detrás de nuvens desgarradas que deslizavam com rapidez, erguia-se o peitoril da fortaleza dos hereges, em noite sem lua. Os montanhesees haviam pintado os rostos morenos com fuligem para escurecê-los ainda mais e não levavam armaduras ou armas pesadas, apenas casacos cintados, de couro, e punhais de fio duplo cujos cabos se viam por cima do ombro ou pelo cano das botas.

O senescal me ordenou que desse a bênção a cada um deles, e quando foi a vez de Gorka, sussurrei-lhe, ao colocar-lhe o sinal-da-cruz:

— Que a Mãe de Deus o proteja...

Mas ele, sem mover-se, tirou da cintura uma pata negra de gato e murmurou:

— Cospe em cima disso, por favor.

Simulei um acesso de tosse e fiz o que ele me pediu.

Os montanhesees se moviam, de fato, como gatos selvagens, entendiam-se por meio de sons de animais, e tão logoafiaram-se entre as rochas, desapareceram de nossas vistas.

Passei o resto da noite bebendo em companhia do senescal. Mantivemo-nos calados e atentos a qualquer ruído que pudesse chegar até nós. Não sei agora se foi invenção minha ou se eu me achava ainda sobre o efeito das palavras de Gorka; de qualquer forma, eu via através de minha imaginação o que acontecia como se o estivesse presenciando: os montanhesees alcançaram rapidamente as alturas do Roc de la Tour e ali ficaram presos às escarpadas rochas, imóveis, até que chegou a madrugada.

A vanguarda da fortaleza eram besteiros catalães que passaram a noite com o olhar fixo na escuridão, e não se escondeu deles a chegada dos bascos. Quando o dia finalmente clareou, parecia-lhes que tinham superado o perigo. Relaxaram a tensão das pálpebras e assim transcorreu, em meio a um silêncio traiçoeiro, o tempo que se leva para rezar uma ave-maria, e então os montanhesees atacaram os defensores esgotados enquanto se apossavam de seus punhais. Ouviram-se gritos, gemidos, o barulho da queda de alguns corpos e o silvo das bestas, enquanto desprendiam-se pedras das rochas, até que os catalães decidiram retirar-se pelos bosques e refugiar-se atrás dos muros protetores do castelo. Os bascos não se atreveram a segui-los. A certa distância, tinham os besteiros mais oportunidade de defender-se, mas como ainda reinava um certo claro-escuro, desistiram de afugentar os montanhesees de novo.

Dessa forma, ao menos pelo que sabíamos, foi cortada a última comunicação dos sitiados com o mundo exterior, e o cerco em torno do Montségur fechou-se. Dias depois, voltei a encontrar Gorka no acampamento e ele contou-me o resto do ocorrido. Embaixo, no vale, o hábil monsenhor Durand, que na realidade era bispo de Albi, estava entregue à tarefa de desmontar suas famosas catapultas de lançamento, que os bascos começaram a subir peça por peça com a ajuda de cordas. Mas os defensores puderam equilibrar essa vantagem graças à inventiva de outro genial catapultador, Bertrand de la Beccalaria. Este engenheiro de Capdenac, quando soube da situação de emergência pela qual passavam seus amigos, não hesitou em abandonar espontaneamente a construção da catedral de Montauban, obra que então dirigia, e conseguiu, no último minuto, chegar secretamente à fortaleza com seus ajudantes.

Suas catapultas transportáveis estavam instaladas no Pas de Trébuchet, e responderam tão efetivamente aos atacantes que não cabia pensar em algum ulterior avanço.

O alto do monte era coberto pelo bosque e atravessado por sendeiros que ficavam ocultos no meio das rochas, ora passando por baixo ora por cima do terreno; um conjunto de pedras e terra que, além do mais, mostrava-se esburacado por covas com saídas secretas, seguiam em poder dos catalães. Os montanheses limitaram-se a manter a cabeça-de-ponte conquistada. No entanto, o poder de suas máquinas não alcançava nada além da barbacã, a potente defesa exterior do Montségur.

— Impossível aproximar-se da murada do castelo!

— E por que não enviar reforços — eu queria saber, ao mesmo tempo que me sentia como deve se sentir um eminente estrategista — e acabar de uma vez com esse ninho de víboras do Inferno?

Gorka rangiu os dentes e respondeu:

— Porque nem o senhor senescal nem o senhor arcebispo, e muito menos seus medrosos mercenários, são bons alpinistas! — e pôs-se a rir. -Além disso, já cumprimos com nossa tarefa!

E, de fato, a partir daquele dia foi possível escutarmos como as máquinas de monsenhor Durand arrojavam cegamente, dia e noite, suas pedras assassinas por cima do bosque, em direção às muralhas dos últimos baluartes exteriores, para grande felicidade do legado.

— Esses hereges morrerão na barbacã como se estivessem sendo esmigalhados num morteiro — alegrava-se Gorka.

— E, ao morrer, lhes administrarão o *consolamentum*, o santo óleo dos renegados, e assim poderão fritar melhor no Inferno — eu quis completar suas sarcásticas palavras.

— Mas também os defensores fazem funcionar suas catapultas mortais, arrebentam nossos corpos, varrem os assaltantes atrevidos da encosta rochosa, arremessando-os para bem longe, lá onde o senhor arcebispo espera-nos para abrir-nos as portas do Céu!

— E você mesmo, Gorka, por acaso não teme a morte?

— Eu confio numa magia melhor! — ria o homem. — Profetizaram que eu não me reunirei com meus antepassados enquanto não me vir rodeado de uma "Santíssima Trindade", composta por um bispo romano, um templário herege e um guarda franciscano do Santo Graal. Ou seja, que ainda tenho muita vida pela frente!

— Deus sabe que nós, frades menores, nos dedicamos mesmo é a cuidar de ovelhas — exclamei. - Mas, diga-me, que artes de bruxaria pagã são essas que lhe concedem tanta proteção? — invejava-o pela profecia da qual se vangloriava, enquanto eu apenas podia invocar a proteção da Virgem e de alguns santos. De qualquer maneira, minha vida também não corria perigo, a menos que, errando seu rumo, alguma pedra caísse sobre minha cabeça. — Poderia contar-me!

— Então você não ouviu falar dessa mulher sábia que... E estranho... — Gorka me observou com um olhar que expressava ao mesmo tempo surpresa e ironia. — E, no entanto, ela o conhece!

Gorka preferiu não dizer mais nada, embora eu tivesse insistido. Mais tarde, revelou-me, embora externasse enfado:

— "Mantenha longe de mim essa ave franciscana de mau agouro que circula em seu acampamento!" Foi isso o que disse já que você está empenhado em saber. "Não queria encontrar-me com ele por nada deste mundo!"

Compreendi muito bem que essa mesma postura era a que desejava manter Gorka diante de mim. Por isso experimentava desgosto e vergonha ao mesmo tempo, e a partir de então ambos evitamos qualquer

encontro. Mas devo dizer que a partir desse momento invadiu-me uma certa inquietação.

Pouco depois, os montanhesees foram convocados para se reunirem junto do *pog*. Desta vez não houve bênçãos, e se as tivessem previsto, meus colegas teriam de reparti-las, de modo que não tive ocasião de falar outra vez com Gorka para perguntar-lhe qual a sua opinião a meu respeito e o que pensava das palavras daquela mulher sábia que todos conheciam como "A Loba".

Certamente, tratava-se de uma certa bruxa catara que habitava o bosque de Corret e em cujos presságios se podia confiar, segundo me disseram no acampamento. Protegido pela simplicidade do meu caráter, senti-me inclinado a me enfrentar com ela, para assim certificar-me da veracidade de suas palavras sábias com respeito à minha pessoa. Sentia-me inteiramente capaz de suportar suas profecias, pois, acaso, não diz o Senhor: "De tudo o que se vende no açougue deve-se comer, e não perguntar mais para não se sobrecarregar a consciência"?

Todas as citações referentes à comida ficaram gravadas para sempre na minha memória. Pensei que, se o Senhor fazia tão amáveis concessões a meu estômago, quão mais amável não se mostraria com minha mente!

A Barbacã

Montségur, inverno de 1243-44

Os bascos escalaram o Pas de Trébuchet suportando estoicamente e em silêncio as baixas sofridas, pois também isto "A Loba" havia prognosticado ao capitão dos montanhese: "A proteção da noite não serve para os lançamentos cegos!", e seus punhais acabaram com a vida daqueles que faziam funcionar as catapultas, após vencê-los em árduo combate corpo a corpo. Enquanto os defensores da barbacã ainda colocavam com desconfiança seus ouvidos na direção da escuridão, assombrados de que repentinamente tivessem emudecido o silvo e o estalo das catapultas a cujos ruídos já tinham se acostumado, os bascos caíram sobre eles. O sinal de alarme soou muito tarde. Meio sonolentos, foram exterminados antes de a população do castelo poder acudir em seu auxílio.

Ao amanhecer, os mesmos montanhese ficaram espantados ao verem a parede vertical que haviam escalado na escuridão.

— Que a barbacã tenha mudado de ocupantes significa para nós, defensores do Montségur, que só nos resta o tempo necessário à milícia de monsenhor Durand para colocar sua catapulta gigante, a *adoratrix murorum*, em posição adequada para atacar-nos! — informava em cima, junto ao muro da fortaleza, Bertrand de la Beccalaria a seus anfitriões, sem deixar transparecer qualquer emoção.

— Não podemos evitá-lo — Ramón de Perelha, o castelão, se empenhava em mostrar-se confiante — e, no entanto, estou certo de que resistiremos também a essa prova.

E logo começaram as pesadas bolas de granito, com cem libras de peso cada uma, a se chocar contra os muros do castelo. A parede oriental tinha quatro metros de largura e conseguiu resistir às investidas, mas o teto do observatório que haviam montado caiu rapidamente, transformado em estilhaços, e os telhados que ficavam embaixo, no pátio, logo mostraram um número crescente de brechas e fendas.

O castelão brincava, comentando que os disparos chegavam silvando "a intervalos de um rosário rezado com certa pressa". O estrondo do disparo era seguido do estalido que provocava ao alcançar um objeto de madeira, ou do retumbar seco quando rompia o chão de pedra do pátio interior, causando imenso alvoroço nas mulheres e crianças que se encolhiam, assustadas, nas casamatas.

Mas nem todos se mostravam especialmente impressionados por aquela chuva de pedras. O tímido mocinho e a menina que o acompanhava haviam se esquivado da atenção da aia e escondiam-se embaixo dos escalões de pedra que levavam até o observatório. A cada silvo que ouviam passar por cima de suas cabecinhas, fechavam os olhos e apostavam às cegas se o disparo alcançaria o telhado ou o pátio. Depois, registravam com entusiasmo os danos causados nas telhas e o rodar das gigantescas bolas sobre a areia distribuída pelo pavimento para evitar que as pedras arrancadas saltassem longe.

Uma delas, especialmente grande, aproximou-se rodando do esconderijo das crianças, razão pela qual a aia, desfeita em pranto, finalmente pôde descobrir onde estavam. Enquanto ela agitava, desesperada, os braços para o ar para chamá-los, eles apalpavam, interessados, a pedra redonda que detivera sua marcha justo diante deles. Alguns soldados tentavam, com palavras amáveis, convencê-los a abandonar o esconderijo, conduzindo-os então, correndo muito, à sombra da muralha, na direção da torre central, que

oferecia maior proteção, tentando chegar antes que a próxima pedra catapultada os alcançasse.

— A guarnição não perdeu as esperanças — informou Ramón de Perelha com certo orgulho ao comandante, o visconde de Mirepoix. — Os besteiros catalães continuam mantendo livre a entrada do castelo em todas as direções e a perda de vidas se mantém ainda dentro de certos limites; ainda temos homens suficientes para cobrir todos os postos de guarda e as defesas...

—Tendo em conta, inclusive, o fato de que os *parfaits* jamais pegariam em armas... até nos momentos de perigo máximo — acrescentou o engenheiro-chefe com certo sarcasmo.

— Se o fizessem — respondeu o jovem comandante —, renunciariam a seu próprio ser, e o Montségur estaria perdido ainda antes de ter capitulado.

— Jamais haverá capitulação! — interrompeu-lhes o castelhano um pouco bruscamente. — Temos provisões e lenha em abundância e as cisternas continuam repletas de água.

A Capitulação

Montségur, primavera de 1244 (crônica)

As missas diárias pela salvação da alma de meu senhor senescal eram celebradas por meus dois colegas de Nivernais sem que nenhum deles mostrasse algum desejo de eu estar presente. De qualquer modo, não dispunham de muitas outras oportunidades de ver Hugues des Areis, que ultimamente insistia com eles para rezarem mais depressa enquanto fazia soar, nervoso, suas esporas, e eu perambulava sem saber muito bem o que fazer.

A verdade é que o comandante não tinha por que manifestar tanta pressa, e ele mesmo teria podido convencer disto a todos os interessados, com exceção, é claro, do arcebispo: era impossível tomar de assalto a montanha e seu orgulhoso castelo, a menos que se aceitasse inúmeras perdas de vidas humanas. De modo que me restava ainda muito tempo para rezar enquanto ia bisbilhotando com alguma curiosidade pelos diferentes acampamentos.

Em toda parte encontrava cavaleiros que se limitavam a escovar, mal-humorados, seus cavalos, já que não se lhes oferecia a ocasião de galopar *macte anime* ao encontro de uma batalha que lhes possibilitasse, de sua sela, derrubar o inimigo cravando-lhe uma grossa lança no corpo.

Foi assim que tropecei com Gavin, o templário. Dito cavaleiro, o muito nobre Montbard de Béthune era preceptor na casa próxima da ordem, em Rennes-le-Château, e tinha se apresentado ali junto com um grupo de ginetes sem formar realmente parte de nenhum dos bandos: a regra de sua ordem não lhe permitia submeter-se às ordens do senescal, e tampouco o arcebispo tinha poder sobre eles. De modo que Clavin chegou a ocupar o papel de observador, o que lhe permitiu colocar sua barraca no lugar mais belo e mais espetacular do vale, à beira da garganta do Lasset, enquanto seus acólitos acampavam em volta. Travei amizade com ele e a partir daí tivemos uma série de conversas bastante surpreendentes.

Gavin era originário daquelas terras, como demonstrava o nome de sua mãe, que ele unira com orgulho ao sobrenome paterno. Os Hóthune eram senhores feudais que dependiam do conde de Tolosa, de quem estavam, inclusive, aparentados em diversos ramos genealógicos. Clavin tinha conhecido um Trencavel em pessoa, e até participara dos acontecimentos de Carcassone. Reprimi meu desejo de perguntar-lhe em que bando. Era evidente que Carcassone representava para ele uma lembrança difícil de suportar, o que me deixava bastante intrigado.

A julgar pelos abundantes fios cinza de sua barba eriçada, Gavin já leria passado dos cinqüenta. Conhecia muito bem as imediações do *pog* e estava também muito bem informado sobre os ocupantes do castelo, que estimava em mais de quatrocentos homens, aptos para o combate, entre soldados, sargentos e mercenários auxiliares, além de uma dúzia de cavaleiros a quem conhecia pelos nomes. Os *parfaits*, como costumava chamar respeitosa e somariamente aos hereges, certamente somariam, junto com suas famílias, outras duzentas cabeças.

Gavin tinha informações demais — deve ter estado lá em cima, naquele ninho de hereges! Não existiriam outras relações, ocultas e indiretas, entre os templários e os cátaros? Finalmente, pelos cantos não se deixava de escutar cochichos sobre um cadáver pertencente a todos em comum e que descansava num túmulo desconhecido. Um tesouro oculto, severamente custodiado, seria este o Santo Graal? Tratar-se-ia

de algum obscuro rito pagão? Quem poderia saber, além disso, os detalhes, ao que tudo indica incríveis, que continha a regra secreta da Ordem dos Templários?

- É verdade — perguntei a Gavin enquanto fazia rapidamente o sinal-da-cruz — que esses hereges abandonados por Deus e pelo Espírito Santo não apenas burlam o papa, mas também duvidam da concepção virginal de Nosso Senhor, não crêem que Ele seja Filho de Deus, e até negam que esteja morto na cruz por nós?

— Deus não abandona ninguém — corrigiu-me o templário, com uma seriedade que me obrigou a refletir sobre todas as conclusões que a frase permitia. Depois voltou a dominá-lo o sarcasmo habitual: — *Quidquid pertinens vicarium, parthenogenesem, filium spiritumque sanctum*: até a Santíssima Trindade lhes parece excessiva.

Estaria caçoando da Igreja? Estaria me induzindo a perder a firmeza de minha fé nos Sacramentos? Teria se introduzido no corpo de Gavin o sedutor Demônio, e se esconderia agora debaixo de seu manto branco sem respeitar a cruz vermelha que lá estava?

— A eles lhes basta o "Ser Divino e Único" e Seu contrário, o elemento luciferino...

Então era verdade!

— Quer dizer que crêem no Demônio e que talvez adorem-no secretamente?

— E vocês, não crêem no Demônio, irmão William? — Gavin soltou uma estrondosa risada ao ver minha cara de frade assustado, que olhava-o como se acabasse de me deparar com o mesmíssimo Diabo envolto numa nuvem de enxofre e alcatrão. — Pobre irmão William. A verdade é que existem coisas entre o Céu e Assis que um franciscano não pode imaginar nem em suas piores visões provocadas pela fome!

Divertido, olhava simultaneamente para minha barriga, sobre a qual o hábito marrom se esgarçava perigosamente, embora fosse grande a probabilidade de eu a cada dia perder mais quilos naquele acampamento, pelo menos alguns gramas! Fiquei envergonhado e vi que Gavin ria do meu desconcerto.

— O Templo de Salomão, em Jerusalém, descansa sobre outros princípios que não apenas a Portiúncula. É um lugar mágico, e o mesmo se pode dizer do Montségur que está lá em cima!

Calei-me, enormemente confuso. Que abismos estavam se abrindo diante de mim? Ou então, não deveria perguntar-me talvez a que alturas é capaz de voar a mente humana?

Nossa marcha sofrera uma interrupção, e embora eu me sentisse intimamente unido, graças às minhas orações, aos corajosos bascos que foram capazes de subir quase até lá, e me visse com eles na primeira fila, por outro lado rogava a Deus que me guardasse de semelhante destino. A verdade era que o comandante dos hereges e o senhor de seu castelo ganharam ânimo suficiente para tentar uma saída, destinada a fazer calar a *adoratrix murorum* instalada na barbacã.

Certa noite de inverno, seca e com vento, bem apropriada para lançar breu e fogo contra a máquina, um grupo daqueles demônios saiu sigilosamente por um oculto portão lateral. Para nossa desgraça, os defensores do castelo também dispunham de um contingente de auxiliares bascos que se vangloriavam de pensar em vingarem-se de seus patrícios "traidores", palavras com as quais se referiam a nossos corajosos montanheses, a quem eles criticavam "por terem aceito o pagamento de Judas dos repressores franceses".

Na mente daqueles jovens camponeses, o mundo tinha um aspecto muito diferente: não desperdiçavam nem um pensamento com o fato de que com suas malfetorias minavam os fundamentos da Igreja, nossa Santa Madre! Muito menos pensavam que eles próprios estavam lutando a saldo do Inferno e seus

sentidos estavam tão alterados que chegavam a jurar que os nossos "morreriam com a garganta cortada sem poderem desfrutar de seu sangrento pagamento".

A semelhança de idioma quase dera surpreendentemente a vitória aos assaltantes, não fosse que em certo momento as diferenças dialetais graças a Nossa Senhora! — permitiram diferenciar o amigo do inimigo, e começou um grande tumulto.

O barulho das armas chegou até nós no vale, onde o bispo Durand, de seu posto de observação ao pé do *pog*, viu aterrorizado como saíam as primeiras chamas da armação de madeira de sua preciosa catapulta.

Eu havia me aproximado dele.

— Maria, cheia de graça! — rezei em voz alta, pois não sabia contribuir de outro modo à salvação da *adoratrix murorum*.

— Deixe de lamentar-se! — gritou-me. — Melhor rezar para que o vento mude!

Não perdi o ânimo.

— *Laudato si' mi Signore per Il frate vento* — ocorreu-me a frase certa, que tomei emprestada de meu amado são Francisco — *et per aere et nubilo et sereno...*

— Não há quem o entenda! — vociferou o bispo, e me atirou o cajado enquanto lá em cima, com a fumaça irritante da resina e as sombras oscilantes do fogo envolvendo os lutadores, produzia-se um combate corpo a corpo. O vento gelado desprezava as insígnias, as blasfêmias e os gritos de morte.

— Então, não devo rezar? — perguntei compungido.

— Não, melhor será se soprar! — Gavin ria com sarcasmo. Aproximara-se de nós protegido pela escuridão, sem que nos déssemos conta. Olhamos para cima em silêncio, ouvindo como caíam os corpos pelas rochas, desintegrando-se centenas de metros mais abaixo, nas vertentes. Finalmente, nossos ocupantes da barbacã venceram os atacantes, afugentaram os que continuavam vivos e apagaram o fogo aceso.

— *Laudate e benedicte mi' Signore et rengratiate e serveateli cum grande humilitate!* — Gavin citava estas palavras finais do cântico, já que eu não me atrevia mais a abrir a boca. O bispo examinou de soslaio o templário, como que para certificar-se de ele estar em seu perfeito juízo. Senti gratidão por ele, pois considerei ter acabado de restaurar a honra de um insignificante irmão minorita.

— Os comandantes defensores deveriam compreender — interveio monsenhor Durand — que não podem repetir de qualquer jeito esse tipo de saída sem que enfraqueçam consideravelmente o número de homens aptos para a luta no castelo.

— Ainda têm muitos — refletiu o templário em voz alta, sem deixar de olhar para o Montségur.

— Não será para sempre! — Nosso bispo não seria um fanático da fé, mas mostrava ser um bom técnico pragmático.

— Um ninho de águias solitárias num país onde há muito tempo já não há um pássaro que cante. — Estas palavras, pronunciadas por Gavin, mostravam que ele não fazia o menor esforço para esconder suas simpatias.

A mim me pareceram algo idealistas, a não ser pela tristeza e melancolia que refletiam; e, por estranho que pareça, o bispo adotou o mesmo tom em vez de repreender o templário.

— E não há salvação para eles — constatou em voz baixa o mesmo homem que acabava de me fazer calar tão bruscamente. — Impossível que ninguém acuda em sua ajuda! — Os dois trocaram um olhar que me pareceu revelar um suspeito consenso.

— Não acudirá quem possa salvá-los, mas eles terão, sim, um consolo: o conselho de seu bispo — observou o templário com tal segurança em suas afirmações que me senti confuso, embora não parecesse ocorrer o mesmo com o bispo católico de Albi.

— Bertrand em Marti irá declarar, depois de meditar bastante e de orar por seus irmãos e irmãs, que deverão manter-se "dispostos".

Durand tinha recolhido o fio do pensamento de ambos sem ironia nem sarcasmo, e permitiu a Gavin colocar um ponto final.

— Pois sim, dispostos para o último sacrifício!

Tal foi a maneira em que coincidiram seus pensamentos, que não por divergência se mantiveram ocultos, sem que minha presença lhes perturbasse o mínimo possível. Eu não era para eles mais que um sopro de ar, um monte de pó. E verdade que Cristo diz: "Ama teu inimigo" - mas, por acaso, se podia levar isso tão a sério? William, disse para mim mesmo, certamente você viveu até agora uma vida um pouco simplória. Será que suas crenças não foram excessivamente superficiais?

Chegavam os primeiros mortos e feridos ao vale. De repente ocorreu-me que Gorka pudesse ser um deles, embora à minha idéia se opusesse a estranha profecia de sua morte, tal como me havia confiado o basco. E se Gavin fosse um templário herege? Durand podia certamente ser qualificado de bispo romano, mas dificilmente eu poderia ser considerado um franciscano protetor do Graal. Apesar disso, com muito gosto, teria fugido dali.

— *Alto, francescone!* — reteve-me monsenhor Durand. — Não se afaste daqui! Vai ter de ministrar os últimos sacramentos, e suponho que não terá medo de enfrentar-se com a morte e de fechar delicadamente os olhos dos falecidos. — Fez-me um sinal e me indicou o corpo que acabavam de depositar a seus pés.

Gorka estava com o peito bastante machucado, mas ainda respirava e me olhava com os olhos muito abertos.

— É você, William? — Naquele momento o templário também se aproximava. — Por acaso você é o guarda de...

Minha mão cobriu rapidamente seus lábios.

— Diga-me a verdade. Que disse aquela mulher sobre mim?

— Estou morrendo, minorita! — murmurou em voz baixa. — Vejo que tenho à minha volta um templário e um bispo — sua respiração tornou-se entrecortada. — *E tu mi rompi le palle!*

Eu me senti mau, e mal ao mesmo tempo, mas desejava ouvir as palavras da "Loba" referidas a mim antes que ele as levasse ao túmulo.

— Não morrerá, Gorka — quis assegurar-me mais para mim do que para ele. — Eu não sou o guardião do Santo Graal!

— Sim, você é! — replicou, arquejante. — Você vai guardar o tesouro, vai viajar até os confins do mundo, perseguido pela Igreja, honrado pelos reis; você, o gordo frade de Flandres, cujo destino, igual ao meu, se cumprirá antes de ter caído o Montségur.

Ajoelhei-me com movimentos descuidados e aproximei minha orelha de seus lábios.

— Fala... continue falando!

— Vá pro diabo! — e um jorro de sangue saiu de sua boca. — Um templário, um bispo e um minorita gordo! Deixem-me em paz!

Não moveu mais os lábios. Ainda fiquei atento por um tempo; fechei seus olhos e fiz o sinal-da-cruz.

Senti um mal-estar como sentia muitas vezes depois de ter comido em excesso. Não foi o desaparecimento de Gorka o que me afetou tanto, mas o fato de sua morte me revelar poderes ocultos dispostos a apoderarem-se também da minha vida.

No domingo seguinte, pela manhã, quando já tinham cessado todas as ações inimigas em respeito à *tregua Dei* — embora a mim me parecesse desnecessário e humilhante para a Igreja o respeito de dita trégua diante de semelhantes hereges —, o comandante da fortaleza fez chegar ao senescal do rei uma mensagem onde dizia estar disposto a considerar as condições de uma possível capitulação.

A simples fórmula servia para dar testemunho de uma incrível arrogância: a mim, que era um filho fiel e cândido da Igreja, me pareceu que só cabia falar de entrega incondicional e da submissão a olho fechados! No entanto, me contive antes de revelar meus pensamentos I Gavin quando tropecei com ele na garganta do Lasset, num encontro que certamente não foi de todo casual.

A princípio pareceu que meu senhor, o senescal, queria me levar com ele para assistir às negociações, mas seus capelães se opuseram à tentativa com êxito. E assim tive de ficar embaixo enquanto eles ascendiam penosamente pelo *pog*, formando parte do séquito de Hugues des Areis. O encontro com Pierre-Roger de Mirepoix, o comandante, devia se dar no meio do caminho.

—Aceitaremos essa capitulação? — com estas palavras, que me pareciam pouco arriscadas, iniciei o diálogo.

Mesmo assim, ele não desistiu de repreender-me:

—Vocês, corvos da Igreja, bem que gostariam de negar-se a aceitá-la! — o templário caçoava de mim. — Mas os soldados que colocam 3 vida em jogo para defender a de vocês estão cansados de esperar. Sobretudo aqueles que cumprem uma obrigação feudal, que não vieram aqui em defesa de suas convicções e que faz mais de dez meses que se encontram imobilizados nestas montanhas inóspitas. Esses insistirão para que se dê um fim ao assédio...

— E qual será o castigo dos hereges? — deixei escapar uma das perguntas que tinha em mente.

O templário dirigiu-me um olhar cheio de comiseração, que me deixou profundamente envergonhado, mas não se preocupou em tirar-me as dúvidas.

— Hugues des Areis precisa obter êxito, mais ainda que uma vitória! A ordem que lhe foi dada em nome do rei de França é a de ocupar o Montségur, não a de vingar-se! Suponho que buscará cumpri-la, embora as condições não agradem de todo a Igreja.

O preceptor dirigiu-se à barraca do senescal, que já devia ter retornado de sua excursão, e eu o segui. Sem que ele me pedisse, fui trotando atrás dele como um cachorro abandonado que encontra novo dono. Ele, então, se propôs a cuidar de mim, ministrando-me lições que mais pareciam pedradas.

— É preciso apenas obrigar Pierre Amiel a calar-se — disse-me ele, sem ao menos voltar a cabeça para trás. — O arcebispo está sedento, igual a você, irmão William, para haver-se com as almas dos hereges que se refugiam lá em cima; mas não para devolvê-las à verdadeira fé, preferem vê-las fugindo em forma de fumaça negra diretamente das chamas do fogo terreno até o Inferno.

Eu não estava disposto a aceitar que me atribuíssem semelhantes intenções.

- É sempre bom perdoar um pecador arrependido.

- E quem não tem consciência da própria culpa, de onde vai poder tirar o arrependimento? — continuava insistindo o templário, que não cansava de ironizar-me, e cujas mortificações comecei a temer, embora tenha me mantido dependente de seus lábios. — Para alguém que se considere crente e *puro*, seria um

pecado ter de renegar suas crenças, como querem vocês. Em lugar disso, preferirá a morte; é uma atitude que deveria merecer todo o seu respeito, William.

Eu me encolhi; compreendi que ele tinha razão, que as muralhas de minha educação religiosa começavam a ruir, que a estrutura de meus estudos teológicos quebrava e cedia. De modo que calei-me, e até mantive-me um pouco mais atrás, uma vez que tínhamos alcançado o ponto onde estava fincada a insígnia de nosso comandante.

— ... e livre retirada para a guarnição! - ouvi que exclamava o arcebispo, que parecia a ponto de explodir num acesso de cólera.

— Mas todos os demais vão ser conduzidos ao tribunal da Santa Inquisição! — Era evidente que esta segunda proposta provocava grande satisfação em Pierre Amiel; eu, ao contrário, senti um leve estremecimento. — A entrega se fará depois de transcorrida metade do mês! — acrescentou o senescal, como se se tratasse de um aspecto secundário.

— E como é isso? — perguntou, indignado, o arcebispo, suspeitando de uma armadilha, e de qualquer maneira vendo que se adiava a hora de seu deleite máximo.

— *Conditio sine qua non!* — comunicou-lhe Hugues des Areis, dando a conversa por terminada. — A mim me satisfaz ter solucionado o problema fazendo essa única concessão apenas temporal, e Vossa Eminência deveria dar o exemplo de santa paciência.

O arcebispo abandonou o lugar, e o desgosto em que estava mergulhado envolvia-o como o cheiro ruim de uma ventosidade. Gavin entrou na barraca do senescal obedecendo a um sinal quase imperceptível vindo deste enquanto eu me sentava em uma pedra.

A noite havia chegado; um repentino silêncio rodeava o penhasco, o *pog*, em sua estóica verticalidade: uma tranqüilidade irreal que não correspondia a um ambiente de paz, mas a um distanciamento no tempo e no espaço. Será que essa sensação partia de meu próprio coração? Ou vinha das pessoas que eu imaginava lá em cima, detrás dos pesados muros do castelo, assistindo a uma tumultuada reunião?

Olhei confusamente para os lados e vi que muitos homens saíam das suas tocas. Soldados, capitães, engenheiros, sapadores, besteiros, atiradores, cavaleiros e escudeiros dirigiam seu olhar para cima. O círculo de sitiantes permanecia em tenso silêncio, inseguros sobre o que estaria acontecendo, sobretudo entre o mato e os cercados; atos que para nossos olhos eram invisíveis e para nossa mente incompreensíveis.

Ajoelhei-me para rezar. E rezei pelos homens, mulheres e crianças de Montségur!

Debaixo dos últimos raios de sol, quando os vales se tingiam do arroxeadado da noite que rapidamente descia, o castelo do Santo Graal iluminou-se no cume vertical do *pog*, lá onde tanto se havia lutado, ressurgindo, finalmente, debaixo do azul-pálido de um céu primaveril sem nuvens.

Faltavam apenas três semanas para a festa da Páscoa do ano do Senhor de 1244.

A primeira transcorreu voando; em nossa rotina diária via-se que a tensão de uma possível atividade guerreira imediata ia cedendo lugar às necessidades de repouso e sonho. A isso se somava a tarefa de organizar nossas equipes para a retirada. Mas depois, quando tudo já estava disposto e preparado para o grande ato final, produziu-se um vazio que a todos afetou. Um exército de invasores que não têm nada para invadir é o mais absurdo que se pode imaginar.

A espera mexia com nossos nervos. Começamos a contar os dias a partir da segunda semana. Por ordem do senescal, que agora nos solicitava ainda menos do que antes, nós, pregadores, cruzávamos o

acampamento de um extremo a outro para influenciar os soldados com nossas devotas orações, insuflando-lhes paciência e apaziguamento, pois as primeiras disputas já começavam a surgir entre os diferentes grupos: brigas por mulher, punhaladas como consequência de uma partida de dados, discussões por causa da bebida, do tédio e do mau humor. Além disso, rezávamos com e por aqueles que eram enforcados por qualquer espécie de crimes.

Tive um encontro com o bispo Durand de Albi, em cujo acampamento já se estava preparando a retirada. Vestido com calções e gibão, vigiava a tarefa de desmontar e embalar suas catapultas, das quais ao final ficou apenas um monte de vigas, cordas enroladas e um punhado de peças de ferro forjado.

— Esta é a *adoratrix murorum*? — perguntei desconcertado, sem conseguir entender como uma construção tão gloriosa tinha um esqueleto tão miserável.

— Ah, querido passarinho cantor de Assis! — cumprimentou-me com grande alvoroço. — A *adoratrix* continuará lá em cima entre as rochas até que o último inimigo se entregue — e limpou o suor da testa. — Mau estrategista será aquele que retirar suas armas antes do tempo! A confiança é como a fé no Deus Todo-Poderoso; a segurança, ao contrário, repousa em fatos concretos.

Minha educação escolástica sentiu logo a provocação com tal interpretação do poder divino.

— Nosso Criador não é um fato nem um objeto... — comecei meu sermão.

— Sim, é — interrompeu-me. — É as duas coisas! Tua pequena certeza o converte em fato e coisa, embora Ele, como Supremo Criador, não tenha necessidade disso.

— De modo que posso confiar Nele quando rezo?

— Nele, sim. Mas não nos seres humanos.

Acho que o homem não me levava muito a sério e, além disso, vendo suas mangas arregaçadas, não dava a impressão de ser um verdadeiro bispo. Quando iniciava uma conversa com ele, sempre me parecia acabar preso nas redes criadas por uma mente superior à minha. Naquele momento passou meu senescal a cavalo, e me fez um sinal para que eu o seguisse. Ia em companhia de Gavin Montbard de Béthune, que no entanto não deu mostras de querer que soubessem que nos conhecíamos.

Assim, acompanhei ofegante os cavalos até chegar à barraca redonda do arcebispo. Pierre Amiel, vestido com toda sua ornamentação, saiu a nosso encontro quando nos viu chegar, mas depois se recompôs rapidamente, decerto para provocar-nos o respeito por sua imagem de máximo dignitário da Igreja e legado do papa.

— Por que não colocamos um ponto final nessa situação? Esse ninho de hereges... — iniciou seu discurso.

— Eminência — interrompeu Hugues des Areis as queixas que eram de esperar e que sempre acabavam em furiosos insultos —, dei minha palavra a essa gente, e acho que o prazo concedido de quinze dias é justo e compensa a vida dos soldados que perderia se chegássemos a romper o acordo feito para a capitulação e me decidisse a atacar umas pessoas que...

— São hereges! — exclamou furioso o arcebispo. — Como representante de...

— Eu ajo em nome do rei de França! — argumentou energicamente o senescal, que não conseguia entender por que Pierre Amiel tinha interrompido de repente sua declaração. Atrás deles, sobre uma leve elevação plana do terreno onde havia sido montado o altar para as missas cotidianas, acabava de se apresentar um palanquim negro com uma escolta de oito cavaleiros templários. O mesmo número de carregadores, sargentos vestidos de escuro, apressou-se a apeá-lo e deixá-lo em terra.

Na cortina do palanquim abriu-se uma renda e se pôde ver um báculo que empurrava-a ligeiramente para

um lado. Também entrevi durante breves instantes uma delicada mão branca. O bastão do chefe fez um sinal conciso a um dos templários, um cavaleiro surpreendentemente jovem, cujos rasgos eram quase femininos. Gavin, que se adiantara, desceu do cavalo. Para minha grande surpresa, dobrou os joelhos, e nessa postura recebeu, ao que tudo indica, a permissão ou a ordem de informar. Os demais, que estavam de pé, ou montados a cavalo diante da barraca, como o senescal, não foram capazes de entender nem uma palavra do que lá se falava.

— *Agrande maitresse!* — atreveu-se a sussurrar monsenhor Durand a Hugues des Areis. —Veja como são as coisas: expomos nossas cabeças e os templários recolhem os benefícios.

O servidor do rei inclinou-se com alguma reserva.

— A conclusão é ainda mais simples, meu caro: não haverá vencedores nem vencidos! A mão que deposita a espada lá em cima no castelo é a mesma que volta para recolhê-la aqui embaixo...

— E nós, bravos soldados e hábeis estrategistas — respondeu-lhe Durand em voz baixa —, só somos figurantes no palco, embora achemos que lutamos pela verdadeira fé e pela autêntica coroa. Não somos mais que uns bufões!

Depois emudeceu ao ver que o jovem templário dirigia seu cavalo em direção a nosso grupo, seguido a passo lento por Gavin, depois de este ter trocado uma derradeira palavra com a misteriosa visitante. O báculo deu duas breves batidas detrás das cortinas de veludo negro e os carregadores voltaram a segurar o sombrio palanquim. Ele não levava nenhum escudo, nem sequer trazia pendurada a cruz vermelha da ordem, cujos extremos parecem garras.

— Guillem de Gisors, Eminência! — apresentou-se o cavaleiro com uma breve inclinação de cabeça.

— Que tem a dizer ao legado do Santo Padre? — rugiu Pierre Amiel, tremendo de raiva e com vontade de provocar.

— A mensagem diz assim: *pacto sunt servanda!* — respondeu o rapaz com voz clara. E sem esperar a resposta do arcebispo, fincou as esporas na sela para incorporar-se ao séquito do palanquim que se afastava.

Hugues des Areis sorriu:

— Falta pouco para que se cumpra o prazo — buscou animar o núncio, que tinha ficado como que petrificado, embora rangesse os dentes.

— Só dois dias...

— Nos quais mais afrouxará sua vigilância! — exclamou com fúria o arcebispo. Mas não era sarcasmo, senão autêntica preocupação o que se depreendia de suas palavras. — Esses hereges malignos que não respeitam a Virgem Santíssima, nem a lei nem a promessa feita podiam aproveitar o tempo que lhes resta para fugir de seu merecido castigo!

Hugues des Areis estava farto não só da desgastante guerra, mas também de suas contínuas querelas com aquele representante rancoroso da cúria.

— A guarnição pode retirar-se em liberdade, e, pelo que sei desses cátaros, nenhum sairá correndo para escapar ao tribunal máximo, inclusive sabendo que vocês não conhecem nem a piedade nem a misericórdia! — o velho militar não ocultava seu desgosto. — Pode reunir um número suficiente de corpos vivos e palpitantes para compor um bom *auto-de-fé*, Eminência! Homens, e ainda mais, mulheres, velhas e jovens, anciãos e crianças!

Afastou-se com uma breve saudação dirigida ao preceptor e ao bispo de Albi, deixando Pierre Amiel com a resposta na boca. Este tentou colocar de seu lado o bispo, dirigindo-lhe um gesto amável, mas

monsenhor Durand preferiu escalar com Gavin uma rocha próxima e ignorar aquela tentativa lamentável de estabelecer uma cumplicidade eclesiástica. O arcebispo retirou-se ofendido.

— Ficaram contentes lá em cima? — perguntou Durand ao cavaleiro templário, medindo cuidadosamente as palavras.

— Quando se trata de uma salvação, não importam as condições da paz, é preciso dar-se por satisfeitos em salvar o que é preciso salvaguardar.

— Mas onde existe um lugar que ofereça segurança quando sequer o Montségur pode oferecê-la mais? — opôs-se em voz baixa o bispo.

— O "Montsalvat" seguirá eternamente guardião da salvação — replicou Gavin com a mente como que perdida num sonho. — O grande consolo...

Mas Durand seguia fiel a seus princípios pragmáticos:

— Eu achava que agora havia necessidade de salvar esse consolo...

— Tudo está resolvido — Gavin Montbard de Béthune, preceptor da Ordem dos Templários, envolto em sua capa branca que ostentava uma cruz de um vermelho luminoso como o sangue, dos extremos em forma de garras, fixou seu olhar imóvel no Montségur, sobre o qual já descera a escuridão.

A Última Noite

Montségur, primavera de 1244

Faltavam apenas poucas horas para a meia-noite, a noite do equinócio. Os *parfaits* se mantiveram dedicados à observação das constelações, embora os ataques tivessem destruído grande parte de seus instrumentos de astronomia. Agora abandonavam o observatório, descendo por uma inclinada e estreita escada de pedra. No pátio do castelo de Montségur, reuniam-se os defensores e seus protegidos em torno do bispo Bertrand en Marti. Todos os cátaros se apresentaram com suas roupas de festa; muitos deles presenteavam com seus pertences os soldados da guarnição, agradecendo, assim, por sua heróica defesa e como demonstração de que já não precisariam de nenhum objeto terreno. Os "puros" davam por finalizada sua estada neste mundo.

Bertrand en Marti dispusera de duas longas semanas para preparar os fiéis para esse último passo. Todos haviam recebido o *consolamentum*. Agora poderiam assistir juntos à grande festa tão desejada: a celebração comum da *máxima constellatio*. A alegria para eles irradiada de tal oportunidade, resultado de uma preparação espiritual difícil de se igualar, iluminava tudo quanto pudesse vir depois: o último trecho do caminho que, embora cheio de sofrimentos, conduz já sem rodeios à entrada do Paraíso.

No entanto, dois dos que haviam se preparado para empreender esse caminho foram afastados por Bertrand en Marti de sua prevista participação: os dois *parfaits* escolhidos foram destinados a salvarem-se e levar a um posto seguro, sobretudo, determinados objetos e documentos — e deviam partir logo, já!

Os sitiantes pensavam ter sob controle todos os movimentos de entrada e saída no Montségur, mas as tropas de assalto, especificamente os montanheses e os atiradores de Durand jamais tinham se atrevido a ocupar plenamente a encosta desgarrada e coberta por um denso bosque que na parte oriental da fortaleza segue junto à barbacã, ultrapassa o Pas de Trébuchet e chega até o Roc de la Tour. Os sitiantes refugiavam-se nas rochas que ofereciam-lhes proteção das flechas de longo alcance disparadas pelos catalães, e não tinham nenhuma intenção de pisar naquele terreno inquietante do qual não havia regressado até então nenhum dos exploradores enviados para estudar seus caminhos secretos. Havia rumores de que alguns destes conduziam do castelo diretamente para algumas covas e corredores e se introduziam nas paredes verticais do penhasco, ou seja, encontravam-se debaixo de seus próprios pés.

A lua espalhava uma luz clara, razão pela qual os dois escolhidos foram conduzidos por subterrâneos escuros nos quais, com alguma frequência, ouviam por cima de suas cabeças as vozes do outro bando. Numa gruta, cuja saída se estreitava até formar uma renda quase invisível, foram envoltos com sua valiosa carga em lençóis brancos bem apertados, e fizeram-nos descer com longas cordas pelo lado oriental, difícil de vigiar, até alcançar o fundo da garganta do Lasset. O estrondo do rio afogava qualquer outro ruído. Naquela mesma noite, os templários, sob o comando de Montbard de Béthune, conseguiram tapar a entrada da rocha.

Mais abaixo, esperava-os um grupo de carregadores com vários animais de carga. E no mesmo momento em que os mercenários bascos, conhecedores da arte da escalada, se dispunham a retirar as cordas, surgiram dois cavaleiros por entre as sombras escuras da garganta banhada pelas águas espumosas.

Suas vestimentas disfarçavam-nos inteiramente, as armaduras não possuíam escudos e não levavam

emblemas nos capacetes; tinham as videiras baixas e conduziam seus cavalos presos firmemente pelas rédeas.

Um deles era de estatura gigantesca; seu capacete redondo e sua camisa de malha pareciam de fabricação germânica. Seu companheiro era esbelto e a armadura que levava de elaborada confecção oriental, Como as que às vezes se consegue na Terra Santa. Nenhum dos dois pronunciou palavra: sem romper o mutismo, seguraram as cordas que pendiam.

Os que ajudavam na fuga ficaram perplexos e intimidados ao ver as espadas em mãos de estranhos; então, assomou pelo lado da garganta um cavaleiro templário comunicando-lhes com um gesto que tudo estava em ordem, após o que voltou a desaparecer.

Os ajudantes tinham pressa. Rapidamente envolveram os cavaleiros em lençóis e os bascos os puxaram para cima.

Dentro da gruta oculta, cumprimentou-os o dono do castelo, em voz baixa, enquanto abraçava primeiro o corpanzil do cavaleiro maior, depois ao mais jovem, e dizia:

— Cheguei a temer que o senhor não chegasse, cavaleiro do imperador, ou que o fizesse demasiado tarde, príncipe de Selinonte.

— Não havia motivo algum para o seu temor — riu este último, levantando a viseira cinzelada que protegia seu rosto —, embora seja necessário dizer que esta última parte do caminho só serve para aqueles que não sofrem de vertigens. — Suas feições angulosas e seu sotaque gutural indicavam que se tratava de um estrangeiro. — Ajudem Sigbert a desembaraçar-se de seu envoltório! — e apontou para seu gordo acompanhante, que encontrava dificuldade para libertar-se dos lençóis. — Não está à vontade com esta fantasia de bicho-da-seda!

O interpelado arrancou o capacete dos cabelos grisalhos enquanto grunhia:

— Prefiro encarar uma dezena de inimigos a voltar os olhos para este abismo horrível!

— Sua coragem, comendador, honra ao imperador.

— Frederico não sabe nada desta empresa! — respondeu-lhe Sigbert com rancor. — E mais vale que assim seja.

Levaram-nos ao interior do castelo, onde os *parfaits* e os *credentes*, cada um com uma vela acesa na mão, acabavam de formar uma procissão festiva para entrar entoando cânticos na sala de cerimônias da torre de homenagem. Depois as portas da sala foram fechadas. Eles ficaram de fora.

— Esses cristãos celebram sua ressurreição mesmo antes de morrer? — sussurrou o homem que se fazia chamar de Constâncio de Selinonte sem que sua voz revelasse sinal de respeito. Era difícil imaginar sua idade, pois a pele escura, a barba perfeitamente aparada e o nariz pronunciado davam-lhe um aspecto de ave de rapina, e seus vigilantes olhos escuros reforçavam a dita imagem.

O velho cavaleiro não se apressou em responder.

— Que morte? Eles não lhe dão importância, inclusive a negam — grunhiu com sua costumeira rudeza. — Nisso consiste precisamente sua heresia! — Sigbert von Öxfeld, velho e antigo membro da Ordem Teutônica, era o que se costuma dizer um gigante: tinha o crânio pesado dos alemães, o queixo barbeado e as pregas de sua pele lembravam um tranqüilo são-bernardo.

E como os soldados e cavaleiros que estavam a seu lado guardaram um comovido silêncio, também eles desistiram da conversa e não fizeram mais perguntas.

Interlúdio Noturno

Montségur, primavera de 1244 (crônica)

Ser introduzido na magia negra, conhecer os detalhes da cabala mística, fora desde o começo de meus estudos um dos ocultos e ansiosos desejos do gordo rapaz camponês procedente de Flandres que eu era. Desde quando cheguei a Paris, não deixei de assistir a qualquer celebração alquímica ou sessão de exorcismo. De dia, ouvia as lições do fantástico dominicano Alberto, que já nessa época chamava-se Magno, mas à noite percorria as ruelas da cidade com o grupo do qual fazia parte meu companheiro inglês, Roger Baconius, *magister artium* e *doctor mirabilis*, e a ele devo a conversão do Willem flamengo para o agora William mundano, mudança que aceitei com muito gosto. Também visitei o famoso astrólogo Nasir ed-Din el-Tusi e procurei assistir na universidade às lições de Ibn al-Kifti, médico muito famoso, para obter por sua mediação algum conhecimento dos mistérios do Oriente.

E, no entanto, todo esse meu passado empalidecia e se convertia numa fantasmagoria superficial e incolor, quando não pura superstição, diante do fato de que, nas profundezas do bosque, muito além do rio Lasset, vivia uma bruxa de verdade, que não só me conhecia por meu nome e aparência, como também possuía conhecimentos misteriosos acerca do meu destino.

Já me parecia suficientemente angustiante que se tivessem cumprido as circunstâncias que ela previu com tanta precisão sobre a morte do basco, embora tivesse se equivocado ao falar de um franciscano "guarda" do Santo Graal, cuja presença, em todo caso, havia me passado despercebida. No entanto, o constante burburinho em torno do tão famoso Graal já não me deixava mais em paz.

"A Loba" estava me esperando, ainda que proclamasse o contrário, como as mulheres gostam de fazer, quanto mais uma bruxa. Mantinha-se Oculta como uma aranha no espesso bosque de Corret, e eu grudado nela como um moscão grosseiro e estúpido, dando voltas em torno daquela chama que, depois de haver estudado teologia, deveria eu saber muito bem que poderia queimar-me as asas e até a alma e o corpo. Tais eram as dúvidas que me atormentavam naquela noite.

Durante um tempo fiquei observando como se agitavam os soldados ao pé do *pog* para erigir, sob as ordens do preboste, uma gigantesca montanha de lenha. Grossos postes unidos por robustas vigas transversais de madeira recém-cortada, muito resistente, tudo entremeado com palha ou ramagem seca. Construir um "*bon bûcher*" é uma autêntica arte. No entanto, sentia-me incapaz de admirar de todo coração sua tarefa, pois quando via aproximar-se o arcebispo, esfregando as mãos enquanto se convenciam de que a obra progredia, sentia um mal-estar na barriga que fazia afastar-me dali, razão pela qual decidi, antes de mais nada, expor a Gavin Montbard de Béthune algumas das dúvidas que me pesavam na alma. Mas, na entrada da garganta do Lasset, alguns de seus sargentos me retiveram, não percebendo ser eu uma figura perfeitamente conhecida ali.

— Agora não pode ser — disseram com firmeza. — Os cavaleiros estão reunidos!

Percebi ser inútil insistir e, assim, afastei-me. Mas havia visto luzes nas barracas, e este fato despertou minha curiosidade.

Subi lateralmente pelo bosque, embora fosse uma empresa algo arriscada no meio da noite. As horas em que o dia e a noite se igualam estão dominadas pelos espíritos e elfos. Não ventava, e, no entanto, a

ramagem crepitava, e ouvia-se o sussurrar das árvores. Escutei de repente o ressoar de cascos de cavalo bem acima de minha cabeça. Vi um estreito caminho um tanto oculto que seguia até o alto e pelo qual se afastavam a cavalo duas figuras brancas como a neve e com os rostos cobertos; alguns gnomos corriam junto aos cavalos. Ninguém dizia uma palavra, e em brevíssimos instantes desapareceu a visão, o que me fez cair de joelhos e grudar-me no matagal rente ao chão. Agora só me faltava começar a rezar. Aquelas figuras vestidas de branco vinham da garganta do Lasset e forçosamente haviam de ter cruzado o acampamento dos templários. — Seriam dois cavaleiros da ordem? Poderia perguntar por eles a Gavin? Olhei temeroso à minha volta e ergui a cabeça.

Através dos troncos das árvores via-se, debaixo do local onde me encontrava, as barracas dos templários. Agora havia silêncio lá onde outras vezes ouvira um animado vaivém. Diante da barraca de Gavin tinham posto uma longa mesa, coberta com um pano branco, na qual vi três candelabros de prata, cada um de sete braços. Uma caveira descansava, sobre um pano, num extremo da mesa. A luz hesitante das velas dava vida às escuras cavidades oculares, e seu rosto me lançava olhares terríveis. Quando me atrevi a olhar de novo, descobri, em frente à caveira, Gavin com um livro aberto diante do rosto.

A cada lado da mesa se postaram cinco dos cavaleiros maiores. Todos pareciam à espera de algo, embora não o demonstrassem com qualquer gesto de impaciência. Depois abriu-se a barraca atrás deles, e o mesmo jovem templário de traços femininos que eu vira antes junto ao palanquim coberto de veludo negro agora conduzia pelo braço uma figura vestida de branco. Não pude perceber seus traços, pois tinha a cabeça coberta com um gorro pontiagudo cujo pano caía no rosto até os ombros e só deixava aberto dois orifícios à altura dos olhos.

Aquela figura movia-se com lentidão e dignidade enquanto carregava nas mãos o báculo mais esplendoroso que eu já vira na vida. O cabo era de ouro maciço e uma serpente dupla se enroscava — um dos seus corpos talhados em marfim, o outro em madeira de ébano — em torno do bastão, os dois extremos finalizando numa cabeça de águia. Enquanto o bico da águia destruía uma das cabeças da serpente, a outra mordida-lhe na nuca.

O jovem conduziu a figura vestida em direção a um dos extremos da mesa, onde depositou o báculo, com toda cerimônia.

O belo templário afastou-se depois.

Ainda não se ouvia palavra alguma.

Embora eu estivesse acororado no matagal, bastante longe daquele espetáculo, sua imagem ficou gravada em minha memória como se alguém tivesse mostrado o báculo a mim em especial e apenas a mim. Pareceu-me que os corpos entrelaçados das serpentes lançavam chamas, razão pela qual fiquei sem saber se a branca morria e a negra mordida, ou ao contrário, ou se ambas sofriam e se outorgavam juntas o mesmo destino.

— A pedra tornou-se cálice! — arrancou-me de meus pensamentos a voz do personagem branco encapuçado. Era um homem ou uma mulher? Não dava para saber. O vento da noite trazia as palavras, mas as árvores do caminho quebravam-nas, misturavam-nas e as apagavam. — O cálice recebeu o sangue...

É uma sublimação, foi a idéia que atravessou minha mente ao recordar de meus conhecimentos de ocultismo: a exaltação de uma coisa em detrimento de outra. Que espécie de mistério estava ali sendo revelado, e a quem? Estariam falando do Santo Graal?

— Quando Maria Madalena pisou a terra neste lugar, levava consigo o sangue sagrado, levava-o dentro de si — ouvi o que dizia o personagem encapuçado. — Alguns sacerdotes druidas, conhecedores do mistério, escribas avisados da antiga fé judaica, esperavam-na impacientes e acolheram-na, fizeram-na

parir e encarnar...

Gesta Dei per los Francos: por acaso estaria insinuando ou lembrando daquela superioridade que a nobreza francesa sempre reivindicara, a de julgar-se a preferida de Deus? Por certo não estávamos no reino de França, mas nossa tarefa consistia precisamente em ampliar este reino, e era muito provável que Deus houvesse tomado suas providências.

— O sangue! Uma corrente que circula sempre, pujante e viva! — exclamou o velho druida. — Não é necessária a transubstanciação, pois subtrai-se dela, se volatiliza na transformação em espírito, até converter-se no "conhecimento do sangue"...

Sublimatio ultima, pensei satisfeito, embora um tanto ou quanto confuso; teria gostado de ver com meus próprios olhos um autêntico cálice de matéria verdadeira. Melhor ainda se levasse algumas poucas gotas daquele precioso líquido!

O velho — na verdade podia tratar-se também de uma sacerdotisa — parecia cansado e apoiou-se, como que sentindo um leve enjôo, na mesa. Espero, pensei naquele momento, que não arraste com ele a toalha junto com a caveira e o báculo, mas nenhum dos cavaleiros acudiu em sua ajuda, do mesmo modo que ninguém se mexeu desde o começo do ritual.

— O conhecimento do último mistério — prosseguiu â voz como num murmúrio — não corre perigo, mas sim aqueles que são seus portadores e que estão destinados a entregá-lo a outros. Isto nos obriga a recorrer, em busca de ajuda, aos que representam nosso braço armado. Uma vez que devem sua nobreza a esse sangue, vocês têm a obrigação de proteger e salvaguardar com todo o poder espiritual de seu amor o que é nossa salvação e nossa bem-aventurança!

Eu não entendia o nome da pessoa de quem se falava, e a quem se buscava proteger. O vento e as folhas tragavam as palavras. Os templários, com Gavin à frente, rodearam em círculo fechado o personagem vestido de branco, cada um colocando a mão direita sobre a cabeça, e postaram-se de joelhos. Murmuraram qualquer coisa que me pareceu um juramento. E eu, filho de simplórios camponeses de Flandres, cheguei a pensar que se tratava de uma seita arrogante e elitista, pois só os da mesma origem e do mesmo sangue dos francos são admitidos em seu círculo. A figura vestida de branco, cercada de mistério, mestre supremo de uma seita que parecia suficientemente importante a ponto de exercer comando sobre os orgulhosos templários, que na realidade só deviam obediência ao papa, estendeu seu bastão para que Gavin, ajoelhado, o beijasse. Feito isto, os cavaleiros levantaram-se silenciosamente. Apresentou-se, então, novamente, o jovem Guillem de Gisors — seu nome voltou à minha memória neste instante —, seguido de dez escudeiros. Enquanto estes se colocavam atrás dos escudeiros, com muita delicadeza o jovem ajudou o personagem da veste branca a retirar-se.

Minha cabeça estava confusa. Se aqueles homens tinham falado do "Santo Graal" — *lapis excillis, lapis ex coelis*: quantas noites passamos em Paris discutindo esta citação de Wolfram von Eschenbach! —, o mais provável era que aquele personagem fosse um estrangeiro. Mas Maria Madalena, a prostituta, que teria a ver com tudo isso? Será que aqueles obcecados pensavam que o Messias teria se rebaixado tanto a ponto de coabitar com ela? Venerar o fruto de seu ventre como se fosse partícipe do "santíssimo sangue" não significava trair Maria, única e verdadeira mãe de Deus? Teria Jesus pecado? Era-me impossível acreditar que seu membro viril fosse como o de qualquer homem, e o máximo que estava disposto a conceder nesse sentido era Jesus menino ostentar um mínimo e brincalhão pirulito. *Pax et bonum!* Poder-se-ia imaginar que tivesse tido um caso com aquela mulherzinha licenciosa e atrevida que, ela sim, podemos imaginar aproximando-se excessivamente dele enquanto lhe untava os pés com óleo? Mas embora Ele houvesse Se manifestado em outro ser vivo, havia por acaso motivo para tanta confusão, para opor à *Ecclesia Catolica*, legítima herdeira do Messias, outra linha de sangue mais que duvidosa?

Render homenagens a um fruto ilegítimo, não-bendito pelo santíssimo sacramento do casamento?

Havia algo na cadeia de minhas censuras íntimas que subvertia toda ordem: se meu senhor, o papa, podia enganar-se, acaso não procedia afirmar o mesmo de Jesus Cristo, Nosso Senhor, que era tanto meu Senhor como o dele? Quer dizer, se este havia cometido um pecado divertindo-se com Maria Madalena, talvez tenha existido alguém que não gostou do ocorrido, e em conseqüência castigou a nós, frades e sacerdotes, para que prescindíssemos por todos os tempos de atos similares, proibindo-nos até de pensar neles! De modo que seríamos nós que padeceríamos por culpa dos pecados do Senhor, e não o contrário!

Senti um estremecimento. Pela primeira vez em minha vida, amaldiçoei a insana curiosidade que havia me levado àquele lugar, pois era evidente que fora testemunha de algo não destinado a olhos nem a ouvidos de estranhos. E embora não houvesse compreendido todos os detalhes daquele místico espetáculo, e era possível inclusive que tivesse me confundido num ou noutro aspecto em particular, uma coisa via-se nitidamente: diante de mim fora revelado o extremo de um mistério que sobrepassava de muito o horizonte de um insignificante franciscano. E compreendi também que seria melhor manter a boca fechada sobre o que acabara de presenciar, se não quisesse correr grandes riscos físicos e espirituais.

William, disse a mim mesmo enquanto continuava acororado no matagal, de fato você se converteu, sem saber, em guardião de um mistério relacionado com o Graal. Naquele momento eu ainda não suspeitava que os laços que me prenderiam ao grande mistério apenas unham começado a atar-se.

No clarão do bosque reinava um grande silêncio. À direita e à esquerda do preceptor sentaram-se os antigos cavaleiros da ordem, e atrás de cada um deles ficara de pé um jovem escudeiro, com uma jarra na mão. Todos calados e imóveis, não se percebia um gesto. Depois, Gavin Montbard de Béthune deu um ligeiro golpe com o bastão na tábua da mesa. Cada um dos cavaleiros elevou a taça que tinha diante de si e bebeu. Outro golpe na mesa e deixaram as taças; os jovens escudeiros voltaram a enchê-las enquanto Gavin virava uma página do livro. Ele não bebia. De novo caíram na mesma imobilidade contemplativa e não me lembro de quanto tempo fiquei observando aquele severo espetáculo, até que três golpes seguidos me arrancaram do encantamento. Os cavaleiros apagaram cada um uma vela, levantaram-se, cada um beijou na face e nos lábios o jovem escudeiro que tinha atrás de si, Gavin apagou a última vela e a cena perdeu-se na escuridão.

Com muito cuidado e assustando-me cada vez que se quebrava um galho debaixo dos pés, saí do bosque e dirigi-me até onde estavam os guardas.

Conduziram-me até Gavin, que estava sentado numa cadeira dobrável diante de sua barraca. A mesa larga com as velas e a caveira haviam desaparecido. A luz da fogueira, a cruz vermelha com suas extremidades em forma de garras e luzindo na túnica parecia pintada com sangue fresco.

— Fradezinho — disse-me com seu toque de ironia habitual —, o que o traz a estas horas aqui? Então não sabe como é perigoso andar pelos bosques à noite?

Senti as batidas do meu coração subirem até o pescoço. Ele não sabe nada, não pode saber que eu...! Não terminei de pensar, mas o Demônio, que se alimenta de nossas culpas e pecados, induziu-me a perguntar:

— A quem realmente serve a Ordem dos Cavaleiros Templários? — porque era-me impossível apagar esta dúvida da cabeça. Ele parecia tranqüilo.

— Seu nome o diz: sua missão é proteger o Templo de Jerusalém...

— ... por isso o grande mestre reside em São João do Acre! — atrevi-me a interromper com certa insolência.

Gavin mordeu os lábios, mas prosseguiu, dominando as emoções:

— ... e a proteção da cristandade em ultramar, em seu conjunto.

— Nada mais? — insisti. — Não existe nenhum mistério? Algum... tesouro oculto?

— Pensa que a Terra Santa não é suficientemente valiosa? — brincou ele, já bem pouco à vontade, mas eu não afrouxava.

— Refiro-me a um tesouro dentro do tesouro, à verdadeira essência que merece ser protegida, à ordem que existe por trás da ordem visível, à autoridade real, ao grande guia do qual se fala em voz baixa. E qual a relação de vocês com *a grande maîtresse* que faz pouco...?

— Quem mencionou esse nome? — rosnou furioso. Seu olhar adquiriu um ar de espreita, quase de enfado. — Não torne a pronunciá-lo nunca! — repreendeu-me com violência, e jurei ali mesmo. Compreendi que tinha ido longe demais.

— Nem tudo o que se escuta sem estar autorizado para tal — instruiu-me depois o preceptor, adotando um tom de perigosa benevolência — pode ser repetido sem mais nem menos. — A seguir, observou-me por longo tempo. Depois sorriu:

— Fradezinho, por acaso você pensa que em seus genuflexórios e cátedras lhe ensinam o trato correto com os mistérios esotéricos? Nem sequer interpretam bem o Evangelho de São João, e nada sabem da existência dos escritos apócrifos! Cuide-se bem, Wilham, pois o Príncipe dos Infernos pode disfarçar-se.

Eu não deixava de lhe dar razão mentalmente, mas a verdade é que o Demônio tentou-me uma vez mais. Gavin havia se levantado e queria deixar-me só, mas eu o puxei pela manga.

— E a bem-aventurança? — perguntei-lhe. — E esse bem que é preciso salvaguardar?

Lentamente o preceptor voltou-se novamente para mim: — William, leve em conta que não sabê-lo e, no entanto, buscá-lo, pode significar tua própria salvação: poderia converter-te em um ser bem-aventurado.

Eu procurava encontrar desesperadamente algum ponto de partida para formular minha pergunta sobre a sublimação sem que minhas palavras traíssem minha condição de espião. Não queria começar a falar do sangue da prostituta, pois era possível que secretamente fosse considerada uma santa pela ordem, o que significaria minha morte certa. Inclusive, era possível que todos os templários fossem descendentes dela, até o próprio Gavin Montbard de Béthune.

Mas ele afugentou minhas atribulações:

— Como acontece em todas as histórias, William — disse, mostrando-me novamente seu rosto paternal de preceptor onisciente —, deixei que fizesse três perguntas; agora, então, já pode ir se deitar!

Outra vez reincidia no tom irônico que costumava empregar comigo e que me dava tanta raiva. Para impressioná-lo com meus conhecimentos, respondi-lhe ainda seguindo uma repentina inspiração:

— Devo pedir conselho à "Loba"? Talvez ela tenha uma resposta às minhas perguntas! É uma mulher sábia que também sabe curar!

— *Baucent à la rescousse!* — Optou por tornar-se sarcástico até a crueldade e repreender-me. Conversa-fiada de cantineira! É uma lenda não tão antiga quanto a barba que carrego, uma vez que nasceu no dia em que as mulheres e a tropa começaram a entediá-se aqui, ao pé do *pog*. Pura invenção!

Tais explosões do cavaleiro templário, a quem vira sempre tão sossegado, deveriam ter me chamado a atenção, mas o que fez unicamente foi despertar minha raiva.

— Essa velha existe realmente, está viva e é de carne e osso — insisti. Inclusive descreveram-me o caminho para chegar até ela, de modo que irei...

Gavin interrompeu-me com uma severidade inesperada.

— A regra de São Francisco não é a mesma que uma iniciação de adeptos! Cuidado, William, para não se

meter sem o preparo necessário numa situação à qual não está à altura, por lhe faltar instrução adequada. Vá dormir e esqueça essa velha!

— Esta noite, não — respondi-lhe com decisão. — É uma noite mágica! A última noite do Montségur!

— Fradezinho — ameaçou-me com resignação forçada, para depois adotar rapidamente sua costumeira ironia cortante —, fradezinho, não é a última noite, mas *a* noite. E exatamente porque você não sabe nada sobre a *máxima constellatio* será melhor que ponha a cabeça debaixo do cobertor.

— E como vou participar alguma vez do "grande plano"? — Irritava-me sua ignorância elitista, mas acrescentei com ar um pouco mais humilde: — Deve-se começar por alguma coisa!

— Leia os livros, ou melhor, reze!

Fiz como se concordasse, mas pensei comigo mesmo que nada me deteria diante da possibilidade de descobrir o mistério e o papel que me estava destinado a assumir nele.

Então, me despedi; creio que faltava um pouco para a meia-noite, e decidi sair em busca da bruxa naquele mesmo instante. O senescal havia me informado que quando a campanha terminasse o rei voltaria a requisitar-me a seu serviço, inclusive já perguntara por mim. No dia seguinte devia me pôr a caminho; portanto, era preciso agir sem perda de tempo, a não ser que quisesse passar o resto de minha vida lamentando-me da oportunidade perdida.

Possivelmente, teria sido melhor para mim aproveitar aquela última chance de fugir enquanto havia tempo. Mas, por outro lado, talvez fosse demasiado tarde para isto. *Deus vult!*

Máxima Constellatio

Montségur, primavera de 1244

A noite estava clara e cheia de estrelas. Nos muros e nas ameias do Montségur, viam-se as silhuetas dos vigias que se destacavam, imóveis, contra o céu. Os homens da guarnição formavam grupos silenciosos no pátio do castelo, não tinham acesso a suas fogueiras habituais. Os soldados se protegiam entre as sombras das altas muralhas, não para poderem depois proteger-se das pesadas pedras que, quem sabe, seriam lançadas, mas por um desejo infinito de não perturbar o silêncio do lugar, nem mesmo com o mais leve movimento, e para demonstrar um último gesto de admiração e respeito para com os que tinham se reunido junto aos cátaros na sala de cerimônias. Ninguém dizia palavra, e apesar disto, no Montségur, não parecia reinar um silêncio de morte próxima, senão que se instalara uma expectante quietude. O ar vivia, as paredes viviam e as estrelas brilhavam e resplandeciam por cima de todos com uma intensidade tal que um ou outro imaginava escutar uma música vinda de muito longe; e se uma estrela fugaz traçava sua curva sobre o firmamento, imaginava-se que tivesse saído da própria fortaleza para consumir-se no infinito da cúpula grandiosa.

No interior do castelo, os cavaleiros esperavam na ante-sala. Ali estavam em franca aglomeração, alguns, inclusive, ocupando as escadas de acesso. Embora fosse um círculo fechado submetido a extrema tensão, nenhum deles se atrevia a pisar o espaço livre que restava diante da porta. Não tanto para não se expor à suspeita de que quisessem ouvir, mas como para demonstrar que a espiritualidade daqueles que haviam se retirado para trás dos batentes de carvalho do portal estabelecia uma zona visível de separação entre uns e outros.

Muitos que esperavam do lado de fora sabiam que dentro estavam suas mulheres, mães e irmãs: também sabiam que nenhum dos que se reuniam na sala abandonaria, com ele, o Montségur no dia seguinte, atravessando a porta principal. Todas as lutas e discussões que permanecessem pendentes haviam sido canceladas. A decisão dos que recebiam o *consolamentum* era irrevogável. Aceitavam-no com alegria, pois lhes abria a porta do Paraíso. Assim, seus amigos e parentes reprimiam os soluços, embora alguns fossem denunciados por uma lágrima que corria pela face, e na estreiteza do lugar não se podia deixar de ouvir o ligeiro gemido de alguém a quem o companheiro do lado respondia buscando sua mão e apertando-a. A respiração de todos era pesada.

Sigbert, o comendador resmungão da Ordem dos Cavaleiros Teutônicos, passou a mão no cabelo de um rapaz que estava sozinho, um pouco afastado, e com o olhar fixo no portal. O menino quis esquivar-se do gesto carinhoso. O olhar da criatura era duro, e o velho lutador se sentiu invadido pela tristeza.

Uma hora depois, abriu-se um buraco no portal e saíram a jovem Esclarmonde e Pierre-Roger de Mirepoix com seu séquito.

Constâncio de Selinonte estava de pé junto a Sigbert e não pôde resistir à tentação de dar uma rápida olhada na penumbra do interior. Os cantos da sala apareciam submersos numa luz mágica, cuja procedência não conseguiu descobrir, porquanto tapada pelos que assistiam ajoelhados ao ofício. Seus olhos tentaram penetrar num mundo que lhe era vedado, semelhante a uma gruta cheia de estalactites, um milagre que tomou corpo, um percurso estranho; mas logo seus pensamentos retornaram à superfície ensolarada exterior: Esclarmonde parecia ser a própria luz do mundo, a própria pureza iluminada, e

provocava nele recordações que preferia esquecer. Obrigou-se a voltar seus pensamentos na direção do "Montsalvat", ao espaço que ficava por trás daquela porta.

O que veriam lá dentro os eleitos e que ele não poderia compreender? Qual seria a fonte daquela claridade sem sombras, sem oscilações, que irradiava entre os que se reuniram? Seria possível que a luz viesse deles mesmos, que fosse o reflexo da máxima concentração espiritual, subtraindo o corpo das leis da matéria, da carga de corporalidade? Constâncio lembrou-se da conversa que tempos atrás tivera com um velho sufi sobre a liberação do corpo de qualquer dor e de todo medo mortal por meio do êxtase da meditação. Teriam avançado tanto os "puros" por esse caminho, já para ver abertas as portas do Paraíso?

Olhou furtivamente para Sigbert, mas seu amigo paternal, o comendador, permanecia imóvel, com as pernas separadas, e apoiado em sua espada, ao mesmo tempo que mantinha a cabeça inclinada em sinal de reverência. Sigbert não perdia tempo tentando pensar no porquê e no onde. Seus sentidos obedeciam a uma orientação prática: pensava na tarefa que tinha pela frente e rezava em silêncio para seu êxito.

Em volta de Esclarmonde inclinavam a cabeça, com os braços carinhosamente entrelaçados, alguns homens e mulheres formando um grupo fechado que depois se abria em direção aos que esperavam diante da porta. As camareiras apresentaram à jovem senhora as duas crianças envoltas em enormes trajes que só lhes revelavam os olhos e o nariz. Pareciam múmias, e, no entanto, embora fosse apenas pelo caráter irreal do momento, irradiava de seus rostos um ar distinto, que pairava acima das realidades terrenas. Aquelas criaturas eram a menina loura e o menino tímido que já conhecemos. Provavelmente, tinham sido drogados com um sonífero.

— *Diaus vos benesiga!* — A filha de Ramon beijou mais uma vez os pequenos rostos antes de entregar o precioso bem aos dois estranhos. Teve um estremecimento quando viu deslizar o vulto do qual assomava o delicado rosto da menina entre as mãos de Constâncio; ao mesmo tempo, seu olhar iluminou-se com a luz da lembrança: — Pelo amor de Deus, cavaleiro, transfira o carinho com o qual quer servir-me a estas crianças! *Aitals vos etz forz, qu'el les pogues defendre!*

O cavaleiro estrangeiro dobrou os joelhos e respondeu:

— Com muito prazer, juro-lhe, *n'Esclarmunda. Vostre noms significa que Vos donatz clardat al mon et etz monda, que no fes non dever. Aitals etz plan al ric nom tanhia.*

A moça afastou-se sem responder e retornou à escuridão. Sigbert, que levava a criança nos braços, observou com evidente constrangimento que todos que esperavam depois do portal ajoelharam-se à sua passagem.

Depois entraram no subterrâneo e o comandante acompanhou os cavaleiros até a estreita saída da gruta entre as rochas, onde os bascos se encarregaram deles. Antes de envolver os próprios cavaleiros em lençóis e prender-lhes cordas ao redor dos quadris e por baixo dos braços, amarraram-lhes as crianças, bem cobertas com roupas, diante do peito.

— Lembrem, amigos — disse o defensor do Montségur com uma voz opaca que revelava ao mesmo tempo orgulho e tristeza —, que estas crianças são nosso testamento e nossa esperança ao mesmo tempo, posto que são... — as lágrimas lhe impediram de continuar falando, enquanto os dois cavaleiros, com os corpos das crianças firmemente apertados aos seus, desapareciam pelo canto das rochas. — *Ay, efans, que Diaus Vos gardaz!*

II - O RESGATE

A "Loba"

Montségur, primavera de 1244 (crônica)

Que é o Santo Graal?

Eu sabia que não deveria ter formulado uma pergunta assim, nem pronunciado sequer a palavra mágica, mas não havia nada que me interessasse mais neste mundo do que desvelar tal mistério. Parecia que linha vivido toda uma eternidade encurralado na cabana da velha; no mínimo estava consciente de ter passado lá o resto daquela longa noite. A "Loba" não era uma anciã encolhida, dedicada ao cozimento de ervas, como eu imaginara, nem sequer uma bruxa desdentada, e também não se via em seu refúgio outros ingredientes estranhos, como fetos de batráquios fechados em recipientes de vidro, ou serpentes venenosas, ou outros bichos desprezíveis; tampouco uma solitária bola de cristal que lançasse uma luz mágica para esclarecer meu futuro. A "Loba" certamente se chamava assim devido a seu corpo musculoso; ao perfil agudo que fazia ressaltar sua possante dentadura quando abria os lábios, dentadura à qual não faltava nenhuma peça. Imaginei com um leve estremecimento como fincaria os dentes no pescoço de um cabrito ou como poderia arrancar, com uma dentada, a cabeça de uma galinha. Mas eram sobretudo seus movimentos que lhe conferiam esse ar de animal predador, de criatura à espreita, que desliza e que, de repente, ataca!

Também fiquei como que petrificado logo que sentei-me em sua alcova de pedra. Com poucos e rápidos cortes, deixou minha alma desnuda, traçou a autópsia de minhas esperanças e de meus temores, rasgou meu escudo protetor tecido de moral e virtude e esculpiu minha fé como são esculpidas as conchas de um marisco. Eu estava mais deitado que sentado, jogado, com a cabeça apoiada na pedra fria, e seguia seus movimentos sentindo-me sem vontade própria. A "Loba" calou-se para deixar que eu cozinhasse em meu próprio fogo. De vez em quando, pegava um par de folhas verdes, ou ramos recém-partidos, e introduzia-os com cuidado entre as chamas, produzindo faíscas ao quebrar. O cheiro vivificou meu cérebro e girando na superfície apareceram meus pensamentos mais ocultos; o giro se fez cada vez mais rápido e minha cabeça parecia que ia arrebentar; os pensamentos lutavam para sair com todas as suas forças, enquanto a abóbada rochosa protegia o crânio com uma mão invisível. O suor banhava meu rosto. Um cozimento de ervas borbulhava num pequeno caldeirão cujo vapor, com cheiro de terra úmida, me acalmava, me adormecendo, fazendo com que meus desejos se evaporassem, e estendia diante de mim todas as minhas mentiras, como se fossem ossinhos brancos de um sapo.

Não tínhamos trocado uma só palavra. A "Loba" não me perguntou nada, e eu não pronunciei frase alguma, exceto aquela única que tanto me comovia; e apenas lhe disse saber que não era digno de resposta, de resposta alguma em absoluto. Senti um tremor frio.

O barulho de cascos de cavalo que vinha do bosque se transformou numa revoada de vozes, agitadas e apenas abafadas, dos *faidits*, que acampavam diante da cabana; depois houve um ruído de armas e, de repente, a porta se abriu: duas figuras envoltas em lençóis sujos irromperam.

— *Les enfants du mont!*

Carregavam dois envoltórios ao alto, como se fossem troféus. A anciã levantou-se e o guardou diante do fogo aceso de seu lar: uma sacerdotisa pagã diante do altar.

A "Loba" levanta seu báculo de druida.

— *Salvaz!* — murmura num tom que revela respeito e alívio. Neste instante, os cavaleiros me descobrem, um monge franciscano com uma cruz de madeira no peito...

— Traição! — sussurra o jovem entre dentes, e um brilho ofusca a sua espada.

— *Salvaz!* — A "Loba" joga bem rápido um punhado de pó no fogo, que se fortalece produzindo faíscas; depois ergue-se das chamas uma espessa nuvem branca de fumaça que me protege do meu agressor. Através do vapor dançante compreendo que o cavaleiro interveio para desviar o golpe, vejo estrelas de fogo salpicando a névoa leitosa. Minha cabeça ressoa como um enorme sino; o golpe, embora desviado, jogou-me para trás...

A primavera irrompia com seu alento cálido por todo o país, um detalhe que muitos não puderam apreciar até então, quando seus sentidos foram liberados. A paz retornou com suave resplendor a todos os corações...

Arrancaram-me de uma profunda letargia; despertei de meu desmaio na melhor parte do sonho. Encontrei-me de pés e mãos atados do lado de fora da cabana, a cabeça dolorida, porém, coberta. Ainda era noite e perto de mim estava Gavin Montbard de Béthune.

— Eu não te disse, irmão William, que uma ovelha do rebanho de São Francisco não deveria ficar vagando pelo bosque escuro, muito menos entrar na caverna da "Loba"? Ainda tive tempo de salvá-lo das garras do falcão! — O preceptor, com sua capa de templário, sorria para mim enquanto apontava para os cavaleiros, que não se dignaram a olhar-me.

Da chaminé da cabana continuava saindo, a intervalos regulares, a mesma fumaça branca que provavelmente salvara minha vida. Um sinal para outros olhos distantes que do céu observavam o escuro bosque de Corret: "Montsalvat!" Pois sim, aquela fumaça era um sinal. Será que a salvação fora consumada?

— O que acontecerá comigo? — sussurrei, agitado, embora sem temor, só um pouco aturdido. — Minha cabeça! Não consigo nem tocá-la.

— Fará uma viagem — sorriu Gavin, enquanto arrancava um pedaço da minha camisa. — Pouco se pode fazer por um monge curioso demais que está no lugar errado e na hora mais inoportuna!

A nossa volta estavam os *faidits* que eu vira acampados diante da cabana. Não mereci deles sequer um olhar de carinho ou compaixão. Gavin vendou meus olhos e ouvi as seguintes palavras de sua boca:

— A "Loba" usou ervas mágicas para curar sua ferida, provocada pelo seu excesso de curiosidade. Você vai sobreviver à viagem! — Depois de tirar-me as ataduras, colocou-me sobre um cavalo.

— Eu o aconselho, minorita, a não acrescentar a tua vergonhosa curiosidade a estupidez de um heroísmo equivocado, pois pode ser que...

— ... a sua ordem crescente mais um mártir à lista! — interveio o jovem que havia tentado tirar-me a vida. — Embora os gordos não sejam canonizados nunca!

— Não acontecerá — o templário tentou acalmar os ânimos, e deu um tapa no lombo do cavalo que eu montava. — Passe bem, irmão William. Se você não conseguir entrar no Céu, pode ser que nos vejamos novamente! *Vive Dieu Saint-Amour!*

Le Trou' Des Tipli'Es

Ocitânia, primavera de 1244 (crônica)

Cavalgamos durante toda a noite por caminhos onde não ocorreram muitos encontros. A venda que cobria meus olhos escorregou um pouco, e assim pude ver, à direita e à esquerda, botas dentro de estribos e pequenos punhais assomando de seus canos, motivo pelo qual mantive as mãos firmes nas rédeas até que o dia clareou e pude ver o chão do bosque debaixo dos cascos dos cavalos. Ninguém me dirigia a palavra e tive tempo de organizar meus pensamentos, tarefa nada fácil diante da confusão em que eu mesmo me metera. Não estava com medo; se tivessem desejado me matar por ser um intrometido incômodo o teriam feito antes, e a verdade é que aquele falcão do deserto, de paixões facilmente inflamáveis, havia tentado. A partir de então, só um deslize insensato de minha parte poderia de novo provocar o perigo, ou bem algum fato imprevisto que fizesse nascer o pânico. Cuidaria bem de evitar o primeiro; o resto teria de deixar nas mãos da Virgem Santíssima.

— *Ave, Maria, gratia plena...* — rezei em voz baixa. — O que eu perdera naquela "última cruzada contra o Montségur herege"? Não havia são Francisco insistido com os irmãos que não deveríamos buscar nenhuma espécie de "saber" ou de "conhecimento", mas que vivêssemos apenas segundo a Palavra de Deus e para difundi-la? Fora bem merecido por eu querer tornar-me um grande cérebro presunçoso, por ter esquecido de minhas obrigações de servidor humilde e pobre; uma pobreza que o "senhor" William de Roebruk tinha desprezado, cobrindo-se assim de vergonha e desonra. Que ridículas eram minhas fantasias quando pretendi, não-satisfeito em pregar com toda humildade o Evangelho em terras longínquas e selvagens, difundir meus próprios "conhecimentos" inteligentes! Embora no foro íntimo continuasse muito satisfeito de poder sonhar com minhas fantasias de missionário culto que habita um mundo melhor, quer dizer, nosso mundo ocidental: por exemplo, junto a uma lareira acesa entre os muros da capital, praticando a filosofia, estimulado por um bom copo do precioso vinho da Borgonha, depois de comer uma comida succulenta na cozinha real, onde os criados me escutavam com reverência e guardavam com muito gosto para mim as peças de carne mais finas entre as sobras da mesa do rei, satisfazendo assim a este pobre minorita da ordem dos sempre esfomeados irmãos de Assis. Mas o destino havia mudado, e em vez de continuar alimentando-me debaixo das cálidas saias das cozinheiras do Louvre e viver uma existência cômoda, via-me cavalgando, com o estômago vazio e a cabeça doendo, sem saber para onde me dirigia nem qual seria o destino ao qual me via empurrado pela ponta da lança.

De repente, alguém segurou as rédeas e fez parar meu cavalo com mão firme, e os outros também se detiveram. Só se escutava o ligeiro suspirar dos animais e a respiração ofegante dos ginetes. Naquele silêncio, ouvimos nitidamente o barulho de outros cascos de cavalos subindo o vale em nossa direção.

— A peste negra! — murmurou em voz baixa o vigilante que se mantinha à meu lado.

— Os corvos têm pressa de chegar o quanto antes ao lugar do suplício - retrucou outro — para que não se lhes escapem as almas penadas!

Depois se afastaram os barulhos dos cascos e o ressoar das armas.

— É o senhor inquisidor — grunhi a voz do alemão que nos guiava. Quanta pressa cega por chegar! Mas o que ele busca... — e suas risadinhas quebraram a tensão que dominava seu séquito até então — ...tiram os deles diante dos seus narizes! Adiante!

E nossa comitiva pôs-se de novo em marcha. Cavalgamos sem parar durante o dia inteiro, e ainda metade da noite, atravessando bosques escuros, por caminhos nos quais muito poucas vezes nos encontrávamos com alguém que nos cedia o passo em silêncio, sem precisar dizer palavra alguma. Finalmente, chegamos ao que parecia ser um castelo, o que pude reconhecer pelas batidas dos cascos sobre um caminho de pedras e pela sombra que me chegou de uma arcada.

Os cavalos detiveram-se e uma voz desconhecida para mim pronunciou as seguintes palavras:

— Obrigado, irmão; não pude cavalgar com vocês, pois tive de ficar lá em cima para compartilhar o destino que lhes espera!

— *Insha' allah!* Isto a nós não afeta — respondeu, rindo, meu acompanhante mais jovem. — Sigbert von Öxfeld se acolhe firmemente ao credo de sua Ordem Teutônica, e eu...

Não teve necessidade de dizer mais nada, já que todos explodiram de rir.

Ajudaram-me a descer do cavalo e me tiraram a venda dos olhos, listávamos no pátio escuro de um castelo que mais parecia um lugar em obras, dominado por uma atividade frenética. À luz das tochas, vi gigantescas armações de vigas, torres de madeira nas quais giravam rodas, cordas que se moviam e transportavam cubos que desapareciam mais para o fundo e voltaram carregados de escombros e pedras.

— Crean de Bourivan — com este nome apresentou-se o cavaleiro que nos esperava. Não era velho, mas seu rosto sulcado por cicatrizes e o cabelo precocemente grisalho me sugeria que vivera muito intensamente; mais que isto, que havia sofrido muito. Seus olhos transbordavam tristeza e cansaço, embora, naquele momento, não deixasse de observar-me com atenção desperta.

— Um passarinho de Assis! - advertiu o jovem cavaleiro que não me perdia de vista com seu olhar de falcão. — Meteu-nos entre os cascos quando os cavalos soltaram seus excrementos quentes, e Montbard nos mandou pegá-lo e levá-lo conosco em lugar de amassar seu cérebro de pardal...

— O preceptor garante — interveio o cavaleiro maior, que parecia interessar-se mais pelo sentido das obras que eram efetuadas do que pelo motivo de minha presença.

— O templário é esperto! — exclamou nosso novo anfitrião. — Viaja melhor quem vai acompanhado de um autêntico minorita! Embora a você, querido Constâncio de Selinonte — acrescentou, depois, com desenvoltura —, quero rogar-lhe que não utilize a imagem do excremento de cavalo para ocultar que não trazem o mais apreciado tesouro!

O interpelado inclinou-se com a mão posta sobre o coração, como desculpando-se. Crean cortou minhas ataduras e ordenou que me dessem de comer.

— Tua vida, William, depende de tua prudência. — Atirei-me com fome canina sobre a frugal comida. — Se nos trair, vai para o Inferno; se não, te deixaremos em liberdade quando estivermos em lugar seguro!

Como meu interlocutor não esperava resposta, limitei-me a assentir fechando a boca que mastigava de bochechas cheias e olhei sigilosamente em volta. A solução que me parecia mais provável era que estivessem buscando no mais fundo da montanha, debaixo da proteção dos altos muros, algum mineral ou metal precioso, pois os operários que trabalhavam no interior do buraco eram vigiados por templários armados iguais aos outros que, muito acima, detrás das ameias, vigiavam o bosque escuro que nos rodeava. Teriam encontrado um veio de ouro? Mas não vi nenhum tipo de instalação como a que serve para lavar a areia revolta, nem ninguém parecia preocupar-se com tais detalhes, a não ser que os operários empregassem as pedras úteis para reforçar e elevar mais ainda as muralhas e os baluartes rodeados de armações. Naquele momento os vigias ficavam muito afastados de nós, de modo que apenas podiam ver-se suas figuras à luz oscilante das tochas.

Além de mim, apenas o cavaleiro maior parecia atentar para as obras. Havia acertado ao supor tratar-se

de um cavaleiro teutônico, que além do mais se fazia chamar de "Sigbert", embora aqui, no Languedoc, sua presença não deixasse de ser bastante estranha. Começou a falar com os pedreiros e mineiros, gente procedente das montanhas alemãs. Contive-me e não me atrevi a dar-lhes a entender que compreendia perfeitamente seu idioma. Os operários respondiam com monossílabos, e me pareceu que se mostravam muito intimidados.

— Esta obra não tem nome — respondeu um dos carpinteiros. — Nós a chamamos "*trou'des tipli'e*" — imaginei que aquilo poderia significar "buraco dos templários". — Não longe daqui há um povoado que se chama Bugarach, mas não deixam que nos aproximemos de lá...

-E daí?

— Ao trabalho! — Ouviu-se uma voz de comando vinda de cima, e os operários se afastaram rapidamente, antes que Sigbert pudesse fazer-lhes mais perguntas.

Constâncio regressou com Crean e com os dois fardos amarrados que pareciam almofadões. E de dentro das roupas tiraram duas crianças que há muito pareciam ter deixado para trás as fraldas. Podiam ter de quatro a cinco anos, um menino e uma menina, ela loura e ele de cabelos escuros.

Vi sair do portal da fortaleza Guillem de Gisors, aquele rapaz templário que já vira no séquito da *grande maîtresse* e durante o estranho ritual celebrado à noite no bosque. Não se dignou a dirigir-me uma palavra, mas seus olhos se detiveram com ternura nas crianças. Estas pareciam continuar um tanto adormecidas pela droga que lhes fora administrada, ou por estarem esgotadas de cansaço. Fiquei com pena. Gostaria de saber ao menos como se chamavam. Talvez sequer fossem batizadas!

A Fogueira

Camp des Cremais, primavera de 1244 (crônica)

Reiniciamos a viagem antes da madrugada. Já não me obrigavam a ir com os olhos vendados. Crean de Bourivan era conhecedor da região e, assim, encabeçava o grupo; a seguir, vinham os *faidits* ladeando uma carroça coberta com um toldo, onde eu me sentara, e atrás as crianças dormindo num monte de feno. O alemão Sigbert e Constâncio, que eu achava pouco confiável, formavam a retaguarda.

Avançávamos rapidamente em direção a sudoeste por caminhos distantes das grandes muralhas e das cidades. Quando descansávamos, o fazíamos em casa de pessoas de confiança, que nada perguntavam, e que depois nos acompanhavam durante um trecho até poder entregar-nos aos cuidados de outros. É possível que entre eles houvesse algum sinal secreto de reconhecimento, já que nunca escutei ninguém perguntar nada e tampouco vi Bourivan mostrando um documento. De modo que meus pensamentos não se entretinham em indagar um futuro que podia ser próximo ou longínquo, senão que aceitei meu destino com resignação, *insha'allah!*; a verdade é que, no fundo, sentia-me feliz de poder participar de uma missão secreta como as que, em geral, costuma-se conferir apenas aos mais nobres cavaleiros.

Diversas vezes virava a cabeça na direção de onde dormiam as crianças e pensava no Montségur. Hoje já não me recordo quais de minhas impressões de então se misturaram com o que me contariam mais tarde sobre o final. Uma poderosa força havia me arrancado de um tabuleiro de jogo, uma força tão sobrenatural a ponto de dar seu aviso com antecedência, para depois levar-me a outra tomada que agora já me deixava febril. Minhas visões pareciam-se de fato com os sonhos provocados pela febre, e se me apresentavam em pleno dia, enquanto ia sentado sobre a boleia, deixando-me num estado de paralisia do qual despertei muitas vezes assustado e banhado de suor para entregar-me de imediato outras vezes a elas. As visões do Montségur...

A primeira hora da manhã, abre-se uma pequena saída lateral na qual ninguém havia reparado antes. Já venceu o prazo combinado para a entrega. Por esse portão sai o jovem conde Pierre-Roger de Mirepoix, seguido de sua esposa, seu irmão e o senhor do castelo, Ramon de Perelha. Está acompanhado de quase todos os cavaleiros que com tanto afincio defenderam o Montségur, e todos aqueles que buscaram refúgio no castelo. Graças a Gavin, conheço quase todos pelo nome, e embora nunca na vida chegasse a vê-los, para mim, espectador à margem, torna-se fácil atribuir a cada personagem um título adequado. E como um cortejo que parte para celebrar um torneio festivo, e suas bandeiras dançam orgulhosas no ar. Levam consigo seus pertences, seus cavalos e suas armaduras, e são escoltados por sargentos e tropas auxiliares. O senescal, inclusive, permite que se retirem alguns *faidits* procurados em todo o país. No entanto, todos devem passar pela prova de presenciar primeiro o espetáculo montado pelo senhor arcebispo.

Sigo obrigado o desenrolar dos fatos, pois não me agrada ser testemunha do que vai suceder agora. Nego para mim mesmo e o recuso... e me encontro gesticulando para os ares, sentado na boléia de um carro do qual quase caíra por viajar entregue a um pesadelo sonhado à luz do dia. Volto a cabeça assustado em direção às crianças com um temor absurdo de que possam ter retornado às imagens do Montségur, de que ainda possam ser capturadas pelo perigo horrível cuja imaginação ainda não pude descartar, mas as

crianças continuam lá atrás, deitadas no feno, e se agitavam apenas devido a seus próprios sonhos. Acalmei-me ao pensar que tudo era uma horrível fantasia e voltei a cair num estado de clarividência interior, pois a verdade é que sentia, sim, interesse por ver, por converter meu terror íntimo numa curiosidade excitada...

Por volta do meio-dia, abrem-se completamente os batentes da porta principal e, a passo lento, formando uma longa fila, entrelaçados em grupos de dois ou três, descem os hereges pela vertente pedregosa. Primeiro as mulheres, guiadas pela bela Esclarmonde. Seus vestidos são de um branco festivo, suas expressões são serenas e até alegres. Encabeçando os homens, avança o ancião bispo Bertrand en Marti, cercado pelos *parfaits*, seguido pelos *credentes* para os quais a incorporação da Igreja do Amor à comunidade coincide com sua morte física. Entre eles, mais de um cavaleiro e alguns escudeiros; também um ou outro simples soldado que no decorrer da última noite decidiu tomar o *consolamentum* para poder compartilhar o destino dos amigos.

Uma comitiva solene, que parece encabeçada por anjos caídos do céu. Cercados por uma luz como uma aura de glória, tento me agarrar a essa visão preciosa, emergir dela como de uma água profunda e clara na qual penetra um raio de sol; não quero que a realidade brutal e cruel caia sobre eles. Porque eu, William de Roebruk, sei o que os espera: meus olhos viram o *bâcher*, a enorme fogueira preparada meticulosamente em forma de gigantesco quadrado de lenha. Não é tanto a leve e certamente inútil esperança de que tal visão faça retornar, ao seio da Santa Igreja, única e verdadeira, algum dos que decidiram aceitar a morte na fogueira, o que guiou a mão daqueles que montaram com tanta perfeição o tablado, senão muito mais a satisfação e o prazer de poder ampliar o sofrimento das vítimas, oferecendo-lhes uma antecipação das torturas que sofrerão no Inferno.

No entanto, os cátaros não lhes concedem nem um nem outro favor ao legado de Roma e a seu inquisidor: terminaram com sua vida terrena, sabem que o trânsito significa uma paixão dolorosa, e consideram-no pagamento justo da passagem; apenas vêem a meta, e esta fica do outro lado do fogo que devem atravessar.

Mais de duzentos homens, mulheres, anciãos e crianças sobem cantando, depois de chegarem ao acampamento, ao grande monte de lenha cuja base é imediatamente acesa.

Imagino o negro inquisidor que aparece no último minuto para exercer seu terrível ofício: "Arrependam-se!", grita às crianças que, seguras pelas mãos dos pais ou carregadas em seus braços, desfilam diante dele. "Façam penitência." Arrancará as crianças de suas mães para salvá-las das horríveis lesões que lhes causará o fogo? Pois sim, ainda irá empurrá-las, jogando espuma pela boca, para que acabem todas na fogueira. "Que ardam todos!", grita, insiste, bate com as mãos. Uma densa fumaça cerca rapidamente o lugar do suplício, e as chamas ascendentes impedem os condenados de respirar, sufocando-os, às vezes, antes que o próprio fogo possa fazer da sua carne uma presa.

Detenho-me a olhar, tremendo, para alguns corpos que se convulsionam e se agitam, quero ver como se desvanece a beleza pura de Esclarmonde. Não consigo, mas também não posso desfazer-me da visão do fogo que com suas línguas chamejantes quer chegar até mim. Não acordo, embora o perigo cresça como uma nuvem de fumaça que se expande, até que um dos esbirros do arcebispo se dá conta de ser eu também um herege, agarra-me pelas roupas, arrasta-me e me joga na fogueira, as chamas me queimam, grito...

Acordo sentado na boleia, meus gritos ainda suspensos no ar, como observo pela testa franzida de Sigbert, que se aproximara cavalgando até minha carroça, desejoso de inteirar-se do estado das crianças. Senti vergonha. O horrível som meio abafado que escapou de minha garganta deve tê-las acordado, pois choramingavam em voz baixa. O cavaleiro teutônico me indicou com o olhar que tivesse mais cuidado,

mas meus pensamentos confusos retornavam ao lugar dos fatos, fazendo escapar o horror refletido no rosto dos espectadores afetados...

De modo que veremos esse gordo franciscano, que teria de estar viajando já de volta para pôr-se a serviço de seu rei e ao que, portanto, ninguém deve descobrir deslizando entre os espectadores, escondendo-se debaixo deles para espreitar o rosto petrificado do senhor do castelo, obrigado a presenciar a morte de sua mulher junto com sua velha mãe e sua única filha. Com eles ardem muitos outros de sangue nobre; todas as mulheres seguiram seus maridos até a morte, pois são elas que assistiram-nos com seu amor e seu conselho nos dias de *endura*, apoiando-os em sua decisão.

Quando as cinzas pararem de chamuscar e afundarem sobre si mesmas, a fumaça permanecerá ainda durante muitas horas suspensa entre aqueles vales...

Também meu ânimo permaneceu obscurecido durante muito tempo, como uma cortina pesada que não quis abrir-se. E esse cheiro! Esse cheiro terrível de carne queimada, um cheiro que não pude eliminar e que voltaria a descobrir entre as flores primaveris e as plantas que nasciam nos campos. Era uma tarde quente a do dia em que o Montségur havia se entregado; tínhamos deixado para trás o bosque, e atravessávamos agora uma região de prados ondulados. Impossível ignorar que os *faidits* se encontravam já de volta em casa; seus gritos e risadas ressoavam sem temor de que alguém pudesse traí-los...

— *Mamãe, mamãe!* — uma queixosa voz infantil chegou até meus ouvidos. — *Minha mamãe!*

Tentei descobrir se se tratava do menino ou da menina, mas não virei a cabeça, porque me via incapaz de resistir a seus olhares de recriminação e de triste interrogação. Minha própria situação me pareceu sem importância se comparada com o destino desses pequenos seres que eu apenas entrevira, durante breves instantes, nos braços dos cavaleiros. Aquelas criaturas eram a causa do trato severo e desconfiado a mim outorgado pelos que me rodeavam; estava tão seguro disto como de ter visto a morte de sua mãe na fogueira.

Que teria a ver uma ordem que jurou obediência ao papa, como a dos templários, com os hereges? Será que os cavaleiros abrigados em suas capas brancas que ostentam uma cruz vermelha com pontas em forma de garra mantinham um pacto secreto com o Diabo? Aquele castelo encantado no bosque não guardaria a entrada do Inferno? Que estariam buscando ah, nas entranhas da terra, com a ajuda dos demônios a quem tinham vendido suas almas? E esses infantes? Lancei um rápido olhar para trás: a menina tinha um perfil delicado, um tanto altivo, os cachos de seus cabelos eram quase brancos de tão louros; olhava-me com seus olhos esverdeados, sem queixar-se, sem lamentar, porém demonstrando viva animosidade. Para ela, eu era um dos culpados.

— Como te chamas? — tentei aproximar-me dela.

Ela, então, reforçou seu olhar com uma dose de desprezo antes de voltar a atenção para seu companheiro, que chorava baixinho. Acariciou-o como se fosse sua mãe e eu desviei o olhar, atingido pela imagem de sofrimento que compunha as duas crianças como uma inverossímil *pietà*.

A fumaça da fogueira irritava-me os olhos e obscurecia minha visão como uma névoa, invadindo meu nariz sem descanso, por mais que eu quisesse convencer a mim mesmo, baseado na razão e, sobretudo, na "legalidade", de que o acontecido só podia ser um auto-de-fé em que foram mortos no fogo alguns hereges empenhados em morrer deste modo. Como pensar que fossem vítimas? E vítimas sacrificadas a quem?

Xacbert De Barberá

Ocitânia, verão de 1244

Nosso pequeno grupo seguiu adiante, na direção leste, em vez de virar para baixo, rumo à costa. Crean de Bourivan temia que os portos próximos estivessem vigiados, embora os templários tivessem conseguido que se alastrasse o rumor de que os fugitivos do Montségur haviam cruzado as alturas dos Pireneus.

O caminho empreendido através do Rosellón era também excessivamente dificultoso. Os *faidits* tiveram de descer muitas vezes de suas montarias e arrastar a carroça em que William e as crianças viajavam. As sendas pedregosas serpenteavam ao longo das escarpas íngremes da montanha, embora isto oferecesse a vantagem de se poder observar tudo que se movesse nos vales, renunciando em troca à possibilidade de esconder-se de um inimigo que viesse de frente. Assim, aconteceu que, após a curva de uma rocha, encontraram de repente uns cavaleiros ornados de ricas armaduras. Sigbert e Constâncio brandiram suas espadas e se aproximaram da carroça com os cavalos. Mas os *faidits* exultaram à vista dos estranhos e agitaram suas armas em forma de saudação:

— *Lion de Combat!* — gritaram. — Amigo e protetor! — Do grupo de cavaleiros destacou-se uma figura barbuda, de aspecto selvagem, que se aproximou a todo galope do carro e de seus acompanhantes.

Crean puxou as rédeas do seu cavalo, mas continuou segurando a lança em posição de ataque.

— Nobres senhores! - exclamou o barbudo. — Não temam! Só queríamos assegurar-nos de que os filhos do Graal não passarão ao largo do castelo de Quéribus sem haver desfrutado da hospitalidade de Xacbert de Barbera.

E sem esperar outra resposta, a comitiva pôs-se novamente em marcha com os cavaleiros desconhecidos à frente.

Embora o dono do castelo parecesse tanto apreciar a presença dos infantes quanto apresentar-lhes suas saudações, o comportamento que mostrou depois não dava mostras disto. Logo que Xacbert conseguiu que os surpresos hóspedes cruzassem os altos muros de seu castelo, empenhou-se em conduzir Sigbert, Crean e Constâncio em direção à adega no poderoso *donjon*, ou torre central, com o objetivo de fazê-los degustar seus maravilhosos vinhos. No que concerne aos demais, os *faidits*, William e as crianças, limitou-se a dar breves ordens a seus criados para que fossem servidos.

Foi preciso que o frade insistisse na preparação de um banho para seus pequenos protegidos, que já viajavam há dez dias. Enquanto se cumpriam os preparativos, ficou a sós com os infantes.

Xacbert convidou os cavaleiros a sentar-se em torno da mesa, e em seguida acudiram os serviçais com jarras para encher as taças.

— Pelo Santo Graal e seus herdeiros! — exclamou o senhor do castelo. Bebeu e passou a mão pela barba florida para limpar os restos de vinho. Só Sigbert pôde manter o mesmo ritmo de bebida, enquanto Constâncio apenas aprovava e nem mesmo se sentou, e Crean recusou com cortesia, embora com decisão, o vinho.

— Não queria ofendê-lo, Bourivan — replicou sem irritação Xacbert. — Continuo vendo em você um filho de Ocitânia e me esqueço de que escolheu outro caminho.

Crean sorriu:

— O rapaz indômito que lutou a seu lado, Xacbert, pela liberdade do seu país, faz tempo que converteu-se a uma vida ascética...

— ... no entanto, seu corpo o arrasta muitas vezes por outros caminhos! - Constâncio tomou a palavra. - Embora, neste momento, deve sentir o mesmo que eu: mais que molhar nossas gargantas, precisamos de líquido para limpar o corpo; um banho com água quente nos cairia neste momento melhor que o vinho mais fresco.

Xacbert parecia ligeiramente ofendido por tal proposta, a ponto de estragar a festa. No entanto, deu instruções imediatas para que preparassem a sala de banhos.

— Terão água, e *terão* vinho! — replicou-lhes com um grunhido.

— Lamentamos pelos dissabores que lhes trouxemos, nós que somos estranhos para vocês. — Constâncio não se deixava confundir, e acrescentou maliciosamente: — Todos sabemos pouco uns dos outros, sequer por que caminhos viemos a nos encontrar aqui.

— Nós somos cavaleiros a serviço de uma ordem invisível — pontificou Sigbert, levantando sua taça em direção a Xacbert — e a obedecemos sem fazer perguntas.

Crean mantinha-se calado e afastado, mas Constâncio não sentia inclinação a reprimir sua curiosidade.

— Não vou perguntar-lhes pelo mistério do Santo Graal — disse, e tomou um longo gole, tentando fazer com que Xacbert e Sigbert se sentissem reconciliados com ele —, mas talvez pudessem nos informar um pouco sobre o círculo de pessoas que respaldam essa lenda, que por sua vez...

— Lenda? A família do Graal não é uma invenção! — interrompeu-lhe bruscamente o dono do castelo. — Os nobres Trencavel eram homens e mulheres de carne e osso, os quais inclusive conheci.

— Conte-nos! — pediu Sigbert, ao mesmo tempo que solicitava que voltassem a encher as taças. — Nosso Wolfram von Eschenbach nos legou o canto daquele que "corta pelo meio", o ingênuo Parsifal...

— Não era precisamente um bobo — indignou-se Xacbert. — Pelo contrário, na verdade era demasiado bom para este mundo. — O senhor de Quéribus respondia ao quesito como bom cronista que era, e ainda mais ao ver que Crean também se aproximava. — Os viscondes de Carcassone, aparentados e unidos à casa de Ocitânia, eram vassalos do rei de Aragão. Sabem que eu também servi a dom Jaime, o Conquistador...

— Esteve na conquista de Maiorca! — completou Crean, e Xacbert prosseguiu a velas desfraldadas:

— Aquilo já foi perto do fim. — Tomou um grande gole e prosseguiu: — A princípio, estivemos na cruzada de Simon de Montfort. O bonzinho de Trencavel, Ramón-Roger II, a quem vocês, alemães, chamam de "Parsifal", defendia Carcassone. Essa velha fortaleza dos godos, que tinha até conseguido resistir a Carlos Magno, parecia inconquistável. Estava repleta de refugiados cátaros, a cuja entrega negou-se o bom visconde. Então, o legado do papa pediu que negociassem.

"Um jovem templário, Gavin Montbard de Béthune, assegurou-lhe que teria livre escolta, mas a palavra dada não foi cumprida: o nobre Trencavel foi feito prisioneiro, encarcerado e morto. A ajuda do rei de Aragão chegou tarde demais e acabou mal. Os franceses se fizeram com o domínio do país, converteram a Ocitânia em província e os 'puros' foram condenados ao exílio."

Os criados anunciaram que o banho estava preparado. Xacbert, de muito bom humor, pegou sua taça e pediu a seus hóspedes e aos serviçais que o seguissem com as jarras cheias. Atravessando escadas e corredores, chegaram até a sala de banhos, instalada numa caverna aberta na rocha, onde um grande alguidar os esperava expelindo vapor. Ali eles se despojaram das roupas.

O senhor do castelo dirigiu-se a Sigbert:

— Espero que o senhor de Bourivan, tão abstinente, não beba a água, porque nos obrigará a banhar-nos no suco das uvas!

Todos riram, e os hóspedes entraram na água quente, onde Crean já os esperava, sentado.

— Sei dominar-me perfeitamente — respondeu este com grande complacência —, e depois desta advertência saberei ainda mais. Suponho que faz tempo que não pisam vocês mesmos o vinho, Xacbert, posto que se esqueceram de quão pegajoso é.

— De fato, para os pés, pode ser que seja melhor a água — interveio Sigbert — mas, para beber, preferirei sempre o vinho. Dê-me a taça, jovem emir — dirigiu-se a Constâncio —, e faça-nos o favor de beber também: as leis do Alcorão ainda não chegaram até Quéribus!

O interpelado agachou-se com eles.

— Engana-se, bom senhor. Não muito longe daqui foi onde Roldan tocou o olifante. — Mas ele sorria.

De modo que só Crean continuou resistindo quando os serviçais encheram de novo as taças. Algumas jovens aproximaram-se da borda do alquidat e começaram a esfregar com escovas e panos de linho grosso as costas dos cavaleiros, borrifando-os depois com cubos de água limpa.

— Depois da queda de Carcassone — prosseguiu Xacbert em seu relato —, retirei-me pela primeira vez para além dos Pireneus e lutei com dom Jaime contra os infiéis; perdoe, senhor, esse adjetivo — disse, voltando-se para Constâncio -, após o que o senhor papa achou por bem suspender a excomunhão ao pertinaz herege Xacbert — de novo ressoou seu estrondoso riso de guerreiro. — Uma vez de volta a meu Languedoc natal, juntei-me a Oliver de Termes, no séquito do filho de Trencavel, Ramón-Roger III, e tentamos reconquistar Carcassone. O jovem visconde encontrou ali a morte, Oliver se submeteu a Luís, e retirei-me para este castelo. Desde então, considera-se que a estirpe dos Trencavel está extinta, mas já há muito tempo correram rumores entre os *faidits* de que no Montségur estavam criando dois infantes continuadores da família. O fato de que tenham sido enviados a vocês, nobres senhores, a seu resgate, me permite esperar que viverei algum dia para ver...

— E até essa data pensa poder resistir em Quéribus? — perguntou Sigbert depois de tomar um grande gole. E sustentando a taça vazia em uma das mãos, pôs-se a chapinhar a água do banho. — Este é o último refúgio dos "puros" no mar de França.

— Isso a mim não incomoda! A rocha de Quéribus seguirá sendo terra de Languedoc até o final!

Levantou sua taça e brindou por seu destino ao mesmo tempo que olhava desafiante para Crean:

— A mesma postura que manteve o senhor Lionel de Belgrave, onde ensinaram vocês a utilizar a espada!

— Belgrave é agora uma ruína a quem ninguém nomeia — observou Crean num tom cheio de sarcasmo.

— A única coisa que resta é um bom vinho para recordar daquela estirpe gloriosa.

— Assim, pois, bebamos ao menos pelos velhos tempos! — exclamou Xacbert. — Lembremo-nos de como amassamos o elmo de Montfort diante de Tolosa: *E venc tot dreit la peira lai on era mestiers / E feric lo comte sobre l'elm, qu'es d'acers...* — começou a cantar o guerreiro barbudo. Crean, que conhecia a canção, o acompanhou:

— Que'ls olhs e las cervelas e'ls caichals estremiers, / E'l front e las maichelas li partie a certiers, / E'l coms cazec en terra mortz e sagnens e niers!

Ergueram as taças e beberam.

O Asno de São Francisco

Quéribus, verão de 1244 (crônica)

"Apeiem os cavalos no castelo, lá a água é muito melhor", havia indicado o barbudo castelhano *aos faidits*, mostrando sua preocupação pelas montarias antes de afastar-se, mas sem preocupar-se em nada com nosso bem-estar, e esporeou seu cavalo para subir com o grupo de cavaleiros pelo desfiladeiro cortado na rocha.

Nós seguimos *nolens volens* na carroça, embora um poço junto à margem do caminho, com sua murada e sua corda para subir a água, parecesse convidar a refrescar-nos. Mas, provavelmente, era melhor não desprezar a recomendação de Xacbert de Barbera.

Após a curva seguinte do caminho, vi erguer-se diante de meus olhos a torre mais gigantesca que já vira; uma peça que parecia plantada por um punho gigante sobre o cume de uma colina escarpada para rir-se de qualquer inimigo. O pátio do castelo era relativamente estreito e estava abarrotado de refugiados cátaros, embora logo tenha me dado conta de que ainda reinava entre eles certo espírito de luta e que estavam longe da resignação, o desprendimento e a aura de espiritualidade que emanava dos ocupantes do "Montsalvat".

Desgostou-me, não pelo que pudesse afetar minha pessoa, senão em nome dos infantes, o trato áspero que o impaciente guerreiro nos tinha dispensado — a verdade é que não nos dispensou trato algum —, ao mesmo tempo que desaparecia com nossos nobres cavaleiros na torre. Enquanto ainda continuava sentado na boleia, exigi dos criados, que se aproximavam com curiosidade, que nos preparassem um banho quente.

— Pois terá você mesmo de fazer o esforço de transferir seu corpanzil à sala de banhos. — Respondeu-me uma moça com riso insolente. — Com muito gosto vamos escová-lo lá e colocá-lo em duchas alternadas até que lhe ferva o sangue!

— Aí veremos o que é mais duro, se minha escova ou a sua... — caçou outra moça enquanto os demais riam.

— Já verá se sou duro ou não — exclamei em voz alta — sempre que você se meta comigo na bacia! — E sabido que a insolência só se supera com a provocação mais autoritária. — Além do mais, exijo que tragam a bacia até aqui, pois quero um banho ao ar livre. — Afastaram-se conversando, embora parecessem dispostas a cumprir com meu desejo.

— Quero aproximar-me um momento do muro! — Ouvi atrás de mim a voz do garoto. Deslizei da boleia e ajudei-o a descer.

Sem mais demora, levantou-se a menina também. Seus olhos pareciam querer atravessar-me:

— O que pensa, que não faço pipi?

De modo que também ofereci meu braço a ela, mas insistiu em saltar diretamente da carroça para as pedras. No último instante, pude recolher seu corpinho:

— Yeza faz sozinha! — recriminou-me com um ligeiro muxoxo enquanto o menino pegava minha mão. Aproximamo-nos do muro. Os dois me olharam com grande expectativa. — Vamos ver quem chega mais

longe! — disse Yeza. E como seu companheiro se dispôs a tirar seu pequeno pirulito da calça e, afinal, o que eu desejava era ganhar a confiança das crianças, levantei minha roupa e mostrei o pirulitão.

Mijamos os dois contra o muro e perdi a aposta. Depois, ainda tive de agachar-me para fazer companhia a Yeza, e como não havia no pátio do castelo nem erva daninha, tirei do bolso algumas folhas de farfária, que por precaução sempre levo comigo. Limpei seu pequeno traseiro e ficamos amigos, ao menos foi isto o que cheguei a pensar.

— Meu nome é Roger-Ramón — disse o rapaz. — Mas permito que você me chame simplesmente de Roç!

— Roc! — repeti.

— Não, *Rodsh!* — corrigiu-me Yeza, cheia de emoção. — E lembre-se de que meu nome verdadeiro é Isabelle. E você, como se chama?

— Eu sou um irmão da ordem de são Francisco — comecei meu relato.

— Você é William — revelou Roç — e, segundo Sigbert, você é um asno.

Engoli o sapo e devolvi-os à carroça, na qual subiram sem resistir, para caçoarem, uma vez acomodados lá em cima, com grandes exclamações de "iiiah-iiiah!"

— Contarei a história de são Francisco e os asnos! — E subi na boléia enquanto as crianças se jogavam a meus pés gritando "iiiah-iiiah!, meio afundadas no feno. — Um velho asno...

— William! William! — exclamaram.

— Pois bem, William, o velho asno — admiti com resignação -, lamenta-se diante de são Francisco de sua má sorte...

— Iiihi... — Yeza quis continuar brincando, mas Roç deu-lhe umas cotoveladas até ela calar-se, e assim pude prosseguir:

— "Passei a vida carregando fardos pesados, tenho as costas doloridas, a pele esburacada, as orelhas arrebitadas e os dentes amarelos quebrados. De noite grito porque tenho fome..."

— Mas você pode comer a quantidade de erva que queira! — interveio Roç.

— Quando deixam! — respondi. — "Nunca me liberam de meus alforjes, me enchem de sacos e cestas, que me curvam quase até o chão, tenho de subir e descer montanhas, e, além disto, me batem com um pedaço de pau quando quero cair de cansaço, de dor nos ossos, das feridas cobertas de moscas porque meu pobre rabo já não as alcança. Sou a criatura mais infeliz da Terra, ajude-me, irmão!"

— E o ajudou? — quis saber Roç, que me escutava com atenção enquanto Yeza recolhia algumas flores secas espalhadas no feno.

— De são Francisco brotaram lágrimas diante da tristeza do asno e quis consolá-lo. "Veja", disse-lhe, "olhe para Deus e em como se parece com você. Não vê que Ele tem uma boca como a sua, desgarrada pela dor? Não vê sua própria tristeza refletida em seus grandes e belos olhos, debaixo de pestanas sedosas? E suas orelhas? Também Jesus Nosso Senhor tem as orelhas tão grandes como para poder escutar seus lamentos até no próprio Céu; também Ele teve de suportar que a pele se lhe rasgasse para levar em suas costas o sofrimento do mundo, e sofreu golpes como você. Também Ele grita em sua dor, 'iiiaahh-iiiaahh!', pois sofre como todas as criaturas. Aquele que insulta a Deus com seu nome, não sabe que Deus sorri, pois para Ele seu nome é um afago. "Desde então todos os asnos se sentem felizes e gritam em coro: iiiah-iiiah!"

— Quer dizer que você gosta de ser um asno, William? — perguntou-me Roç, com seriedade.

— Não sei — refleti em voz alta. — Que coisa melhor posso desejar se o próprio Deus é um asno!

Yeza me entregou o ramo de flores que havia colhido.

— Não é preciso que as coma, William, se não te apetece, mas pode cheirá-las — e com a rapidez de um raio, pôs seus bracinhos em volta do meu pescoço e me abraçou.

— E de onde vem esta lenda blasfema, pois não acho que seja desse seu santo de Assis? — perguntou, divertido, Constâncio, que estivera ouvindo sem que eu me desse conta.

— Você tem razão! — tive de confessar. — E do irmão Roberto di Lerici, a quem lhe deram, em troca, quarenta chicotadas com uma correia de pele de asno! E deixaram-no quarenta dias preso.

— Em meu país teriam-lhe cortado a cabeça.

-William não é um asno! — dispôs-se Roç a defender-me diante do outro.

Constâncio pôs-se a rir:

—Ah, cristãos! Vocês são capazes de queimar os "puros" porque lhes parecem hereges, e ao mesmo tempo convertem a Deus Todo-Poderoso numa figura familiar e semelhante a pai, mãe, filho e animais da fazenda...

Senti-me confuso e calei-me. No meu entender, aquele a quem chamavam Constâncio, e a quem seus companheiros davam às vezes o título de "príncipe", procedia do Oriente; com toda a certeza era muçulmano. Precisamente por isso me dava raiva não saber o que responder-lhe.

Naquele momento, os serviçais trouxeram uma enorme bacia, que depositaram diante da carroça, e as criadas, baldes de madeira pendurados num *juk*, como dizemos em França, cheios de água que soltava vapor.

Mas antes que se enchesse a bacia, saíram Crean e Sigbert da torre principal. Nosso guia conseguiu nos estragar o prazer com um gesto austero, e ajudou o alemão a subir no cavalo. Ao que parece, Sigbert havia ingerido vinho em abundância; era o único que tinha acompanhado o senhor do castelo em seu desvario; Crean estava tão sóbrio como Constâncio.

—Já é difícil encontrar aqui, *inter pocula*, um cavaleiro tão resistente ao imperador! — Xacbert de Barbera assuou comovido num enorme lenço; beijou as mãos das crianças; deu em Sigbert, que se balançava em cima da montaria, umas palmadinhas amistosas na coxa, e partimos de Quéribus na direção nordeste, sem ter sido possível tomar banho, mas ao menos acompanhados de uma escolta que o dono do castelo insistiu em oferecer-nos.

Os Ciganos

Camargue, verão de 1244 (crônica)

À medida que abandonávamos as terras de Ocitânia, Crean voltava a buscar a proteção do bosque. Eram necessárias muitas precauções, e por vezes tínhamos de descer do cavalo e seguir o curso de algum riacho, ou envolver as rodas das carroças com trapos em alguns desfiladeiros. Assim, conseguimos atravessar a região provençal.

As crianças mantiveram-se acordadas o tempo todo e conversavam em voz baixa empregando a *langue d'oc*, possivelmente para que eu não pudesse entendê-las. De vez em quando sorria-lhes, para animá-las.

Yeza parecia a menos medrosa dos dois. As vezes estreitava Roç num reconfortante abraço, quando ele, assustado, se escondia no feno sempre que nos encontrávamos com uma outra carroça ou com um ginete.

Pelo mesmo caminho por onde passava nosso pequeno grupo circulavam cada vez mais ciganos de pele escura. Suas mulheres vestiam roupas de cores chamativas e traziam um considerável número de crianças em suas carroças carregadas de móveis e gêneros alimentícios: estávamos na Camargue!

Yeza subiu comigo na boléia para observar o movimento dos ciganos, mas logo Sigbert, o resmungão, aproximou seu cavalo e obrigou-me a levar as crianças para trás, já que não deviam ser vistas. Yeza obedeceu e voltou a seu antigo lugar, não sem antes lhe mostrar a língua.

A noite, chegamos a um acampamento de ciganos, que estavam sentados em volta de uma fogueira. Nossos *faidits* trocaram algumas palavras com o chefe num idioma que eu desconhecia, mas que foram suficientes para apagar qualquer desconfiança. As moedas de ouro que Crean ofereceu foram recusadas com altivez; abriram seu círculo, respeitosamente, convidando-nos a compartilhar com eles seus assados de coelho e de porco-espinho com dentes de alho, cebolas enfeitadas com cravo e raízes de erva-doce silvestre.

Crean ficou conversando com o chefe do grupo, que falava um pouco de francês, e pude ouvir como este o orientava para que se defendesse dos homens do rei, construindo uma nova cidade na costa de "sua" Camargue: um porto reforçado, como se fosse um gigantesco castelo, com ruas e casas de pedra, o que parecia deixar os ciganos especialmente indignados. Diziam que por toda parte apareciam artesãos estrangeiros, que destruíam árvores e quebravam pedras, e soldados que exerceram a vigilância iam à caça de burros selvagens e mulheres jovens de sua tribo. Nos dias seguintes, esperava-se a chegada do rei, que desejava verificar pessoalmente o andamento das obras.

Outros dois estrangeiros, acorados junto ao fogo, ao escutarem certa informação, prestaram muita atenção e cochicharam entre eles. Pareceu-me que falavam em árabe. Seu comportamento bastante estranho não escapou ao olhar atento de Constâncio de Selinonte, que procurou sentar-se ao lado deles como que por acaso, mas como não falou com eles, não dei maior importância a minhas impressões. Quando chegou o momento de dormir, busquei um lugar mais calmo e me transformei, sem querer, em testemunha de uma disputa entre meus cavaleiros.

— São "assassinos" — disse Constâncio, sussurrando, e a mão do velho Sigbert deslocou-se instintivamente em direção à espada.

— Isso não importa! — Crean queria tranquilizá-los. Mas tive a impressão de que tal descoberta era

muito desagradável também a ele.

Pela primeira vez, vi Sigbert ligeiramente nervoso.

— Não estariam aqui sem ser para uma missão precisa...

— Haverá algum antigo e valoroso cavaleiro da Ordem Teutónica que aqui represente o objetivo escolhido por seus punhais! — zombou Constâncio. — No seu lugar, eu não dormiria esta noite...

— Enquanto não nos incomodem — interveio Crean, acabando com a conversa —, será bem melhor esquecer-se deles! — Era evidente que nosso guia não achava conveniente continuar falando de um assunto que mais o irritava que preocupava. — Boa noite, senhores!

Depois de cobrir as crianças com carinho já que tinham se acostumado a ver em mim uma espécie de gorda governanta, tentei rezar. Por quem? Por mim? Talvez ainda pudesse fugir, protegido pelo manto da escuridão. Mas à minha volta havia um país selvagem cujos habitantes não o eram menos, e a batina de um irmão minorita, mesmo pobretão, não me parecia proteção segura. Além disso, se eu me encontrasse com os homens do meu rei Luís, que explicação daria a meu devoto soberano? Que fora seqüestrado por um grupo formado por templários, cavaleiros da Ordem Teutônica, *faidits* e súditos do sultão, com a mediação de uma bruxa que vive no bosque, "A Loba", um nome que certamente já teria chegado a seus ouvidos?

E, ainda, havia as crianças. Que lhes aconteceria? Rezei por elas, esforçando-me depois em conciliar o sono, embora o Montségur se introduzisse constantemente em minhas visões como as nuvens tentam esconder a lua. Seria o Santo Graal algum "objeto" que, nas profundezas mais esotéricas da mente, onde eu era um estranho, mostrar-se-ia capaz de unir cavaleiros militantes das ordens cristãs com os adeptos da "Igreja do Amor"? Seriam Roger e Isabelle "filhos do amor"? E de que espécie de amor? A ponto de, por sua causa, se unirem representantes de interesses tão díspares, inclusive inimigos na fé, para levar a bom termo uma obra de salvação como a que estávamos empreendendo? Este era o aspecto "excelente", *ex coelis*, que os diferenciava? Roger, o menino, a quem inclusive os *faidits* chamavam apenas de Roç, era tímido, calado, mas freqüentemente o vi assumindo um ar de solene dignidade. Sua pele morena e os olhos escuros assinalavam uma procedência mediterrânea; podia ser um filho de Ocitânia, posto que dominava com fluência a *langue d'oc*, para grande satisfação dos *faidits*, que o tratavam como a um pequeno rei. Yeza, em contrapartida, por seu aspecto parecia mais um corpo estranho; e tinha um caráter atrevido, muito diferente do que costumam ser as crianças pequenas do sul. Não se comportava como "princesa" de uma terra situada entre o Oriente e o (acidente, como Constancio a ela se referira, com galanteria, em certa ocasião, mas como um rapaz disfarçado de menina cujo único desejo era conquistar a fama e viver de aventuras. Era empreendedora, esperta, muitas vezes insolente. Sigbert, o grande resmungão, tinha por ela especial carinho; mas os dois cavaleiros nunca mencionaram nada sobre sua origem, e eu também não me atrevi a perguntar.

Certifiquei-me novamente de estarem bem acomodadas. Dormiam profundamente, com os braços entrelaçados. Seus rostos cansados mostravam um sorriso; para dizer a verdade, irradiava deles um encanto indescritível, que me cativava.

Os *faidits* começaram a cantarolar versos obscenos, quase todos endereçados ao rei Luís e a seus padrecos. Durante muito tempo, me mantive acordado sem poder dormir; depois, tive estranhos sonhos.

Mais além da pálida fumaça de fogueira apagada que desfila diante do *pog* como se fossem nuvens baixas, o castelo ergue-se incólume contra o céu que a todos nós pertence. Também aos hereges? Quando o último ocupante abandona a fortaleza, os franceses, com os mercenários à frente, assaltam o portal

aberto. O saque lhes proporciona um rico butim, pois os cátaros não levaram nada consigo em sua última viagem. O arcebispo chega logo depois, mas não encontra o que busca por mais que ordene a seus soldados que vasculhem por toda parte, por mais que os faça descer ao fundo de grutas e cavernas, inclusive mergulhar na água escura da cisterna: o misterioso Graal, valioso tesouro dos malditos hereges, não aparece em parte alguma, e não resta ninguém a quem se possa perguntar algo.

Pierre Amiel vem junto com seu colega, o bispo Durand, que acompanhou atentamente os trabalhos necessários para desmontar a menina de seus olhos, a *adoratrix murorum*, que fora instalada na barbacã. Agora, levado por sua curiosidade de técnico especialista, deseja dar uma olhada nas paredes que resistiram tão bravamente às investidas de sua grandiosa catapulta. Diverte-o a busca inútil, a forma de dar rápidas pancadas nas paredes, de remexer com um pau a cisterna e entre os escombros, o fato de o legado mandar cavar alguns buracos no solo pedregoso do pátio do castelo. Não encontram nada. Apenas tropeçam com a figura sinistra do inquisidor, o monge dominicano que aparece como do nada para presenciar o *auto-de-fé* dos hereges, sem apresentar-se a ninguém, e que agora também está procurando por algo aqui em cima. O que procura? Que será que deseja descobrir?

— Por acaso vocês gostariam de colher o que não plantaram? — o legado, irritado, dirige-se ao sinistro frade. - O tesouro pertence aos que lutaram...

O monge é um personagem alto, de forte compleição, até elegante, e dirige-se com provocadora lentidão ao legado, a quem não concede mais do que um olhar de desprezo.

— Qualquer coisa que apareça é propriedade do rei de França — responde, com rancor—, como tudo neste mundo! Mas vocês tampouco acharão o tesouro. À Igreja pertencem as almas dos pecadores e, no melhor dos casos, os corpos que elas habitam.

—Todos os hereges pereceram no fogo! — Pierre Amiel coloca-se na defensiva diante das provocações do inquisidor.

— Não podiam esperar nem um minuto! — responde com ressentimento. — Vocês nos colocaram perversamente entre a Inquisição e a morte. Um inimigo declarado da Igreja não podia ter lhe causado maior prejuízo. Vocês fecharam as bocas que deviam falar, anularam os cérebros que podiam saber e que sabiam!

O legado está pálido como a cinza, como as paredes de pedra que o rodeiam; busca as palavras adequadas para responder, para corrigir aquele insolente. O bispo Durand aproveita o rápido silêncio.

— O símbolo místico da bem-aventurança dos "puros" desvaneceu-se - informa em voz baixa, como falando consigo mesmo - depois de se ter revelado a seus crentes e de ter-lhes dispensado um último consolo. — Quem não o conhecesse nunca poderia saber se falava em tom de ironia ou para provocar.

O inquisidor mede-o de cima a baixo com um olhar que não é exatamente o de um inimigo que calcula a força de seu adversário, mas de um carrasco que tira medidas.

-Estão afastando-os do idioma habitual de nossa Santa Madre Igreja Católica e aproximando-os perigosamente das idéias dos hereges, Eminência! — A intervenção do bispo de Albi volta a cair de novo como um raio que não conhece limites sobre o legado. — Querem encontrar e salvar por sua própria conta o Santo Graal, porque em vosso limitado, vingativo e ambicioso conhecimento, o Graal, se é que possuem algum, não representa outra coisa senão um "tesouro"!

Pierre Amiel teve tempo de reunir suas forças:

— E o que é, na realidade, esse precioso Graal, vocês o sabem por acaso? - vocifera a seu rival. — Algo que se pode tocar, pegar com as mãos? Quem são vocês para se atreverem a me falar dessa maneira?

— Vito de Viterbo — responde calmamente o inquisidor, deixando sozinhos os dois bispos.

Suas imagens se desvanecem diante de minha visão interior e resta apenas a sombra negra e gigantesca do inquisidor. Essa sombra cresce e estende as mãos em minha direção. Com certa angústia, lhe oponho o crucifixo de madeira, mas ele me arde entre os dedos e se transforma numa força de luz brilhante que me cega. No entanto, consegui afugentar a sombra perturbadora, que se dissolve em fumaça. Então percebo que o que carrego nas mãos é o Santo Graal. Aproximo os olhos para vê-lo mais detalhadamente — meu coração bate com ansiedade e medo — mas minhas mãos estão vazias...

Graças à misericórdia da Santa Mãe, cáí finalmente num profundo sono reparador que me salvou da confusão provocada por meus pensamentos hereges. Ainda era de noite, uma noite clara e enluarada, quando Crean nos despertou. Tanto ele como seus companheiros já se cobriam com os mantos brancos dos templários, e também os *faidits* se protegiam com as capas negras de *armigieri* da ordem, com a mesma cruz vermelha com extremidades em forma de garras, depois de tirá-las de onde as tínhamos guardado, debaixo do feno da carroça.

Ao amanhecer, surpreendeu-nos uma densa neblina. Formamos um grupo compacto, mas era difícil não perder de vista o manto branco de Crean, que encabeçava o grupo. Ouvimos, de repente, um barulho de cascos atrás de nós e uma carruagem se aproximou rápida e ruidosamente:

— Dêem passagem ao preboste do rei! — gritou uma voz rouca. — Dêem passagem!

Foi o tempo justo de jogar nossa carroça para o lado para deixar passar os soldados; atrás deles vinha uma carroça aberta. Pude ver, então, em cima, três cadáveres; suas feridas abertas e o sangue que cobria seus pálidos rostos anunciavam terem sido mortos com golpes de espada, mas o que mais me assustou foi a figura do prisioneiro, cujo olhar penetrante se fixou em mim ao passar, como se eu fosse o próprio Diabo!

Eu conhecia aqueles olhos e lembrei-me de que pertenciam a um estudante que fora meu companheiro em Paris. Um rapaz calado, sempre misterioso, que se afastava dos outros quando nos propúnhamos a não perder nem uma das diversões que a vida na capital oferecia. Aquele jovem cônego aprendeu melhor e com mais rapidez do que todos nós a falar o árabe. Continuava vestindo a mesma batina gasta, da qual, pelo que me lembre, nunca se separava. Que Deus olhe por nós!

Fiz rapidamente o sinal-da-cruz quando a fantasmagórica comitiva passou e desapareceu como se a névoa a tragasse. As mãos dos *faidits* soltaram os punhos das espadas que antes haviam agarrado com força. O jovem prisioneiro ia coberto de correntes; portanto, ele devia ser o assassino! A que ponto podia chegar um servidor da Igreja!

Em Terras de Babilônia

Marselha, verão de 1244 (crônica)

Na última hora da tarde, chegamos a Marselha. Imagino que assim deva ser a Babilônia, a Constantinopla dos gregos, símbolo de todos os pecados antes de lá vencer a verdadeira fé católica. Esse porto provençal cercado de pântanos não é parte da nossa França cristã, mas bem representa o Oriente maldito, uma pústula aberta no corpo da retidão ocidental. Lá encontramos estrangeiros de pele escura, com vestimentas longas, que adornam seu pescoço com colares de âmbar, jaspe e marfim e que não buscam esconder nem um pouco sua maneira de ser diferente, exibindo com provocação sua crueldade diante de nossas igrejas: segundo me disseram, são sicilianos, ou seja, súditos do ignóbil imperador germânico! Alguns deles são, inclusive, negros como o breu, e usam brincos de ouro no nariz. Mas estes últimos são pobres infieis que não recusam Jesus Nosso Senhor nem lutam contra Ele, posto que sequer O conhecem. Portanto, suas almas não estão perdidas — se é que estes selvagens possuem alma!

Nosso grupo não chamava a atenção na agitação provocada pela atividade dos bazares, com sua gritaria e o cheiro de peixe que chegava dos mercados. Conseguimos abrir caminho através de pilhas de sedas brilhantes que vinham de Damasco, sacos abertos cheios de especiarias, madeira de sândalo de Alexandria e ânforas com essências aromáticas de Túnis. No cais, amontoavam-se tonéis, caixas e cestas descarregadas de veleiros recém-chegados. As mercadorias eram arrematadas ah mesmo, e depois disso levadas nas costas pelos carregadores.

O barco que deveria nos esperar ainda não havia chegado, segundo ouviu Crean diante de uma taberna, de um estranho que voltou a submergir de imediato no formigueiro de gente. De modo que teríamos de pernoitar na estalagem anexa.

O proprietário escancarou sua boca desdentada quando soube, com grande susto, que tão distinto grupo de viagem pretendia dar-lhe a honra de passar a noite em seu mísero albergue. Uma moeda de ouro o fez calar-se, mas emudeceu também a algaravia, as blasfêmias, os gritos dos marinheiros, os cochichos das mulheres na taberna. Durante um instante, o tempo necessário para tomar um gole de bebida, fez-se absoluto silêncio. É preciso entender que não é todo dia que entra numa pocilga daquelas um grupo de cavaleiros templários! E muito menos em companhia de um franciscano que sabe comportar-se! Mas, depois, as bocas voltaram a abrir-se e os olhares afastaram-se de nós, exceto os dos personagens que vi a um canto e que reconheci na hora: os dois "assassinos"!

Ficamos com a melhor mesa; os que até então ocupavam-na nos cederam diligentemente seus lugares. Sentamos para comer, e logo acabamos compartilhando um bom vinho entre todos. Um ferreiro de Tolosa e um empregado de tinturaria da região de Ariège conversavam a meu lado em voz baixa, queixando-se dos desmandos da Inquisição em suas terras:

— Pegam crianças dos orfanatos e até de asilos paroquiais.

- Tudo que saiba correr e falar eles pegam, crianças de três anos a sete, a não ser que os pais respondam por seu nascimento e a Igreja confirme seu batismo.

— O rei Herodes não faria pior! — gritou uma peixeira.

- E mostram-se especialmente cruéis com os povos nômades, pois suspeitam que eles dão abrigo aos

filhos dos hereges, e para castigá-los matam pessoas dessas tribos diante dos olhos dos pais. E terrível!

O ferreiro dirigiu-se a mim:

— Cuide que essas duas criaturas — e apontou para Yeza e Roç, que por sorte estavam cansadas demais para prestar atenção naquela conversa cada vez mais acalorada dentro da taberna barulhenta — não caíam em poder deles, se é que pretendem chegar em terras de hereges.

Calei-me antes de dizer que vínhamos exatamente daquele lugar, e sorri um pouco mortificado.

— São crianças cristãs — sussurrei — e de bom berço. Com um olhar em direção aos templários, confirmei a credibilidade de minhas informações.

Sigbert e Constâncio saíram ao ar livre para ver se a embarcação já havia chegado. Levei as crianças para dormir num alpendre, onde rapidamente a mulher do estalajadeiro amontoou um pouco de palha fresca. As crianças aceitaram com muita calma a aventura que lhes esperava depois de Crean lhes falar sobre uma longa viagem onde, no final, sua ama os esperaria para estreitá-los nos braços. Eu ansiava que alguma boa mulher me substituísse logo, pois já não podia contar com entregar os filhos à própria mãe. Eu imaginava que tal senhora não podia ser outra senão uma das hereges que preferira a morte na fogueira, como testemunho de sua fé, a cumprir com suas obrigações de mãe, pois só por este motivo teria permitido que lhe seqüestrassem os filhos!

Mas seria, talvez, outro o perigo que os ameaçava? Uma perseguição vil com intenções assassinas, como comentava o pessoal da taberna. Por que Herodes mandou matar as crianças? Porque queria apoderar-se do Menino Jesus. E por que agora a Igreja enviava seus anjos vingadores para matar? As idades mencionadas coincidiam mais ou menos com as das crianças.

Eu registrara a advertência, e o desconhecimento da situação real me deprimia. Yeza e Roger achavam que tudo o que haviam vivido até então era muito excitante; já não choravam, mas em compensação sua curiosidade tornava-se cada vez mais difícil de satisfazer. Eu respondia com paciência a todas as suas perguntas, quase sempre dando preferência a agradar as crianças do que a contar-lhes a verdade. A Igreja também não ensinava que mais vale a mente humana ser feliz pela fé do que acumular um excesso de conhecimentos?

Esperei até que adormecessem. Ia voltar para a taberna quando alguém abriu a porta exterior: soldados do rei! Vi que os *faidits* faziam gestos de pegarem armas, mas Crean obrigou-os a ficarem sentados. Um senhor de aspecto nobre, rodeado de numeroso séquito, cruzou o umbral. Um cavaleiro aproximou-se para falar com Crean:

— Ah, o senhor de Bourivan! Desde quando pertence à ordem? — perguntou, surpreso, embora sem expressar maiores suspeitas.

Crean manteve-se sereno.

— Estou em missão secreta! — comunicou ao cavaleiro que, por sua vez, perguntou-lhe com assombrosa desconfiança:

— Servimos ainda ao mesmo rei?

Puxei rapidamente o documento de minha nomeação, com o selo do rei Luís, que trazia sempre comigo no bolso interior, e aproximei-me com diligência:

— Estamos a caminho da Corte! — e agitei o documento diante de seus olhos. — Estes senhores me dão escolta! — acrescentei, com ares de homem do mundo. — Com quem tem a honra de falar este humilde irmão William, pároco da ordem dos minoritas?

Crean me apresentou, um pouco contrariado, a seu patrício Oliver de Termes, e este, por sua vez,

apressou-se em mostrar a presença de seu nobre acompanhante, o conde Jean de Joinville, que viera até o porto para reservar passagem em alguma embarcação para ele e seu primo, pois, junto com seus vassallos, desejavam acompanhar o rei de França em sua próxima cruzada. Crean rogou aos senhores que chegassem perto da mesa onde os *faidits*, com suas roupas de *armigieri*, cederam alegremente seus lugares e se afastaram, pois a proximidade de soldados franceses não lhes era muito agradável. Estes formaram a partir de então um muro de proteção — ou de prisão? — em torno de nós. Eu mesmo recusei com toda humildade sentar-me com eles, embora não Coubesse pensar numa fuga. Pensei nas crianças e rezei para que estivessem dormindo um sono profundo.

— E como se atreve, senhor Oliver, a trazer o nobre senescal de Champagne a este péssimo albergue? — Crean recuperara sua segurança e sabia muito bem que o ataque é a melhor forma de defesa. Joinville respondeu no lugar de seu adjunto.

— Talvez uma missão secreta...! — sorriu-me, e eu lhe devolvi em silêncio minha expressão mais devota, as mãos enlaçadas diante do ventre.

— Pois acabamos de vir exatamente de Aigues Mortes, onde se encontra Sua Cristianíssima Majestade — explicou-nos, animado —, que está inspecionando as obras e de vez em quando nos proporciona o luminoso exemplo do sentido da justiça humana e da ordem divina que possui. O rei Luís acabava de sair da capela, primeira construção erguida na nova cidade destinada aos cruzados, justo no momento em que passava a carroça do preboste de Paris com os cadáveres de três homens que tinham sido mortos por um sacerdote. Os três eram sargentos da Coroa. Sua Majestade pediu ao preboste que informasse somente o ocorrido, e sucedeu que os sargentos haviam atacado pessoas inocentes em ruas desertas, roubando-lhes tudo que levavam, mas que ninguém se atrevesse a denunciá-los porque estavam a serviço do rei.

Parecia-me que aquele homem tinha a língua bem solta, embora de qualquer forma dispusesse de alguma competência política ou gozasse de boas relações, pois se não fosse assim não teria sido nomeado senescal. De qualquer modo, foi preciso ouvi-lo para tomarmos conhecimento de todos os detalhes daquele crime, enquanto continuávamos inquietos, pelo menos eu, por temer que as crianças, ainda sonolentas, se apresentassem diante de nós a qualquer instante, coisa que gostavam de fazer, Roç, quando tinha dormido mal, e Yeza, por curiosidade apenas. Também Crean se esforçava para ocultar o nervosismo. Joinville assim prosseguiu seu relato:

— Também aquele pobre e esquelético clérigo caíra nas mãos dos desavisados sargentos que lhe tiraram tudo o que possuía e lhe deixaram em mangas de camisa. Mas o coitado do padre, sem dizer palavra, correu até o albergue e voltou armado de uma espada e uma besta. Os três sargentos ainda estavam rindo quando uma flecha atravessou o coração do primeiro deles: os outros dois tentaram escapar. Um quis saltar por cima de uma vala, mas nosso sacerdote cortou-lhe a perna com sua espada, colocando-a novamente dentro da bota. Depois correu atrás do outro, que clamava pedindo auxílio, e partiu-lhe o crânio de um só golpe, até a mandíbula, após o que, e sem mostrar nenhum sinal de arrependimento, apresentou-se diante do braço da lei. E o preboste pôde levá-lo consigo sem que resistisse.

Não se cumpriu meu desejo de que a história acabasse ah. Apenas percebi que Constâncio e Sigbert haviam regressado, embora se mantivessem afastados. Não parecia conveniente também apresentá-los a nosso conde! Que nome de guerra lhes daríamos? Os cavaleiros templários costumam ser quase todos nobres da Francônia, mas no mínimo ninguém espera encontrar em terras de França alguém inegavelmente alemão, e muito menos ainda um siciliano — se é que aquele sujeito o era! Por outro lado, o perigo não vinha tanto da parte de quem estava relatando aquela história truculenta, mas de Oliver, cujo nome me revelava ser um renegado da causa tártara e se encontrava agora a serviço do rei. Todo renegado sempre buscará mostrar méritos diante de seu rei, mais do que merecer a estima de seus semelhantes!

— "Jovem" — disse Joinville, reproduzindo as palavras do rei —, "sua valentia lhe tirou a oportunidade de continuar exercendo o ofício de sacerdote. No entanto, quero tomá-lo a meu serviço para que sua ousadia me acompanhe além dos mares. Como se chama?" "Yves, o Bretão", proclamou o preboste, que não entendia bem a mudança que estava ocorrendo. "Não faço apenas por você, Yves, mas porque quero que todos compreendam que nenhum crime fica impune em meu reino!", finalizou o rei. E todos que tivemos oportunidade de assistir a esse ato de sabedoria salomônica mostramos nosso júbilo diante da sentença do "árbitro máximo".

O conde, depois de concluir história tão retumbante, olhou em torno pedindo um aplauso, e também a Crean para ver sua reação, razão pela qual apressei-me em bater palmas. Joinville agradeceu-me com um sorriso afável que, por sua vez, levou o senhor de Termes a confiar-nos em voz baixa o verdadeiro motivo de sua presença naquele lugar, sem me excluir do círculo de confidentes:

— E pensar que um senhor tão bondoso está sujeito a que qualquer assassino tente acabar com sua vida! — reflexão a que o senhor de Bourivan não respondeu com a consternação devida.

Como Crean não mostrasse uma reação satisfatória, busquei atrair a atenção do nosso interlocutor, satisfazendo em parte minha própria vaidade. Inclinei-me em sua direção, dando mostras do maior interesse.

— O "Ancião da Montanha" — prosseguiu Oliver com ar de conspirador — encarregou seus fiéis mais fanáticos de buscarem o rei...

De repente, também Crean mostrou-se interessado, embora com um tom incrédulo de recusa, quase de protesto:

— Como é possível? — disse, sem conter sua curiosidade.

— O superior máximo desses demônios está desgostoso com o fato de que nosso soberano prepare uma cruzada...

— ... é a razão pela qual querem assassiná-lo e interromper o curso de uma vida tão virtuosa — interveio Joinville, prossequindo o relato com altivez. — Sabemos que esses possuídos não têm dificuldades de anunciar previamente seus crimes, pois acham-se infalíveis em sua execução — baixou a voz, pois também parecia algo temente — e, segundo parece, dois "assassinos" já foram vistos nestes arredores!

Não fiz caso ao breve olhar que, como para conjurar-me, dirigiu-me Crean.

— Devemos pegá-los antes de... — observou Oliver. E, finalmente, pude mostrar-me como leal servidor do meu rei:

— Eu os vi! — Senti que minhas palavras, tão importantes, desfaziavam-se sussurradas em voz baixa sobre a língua. — Vi-os aqui, debaixo deste mesmo teto! — Voltei-me com toda precaução, querendo mostrar sub-repticiamente os dois estranhos, enquanto todos pegavam as suas espadas, mas o lugar onde antes os vira estava agora vazio. A tensão se desfez com minha reputação um pouco arranhada; riram todos, riram de mim, e na hora da despedida geral, ninguém dignou-se a dirigir-me sequer um aceno.

Voltamos a ficar sozinhos. Sigbert e Constâncio informaram que o barco chegaria nas primeiras horas da madrugada. Depois Crean dirigiu-se a mim, que em meu orgulho ferido esperava obter confirmação e elogio.

— Irmão William — declarou, de forma tranqüila —, você agiu com inteligência e lealdade tentando defender a nós e às crianças, mas sua pretensão de querer frear o curso do destino também é sinal de enorme insensatez, quando não de algo pior! — Crean dirigiu-se a seus dois companheiros: — Pode ser que um franciscano saiba conciliar com a salvação de sua alma o fato de ajudar uns esbirros, mas querer opôr-se à *faida* significa querer pôr Deus à prova! Traí-la é uma ofensa que só poderia ser lavada com

sangue! Deve agradecer a seu Criador que não tenha dado resultado!

Sua violência me contagiou e esqueci de minha situação:

- Uns "assassinos" infiéis! — Rebelei-me. — Delatá-los é obrigação de todo cristão!

Crean controlou-se; parecia ignorar-me, e dirigiu suas palavras aos demais:

- Sequer um minorita pode mostrar-se tão ignorante, mesmo que tenha equiparado seu cérebro ao das cotovias: os ismaelitas são muçulmanos profundamente crentes, e não infiéis nem assassinos bêbados! Eles cumprem uma missão que responde a um conceito de justiça mais elevado que o desse rei Luís, tão sentimental que admite que em seu reino um sacerdote vire juiz e um matador possa servir de exemplo! Um rei que entrega o mais nobre de seus súditos à Igreja, à Inquisição e à fogueira; um suposto "santo" que agora pretende invadir com um exército de aventureiros sem escrúpulos, ávidos de riquezas, um país ao qual, para mostrar sua ambição, batizou com o nome de Terra Santa, mesmo que não faça outra coisa que levar a guerra e a perdição a esta região! De minha parte, rezarei de todo coração para que esses dois homens não percam suas vidas antes de terem cumprido sua nobre tarefa!

O senhor de Bourivan se enfurecia mais e mais conforme falava, e parecia preferível não irritá-lo ainda mais.

- E agora, William de Roebruk, pode ir rezando para que suceda o contrário. Você se encontrará em companhia do aparentemente melhor da sociedade cristã, mas não imagine, nem em sonhos, nem nos seus devaneios mais íntimos, que Jesus Cristo está a seu lado!

Calei-me. Embora parecesse envergonhado, na verdade estava confuso e ferido. Com a cabeça baixa, uma cabeça que ninguém pretendia cortar, retirei-me para o alpendre onde dormiam as crianças. E provável que também Crean seja um renegado, disse a mim mesmo, porque, se não fosse assim, não se exaltaria tanto! Você ainda tem muito que aprender, William de Roebruk.

Na manhã seguinte, enquanto tentávamos atravessar a densa maré humana ah reunida, quis vasculhar os arredores em busca dos dois estranhos. E embora tivesse visto muitos rostos suspeitos — alguns indivíduos do norte, de nariz achatado, cabelo louro como estopa, preso em trancinhas, e com desejos de matar em seu olhar azul; ou o nariz largo dos godos avançando por uma testa estreita onde se assentam seus primitivos instintos; ou ainda o nariz adunco dos bizantinos, tão tortos como seus punhais cheios de falsidade, embora não maior que a dos armênios, que nos obrigam a contar os dedos da mão ao cumprimentá-los — não vi nem rastro dos "assassinos", o que me aliviou. Estava bastante certo de que não haviam deixado que Joinville os prendesse!

Constâncio conduziu-nos sem vacilar em direção a um cais distante, onde um veleiro nos esperava. Logo ao chegarmos a bordo, os *faidits* se retiraram, enviando-nos saudações de despedida enquanto as crianças lhes retribuíam também muito emocionadas, e a nave pôs-se ao mar. Quando já navegávamos diante da última torre de vigia da enseada do porto, o gigantesco alemão dirigiu-me a palavra:

- Ninguém deve tentar desfazer uma profecia, sobretudo quando sai da boca de uma vidente como "A Loba": você se transformou em conhecedor de um mistério e viajante até os confins do mundo; o futuro dirá se sua Igreja lhe perseguirá por essa causa ou se seu rei irá honrá-lo por isso.

Procurei Crean com os olhos para solicitar seu apoio, mas ele encontrava-se na proa com as crianças, olhando fixamente para o mar. Supus que também ele conhecia as palavras da bruxa e senti um verdadeiro pavor.

— Mas, a partir de agora — prosseguiu Sigbert —, o bem-estar das crianças já não estará ligado à sua pessoa, que cruzou por um estúpido acaso (não quero acreditar que fosse por providência divina!) em nosso caminho, chegando a ser testemunha de sua salvação, tarefa sagrada que apenas a nós diz respeito!

Aproximou-se de mim, que estava sonolento, porque nunca lhe ouvira pronunciar um discurso tão longo. Ainda continuou com estas amáveis palavras:

— Espero, irmão William, que saiba nadar!

Agarrou-me com suas gigantescas mãos por debaixo dos ombros, como se quisesse abraçar-me, e Constâncio, que se aproximara sem fazer barulho, puxou minhas pernas para trás. Com um brusco gesto, me jogaram na água, como se joga uma rede cheia de caranguejos inúteis. Ainda me lembro do rosto das crianças, dos olhos muito abertos e assustados do menino, das mãos da pequenina Yeza batendo palmas pelo que pensava ser um jogo divertido. E depois, nadando como um cachorrinho, tentei alcançar a costa antes que minha batina encharcada me arrastasse para o fundo, até que finalmente senti terra debaixo dos pés e pude, ofegante, salvar-me.

De repente, uma bolsa cheia me atingiu.

— Pegue-a, *poverello!* — gritou-me Crean. — Nós, os "assassinos", podemos ser comprados, mas não aceitamos presentes, nem mesmo o presente de uma vida!

Levei um susto mortal. A que horrível conjuração havia assistido? Estava na beira da praia, morto de frio e medo, sem me atrever a acenar-lhes para despedir-me. Pouco a pouco desapareceram diante da minha vista, até transformarem-se num ponto diminuto no mar longínquo...

III - IN FUGAM PAPA

O Mapa-Múndi

Castelo Sant'Angelo, verão de 1244

Os barqueiros fizeram avançar a barcaça plana remando, mais que navegando à vela, subindo pelo rio Tibre. Eram pescadores de Óstia, de onde o rio desemboca no mar junto às instalações portuárias de Cláudio, agora sujas e escondidas pela areia. Os homens não esperavam de seu passageiro uma boa gorjeta além do preço fixado para a passagem, mas tinham aceitado transportar aquele dominicano corpulento, de idade indefinida, certamente um *gabacho*, que, logo após ver atendidas as suas lamentações, puxara seu capuz até ocultar a maior parte de seu rosto duro. Durante a viagem, no entanto, sentiram sobre eles o aguilhão de seus olhos vigilantes, de modo que evitaram as brincadeiras habituais e realizaram seu diligente trabalho exteriorizando quase um mau humor. Mais surpresos ficaram quando o passageiro entregou-lhes uma moeda francesa de ouro antes de saltar a terra, justo debaixo do castelo Sant'Angelo. Viram-no tomar a passo firme a vertente da margem até chegar, sem puxar a corda que moveria o sino, a um ponto onde o repentino descanso de uma estreita e alta porta forma uma ponte que deve de cruzar antes que os muros tragassem sua figura escura.

Vito de Viterbo não era francês; procedia dos arredores do bastião mais setentrional do Estado da Igreja. Os viterbinos eram considerados, muitas vezes sem que alguém lhes perguntasse sua opinião, fiéis muito devotos do papa, uma fama que lhes dera a família dos Capoccio. Vito estivera a serviço dos Capoccio e assim continuou quando o papa o enviou a Paris, não tanto para manter o ouvido próximo aos lábios do devoto Luís como para guiar a solícita devoção deste pelo caminho certo. Embora confessor do rei, Vito continuava afeiçoado aos Capoccio. Naquela ocasião se aproximava de Roma para informar.

Conhecia muito bem a confusão de corredores e rampas que se sucedem no interior daquele panteão que gerações de papas, em sua busca por proteção ou para fugir da opinião pública adversa, tinham aberto no túmulo de Adriano como se se tratasse de dotar aquele ventre de intestinos, estômagos, rins e testículos riscados na terra. O corredor que Vito percorria era fracamente iluminado por lamparinas a óleo e parecia, inclusive aos olhos de um bom conhecedor, uma espécie de labirinto tridimensional, que sobe quando imaginamos que deve descer, e que desce formando uma espiral ou circunda num ziguezague as portas que o visitante deseja evitar, conduzindo-o em vez disso em direção a outros acessos ocultos.

Não encontrou nenhum guarda que lhe pedisse a insígnia ou lhe perguntasse pelas armas que levava, pois o castelo Sant'Angelo vigia a si mesmo. Era a central de comando secreto da Cúria: em suas câmaras secas se acumulavam os *archivi secreti*; amontoavam-se as caixas com as reservas monetárias para sustentar suas guerras, guardadas debaixo de grades de ferro numa antiga cisterna vazia, e na mais profunda de suas cavernas apodreciam "por tempo indefinido" certas *personae sine gratia* das quais a Santa Sé havia retirado sua mão benevolente.

Com a segurança que outorga o serviço prestado durante muitos anos, Vito passou debaixo de arcos que descansam sobre grossas pilastras, cruzou balaustradas suspensas como pontes onde uns cabrestantes enovelavam grossas cordas para depositar sua carga em algum esconderijo não identificável, percorreu escadas que subiam e rampas que desciam em direção a saídas invisíveis aos olhos, e das quais apenas aqueles que dominavam os fios sabiam se levavam a lugar nenhum ou a novos subterrâneos.

Finalmente, abriu-se diante dele a grande sala do *mapa mundi*. Os primeiros seres humanos que ele ah

viu foram dois franciscanos, no alto de um andaime de escadas, que corria diante de um mapa do mundo cobrindo três paredes do espaço entre o chão e a abóbada. O mapa começava no ocidente mais extremo do oceano, o mar Universal, antes que se tocassem, junto a Dchebel al-Tarik, os desertos de Miramamolín, com o *Andalus*. Na altura da cabeça, ficava o *Mare Nostrum*, por cima da costa da Mauritânia, com seus mercados de escravos; curvava-se junto a Cartago, onde reinava o emir de Túnis. Já no centro da parede, para depois descer em direção à baía de Sirte; voltava a subir com a Cirenaica, por baixo da qual (*hic sunt leões*) se estende o deserto, até chegar ao rodapé, deixando ver a continuação, conforme se alcançava a terceira parede, do delta do Nilo, que se dissolve no azul do mar, e em cujos braços está inserido o Cairo, formando um bracelete de brilhantes, sem que o curso do poderoso rio se perdesse de todo nas areias sedentas do corpo restante. Junto a Gaza, ascende depois, quase inesperadamente, a Terra Santa, com Jerusalém, a divina *Hyerosolima*, rodeada da coroa radiante que formam a cidade de Damasco, mercado de espadas finas e tecidos delicados, e a cidade de São Paulo também; depois, a capital babilônica de Bagdá, sob cujo esplendor empalidecem numerosas outras cidades do califa que surgem a sua volta; mais além, no leste, a Terra Incógnita dos tártaros, que não constroem cidades; ao longo da costa, continua Tripoli, de fama legendária, as montanhas dos "assassinos" e o antiquíssimo patriarcado de Antioquia, para acabar — lá onde vivem os armenios, gente pouco confiável, antes de voltar ao mar, com uma grande massa de terra que representa a Asia Menor. Nesta banheira flutua, como um peixinho, Chipre, a ilha de Afrodite. Uma extensa língua de terra pertencente aos selêucidas se aproxima do Bósforo, junto ao Corno de Ouro de Constantinopla, enquanto o mar Negro não é mais que um enorme lago, depois do qual volta a instalar-se o império dos príncipes mongóis, cuja Rota da Seda se perde no vazio.

Ali onde as ilhas gregas se agrupam, o mapa retorna à parede central e segue pela Acaia e pelo Epiro, ao longo da costa adriática dálmata, para cima. À antiga Bizâncio, que agora não é mais que um "império latino" em decadência, segue a Hungria, e o olho do observador fica preso, junto ao patriarcado de Aquiléia, agora caído no esquecimento, nos domínios da Sereníssima. Em direção ao sul, pendura-se no Mediterrâneo azul a "bota italiana", objeto de tantas lutas; na curva da margem superior, desponta a Liga lombarda do Império; em volta da panturrilha, a meia se enrugam com o Patrimônio de São Pedro e a Roma eterna, *caput mundi*, em forma de fivela brilhante, enfeitada de jóias; mais abaixo, estão o calcanhar de Apúlia, a tibia napolitana e o dorso do pé, a Calábria, pertencente ao odiado Império Romano-germânico, e cuja ponta parece pisar no Reino da Sicília como se fosse uma incômoda pedra.

Mais para o norte, dançam a Sardenha e a Córsega dentro da esfera de poder da marulhada genovesa. Mas retornemos, dobremos na direção norte! Depois de atravessar a cordilheira dos Alpes, encontram-se para o leste os ducados da Suábia, da Baviera e da Áustria; continuando, os reinos da Boêmia e Polônia; e, mais adiante, volta a dominar a selvagem estepe dos mongóis, que aqui se denomina a "Horda de Ouro". As terras de seu império são tão ilimitadas que basta que digamos que a superfície do mapa-múndi não é capaz de abarcar os seus confins! Em direção ao norte, estão as ilhas dos dinamarqueses e dos vikings, já nos mares gelados, e se cruzamos as terras da Saxônia, chegamos com nosso gigantesco dedo invisível, uma vez atravessado o Reno, às terras do Ocidente. Nosso dedo assinala mais além de Lorena e Flandres para o interior de França, até Paris. No outro lado do canal normando, vemos uma mancha de terra retorcida que representa a Inglaterra, encarniçada numa disputa contínua com a Irlanda, a Rebelde, e com a orgulhosa Escócia. Se deixamos a Bretanha, voltando-nos para o sul, nos encontramos com a Aquitânia, terra amorosa, passamos por Tolosa, a Herege, e depois de atravessar os Pireneus nos encontramos no Aragão cristão, sempre atormentado pela cristianíssima Castela, enquanto no *al Andalus* se estende, comodamente assentado, o califado islâmico.

— Algum dia o punho de ferro de nossa reconquista voltará a expulsar os mouros, exatamente por Gibraltar, por onde entraram, afastando-nos à força da Iberia, como se expulsa a espuma de clara de ovo

açucarada fazendo-a passar por um funil pontiagudo. Ainda chegaremos a escrever a palavra "Cristo" com letras indeléveis em seus desertos de areia!

O franciscano que pronunciava palavras tão entusiasmadas enquanto subia pela escada era careca e rechonchudo, e em seu rosto pastoso flutuava um par de olhos muito azuis. Suas maçãs do rosto, salientes, revelavam que havia nascido nas fronteiras orientais do Império, onde a missão dos minoritas conseguia recrutar seus seguidores mais dedicados.

Benedito da Polônia se deslumbrou, revelando aquela estranha mistura de ódio aos infiéis e sonho de glotonaria voraz.

— Escuta, Lorenço — dirigiu-se a seu companheiro, de constituição mais débil —, e pára de chupar os dedos! — Sempre lhe dava raiva quando caçoavam dele. —Vamos tirar-lhes o sangue do seu corpo antes que se lhes coagule nas veias por causa do calor ou morram sufocados. Acho até que morrerão de sede, pois seus poços estão envenenados por sua falsa fé; ou morrerão de fome, pois não são capazes de assimilar o coração do Messias...

— Irmão — sorriu do alto do andaime o companheiro interpelado com o nome de Lorenço —, mais vale tirar um pedacinho de pão de sua bolsa antes de se imaginar o corpo de Nosso Senhor em forma de churrasco domingueiro!

Ao dar meia-volta, Benedito descobriu, entre as colunas, um estranho que estudava em silêncio o mapa do mundo sem ter lhes oferecido um *Pace e benel* ou qualquer outra palavra de cumprimento. Vito tinha sido convocado até ali, mas chegara muito cedo, e seu castigo consistiu em ter de suportar o falatório daqueles minoritas. Exatamente por lhes ter dado a entender que não apreciava a companhia deles, os franciscanos se viram motivados a entreter seu taciturno hóspede.

Entretanto, Benedito tinha alcançado seu companheiro no andaime oscilante, situado diante da parte direita da parede central, onde estava fixado o limite oriental do "Sagrado Império Romano-germânico". O tal mapa do mundo era fabricado com finas camadas de álamo, montadas sobre um marco invisível de carvalho, pintado com grande esmero com pintura chamativa de cal, mas mostrava poucos detalhes geográficos, a menos que um rio ou uma cordilheira representassem também uma fronteira natural, pois estava destinado, mais que outra coisa, a refletir a mudança das fronteiras feudais. Os frades estavam ocupados em eliminar das fronteiras germânicas orientais as pegadas das incursões tártaras sofridas três anos atrás.

Um as figuras rechonchudas de madeira, presas com agulhas pontiagudas e coroadas com uma cruz, significavam abadias, sedes episcopais e demais possessões eclesiásticas irremovíveis, a menos que lhes acontecesse alguma desgraça por perda, incêndio ou transformação em mesquita, enquanto os limites dos senhorios terrenos eram figuras móveis que podiam ser deslocadas junto com seus exércitos, simbolizados por minúsculos estandartes. Lorenço tirou de um cesto alguns monasterios que ali guardava, e espalhou-os numa Silesia devastada, enquanto Benedito conseguiu pôr em fuga repentina todo um exército de mongóis sob o comando de Batúkan.

— Se seu imperador herege tivesse ajudado meu rei, como o fizeram os cavaleiros da Ordem Teutônica, o duque Henrique não teria perecido em Liegnitz, e teria...

— Teria, teria! — Lorenço o interrompeu, nervoso. — Se nosso senhor papa não tivesse convencido a Frederico de não intervir, sequer leríamos chegado tão longe. Por acaso o imperador não fez um apelo a todos os príncipes da Terra para que se opusessem sem tardança aos invasores? Ao fim e a cabo, foi sua fama de guerreiro que o fez fugir!

— Não me faça rir! — Benedito começou a retirar da Hungria os mandarins mongóis. — Fuga? E por que caíram, pois, sobre o pobre rei Bela, cujo irmão mataram junto ao rio Sajo? Somente a ameaça de nosso

papa de aliar-se com o rei-sacerdote João conseguiu finalmente afugentar essa turba.

Lorenço de Orta, com sua figura magra como um palito e coroada por um redemoinho claro de pequenos cachos, cuja cor vermelha há tempos estava sendo substituída por um cinza-prateado, não aceitou que o polaco o desmentisse nem o afastasse de sua linha de lealdade ao imperador:

— O senhor Gregorio despediu-se deste mundo quando soube do horror de seus crimes, e nenhum cristão viu na sua vida a cara do rei-sacerdote João! Digo-lhe que foi o que fez com que esses mongóis tremessem de medo e fugissem...

— O imperador germânico, em sua obsessão, foi quem chamou os infiéis, para vergonha de toda a cristandade — interveio agora em tom seco, quase irritado, o visitante ao pé do andaime —, e quando partiram, lói devido à morte de Ogodai, seu grande clã. Não houve outro motivo! — Vito estava desgostoso, pois, na realidade, não tinha intenção de dar uma lição aos minoritas. — Retornarão quando o *kuriltay* escolha sucessor e, uma vez mais, não teremos nada para opor-lhes!

— *Sempre nos resta a Palavra de Cristo!* — Na tarimba que sobressaía da única parede livre da sala foi aberta uma porta oculta e uma figura delgada aproximou-se da balaustrada.

— O "cardeal cinza"! — sussurrou Benedito, assustado, e pouco lhe faltou para fazer o sinal-da-cruz. A figura daquele, envolta numa capa cinza e com um capuz que lhe cobria quase toda a cabeça, se escondia, além disso, atrás de uma máscara das que se utilizam durante o carnaval; a máscara era também de cor cinza e não fora feita para provocar o riso. Mesmo o intrépido Lorenço sentiu-se intimidado.

— Sua Santidade nomeou doze novos cardeais — dirigiu-se a máscara desde lá de cima para Vito. — Encaminhe-se ao arquivo de assuntos do Império, onde o irmão Anselmo lhe mostrará sua tarefa. — Dito isto, com um gesto autoritário dispensou Vito, e este encaminhou-se de imediato a seu destino. — O senhor, ao contrário, irmão Benedito, fiel filho da Igreja — o cardeal jogou lá do alto um maço de papéis, que o polaco apressou-se a recolher —, fica encarregado de inscrever os nomes dos eleitos no registro, e o senhor, Lorenço de Orta, pode dirigir-se à cela de castigo até que a sede lhe faça beber a água que desce das paredes e aprenda a dominar a língua. — A figura cinza deu meia-volta e se ausentou novamente.

— Tinha de ser Rainiero de Capoccio — gemeu o pequeno frade castigado enquanto descia obediente pela escada. — Ninguém odeia tanto o imperador quanto ele!

— Silêncio! — cochichou Benedito, com visível terror. — Ainda vai perder a vida por causa de tanto falatório.

— E você será promovido a escriba dos cardeais! — caçoou Lorenço abertamente quando viu o polaco, pálido e confuso, com a lista na mão; ele sabia perfeitamente que Benedito sequer era capaz de escrever o próprio nome, muito menos o de outro. — Aprese-se! — acrescentou com bonachona brusquidão. — Dê-me essa lista e traga-me a pena, a tinta e uma vela à cela de castigo. Eu consertarei essa injúria.

— Obrigado, irmão — sussurrou Benedito, olhando temeroso à sua volta. — Com muito prazer levaria também um pouco de pão se...

— ... se não tivesse tanto medo desse espantelho que nos vigia! Benedito baixou a cabeça.

— Não poderia ser também Jacob de Preneste? — acrescentou, dominado pela curiosidade.

— Mas se está quase morto, igual ao de Colona, o que se esfumou tão de repente em fevereiro, depois de ter sido seu antecessor no macabro posto de *spaventa passeri!* Não, foi Capoccio!

Benedito tapou os ouvidos para não ouvir as insolências de seu companheiro, que abandonava a sala com uma despreocupada cantoria, 100 disposto a descer pelas escadas do fundo.

No alto da cúpula, a luz do sol caía através de uma abertura redonda sobre as estantes entre as quais passeava Vito em companhia do monge Anselmo, dominicano como ele e irmão menor do famoso Andrés de Longjumeau.

— *Omnes praelati / Papa mandante vocati / et tres legati / veniant huc usque ligati.*

— O perdedor não se salva da troça, frei Ascelino — recriminou Vito ao jovem. — Foi um duro golpe para o Santo Padre e o real motivo de seu frágil coração não poder seguir batendo neste mundo mal-agradecido; de tal maneira o afetou a infâmia dos pisanos e de Enzo, o bastardo imperial...

— Mas deve-se admitir que foi uma jogada genial a de seu inimigo encarniçado: fazer seqüestrar, em alto-mar e pelas galeras genovesas, aos devotos prelados quando estes se dirigiam a um pacífico concílio no qual com toda probabilidade teriam condenado ao germânico...!

— Esse bastardo de açougueira está condenado de todas as formas, e ainda que no ano passado tivesse de soltar seus prisioneiros, os que sobreviveram às torturas o odiarão até a morte; precisamente acabam de nomear doze novos cardeais, e nenhum deles será exatamente amigo de Frederico!

— Como, por exemplo, Galfrido de Milão? — interrompeu-o Ascelino com arguto sarcasmo. — O cardeal-bispo de Sabina nunca foi considerado inimigo do germânico. Esta é a razão pela qual Celestino IV leve de deixar este mundo depois de apenas catorze dias de papado?

— A verdade é que muitos nos abandonam nos tempos de hoje - lamentou-se Vito. — Não apenas perdemos por duas vezes nosso papa no mesmo ano; também nosso amigo Frederico voltou a perder, com profundo pesar de sua parte, uma de suas amantes enquanto dava à luz, e o primogênito escolheu o suicídio para fugir ao destino de ter um pai tão monstruoso.

— Deve odiá-lo muito — observou Ascelino, com franqueza —, pois está cego para o fato de que uma maldade não faz mais que arrastar a outra.

— Nosso recente papa Inocêncio IV confirmou de imediato a excomunhão proferida por seu grande antecessor, Gregório. Por acaso pretende defender um condenado pelo papa? Chamo sua atenção, Anselmo de Longjumeau!

— Não foi essa a minha intenção — reagiu Ascelino, com ar condescendente, embora sem permitir que o impressionassem as palavras do outro. — Só o que faço é conservar meu juízo político são. Espero que, dada sua responsabilidade dentro da *Ecclesia Católica*, tenha sempre em mente a segurança do Santo Padre. Por acaso não ajudaste também ao senhor Rainiero quando da traição de Viterbo?

— E me orgulho disso! — respondeu-lhe Vito, com o olhar brilhando. — Qualquer perfídia, qualquer traição dirigida contra o Anticristo e seus seguidores mais me aproxima do Reino dos Céus!

— Pois Frederico o ajudaria com muito gosto a alcançá-lo — murmurou secamente Ascelino. — O ruim é que também faz pagar a outros.

— De que lado está, de fato, irmão?

— Eu sou um *canis Domini* como você, irmão, mas me diga: que posso fazer para ajudar em sua nobre empresa, como posso lhe ser útil?

Viterbo mostrou-se indeciso ao observar a ironia com que seu interlocutor mudava de assunto. Por outro lado, não tinha sido exatamente o "cardeal cinza" quem lhe havia falado desse irmão da mesma ordem, merecedor de toda confiança? Como se seu receio tivesse achado eco num ouvido autorizado, escutou-se agora uma voz cuja procedência era difícil de precisar.

— *Fale, Vito de Viterbo! Será que compara seu receio com minha confiança?* Vito encolheu-se de susto. Frei Ascelino lhe sorriu com beatitude. — Trata-se dos infantes — sussurrou Viterbo. — Os bastardos

hereges, as crias ilegítimas do imperador germânico.

Vito passou a expor a trama de uma conjuração.

— Conseguiram escapar do Montségur! Um tal de William de Roebрук, outro dos pardais desleais do nosso amigo, o dos pássaros de Assis, desapareceu do acampamento na mesma noite da rendição do castelo, sem deixar rastro algum. Não quero dizer com isto que tenha algo a ver com a intriga, mas...

— *Seria essa razão suficiente para desencadear um banho de sangue no Languedoc com os órfãos da mesma idade? Chamam-no de Herodes, e por isso causaste desonra e cercaste de escândalo o nome da Igreja!*

Vito passou a defender-se:

— Uma vez examinadas suas identidades, entregamos cada uma das crianças recolhidas aos pais, ao asilo ou a um monastério, sem que sofressem dano algum. Está vendo como se calunia a Inquisição!

— *Onde se vê fumaça, há fogo, diz o povo. Os hereges se mostram vencedores e afirmam: estás vendo o que é a Igreja Católica, que assassina de forma vil as crianças! E você, ao contrário, continua com as mãos vazias!*

— Tenho os portos vigiados! — defendeu-se Vito, desanimado.

— *Foram vistos em Marselha* — escutou-se uma vez mais a voz do personagem invisível, e esta voz não escondia sua desilusão. — *Refleta bem sobre teus próximos passos!*

Vito engasgou e olhou a sua volta; depois para cima, para o alto. Mas viu apenas armários e estantes repletos de documentos confidenciais, informes de agentes e espiões, atas pessoais, falsificações e sentenças secretas, bulas oficiais e convênios não publicados.

Pensei que um franciscano traidor não pudesse de fato fazer outra coisa senão acudir ao único refúgio que lhe resta: Elia de Cortona... acrescentou, bastante deprimido.

- Tranqüilize-se, temos o *bombarone* sob vigilância, irmão — retomou Ascelino a conversa —, mas o mais provável é que tenham se aproveitado desse minorita para nos dar uma pista falsa. Seja quem for o autor do projeto, não teria deixado sua execução em mãos tão...

-Tem razão! — Vito agora confiava plenamente em seu interlocutor e queria continuar falando, mas Ascelino interrompeu-o bruscamente e ordenou que se calasse. Tinha ouvido um ruído e descobriram atrás de uma estante um Lorenço com aspecto de rapazola despenteado, sentado sobre uma escada alta de biblioteca, enquanto segurava umas folhas de papel nos joelhos e desenhava com a ajuda de um lápis vermelho. Era evidente que estava rabiscando algo e que os dominicanos serviam de modelo.

Desce daí! — ordenou-lhe Ascelino. Lorenço levou alguns segundos para terminar a obra, com uns últimos traços atrevidos.

Já não deveria estar na cela de castigo? — observou Ascelino como que por acaso, enquanto lhe puxava as folhas.

- Só até que lambesse a água das paredes — sorriu Lorenço —, e foi o que fiz logo que entrei na cela.

- O cardeal sabe disso? — Ascelino tentava mostrar-se severo.

O cardeal sabe de tudo — respondeu Lorenço com entonação alegre.

Vito olhou para o desenho, que mostrava um retrato bem-feito, embora ligeiramente caricaturesco, da sua própria pessoa, mas nem um esboço de Ascelino: sequer uma tentativa de iniciá-lo. O detalhe lhe

chamou a atenção.

- Por que isso? — interpelou com severidade ao magro minorita.

- Possui um crânio de tanto caráter — adulou-lhe o artista com ímpeto, sem deixar de olhar as fortes mãos de seu opositor — que não pude resistir.

Vito rangeu suas mandíbulas poderosas, apertando a dentadura com certo embaraço enquanto lhe devolvia com ar generoso a folha.

- Lorenzo de Orta goza entre nós de certa licença de artista — sorriu Ascelino. — A rotina deste castelo, em que estamos dia e noite a serviço da Cúria, realizando um trabalho tão sigiloso quanto responsável, precisa de vez em quando de um pouco de provocação para que não destruamos uns aos outros!

- Lamento muito — gemeu Vito após afastar-se de Lorenzo — por 103 minha desconfiança inicial. Faz tanto tempo que estou no exterior que já não conheço em detalhes os costumes deste velho castelo Sant'Angelo.

— Ascelino sorriu para infundir-lhe ânimo e Vito logo aproveitou a chance. Adotou um tom de conversa amistosa: — Diga-me, então, o que sabe dessas crianças, frei Ascelino.

— *Você sabe mais que o suficiente! Basta pôr mãos à obra e cumprir com seu encargo! Irmão Vito de Viterbo, estão lhe esperando na sala do mapa-múndi!*

A voz do "cardeal cinza" não revelava emoção alguma, como em ocasiões anteriores. Mas Vito sabia muito bem com quem estava lidando. Sentiu-se satisfeito de poder afastar-se dali. O tal Lorenzo de Orta poderia gozar de certos privilégios de artista, mas a outros poderia ocorrer que uma palavra errada fosse a última de sua vida. Despediu-se com um gesto de seu companheiro de ordem e deixou o arquivo de assuntos imperiais.

Na sala grande, Benedito da Polônia estava esfregando o chão. Lorenzo tinha tirado do andaime um balde com tinta vermelha e os respingos chegavam até Nápoles; inclusive a Terra Santa ficara manchada enquanto um jato vermelho, certamente derramado ao cair o balde, ia desde o leste, passando por Bagdá, até a Sicília.

Vito deteve-se por um instante, indeciso, diante do mapa-múndi; pensava no significado da ascensão e queda e no excesso de sangue derramado quando reparou que jogava a seus pés um rolo de pergaminhos. Compreendeu que a partir de então receberia os encargos por escrito, para que "ele" pudesse exigir-lhe uma melhor prestação de contas. Agachou-se para recolher o rolo e quando, ao levantar-se, seu olhar se deteve na figura do Cristo Crucificado a um canto, sentiu pena de si mesmo.

Vã Ilusão do Fugitivo

Sutri, verão de 1244 (crônica)

Embora tenha conseguido salvar-me das águas em Marselha, nelas perdi minha audácia. Já não tinha coragem de me apresentar ao senescal, e menos ainda a meu rei. Os poucos dias que passei em viagem na companhia das crianças haviam cortado o elo com tudo o que fora minha vida anterior. Aportei à margem como o náufrago que chega a uma ilha estranha. E verdade que tinha sido forçado, e que podia até citar a 104 velha bruxa como testemunha no tribunal, mas quem me forçara a procurá-la? E Gavin? Separar-se-ia de mim, e até me entregaria a um tribunal da Inquisição. Na melhor das hipóteses, minha vida teria fim com meu assassinato numa prisão secreta. Portara-me como um imbecil, e o pior é que perdera minha identidade. Já poderia espalhar que meu nome era William de Roebruk, de Flandres, visto não poder retornar a meu país, onde não faria mais que atrair vergonha e desonra sobre meus pais.

Quase me lancei de novo na água, quando vi passando perto dali um navio comercial de Pisa. Os italianos gostaram da minha aparência e não demonstraram sentir piedade de mim, que não passava de um frade encharcado. Guardei debaixo da batina a bolsa, única prova contundente de minha vida pregressa, e pulei; novamente agitei os pés na água até alcançar um remo e mãos amistosas, que me ajudaram a subir a bordo.

Uma vez no navio, procurei colaborar até onde fosse possível, impondo-me períodos de jejum, como castigo; mas na maior parte do tempo, um tal de Plivano, comerciante, me forçava a rezar, alegando que estávamos em águas genovesas! De noite rodeávamos as ilhas e suas guarnições, e de dia nos escondíamos em silenciosas baías, mas ele sentia um medo espantoso.

Chegamos finalmente a Toscana. Antes de subirem o curso do rio Arno, deixaram-me à margem, carregado de presentes, pois o comerciante achou que eu havia lhe trazido sorte. O presente mais valioso foi um manto de brocado vermelho-escuro, forrado de seda, e uma roupa de veludo da mesma cor. Além das vestes, presentearam-me com calças e botas de forro de pele. Senti-me como um artista, um daqueles famosos retratistas italianos que conhecera na corte do meu rei Luís e que obtinham, a cada suave pincelada, abundantes moedas de ouro, já que os príncipes e a fortuna lhes sorriam; em minha nova roupa de viagem eu me via como um desses afortunados senhores. Joguei longe a batina de franciscano, que com certeza empestaria a água do mar. Fiquei apenas com a cruz de madeira.

Caminhei pela costa, e ao ver que os pescadores levantavam a vista das redes que estavam remendando e que me olhavam surpresos, pedindo-me a bênção, que de minha parte eu lhes outorgava de bom grado, percebi que ainda viam em mim um servo de Deus. Por isso roguei a um daqueles homens que me mostrasse o albergue mais próximo.

Diante de uma construção solitária situada na via Aurélia, que leva a Roma, vi uma carruagem estranhamente enfeitada com sinetas e faixas coloridas. Era uma carroça de duas rodas, fechada atrás da boléia, com um toldo, como uma tenda. Um rapaz estranho, mas de constituição forte, que cuidava do cavalo, examinou-me de cima a baixo.

O refeitório estava vazio. Passou algum tempo até o taberneiro aparecer, despenteado e puxando as calças para cima; veio arrastando os pés logo que me viu, pois deve ter pensado ser eu um hóspede

importante. Solicitei-lhe um quarto no andar superior, e depois que me preparasse um cavalo para a manhã seguinte e fizesse subir sem delongas vinho, pão e queijo.

O homem não se preocupou em agradecer-me. É possível que minha chegada o tenha tirado do leito onde se divertia com sua mulher. No entanto, ficou lançando olhares indecisos de um lado a outro até eu me sentir obrigado a lhe adiantar uma moeda de ouro. Recolheu-a no ar, lançou-me uma piscadela de falsa camaradagem e dirigiu-se com passos trôpegos em direção à escada. *Pace e bene!*

Tinha acabado de me deitar quando a porta foi aberta e uma dama maravilhosa entrou, cumprimentando-me com as seguintes palavras:

— Bom dia, belo estrangeiro!

Trazia tudo o que eu pedira, numa bandeja apoiada em seu farto peito, razão pela qual fixei minha vista além do queijo, para tão generosa oferta apenas presa pelo tecido. A moça tinha um cabelo negro como breu e olhos rasgados de perigoso brilho. Deixou a bandeja no chão, diante de minha cama, com movimentos tão lentos e provocantes que nossas cabeças quase se chocaram quando voltou a levantar-se, rindo.

Sem me dirigir uma pergunta sequer, segurou uma de minhas pernas, prendeu-as entre suas coxas e tirou-me com ágeis mãos a primeira bota. Quando chegou a vez da segunda, lançou-me um olhar provocante por cima do ombro, e assim lhe estendi a segunda perna, mas em lugar de pegá-la, levantou sua saia e ficou inteiramente nua diante de meus olhos, maravilhosa e toda redonda. Minhas mãos já não obedeciam: puseram-se em movimento como dois gansos bêbados.

—A bota, senhor! — gorjeou, separando ligeiramente suas pernas de forma a eu pensar que perderia os sentidos. Meu corpo estremecia violentamente, e levantei a ponta da outra bota através do arco triunfal que se abria prometendo prazeres sem-fim; emocionado, esforcei-me para não tocar os raminhos que pendiam daquele escuro jardim das delícias. Depois, seu traseiro fechou-se como um portal marmóreo, caíram as saias, sua carne prendeu-se em minha perna e pude sentir que me tirava a segunda bota.

Mas em vez de soltar minha perna, agachou-se, sempre me dando as costas, e pelo barulho do líquido pude perceber que vertia o vinho. Em seguida, soltou a pressão de seus músculos, deixando que minha perna fremente deslizesse do lado de dentro de sua cálida pele até tocar novamente o chão, e voltou-se para mim com um copo em cada mão. Ofereceu-me um, sentou-se a meu lado na cama, e começamos a comer.

— Sou Ingolinda de Metz — e apresentou-me um rosto de expressão radiante. — Ingolinda, *la grande puttana!* — acrescentou ainda, enquanto eu concordava alegremente. Cortou o queijo em pedaços regulares, retirando antes a casca, e foi colocando-os em minha boca. Pode me chamar de William — falei, com o ar mais condescendente que pude adotar —, e além do mais podemos conversar em francês...

-Já o imaginava, William. — Você deve ter adquirido essa sofisticação toda em Paris! — comentou com alegria.

Havia trazido também algumas uvas e pegou uma delas nos dentes, depois aproximou-a de minha boca, cujos lábios se abriram com avidez. Deixou a uva escapar com grande habilidade e fiquei preso em teus maravilhosos seios, em cujo vale o sedento acha o fruto maravilhoso que arrebenta entre os dentes. Outras uvas rolaram por meu corpo, entrando pelas calças, razão pela qual a dama de Metz sentiu necessidade de não permitir que se perdesse nenhuma. Com a habilidade de um batedor de carteira, tirou minhas vestes, liberou meu rojão, beijou-o como para saudá-lo, levantou as saias e introduziu-o em seu úmido e esperançoso sôtão, após o que nos dedicamos a esmagar as uvas em ritmo selvagem.

Desde que me vi distante dos quartos das criadas no palácio real de Paris, dos fofos ventres das amáveis

cozinheiras, das magras e rígidas carnes das lavadeiras que nunca tiveram tempo sequer de se levantar para que pudéssemos trocar brincadeiras, das camareiras e suas risadinhas que, por causa das saias armadas, só admitiam ser beijadas de pé e de lado; depois de todas aquelas paragens conhecidas onde me fora permitido a procura de prazer, não tinha conseguido, nem no acampamento nem durante a última viagem por terra e por mar, colocar-me debaixo de uma dama. E pensar que agora estava enterrado sob o corpo daquela imensa mulher!

Ingolinda de Metz sabia por que se dedicava à prostituição. E também me fez saber. Somente depois de ter derramado todo o vinho, mordido todas as uvas, e quando achei que jamais voltaria à vida, ela reduziu o ritmo de nossos esforços sem deixar de rir, sem dar o mínimo sinal de que iria respeitar as badaladas que chamavam para a reza do *Angelus*, nem de pôr um merecido fim à nossa tarefa. Por outro lado, meu rojão não é dos que podem ser retirados logo depois.

Como se tivesse adivinhado a divergência surgida entre carne e espírito, prometeu-me:

— Amanhã não precisará de cavalo, levarei você onde quiser, mas esta noite quero ser uma vez mais tua sela! — dizendo isto, beijou-me a boca antes que eu pudesse responder.

— Estou de passagem, vou ver o papa! — Estas palavras saíram da minha boca sem pensar. Mas em lugar de causar-lhe a esperada impressão e de intimidá-la, *la grande puttana* soltou uma grande gargalhada.

— Também pretendo isso! — e saiu de cima de mim, exclamando: — Até amanhã de manhã — jogou um beijo para o ar —, até amanhã de noite — após o que abandonou meu quarto com a mesma graça que antes trouxera consigo.

Estava cansado demais para tirar a roupa, e por isso adormeci rapidamente; mas dormi mal, e em consequência acordei ainda de madrugada.

Saí na direção do porão e lá encontrei o taberneiro resmungão, que de novo me enviou a piscadela, num gesto de confiante adulação, como no dia anterior. Dei-lhe mais três moedas de ouro, mostrando-lhe, sem deixar lugar a dúvidas, a carroça da prostituta; e lhe pedi que me mostrasse o cavalo, um triste pangaré que vinha acompanhado de seu trôpego ajudante. Com eles abandonei em silêncio a hospedaria, onde ainda me pareceu que ouvia os roncões de Ingolinda, e prossegui minha viagem rumo ao sul.

Não tinha a mais leve idéia de como ia continuar minha vida, e dizia a mim mesmo: "Você vai acabar mal, William!" Mas esta dúvida teve um fim inesperado quando chegamos à região etrusca de Tarquínia sem termos sido atacados por bandoleiros, que eram uma legião sobretudo na zona da *maremma*. É possível que minhas vestes chamassem demasiada atenção, criando a suspeita de ser eu algo assim como uma isca atrás da qual se fecharia uma armadilha, razão pela qual nenhum dos atrevidos salteadores de estrada quis estender a mão para me pegar. E isso porque minha única companhia era Filippo, o trôpego ajudante que trotava em silêncio atrás de mim e que sabia atender melhor os desejos do cavalo do que os meus.

De repente, à nossa frente surgiu um grupo de cavaleiros do papa! Assustei-me, pois continuava cheio de remorsos por vestir roupas que não me correspondiam. No entanto, o capitão fez uma reverência e disse, em leve tom de reprimenda:

— Perdoe-me, mas viaja tão despreocupado! Vossa Eminência não deve andar sem proteção. Já faz bastante tempo que os outros cardeais se reuniram em Sutri com o papa. Permita-me escoltá-lo!

Meu pânico redobrou: o bom homem julgava que eu fosse um prelado e queria levar-me como estava à presença do Santo Padre. Fiquei mudo, mas isto pareceu-lhes natural num estrangeiro, e ainda escutei falarem:

— De onde vem, assim atrasado?

— Os pisanos... — comecei meu discurso.

-Ah, esses criminosos malignos! — interrompeu-me abruptamente. — Deve dar graças ao Senhor de ter escapado dos piratas, embora estas terras também sejam perigosas — acrescentou depois, reafirmando com instinto protetor —, pois estão tomadas por tropas imperiais.

Dispensei Filippo dando pelo pangeré um preço que em meu povoado daria para comprar quatro cavalos. Como assim mesmo reclamou, foi afugentado grosseiramente pelo capitão.

— Outro malfeitor da região de Pisa! O senhor deve ficar contente de não lhe ter cortado a cabeça e roubado a bolsa durante a noite!

Continuamos cavalgando em silêncio. Em minha confusa cabeça havia um único pensamento: "Impossível me apresentar assim ao Santo Padre; seria uma vergonha para minha ordem, pois eu estava que era uma lástima. Para não falar dos terríveis interrogatórios a que certamente seria submetido! Eu me vi preso entre Cila e Caribde! Se pelo menos não tivesse jogado fora a batina de franciscano! É assim que são Francisco castiga os orgulhosos! Como desvencilhar-me daquela roupa púrpura como o Inferno que me ardia na pele, como trocá-la por qualquer andrajo? Se um franciscano qualquer tivesse atravessado meu caminho, tentaria simular uma emergência, embora sequer fosse preciso fugir: há muito tempo que meus intestinos se rebelavam de puro medo e excitação! Pense com clareza e discernimento, William: nenhum franciscano teria aceito trocar sua batina marrom, o traje de honra dos polires, pela sua e seria bem difícil que encontrasse outro franciscano tão falso quanto você!"

— Como o papa está em Sutri?

Logo depois que estas palavras escaparam de minha boca, arrependi-me. Um cardeal deve saber por que o papa tem de deixar Roma para trás, mas o capitão concedeu-me um sorriso benevolente.

— Não o teria encontrado em Civitacastellana, pois o nobre senhor Capoccio considerou que a fortaleza não oferece segurança suficiente para hospedar com garantia Sua Santidade... — Olhou-me com um olhar inquisidor e julguei que se referia apenas a minha pessoa. Não soube responder de outra maneira senão piscando o olho em sinal de aprovação.

— Suponho que com toda razão, pois o cardeal não fez outra coisa a não ser irritar o imperador alemão! — com estas palavras acrescentou sua própria opinião, pois já tinha ganho minha confiança. — Quando alguém se comporta tão mal como... — neste instante percebi que manifestava certa reserva por não conhecer meu ponto de vista.

— Sou francês, e do norte — quis tranquilizá-lo —, e todas essas mingas romanas...

— E eu sou genovês — agradecia a possibilidade de poder desabafar seu coração. — Não resta dúvida de que defenderemos o papa Inocêncio, que antes foi nosso venerado bispo e como tal um bom amigo do imperador, embora este tenha dado sempre preferência a Pisa. Mas nós não somos inimigos do Império!

— Pelo bem de toda a cristandade — suspirei com ar de prelado responsável em cujos ombros descansam todas as preocupações da Igreja -, deveriam chegar a um acordo!

— Tem toda razão, Eminência, e perdoe-me se repito a *vox populi*, mas entre vocês, os prelados, há lobos bem mais escuros que não têm nada de ovelhas, que querem evitar esse acordo a todo custo. O Santo Padre dirigiu-se a Civitacastellana porque muitos homens sensatos como Vossa Senhoria instaram-no a chegar a um acordo com o imperador. Frederico chegou de Toscana como uma leoa de quem arrebataram a cria, para voltar a arrancar Viterbo das garras do pior de todos os lobos, seu colega Rainiero de Capoccio, que conseguiu entrar num acordo com a cidade para seu benefício pessoal e do modo mais infame...

— E o papa não pôde... — perguntei indignado, já que desconhecia aqueles detalhes, embora não devesse demonstrá-lo.

— O Santo Padre não teve outra alternativa, exceto a de fazer-se de desentendido, mas repreendeu o cardeal em público e castigou os de Viterbo, que por certo não tinham culpa nenhuma daquela confusão, com um imposto especial...

— ... que veio enriquecer suas arcas para a guerra — acrescentei, seguindo minha intuição.

O capitão assentiu, ao mesmo tempo compreensivo e contrariado. Depois refletiu sobre a situação do papa:

— Inocêncio sente um temor indefinido por ter de confrontar-se algum dia com Frederico...

— E esse temor é muito justificado, dada a malícia do germânico — acrescentei com uma observação muito bem aceita.

— ... o imperador seria capaz de seqüestrar Sua Santidade! Por outro lado — continuou o capitão, que era muito falante —, pode ser que também tenha medo de que lhe suceda o mesmo que a seu antecessor, que enquanto mostrou certa disposição pacífica diante do imperador...

— ... foi chamado para ficar ao lado de Deus de uma maneira surpreendente e imediata!

— O "cardeal cinza"! — sussurrou o homem, e essa foi a primeira vez que ouvi falar da misteriosa instituição de uma cúria de orientação política e terrena; de um personagem que personificava a ambição do poder e que, ao que parece, era inclusive um pesadelo para o papa, que se sentira ameaçado por uma suspeita jamais formulada. — Somente se o Santo Padre conseguir manter a excomunhão de Frederico estará certo ile poder seguir vivendo! — confiou-me o capitão do exército papal, e compreendi finalmente seu dilema, e também pude ver que não seria tão simples sair daquele atoleiro!

— E a suspensão da excomunhão é a condição imposta *a priori* pelo imperador — adivinhei, confiando em minha boa sorte e buscando um final digno a nossa conversa.

Era o momento certo, pois entre as árvores, diante de nós, surgiu o castelo de Sutri. Bem que eu teria gostado de saber de mais algum detalhe em torno às sutis redes tecidas pela Cúria, mas meu capitão partiu a galope para colocar-se à cabeça de seu grupo, sem dúvida alguma também por respeito ao temível Rainiero de Capoccio. Tudo indicava que este controlava a instituição com mais poder do que qualquer outro cardeal, controlando também, segundo todas as evidências, meu senhor, o papa.

William de Roebruk, pensei, pequeno frade vestido de púrpura imerecida, você não é mais do que um grão de areia que será pisado descuidadamente por esses senhores, se resolver não entrar-lhes pelos olhos para incomodá-los, porque neste caso vão esmigalhá-lo como a um piolho. Voltei a me sentir mal. Esse sentimento foi reforçado pela visão dos muros negros que se erguiam ameaçadoramente detrás dos outros, em pedra quadrada, cobertos de musgo, pedras que deviam ser muito mais antigas que o imperador romano. Pedra vulcânica, pensei de repente: é este mesmo aspecto que devem ter as portas ocultas do Inferno, pelas quais sai o Demônio para tentar dominar a Terra. Em direção a elas arrasta as pobres almas que caem em suas mãos, seja por leviandade, curiosidade ou falta de moral cristã. Pobre de ti, William. O mais provável é que ele tenha farejado sua chegada!

Passamos diante de um anfiteatro romano que, ao ressaltar na frente dos escuros muros, fazendo-me lembrar de um lugar onde as bruxas e os gnomos celebram seus concílios, onde Belzebu festeja a noite dos bruxos e feiticeiros, depois de atravessar todas as covas desde as profundezas de sua fortaleza, para descer mais adiante com sua presa, rindo-se e caçoando dela!

Cavalgamos pelo interior da profunda garganta desprovida de saídas até chegar ao alto do castelo. Minha

escolta desceu de suas montarias, fez-me uma reverência e eu a remunerei generosamente metendo a mão na minha bolsa, enquanto os guardas do portal levantavam suas lanças para saudar-me. Depois avancei pela entrada pavimentada de pedra.

Assim mesmo atravessei o segundo posto da guarda, junto às escadas, sem nenhum tropeção. Quase desejava que me descobrissem, que me desmascarassem, que me jogassem dentro de uma escura prisão! Tudo seria preferível à terrível cena na qual o destino, sem misericórdia alguma, empurra diante do trono de Sua Santidade ao pobre William de Roebruk, vestido como um pavão enfeitado com um vermelho como o fogo.

Procurava desesperado a última oportunidade para fugir dali, mas não via mais que serviçais apressados por todo lado, diáconos que me saudavam com devoção, gente armada por todo lado. Como gostaria de escapular pela porta de algum desses aposentos, saltar pela janela em direção ao fosso do castelo, fechar-me em algum lugar onde o ser humano acode por necessidade...

Pela atividade desenfreada que via crescer a minha volta, percebi estar cada vez mais perto do sítio onde aconteceria minha execução. Foi então que se aproximou de mim um jovem dominicano de rosto pálido e espiritual.

— Perdoe meu atrevimento, Eminência, mas deverá já trocar suas roupas!

Eu estava tremendo; senti-me preso, tudo estava confuso em minha cabeça quando ouvi-me dizer, obedecendo sem dúvida ao diabo que se escondia naquelas vestes:

— Meu filho, devo ver o Santo Padre!

Estaria louco para brigar assim com meu destino? Minha sorte foi que o jovem dominicano não se deixou abater e sorriu condescendente, como que dizendo ser preciso ter paciência com os prelados, sobretudo quando ainda são jovens e tão corpulentos como eu, representante típico de uma prelazia sem mérito, que come desbragadamente!

— O Santo Padre o espera em roupas de viagem — disse com firmeza, e fez sinal a um pajem que se aproximava. — Leve o senhor cardeal a um aposento livre e busque roupa para ele — depois me olhou com olhar prático e acrescentou num ligeiro tom de compaixão: — Roupa adequada!

Deixou-me em mãos do pajem após se despedir com um gesto de cabeça, ao qual o pajem respondeu rapidamente:

— As suas ordens, frei Ascelino! — e abriu-me caminho. Quase aos empurrões, me fez entrar num gabinete onde não havia mais que uma cama e uma cadeira:

— Devemos apressar-nos, pois estão partindo!

Suspeitei estar diante de uma oportunidade única e peguei minha bolsa.

— Não seria possível trazer-me um hábito de franciscano? — Aqui temos de tudo, Eminência — guardou a moeda. — Na verdade, não poderia usar roupa ecli... ecli... eclesiástica — murmurou envergonhado. — É preciso mostrar um aspecto mundano...

— Se caio em mãos do dono deste mundo, serei reconhecido com qualquer roupa — consolei-o. — Por outro lado, meu desejo é apresentar-me diante do trono do meu Criador vestido com o hábito mais humilde! — terminei meu discurso com grande altivez e o rapaz, impressionado, saiu correndo.

Não podia acreditar ainda. Desfiz-me rapidamente da roupa vermelha, que joguei por terra. Mas também não quis ser mal-agradecido, pois aquela roupa tinha me transportado são e salvo até onde estava. De modo que voltei para pegá-la e a estendi sobre a cama com cuidado. Quem sabe algum dia poderá ser-me útil; embora, por outro lado, fosse preferível não deixar nenhuma pista. Abri a porta de um armário

embutido, de onde me chegou um cheiro de coisa podre e úmida que vinha de uma fenda na tábua da parte de trás do armário. A tábua podia ser movida para o lado... e se fosse uma passagem secreta?

Se não empreendesse agora mesmo a fuga, jamais poderia depois censurar meu Pai celestial. Sendo assim, tentei avançar vestido apenas de cueca, mas depois de uma curva comprovei que minha fuga se acabava, pois me achava diante de outra parede de madeira, possivelmente de um outro armário. Quando fiz menção de retornar, comecei a ouvir vozes.

— ... e mordeu a isca o vaidoso senhor de Cortona?

— Elia não tinha outra ambição a não ser satisfazer seu soberano, Eminência! — reconheci a voz do jovem dominicano que me seqüestrara no corredor, frei Ascelino! — Ficou entendido que nesta mesma noite, quando reine a mais profunda das escuridões, chegarão trezentos soldados turcos neste castelo para prender nosso senhor, o papa!

Eu suava abundantemente e estava em andamento uma conspiração contra o representante máximo da cristandade, e eu, William de Koebruk, um personagem que, na realidade, nem sequer convinha que existisse, preso entre o púrpura e a batina e no momento vestido apenas de cueca, além de preso entre dois armários, era a única testemunha e não podia intervir. De modo que não podia fazer outra coisa senão voltar antes que o pajem..., mas minha curiosidade foi maior.

— ... e quando chegará o mensageiro, que espero ver sangrando pelas feridas sofridas em combate, com essa notícia de Civitacastellana? — A voz do interpelante tinha um tom que me atravessava os ossos e eu já estava tremendo de medo de novo.

— Quando assim o quiser, Eminência — respondeu o dominicano.

Encostei o olho contra um buraco na parede, suspeitando que aquele talvez fosse o temível Capoccio, ou até o próprio "cardeal cinza". Meus dentes começaram a bater. Não via mais que uma mão que saía de uma manga e um pouco do perfil do frade magro que insinuava um beijo no anel.

— Espere, Anselmo de Longjumeau — reteve-o a voz do segundo. — O que há com esses infantes que o imperador germânico mandou salvar do Montségur?

Fez-se uma pausa prolongada antes de chegar a resposta, enquanto eu continuava suando: agora sim, o demônio me tinha em sua força bem amarrado! Comecei a tremer de frio.

— Não é certo que Frederico saiba alguma coisa disso — respondeu pensativo o dominicano. — O certo é que ali se apresentaram dois cavaleiros que lhe são fiéis: um da Ordem Teutônica, de Starkenberg, e um infiel a quem nosso máximo protetor da cristandade promoveu a cavaleiro por suas próprias mãos...

— Já sei — veio a voz do cardeal —, é o filho do vizir. Pena que não possamos fazer uso dessa informação nem agora nem aqui!

Julguei ouvir um suspiro. Para mim, ao contrário, aquelas palavras significaram um grande alívio. Ou seja, que estavam salvos, ao menos até o momento! E ninguém falava a meu respeito? Senti-me ofendido em meu orgulho, mas não soube se ficava com raiva ou se me alegrava. Aqueles que falavam por trás da parede do armário não davam a impressão de que lhes interessasse muito um pequeno franciscano que, ciente ou não do que fazia, tivesse participado de tão extraordinária conjuração contra a Igreja.

— O que me interessa não é sua procedência nem o caminho que tomaram, mas seu destino futuro. Por que se empenham tanto os franceses em resgatá-los?

A pausa que se seguiu me deu tempo de mergulhar de novo no medo pelo destino daquelas crianças que chamavam tanto a atenção daqueles sinistros personagens.

— Até o próprio Vito de Viterbo parece ter esquecido com que finalidade o tínhamos enviado à corte

de Paris. Comporta-se como se fosse um emissário do rei em missão especial! Só pensa nessas crianças! — Era evidente que o cardeal estava irritado.

— O rei Luís ignora o perigo que podem representar esses infantes para a estirpe dos Capet...

— *Poderiam, desde logo* — Sua Eminência permitiu-se, durante um instante, algum tipo de reação humana —, *mas não agora que vocês, canes Domini, conseguiram encontrar sua pista!*

— Por ora, a perdemos de novo. — Frei Ascelino formulou esta confissão no tom mais despreocupado possível. Fez-se silêncio por alguns instantes.

Depois escutaram batidas na porta.

— Interceptamos um enviado a Elia de Cortona....

— Dê-me — disse Ascelino, mas o cardeal parece que arrancou-a das mãos sem muitas contemplações; alguém abriu a porta do armário.

— *Deixemos para depois...* — e um rolo de pergaminho me bateu no peito.

Fiquei paralisado de susto, porque a luz que entrava me deixava quase cego, e temi ser descoberto ali mesmo.

— *Façam com que seja incluído na bagagem e que me seja apresentado mais adiante!* — ordenou Sua Eminência, ao que parece com outros problemas, e a porta do armário fechou-se com força.

O cardeal parecia ter recuperado seu ar inacessível e sua voz, o tom gelado de antes.

— *Vejo que o imperador não sabe de nada; o rei não sabe nada de nada; o papa não sabe de nada, ao menos segundo as informações de que disponho, e meu serviço secreto parece tão desocupado que inventa uma conspiração da qual nem sequer...*

— Perdoe, Eminência, existem ainda outros poderes...

— *... peça-lhe que agora não perca a cabeça pensando neles, Anselmo de Longjumeau* — interrompeu-lhe com aspereza a fria voz do cardeal —, *e que se dedique finalmente àquelas tarefas que neste momento são mais urgentes!*

Silêncio, passos, uma porta que se fecha.

Eu estava ali, de cueca, e me sentia possuído por todos os demônios. Tudo indicava que o ministro-geral de minha ordem, Elia, fora destituído, e estava ameaçado pela excomunhão, embora continuasse sendo importante... E se eu me dirigisse a ele? Tal manuscrito do qual certamente ele daria por falta poderia servir para eu conquistar seu afeto. Apalpei o escuro armário buscando o rolo de pergaminho com o cuidado que se coloca em tocar uma serpente venenosa, e em seguida reuni todas as minhas forças e guardei-o na cueca, pois não tinha onde escondê-lo. Se fosse descoberto, estaria perdido de todo; estaria garantida a corda que me colocariam no pescoço para eu não poder cair inteiramente no vazio. E que importância teria, nesse caso, que me enforcassem como espião ou como ladrão? Além disso, que importância poderia ter um simples furto numa situação como esta!

Voltei correndo ao quarto e me joguei na cama justo quando o pajem entrava esbaforido:

- Encontrei uma batina preta, não há nenhuma marrom de seu tamanho, mas não tem importância!

Podia não ter para ele. Eu não sabia se teria ou não, só que não devia permitir que ele percebesse isto. Assim sendo, vesti o hábito de beneditino.

— Espere aqui até que venham buscá-lo — disse o rapaz, e fechou a porta.

William de Roebrok na ante-sala do papa. Seria isto um piscar de olhos do destino? Seria conveniente,

talvez, contar-lhe minha história, aliviando assim minha consciência? Poderia ele libertar-me de minhas dúvidas? Em tuas mãos coloco meu destino... Sim, esse era o caminho que eu teria de percorrer, com esse propósito me pusera o Senhor nessa encruzilhada. Os caminhos do Senhor são inescrutáveis, mas seguirei suas indicações, agora, aqui, neste momento. Não seria minha obrigação advertir o Santo Padre de que outros tramavam na sua ausência? Que o Senhor me ilumine e me proteja, e a Ele obedecerei!

Abri a porta com precaução e deslizei pelo corredor. O alvoroço que agitara antes o castelo já cessara, e uma estranha tensão pesava no ambiente, como costuma acontecer antes de uma tempestade. Também minha alma exigia uma purificação! Sempre tinha sonhado em ver o Santo Padre em aposentos altos e luminosos, com as paredes cobertas de valiosos tapetes que seriam as testemunhas da história magnífica da Igreja e de seus mártires, os tetos cobertos com afrescos de colorido alegre, com cenas do poder celestial e da glória. Ao contrário, via-me agora num cruzamento de corredores escuros nos quais apenas irrompia um raio de sol, e os primeiros aposentos os quais atravesssei com passo hesitante eram austeros e careciam de qualquer adorno, inclusive tinham um certo ar de abandono. O mesmo contingente de guardas, que a um momento atrás me apresentara suas honrarias não é que agora me fechava o passo, e o oficial mandou que revistassem minhas roupas à procura de armas. O rolo de pergaminho que levava na cueca resistiu à prova; não me ardia sob a pele, parecendo mais um pedaço de gelo colocado ali onde meu membro costumava ocupar seu devido lugar.

Fui levado como um prisioneiro a aposentos provisoriamente preparados para despachos. Com as roupas de cardeal, atravessaria-os de cabeça erguida, ou com a cabeça baixa e concentrado na meditação!

Nunca imaginaria que fosse assim a ante-sala que conduz ao trono de Sua Santidade: uma chaminé velha, onde pedaços de lenha úmida expeliam uma fumaça azulada para o interior do aposento; soldados jogando dados a um canto, e no centro, como que formando uma barreira, uma grande mesa de carvalho coberta de manchas de gordura, poças de vinho tinto e migalhas de pão, atrás da qual o secretário perguntou com ar condescendente o que eu queria ali, sem dirigir-me sequer o olhar. Não tive palavras.

— Quem o convocou? — perguntou, aborrecido, depois de me dirigir um breve convite expresso nestes termos: — O próximo!

— Minha alma está confusa — respondi sem fugir da verdade; ele me lançou um breve olhar de desaprovação.

— Não é estranho nesta casa de loucos — brincou outro escriba, saindo apressadamente, com os braços cheios de rolos de pergaminho. Lançou-me um sorriso alentador.

— Preciso de ajuda... — continuei minha espontânea declaração.

— Por todos os santos! Este não é o momento de apresentar solicitações! — Sussurrou um prelado magrinho no ouvido do secretário antes de desaparecer pela porta aberta que conduzia aos demais aposentos. A estes mesmos aposentos seria permitida minha entrada, uma vez atravessado o Purgatório. Em minha ingenuidade, imaginara que seria conduzido sem mais nem menos diante do Santo Padre e que este, logo que me visse, deixaria o trono e mandaria que o monge de Koebruk, ajoelhado diante dele, se levantasse, enquanto pronunciaria qualquer coisa, como: "Finalmente você veio!" E acrescentaria: "Explique-nos, William, o que pesa em tua alma!" Estava redondamente enganado, se pensava assim. E além do mais, como me reconheceria o Santo Padre se eu sequer vestia a batina marrom dos franciscanos?

O secretário tamborilou com os dedos sobre a tábua da mesa, arrancando-me dos sonhos.

—Tenho de saber o que se passa com essas crianças — sussurrei-lhe, em desespero. — Tive um estranho encontro, que só posso confiar ao Santo Padre, quero confessar-me com ele!

Alguns dos presentes viraram os olhos para olhar o teto enegrecido, outros pareciam morrer de rir. O secretário, ao contrário, parecia estar acostumado a lidar com pássaros perdidos.

— O Santo Padre está numa reunião importante — esclareceu a mim, monge despistado, com uma entonação de amável rotina. — Se puder colocar por escrito seu pedido, descrevendo exatamente a visão que teve, assim como os prejuízos sofridos até o momento por dita causa, o submeteremos à Sua Santidade! — Com estas palavras pensava que tinha me despachado.

Mas não contava com minha teimosia flamenga.

— São de carne e osso — indignei-me, levantando a voz —, e tenho de dizê-lo ao próprio papa — as últimas palavras terminaram num sussurro, pois eu mesmo me assustara com meu atrevimento.

Do aposento ao lado, de trás da porta, chega uma voz que reconheci como a de frei Ascelino:

— Que notícias traz?

O secretário respondeu aos gritos:

— Urgentes e secretas!

Insistiu:

— Está ferido?

O secretário olhou incrédulo para minhas mãos e pés, como se esperasse descobrir neles as chagas de Cristo. Mostrei-lhe, sorridente, a palma de minhas mãos.

— Não, está inteiro.

— Pois expulse-o a pontapés!

Adiantei-me a tal pretensão, e antes que alguém pudesse me agarrar, saí correndo daquele aposento cheio de indivíduos presunçosos e até perigosos. Na porta quase tive um encontrão com um mensageiro que sangrava no peito e no braço, levava um colete de couro estraçalhado e ia seguido de um grupo de soldados nervosos que não sabiam se o ajudavam ou se o impediam de entrar, e que a duras penas lhe abriu caminho em direção à ante-sala de audiências.

— Traição, traição! — gemia o mensageiro. — O imperador!

O secretário pôs-se de pé de um salto:

— Detenham-no!

Pensei que estava referindo-se a mim e, impulsionado pelo pânico, atravessei os corredores, desci as escadas e irrompi detrás dos confusos guardas, que se ocupavam de fechar os pesados batentes dos portais.

Assim, escapei daquele castelo dos demônios! Quem me mandou meter-me nesse covil? Resvalei pelas pedras, tropecei na raiz de uma árvore, senti a cabeça afogueada e fiquei jogado por terra quase sem sentidos.

Lembrei-me da cabana da "Loba", da pancada, das chamas que subiam para o céu! O barulho de cascos e de armaduras me fez retornar à realidade. Tinha diante de mim uma árvore e desenvolvi uma agilidade inesperada levando em conta meu corpanzil, pois subi nos galhos, reprimindo os gemidos. Só quando me vi a salvo do olhar dos perseguidores, muito acima do chão, parei para pensar. O Diabo o persegue, William, porém mais uma vez você conseguiu escapar de suas garras! A respiração me faltava quando percebi que a noite chegava e que as folhas envolviam-me delicadamente. Senhor, eu Lhe agradeço!

Confiado Nele, subi pela ramagem até poder olhar além da amurada. Em todas as janelas do castelo viam-se luzes, movimentos de faróis e sombras, ouviam-se gritos e ordens, inclusive lamentos. Minha

fantasia me ajudou a imaginar o aposento do papae como os camareiros se esforçariam para ajudar Inocêncio a vestir-se, como o cardeal Rainiero insistiria na ante-sala para que se apressassem e como seu cão de guarda, Ascelino, atravessaria ofegante os corredores e os aposentos reunindo meus colegas fantasiados. Também o papa não se vestiria com grande pompa, apenas usaria roupa de simples viajante. Seus cardeais e prelados rodeariam-no, todos como ele em roupas discretas, e a não ser por uma ou outra valiosa espada que assomasse por aqui ou por ali, ou pelos anéis que levavam no dedo, podiam ser confundidos com um grupo de caçadores que de vez em quando se reúnem. No pátio do castelo, os cavalos esperavam impacientes, bufando e coçando-se entre as pedras. Nas ameias tinham-se postado os arqueiros. Apenas me atrevi a respirar, pois qualquer barulho que ouvissem faria com que me transformassem num são Sebastião antes de ter pisado em terra novamente.

Abriu-se o portal; saiu um grupo, e depois a guarda armada. Ali onde o redemoinho era mais denso e os escudos mais altos, tinha de estar ele — o coitado do papa nas mãos do Diabo! Onde levariam-no desta vez?

O redemoinho infernal se introduziu com grande ruído de ferraduras e de armas na escuridão da noite. À distância, as últimas tochas reluzentes eram como bichinhos de luz. Os arqueiros desceram das muralhas sem deixar de fazer brincadeiras.

"O demônio está levando nosso papa!" Ainda não sei como, mas foi assim.

Uma vez fechado o portal, também eu me atrevi a descer de meu esconderijo e saí para caminhar sem saber aonde ia.

Cruz Entre Duas Fugas

Civitavecchia, verão de 1244

O barco que os conduzia de Marselha pelo mar Tirreno levava uma tripulação composta de seis homens intrépidos, e assim os três cavaleiros e seus cavalos completavam a carga que estava em sua máxima capacidade, sem contar as crianças, embora elas quase não constituíssem um peso. Mas era uma embarcação antiga, e quando atracaram na ilha de Elba para abastecer-se pela última vez de água potável e alimentos, Crean de Bourivan fez com que a revestissem uma vez mais com breu e resina, pois o porto de Civitavecchia ficava ainda bastante longe, ao sul. A tripulação estrangeira estava sob o comando de um certo capitão Ruiz, e até o momento não havia se rebelado, pois prometeram a eles um pagamento tão generoso para entregar seus passageiros no lugar combinado, que após aquela viagem cada um poderia comprar um barco para si, e o capitão, mais três, embora afirmassem que o ouro não era o mais importante para eles e sim o cumprimento da missão. Diziam ser procedentes de *al Andalus*, e falavam entre si num dialeto salpicado de sons gregos que só Crean, a duras penas, entendia, graças ao tempo em que permaneceu na Acaia. Por outro lado, ele era seu interlocutor direto, o que indicava que aqueles homens de algum modo pertenciam tanto quanto ele à ampla rede da irmandade de corsários góticos que se estendia por todo o Mediterrâneo. Pareciam não conhecer o medo, embora tomassem muitas precauções e procurassem não topar com outras embarcações genovesas ou pisanas.

Na altura do monte de Plata, que avança em direção ao mar, embora não tivesse descoberto nenhum fio de água na nave, perceberam que a água que vinha pela quilha subia de nível, e foi preciso começar a tirá-la com bacias. As crianças não pareciam sentir medo: brincavam de esconder entre os cavalos, dos quais pareciam gostar muito, e participavam alegremente com seus pratos de comida da difícil tarefa dos marinheiros de recolher água e devolvê-la ao mar. Mas a poça no barco aumentava incessantemente, razão pela qual Ruiz girou o timão em direção à costa. Era meio-dia e um vento favorável levou-os em linha oblíqua a uma praia.

— Lá em cima fica Tarquínia — avisou Ruiz. — Só faltam poucas milhas, e talvez...

— Não vamos conseguir — respondeu Sigbert. - Temos de descer a terra.

Crean refletiu um instante.

— Deitem os cavalos e cubram-nos com redes antes que possam nos ver da margem!

Ruiz acrescentou:

— Nesse caso, será melhor recolher as velas e pescar ao menos com uma rede, pois qualquer outro detalhe chamaria a atenção. — E fizeram segundo seu conselho.

Para Roç e a pequena Yeza foi uma experiência especialmente emocionante, pois finalmente podiam ver os grandes olhos dos cavalos de perto, observar suas narinas, meter-lhes plantas na boca e brincar em cima de seus corpos vigorosos, aproveitando-se do fato de os adultos não poderem prestar atenção no que estavam fazendo. Esconderam-se com os cavalos debaixo da rede e consolavam-nos acariciando e tocando seus corpos nervosos debaixo do pêlo liso, tentando manter calmos seus agitados rabos.

— Cuidado com as ferraduras! — advertiu-lhes Constâncio, e Roç respondeu ofendido:

— Não lhes faremos mal!

— Escondam-se de uma vez e fiquem quietos! — exclamou Crean.

O barco foi se aproximando, então, avançando com a força dos remos, arrastando uma rede atrás, até que se pôde ver a costa, e o que se viu nela fez com que eles parassem imediatamente. Vários grupos de soldados percorriam toda a extensão da costa numa e noutra direção: cada vez que se imaginava que a praia se esvaziaria, um novo grupo de exploradores aparecia nas colinas, como se estivessem à espera de algo: de um ataque inimigo, que não viria do mar, mas da terra.

— Excessivas honras para nós! — grunhiu Sigbert que, enquanto dois tripulantes seguravam a rede, permanecia junto de Constâncio, ajudando a tirar a água.

— Deus queira que não pesquemos nada agora — brincou Constâncio —, porque esta gôndola afundaria de vez! — Não havia perigo, já que também Ruiz e seus homens não pareciam possuir bastante experiência nas atividades de pesca.

— Um de nós tem de aproximar-se da terra e chegar até Civitavecchia para falar com nossos aliados — disse Crean. — Quem sabe o que está acontecendo lá. Tanta milícia não é bom sinal.

— Nadarei até a terra. — Sigbert já estava tirando a camisa. — Vou levar linguados e percas para vender no mercado...

— Por Alá! Os pescadores de verdade vão lhe mostrar logo sua afeição... - caçou Constâncio. — Além disso, basta você abrir a boca para que reconheçam-no como alemão, e os cavaleiros que vimos são tropas do papa...

— Pois você, "falcão vermelho", ainda faria pior, porque qualquer um suspeitaria logo que é um espião, e se não o enforcam, causará consideráveis problemas ao imperador se não o prenderem. Irei eu mesmo!

— Crean era, afinal, o guia daquela empresa e deveria poder escolher. - Quando cair a noite, aproximem-se a mil pés do farol; lá os recolherei em outra embarcação.

— Espero que não — opinou o jovem emir, que continuava com vontade de brincar. — Espero que até então possamos manter a nossa embarcação flutuando!

— Pois não deixem de tirar a água! — respondeu Crean, e saltou no mar. Muito rapidamente lhes foi impossível distinguir a cabeça do nadador à contra luz do sol, que estava no seu ocaso.

— É perigoso afogar-se? — perguntou a pequena Yeza ao cavaleiro da Ordem Teutônica.

— Só se engolir água demais — a consolou o velho com um grunhido, acariciando a loura cabeleira da menina.

Todos os homens concentravam-se em tirar a água. Ruiz assou os primeiros peixes que caíram na rede, depois de vencer os protestos de Roç, que considerou que matar uns peixes tão vivazes com uma pancada e um facão e assá-los depois na grelha era difícil de suportar, pois era muito sensível. Negou-se a participar da comida. Só quando Yeza, mais compreensiva, começou a colocar-lhe na boca os apetitosos pedacinhos de peixe assado, ele concordou em comê-los.

De novo tinham se distanciado da costa e dirigiam-se agora para o sul.

No porto a vida transcorria normalmente, mas aos habitantes não se lhes tinha escapado a presença de soldados que se aproximavam das muralhas e voltavam a desaparecer, como se quisessem certificar-se da resistência de sua defesa antes de começar um ataque. Estavam convencidos de que Civitavecchia continuava firmemente nas mãos do papa, que tinha suas boas razões para não afrouxar o controle, já que o porto de Óstia, mais próximo a Roma, estava sempre sujeito aos caprichos dos munícipes romanos, e estes nunca foram muito amigos do papa. Principalmente depois que Inocência se dirigiu para o Lácio, no

norte, a Cúria utilizava o antigo porto etrusco como elo principal de comunicações para suas viagens.

Pela manhã, havia atracado um veleiro procedente de Beirute, que trazia da Terra Santa, dois importantes dignitários da Igreja. Embora o comandante do porto tenha comunicado que eles podiam esperar ali a chegada do Santo Padre, que viria logo, eles insistiram em ser escoltados até Civitacastellana, porque sabiam de fonte segura que Inocêncio lá se encontrava.

Sua urgência em entrevistar-se com o Santo Padre não lhes impediu, no entanto, de exigir na taverna do porto uma degustação do vinho da Toscana, o que por sua vez estimulou o patriotismo local do taberneiro. Este lhes ofereceu, por conta da casa, o melhor vinho de que dispunha, e beberam a ponto de depois precisarem ser ajudados a subir nos cavalos e serem amarrados para não cair.

Depois de abandonarem o lugar, balançando nas selas e acompanhados por risadinhas de todo tipo, os hóspedes souberam pelos marinheiros da terrível desgraça ocorrida na Terra Santa, um relato que os fez estremecer.

Quem melhor sabia contar a história era o contramestre. Sua pele era negra como o breu e tinha um pequeno brinco de ouro em uma das narinas, mais outro brinco enorme na orelha direita. Faltava-lhe a esquerda.

— Os jorezmos — começou, e a palavra rodopiou como um som de mau augúrio sobre sua língua —, uma tribo de selvagens, em sua fuga diante dos tártaros, ainda mais temíveis — mastigou as palavras como se fossem carne crua —, invadiram a Síria. Acharam Damasco muito bem defendida, de modo que, de repente, se dirigiram contra Jerusalém, onde todos dormiam apaziguadamente e sem suspeitar de nada — girou os olhos em suas órbitas até não se lhes ver mais que o branco —, surpreenderam a guarda — e explicou, passando a mão plana pela garganta, o que acontecera com aqueles coitados —, abriram os portais, violaram as freiras, massacraram os sacerdotes, e todos aqueles que não puderam refugiar-se na cidadela, e tudo isto quase sem apear-se de seus rápidos cavalos. Como se diz, foi a todo galope! — O estalajadeiro ofereceu ao narrador e a seus amigos uma nova rodada de bebida. O marinheiro prosseguiu, deleitando-se com o seu relato. — Na falta de um exército cristão, o comandante da cidade pediu ajuda a seus vizinhos muçulmanos...

— Que vergonha! — exclamaram todos. — E onde ficam nossos cavaleiros cruzados? — Os protestos dos ouvintes se converteram em indignação ao ouvirem a notícia da solicitude de ajuda aos infieis. O contramestre pediu silêncio.

— Os muçulmanos não quiseram defender os cristãos, mas conseguiram que a população civil da cidade pudesse refugiar-se e buscar salvação na torre de Davi. Os judeus não se fiaram na paz, e não quiseram retirar-se. Seis mil cristãos marcharam confiantes até Jafa, ou Yafo, como nós dizemos. Bem, e que querem que lhes diga? Chegaram vivos trezentos!

Neste momento ouviu-se uma gritaria de raiva, indignação e desconsolo: "Jerusalém, perdida?" "Sim, perdida definitivamente." "O Santo Sepulcro já não é mais que um monte de ruínas!" "Deus, perdoe-nos nossa culpa!" "Ah! Sião amada!" Muitos choravam.

Sem poder conter as lágrimas, o estalajadeiro enchia mais os copos dos marinheiros. Todos eles derramaram lágrimas ardentes; os lamentos e as queixas atravessaram as paredes da taberna e se estenderam como os braços de um polvo invisível pelas travessas e ruelas da cidade.

Um ponto diminuto destacava-se no mar resplandecente: o barquinho de Marselha que levava as crianças a bordo. Sob o comando de Sigbert, o gigantesco cavaleiro teutônico, a tripulação continuava tirando a água sem descanso, mas as tábuas podres deixavam passar novas torrentes de água e ameaçavam ceder.

— Logo não teremos outra escolha senão a boca do lobo e a garganta dos tubarões — tentava brincar Constâncio, para que aquele ambiente carregado de tristeza não se transformasse em desespero.

— Ou virá um barco para salvar-nos de todos os males... — replicou Sibbert, sonhando de olhos abertos, e apontou o mar, onde, no sul, via-se despontar uma vela no horizonte. E não apenas uma, mas várias! Os panos se enchiam com o vento e mantinham o rumo na direção do barquinho; viam-se claramente as cruzeiras brancas sobre o tecido de cor marrom-avermelhada.

— A frota genovesa! — gritou Sigbert, furioso. — Não façam sinais, deem os cavalos no chão!

Era mais fácil ordenar do que fazer cumprir, pois os animais já estavam cansados de se deitar meio que na água, e resistiam. Constâncio obrigou-os, então, a deitarem-se novamente, e as crianças se sentaram entre as cabeças dos cavalos para acariciá-los, excedendo-se em carinhos para lhes infundir confiança, enquanto os marinheiros estendiam novamente uma rede sobre eles. Ruiz lançou outra rede na água e desviou a embarcação do rumo normalmente utilizado pelas grandes naveas. Estas foram se aproximando do porto de Civitavecchia.

Surpreendendo a todos, a rede encheu-se rapidamente, e assim Sigbert, para não gerar suspeitas, ordenou que a içassem a bordo. O interior da barcaça, já sobrecarregada pelo peso dos cavalos e da água que entrava, encheu-se com um cardume de peixes prateados que vibravam e pulavam, mas a abundante pescaria fez com que o segredo da embarcação ficasse oculto aos genoveses, que passavam bem próximos. Os homens acenavam e Sigbert, Constâncio e os marseheses, todos com o dorso nu, agitavam alegremente as mãos.

— A água com todos os peixes! — gritou Constâncio, logo que a frota se afastou. — Ou afundamos! — e começou a jogar a preciosa carga novamente ao mar, exceto uns peixinhos que Roç e Yeza quiseram proteger deixando-os vivos na poça profunda junto à quina do barco.

Novamente, todos começaram a utilizar as bacias para esvaziar o barco, mas o nível da água, em vez de descer, subia, e continuaram numa angustiante espera de que a escuridão caísse para que não fossem vistos.

O papa Inocência IV e seu séquito, no qual se encontrava o cardeal Rainiero de Capoccio, haviam cavalgado em bom ritmo durante toda a noite, e inclusive no dia seguinte, quase sem descansar; somente quando apertou o calor do meio-dia, refrescaram-se rapidamente numa terma romana da cordilheira de Tolfa, e deste modo chegaram à noite ao porto reforçado de Civitavecchia.

AH os esperava Vito de Viterbo com a vistosa frota genovesa que tinha trazido de Roma. Eram vinte e três galeras, cada uma equipada com mais de cem remadores e um número incontável de tropas armadas.

Mas em lugar do alegre entusiasmo que Sua Santidade esperava encontrar na população, a quem imaginava feliz diante da inesperada visita, encontrou Civitavecchia deprimida e triste pela perda de Jerusalém. De certa forma, suspeitou também que reinava uma secreta revolta, pois se não fosse pela disputa infeliz entre Frederico e a Cúria, o imperador podia ter agido há muito tempo na Terra Santa, evitando aquela terrível derrota para a cristandade. Estes eram os sentimentos da gente simples, que sofria com os acontecimentos. Em contraposição, as forças vivas da cidade, e até a delegação dos genoveses recém-chegados, com o almirante à frente, consideraram não ter acontecido mais do que um inconveniente estúpido que não lhes impediria de celebrar a chegada do Santo Padre com uma festa e um banquete. No entanto, Inocência possuía o dom de intuir os desejos e temores de seu povo. Celebrou uma missa ao ar livre, em cujo transcurso lamentou com amargas palavras a perda dos Lugares Sagrados, e jurou solenemente que os recuperaria.

O cardeal Rainiero jogou cinzas sobre sua cabeça, *coram publico*, e junto ao papa, embora secretamente desejasse que se danasse a cidade de Jerusalém, geradora de tantas lamentações, quando o pior da situação era, sem dúvida, a maligna perseguição que sofria a Igreja por parte do imperador germânico, esse *incubus* da cristandade. Logo ao se levantar enxugou as lágrimas e sacudiu as cinzas, chamando imediatamente à sua presença Vito de Viterbo. Por muito que tivesse se perdido em Jerusalém, ali estava ele para decidir o destino da *Ecclesia romana!*

O cardeal recebeu o seu "magarefe" — como costumavam dizer as más-línguas do castelo ao comentar a estranha relação, ou melhor, a desproporção existente entre uma cabeça inteligente e uma mão brutal — entre os muros ameaçados da fortaleza portuária. Preferia não ser visto com Vito em público.

— Minha boa estrela! — cumprimentou Capoccio a seu esbirro, que subia mal-humorado as escadas; uma acolhida na qual Vito caía sempre outra vez como numa armadilha, possivelmente se apoiando na oculta esperança de que aquele homem abraçado ao poder, frio como o aço, mostrasse alguma vez algo de carinho por sua pessoa. Mas a realidade era que o todo-poderoso não via nele outra coisa senão uma espécie de garrote com pontas de ferro que em certas ocasiões podia lhe ser útil.

— A numerosa tropa está se divertindo no porto — repreendeu-o com voz cortante o cardeal — em lugar de formar um cordão armado em volta da cidade!

— Os muros nos protegem... — tentou defender-se Vito, mas o cardeal lhe tirou rapidamente a palavra:

— ... os muros não serão obstáculo especial para o imperador quando ele souber da fuga de Inocêncio!

— E por que o imperador iria impedir-lhe a fuga? O Anticristo explodirá de alegria!

— Vito! — O cardeal olhou-o surpreso, como sempre fazia ao se deparar com uma atitude que, segundo ele, revelava a profunda ignorância de Viterbo. — O imperador não quer tirar o papa, e sim mantê-lo em sua sede em Roma, mas que o seja pela graça de Frederico, fazendo jus a seu papel de sacerdote supremo do Sagrado Império Romano, nem mais nem menos! Deseja um papa obediente e ao serviço do imperador germânico! — retrucou Capoccio com sarcasmo.

-Acho que seria capaz de assassiná-lo! — resmungou Vito, indignado. — Inocêncio, perdão, o Santo Padre, não estaria nem um minuto seguro de sua vida!

—Vejo que não entende nenhum dos dois: ao germânico não interessa um papa morto, pois o substituto poderia ser mais renitente ainda! O imperador quer um boneco coroado com a tiara e sentado na cadeira de São Pedro, não um mártir exilado que possa incitar a revolta!

— E o que quer o papa?

Capoccio não respondeu. Pela escada apareceu Anselmo de Longjumeau.

— Frei Ascelino! — exclamou o cardeal com benevolência e possivelmente também com alívio; ele apreciava a ambição e o brilhantismo do jovem dominicano. — Venha e conceda ao senhor de Viterbo um quarto de hora de instrução sobre o conflito de interesses entre a Igreja e o Império, vamos!

Recuou sentando-se entre as ameias, enquanto o dominicano se inclinava diante de Vito com um gesto exagerado de cortesia.

— O papado — começou a pontificar — tem de livrar-se do abraço germânico, que, chegando pelo norte, estendeu seus limites até Tuscia e Spoleto, enquanto no sul continua brotando a erva má do reino normando, cujo crescimento selvagem já afoga Gaeta. — Ascelino pigarreou e observou Vito, que ouvia o discurso com a cabeça baixa, como o faria um boi.

— Se quisermos conservar o patrimônio tradicional da Igreja, será preciso abrir uma dessas duas tenazes que o ameaçam, e melhor ainda se abirmos as duas! Não há possibilidade de acordo com os

imperadores germânicos: são ambiciosos demais e tiveram suficiente êxito para apreciar o mel do triunfo...

Aqui de novo interveio o cardeal enquanto seus olhos iam e vinham, pensativos, entre Vito e seu instrutor, ou cruzavam pelo porto e o mar:

— Quer dizer, quando é impossível podar uma árvore, é preciso arrancá-la antes que suas raízes destruam os muros de nossa pobre Igreja!

— Suponhamos que o Grande Jardineiro o consiga — disse Vito para adulá-los —, mas o que aconteceria ao jardim da Europa, onde as plantas crescem desordenadamente?

— Um galho ficará na Sicília: outro talvez vá depois a Nápoles, uma terra que nós podemos cuidar e manter limpa — sorriu frei Ascelino —, e uma sebe impenetrável de cidades livres na Lombardia significará para nós que, por muito que do outro lado dos Alpes qualquer descendente de um tronco selvagem pretenda ser rei, isto não nos preocupará; e se aspira à dignidade de imperador, terá de concordar com uma boa poda e apresentar-se em Roma levando como donativo um cesto de frutas seletas para inclinar-se diante da mais bela e esplêndida de todas as flores...

— Não posso imaginar Frederico adotando uma postura tão humilde — atreveu-se a intervir Vito, mas um olhar cruel do cardeal fez com que ele se calasse de novo.

— Os gatos mijarão em suas raízes! — a voz do jovem dominicano adquiriu um tom esganiçado. — Os pulgões comerão seus brotos! As lagartas e outros insetos estragarão as suas folhas, os pássaros do céu bicarão seus frutos e os animais selvagens irromperão entre seus galhos! E de noite...

— ... você vai serrar o tronco? — indagou Vito, em tom de galhofa.

— Acho que você, Vito de Viterbo, é que seria capaz de uma ação tão desagradável — corrigiu com frieza o cardeal que, da amurada, não tinha deixado de vigiá-los. - Mas ainda não soou a hora da justiça.

Ascelino prosseguiu, excitado:

— E por essa razão estamos obrigados a transplantar o símbolo da pureza e da bondade celestial, a Rosa Cristã de Roma ao jardim protegido do devoto Luís durante um breve tempo.

— Apressem-se, pois — o interrompeu, impaciente, o cardeal enquanto abandonava seu posto na amurada —, e vejam como podemos realizar esse transplante antes que o germânico...

— Seu exército descansa uma vez mais da derrota sofrida diante de nossa heróica Viterbo! — interveio Vito, desejoso de não se deixar amedrontar.

— Melhor dizer que até o momento preferiu não atacar para não prejudicar as negociações — suspirou o cardeal, desistindo de prosseguir, mas também por perceber que Vito jamais seria um estrategista útil para demonstrar compaixão com a cidade materna de ambos.

— Se seguir a estrada perfeitamente pavimentada de Tarquínia, Frederico poderá chegar aqui mais rápido do que queremos. Na realidade, isto é o que queria dizer-lhes — o dominicano terminou seu discurso, beijou o anel do cardeal e caminhou em direção à escada, fazendo antes uma rápida reverência na direção de Vito.

A altura de Vito superava em uma cabeça a do cardeal e, no entanto, pareciam irmãos, só que as feições do primeiro eram mais rudes, mais primitivas. Postou-se diante do autoritário Capoccio com ar de aluno repreendido.

— Sim, pai, farei o que...

— Não me chame de pai, mesmo que estejamos a sós! É um mau hábito, que leva implícita a lembrança

de um deslize!

Mas a reprimenda não fez mais que despertar ebulição no próprio sangue.

— Eminência — Vito falou resmungando —, espero poder dedicar-lhe algum dia, que espero não estar muito longe, o título de "Santo Pai". Até lá terá de conformar-se apenas com "pai" quando estejamos a sós. A verdade é que com isso pretendo honrar minha mãe!

—Você é tão teimoso quanto ela! — riu o cardeal. — Só que em lugar de palha você tem muitos passarinhos na cabeça. Vamos, ao trabalho! Vito agora parecia um touro irritado. Como odiava seu pai! Não apenas porque este se recusava a reconhecer nele seu próprio filho, o que não teria sido tão difícil assim, mas porque além disso aproveitava a situação de consangüinidade para continuar tratando o filho, que já passara dos quarenta, como a um rapaz camponês qualquer, como a um servo inculto.

Do salão de festas ouviram uma voz que parecia ligeiramente embriagada: "A alma voa como um pássaro/ que fugiu do laço do caçador/ rompeu as amarras!"

— Celebram sua fuga como se fosse uma vitória! — observou Vito, com amargura. — Não se mostrariam tão alegres se soubessem quem é o vencedor!

Mas aquele a quem se destinava a frase fingiu não ouvir nada. Era incrível que alguém fosse tão estúpido a ponto de pronunciar semelhantes bobagens: o mais provável é que não vivesse muito. De qualquer forma, não chegaria nunca a alcançar alguma posição. Era lamentável, mas era assim!

Depois, Capoccio dirigiu-se de novo, com ar de desgosto, a seu filho bastardo, sentindo-se possuído pela ira:

— O que você ainda faz aqui? Espera que eu o expulso?

— Seria muito melhor que expulsasse esses senhores — respondeu-lhe Vito com insolência. — Com sua posição, tem o dever de dar por terminada a festa, já que o perigo espreita lá fora, no mar. E cresce a cada minuto que passamos aqui, conversando. A frota dos pisanos tem prática em recolher peixes-cardeais em suas redes sem que lhes faça falta uma ordem do imperador para animá-los a fazê-lo!

— Quem não possui cabeça deve ter pés. Tem razão, meu filho — Capoccio dirigiu o olhar para o porto. — E que pesca tão extraordinária! Não somente o único almirante de Gênova ficará preso na rede, com as guelras agitando-se — a imagem parecia causar satisfação ao cardeal, embora a reprimisse —, como até um vigário de são Pedro, único exemplar de presença e atrativos impressionantes, agita-se nas redes! Mas não, hoje ainda não, assim não! Não deveria pensar isso, nem dizê-lo!

Como se Vito adivinhasse suas traiçoeiras reflexões, pois era sabido que, na Cúria, cada peixe espreitava para comer outro menor que tivesse pela frente, ocorreu-lhe pensar que também a si próprio lhe assentaria bem a púrpura. Embora sua entrada naquele aquário de *papábiles* dependesse, no momento, de seu ambicioso pai poder permanecer ainda durante bastante tempo como vigia das carpas e que não tivesse de defender-se das mordidas ávidas dos que vinham mais atrás.

Restaurando, pois, a relação hierárquica, comentou:

— Eminência, proponho que para desviar os eventuais ataques procedentes do mar saiam todos os barcos de pesca com a ordem de acompanhar as galeras genovesas até alto-mar. Uma vez lá, dificilmente será possível aos pisanos descobrir à noite uma frota que se afaste; por outro lado, para se enfrentarem com ela, precisariam de rigorosamente todas as suas embarcações.

— Suponho que não esteja esperando algum elogio, filho, embora sinta orgulho de vê-lo assim determinado. Comece a trabalhar, Vito, que já é hora! — O cardeal estendeu-lhe a mão para o beijo cerimonioso e Vito de Viterbo mergulhou na escuridão.

O banquete chegara ao fim; os soldados formavam um duplo cordão em volta do porto e da cidade e já não deixavam ninguém entrar. Alguns tiraram os pescadores das camas apesar das muitas reclamações de suas mulheres, que temiam o pior; os mais reticentes foram levados debaixo de socos e tapas até os barcos e foram obrigados a se preparar para sair ao mar. Pouco depois, o papa dirigiu-se, em companhia do almirante, à galera deste, enquanto os cardeais se distribuía pelas outras naves. A esquadra partiu. De fato, em meio à confusão de barcos pesqueiros que rodeavam-nas, as galeras genovesas dificilmente seriam reconhecidas. Os marinheiros içaram mais de cem velas, e milhares de remos começaram a provocar uma grande agitação de ondas na baía do porto. A vistosa frota deslizou com rapidez em direção às águas noturnas.

—Vamos dormir — o cardeal observara a manobra com grande satisfação. — Quer dizer, eu vou dormir, você vigiará!

Vito não esperava outra coisa:

— Dia e noite!

— Acorde-me quando for preciso!

— Só o acordarei se o próprio imperador aparecer, Eminência, pois lhe desejo o melhor dos descansos!

Os pescadores, depois que os genoveses se afastaram, recolheram suas velas e jogaram as redes. E como se o Santo Padre, que naquele momento fugia através do mar, os tivesse feito partícipes de uma bênção especial, conseguiram uma rica pesca.

Em meio à confusão e à sorte de poder recolher redes tão cheias, ninguém se preocupou com a estranha embarcação que se misturava com as outras e que na primeira hora da manhã voltava a atravessar o porto. Deveria ter chamado a atenção o fato de que transportasse três cavalos e três cavaleiros com suas armaduras. Estes vestiam de novo a túnica branca dos templários e desembarcaram em plena Civitavecchia, logo que sua embarcação tocou o terreno pedregoso da praia. Ninguém reparou ainda nos vultos que dois deles levavam nos braços.

Os soldados que deviam vigiar o porto haviam se retirado logo que viram os pescadores voltar e se apressaram em recuperar o sono perdido durante a noite. Vito também fizera uma vez mais a ronda dos guardas postados nos arredores, dando ordens para não entrar ninguém até que o sol brilhasse alto no céu, e foi dormir numa das torres.

E assim os três cavaleiros, montados em seus cavalos, atravessaram a cidade cujos habitantes tentavam conciliar seu sono. Acabavam de abandoná-la pela porta sul quando alguém lhes interceptou o caminho. As mãos de Constâncio e de Crean buscaram, pressurosas, as armas, mas o velho Sigbert os acalmou. Mandou chamar o tenente que comandava a barreira que fechava a saída. O tenente apresentou-se um pouco sonolento e muito confuso.

— Lembra-se da ordem? — alfinetou Sigbert.

— Não deixar entrar ninguém!

— Perfeito, meu filho — grunhiu o cavaleiro, conhecedor do *codex militiae*. — Algum fato que deva relatar?

— Não, senhor!

— Pois continue assim! — Sigbert mostrou-se generoso. Fez um gesto condescendente ao tenente sonolento, que não parava de olhar, inseguro, para os dois vultos que escondiam as crianças.—Tudo deve continuar assim! Não deixe de vigiar! O inimigo não dorme!

Naquele instante surgiu Yeza de dentro dos cobertores que Crean sustentava nos braços e fez uma careta

ao jovem tenente.

— E essas crianças? — atreveu-se a perguntar.

— Temos ordens de levá-las para batizar — respondeu Sigbert secamente, querendo cravar rapidamente as esporas em seu cavalo.

Nesse momento, Yeza resolveu entrar na conversa, brincando:

— Somos crianças hereges! — e com isto acordou Roç, sentado na sela de Constâncio.

— Onde está o papa?

Os soldados papais cercaram o pequeno grupo.

— Não lhe faça caso — tentou tranquilizá-los Sigbert, com ar autoritário —, se refere ao Santo Padre.

— Papa palhaço! — insistiu Roç com insolência, e os soldados começaram a rir. Sigbert lhes jogou umas moedas, e então eles retiraram a barreira para deixar passar o grupo. Enquanto isso, o tenente recuperou a calma, por isso escreveu no livro da guarda: "Na manhã de sexta-feira dedicada a São João Batista, a.D. 1244, abandonaram a cidade um mestre templário e dois cavaleiros da mesma ordem levando consigo duas crianças de ambos os sexos."

Pouco depois, os cavaleiros abandonaram a via Aurélia que conduz a Roma e dirigiram-se para o interior.

Exatamente embaixo de Cortona, onde se unem as estradas de Siena e Perúgia com as de Arezzo e Orvieto, ficava situada a taverna O Bezerro de Ouro.

O Bombarone

Cortona, verão de 1244 (crônica)

Não que fosse muito especial: ao contrário, era uma choupana bastante velha, mesmo que ninguém se lembrasse de tê-la visto de outra maneira. Além da taverna havia também um albergue, o que significava que nos anexos, na verdade estábulos, o hóspede era obrigado a dormir no chão, a menos que comprasse com Biro, o taberneiro, algumas braçadas de feno que ele costumava vender a preço de forragem. A comida que oferecia a seus hóspedes era tão miserável que até os franciscanos preferiam pedir um pouco de esmola e reunir uns quantos ossos e cascas de pão antes de pisar em sua casa. No entanto, O Bezorro de Ouro estava sempre lotado até o teto e muitos se hospedavam durante semanas e até meses entre suas quatro paredes.

O motivo era o próprio Biro. O homem representava o único elemento de confiança, e absolutamente neutro, de comunicação entre os Apeninos e os montes albaneses. Em troca de moeda constante e sonante, obtinha o cliente o quanto desejasse: novidades, boatos, entrega discreta de mensagens ou destruição das mesmas, informações falsas e também discricão. A quantia a ser paga decidia o tratamento preferencial dispensado a uns em detrimento de outros que solicitavam a mesma coisa ou o oposto.

O próprio lugar estava de certo modo submetido a uma permanente *tregua Dei*, uma proibição absoluta de travar combate. E não que Biro e seus peões fossem especialmente devotos; a pobre capela em ruínas que se perdia entre as edificações derrubadas não dava ao menos testemunho disso; o sino soava unicamente quando havia uma notícia muito importante para ser divulgada na espaçosa taverna.

Nesta costumavam combinar de encontrar-se toda espécie de gente ila ralé: mercenários fugitivos do Império, esbirros da Sereníssima, espiões da Cúria e agentes de Palermo, assassinos de aluguel prestes a cumprir sua missão ou oferecendo seus serviços, ladrões em fuga e traidores perseguidos, agentes querendo contratar mercenários e cantineiras, saltimbancos e adivinhos, delatores e prostitutas; todos reuniam-se ali e tratavam-se uns aos outros com grande confiança pois quase todos estavam de passagem e iam em busca de algo. Os ajudantes do estalajadeiro botavam porta afora sem piedade quem quisesse fazer escândalo, causando por vezes a fratura de algumas costelas ao presumido perturbador; se alguém não ficasse contente com esse tratamento, e se se atrevesse a tirar a navalha, podia dar-se por desaparecido sem que ninguém perguntasse mais por ele.

Essa era a regra do jogo de Biro, que ele converteu em lei. Sob sua proteção podíamos encontrar tanto os frades mendicantes como um corpulento prelado, ou comerciantes ricos e camponeses honestos, que podiam descansar em seu albergue e respirar, com medo ou desprezo, mas de qualquer modo excitados, o ar selvagem e denso de um mundo imoral; mesmo que levantassem o nariz e seguissem seu próprio caminho, satisfeitos da própria decência e de não pertencerem àquele mundo. De fato, Biro, seus hóspedes e seus clientes, que ele sabia diferenciar com delicadeza, estavam acostumados a ver de tudo, e isto era o que cimentava sua justa fama.

Tinham-me recomendado, como certamente recomendariam a qualquer um que não soubesse o que queria e aonde ir, que na viagem pela Toscana não deixasse de ir até lá. Biro estava de pé diante da porta da taberna quando cheguei vestido ainda com a batina preta dos beneditinos e descí do cavalo que comprara graças às reservas que ainda conservava na bolsa cheia de moedas, presente do capitão pisano. Não

vacilei em mostrá-la a Biro para ele perceber que eu queria obter uma informação dele.

—Você tem toda a aparência de um franciscano disfarçado que não se atreve a apresentar-se diante de seu general — Biro dirigiu-se a mim chamando-me de "você" como a todos, pois isso fazia parte de seu negócio e da fama que tinha, e recebeu-me com um sorriso que me deixou ruborizado. — Justamente hoje, quando todo mundo quer ser apresentado a seu chefe!

Tentou morder a moeda que eu lhe dera e depois guardou-a. O ouro me dava direito a alguma informação.

-Visitas importantes? Aqui temos o patriarca de Antioquia, acompanhado do bispo de Beirute. Não conseguiram chegar nem a Civitacastellana, onde, embora possa parecer estranho, desejavam encontrar-se com o papa. — Biro divertia-se contando as andanças dos dignitários e ao mesmo tempo mostrava-se orgulhoso de que tivessem terminado no Bezerro de Ouro. — Durante o trajeto caíram nas mãos de uma brigada imperial!

— Que incautos! — As palavras me escaparam, mas a reação de Biro tranqüilizou-me.

- Deus não desampara aos ingênuos! O oficial imperial enviou-os a Viterbo, onde um dos juízes do tribunal supremo de Frederico está no comando do cerco...

Eu não desejava que chegasse a me considerar um papista empedernido.

— E lá o anjo da guarda deles os abandonou?

— Nada disso! — Biro riu. — Esses dois não precisam de anjo, pois eles próprios são mais inocentes que uma criança. Por isso aquele homem sereno, em vez de prendê-los, já que proclamavam à viva voz que queriam chegar ao papa, entregou-os a Elia, o conselheiro do imperador, para que este quebrasse a cabeça pensando o que fazer com eles.

— E o general os a...?

— ... ainda não viu a cara deles, pois mais forte que seu desejo de ver o Santo Padre é o de provar um bom gole do nosso vinho toscano. Desde ontem à tarde estão sentados aí... — e apontou satisfeito para a taberna, de onde saía um barulho de vozes como se fosse a abertura do Concílio de Latrão e o fechamento do bazar de Constantinopla ao mesmo tempo. — Estão lá sentados, bebem, lamentam-se e contam histórias como se fossem narradores de contos orientais!

Fiz menção de entrar imediatamente, mas Biro pegou-me pela roupa:

— Se você entrar vestido desse modo, pensarão que é um emissário do Santo Padre que está aqui para buscá-los, e não poderá desvencilhar-se mais deles.

— Pois façamos de outro modo — respondi. — Apresente-me como um frade pecador que espera obter através de sua mediação a bênção e o perdão do papa.

— Isso se ajusta melhor a você! — assentiu o esperto taberneiro, e empurrou-me em direção à taberna. Ninguém voltou a cabeça para olhar-nos, todos pareciam presos ao falatório daqueles altos dignitários tia Igreja que, apesar da longa barba branca do mais velho deles e de uma espécie de caldeirão que o segundo trazia na cabeça, não tinham uma aparência propriamente edificante. Mantinham as cabeças, que deviam pesar bastante devido ao bafo de vinho, apoiadas sobre um braço acomodado sobre a mesa, enquanto com a outra mão cada um segurava seu próprio copo.

— ... e em vez de voltar a ocupar logo a Cidade Santa de Jerusalém...

— ... posto que os jorezmos selvagens seguiram à frente, uma vez satisfeitas suas ânsias de assassinato, queima e saque — completou seu acompanhante, que num gesto largo varreu as tábuas de carvalho, úmidas de vinho.

— ... para se oferecerem aos egípcios — corrigiu-lhe o de barba branca.

— E o que aconteceu em Jerusalém? — Voltara a perder o fio da meada, razão pela qual tomou um gole, enquanto todos riam. Depois murmurou: — Ah, já me lembro: estão formando um exército, o dos barões de São João do Acre...

— Seiscentos e dezessete cavaleiros — seu companheiro aproveitou a brecha e pude observar que a embriaguez deste se expressava numa exatidão minuciosa de detalhes — além das ordens militares diretamente subordinadas ao papa...

— Iremos apresentar-nos diante do Santo Padre! — lembrou o ancião. — Um último trago, e depois...!

Estas palavras provocaram novas risadas; era possível que a mesma boa intenção tivesse aflorado já diversas vezes para depois ver-se afogada no bom vinho da Toscana.

— As ordens trarão cada uma trezentos cavaleiros, os teutónicos um pouco menos...

— Quantas somam ao todo? — O cálculo era difícil, o público quis ajudar, mas não fazia mais que aumentar a confusão. Os homens bebiam, e a cada gole soltavam mais a língua. — De qualquer jeito, um exército gigantesco!

— Também é preciso contar com a leva importante de muçulmanos que fará o ismaelita de Damasco...

Esse número pareceu incrível aos vinhateiros, criadores de gado e honrados artesãos da Toscana: negavam-se a admiti-lo.

— Mas irão contra nós! — exclamaram.

— Não, lutarão ao nosso lado! — O de barba branca deu um murro na mesa, fazendo voar os copos. — São nossos aliados! — E seu acompanhante acrescentou:

— Também contamos com Mansur Ibrahim, príncipe de Homs, e seu exército.

— Mas como é possível? — exclamaram todos. — E a isso chamam cruzada!

— Sim, inclusive An-Nasir, de El Kerak, inimigo ferrenho dos cristãos, apresentou-se com seus beduínos para juntar-se ao exército...

Todos os hóspedes da taberna tinham se reunido em torno da mesa. Não demoraram em pôr-se de acordo: aqueles dois eram uns charlatões vindos do Oriente, bufões que queriam fazer-nos cair nas armadilhas de suas brincadeiras. Impossível que as coisas sejam como eles afirmam! As risadas aumentavam.

— E o que acontecerá depois? — provocavam a continuação do incrível relato. — Depois todos se dão as mãos e cantam juntos...

— Mas se foi assim! — reafirmou o patriarca de cabelos brancos, de quem alguém havia virado o copo. — Todos marcham unidos... — e pegou os copos e colocou-os em ordem de batalha — ... todos juntos marcharão contra o inimigo comum: o Egito.

A audiência ficou sem saber o que dizer.

— Contra o sultão do Cairo! Seu exército — ele continuou organizando os copos para representar a batalha enquanto os demais observavam fascinados — segue inferior em número, embora esteja reforçado Pelos jorezmos — e retirou uma jarra das proximidades de Jerusalém, representada por um prato cheio de ossos de frango —, mas está sob o comando de um emir muito jovem, chamado Rukn ed-Din Baibars, conhecido também como "o Arqueiro". Perto de Gaza houve um embate no meio das dunas...

— Continue, continue! — insistiam os ouvintes, incrédulos e confusos, mas assombrados, quando entraram os soldados de Elia na taberna, abriram passagem na multidão e rogaram aos dois altos dignitários da Igreja, em termos inconfundíveis, que os seguissem sem perda de tempo.

A audiência protestou, mas ninguém levantou a mão para protegê-los. Quem sabe os dois narradores fossem dois mentirosos, saltimbancos acostumados a inventar histórias, como essa incrível fábula da luta corpo a corpo entre cristãos e infiéis — histórias que podiam não corresponder à verdade!

Biro, no entanto, reteve a escolta, e foi com muita alegria que os soldados aceitaram o convite; até o sargento estava inclinado a aceitar, pois não lhe parecia prudente recusar assim sem mais nem menos. E dessa maneira os dois dignitários da Igreja puderam beber um último trago.

O taberneiro me fez um sinal e falou:

—Vá até o caminho do castelo, assim poderá juntar-se aos senhores sem chamar a atenção, pois o *bombarone* não recebe a qualquer um! Vou retê-los um tempo por aqui! — Agradei com outra moeda de ouro e pus-me rapidamente a caminho.

O castelo dos barões Coppi, de Cortona, fica numa das vertentes das colinas que assomam detrás do lugar. Graças a um muro duplo que serpenteia pelo terreno, e que protege também a entrada, o castelo une-se ao palácio da cidade. Subi pelo caminho que conduz até o portão, sempre vestido com o hábito negro que me era estranho.

Aos irmãos menores obedientes estava proibido, de forma severa e sob pena de exclusão da ordem, entrar em contato com Elia de Cortona, nosso ex-ministro-geral, duas vezes excomungado; mas ninguém me reconheceria vestido com aquele hábito, e em minha situação já não era mais importante um pecado a mais: eu já acumulara muitos, devido a meu comportamento.

Ainda não havia vencido a subida quando passou a meu lado, saltando no chão de pedras, uma carruagem escoltada por soldados que levavam a insígnia de Elia, o dissidente da Igreja. Os dois altos dignitários que viajavam na carruagem estavam num estado lamentável, o que me deixou com a consciência tranqüila; em outras palavras: estavam bêbados como o cão! Foi preciso retirá-los da carruagem e levá-los ao castelo. Como ninguém prestasse atenção em mim, segui com eles, o que fez com que todos pensassem que eu fazia parte do grupo. Assim foi como apareci diante de Elia, que estava sentado atrás de uma mesa, num aposento muito bem decorado que servia-lhe de escritório; ele não se levantou para nos cumprimentar. Indicou as cadeiras para os dois eclesiásticos e minha pobre pessoa, num gesto que, se hospitaleiro, no entanto mostrava suficiência, e ficou à espera de fazermos nosso pedido. Da parte da dupla obtive apenas alguns arrotos e umas risadinhas infantis.

O olhar de Elia dirigiu-se, então, para mim, que limitei-me a encolher os ombros.

— Não é que seja responsável pelo estado em que estão — comentou então —, mas ao menos devia apresentá-los!

Abaixei a cabeça, bastante envergonhado. Talvez ele pensasse que eu também não estava sóbrio, mas na verdade eu nem sabia os nomes daqueles dignitários, e também não queria expor minha própria história na presença de terceiros.

Nesse instante, o sargento, que vinha à frente dos soldados, anunciou com voz de mestre-de-cerimônias:

— Sua Eminência, Alberto de Rezzato, patriarca de Antioquia! — e mostrou a figura magra de um velho com uma longa barba branca, que olhava furioso para todos os lados, pois, de teimoso, não queria falar.

— Sua Excelência, Galerão, o bispo de Beirute! — Este, sentindo-se interpelado, declarou:

— Queremos ver o Santo Padre! Elia olhou para ele, surpreso:

— Com muito prazer! — Adaptou-se com muita flexibilidade a um jogo cujo objetivo e regras lhe eram desconhecidos. — Digam-me o que acontece em nossa preciosa Síria, onde eu mesmo já estive um tempo

na qualidade de custódio. Digam somente aquilo que convenha a meus ouvidos, é claro. Quantas vezes senti falta de seus encantos e delícias, seu pacífico...

Neste momento Alberto interrompeu-o, com palavras que mostravam irritação, quase cólera:

— Pacífico? — exclamou com sarcasmo. — Jerusalém está perdida, o reino à beira do abismo, os infiéis triunfam!

E Galerão interveio lamentando-se num choro patético: — Entre as dunas de Gaza, junto a Herbiya ou La Forbie, como dizemos, espatifou-se nossa fama de combatentes de sorte! O mestre do Templo e seu marechal lá ficaram, mortos: o dos Hospitalarios tornou-se prisioneiro. Conseguiram se salvar, chegando a Ascalón, apenas trinta e três templários, vinte e seis são-joanistas e três cavaleiros teutônicos. Estamos perdidos se você não nos ajudar.

- Quantas vezes pedimos ajuda ao Santo Padre? — O patriarca, indignado, pôs-se de pé, embora cambaleando ainda. — Exijo daquele que se diz "cabeça da cristandade" que dirija suas forças ao país que para ele deve ser também um objetivo sagrado, e em cuja proteção e salvação todos nós estamos envolvidos, junto com seu grande antecessor, Urbano — neste momento soltou um sonoro arrote —, em lugar de continuar aqui, com suas querelas egoístas contra o imperador e o resto do mundo. Se suas acusações contra o imperador germânico são fundamentadas, lhe darei com prazer meu voto no concílio, para obrigar o imperador a manter-se dentro de certos limites; mas, Inocêncio, que é pai de todos nós, tem a obrigação...

Galerão, aderindo às palavras do primeiro, tenta levantar-se.

— Queremos ver o papa.

Elia bateu palmas, e uma mulher corpulenta entrou trazendo uma jarra de vinho e copos. Juntei-me ao grupo, e chegou um momento em que, fora alguns deslizes ocasionais de Alberto e os insistentes lamentos de Galerão para que fosse conduzido à presença do papa, não houve mais nada interessante que pudessem contar-nos. Com medo de que caíssem das cadeiras, o *bombarone* ordenou à camareira Gersenda que, com a ajuda dos soldados, retirassem os dois senhores do aposento para que fossem dormir. Depois dirigiu-se a mim.

— *Pax et bonum* — assim comecei meu discurso. — Estimado Elia, não repare neste hábito. Sou minorita, nem melhor ou pior que o senhor!

Deixou que eu prosseguisse.

— Sou o irmão William de Roebruk e estou numa enrascada, rogo que me ajude! — modifiquei minha tática quando percebi não haver outra maneira de comovê-lo. Relatei as aventuras vividas entre Montségur e Marselha, contei depois a viagem por mar e a tentativa de confessar-me com o papa.

Elia não me interrompeu, mas mostrou-se cada vez mais nervoso, sobretudo quando expus minhas infelizes suposições, mais que conclusões, sobre a origem das crianças.

— São infantes reais — afirmei-lhe com palavras contundentes, de certo modo para apagar também minhas próprias dúvidas. — Terão um grande destino — acrescentei ainda, entusiasmado. — Toda esta história

não se assemelha à noite de Belém? A constelação dos astros, a perseguição pelos soldados de Herodes! São Jorge e são Miguel, os anjos da guarda disfarçados de cavaleiros — e conforme falava ia aumentando o tom do meu discurso —, a nave salvadora. Não foi em Marselha que Maria Madalena desembarcou?

— Certo! E você foi parar na água!

— Eles me jogaram pela amurada!

Elia me fez calar. Levantou-se e tirou vários livros de documentos das estantes que cobriam a parede. Folheou-os:

— Irmão William, de que linhagem real acha que procedem? São irmão e irmã? São diferentes de outras crianças?

-Amam-se como irmãos, mas no caráter e na aparência são muito diferentes um do outro. Por outro lado, também se parecem! — quis dar-lhe uma descrição mais precisa de Roger e da pequena Yeza, ao ver que Elia estava irritado com minhas explicações anteriores, tão contraditórias. — Observo — atrevi-me a acrescentar — que as circunstâncias indicam o lugar: o castelo dos hereges, e nos dizem que devem ser de sangue cátar e ocitano...

— E por que não falar de um deslize da parte de algum cavaleiro da famosa e seleta Távola Redonda do rei Artur! — ironizou o *bombarone*, mas não demonstrei irritação.

— Por que não? Não há gente que está a par, e o senhor está entre eles, da procedência exata do Santo Graal do termo *sang réal*?

— Mística herege — resmungou Elia com desprezo. — Deveriam ter sido queimados com os demais na grande fogueira!

— Não falaria assim — e me senti furioso ao dar-me conta de sua crueldade — se os tivesse tido nos braços! Não lhe direi nem uma palavra a mais. Eu me arrependo...

— Só queria testar seus sentimentos, irmão William; ainda quero acrescentar algo à sua hipótese. Os cavaleiros? Você diz que são fiéis a nosso imperador. Mas eu posso lhe assegurar e confirmar mil vezes que o imperador não deseja enfeitar seu chapéu com plumas hereges, e muito menos sua coroa! Neste momento, pelo menos, não quer nada com eles!

Interrompi:

— No entanto, deve haver...

— Deixe-me terminar: no entanto, quem sabe são realmente de origem real, germânica, inclusive da sua própria carne e de seu próprio sangue! — Sem dúvida, controlava seus pensamentos mais que as palavras. — Só que neste momento não há outra saída do que negá-lo, inclusive perseguir a quem o proclame! — Encheu novamente meu copo e entendi que se esboçava uma espécie de conspiração. — Eu me responsabilizei por muitas tarefas às quais deve o imperador recusar devido à sua posição e à sua situação. Não seria a primeira dinastia onde fiéis servidores tiveram de realizar, nos bastidores do reino e até contra a vontade do soberano, coisas que, na verdade, servem para mantê-lo no trono. Leve isso em conta, William! — Ergueu o copo e bebemos, já apaziguados. — Quem sabe se não foi a Divina Providência que o trouxe a mim, e não a Inocência.

Julguei ter conseguido sua benevolência. Voltou a chamar Gersenda, a vistosa senhora que não apenas era sua ama, mas nitidamente gozava de sua confiança.

- Deixe os patriarcas dormirem. São meus hóspedes e vão continuar sendo, enquanto eu puder evitar o contrário. Ao taberneiro do Bezerro de Ouro diga que podem beber por nossa conta o quanto quiserem, pois é necessário fazer o possível para impedir seu voto favorável a Inocência, impedir que se unam todos contra Frederico!

—Vão se sentir bem aqui entre nós! — garantiu-lhe Gersenda.

- Se não tiverem um ataque ou se seu fígado não deixar de servi-los, estarão aqui quando você regressar de Apúlia.

- Levarei William comigo — comunicou o *bombarone* sem dirigir-se a mim. — De repente faz sentido o estranho desejo do meu velho amigo Turnbull, que insiste em ver-me novamente, logo num lugar que parece o fim do mundo, Apúlia! — Apesar do que disse, Elia parecia muito pensativo. Certamente não tinha muito claro o motivo, mesmo depois do meu relato e da história das crianças. - Não me agrada a idéia de ter de prendê-lo, William. Não obstante, você será um hóspede invisível: não quero que ninguém o veja daqui em diante, terá desaparecido da face da Terra. Dentro de alguns dias sairemos em viagem.

Fiquei de pé e vi que alguma coisa me incomodava na cueca. O pergaminho! Esquecera totalmente, meu Deus! O que não podia fazer é levantar o hábito diante do meu ministro e meter as mãos nos fundilhos. Envergonhado, queria que a terra me engolisse.

E, de fato, assim sucedeu, ao menos no que se refere à parte da terra banhada de sol. Fui condenado a viver nas catacumbas das cozinhas e dos sótãos. Quanto à nossa viagem, todos os dias ela era protelada, do mesmo modo que eu ia retardando minha decisão de entregar ao *bombarone* o manuscrito que lhe pertencia.

Logo que voltei a ficar sozinho, tirei o rolo à luz do dia, mas devo dizer que já não se podia falar de rolo: era uma lamentável maçaroca que, além do mais, cheirava mal. Era impossível entregá-lo nesse estado e ter de explicar sua origem. Por essa razão escondi o pergaminho e esperei que o Senhor ou a bendita Virgem me iluminasse, para conseguir que aparecesse de repente em cima de sua mesa de escritório, transportado como que pelas mãos de um anjo, um pouco amassado, mas já sem o traço cheiro. Também não me atrevi a abrir e ler, de modo que não fiquei sabendo de sua importância.

Naquelas noites dormi mal, sem que me ocorresse nada de sensato. Semanas se passaram. Elia me falava da partida próxima, e eu retardava o momento de falar abertamente com ele, pois continuava esperando por um sinal que viesse dos céus.

IV- PEGADAS APAGADAS

Contra o Anticristo

Aigues Mortes, verão de 1244

Os muros quadrados de Aigues Mortes foram erguidos no charco sem vida dos pântanos da Camargue porque o rei Luís, em sua devota obstinação, não queria ter sua base de apoio em Marselha, cidade muito pecaminosa e inegavelmente imperial; também porque precisava urgentemente de um porto para organizar sua cruzada. Como pensava ali reunir um gigantesco exército, teve a suficiente previsão, deixando em segundo plano sua própria e impaciente devoção, de contar com um possível atraso de seus vassalos, os quais chamara para participar da santa cruzada. De modo que começou a construir uma verdadeira cidade, com sólidos edifícios de pedra. Numa dessas casas, tão parecidas entre si, reunia-se um grupo de dominicanos que concordaram em formar o que seria ao mesmo tempo um tribunal da Inquisição e um início de concílio papal. Não parecia incomodá-los em nada que os cadafalsos estivessem instalados diante de suas janelas, nem que tivessem sempre diante da vista as pernas bamboleantes dos enforcados.

— Necessitamos de material apresentável para opor ao imperador germânico — declarou Andrés de Longjumeau, abrindo em tom solene a *seduta*. — A vontade do papa de celebrar um concílio para destruir o imperador é notória entre todos os aqui presentes, mas o melhor será dispor de material vivo que se pudesse apresentar aqui, e que nos servisse de testemunha das iniquidades e malfeitos do Anticristo!

Seus acompanhantes formavam um círculo intencionalmente reduzido, composto por seu jovem irmão Anselmo, chamado também de frei Ascelino, rapaz ambicioso cuja inteligência era muito superior à de seu irmão maior, que não passava de um vaidoso pavão; Mateus de Paris, famoso cronista que também administrava a documentação secreta da Cúria e que tinha acesso aos ouvidos do "cardeal cinza", e, finalmente, outra pessoa que não formava parte nem do *ordo praedicatorum* nem era conhecido pelos demais: Yves, "o Bretão". Este assistia na qualidade de observador e representante da Coroa francesa, em cujos domínios a reunião teria lugar. Mas seu posto honorífico não o impediu de logo abrir a boca e de falar ao maior dos Longjumeau com sarcasmo dissimulado.

— Inocêncio acaba de refugiar-se em Gênova — informou —, e você já está pensando numa reunião multitudinária de cardeais. Primeiro é preciso nomeá-los, e depois precisam dispor-se a atravessar as terras do imperador e cruzar o mar para expor sua pele no mercado!

— Seu rei está se mostrando mais benevolente que você, Yves. Digo-lhe que o concílio vai se celebrar, mesmo que tardemos um ano para reunir as pessoas! E mesmo que seja em solo francês!

— Sinceramente, duvido que o consiga, monsenhor, mas não quero desanimá-los — replicou o bretão, lançando uma última farpa.

Ascelino viu-se obrigado a ajudar seu irmão, que estava perplexo:

— Nós, o sábio irmão Mateus e um servo, desenvolvemos um programa provisional que você, estimado irmão, se aprová-lo, é claro, deverá submeter ao Santo Padre quando chegar o momento propício e ele se digne considerar a proposta. Contém os pontos e os dados do comportamento durante um discurso o qual os autores acham que obterá o êxito desejado e necessário.

Então calou-se e sorriu, convidando astutamente Mateus a apoiar a proposta comum, porque sabia que

Andrés jamais a aceitaria se viesse apenas da boca de seu irmão menor. Por princípio!

— Uma vez que nosso manuscrito contém também algumas propostas que se referem aos gestos e à mímica, e que ninguém, exceto você, Andrés, é capaz de fazer o Santo Padre compreender tudo isso, rogo-lhe permissão para refazê-lo a quatro mãos: eu me encarregaria do texto propriamente dito e Ascelino, dos comentários confidenciais... — concluiu Mateus, depois de olhar de soslaio para Yves, após o que Andrés dedicou-lhe um gesto indicativo de não haver inconveniente.

— *Intricata*, no castelo Sant'Angelo *composita* e *cantata* por monges e além do mais com vozes alternadas! Será difícil de suportar — replicou Yves com aspereza. — Retornarei quando aqui se fale alguma coisa importante — e retirou-se.

Andrés, bastante indignado, fez sinal para que começasse a apresentação. Mateus e Ascelino levantaram-se e colocaram sobre a mesa algumas folhas repletas de densa escritura.

— Começaremos por disparar nossas armas pesadas — disse Mateus à guisa de introdução —, pois os reis da Inglaterra e de França enviarão seus observadores e vocês perceberão que eles não são de modo algum afeiçoados à nossa causa. Além disso, o imperador estará representado por seu melhor jurista, juiz do supremo tribunal. O ambiente nos será adverso, e não está de forma alguma decidido que o imperador germânico seja condenado, pois alguns de nossos prelados poderiam hesitar; precisamos evitar que sejam enganados por falsas declarações de boa vontade e pela oferta de soluções pacíficas.

— Imaginemos a entrada dos assistentes com roupas festivas — declarou Ascelino em seguida, esforçando-se por responder à gravidade da situação. — A sessão se iniciará com uma invocação solene do Espírito Santo; depois se insistirá na oração comum para colocar-nos no tom, seguida de um silêncio prolongado para que nos entreguemos à meditação. O sermão não deve iniciar-se de repente nem com demasiada pressa!

Mateus voltou a falar:

- O tema será: "Todos os que percorrem esse difícil caminho prestem atenção e vejam se há uma dor tão profunda como a minha."

-As Lamentações de Jeremias! — comentou Ascelino. — Primeiros soluços, ainda reprimidos!

- Exposição do tema — prosseguiu Mateus, que dispunha de um Órgão sonoro e agradável. — Sua Santidade compara sua dor com as cinco chagas do Crucificado. Primeira dor: "A que infligem os desumanos tártaros, empenhados em destruir a cristandade."

-Aflição comovedora! — Soou a voz clara de Ascelino. — É de supor que conseguirá um amplo consenso!

— Segunda dor: "A causada pelo cisma da igreja grega ortodoxa que, contra toda razão e todo direito, separou-se e distanciou-se do regaço de sua Mãe, como se esta fosse sua madrasta."

— Profundo pesar — interveio Ascelino. — Sofrimento suportado com paciência!

-Terceira dor: "A marca de diversas seitas heréticas que se estendem como manchas em vários lugares da cristandade, especialmente na Lombardia."

— Indignação crescente, embora controlada! — sussurrou Ascelino com ar de conspirador. — Instala-se o nervosismo!

— Quarta dor: "A causada na Terra Santa, onde os... infames destruíram a cidade de Jerusalém, fazendo correr torrentes de sangue cristão..."

Mateus foi interrompido por Yves, que abriu a porta com evidente satisfação de ter o direito de incomodar.

- Seu eficaz irmão Vito de Viterbo acaba de prender dois ciganos que afirmam ter visto duas crianças fugitivas! — E empurrou Vito para dentro, que por sua vez arrastava dois pobres ciganos presos por cordas. Os três estavam cobertos de lama, como se tivessem estado mergulhando nos pântanos da Camargue. Yves deteve-se indeciso na porta e olhou para trás, na direção do cadafalso, como se buscasse uma corda disponível, o que fez com que lhe escapasse o rápido olhar de Ascelino para Vito, pedindo que guardasse silêncio, indicando também a seu irmão Andrés que se abstinésse de qualquer comentário.

Para sentir-se mais firme, o próprio Vito expôs a situação:

— Essa gente acolheu os fugitivos. Eram três cavaleiros da Ordem dos Templários...

— Mas isso nós já sabemos, caro Vito! — Ascelino apressou-se em interromper.

— O que não sabem — refutou Vito, ofendido em seu orgulho de caçador - é que dois deles falaram em árabe com dois "assassinos" que estavam nos arredores.

Yves interveio em tom brincalhão:

— Esses dois ismaelitas já voltaram para seu país, cobertos de presentes dados pelo nosso rei!

— Quer dizer que posso soltar os dois ciganos? — grunhiu Vito, embora não desse sinal de querer desfazer as cordas que sujeitavam os presos.

— Não — respondeu Yves secamente. — Qualquer participação numa conspiração para assassinar o rei significa alta traição! Estão condenados a morrer na forca!

Os dois ciganos provavelmente não entendiam o francês, pois não se sobressaltaram. Mas Vito rebelou-se:

— Não fizeram nada nem sabiam de nada!

— A ignorância não os exime — respondeu com frieza o bretão. — Vai se opor à lei?

— Não devia falar assim Yves! — Vito ficou vermelho de raiva diante de sua impotência. — Não o recebeu o mesmo rei, de braços abertos, em vez de entregá-lo ao verdugo?

— Acaso o rei sou eu? — retrucou Yves em tom de brincadeira, e empurrou os dois ciganos para fora do aposento. — Que crianças fugitivas são essas, afinal? — Ao formular a pergunta, voltou-se para trás mais uma vez.

Frei Ascelino ironizou rapidamente:

— Não tem importância: são consequência de um mau passo ocorrido na família dos Capoccio.

Risinhos seguiram-se a tal observação, e mesmo que Vito não se sentisse capaz de rir, convenceram ao bretão de que o assunto não tinha maior interesse, e ele foi embora. Pouco depois, eles viram através da janela o preboste colocando as cordas em volta do pescoço dos coitados.

— Onde estávamos? — resmungou Andrés de Longjumeau.

— Nas torrentes de sangue cristão que foram vertidas — Mateus retomou o fio. — Na Terra Santa destruída e bastarda.

E Ascelino acrescentou:

— Emoção que vai crescendo em violência, se possível interrompida por soluços! Já no final se podia repetir uma ou outra exclamação, como: "Pobre e santa cidade de Jerusalém!", proferida com voz sufocada pelas lágrimas, e depois uma pausa: um silêncio que serve para ponderar o grande sofrimento...

Diante das janelas, nesse mesmo instante, iniciou-se uma lamentável gritaria. Algumas ciganas haviam empurrado para o lado os guardas e cercavam o cadafalso com seus filhos dependurados nos braços e no

pesçoço. A gritaria transformou-se em lamentações e choros. Dois pares de pernas se sacudiram por alguns momentos, ficando depois rígidas e balançando como galhos secos no vento de outono.

Ascelino prosseguiu:

— Até os partidários mais recalcitrantes do imperador devem se perguntar: "Como é possível que isto ocorra?" E depois, a resposta virá em voz baixa...

Fez um gesto convidando Mateus, que até então apenas observava, pensativo, a confusão diante da janela.

- Mas a quinta e mais profunda das dores é a que se segue: "Por culpa do príncipe..."

— Nada de pronunciar nomes! — recordou-lhe Ascelino:

— "...o príncipe que podia ter evitado esse desastre..."

— Suspensa no ar, ficará a observação: Mas não interveio! Por quê?

— ... apesar de ostentar o título de soberano máximo deste mundo, imperador de todos os reis..."

— Isso não vai agradar aos ingleses, e menos ainda aos franceses! — comentou Ascelino com delicadeza, quase desculpando-se diante de Mateus pelas contínuas interrupções, mas este limitou-se a sorrir com condescendência:

— "... um imperador que deveria agir como protetor da Igreja de Cristo, mas que, na realidade, converteu-se no seu inimigo mais encarniçado; que persegue cruelmente seus fiéis servos; que entrega-os em segredo aos inimigos que mencionamos, favorecendo estes em tudo, fazendo causa comum com eles, com toda desfaçatez, e levando dia e noite a Igreja Católica à perdição, nossa Mãe Santíssima!"

— Neste ponto, o Santo Padre — interveio, excitado, Ascelino — não poderá continuar, pois estará dominado pela dor e pela tristeza: chorar! chorar! Uma onda de compaixão deve cair sobre o concílio e transformar-se em fonte de ardentes lágrimas de amargura. O papa não deve ceder; convém que alguém o apóie, pois a dor irá abatê-lo, e muito vai soluçar; se for possível, cairá por terra e ali ficará em muda oração, interrompida apenas pelos soluços e lágrimas, até que todos os prelados que pensem e sintam como o Santo Padre façam o mesmo e seus opositores não se atrevam a abrir a boca.

— Bom trabalho, Mateus! — elogiou Andrés. — É isso o que lhes ensinam em São Albano? — O interpelado sorriu com humildade e agradeceu com um gesto ao jovem dominicano, que parecia esgotado devido à representação teatral. — Não obstante, muito depende da arte oratória do Santo Padre. Com essas simples indicações pretendemos apoiar seu glorioso talento exibicionista para representar convenientemente a imagem de homem tomado pela dor, com a finalidade de primeiro cambalear diante dos defensores de Satã, para depois cair inteiramente destruído.

Neste momento, Vito, que tinha seguido com alguma dificuldade a representação alternada dos dois frades, sem abandonar sua expressão taciturna e carrancuda, pediu a palavra:

— Ainda seria melhor acrescentar algo, como atribuir ao imperador a culpa por ter uns bastardos hereges! Há pessoas que perdoam seus namoricos e o fato de que tenha quase um harém, mas ter engendrado uma mistura de sangue real e sangue herege provocaria o repúdio até de seus primos reais!

— Bem pensado, Vito de Viterbo! — respondeu Andrés de Longjumeau. — Essa será sua contribuição à derrota do Anticristo. Mas com a condição de trazer essas crias a tempo de apresentá-las ao concílio, acompanhadas também de suas mães, que devem confessar ter sido amantes pecadoras do imperador!

Histórias de Harém

Otranto, verão de 1244

O castelo fora construído na frente da cidade, sobre as ruínas de um antigo templo grego. Possuía um cais próprio e do alto avistava-se o antigo porto de Hydruntum, antiga denominação do lugar que agora se chama Otranto antes que o conquistassem primeiro os árabes e depois os normandos. Num gesto espontâneo, Frederico II tinha cedido as fortificações exteriores de suas terras de origem, em Apúlia, ao seu ex-almirante, Enrico, quando soube do casamento tardio deste com Laurence de Belgrave.

De modo que aquele era o lugar onde havia se instalado "a Abadessa", título pelo qual era conhecida em toda parte tão admirável mulher, depois daqueles anos atormentados. Ela ficou com as terras do feudo inclusive depois que o conde morreu em Malta, logo após seu casamento. O motivo de dita concessão não foi tanto o respeito que tinha o imperador germânico pela bela e enérgica dama, cuja lealdade jamais colocou em dúvida, senão a circunstância de que ela o havia liberado sabiamente de qualquer preocupação com os cuidados de uma menina pela qual ela se responsabilizou desde o dia em que contraiu núpcias. O imperador sentia muita afeição por seus filhos bastardos e outorgou à pequena Clarion consideráveis rendas, e também o título de condessa de Salento. A criatura completara dezenove anos, e qualquer mãe natural estaria lhe buscando um noivo apropriado.

Não era o caso de Laurence, que passava *discretissime* dos cinqüenta sem perder grande parte de seus encantos. Seguia de certo modo o exemplo de Circe, a grande feiticeira, e embora já não se dedicasse a transformar os homens em porcos, podemos afirmar que os tornava mansos como carneiros e bois. Tornara-se mais severa e há muito tempo descobrira novos caminhos para submeter os homens à sua autoridade.

Era inteligente, mais que a maioria dos que acudiam a ela em busca de conselho. Era poderosa, porque dispunha das armas diante de qualquer combate, e ninguém era capaz de prever qual seria sua escolha. E, além disso, gozava da proteção evidente do imperador. Corriam rumores de que fora sua amante: a única que se negara a ter descendentes com ele. Outros consideravam-na uma bruxa e os habitantes de Otranto a temiam. Mas ninguém entre os cento e sessenta remadores que formavam a tripulação de sua trirreme, e que viviam ali com suas famílias dedicados na maior parte do tempo à pesca, ousava rebelar-se contra sua senhora. A condessa de Otranto transformara-se, conforme passavam os anos, numa instituição similar ao farol de navegação, com sua instalação fortificada; única instituição cujos gastos concorriam com os da condessa na parte oposta, onde ficava a cidade. Tinha se desvinculado das intrigas feudais, da política de clãs, das lutas pelo poder e das guerras imperiais, mas mantinha uma rede de influência que ia muito além de Otranto, de Apúlia, e até além-mar.

Poderes misteriosos! Podia até ser que fosse uma aliada do Diabo! Ela permitia que houvesse um bispo na cidade e de vez em quando entregava um ou outro donativo para a Igreja, mas o senhor bispo não podia pisar no castelo, a não ser que ela o chamasse. Nunca o havia chamado.

Laurence encontrava-se no terraço de seu castelo em estilo normando e conversava com Sigbert von Oxfeld, comendador da Ordem Teutónica. Como o teutônico também não era mais tão jovem, passaram uma parte do tempo comentando os golpes de sorte e os reveses sofridos em épocas passadas, e depois, evitando cuidadosamente revelar certos detalhes, dedicaram-se a rememorar um número infinito de fatos

comuns que o acaso ou a Divina Providência lhes propiciara ao longo de suas vidas. Assim, do alto do castelo, observavam aos demais, com atenção e vigilantes, porém sem revelarem nenhum sentimento próprio.

— *Bismillahi al-rahmani al-rahim!*

Na plataforma destinada a acolher uma catapulta, situada na muralha do círculo inferior, viram dois homens rezando ajoelhados, com a cabeça voltada para Meca.

— *Qul a'udhu birabbi al-nasi...*

Haviam estendido um valioso tapete e se desembaraçado da incômoda armadura que levavam na viagem, e também da túnica protetora dos templários: Crean de Bourivan e Constâncio de Selinonte vestiam cada um leves túnicas de cores luminosas e com tão ricos e valiosos ornamentos que as tornavam vivazes e quase provocantes. Mas nos domínios da condessa a tolerância não era mais questão de bons modos e educação, senão o próprio elixir vital, do qual a própria senhora estava mais necessitada que todos os seus hóspedes e protegidos.

— ... *maliki al-nasi, ilahi al-nasi...*

O vento levava o som das *suras* através de pátios e jardins.

— ... *min charri al-waswasi al-janasi; alladhi yususufi suduri al-nasi, min al-dchinnati wa al-nasi.*

— E aprendeu o árabe ali? — Laurence continuou seguindo o fio da conversa depois de lançar um olhar inquisidor sobre os jogos aquáticos que se desenrolavam à seus pés. As pérolas da água brilhavam ao sol, mas seu rumor era superado pelo da maré que irrompia contra o muro exterior de proteção na parte baixa do castelo.

— Bem, primeiro neguei-me — disse-lhe Sigbert, com sua maneira reflexiva. — Considerarei-o indigno de um cavaleiro cristão, que é o que eu pretendia ser. Enquanto estive na guarda do bispo de Assis...

A condessa o interrompeu, divertida:

— Ah, você esteve com Guido?

— Sim, mas servi-o pessimamente!

— A esse monstro gordo não seria possível servir-lhe pior do que merecia sua insaciável gula. Coitado do meu irmão!

— Como disse?

— Éramos filhos da mesma mãe, certamente um personagem estupendo, mas a semente de pais tão diferentes foi razão de certa *petite différence!* Homens — suspirou Laurence, e apenas se percebia respeito pelo outro sexo em sua exclamação. — Mas fale, Oxfeld! Oxfeld? Diga, você tem um irmão mais velho?

— Oh, sim! — Sigbert sentia-se fascinado pela conversa com aquela mulher da qual tanto escutava falar, mas de quem ninguém sabia nada ao certo. — Chamava-se Gunter! Foi ele quem me levou para Assis, onde era mensageiro da guarda episcopal. Por que pergunta?

Laurence olhou pensativa em direção ao mar.

- Porque foi ele quem desertou e me seguiu a Constantinopla! Provavelmente pensou que obteria de mim outra recompensa do que a que eu estava disposta a pagar-lhe. Depois se pôs a serviço de Villehardouin. Nunca mais soube dele.

Ambos se calaram; Sigbert ficou decepcionado, porque por um momento achou que recuperaria a pista de um ser que tinha desaparecido da sua vida.

- Separei-o de sua própria história — Laurence não se sentia culpada, mas naquele instante achou desagradável o silêncio que se instalara entre ambos. — Por que abandonou Guido e Assis?

Por culpa das flechas do amor! — Sigbert riu; agora que tudo fazia parte do passado, via que era capaz de rir de si mesmo. — O bispo tinha me colocado, com toda razão, na cela de castigo. Anna libertou-me, e seu gesto foi para mim uma surpresa tão grande que fugimos juntos. Perdemos a cabeça! Éramos seres humanos e estávamos apaixonados! Padecemos de uma febre na qual se juntavam nossa ânsia de viver aventuras, nossa juventude e a recuperação de Jerusalém. A cruzada infantil! Nos deixamos levar por aquele vendaval de Uberdade e de fé, de amor incondicional a Jesus e por nossos próprios corpos...

Sigbert lembrava os fatos ocorridos no ano de 1213, quando na Europa todas as crianças fugiram de suas casas em busca de uma outra vida: uma vida em Cristo, um Paraíso cheio de prazeres indefinidos, num arrebatamento de loucura que varria todos os obstáculos.

— A princípio atravessamos juntos o país em direção ao sul, inclusive o papa nos recebeu em Roma, mas não soube nos aconselhar, a não ser que voltássemos para casa. Então seguimos em direção aos portos meridionais. Anna tinha quinze anos e eu só dois anos a mais. Ela não queria continuar sendo criança, e dizia que não tinha aberto a cela de Castigo, arriscando-se a ser pega, para que eu agora seguisse a seu lado Como um irmão mais velho, os dois de mãos dadas. Queria que eu fosse seu homem. — Sigbert tinha dificuldade de analisar corretamente o papel que naquele momento o destino atribuiu-lhe. — Eu sentia grande respeito pelo amor verdadeiro, e talvez visse com certo desprezo o amor carnal. Além disso, nunca estávamos sozinhos. Isto não chegava a incomodar Anna, mas eu sentia vergonha de pensar que teríamos de amar-nos à vista de todos, como faziam muitos de nós. Por isso busquei atrasar ao máximo a primeira noite de nossa união física, que seria a primeira de ambos, já que ela era virgem também, porque esperava por uma ocasião "mais digna". E depois surgiram outras tendências e correntes em nossa expedição, apareceram noviços jovens e fanáticos e freiras pálidas e complicadas que se sentiam realizadas por exercerem o comando. Fomos severamente separados por sexo e já não nos víamos senão esporadicamente, e em segredo, apenas o tempo de trocarmos um ou outro beijo rápido. Assim alcançamos o porto de Amalfi. Transferiram-nos para diversos barcos, e depois... — Sigbert interrompeu o fio de seu relato. Ao que parecia, estava sendo mais difícil do que imaginara no início. Também era possível que até então não tivesse tido jamais a oportunidade de relatar a alguém de forma tão completa como transcorreria sua juventude.

Laurence não insistiu, não o encheu de perguntas curiosas. Em termos gerais, sabia o que tinha acontecido naqueles anos.

— Os mouros vendedores de escravos o capturaram?

— Sim — respondeu Sigbert com amargura —, fomos vendidos, mas vendidos pelos cristãos, logo que subimos nos barcos. Eu não tinha ilusões sobre o destino de Anna. Perdera-a de vista ao abandonar Amalfi. Ao chegar ao Egito, fui comprado pela esposa de um cientista, que preferia manter-me afastado de casa ao menos durante o dia, enquanto ele estava ausente. De modo que o homem me fazia acompanhá-lo à grande biblioteca com o pretexto de que lhe levaria os livros. Quando descobriu que eu tinha algum interesse por seus manuscritos, ordenou que me instruissem nas línguas árabe e grega e incluiu-me entre seus estudantes. Um dia apareceu um emir muito culto, que ficou fascinado ao comprovar meus conhecimentos em obras as mais diversas e desconhecidas daquela maior biblioteca do mundo, na qual poderíamos muito bem imaginar-nos passar o resto da vida lendo e tomando notas. Meu proprietário não soube opor-se ao desejo, apenas insinuado, de uma personalidade em tão boa posição. Fui cedido, isto é, trocado, por outros presentes e favores. Tive sorte: o emir era um senhor amável que não tinha preconceitos em relação aos cristãos...

— E depois? — Sigbert sequer reparou no fato de sua paciente interlocutora mostrar repentinamente um

interesse por seu destino que excedia a habitual cortesia. — Quer dizer que você chegou até o Cairo?

— Meu novo senhor me informou logo que não pensava em utilizar-me como escravo, ainda mais eu, alemão, pois tinha aprendido a estimar muito o imperador germânico e queria aprender seu idioma. Sendo assim, introduziu-me no seu palácio na qualidade de "professor particular", para que não surgisse entre as pessoas nenhuma dúvida a respeito de minha posição. Ouviu minha história tal como acabo de contar a você. Devo tê-lo comovido muito, pois me abraçou e disse: "Você é um homem livre. Pode deixar minha casa quando quiser, e vou recompensá-lo generosamente. Mas, se prefere ficar, esta casa é sua também!" Não entendi em absoluto por que seu comportamento, tão amável até então, tinha mudado de tom, a ponto de mostrar-se até emocionado. Mandou buscar alguém em seu harém, então, e pela porta entrou, sem que nenhum véu a cobrisse, a minha companheira Anna! Vi que estava mais magra, debilitada, acho que já nesta época estaria doente. Sorrii-me e ajoelhou-se aos pés de seu senhor, que derramou abundantes lágrimas. Eu tinha perdido a fala e escondia meu rosto nas mãos em vez de cumprimentá-la. Apenas quando o braço do emir cercou meus ombros, voltei a levantar a vista. Junto a Anna estava agora uma criança. "Fassr ed-Din, nosso filho", disse o emir...

— ... *Qul a'udhu birabbi al-falqui, min charri majalaka...*

— ... e eu compreendi que ele amava a ambos. Então me aproximei do menino e abracei-o. "Alá o abençoou ao dar-lhe esses pais", declarei com toda a solenidade possível. "Deixe que eu seja seu melhor amigo." O rapaz me olhou primeiro como se eu fosse um intruso, mas logo a desconfiança passou. "Sempre desejei ter como amigo um cavaleiro do imperador!" Não quis decepcioná-lo e me transformei no "cavaleiro Sigbert" muito antes de abandonar o Cairo e de entrar na ordem. Anna morreu doze anos após a minha partida e, desde então, tenho sido para Fassr pai e mãe ao mesmo tempo.

— ... *wa min charri al-naffathati fil-uqadi, wa min charri hasidin idha liasada.*

Ambos se aproximaram agora do parapeito e olharam em direção à muralha, onde Crean e Constâncio haviam terminado suas orações e voltavam a enrolar os tapetes.

— Magnífica visão de uma possível *pax mediterrânea* — observou a condessa, em ligeiro tom de troça.

— Um cristão convertido em ismaelita, embora de procedência mais para o herege, e um muçulmano nomeado cavaleiro pelo imperador. Ambos se unem rezando para o mesmo Deus...

— Nada escapa à sua inteligência — observou Sigbert como que despertando de um sono.—Você conhece a identidade de Constâncio?

— Parece coisa de bruxaria — refletiu Laurence. — Todos aqueles com quem cruzo na vida parecem estar ligados uns aos outros como que presos numa mesma teia de aranha. Não sou eu quem tece os fios nem a aranha voraz que chupa o sangue de sua presa, mas observo que sob minhas mãos se entrecruzam uns caminhos que, se as vidas tomassem um curso reto e linear, como seria de se desejar, não teriam se encontrado nunca!

— A magia é um dom, não um espetáculo. — Sigbert sentia-se ainda preso demais à própria história para saber apreciar as preocupações daquela mulher. — Tem a ver com a vida extraordinária que você levou e que a faz ser um farol de orientação e porto de refúgio para tanta gente, pois se não fosse assim não estaríamos aqui e, sobretudo, não estariam as crianças!

— Essas crianças — indagou Laurence —, onde estarão metidas, afinal?

— Estavam brincando no jardim e se aproximaram daquele jovem casal... — e apontou em direção ao repuxo, onde antes vira, sentada em sua beira, Clarion, e a seus pés um adolescente cujo perfil estrangeiro logo chamara a atenção do cavaleiro. Os dois corriam agora em volta do repuxo, sem que se pudesse saber ao certo se aquilo era um jogo de namorados, ou se estavam zangados um com o outro.

Clarion brincava com o rapaz, menor que ela, como uma gata brinca com sua presa, e a condessa via a cena com evidente desgosto. Em sua testa formou-se uma ruga vertical de irritação, mas depois pareceu refletir. Dirigiu-se com gravidade a Sigbert, como para querer justificar os dois jovens:

— Meu filho Hamo e Clarion não formam um casal, mas também não são irmãos, embora tenham crescido juntos...

— Eu pensei... — respondeu Sigbert em tom levemente conciliador.

— E permitido pensar e supor. — Laurence se esforçava para dar outro rumo à conversa.—Talvez não se surpreenda ao me ver terminar o relato de sua história, de certo modo como prova de meus dotes mágicos... — E sorriu com amargura. — O nome de seu emir é Fakhr ed-Din. O sultão o encarregou de levar adiante as negociações secretas com Frederico. Assim ganhou a confiança e os favores deste, como consequência seu filho predileto, Fassr, foi aceito na corte de Palermo e armado cavaleiro pela própria mão do imperador: Constâncio de Selinonte, seu afilhado! E para devolver a graça o emir enviou a Brindisi, nas bodas do imperador com Iolanda, a jovem rainha de Jerusalém, a mais bela de suas filhas, Anais, cuja mãe, segundo se conta, descendia do grande Salomão. Anais ia exercer a função de dama de honra, e era apenas um pouco mais velha que a própria noiva, uma menina de treze anos, mas já era uma mulher perfeita, e além disso era vaidosa e consciente de sua maturidade. O imperador, embriagado ou sóbrio, possui uma sexualidade tão insaciável como insensível — podia-se perceber que a Laurence esse tipo de homem provocava asco; "jamais teria sido amante do imperador", pensou Sigbert —, provavelmente não achou em seu leito matrimonial satisfação para sua violenta lascívia, de forma que logo abandonou Iolanda, que concebeu seu filho somente dois anos depois, e dirigiu sua atenção para as camareiras de sua esposa, as que costumava encontrar diante da porta. Anais se destacava em meio às demais e não se opôs; o imperador a possuiu ali mesmo, de pé, *a tergo*, diante do olhar de todos, enquanto a esposa, humilhada, soluçava atrás da porta, afundada nas almofadas. Anais ficou grávida e não cabia pensar em incorporá-la ao harém que o imperador mantém em Palermo, embora seu pai tivesse contado com semelhante possibilidade, mas era de temer que Iolanda se aproveitasse para vingar-se dela. De modo que a entregaram aos cuidados da velha mãe do almirante...

— Enrico Pescatore, o seu esposo? — animou-a Sigbert.

— Na época ainda não nos conhecíamos — Laurence afastou sua incipiente curiosidade. — Quando concedi minha mão ao conde — e acentuou as palavras de modo que se pudesse deduzir quanta importância ela dava ao fato de que, ao menos em seu caso, não se tratava de um matrimônio por amor, e muito menos por prazer —, Clarion, a filha do imperador, já tinha dois anos de idade. Por essa época morreu Iolanda...

— De parto, ao nascer nosso rei Conrado — acrescentou Sigbert, em parte para demonstrar que continuava atento ao relato.

— ... morreu de parto e Anais, de quem Frederico tinha muitas saudades, pôde ingressar no harém finalmente. Clarion ficou aqui e foi educada por mim como se de meu próprio sangue, junto com Hamo, que tive pouco depois.

— Ou seja, Clarion é neta do meu emir e sobrinha de Constâncio, embora este não deva sabê-lo...

— Não importa que o saiba — observou Laurence com aspereza —, a menos que a menina insista em olhar muito para ele com seus bonitos olhos. Mas espero que, já que o senhor partirá logo, este problema se resolva por si só!

— Não deve, por isso, afugentar-nos de seu Paraíso — respondeu-lhe Sigbert passando por cima do que podia ser uma afronta. - Nessa idade todas as meninas tentam provar qual é o efeito que causam nos homens, o que não quer dizer que sejam capazes de entregar-se a qualquer um...

— Clarion está se comportando como uma gata no cio! - comentou a condessa, irritada, e o olhar que dirigiu em direção ao repuxo não serviu para convencê-la do contrário. — Pouco lhe importaria cometer um incesto, seja com o irmão ou com o tio, contanto que obtenha prazer. Não passa de uma fêmea lasciva!

Sigbert achou desagradável a forma de a condessa se expressar, mas estava ocupado demais com suas próprias idéias para se opor a ela.

Lá debaixo lhe chegava o aroma do alecrim silvestre e do tomilho cheiroso, misturado ao sabor salgado da espuma que subia pelas rochas. Ao subir pelas amuradas esse aroma encontra-se com as suaves essências desprendidas pelos arbustos de jasmim, com o cheiro intenso dos lírios de cor violeta-claro que adormecem os sentidos. As invisíveis nuvens aromáticas envolviam o prazer e a dor como uma música tocada *empizzicato* sobre a corda de um alaúde que soara em alguma parte, e cujo som se desvanecera entre as rochas e o mar.

O Sacrifício de Beccalaria

Montauban, outono de 1244

O visitante que se locomovia entre as pedras destinadas aos capitéis delicadamente lavrados e aos perfis das colunas na praça Saint-Pierre, onde estava sendo edificada a catedral, não tinha aparência de bispo. Monsenhor Durand vestia uma roupa marrom mais apropriada a um caçador, e o que o levava a Montauban era exatamente uma caçada. Havia chegado sozinho. Deixou o cavalo preso, do qual pendia a caça que conseguira, ao pé do gigantesco andaime, e quando, depois de perguntar aos pedreiros pelo mestre, lhe indicaram com o polegar para cima, começou a subir.

Foi subindo degrau por degrau e começou a se sentir cheio de admiração pela ousadia e elegância de linhas com que as colunas do coro ascendiam, sem apoio, uns bons cem metros em direção ao alto, antes de recolherem-se em arcos pontiagudos. "Deveríamos atrever-nos a fazer algo parecido também em Albi", pensou. "Iríamos conseguir!" Passou pelo andaime, que oscilava levemente, em direção ao corredor montado debaixo do trevo, e achou a entrada para uma das estreitas escadas em caracol que se escondiam entre as arcadas. Imaginou que houvesse mais ou menos uns sessenta degraus altos enquanto rodopiava às escuras até sair quase tonto já de novo ao ar livre, chegando ao extremo superior, por onde a luz entrava. O que viu deixou-o sem respiração: o esqueleto dos altos janelões subia uns cinquenta metros até o céu, que parecia atravessado por suas lanças, um céu que se adaptava às filigranas da obra. Monsenhor Durand olhou para baixo, na direção do brilhante rio Tarn e na direção onde, por trás do verde-escuro dos bosques de Montech, surgia a cadeia azulada dos Pireneus. Continuou subindo com mais precaução pela escada, concentrando firmemente seu olhar em cada degrau, até chegar ao ponto mais alto, onde o estreito saliente da abóbada fora ampliado com alguns degraus. Lá encontrou o mestre-de-obras. Bertrand de la Beccalaria supervisionava a retirada dos andaimes de madeira, agora vazios, que haviam apoiado a inserção dos estribos. Aproximou-se do mestre resmungando, mas rindo também:

— Esta obra tão delicada, embora de pedra, não resistiria a um tiro de catapulta, mestre, nem mesmo a um suspiro da minha *adoratrix*! Apresento-lhe meus respeitos!

O interpelado apenas o tinha olhado; seus olhos continuavam fixos na corda tensa da roldana, até que percebeu que a peça robusta de madeira ficara depositada numa plataforma inferior do andaime. Durand, compreensivo, percebeu então que o mestre-de-obras era na verdade muito jovem, embora já estivesse um pouco grisalho. Beccalaria movia-se com a agilidade de uma cabra selvagem que salta pelas rochas.

— Espero que não utilize nunca sua catapulta contra esse edifício, monsenhor — respondeu, em tom de brincadeira. — São Pedro é uma muralha solidamente construída sobre fundamentos católicos, e só o que pode temer é o inverno e suas geleiras! — e apontou na direção dos estribos e seu ousado arco, que nesse momento os carpinteiros liberavam da armação de madeira. Estes moviam-se com risco de morte, na parte superior da obra. O mestre aproximou-se do bispo e estendeu-lhe a mão.

— Estamos em tempo de paz — disse Durand. — A *adoratrix* destruidora descansa, desmontada e azeitada, e espero que não precise armá-la novamente. Deveríamos todos dedicar-nos a edificar, para honrar à Nosso Senhor, como fazem vocês aqui!

Mas Beccalaria não pareceu convencer-se do ânimo repentinamente pacífico do bispo, conhecido por seu

afã guerreiro.

— As muralhas de Quéribus não provocam em vocês o desejo de provar a força da sua catapulta?

— Isso já não é coisa da Igreja; de qualquer modo, não do bispo de Albi! Essa tarefa compete exclusivamente ao rei de França. No máximo, talvez ao senhor de Termes!

— Oliver? — o mestre-de-obras perguntou em voz baixa, e o bispo pôde ver que seu semblante se fechava. Sem esperar uma confirmação, Beccalaria interrogou diretamente o seu visitante. — Com que intenção veio até mim Vossa Senhoria? Não será para recordar nossa experiência comum na guerra anterior?

— Que adorável eufemismo, mestre. A verdade é que vim aqui porque sou um admirador sincero da sua famosa arte arquitetônica. Também em Albi faz tempo que alimentamos a idéia piedosa...

Mas Beccalaria interrompeu-o:

— Faz muito tempo que a alimenta, mas a avareza e a estreiteza de horizontes de seus ricos cidadãos os levam a descansar com seus imensos traseiros sobre caixas e sacos cheios de moedas, em vez de financiarem a obra da catedral, que é desejo de seu bispo, e que redundaria na salvação de suas almas.

— Assim é! — suspirou o interpelado.

— Embora eu ainda não acredite que essa seja a verdadeira razão de sua presença aqui...

Monsenhor Durand lançou um olhar à paisagem que se descortinava a seus pés: a cidade junto ao rio, castelos e mosteiros nas colinas, o povo no mercado e as fazendas situadas nos vales, entre campos e bosques. Uma imagem de paz, uma imagem que parecia decente e devota de Deus, mas que era enganosa. O espírito da heresia seguia incubando-se debaixo daqueles telhados como uma fumaça que não consegue sair, e detrás dos muros continuava ardendo o fogo da rebeldia contra o domínio imposto pelos franceses.

— No Montségur, havia duas crianças — começou o bispo a relatar sua missão —, um rapaz e uma menina...

— Fizeram sua guerra contra muitas crianças — replicou com aspereza o mestre-de-obras. — Eu estava inteiramente voltado para a proteção deles, para a defesa de seu esconderijo, e não pude me preocupar com detalhes de seu destino!

— Está afirmando isso? — replicou o bispo. — Quer dizer que o mestre-de-obras de uma igreja cristã não tem outro motivo especial para abandonar seu posto de trabalho senão a simpatia que sente pelos hereges?

Beccalaria respondeu com a cabeça baixa e a expressão triste:

— Quando ouvi dizer que você havia pendurado o hábito eclesiástico para fazer funcionar uma catapulta mortal...

— Deixemos de histórias! — Durand o interrompeu habilmente. — Não vim aqui para prestar contas de nossas respectivas façanhas de guerra... — Com um gesto que pretendia ser amistoso, pôs a mão no ombro do mestre e obrigou-o a erguer os olhos para a amplitude luminosa da paisagem. — Começarei a história de outra maneira: faz uns cinco anos, uma dama de alta linhagem, segundo dizem da mais antiga e importante nobreza francesa, viajou muito bem escoltada, mas incógnita, a Fanjeaux. Lá, no mosteiro de Notre-Dame de Prouille, as freiras tinham sob seus cuidados uma menina, filha daquela dama, a quem escondiam rigorosamente do mundo exterior: ela inclusive estava ali com nome falso, o que certamente obedeceria a algum bom motivo! — O bispo olhava pelo canto dos olhos para seu interlocutor, mas o olhar deste descansava no horizonte distante, onde apareciam, em meio à névoa, os picos nevados dos Pireneus. — A jovem chamava-se Blanchefleur, completara então dezesseis anos e era bonita e sensível.

A mãe, a quem podemos chamar tranquilamente de "a duquesa" — e buscou obter de seu ouvinte um sinal de aprovação, mas Beccalaria se limitava a observar a passagem das nuvens —, revelou a sua filha que há algum tempo buscava descobrir o mistério de sua origem — pois a menina à medida que crescia e progredia nas artes da álgebra era capaz de calcular que no momento de seu nascimento sua mãe era viúva há três anos —, quais eram o nome e a posição social de seu pai natural. Mas Blanchefleur não reagiu, como a duquesa esperava, com orgulho e satisfação, ficou ainda mais confusa, e a confusão aumentou ainda mais quando a duquesa informou à menina da existência de um projeto dinástico muito importante que a afetava, embora a senhora não tivesse lhe explicado esse projeto em detalhes. Depois de convencida de que a filha estava bastante madura para casar-se, deixou-a à espera de seu futuro e partiu novamente. No entanto, Blanchefleur tinha umas idéias bem diferentes sobre o seu futuro; sei disso porque era seu confessor. Blanchefleur amava, com intensidade virtuosa, porém loucamente decidida, um jovem cuja posição social, como por fim percebi, era bastante inferior, e que, além disso, era tão pobre que não atingira a condição de cavaleiro e preferia ganhar a vida com o trabalho de suas mãos e o engenho de sua mente. Queria ser mestre-de-obras e colaborava como ajudante nos trabalhos de restauração da igreja do mosteiro, uma construção que datava da época de são Domingos. Blanchefleur e o jovem engenheiro encontravam-se às vezes no jardim do mosteiro e juntos fantasiavam sobre a possibilidade de serem construídas catedrais cada vez mais altas e belas em certos lugares mágicos calculados com base no curso dos astros, cujo equilíbrio entre o Céu e a Terra, como você sabe, depende apenas de o conjunto dos espeques e contrafortes estar corretamente situado e ter a inclinação, a curvatura, a espessura e o ponto de repouso convenientes. Neste assunto, concordavam cada vez mais, e enquanto o jovem arquiteto desenhava seus sonhos, sua inteligente aluna passava as noites na cela calculando as dimensões, curvas e cargas. No começo, os encontros foram fortuitos, mas depois tornaram-se mais freqüentes, sempre secretos como era de esperar, e finalmente se fizeram regulares. Não se atreviam ainda a falar de amor, como qualquer um poderia supor sem dificuldade, mas o manifestavam em forma de esboços e notas repletos de desenhos e seções, além de fórmulas matemáticas, que trocavam em segredo.

"Quando Blanchefleur soube pela boca de sua mãe que aquele sonho encantado, expresso em equações de Pitágoras, Tales e Euclides, teria um fim rápido e imediato, tomou a decisão de agir. Sua resolução não consistiu em revelar seu amor ao engenheiro de sua alma, mas sim convenceu-o com muita calma a ajudá-la a fugir do mosteiro, afirmando que tudo se resolveria depois com a ajuda de Deus."

O bispo interrompeu o fluxo incessante de seu relato, como se esperasse ou exigisse que seu ouvinte mudo contribuísse com alguma observação, mas Beccalaria não afastava os olhos da paisagem, seguindo o curso das nuvens pelas montanhas, e sua expressão era de completo desagrado. De modo que o monsenhor continuou, um tanto desiludido:

- De fato, tudo se resolveu com a ajuda de Deus: Blanchefleur chegou a Montreal, onde havia combinado que se encontraria com o construtor. Mas ele não apareceu. E ela, então, caiu nas mãos do jovem Trencavel, filho do vosso Parsifal! — Beccalaria não demonstrou com nenhum gesto que a história de algum modo lhe dizia respeito. — Ra-món-Roger III estava a ponto de reconquistar Carcassone, sua herança paterna, e tinha instalado ali seu secreto quartel-general, onde residia rodeado dos rebeldes e *faidits*, que lhe eram fiéis. O visconde, um cavaleiro na flor da idade, favorecido pelo carisma de seu pai, morto em trágicas circunstâncias, e ainda envolto na radiante aura, embora um tanto decadente, do mito que cerca o Santo Graal, tratou sua bela prisioneira com toda deferência, até onde suas atividades de conspirador deixavam espaço livre em seus pensamentos e em seu tempo. Não a cortejou, e ela continuou esperando seu herói, cuja imagem dia a dia empalidecia, pois não lhe chegavam mais notícias dele. Na véspera do decisivo ataque a Carcassone, Blanchefleur entregou-se por sua própria vontade a Trencavel, tornou-se sua amante. Na manhã seguinte, o cavaleiro beijou a tímida garota cuja delicadeza o

ajudara a passar uma noite difícil, engajou-se na batalha e nela morreu. Blanchefleur teve de fugir com a ajuda dos poucos fiéis que sobreviveram ao combate, de povoado em povoado, de esconderijo em esconderijo, em terras que lhe eram estranhas e que, à exceção do companheiro que a tinha abandonado, não tinha outros amigos. Oliver de Termes, companheiro de armas do infeliz Trencavel, conseguiu finalmente um refúgio no Montségur para a mulher, que estava prestes a dar à luz...

— Não é verdade! — respondeu Beccalaria. — Oliver a traiu duas vezes! Fui eu quem a encontrou, em completa miséria e a ponto de morrer, e carreguei-a nos braços, já que não dispunha nem de um cavalo, ao alto do castelo do Santo Graal. Fui eu quem, desconhecendo inteiramente como agir no caso de rapto de uma mulher por um cavaleiro, procurei Oliver, que conhecia minha família e com quem sabia que me entenderia, devido à minha simpatia para com a fé dos "puros" e nosso amor à pátria comum, o Languedoc; queria que ele me aconselhasse e que me ajudasse naquela empresa difícil de executar. E Oliver tomou as rédeas nas mãos! Pelas minhas costas tramou com Trencavel, a cujo séquito pertencia, a entrega daquela presa fácil; fez-me esperar em Villeneuve de Montreal e não em Montreal simplesmente, sei muito bem! — sem me mexer, pois tinha me advertido de que poderiam passar dias e dias até que visse realizada a proeza. Ali me descobriram uns desconhecidos, que me aplicaram safanões e me ameaçaram de morte se não me afastasse do caso, de forma que demorei meses até poder seguir a pista de Blanchefleur durante sua fuga, até que finalmente encontrei-a. Oliver a deixara abandonada de modo ignominioso. Imediatamente depois da tentativa fracassada de conquistar Carcassone, pôs-se à disposição do rei de França; quer dizer, passou para o outro lado. Depois já não vi mais Blanchefleur, mas sei que no Montségur dera à luz um menino, que recebeu o nome de Roger-Ramón Bertrand.

— Foi esse nome o que me fez pensar em você — disse o bispo com voz meio apagada. — Ela foi vista ainda uma vez, sem a criança, na localidade de Prouille, saindo depois para encerrar-se num convento desconhecido, protegendo-se assim durante o resto de sua vida da curiosidade do mundo, e sobretudo das indagações de sua mãe. Isso foi tudo o que me confiou.

O mestre-de-obras comentou, então:

— Que estranhas voltas dá o destino. Talvez Blanchefleur, ao escolher o pai daquela criança, tenha ultrapassado em muito as ambições de sua mãe que, segundo imagino, idealizava um casamento de boa linhagem para ela. Mas a filha foi muito mais longe do que a duquesa pudesse desejar. Uma união de sangue com a estirpe quase extinta dos Trencavel é o mais próximo que se pode imaginar da linha sagrada do Graal.

Seu tom era amargo, e o bispo tentou proteger o ofendido debaixo do amplo manto da Igreja:

— Só há um "sangue sagrado", o de Nosso Senhor Jesus Cristo!

— Isso é verdade — admitiu Beccalaria.

— O sacerdote o mostra aos fiéis, dentro do cálice sagrado. Mas o mestre-de-obras negou com um gesto:

— Os especialistas acham que o sangue sagrado corre nas veias de certa nobreza entroncada com a família do Santo Graal, e essa família é a autêntica herdeira do Messias nascido da estirpe real de Davi!

— E quem era, pois, a mãe de sua Blanchefleur, já que tem tanta certeza de que no menino Roger-Ramón Bertrand se dá uma conjunção incrível de união sangüínea real?

— Não sei, e também não sei quem foi seu pai. Se soubesse... -Já posso lhe dizer quem foi o pai: o imperador! Em troca, você

me revela o segredo da duquesa.

— Pois não lhe valeu de nada o esforço. Nunca lhe perguntei, e morrerei tranqüilamente sem o saber!

O olhar de ambos recaiu sobre uma carruagem negra escoltada por homens armados que se encaminhava, envolta numa nuvem de pó, em direção à obra.

— Há quem não economizará esforços para que você fale antes de deixá-lo morrer em paz — disse o bispo em voz baixa e sem uma inflexão ameaçadora, mais parecendo expressar compaixão. — Deveria fugir, Bertrand, pois o inquisidor se aproxima...

— Há muitas perguntas que ficam sem resposta — retrucou o mestre-de-obras, e inclinou-se para a frente para seguir o curso da escura carruagem, que tinha se detido diante da abertura destinada ao portal. Os cavaleiros apearam e começaram a cercar a obra. O bispo quis puxá-lo pela manga e mostrou-se sinceramente preocupado.

— Pode fugir pelas escadas em caracol; lá embaixo encontrará meu cavalo, e uma vez em Albi...

— Sua catedral... — Beccalaria interrompeu-o amigavelmente, e durante um instante conseguiu que seu tom conciliador dissipasse os temores de seu interlocutor — ... como muitas outras catedrais, não será construída jamais.

E ao dizer essas últimas palavras, deu um passo para trás, como se tivesse esquecido, num descuido, que tinha às suas costas o vazio. Caiu no abismo, mas não foi uma queda livre: primeiro bateu no contraforte inferior, que lançou seu corpo contra a escora. Depois, como se a mão de Deus estivesse retirando as pedras, o arco atingido começou a se esfarelar e atrás do mestre-de-obras caíram as pedras simetricamente, primeiro uma, depois duas, três e, por fim, o resto. Sua queda apagou o barulho causado pelo rompimento no correspondente contraforte que balançou indeciso ao ver-se abandonado pela resistência que sustentava seu peso, inclinou-se e finalmente caiu. Depois, a parede oposta, sem sustentação, desabou num movimento coordenado, rompendo os contrafortes das outras escoras, arrastando-os consigo como um fogo que se alastra para todos os lados com a rotação dos ventos. A direita e à esquerda caíram arcos, pilastras, paredes, num estrondo de madeira que se despedaça e pedra que arrebenta, deixando um monte de escombros do qual saíam nuvens de pó até restar apenas uma ruína da obra de Saint-Pierre, com uma única torre que permaneceu incólume em meio ao desastre.

"O Grande Plano"

Cortona, verão de 1244 (crônica)

— *De profundis clamavi ad te, Domine...*

Meu dia no sótão de Cortona começava com uma oração matinal.

No começo Elia ainda costumava me visitar de vez em quando, desculpando-se às vezes pela demora cada vez maior com que o fazia, e me falava de seus projetos de construir uma igreja e um mosteiro, dedicados a São Francisco. Mostrava-me os esboços e queixava-se da indiferença da comunidade que, embora tivesse colocado à sua disposição um terreno para a construção, há semanas que adiava a assinatura do documento correspondente. Mas depois de transcorrido algum tempo, mais de um mês, quase não o via. Quando aparecia, mostrava-se apressado e nervoso e recusava-se a falar comigo, até que finalmente pareceu ter se esquecido inteiramente de mim.

Eu me familiarizara com os amplos subterrâneos do castelo. Durante as tardes, a senhora Gersenda me deixava entrar e sair da adega quantas vezes quisesse, e de noite também me permitia ir ao pátio da cozinha respirar ar puro por algumas horas. O que não permitia, no entanto, era que eu colocasse a mão debaixo de suas saias quando estava por perto. Os quartos das criadas ficavam muito longe, nas águas-furtadas. Gersenda era uma mulher virtuosa, maternal, caridosa e empreendedora, mas nem ao menos pensou em brincar com aquela parte de meu corpo como eu tanto desejava.

E assim não me restou outra opção senão entregar-me à bebida de forma regular, e como minha alcova ficava perto dos tonéis, sempre tinha um leve vapor de vinho sobre meu leito, como uma suave almofada de plumas na qual eu mergulhava no fim da tarde — a meu ver, as noites só serviam para urinar — e dormia à vontade até depois do meio-dia. Ao mesmo tempo invejava demais os dois prelados vindos da Terra Santa, que toda noite chegavam, vociferando mais que cantando, do Bezerro de Ouro, caindo cambaleantes sobre seus colchões. Eu só os escutava, pois me proibiram de vê-los e mais ainda de falar-lhes.

O tamanho de meu corpo aumentava a cada dia, eu percebia isto, sobretudo, pelas brincadeiras e negativas das criadas. De modo que meu instinto começou a adormecer, embora ainda tentado pela lembrança da bela Ingolinda, e cheguei a não desejar nem mesmo dar-lhes prazer, fosse em suas camas, no meio da palha, ou de qualquer outro jeito, estivessem deitadas, de pé ou sentadas. Um dia, de repente, lembrei-me do pergaminho de Sutri, mas já não foi um pensamento que me transpassasse como uma lança ardente, e sim como uma leve idéia que poderia me ser útil para modificar aquela preguiçosa existência de anfíbio.

Assim me dirigi, arrastando os pés, até onde estava Gersenda, e lhe pedi de joelhos uma pena, tinta e pergaminho. Queria escrever, lhe disse, compor loas ao Senhor para acalmar minha consciência. Não lhe disse que pensava fazer uma cópia digna da mensagem dirigida a seu amo, nem houve necessidade de que o dissesse, pois ela imediatamente expressou contentamento por minha atitude. Gersenda achava que isso me faria mudar e deixar o sorriso lascivo com que olhava as saias das criadas e também as dela, quando não tentava levantá-las.

Assim, Gersenda me trouxe o que pedira, e também umas velas de sebo. Retirei-me para meu

esconderijo, peguei o documento que mantinha oculto, alisei-o o melhor que pude e comecei a ler...

Com um laço múltiplo está formado o selo da Aliança Secreta, a ponta-de-lança da fé surge da copa do lírio, o triângulo transpassa o círculo e flutua sobre as águas. Aquele que está destinado a saber, saberá quem lhe está falando!

O que busca a verdade fará bem de aprofundar-se na Palavra de Deus tal como está escrita na Bíblia. No entanto, não fará bem se confiar nos padres da Igreja. Pois estes não buscavam o saber como ele, senão que se limitavam a interpretar as Escrituras segundo lhes parecia melhor, para seu próprio proveito.

Mas o que busca a verdade também pode rogar a Deus que lhe permita ler no grande livro da história. Deus não escreve com a tinta dos escribas, mas com a vida dos seres humanos e dos povos.

Quando Deus quis libertar o povo de Israel de sua situação de Povo Eleito, libertá-lo da carga massacrante que não lhe permitia desenvolver as forças suficientes para fazer partícipes a outros povos do Deus Único e Verdadeiro, quando viu que as almas dos filhos de Israel tinham se endurecido como o couro endurece debaixo do sol e que se tornaram frágeis, quebradiças, enviou seus profetas para que dessem testemunho da grandeza do seu Reino.

O primeiro a chegar foi João Batista. Mas seus clamores perderam-se no universo, pois o povo mostrou-se insensível e seus ouvidos estavam surdos.

Depois veio Jesus, da estirpe de Davi, que ofereceu a própria vida. Mas seus discípulos torceram sua mensagem de amor e falsificaram a herança recebida de seu sacrifício. E, finalmente, Maomé, que mostrou aos povos confusos o caminho simples que leva ao Paraíso sem culpas nem perdões, por meio de uma vida devota e justa sobre a Terra.

Do mesmo modo que Deus castigou Israel depois de sua saída do Egito, também mostrou seu desgosto com os muçulmanos depois da *Hégira*, da sua saída de Meca. Desde então a herança de Maomé está dividida entre aqueles que só querem ouvir a mensagem, a *sunna*, e estão cegos para tudo o mais, e aqueles outros que olham fixamente, surdos para tudo o que os rodeia, no caminho da *chia*, o caminho do sangue. Só Deus sabe qual desses caminhos é o correto. Os muçulmanos não o sabem.

No entanto, o Senhor mais emudece de ira quando observa o monstro que os sucessores de Cristo puseram no mundo. Do mesmo modo que nomearam a si mesmos por sua própria graça, fundaram uma Igreja que se cria e sucede a si mesma. Mas Ele ainda se serve dela para castigar os demais: para dispersar os judeus pelo mundo e para fortalecer a divisão do Islã, expondo os dois ramos a golpes que o monstro distribui com seu rabo enquanto seus tentáculos afogam, espremem e roubam todos os demais.

Mas o rastro de sangue que o animal arrasta atrás de seu rabo é também uma promessa de que Deus, Nosso Senhor, não esquecerá de suas crueldades. Só Deus sabe quando chegará o dia do Juízo Final, mas este dia chegará! Porque as atrocidades dos sucessores de Cristo clamam aos Céus.

O primeiro que fizeram foi negar a corporalidade humana de Jesus de Nazaré. Em seu delírio e sua soberba, chegaram a declarar que era Filho de Deus e o constituíram como segundo Deus. E não bastando isso, elevaram também sua mãe à condição de Virgem de origem divina, o que é zombar da maternidade; deste modo conseguiram encher o Templo que Ele acabara de limpar, e que devia estar dedicado a um só Deus, que é Único, introduzindo grande número de altares secundários.

Depois buscaram o favor dos romanos, porque sua pretensão era de que, na capital destes, então a *caput mundi*, deveria se aninhar o monstro ambicioso, para estender seus braços e atrair a si todos os humanos, estrangulando pelo caminho aqueles que não o adoravam.

Tal ameaça estendia-se também aos cristãos que tinham seguido a mensagem de Jesus, que diz: "Percorram o mundo", para ensinar Sua palavra aos que têm ouvidos para escutá-la. Foram doze os discípulos a quem o Senhor enviou para cristianizar o mundo.

Saulo não era um deles, e a caminho de Damasco não se converteu em apóstolo, mas em Paulo, o Estrategista. Foi Paulo quem tomou a difícil decisão em favor de Roma dos Césares, não em favor de Bagdá, que é o berço da humanidade; não em favor de Alexandria, onde se guarda um tesouro de espiritualidade, nem muito menos em favor da Jerusalém dos antepassados. A ele devemos o desenvolvimento do polvo, e não ao nobre pescador que foi Pedro. Paulo implantou o animal ali onde não poderia transformar-se em outra coisa a não ser um monstro.

Para adular Roma, foi proposto pelos cabeças da Igreja que fosse esquecido terem sido os romanos que, em aplicação estrita ao *codex militaris*, crucificaram Jesus de Nazaré, *Rex Iudaeorum*. Em troca, atribuíram ao próprio povo do Messias — os judeus — seu assassinato. Deste modo transformaram Jesus, primeiro em Deus mártir, depois em Deus simplesmente, e assim saiu a primeira nuvem venenosa da boca do animal: uma nuvem que desde então envenena, pressagiando desgraças para todos; essa é também a nuvem de ódio que exclui os filhos de Israel e os filhos de seus filhos. Não há nada que una tanto quanto um inimigo comum.

O animal fizera sua a mensagem de Jesus Crucificado; havia se apoderado de Seu corpo ao mesmo tempo que imaginava ter ingerido também Seu sangue. Nada provocava tanta raiva no monstro de Roma como saber que a linhagem de sangue da casa de Davi não se extinguira, que sua semente continuava se alastrando. Posto que Jesus era para eles Deus, Sua estirpe, ao menos aquela parte que não foi divinizada junto com Ele, foi declarada desprezível pelo animal. Daí tacharam Sua mulher de prostituta, e Seus filhos, Bar-Rabbi e os demais, foram comparados com bandoleiros de estrada. Tudo o que pôde salvar-se da justiça crucificadora dos romanos desapareceu da história como se nunca tivesse ocorrido.

Um destino parecido sofreram as comunidades dos demais apóstolos. Bastou o animal sair das catacumbas e galgar o trono da Igreja do Estado romano para iniciar uma feroz perseguição contra aqueles que, dizia o monstro, se desviavam da verdadeira fé. Primeiro eram chamados de sectários, depois os insultavam de hereges e os colocavam no pelourinho. Todos os que se negassem a submeter-se às exigências da Igreja Católica — este foi o nome adotado pelo monstro —, que considerava a si mesma como a única possuidora das chaves do Paraíso, acabou condenado por ela. A partir desse momento não lhe bastou mais o pelourinho, e começou a amontoar palha e lenha. O animal resolveu seguir as pegadas deixadas pelo Império, e a partir de então já não se limitou a espalhar veneno, e sim lançar mão do fogo. Então acenderam-se as primeiras fogueiras.

E o resto do mundo? Os seguidores do profeta Maomé, que Deus enviou depois de Jesus — e Deus sabia o que fazia —, foram considerados infiéis. A partir de então, formou-se um exército deles, e quando se tornavam dóceis e beijavam voluntariamente a cruz, podiam receber o batismo; mas se não aceitavam a conversão, o melhor era liquidá-los logo.

Agora soubemos que muito longe daqui, no Leste, vivem numerosos povos, para cujos soberanos, nós, os que nos agrupamos em torno ao *Mare Nostrum*, os que reinamos desde a *caput mundi*, não somos mais que o "resto do mundo". Que faremos com eles, de nosso ponto de vista? E como eles procederão conosco?

O animal sentou-se sobre uma rocha que já estava em decomposição: cai o Império Romano.

Bizâncio, ou a Roma oriental, que por estar situada entre o Oriente e o Ocidente representava inicialmente a parte mais extensa do Império, não teve dificuldades em manter separados os poderes terreno e espiritual, reunindo-os, no entanto, no mesmo lugar. Os que eram de Bizâncio viam a si mesmos

como obstáculo aos povos do Sol Nascente, e ao mesmo tempo como mediadores.

Mas o animal se assentara na Roma ocidental. Quando o Império sucumbiu, o poder imperial passou inicialmente às mãos dos imperadores germânicos, sempre guerreiros; depois às mãos do "Sagrado Império Romano", que continua com os teutões. Mas a Igreja que buscava desde o começo o poder terreno não estava disposta a renunciar à sua primazia. Os "papas", tal era o nome que adotaram os supremos sacerdotes do monstro, enfeitaram-se com a tiara, uma coroa tríplice que levam sem recato algum para mostrar as riquezas acumuladas: viam a si mesmos como autênticos sucessores dos Césares.

Esses Vicários de Cristo, representantes do Filho de Deus, exigiam obediência e obrigavam os príncipes a ir até seu trono prestar-lhes homenagens. O monstro exigia do patriarca de Bizâncio e também do imperador germânico que se curvassem a seu poder. Foi assim que Roma provocou a discórdia e a disputa do poder: quem nomeia quem? O papa o imperador? O imperador o papa?

Desde a destruição do Império Romano e a chegada dos antigos povos bárbaros que vinham do norte e do leste, a face do *orbis mundi* mudou. Colônia, Londres e Paris já não são guarnições romanas, postos avançados colocados na selva celta ou germânica, mas centros de nações poderosas. Carlos Magno governou como um César sobre o mundo conhecido como Ocidente. É verdade que depois se formaram reinos independentes, mas acima de todos eles estava o imperador, uma instituição respaldada pela graça de Deus!

Na Península Ibérica e no sul da Itália, que pertencia a Bizâncio, o Ocidente sofria agressões por parte da força nascente do Islã. O Império, ao contrário, estendia-se para leste, colocando sob seu domínio os reis da Boêmia, da Polônia e da Hungria, que se tornaram vassallos do imperador; ao mesmo tempo os missionários penetravam pelo norte, e as fronteiras se tornavam ducados.

O rei de França gostaria de ter feito o mesmo que os alemães, mas não tinha muito espaço disponível e não possuía a autoridade da coroa imperial.

Algumas regiões no sudoeste — Tolosa e o Languedoc — não estavam dispostas a se submeter a ele ou a Roma: daí que Nosis e Mani desceram como o orvalho sobre a terra fértil, onde o *sang real* converteu-se no "Santo Graal".

Segundo a lenda, foi aqui que os filhos de Jesus fixaram-se e foram acolhidos pelos judeus em exílio. Seu sangue, o dos Belises, teria inicialmente se misturado com o dos reis celtas, depois com o dos reis godos. A casa de Ocitânia, os merovíngios, os Trencavel e mesmo toda a nobreza do país originam-se deles. Foi também aqui que surgiu o próprio conceito do que é a nobreza: uma distinção que Deus dá a determinadas famílias. Seu país, uma ilha de bem-aventurados, que durante séculos ficou fechada ao exterior; que possui seu idioma próprio, a *langue d'oc*; uma terra com leis próprias, as *leys d'amor*, e com uma religião própria: nesta não existia nenhum papa, e o Paraíso estava próximo. Daí se origina que ofertassem ao Ocidente a poesia de amor cantada pelos trovadores. Pois bem: essa terra vai ser logo objeto de cobiça dos franceses e depois será malvista por Roma, quando o Ocidente se puser novamente em marcha, no segundo milênio depois do nascimento de Cristo, num movimento catastrófico, de tendência auto-destruidora.

Havia muito tempo que Roma já não era o centro do Ocidente, a Península Apenina tinha virado um farrapo. A Lombardia, núcleo do Império em seu tempo, tentava escapar da tutela de Roma. O *Patrimonium Petri*, como o monstro tinha chegado a chamar suas terras, tornara-se um Estado próprio: o Estado da Igreja. O sul do país, o florescente, mas selvagem e antigo "Reino das Duas Sicílias", caíra nas mãos de um punhado de aventureiros normandos, que arrancaram a presa dos árabes.

Os papas haviam ficado na periferia da história: uma história cujo centro estava cada vez mais se deslocando na direção do norte, do leste e do oeste; e os poderosos só de vez em quando se lembravam

da sua existência e acudiam a Roma, quase sempre para saqueá-la.

O monstro não mais quis suportar isso. Foi então que Roma provocou, sem necessidade alguma, afinal, o cisma oficial. A partir de então, Bizâncio negou-se definitivamente a reconhecer a supremacia do papa.

Mais ou menos dez anos depois, ocorreu no norte da Europa uma guerra que teria graves conseqüências. Os normandos cruzaram o mar e conquistaram o reino da Inglaterra; isto acarretou o desequilíbrio das forças existentes no solo francês que, a partir de então, dedicaram-se a aumentar suas próprias divergências, sem levar em conta o imperador ou o papa.

No decênio seguinte, o papa Gregório VII humilhou o rei alemão Henrique IV, deixando-o esperar vários dias diante do castelo de Canosa, antes de libertá-lo da excomunhão. Henrique vingou-se perseguindo Gregório — que teve de buscar refúgio no castelo Sant'Angelo — e nomeando posteriormente um novo papa, que vai coroá-lo imperador. Gregório pediu ajuda aos normandos do sul da Itália, mas estes destruíram a cidade de Roma, a ponto de provocar a revolta dos romanos. Gregório teve de fugir com os normandos, abandonando a cidade e buscando esconderijo em Salerno, onde viveu os últimos dias de sua vida.

Nessa situação difícil, o sucessor de Gregório, Urbano II, proclamou no Concílio de Clermont sua decisão de ser realizada uma cruzada. *Deus lo volt!*

Não se pode saber se Deus queria essa cruzada; o mais provável é que ela se convertesse em mais um dos chicotes com que Ele pensava castigar a humanidade; pois o que Ele deseja, faz acontecer.

O monstro, em sua obsessão, deu curso a essa loucura, que só acarretaria sangue e lágrimas, ódios e ambições. Talvez intimamente contasse com a possibilidade de que algum dia a humanidade, indignada, lhe arrancasse os membros, lhe estrangulasse e o jogasse na fogueira, mas não pensou certamente na possibilidade de os humanos olharem sua obra com indiferença, e de que ela finalmente fosse esquecida.

Sendo assim, a cruzada não foi outra coisa senão uma prova de força bastante infantil da parte do papado que queria colocar-se à cabeça do Ocidente e obrigar os príncipes a acudir à campanha. Foram os segundos e terceiros filhos das casas reinantes, os que não podiam esperar por uma herança ou um feudo, que costuraram a cruz em seus mantos e invadiram os redutos daquele monte de gente. Foram seguidos pelo exército dos pobres, ladrões foragidos, assassinos e rufiões, bandoleiros de estrada, patifes e jogadores, bisbilhoteiros e o resto da ralé, mais as mulheres: as que estavam à venda e as que buscavam uma ilusão, as lascivas e as maternais, as amantes e as enganadas. Depois vinham ainda os frades e padres, tanto os degenerados como os que ansiavam por reformas, os fanáticos missionários e outros que esperavam obter bons lucros. Esta foi a avalanche de cruzados que atravessou a Europa.

Em toda parte as cruzadas eram precedidas por matanças selvagens: a sementeira venenosa do monstro trouxe frutos. Matar os judeus era um bom exercício, já que não se pensava dispensar o mesmo tratamento aos infiéis. O monstro prometera o perdão de todos os pecados aos poucos que tinham aceitado levar a cruz porque considerava ser este seu dever cristão. Mas aqueles outros que se envolviam por motivos terrenos pensavam alcançar não apenas a salvação de suas almas, mas também enormes riquezas.

Muitos sonhavam com o Jardim do Eden, vazio de moradores desde a expulsão do Paraíso, e o identificavam com palácios abandonados onde os esperavam abertas as arcas cheias de tesouros, de ouro e jóias, e o monstro permitiu-lhes sonhar. Outros achavam que os "infiéis" os esperavam como as crianças esperam seus pais, olhando ansiosamente para o mar, de onde viriam os cruzados. Outros não pensavam em nada e se surpreenderam quando encontraram naquelas terras uma estrutura feudal assentada há vários séculos, uma civilização e uma ciência muito superiores às nossas.

Aqueles que não haviam ficado cegos, surdos e insensíveis por causa do veneno difundido pelo animal, sofreram a experiência da Terra Santa como uma bofetada em pleno rosto. Também para o monstro a

experiência acabou sendo um terrível golpe: do Oriente não chegaram apenas perfumes e óleos aromáticos que acariciaram os poros do Ocidente; não apenas as artes do amor, da dança, da música, do canto e da poesia, mas também o espírito e as idéias da filosofia, a semente do livre-pensamento. Eram estímulos que já não abandonariam mais as terras do Ocidente por mais que o animal arfasse e cuspsisse fogo. Este suspeitou que os ventos do Oriente dispersariam algum dia seu alento venenoso, que não podia manter-se no limpo ambiente da razão.

A primeira cruzada terminou com a conquista gloriosa de Jerusalém. Os conquistadores banharam-se durante três dias no sangue dos muçulmanos mortos, dos judeus estrangulados e dos cristãos caídos na defesa de sua cidade. Depois proclamaram o "Reino eterno de Jerusalém" e distribuíram terras, castelos e cidades entre os caudilhos nobres. Os pobres que os haviam seguido, se não morreram de fome, sede, calor e frio nas batalhas ou se não terminaram como escravos, continuaram sendo o que sempre tinham sido.

Foi preciso passar três gerações para que o mundo árabe pudesse se refazer do horror e unir-se sob um só chefe. Primeiro chegou Saladino, que conseguiu reunir em suas mãos o poder da Síria até o Cairo, para depois acabar rapidamente com os cristãos. Assim, estes tornaram a perder Jerusalém na Batalha dos Cornos de Hatti. Mas não a perderam do mesmo modo que a haviam ganho, nem muito menos! Saladino não derramou o sangue dos vencidos. Estes se sentiriam envergonhados, talvez? Também não. Os cristãos não conheciam a vergonha.

Mas sobreviveram. Com os sucessores de Saladino o poder do Islã repartiu-se em três grandes centros: Bagdá, a capital suprema, trono do soberano de todos os crentes: o califa; a rica Damasco, forte em seu desejo de liberdade e independência, aberta até para os cristãos; e, finalmente, a sede do sultão, a poderosa cidade do Cairo, prisioneira de um passado glorioso e de seus exércitos de mercenários. No meio havia muitos emirados maiores e menores, que se uniam algumas vezes a uma ou a outra das partes. Fazia tempo já que não era questão de impor uma fé, e também as conquistas de guerra eram problemas do passado. Tratava-se do comércio e dos portos. Embora não reinasse a paz, houve sim uma série apenas interrompida de armistícios: às vezes os emirados de Homs e Hamá pagavam tributo aos senhores cristãos de Beirute; outras vezes, os "assassinos" cobravam impostos do Sidon e Tripoli. Também os ingleses pediram emprestado o exército de Mossul para combater os franceses em Jafa ou em Tiro. E a corte do "Reino de Jerusalém" residia em São João do Acre.

Desde o começo das cruzadas, passaram cem anos. Debaixo do sol ardente das terras ocidentais, todos encontraram um lugar à sombra; cristãos e muçulmanos se acostumaram uns aos outros. Mas ocorre, então, que o monstro dá luz a um outro monstro, a um prelado como até então não se havia visto no mundo: Inocêncio III. O animal não fora abandonado por seu instinto. Suspeitou que uma ameaça estava próxima, que Deus estava forjando em algum lugar o ferro que podia lhe cortar a garganta.

Esse ferro eram os germânicos da família dos Hohenstaufen, a estirpe que transformou o Reino da Alemanha em hereditário e que, desde o famoso Barba-Roxa, herdava também o título de imperador. O filho de Barba-Roxa casou com a última princesa normanda, herdeira do Reino das Duas Sicílias.

Aconteceu, portanto, o que o animal sempre temeu: o Sul unido ao Império, *unio regnis ad imperium*, e no centro o patrimônio de São Pedro, rodeado por seu abraço mortal!

O casal imperial proclamou em Jesi o nascimento de seu filho: Frederico II. O papa Inocêncio, que iniciara seu reinado reivindicando o poder universal do papado, adotou o jovem príncipe; o animal buscava prender Frederico com seus tentáculos, colocar-lhe o veneno da submissão.

Inocêncio, sentado na cadeira de São Pedro, representava a cabeça do monstro, que crescia a limites insuspeitáveis. O monstro agora não distribuía golpes às cegas, mas atacava no momento menos

esperado, distribuía punhaladas mortais que faziam tremer o Ocidente inteiro. Inocêncio aplicou sua diabólica astúcia para desviar a cruzada seguinte, empreendida com a ajuda de Veneza, desejosa de ampliar suas redes comerciais, contra a cismática Bizâncio. O patriarca da Roma oriental, que durante tanto tempo representou um aguilhão na carne do papado, teve de fugir. O fato de com isto destruir-se a barreira que até então o Ocidente havia erigido contra o Oriente pouco preocupava ao cavaleiro da Besta, com sua carga de ódios.

O golpe seguinte de Inocêncio foi dirigir-se com toda virulência e maldade contra os hereges, os cátaros da Ocitânia. Sua heresia — que consistia em opor ao luxo e magnificência da Igreja oficial romana a pobreza e a austeridade de seus próprios sacerdotes, às ameaças tenebrosas dos dominicanos a alegre certeza do Paraíso, à venalidade e ao nepotismo da Igreja Católica o voluntarioso ânimo de sacrifício dos "puros" — era motivo de repúdio por parte do animal. O dia da vingança havia chegado.

Sendo assim, o monstro prometeu à França dos Capetos terras e títulos no rico sudoeste, e as ânsias de poder dos reis de Paris se sobrepuseram a todas as reservas. Deste modo, desencadeou-se a "cruzada contra o Santo Graal", chamada também a guerra contra os albigenses. Embora o monstro já tivesse ganho antes este nome, agora apressou-se a merecê-lo ainda mais, desenvolvendo uma crueldade que até então besta alguma exibira na face da Terra.

O bafo flamígero do animal fez arder cidades, mandou à fogueira católicos, cátaros e judeus. Todos à fogueira!, foi a ordem lançada por Roma. O dia do Juízo Final saberá diferenciar os seus! E o monstro andou pelo Languedoc, destruiu Tolosa e Carcassone, estrangulou Béziers e Termes, torturou entre as garras da Inquisição, despedaçou a cultura da amável Ocitânia e fez desaparecer sua língua e vidas humanas.

Uma vez saciado seu apetite de sangue inocente, o monstro dirigiu sua atenção ao afilhado. Depois da morte precoce de seus pais, Frederico ascendera ao trono ainda rapaz. É certo que o jovem germânico já estava bastante envenenado, a ponto de não ver nos cátaros senão hereges merecedores da morte, e continua vendo assim até os dias de hoje. No entanto, sua idéia fixa sobre a categoria e a posição condizentes ao imperador permitiu-lhe afastar-se dos abraços de seu tutor.

Inocêncio morreu de um ataque de apoplexia. Pois bem, o corpo do monstro engendrou de imediato uma nova cabeça mortífera: Gregório IX. Com este prosseguiu sem piedade a perseguição do imperador. O papa atual, Inocêncio IV, enche a boca de espuma enquanto jura destruir Frederico e sua "ninhada de víboras". Por que não reunirá o imperador todas as suas forças para acabar com esse horrível animal, por que não acenderá uma gigantesca fogueira no castelo Sant'Angelo até que suas paredes arrebetem com o calor, espalhando depois suas cinzas aos ventos?

Estamos no início de uma nova cruzada, uma empresa importante e cuidadosamente preparada por Luís IX, rei de França. Eu, o autor da presente memória, me atrevo a predizer como acabará esta cruzada: numa catástrofe.

Jerusalém está perdida para sempre. Se a reconquistássemos, não poderíamos retê-la. Já não basta uma cruzada: ali teria de se colocar exércitos gigantescos para ocupar a Terra Santa e poder se defender de forma permanente o conquistado. Cento e cinquenta anos de crimes e injustiças, ameaças e ódios, provocaram tanta amargura de ambos os lados que é impossível imaginar a paz e a reconciliação.

Tudo isso me enche de profunda tristeza e preocupação. Para alguém como eu, para quem o mar Mediterrâneo não é mais o *Mare Nostrum* dos romanos, mas a *mediaterra*, ou seja, o nexa de união e não o fosso que separa os países do Ocidente e do Oriente, chegou o momento de fazer parar esta vergonhosa evolução.

Sou um filho do Languedoc, onde penso que está o berço do Ocidente; exatamente ali, e não em Roma. E,

além disso, muito antes da entronação do monstro! Embora seu bafo venenoso tenha me empurrado a exilar-me no Oriente, continuo pensando como ocitano:

Não consigo crer que a realeza eleita corresponda à vontade de Deus. Eu acredito nos soberanos ungidos pela graça divina!

No entanto, não existe a dinastia da qual precisa o império mediterrâneo. Ainda não existe!

Senhor, rogo que me ilumine para saber que elementos do Ocidente devem se introduzir na grande mistura, que veias devem criar o suco vital, que gotas de sangue são indispensáveis para que se consiga a combinação divina. Senhor, deixe-me tomar parte no *lapis excillis*, com a finalidade de poder realizar o grande plano.

Com toda certeza, a base está na descendência da casa de Davi, na estirpe quase extinta dos Trencavel. Seu direito é inquestionável e enche meu coração de orgulho. Seu sangue circula em ambos os lados dos Pireneus e representa toda a Ocitânia.

E, depois, temos a nobreza da França. Não foi por acaso o grande Bernard, da casa Chatillon-Montbard, criador da fundação da Ordem dos Templários, que recebeu esta missão e a cumpriu? Uma estirpe na qual também se deve pensar é a dos normandos de Gisors. Com isto incluiríamos a Inglaterra dos Anjou e a Aquitânia.

Quanto aos alemães, a única família que se pode levar em consideração é a dos Hohenstaufen; estou certo da sua ambição por unir-se ao *sang réal*. Neles ainda existe uma força que a casa da Ocitânia já perdeu. *Stupor mundi*: Frederico não viverá seu triunfo, mas sua semente frutificará nos futuros soberanos.

Hoje só posso falar em nome do Ocidente. Seu sangue, o do mais alto berço, foi resgatado; a combinação com a idéia do Império desejado por Deus realizou-se. Nossa tarefa é conseguir agora a união com a descendência do profeta Maomé, os xiitas. Vem daí nosso pacto com os "assassinos" da tribo de Ismael, que são os guardiões do outro sangue. Então se fechará o círculo sobre a origem comum, sobre o grande Zoroastro, sobre os ensinamentos de Mani: uma união dinástica entre os descendentes de ambos os profetas unificará no mundo o califado com o Império e desembocará espiritualmente na máxima *sublimatio*, no Santo Graal.

Mas ainda está por se criar o império, o império da reconciliação entre o Oriente e o Ocidente, o império dos soberanos da paz. Qual será o centro desse império? O nome de Roma foi amaldiçoado pelos séculos dos séculos. Palermo? O mundo árabe o aceitaria? Ah, se pudéssemos ao menos oferecer ao Islã seu retorno à Sicília, em igualdade de direitos e condições!... mas isto não poderá ser enquanto reine o monstro, tanto se estiver em Roma como no exílio francês.

Se o centro se estabelecesse em Jerusalém, ocorreria que, como já vimos, os príncipes do Ocidente se desentenderiam, a menos que todos se empenhassem, com seu patrimônio e poder, e sobretudo com seu entusiasmo, em estabelecer de uma vez por todas a "divina Hierosolyma" da paz. Pois bem, isto não levaria à repressão dos povos árabes e da fé islâmica? A superioridade de Jerusalém teria, assim, de ser reconhecida também pelo califado de Bagdá e o sultanato do Cairo em vez de se lutar por sua posse, e Damasco teria de renunciar a seu sonho de grande Síria para prosperar com orgulho na sombra dos Santos Lugares. É difícil imaginar! Do mesmo modo como é difícil imaginar que os cristãos se aproximassem agora, depois de não terem sido capazes de fazê-lo durante gerações, de seres que professam outra fé. Por outro lado, tampouco os muçulmanos estariam dispostos a acreditar hoje em dia na honestidade de tal mudança, de modo que temos de renunciar a Jerusalém.

Seria preciso, então, que repensássemos todas as religiões? A primeira coisa a ser excluída de qualquer comunidade que pudesse se formar seria o animal, o monstro. No entanto, também o Irã está dando mostras de intolerância. Apenas a Igreja do Amor, a do Santo Graal, se oferece para cumprir com uma

tarefa tão vasta, pois busca o retorno às origens: Jesus de Nazaré, profeta, como Maomé, seria uma premissa aceitável até para o Islã. O sangue dinástico de ambos os profetas ainda existe, embora esteja escondido.

Nos encontramos no ano do Senhor de 1244. O povo de Israel continua à espera do Messias, e segundo o Islã transcorreram seiscentos e vinte e dois anos desde a *Hégira*. Ambos, tanto a cristandade como o Islã, continuam padecendo sob as garras do monstro, verdadeiro e horrível castigo de Deus. Junto com eles padecem todos os cristãos que tiveram acesso à mensagem original e não falseada de Jesus de Nazaré e que buscam viver secretamente segundo esta mensagem, razão pela qual são perseguidos e condenados. O mundo espera.

Um converteu-se em dois; dobrou-se em quatro, e junto com o três e o um são oito, o mesmo que quatro e quatro. Mil duzentos e quarenta e quatro. Seiscentos e vinte e dois anos depois do nascimento do profeta Jesus, o profeta Maomé abandonou a sagrada cidade de Meca. Desde então se passaram seiscentos e vinte e dois anos. E 1244 é o ano da perda definitiva de Jerusalém pelos cristãos, da apoteose dos "puros" do Montségur, e é também o portal de uma nova época. Surgirá um novo reino: o império dos reis da paz, o Império do Santo Graal. Sua luz irromperá sobre nós da escuridão na qual se oculta. Sua reaparição na Terra é condição prévia para o reinado do casal divino, dos reis da paz, dos "Intercessores".

O lugar de seu reinado, ao contrário, deve ficar em segundo plano. E certo que o mar Mediterrâneo deve transformar-se em elo de união em vez de fosso separador. As cidades estão condenadas. Mas seria maravilhoso dispor de uma ilha no mar. *Lápis ex coelis*. Uma ilha? Chipre fica longe demais do Ocidente, Rodes é muito grega, o mesmo que Creta, apesar de suas antiquíssimas tradições. Malta? Sua situação como mediadora é incomparável e seus templos são testemunha da complacência com que Deus a vê. Um barco? Um barco que deslize pelo mar sem que ninguém saiba onde se encontra realmente. Seria o mais apropriado! O casal soberano não deveria se fixar, não deveria se ver forçado a entrar num porto para buscar refúgio, nem a cair nas mãos de qualquer um dos poderes existentes. Uma frota real no mar sempre disposta a zarpar, sempre à mão, embora inacessível, sempre presente embora inabordável: suprema autoridade, segredo máximo.

Escrito de meu próprio punho num lugar secreto, transmitido ao amigo mediante mensageiro no dia em que eu soube que o

Montségur tinha caído, mas que as crianças haviam se salvado. E assim o "grande plano" pode iniciar seu curso. O monte Sião será sua guarda.

Nem consegui tocar na jarra de vinho que preparara. Só depois de ler, bebi um copo. Meu Deus, que monstruosa heresia! Minha cabeça estava quase paralisada pelo que acabara de ler, pelo pânico apocalíptico e pelas visões estranhas que começavam a aparecer novamente, como se minha cabeça rechaçasse aceitar tudo o que lera. Depois mergulhei a pena na tinta e iniciei a cópia.

Escrevi, às vezes sem saber o que estava escrevendo, e interrompia apenas para massagear os dedos inchados e ingerir ocasional e apressadamente algum alimento. E assim prossegui durante quase dois dias. Era uma obra sacrílega encomendada pelo Demônio. Este, e ninguém mais, intervindo para que eu colocasse o documento na cueca. Deveria tê-lo queimado. Mas, por mais cabalas que fizesse, seis e dois são oito e o dois é o importante. O par de Reis da Paz. E seiscentos e vinte e dois mais seiscentos e vinte dois dão, de fato, mil duzentos e quarenta e quatro!

Minha cópia tinha o aspecto que deve ter tido o original, talvez ainda melhor. Enrolei cuidadosamente a ambos e os escondi debaixo do meu colchão. E como se tivesse merecido um prêmio por minha maestria,

pois tinham transcorrido nesse ínterim três meses desde que chegara a Cortona, uns soldados de Elia me ofertaram um par de calças de couro para andar a cavalo, que afinal eram bem confortáveis.

E certo que eu alimentava a esperança de recuperar minha identidade franciscana, enquanto continuava andando, dormindo e bebendo ao léu, vestido com o hábito beneditino do qual já estava farto até a medula, mas naquele momento tudo me era indiferente, pois partiríamos de viagem.

Procurei por Gersenda na cozinha, para pedir-lhe que me ajudasse a ajustar as calças utilizando para isso pedaços de couro, sabela e cordão. Encontrei-a no sótão mais distante, numa parte da abóbada que das outras vezes vira fechada por uma pesada porta de ferro. O ar ali era bolorento e putrefato, e vi que no teto penduravam-se alguns morcegos. Um velho pedreiro limpava, sob o olhar vigilante de Gersenda, um buraco na parede.

— São as ruínas de um cemitério romano — informou-me com ar de conspiração, para depois expulsar-me dali. — Você não perdeu nada aqui, William, espere na cozinha! — e obrigou-me a sair.

Essa ordem era, como se pode ver, a mais adequada para me fazer sair com passos vigorosos e voltar depois, na ponta dos pés, até a porta de ferro.

Gersenda tinha nos braços um pano empapado de azeite, que antes, quando eu chegara de supetão, ela havia dobrado com pressa. Possivelmente guardasse nele alguma coisa de valor.

— É um pedaço da Vera Cruz — dizia ao velho pedreiro com a confiança da qual certamente este era merecedor. — Dizem que é o pedaço que santa Helena ofertou a Constantino, seu filho. O *bombarone* obteve a relíquia do imperador João Doutras, como forma de agradecimento pela dedicação de ter buscado para o Vatase uma filha do imperador Frederico para esposa. — Gersenda deu uma risada sarcástica, bem diferente das que eu estava acostumado a ouvir, e pude ver que carregava nas mãos um cofrezinho de marfim com enfeites, fechado por sua vez dentro de uma caixa de ébano, enquanto mostrava a relíquia ao pedreiro.

— E você acredita nessas coisas? — perguntou ele, ao que parece não muito impressionado.

— Minha posição pede que acredite — piscou um olho para o ancião. — Minha fé é igual à virtude que qualquer estranho me atribui.

Neste ponto o pedreiro soltou um riso de cabra.

Gersenda voltou a guardar a caixinha cuidadosamente no pano.

— Esconda-o agora, mestre, para que ninguém possa vê-lo. Sabe muito bem como fechar um buraco sem que fique nenhuma pista! — Os dois pareciam divertir-se muito. — O *bombarone* sairá de viagem - acrescentou ela —; quem sabe quando voltará. Esta peça pode atrair certas ambições, e eu sou apenas uma frágil mulher...

Voltei silenciosamente sobre meus passos e esperei-a na cozinha, mostrando-lhe as calças logo que ela apareceu.

— Vou ajustá-las com muito prazer! — falou adotando novamente o ar hipócrita de sempre; e ao medir minha barriga não se aproximou muito. — Quem sabe quanto tempo ficará ausente!

— Quero começar logo essa viagem ao sul — retruquei, enquanto pensava: "Quem sabe se voltarei." E entreguei-lhe as calças.

Enquanto ela costurava, escapei da cozinha, corri até o meu quarto, tirei o pergaminho que estava debaixo do colchão — em cujo conteúdo quase não me atrevia a pensar pois me parecia cheirar perigosamente a fogueira — e voltei, com o pergaminho e uma moeda de ouro que tirei rapidamente da bolsa, na direção do sótão cujo acesso estava proibido. Consegui chegar justo no momento em que o

velho pedreiro estava prestes a colocar a última pedra.

Entreguei-lhe a moeda e roguei que guardasse também no buraco da parede o meu "testamento", o termo que me ocorreu naquele instante. Ele o fez com muito gosto, mas senti que ficou meio assustado com a forma amassada do rolo de pergaminho que lhe entreguei. Esperei até ver que estava fechado o esconderijo das relíquias e retornei apressado à cozinha para me apresentar a Gersenda. Não foi preciso tanta pressa. Destampeí o orifício de saída do meu tonel preferido e fiquei a noite toda pulando e brincando, preparando-me assim para a cavalgada ao sul. Outro tipo de cavalgada teria sido ótimo nesse momento, mas a doce Gersenda não mostrou muita compreensão.

Passaram-se mais três semanas até que finalmente pude montar na garupa do cavalo e empreender viagem, acompanhando meu *bombarone*.

Morte em Palermo

Palermo, verão de 1244

O sol derramava-se verticalmente sobre Palermo. As cúpulas rosadas da pequena igreja de são João dos Eremitas, que podiam ser vistas do palácio dos normandos, ofereciam um pouco de ar fresco aos aposentos da antiga mesquita situados embaixo. Pela grade da janela aberta da sacristia viam-se carnosos figos da cor do chumbo, que pertenciam ao cacto espinhoso que crescia no claustro anexo.

— Deve ter sido há três ou quatro anos — sussurrou o beneditino. — Uma jovem e seu pai, ambos hereges, vão até Frederico para lhe pedir ajuda em favor do Montségur contra a França, e, como é lógico, contra nós: a Igreja de Roma, única e verdadeira, e contra Sua Santidade, o papa.

— Não se poderia pensar numa aliança com a Inglaterra? — respondeu seu homem de confiança, o sacristão, enquanto ia folheando os anais. — Após sua estada gloriosa na Terra Santa, Ricardo da Cornualha, irmão da imperatriz, retorna em maio do ano do Senhor de 1241 e é recebido pelo imperador com suas máximas honras...

O beneditino retomou avidamente o fio da conversa:

— ... e seguindo os ritos orientais de ofensas nessa corte de vagabundos, não lhe ocorreu nada melhor do que procurar para seu querido hóspede e cunhado...

— ... que não contava mais de trinta e um anos...

— ... uma amante de linhagem nobre para pôr na cama! Nesse harém há de tudo: sim, uma herege, sim, uma moça infiel, qualquer aberração!

— O imperador germânico tinha retornado no mês de abril do cerco a Faenza, de onde chegou acompanhado de Elia. Enviaram Ricardo a Roma, dando-lhe plenos poderes, e com a missão secreta de conferir por si mesmo o grau de obsessão com que Gregório perseguia seu inimigo Frederico, o Anticristo!

— ... para dedicar-se depois com maior afincamento a copular com "a filha de Artur", essa princesa herege...

— ... à qual fica preso como um cachorro no cio...

— ... razão pela qual agora nos encontramos com interesses concretos no Languedoc!

— Que se passou com a herege, a cadela no cio?

— Não estava com eles — respondeu o sacristão com uma careta. - Mas você, irmão, deveria escrever, envolver o escrito numa pele de lingüiças e engolir!

Em seguida, o beneditino contou mais a seu interlocutor.

— Na crônica da *capella palatina*, encontrei uma nota segundo a qual no dia primeiro do mês de dezembro do mesmo ano a imperatriz morreu de parto. E não poderia ser do próprio Frederico que, como todos sabemos, é luxurioso e desavergonhado, dado o estado de gravidez avançado da imperatriz...?

— Cuidado com essa língua, irmão — resmungou o sacristão. — Suponho que pretenda continuar vivo por algum tempo ainda.

— Meu estômago será um túmulo silencioso; meu intestino é o lugar adequado para guardar qualquer notícia que se refira a esse bastardo.

— Recentemente, o imperador convidou dois homens ao seu palácio, ordenou que lhes servissem comida e depois deu ordens a um deles que corresse e ao outro que dormisse, para poder assim estudar qual dos dois digeriria melhor...

— Que está dizendo?

— Segundo os médicos que abriram seus estômagos, não há dúvida: quem faz a sesta, digere melhor!

O beneditino engoliu a pele e o pergaminho. Dirigiu-se então a Martorana, uma pequena igreja que o povo costuma chamar também de Santa Maria dell' Ammiraglio, e que também fica longe da catedral.

A mulher que o aguardava, uma das antigas camareiras da imperatriz Isabel, estava com o rosto coberto. Viu que estava ajoelhada num dos bancos dianteiros, e o beneditino dirigiu-se a um confessionário que sabia que de tarde nunca estava ocupado. Depois de algum tempo a mulher seguiu-o.

— O que o senhor procura, padre — falou rapidamente —, ocorreu há dois anos e confere com os dados que o senhor possui em relação à idade das crianças. Pelo que pude saber por intermédio da minha senhora, pois sucedeu por mediação inglesa, no ano de 1239 apresentou-se aqui na corte um tal de Ramón de Perelha, castelhano do Montségur, acompanhado de sua filha e de seu séquito. Esclarmonde era uma moça muito bonita, pura e delicada como um anjo. Estes detalhes tiraram a tranqüilidade da minha senhora, pois sabia por triste experiência o tratamento que costumava dar Frederico às filhas dos peticionários.

"Mas neste caso a paz conjugal do casal imperial não correu nenhum perigo. Era evidente que Esclarmonde tinha compostura, embora evitasse assistir a nossas orações. E, além disso, naquele momento, encontrava-se na corte um muçulmano jovem e bonito, de vinte e seis anos, a quem o imperador chamava de 'falcão vermelho' e de quem gostava como se fosse um filho. Pois bem, esse emir, que era um infiel, apaixonou-se loucamente por Esclarmonde e a cortejou, embora respeitando nossos costumes e tradições. Mas Esclarmonde, sem deixar de ser cortês, rejeitava-o e não se decidia a entrar no cortejo do belo e combativo emir, que não cessava de defender as suas cores nos torneios, ou de cantar canções de trovador com uma voz muito agradável.

"O imperador, na presença do pai da moça, a prevenia em tom de troça, perguntando-lhe se desejava passar seus melhores anos como se fosse freira. A própria Esclarmonde lhe respondia que dedicara sua vida a um amor superior que não lhe deixava espaço nem tempo para conceder favores a um homem. Disse que era guardiã do Santo Graal e convenceu o imperador a enviar um grupo de cavaleiros para defender o Montségur. O imperador se sentiu incomodado com este pedido. Respondeu que não desejava desafiar a Igreja, por mais inimiga sua que esta pudesse ser, nem de desagradar ao rei Luís, que, até o momento, não o tinha traído nem o atacara pelas costas, por mais que o papa Gregório insistisse que o fizesse. 'E você, Esclarmonde, seria bom se abrisse seu corpo ao prazer, para dar a seu pai e a seu castelo um bom herdeiro que pudesse defendê-los de seus inimigos!'

"Assim terminou aquela conversa. O 'falcão vermelho' continuou a cortejá-la e seu amor bastava para animá-lo, embora soubesse perfeitamente que Esclarmonde não o seguiria até o Egito nem viveria no Montségur. Mas depois morreu Hermann von Salza, grande mestre da Ordem Teutônica e único amigo verdadeiro do imperador, e poucos dias depois o papa reconfirmou a excomunhão do germânico; acho que foi num Domingo de Ramos..."

— Foi numa Quinta-feira Santa — o beneditino a corrigiu, e em sua voz havia certa indiferença.

— Frederico mostrou-se a princípio triste; depois furioso, para finalmente entregar-se à ira e à perfídia.

Rogou a Esclarmonde que se apresentasse sozinha em seus aposentos, pois desejava falar com ela, e deve tê-la atacado de forma animalesca. Na manhã seguinte, de madrugada, mandou embarcar a moça, seu pai e a todo o séquito em uma de suas naves, que zarpou imediatamente em direção a Barcelona, de onde os aragoneses os escoltaram de volta até o Montségur. Esclarmonde não gritou nem se queixou, tampouco se lhe ouviu palavra alguma sobre a violação sofrida. Nem mesmo despediu-se de seu jovem e adorável emir, que passou então por dias de profunda tristeza, se culpando e se perguntando pelas razões de tão repentina partida.

"Frederico, por sua vez, acalmou seu peso na consciência promovendo-o a cavaleiro naqueles mesmos dias de Páscoa e lhe concedeu o título de príncipe de Selinonte. Depois, dirigiu-se até Pisa, onde iria encontrar-se com Elia. Seu velho inimigo Gregório havia morrido no mês de agosto."

— No fim das contas, se esse encontro forçado deu origem a outro bastardo do imperador, essa criança deve ter nascido entre o Natal e os Keis, no Montségur, em ambiente herege.

— Não sabemos se foi assim.. — replicou a mulher, levantando-se.— Minha senhora nunca buscou decifrar o segredo daquele fato nem se interessou por suas conseqüências.

Depois deixou a igreja. O beneditino esperou um tempo, antes de sair, para se encontrar, então, com Palermo, submersa na luz alaranjada do sol poente. Apressou-se para voltar à igreja de são João.

Encontrou a nave da igreja vazia, uma situação pouco habitual na hora de Vésperas. A porta da sacristia estava aberta. O sacristão estava pendurado no teto, enforcado, seu corpo pendia do suporte de uma corrente de ferro que sustentava lamparinas a óleo. A corda que rodeava seu pescoço era fina e lhe cortava a carne azulada: só a língua, exposta, mostrava um tom mais escuro. Debaixo dele havia um tamborete virado e, no entanto, aquilo não parecia ter sido um suicídio, mas uma execução.

O cheiro afetou o beneditino de tal forma que ele começou a sentir um terrível mal-estar no estômago. Então, fechou a porta que dava para o altar e ficou agachado em um canto.

Ainda não tinha acabado de esvaziar seus intestinos quando observou através da grade da janela, pela qual entrevia a escuridão da noite, uma silhueta que tocou o sinal combinado no ferro. O beneditino levantou-se cambaleante e viu um frade cujo rosto quase todo estava coberto pelo capuz. Agora para ele não havia outra coisa mais importante no mundo: não queria ficar sozinho com o morto pendurado nas correntes e o invisível carrasco que pressentia às suas costas.

Deslizou com certa hesitação o pergaminho através da grade, e o encapuçado recolheu-o apressadamente.

- Não quer saber onde eu o havia escondido? — tentou despertar a curiosidade do mensageiro. — Não sente o cheiro? — O beneditino agarrava-se desesperadamente na grade. — Veja, soube de outros detalhes, agora conhecemos toda a verdade...!

Mas a escuridão já tragara a seu interlocutor.

Ja gritar-lhe, mas refletiu melhor. Fechou a porta, formando uma espécie de barricada, e decidiu esperar pelo avançar da noite. De novo chegou na janela e olhou em direção dos cactos, cujos frutos podiam ser vistos debaixo da luz prateada da lua. As cigarras haviam parado com a cantoria.

Não se via ninguém, não se ouvia barulho algum, e, no entanto, ele sabia que lá fora esperavam-no os esbirros. Retrocedeu um pouco, sem atrever-se a olhar para o enforcado. Depois tornou a desmontar a barricada, evitando fazer barulho, porque tinha compreendido que não podia fazer outra coisa senão fugir, e durante a noite; não tinha outra saída.

O beneditino escutou novamente batidas na janela. Aproximou-se da grade, tropeçando, e apertou o rosto contra os ferros.

Viu um nariz pontiagudo e um olho que piscava, e compreendeu tarde demais que não pertenciam ao mensageiro.

A serpente adiantou-se e afundou seus dentes com uma picada rápida em seus lábios. O monge jogou-se para atrás e caiu, cambaleando, no interior do aposento.

Jogos Aquáticos

Otranto, verão de 1244

— De forma que você mesmo percebeu — disse a condessa de Otranto — que o destino nos dá poucas alegrias e muitas tristezas, e que até saber muito pode vir a ser um fardo, *meden agan!*

O teutão tentava consolá-la no seu modo um pouco brusco.

— A senhora suporta-o com dignidade e elegância, condessa, e isto despertou minha curiosidade. Mas ainda não se vê o barco que está esperando...

O homem aproximou-se e ambos ficaram olhando para o mar. Mas como Laurence não obedeceu a seu apelo, Sigbert von Oxfeld sentiu-se obrigado a quebrar o silêncio. Fez em sua maneira pouco hábil e escolhendo as palavras.

— Quando o imperador chegou finalmente de visita a Jerusalém, meu emir apresentou-me ao grande chefe dos cavaleiros teutônicos, que estava também presente, e ali mesmo me aceitaram na ordem. — A lisa superfície azul que se estendia debaixo deles continuava aveludada e sem oferecer nada que lhes chamasse a atenção. — Mas nunca rompi relações com Fakhr ed-Din. Quando morreu o sultão el-Kamil, amigo de Frederico, seu filho e sucessor Ayub nomeou Fakhr grão-vizir do lígito...

Ambos se enganavam ao pensar que estavam conversando sem testemunhas. Atrás dos grandes vasos de cerâmica que margeavam o parapeito, as crianças tinham se escondido e, como sempre, foi Yeza quem arrastou seu pequeno companheiro até lá. Tinham vindo do jardim, subindo pelas canaletas inclinadas por onde a água passava, o que Laurence muitas vezes havia proibido; depois pularam para o telhado e escalaram o parapeito pela parte externa. Yeza pôs Roç perto das telhas inclinadas, junto à parede, ordenou-lhe que juntasse suas pequenas mãos e utilizou os ombros e a cabeça do pequeno como escada. Depois subiu pela gigantesca buganvília que ali crescia, até acabar deitada atrás dos vasos. Não alterou o semblante quando o menino quase lhe arrancou o braço estendido para chegar a seu lado, onde ficaram agachados para se proteger do olhar dos adultos, cujas vozes chegavam do outro lado da varanda e dos vasos que os protegiam.

As crianças não se mexiam, e até as lagartixas, tomando sol, permaneceram calmamente a seu lado. Mais quietos ficaram ainda quando perceberam estarem à sua procura. Mas era difícil descobri-los ali. Ninguém podia ver a cor de suas roupas em meio à abundante vegetação, e suas pernas e braços morenos se confundiam no muro de ladrilhos; além disso, os galhos de adelfas, jasmims e hibiscos, balançando ao vento, lançavam sombras que tremiam no chão.

Depois começaram a se entediar e as formigas começaram a fazer cócegas.

— Agora sei de tudo — sussurrou Yeza.

— Que é um harém? — quis saber Roç, mas ela lhe cobriu os lábios.

Depois avançaram arrastando-se sobre a barriga para sair da zona de perigo e chegar até a cisterna alta que continha a água estancada das chuvas de inverno, uma água que só servia para regar os jardins. Yeza sabia como abrir a chave para derramar um bom jorro pela canaleta. O musgo ficou novamente escorregadio, e assim puderam descer deslizando. Embaixo os esperava um gigantesco recipiente, onde

Clarion tinha lhes dito que poderiam afogar-se, embora tenha sido o mau cheiro da água e sobretudo o barulho o que levou Roç a convencer Yeza de não acabar sua excursão daquela forma.

— Se cairmos na tina, vão nos dar uma palmada - sussurrou ele. Em vista desse perigo, frearam um pouco antes e saltaram na direção de um canteiro de flores, onde a terra estava macia.

Yeza puxou o irmão para a sombra das arcadas. Através do verde-escuro das laranjeiras, viram Constâncio e Crean aproximarem-se do repuxo, em cuja beira estava sentada Clarion, espreguiçando-se.

Constâncio trazia um alaúde nos braços; sabia tocar suas cordas com a mesma maestria com que manjava a espada.

— *Oi llasso nom pensai si forte...* — cantou à bela mulher ao mesmo tempo que tentava olhar seus olhos apaixonados. Depois sentou-se a seus pés, enquanto Crean o fazia frente a ela, também na beira. — ... *nom pensai si forte mi paresse lo dipartir di madonna mia...*

Hamo afastou-se mal-humorado quando viu que se aproximavam os cavaleiros, a quem admirava, embora ao mesmo tempo estivesse furioso pela atração que eles pareciam exercer em Clarion. Por que ele era tão jovem? Se fosse mais velho, ele também seria um cavaleiro e sua relação com Clarion seria muito diferente: ela o amaria e ele não se importaria tanto, pois pegaria sua espada e seu escudo e se afastaria por mar, a bordo de um veleiro. Durante um bom tempo, ela ficaria se despedindo, acenando da margem com a mão e chorando sua partida.

— Ai, você que me olha lá de cima, jamais pensei — ainda ouviu a voz melodiosa do jovem emir — que me pesaria tanto a separação de minha amada:... *mi paresse lo dipartir di madonna mia.*

Mas não parecia que o cantor estivesse sofrendo muito por causa da despedida próxima. *Madonna mia!*

— Anda, vamos correndo até o repuxo para deixar Clarion com raiva — propôs Roç. — Também poderemos salpicar água neles!

Mas Yeza se opôs desta vez, para grande assombro de Roç.

— Não! Deixemos de bobagens infantis! Vamos brincar de "A noiva de Brindisi, nua"!

Roç objetou:

— Nua? Eu entendi "de noite, às escuras"!

— Tanto faz de noite, às escuras; sempre se fica nu. Por isso, tire a roupa! — E, disposta a não esperar, tentou tirá-la por cima da cabeça.

— E você?

— Eu sou o imperador, você é a noiva! — resolveu ela sem mais rodeios. — Você está de pé diante da porta e dorme!

Roç não pareceu muito convencido:

— De pé? — mas fechou os olhos.

Yeza chegou por trás e abraçou-o.

— Você não deve abrir os olhos — sussurrou. — Vou tirar-lhe de pé.

— E o que tenho de lhe dar? — perguntou Roç, acostumado a consentir em tudo.

— Dê-me sua correntinha, então seremos marido e mulher e eu também vou tirar a roupa.

— Um imperador nunca está nu! — protestou Roç.

— Claro que sim — disse Yeza, e começou a tirar o vestido. — De noite todos estão nus.

Abraçou Roç com violência, embora não tivesse esquecido de tirar-lhe a correntinha. Colocou-a e correu até a tina, mas era muito alta para poder se olhar no espelho da água.

Roç continuou esperando obediente, com os olhos fechados na semi-obscuridade das arcadas. Sentiu um ligeiro frio. Yeza deu-lhe um leve empurrão com o pé nas costas, o que fez com que ele cambaleasse, mas também despertou seu instinto de defesa, razão pela qual ambos acabaram brigando, rolando no chão. Roç acabou ganhando, embora respirasse com dificuldade. Finalmente se viram deitados um em cima do outro, ouvindo a batida de seus corações.

— E agora? — perguntou Roç.

— Agora é de manhã, e o imperador, nu, abandona a noiva...

— Nu, não! De noite! Nunca aprenderá!

—Vamos nos vestir novamente — disse Yeza. — Façamos uma surpresa a Clarion!

—Vamos colher um ramo de flores para ela!

E pouco depois estavam assaltando os canteiros, já definitivamente amigos outra vez.

Clarion se dava conta de que os olhos cinza-esverdeados da condessa descansavam sobre ela; sentia que ardiam como uma bofetada no rosto. Tinha se levantado e adotara um ar formal quando os cavaleiros se aproximavam.

Não tinha certeza de suas preferências: Constâncio de Selinonte era sem dúvida o mais aguerrido; era jovem, esbelto e tinha um ar de predador que lhe aquecia o sangue embora também a assustasse. Além disso, tratava-a como se ela fosse uma criança pequena, uma dessas muitas moças que um cavaleiro com sorte consegue tomar como sua com um leve toque de mão.

Crean era muito diferente. Não era bonito, seu rosto estava coberto de cicatrizes e o cabelo já revelava, perto das entradas, um tom ligeiramente grisalho. Caminhava um pouco inclinado e passara por muitas adversidades. Inclusive dizia-se que sua esposa havia falecido. Era calado e a escutava sem dar a impressão de que só dizia bobagens. E ela percebia que ele a desejava.

— Maravilhosa criança — abriu Constâncio o colóquio brincando com ela como fazia com o alaúde que trazia em suas mãos finas. — Sua boca brilha no verde da vegetação como uma última cereja que tivesse ficado sem ser colhida, embora o colar de pérolas de seus dentes brancos seja o lugar mais adequado para se morder o fruto maduro!

Clarion dirigiu seu olhar com firmeza em direção a Crean enquanto respondia ao outro, fazendo um esforço para não cair no ridículo.

— O falcão acha fácil brincar lá nas alturas, pois traça seus círculos e voa até onde quer e como quer. A pequena cereja não pode se esconder diante de seu olhar, por muitas que sejam as folhas que a rodeiem. Não pode fugir. Deve esperar que alguém a recolha ou que o vento a faça cair da árvore. Não pode beijar a si mesma!

— Você é uma criatura notável, Clarion de Salento. — Enquanto pronunciava estas palavras, Crean inclinou-se diante da moça. — Eu mesmo desejaria...

— Muito cuidado! — advertiu Constâncio com presteza. — Não conclua a frase e não levante a vista! A guardiã do cerejal assoma justo em cima de vocês, e sustenta em sua mão experta uma lança reluzente que está a ponto de lançar!

De fato, Laurence tinha aparecido como uma lagartixa sensível junto à beira do parapeito e viu os dois

cavaleiros aproximando-se de sua filha adotiva. Clarion baixou os olhos, e sorriu para expressar assim seu agradecimento a Crean.

—Você é uma poetisa de grandes méritos, e o que mais desejaria eu senão possuir o talento de expressar minhas emoções mais íntimas com palavras tão tristes que se pendessem como gotas de orvalho a uma cereja solitária...

— Como lágrimas em volta de uma boca triste! Crean, você também não é mau poeta — comentou Constâncio, e seu sorriso franco resolveu a tensão que imperava. Os olhos de esmeralda da guardiã tinham desaparecido. — Graças ao nosso querido Sigbert, não nos vemos obrigados a cortejar também a velha senhora!

—A mim também não, Constâncio — retrucou a moça, indignada. — Ainda mais considerando que cada momento é como uma oportunidade para você rir de mim. Por favor, Crean, poderia ajudar-me?

Mas ele já havia se afastado um pouco.

— A própria vida irá ajudá-la, Clarion, ainda é jovem..

— Já não tão jovem para não sentir no próprio corpo, de dia e de noite, sobretudo de noite, o cheiro de mofo e podridão que reina entre estas paredes. Sabe, por acaso, o que significa apodrecer vivo? — Clarion, irritada, bateu com o pé no chão.

— Se me permite — retrucou Constâncio — dirigir meu olhar atrevido àquilo que vejo e pensar naquilo que você me esconde, posso assegurar-lhes, belíssima Clarion, que a fruta excessivamente madura tem outro aspecto!

— Ah, agradeço o consolo, mas eu gostaria que antes... Por Deus, o que não desejo de nenhum modo é ir parar na cama de um ancião!

— Deve ter confiança na vida — fez questão de dizer-lhe Crean, e Clarion sentiu-se ainda mais irritada. - Pressinto que pode escolher entre muitos homens.

— Se todos se comportam como você, Crean de Bourivan, que, como um inválido, limita-se a sentir em vez de agir, ou como você, vaidoso Constâncio, que enche a boca de palavras em vez de comportar-se como um homem.. Oh, Deus meu, como odeio a todos!

Servir a Dois Senhores

Cortona, outono de 1244

Gersenda, a governanta, encontrava-se no castelo de Cortona diante da gigantesca cozinha de ferro e dava voltas com a colher no conteúdo de um pequeno caldeirão. Eram poucos para quem tinha de cozinhar, pois o castelo estava quase sem ocupantes.

Não viu a figura esguia, com o hábito marrom dos minoritas que, aproximando-se dela silenciosamente por trás, com o capuz ocultando o rosto, agachou-se, subiu-lhe com uma manobra hábil as saias e beliscou-lhe com energia o traseiro. Gersenda deu meia-volta e, embora só tenha visto o capuz marrom, exclamou sem duvidar:

— Ai, Lorenzo — e apertou o pequeno minorita contra seu peito —, que contente estou de ver-te por aqui.

Lorenzo beijou-a sem retirar a mão do lugar conquistado; ao contrário, apertou com mais força ainda.

— Minorita lascivo! — brincou ela. — Queixar-me-ei ao ministro-geral logo que volte! Faz já uma semana que partiu.

Lorenzo de Orta soube desse modo que o senhor do castelo estava fora de casa e assediou Gersenda com mais violência.

— Já sabe, querida, que nós franciscanos somos passarinhos que gostam de bicar!

Ela lhe deu então uma palmadinha enérgica nos dedos insolentes.

— Temos hóspedes!

Assim que disse isso, eles se afastaram e assomaram à porta Alberto e Galerão, ambos com os rostos inchados de dormir e avermelhados pela embriaguez e, no entanto, dispostos a acrescentar novas dimensões à bebedeira. Ao avistarem Lorenzo de Orta recordaram-se de novo do papa e do concílio. Começaram a falar-lhe com palavras confusas, afirmando que deveriam ver sem falta o Santo Padre e que certamente Lorenzo fora enviado para que fosse buscá-los.

Lorenzo dirigiu o olhar, pedindo ajuda, a Gersenda. Ela lhe respondeu com um cochicho, advertindo-o insistentemente de que aqueles corvos famintos não deviam assistir ao concílio.

Assim, Gersenda preparou um "café da manhã" para os dois eclesiásticos, que consistiu em pão, toucinho, ovos cozidos e uma jarra enorme de vinho fresco, e arrastou Lorenzo consigo para a cozinha.

— Na realidade, vim para aconselhar o *bombarone* para que se cuide! — confiou este à governanta. — No castelo Sant'Angelo suspeitam que possa ter hospedado a um tal William, e o "cardeal cinza" tomou-se de raiva pelo nosso Elia por causa de certas crianças...

— Não sei de nenhuma criança — assegurou Gersenda. — Agora o tal William esteve aqui sim, mas sozinho, e o senhor o levou consigo para apresentá-lo à condessa de Otranto.

— Otranto? — Lorenzo parecia acovardado. — Mas isso fica...

— Para lá de Apúlia — confirmou Gersenda seus temores. — No fim do mundo!

— Então não posso fazer nada. — Lorenço tirou do forro da sua batina o retrato de Vito que tinha preparado no castelo Sant'Angelo. — Este é o esbirro do cardeal. Olhe bem para este rosto!

— Que retrato tão bem-feito! — elogiou Gersenda. — Você tem muito talento, Lorenço.

O pequeno frade sentiu-se envaidecido e murmurou:

— E um sujeito perigoso. Mas agora devo partir!

No cômodo onde os dois dignitários da Igreja estavam embebedando-se novamente, ouviu-se um barulho como se alguém ouvesse caído do tamborete e quebrado uma jarra. A governanta deu um cordial aperto de mão no frade e disse:

— Por favor, Lorenço, tire esses bêbados daqui. Toda noite enchem a cama de vômito. São nojentos!

— E para onde os levo?

— Leve-os ao bosque, afogue-os no rio, faça o que quiser com eles; mas procure agir de forma que não cheguem a ver jamais o papa.

E assim Lorenço de Orta saiu do castelo de Elia seguido pelo patriarca de Antioquia e o bispo de Beirute. Não sabia aonde levá-los, mas eles sim sabiam aonde queriam chegar:

— Ao Bezerro de Ouro!

— Um gole mais antes de empreender tão longa viagem, querido irmão!

E não conhecendo os hábitos deles, Lorenço deixou-se convencer. Diante da taverna Alberto e Galerão, já conhecedores do lugar, encontraram preso um cavalo solitário que levava uma xairel negra que causava uma impressão sinistra.

— *L'inquisitore!* — anunciaram as crianças que brincavam pelas redondezas, mostrando-se intimidadas e apontando para o animal com o dedo.

Pois bem, um dominicano inquisidor raramente viaja sozinho, e, sobretudo, nunca quando o faz em missão, pois corre perigo de ser morto pela turba. Esse deveria ser, portanto, de uma espécie que pode confiar tanto em seus próprios dotes físicos como em sua própria força para renunciar a um corpo de guardas que o acompanhe. Quer dizer, ou é um lobo solitário ou o próprio Demônio. Lorenço não se surpreendeu quando encontrou na taberna quase vazia Vito de Viterbo sentado diante de uma mesa.

Ele também não se mostrou surpreso, mas mal-humorado:

— E você, o que faz aqui? — grunhiu para Lorenço sem esconder sua aversão.

— Sua Eminência, o patriarca de Antioquia! — apresentou o pequeno minorita Alberto, passando por cima da pouca amabilidade com que fora recebido. — E o ilustríssimo bispo de Beirute. Querem que os leve ao papa.

Galerão começou a se lamentar sem tardança:

— Elia prometeu nos levar ao Santo Padre!

— E também ao Espírito Santo? — brincou Vito, irritado, mas sem se levantar. Não conseguia acreditar que pudesse encontrar naquele lugar dois altos dignitários da Terra Santa acompanhados somente por um franciscano de comportamento duvidoso e que, ao que tudo indica, também desobedecia a proibição de manter relações com o ministro-geral destituído. Ou estaria realizando uma missão secreta da qual ele, Vito, nada sabia?

— Elia partiu com William de Roebuk rumo ao sul — observou o efeito de suas palavras em Lorenço.

— O senhor papa, ao contrário, dirige-se a Lyon para celebrar um concílio no qual serão condenados o imperador e aqueles que o seguem! — Vito teve vontade de acrescentar: "O mesmo acontecerá com você

daqui a pouco, Lorenzo de Orta!"

Mas o franciscano não se desviava de seu propósito e continuou insistindo com a mesma amabilidade:

— Não há contradição nisso, estimado Vito!

Sentaram-se à mesa de Viterbo, e o taberneiro Biro serviu-lhes sem que precisassem pedir uma jarra de bom vinho tinto.

— Precisamente o papa vai esperá-lo em Lyon — Vito alfinetou o franciscano — para enviá-lo em missão a Antioquia... — e estas palavras, sim, provocaram a perplexidade de Lorenzo. Como saber se o dominicano seria tão atrevido a ponto de inventar uma mentira tão estúpida! Certamente Vito pretendia tirá-lo de seu silêncio. Lorenzo continuava com sua expressão amável; ao contrário, Alberto mostrava-se cada vez mais perturbado, até irritado.

— E para que isso? — resmungou o patriarca, induzindo Vito a prosseguir, com visível prazer. — Para que não se coloque em prática suas instruções, que dizem que os gregos que reconheçam a supremacia do papa gozam do mesmo apreço e têm os mesmos direitos que os latinos...

— Eu sou o patriarca de Antioquia! — interveio Alberto com grande alvoroço. — O papa só pode falar comigo — pigarreou e a barba estremeceu. — Essa missão é inteiramente desnecessária, vergonhosa e imperdoável — tinha dificuldade de respirar. — Mais ainda: é inaudita! — e seu companheiro sentiu-se obrigado a acudir em seu auxílio, reclamando como se pedisse desculpas.

— Um grego pode ser o melhor amigo do ser humano, mas... — o patriarca não admitiu suas explicações. — A Santa Sé não pode nem deve colocar os ortodoxos no mesmo nível que seus fiéis servidores!

— Queremos ver o papa! — insistiu Galerão, a quem já quase ninguém escutava.

— Ou seja: irei a Antioquia? — perguntou Lorenzo, alegre. Mas Vito lhe respondeu, já tendo perdido a paciência:

— Nada disso! A Lyon!

— Elia queria levar-nos ao papa — lamentou-se Galerão, e Alberto, que nesse instante já não acreditava em ninguém, acrescentou, expondo uma idéia que lhe pareceu luminosa:

— Se o ministro-geral foi para o sul, pode ser que o papa sequer esteja em Lyon.

Nem Vito nem Lorenzo tinham vontade de explicar àqueles clérigos molengas do Reino de Jerusalém que o senhor de Cortona e Sua Santidade, Inocêncio IV, podiam empreender caminhos muito divergentes.

— E que busca você aqui? — perguntou Lorenzo a seu opositor. — Vem ver Elia, por acaso?

— Eu não atravesso o umbral de uma pessoa expulsa do seio da Igreja; pelo contrário, eu... — Lorenzo procurou ganhar tempo para pensar em alguma desculpa — ... estou a caminho de Lyon!

Mas isso era o que esperava o franciscano para responder: — Vito, meu irmão, se você diz que está a caminho de Lyon, sei que sabe que não posso acreditar. Portanto, que motivo tem para afirmar que está a caminho de Lyon? — Vito quis responder-lhe, irritado, mas Lorenzo sequer o deixou falar. — No entanto, estou disposto a acreditar em você, e como você viaja até Lyon, pode levar com você a esses dois senhores!

Levantou-se e aproximou-se da porta:

— Aonde vai? — gritou Vito, assustado, às suas costas.

— Aonde você não quer ir — Lorenzo virou de frente, insinuou uma reverência diante dos que ficaram sentados à mesa e prosseguiu: — Ver Elia, como pode imaginar!

Fechou a porta atrás de si, soltou o cavalo preto e lhe deu uma palmada na garupa; o animal saiu trotando

rapidamente.

Lorenço tomou inicialmente o caminho de Assis, para ali rezar com seus irmãos e continuar na direção da costa adriática, porque sabia que, apesar das voltas que isso significava, chegaria com maior rapidez a Otranto de barco do que a pé. Assim seria mais difícil ser seguido por um agente do "cardeal cinza".

Era evidente o grande erro de seu senhor e mestre Elia: ter arrastado consigo aquela figura suspeita, que era William de Roebruk, em cujos pés iam colados, como se pode ver, os mais sanguinários cães de caça do cardeal. Que erro levar consigo por todo o país uma isca tão chamativa e sobretudo dirigir-se ao lugar onde com toda probabilidade estariam escondidas as crianças! Excesso de precaução é tão perigoso quanto excesso de inteligência! Palavras de são Francisco!

Lorenço apressou-se em deixar Cortona para trás, e só começou o galope quando já tinha chegado ao estreito caminho que atravessava a montanha. Mais abaixo, a luz do sol refletia-se no lago Trasímene. Não se reconciliara inteiramente com sua consciência, por mais que tivesse simulado segurança diante de quem era claramente um esbirro da Cúria. Não levar em consideração o convite do papa para apresentar-se diante dele que o encarregaria de uma missão como a mencionada, sem motivo aparente, e além disso ser culpado por possíveis divergências subversivas, podia acarretar-lhe uma sentença de morte. O tal Vito já teria se ocupado de acionar os mecanismos para isso.

O ruído de um veículo que se aproximava com rapidez por aquele caminho solitário fê-lo sentir medo. Deveria se esconder no meio do mato? Ainda olhava confuso para atrás quando escutou o som de campainhas. Era difícil imaginar que por ali viajasse um inimigo.

Enquanto Lorenço permanecia ainda paralisado do susto pelo encontro com o pecado e olhava envergonhado para baixo, a carroça deu meia-volta realizando uma pirueta ousada sobre o caminho escarpado e se deteve a seu lado.

— Suba — convidou-o uma mulher de beleza madura.

Lorenço fez o sinal-da-cruz para poder recusar a tentação e apontou com energia na direção oposta: — Vou para Assis!

— Cale-se! — ordenou-o uma mulher em voz baixa, e neste mesmo instante chegou aos ouvidos de Lorenço um ruído de cascos de cavalos. Fez das tripas coração, e jogou-se no interior da carroça, onde afundou-se sem mais nem menos, com o nariz para a frente, na fofura das almofadas que uma sábia mão foi amontoando sobre seu corpo, enquanto a carroça da prostituta voltava a rodopiar, aos trancos, montanha abaixo.

O cavaleiro se aproximou e Lorenço conteve a respiração. Muito perto de seu ouvido retumbou a voz de Viterbo:

— Puta, viu um frade?

— Pois sim — respondeu a boa mulher com um arrulho de pomba. — Corria como se estivesse perseguido pelo Diabo, ou pelo carrasco!

Respondendo com uma blasfêmia sussurrada, Vito fincou as esporas no cavalo e logo desapareceu na curva.

— A um bom irmão em Cristo sempre lhe convém ir ao encontro de quem o persegue! — ria a sábia mulher pecadora enquanto lhe dava uma palmadinha no traseiro para mostrar que o perigo já havia passado. Lorenço levantou-se com cuidado, mas continuou refugiado na escuridão.

— Para que não haja mal-entendido — disse a mulher, sem olhar para trás —, eu o tirei desta porque prometi a mim mesma obter de você uma informação...

Lorenço aproximou-se um pouco mais, de joelhos, procurando fazer com que as costas da prostituta continuassem a escondê-lo. Ela prosseguiu:

— Estou procurando por um senhor muito distinto que estive de visita nesse mesmo castelo do *bombarone* do qual vi vocês saírem. Chama-se William!

— William? — respondeu Lorenço, incrédulo, ao compreender de imediato de quem se tratava. — Conhece-o?

Ela voltou a olhá-lo nos olhos e Lorenço viu o brilho intenso de amor em seu olhar escuro.

— Suponhamos que eu o conheça — murmurou, tentando ganhar tempo.

Uma idéia absurda começou a aninhar-se em seu cérebro.

— Para que o procura?

— Quero vê-lo de novo! — A mulher desviou o olhar bruscamente. "É possível que uma prostituta chore?" Lorenço tratou de mostrar-lhe sua compaixão, embora de fato já a incorporasse a seus planos.

— Descreva-o! — e tirou um papel amassado de sua batina, buscando depois um lápis vermelho na bolsa que levava ao pescoço.

— É jovem, de pele morena — alegrava-se Ingolinda ao lembrar. — Tem a pele delicada, e nas calças...

— O rosto! — interrompeu Lorenço em tom de deboche.

— É redondo, cabeça grande, cabelo vermelho e ondulado, a boca macia, um nariz poderoso ligeiramente curvado, as sobrancelhas carregadas...

— Continue falando — animou-a Lorenço. Seu lápis vermelho voava sobre o pergaminho, corrigia, sublinhava. — Os olhos?

— Grandes olhos de criança, cinza; não, castanho-esverdeados.

— Claros?

— Não, escuros, amendoados — a mulher olhou com interesse para o retrato que Lorenço estava fazendo. Ele se sentara a seu lado para ter melhor luz. — A barba é mais farta, embora redonda, e o pescoço — a mulher voltou a rir — um pouco mais curto, parecido com o de um camponês!

Lorenço deu um último retoque ao seu trabalho, ondudou o cabelo do retrato e colocou-lhe umas sombras.

— Pois sim, assim é meu William! — explodiu a moça com alegria.

— Deve levar-me até ele!

— Pare o cavalo — disse Lorenço, e tirou-lhe o retrato que ela já considerava seu.

— Quero comprá-lo, vejo que é um grande artista!

— Falemos de negócios! — propôs Lorenço. — Eu indico o caminho e o lugar e você, em troca, me dá uma informação...

— Me dê! — a mulher já estendia a mão, mas Lorenço a fez esperar.

— Ouça bem: siga este mesmo caminho, porque se não o fizer chegará tarde demais ao ninho e seu passarinho terá voado. — Lorenço imitou o mestre. — Deve dirigir-se sem perda de tempo ao porto de Ancona, pedir lá para ser apresentada pessoalmente ao comandante do porto, e dizer-lhe que quem a envia é o "geral", e que deve ver a "abadessa". Vai dar-lhe uma passagem marítima. Vou te dar um pouco de dinheiro...

Mas a dama oriunda de Metz não quis aceitá-lo.

— Pode ficar, eu mesma pago os meus caprichos. Mas quero o retrato!

Entretanto, Lorenzo tinha escrito em letras gregas algumas linhas no papel, das que supunha com toda razão que a mais desmiolada das putas não poderia ler. "A grande prostituta de Babilônia procura o pai das duas crianças, que sabe que está com vocês."

— Esconda-o bem — advertiu à mulher. — Se cair em mãos indevidas, sofrerá as conseqüências em suas belas costas e naquela parte sensível do corpo mais abaixo. As chicotadas poderão inutilizá-la para sua profissão...

— Esqueça meu traseiro, ainda pretendo proteger com ele meu William! — respondeu ela, e dispôs-se a esconder o retrato embaixo de suas saias.

— Espere aí! — Lorenzo exclamou. — Deixe que lhe dê um banho com minha urina para que não se manche todo antes de...

—William preferiria a minha, mestre. Tenha confiança em mim!

Lorenzo deu-se por satisfeito.

— Mais uma coisa: uma vez chegando lá, pergunte pela "condessa". Em hipótese nenhuma a chame a partir de então de "abadessa" — acrescentou, divertido. — Se tratá-la por "abadessa", receberá chicotadas em dobro, ou piores do que qualquer ajudante de carrasco costuma descarregar com toda sua alma! Deve mostrar o retrato à condessa, depois pode ficar com ele!

— Depois me conformo com o original! — riu Ingolinda de Metz. Fez um sinal ao seu cocheiro e afastou-se rodando com a carroça cujos sinos anunciavam a chegada da prostituta, enquanto as fitas coloridas dançavam difundindo a mensagem de amor.

Tinham chegado a Cortona, e Lorenzo ficou um tempo olhando para o caminho por onde passavam. Depois suspirou fundo e decidiu voltar ao castelo e falar com Gersenda, antes de empreender, finalmente, já provido de cavalos e ajudantes, a viagem para apresentar-se ao papa.

Também preciso pensar em mim, disse para si mesmo. E se Deus quer advertir Elia e proteger as crianças, faria com que a puta chegue em segurança a Otranto, junto com a mensagem. Esse irmão William deve ser um talento para que uma mulher o persiga por toda a Itália!

A CONDESSA DE OTRANTO

Otranto, outono de 1244

— O barco! O barco!

Roç e Yeza foram os primeiros a avistá-lo. Saltaram com agilidade para cima, pela escada inclinada que conduzia do jardim à muralha.

Clarion levantou-se e seguiu-os, sem perguntar se queriam acompanhá-la os dois cavaleiros que estavam descansando, em pleno sol, a seus pés. Constâncio estivera lhe cantando canções árabes de amor, enquanto Crean a cortejava no seu modo tranqüilo porém insistente.

Que jogo mais cruel! A arte de cortejar não representava para eles outra coisa senão uma forma de passar o tempo, pois nem sequer se lhes ocorria transformar em fatos essas intenções disfarçadas com palavras poéticas ou o silêncio tão expressivo.

Como tantas outras vezes durante aquele longo verão, a condessa combinara de encontrar-se no baluarte com o comendador da Ordem Teutônica. Eles se entendiam bem, sem precisar trocar demasiadas palavras, apenas conversavam ou olhando para o mar ou quando se dedicavam a sentir os aromas e observar as cores com que se iam tingindo as folhas, ou por vezes se limitavam a escutar o silêncio outonal.

A condessa tinha se aproximado do parapeito. Olhou para a trirreme, "sua barca", único objeto da herança de seu esposo que a fazia lembrar com um pouco de gratidão do velho Pescatore. A nave tinha as velas recolhidas porque quase não havia vento, mas deslizava sobre o mar como um inseto que movesse cem pés ao mesmo tempo.

Na pequena baía situada debaixo do castelo e que formava uma espécie de diminuto porto ouviu-se baixar com grande ruído de correntes a ponte levadiça na direção do cais. Viram os carregadores chegarem com um palanquim. Laurence observou com certa preocupação que seu filho estava presente lá embaixo.

— Deveria falar com Hamo — disse para Sigbert sem desviar seu olhar do porto. — Já é hora de que abandone durante uns anos esse lar governado por mulheres e que vá comercializar o couro e o ferro em outros castelos em vez de ficar preso às minhas saias ou olhando o que há por baixo das de Clarion. Hamo tem agora dezesseis anos, mas é muito delicado, sensível e sonhador. Convém que a areia do deserto e o sal do mar lhe dêem um aspecto mais curtido; tem de aprender a lutar, Sigbert, porque se não o fizer não será capaz de defender Otranto quando eu não puder mais fazê-lo.

— Posso levá-lo comigo a Starckenberg — respondeu o cavaleiro com sinceridade. — Mas só posso fazê-lo se ele mesmo estiver de acordo. O trabalho na Terra Santa tornou-se muito difícil, ao menos para a Ordem Teutônica, uma vez que Conrado não se decide a tomar posse de sua herança, e nós, os fiéis ao imperador, estamos em minoria. Tem de se mostrar disposto ao sacrifício e aceitar a dureza da vida!

— Fale com ele!

Laurence apressou-se a entrar no castelo para supervisionar os preparativos. Tudo ali estava pronto para a recepção. Os serviços da condessa estavam perfeitamente adestrados.

— Oh! — exclamou Yeza. — Estão sendo carregados! Será que já não podem andar? — De fato, os carregadores tinham, entretanto, subido o palanquim da condessa a bordo, e os dois anciãos cavaleiros ocuparam-no de imediato sentando-se em seu interior e assim subtraindo-se aos olhares curiosos.

—Viram que você é uma intrometida, por isso escondem-se — brincou Constâncio com a pequena, mas Yeza não se deu por vencida tão rapidamente.

— Lá de baixo não podem sequer atirar uma flecha nas janelinhas, portanto ninguém pode me ver. Eu não sou tão boba a ponto de subir onde possa ser vista por qualquer um.

Essas palavras eram dirigidas à seu companheiro de brincadeiras, que tinha se empoleirado em cima de uma das ameias, mas logo voltou a descer rapidamente.

—Você nunca esteve lá embaixo, porque não nos deixam ir — acrescentou com algum receio —, de modo que não pode saber se nos vêem ou não, e, além disso, as meninas não podem ficar nas muralhas quando há guerra!

— Mas Sigbert explicou-me detalhadamente, e ele sim sabe de guerras!

— Mas se não estamos em guerra, infelizmente! — interveio agora Hamo, que tinha se mantido um pouco afastado.

— Não a deseje — advertiu-lhe Crean, mas Hamo bateu com os pés no chão com impaciência.

— Eu a buscarei!

Clarion percebeu sua agressividade e quis abraçá-lo.

— Não vai querer me abandonar!

Mas Hamo afastou-a.

— Há outros cavaleiros que dariam a vida para protegê-la!

— Clarion! — a voz da condessa soava autoritária. Clarion afastou-se dos homens que a rodeavam e entrou no castelo pela porta da torre. Crean seguiu-a a uma razoável distância, pois tampouco queria encontrar-se à sós com ela na estreiteza da escada em caracol. Queria ver seu pai, "John"; abraçá-lo a sós antes de ter de cumprir as severas obrigações da irmandade a que pertencia.

"John" era John Turnbull, embaixador emérito especial do imperador, comendador de honra da Ordem Teutônica em Starkenberg e, em sua idade avançada — pois tinha chegado aos setenta e cinco anos —, era titular de inumeráveis distinções e de cargos em sua maioria do mais alto sigilo. O título de que mais lhe importava, embora tivesse ostentado muitos outros ao longo de sua vida, era o de conde de Monte Sião.

O outro ancião a quem a trirreme recolhera na Terra Santa era seu superior imediato, Tarik ibn-Nasr, chanceler dos "assassinos" de Masyaf, onde tinha sua sede o ramo sírio da dita seita. Tratava-se de um sábio de aspecto enrugado que não representava o papel de superior carismático, como acontecia com o "Ancião da Montanha". Tarik era, no melhor dos casos, um político hábil, o mais adequado para uma época onde já não era questão de conquistar, difundir e adquirir poder na Terra Santa, senão que de sobreviver.

O chanceler apreciava muito Crean e sentia confiança neste cristão convertido ao Islã. Crean não queria dar-lhe razões para que o pudesse repreender, mas também não queria renunciar a demonstrar a seu velho pai o muito que se alegrava de voltar a vê-lo com vida. Reprimir os sentimentos era uma das primeiras coisas que se aprendia ao se iniciar a hierarquia complicada e rígida das crenças dos "assassinos". Em lugar de sentimentos, o que tentavam cultivar era o ascetismo, a devoção e o êxtase. Uma ordem do superior não era um simples mandamento, senão uma tarefa que devia ser cumprida com íntimo

entusiasmo. Isto havia trazido aos "assassinos" a fama de ser uma seita fanática; as pessoas costumavam ignorar sua profunda religiosidade e sua alta espiritualidade, que a maioria dos cristãos ou não entendia ou preferia ignorar.

Seu pai era uma exceção. O espírito livre e rebelde de John, que flutuara ao longo de sua vida entre os dois mundos da fé cristã originária, agora tachada de herege, e do fundamentalismo islâmico, influiu muito rapidamente no seu único filho, embora este tivesse tardado em aderir aos "assassinos" ismaelitas.

— Crean! — O abraço de John, que o esperava ao pé da escada, era como sempre cordial, embora se vissem pouco, mas o filho obteve uma dolorosa impressão ao observar o quão perturbado parecia estar o pai. — Ainda não cumprimentou Tarik?

— Não me mandou chamar ainda! — Por acaso John já padecia da perda de memória própria dos velhos? Ele deveria saber que Crean dificilmente poderia já ter se apresentado a cumprimentar seu chanceler.

— Bem, ainda há tempo — disse, acalmando-se após o rompante. Já passara o tempo de trocar palavras ásperas com seu filho ou de entabular combates amistosos de espada como Crean estava acostumado a fazer com seu pai, a quem jamais chamava de pai, mas pelo nome de batismo, o que correspondia perfeitamente ao desejo de John.

— Ande, conte-me primeiro como estão as coisas em ultramar!

— Os templários contra os hospitalários, Veneza contra Gênova, Gênova contra Pisa — brincou Turnbull, contente por ter recuperado o costumeiro tom amistoso. — No entanto, diga logo se as crianças estão salvas!

— Mas John! — Crean mostrou-se um pouco surpreso pela pergunta. — Você sabe que estão aqui e que estão bem!

— É muito importante, é importante demais! Você já sabe que...

— Claro que sei, pois houve alguma razão para você pôr à minha disposição os cavaleiros de maior valor. Queria estar certo de que eu iria cumprir com perfeição minha honrosa missão, e responderia assim à vontade da *Prieuré!*

— Bem, muito bem, conte-me! — E os dois subiram juntos até o terraço, que tinha ficado vazio, e Crean relatou a seu pai as vicissitudes do resgate...

As crianças haviam descido a toda pressa para a entrada principal, cujos degraus eram tão planos que se podia subir a cavalo até a grande sala de cerimônias do castelo, coisa que parecia impressioná-los bastante. Constâncio e Sigbert o haviam demonstrado. Mas agora, o que queriam era dar uma olhada no palanquim e observar de perto os dois recém-chegados.

Só puderam chegar ao vão central, onde os degraus escondem uma armadilha que permitia lançar longe um cavalo com seu ginete. Os guardas sabiam muito bem que não deviam deixar passar as crianças, e Yeza e Roç o sabiam também, de modo que esperaram escondendo-se mais atrás entre as pernas dos soldados até que o palanquim dobrou na esquina. Só viram um dos passageiros, mas bastou para que Yeza irrompesse com gritos de admiração.

— Leva um turbante, um turbante de verdade!

Roç, ao contrário, estava mais preocupado com o desaparecimento do outro homem maior a quem também viu subir ao palanquim.

— O outro deve ter descido junto à escada em caracol — refletiu em voz alta e com tom objetivo, mas

depois emudeceu quando lembrou que se supunha que ele não devia ter conhecimento daquela entrada secreta.

Correu atrás de Yeza, que já saltava junto ao palanquim que ascendia pelas escadas, gritando:

— Um "muçulmano" de verdade, com um turbante!

Tarik dirigiu-lhe uma piscadela e depois bateu com o bastão na parede dianteira do palanquim, detendo assim os dois carregadores. Estendeu sua mão para Yeza, e a fez entrar no interior, mostrando-lhe o banco em frente ao seu. Não disse nem uma palavra, mas ambos sorriram quando o palanquim, depois de ele ordenar com duas batidas de bastão, voltou a andar.

Roç ficou amuado atrás, mas quando viu que os dois guardas já não prestavam atenção nele, dirigiu-se ao nicho que guardava a estátua de um Eros grego e começou a mover o arco da estátua. Utilizou todas as suas forças para aumentar a pressão, até abrir-se uma fresta na parede. A criança era muito magra, razão por que bastou uma fresta da largura de um braço para que pudesse entrar por ela.

Roç aspirou o ar úmido dos corredores e das escadas secretas entre as paredes, um ambiente que era familiar e que conduzia às *intercapedi-ne*, esconderijos situados entre as diferentes plantas. Aquilo era outro mundo. A única coisa que o irritava era o fato de Yeza não estar a seu lado. Teria preferido explicar-lhe as descobertas que ia fazendo, pois sabia que a ela sempre ocorria diversas maneiras de fazer uso do que encontrassem. Simplesmente era mais divertido brincar com ela, embora às vezes chegasse a cansá-lo! Roç suspirou e continuou o passeio.

— ... a ordem pode ser sua pátria! — escutou de repente uma voz. Depois houve um grande silêncio, e quando Roç já se dispunha a

seguir adiante, pôde escutar a resposta de Hamo:

— Obrigado, senhor Sigbert, por seu gesto generoso, mas não me considero digno de ingressar no "*Ordo Equitum Theutonicorum*"...

— Isso decidem os superiores... — interrompeu o cavaleiro a tímida resposta de seu interlocutor, embora na verdade se enganasse muito quanto aos pensamentos íntimos do rapaz.

— É certo que o verdadeiro nome completo da ordem é "Cavaleiros e Irmãos da Casa Alemã de Nossa Senhora de Jerusalém"?

Sigbert assentiu com um gesto.

— Minha mãe me educou para que eu achasse que não existe outra mulher a quem chamar de nossa senhora. Não há Maria alguma digna de estar a seu lado, ela mesma admitiria antes a uma Madalena! — As palavras de Hamo eram amargas, embora mais serenas que as de Sigbert.

— Mas Hamo, em teu coração deve ter lugar para...

— Eu não tenho coração — interrompeu-o Hamo com obstinação —, nem quero ter pátria; quero ir para o estrangeiro! — Quando se deu conta de que deixara o cavaleiro sem fala, acrescentou: — Sou um lobo solitário e não quero pertencer a um rebanho nem quero me submeter aos mandamentos de uma ordem. Otranto ficou pequeno para mim, e a condessa engana-se ao imaginar que pretendo herdá-lo dela.

— Pense bem — tentou apaziguá-lo Sigbert. Mas a voz de Hamo adquiriu um tom mais agressivo.

— Irei embora e nunca voltarei a vê-la! Pode dizer isto a ela, ou não, segundo lhe pareça melhor!

— Uma conversa entre homens — Sigbert tentou salvar a situação — deve ficar entre homens, Hamo, e isto é o que nós, cavaleiros, somos em primeiro lugar.

— O tempo vai dizer se chego a ser cavaleiro, porque também posso acabar ladrão, espião, assassino ou

qualquer outra espécie de bandido, mas também posso vir a ser um explorador!

— Um leque muito amplo! — tentou brincar Sigbert, que desejava acabar com aquela discussão de forma conciliadora. — Portanto, talvez voltemos a nos ver. A Terra Santa está cheia de aventureiros, e muitos deles acabam sendo cavaleiros. Os mais desiludidos se submetem à severidade de uma ordem, os mais dissolutos terminam no tédio do matrimônio!

— Conte-me sobre aqueles que conseguiram esquivar-se de um ou de outro...

Neste momento, Roç decidiu retomar a excursão. Quanta história edificante da Terra Santa, a verdade é que estava cheio delas! Como se não houvesse outra coisa no mundo! Além disso, Hamo era um charlatão que na verdade não desejava outra coisa senão casar-se com Clarion, embora ela não quisesse, porque achava-o jovem demais. Yeza lhe diria o mesmo quando quisesse tê-la por esposa? Teria de pensar bem nisto. Diferente de Hamo, achava que lhe sobrava tempo, muito tempo...

*

Laurence entrou no refeitório e examinou a mesa posta. Era meio-dia e ela não gostava de comidas pesadas. Havia abundância de travessas e bandejas com saladas gostosas de polvo e mariscos, calamares e lagostins, alcachofras no azeite e vinagre de vinho, azeitonas, sardinhas assadas e berinjelas fritas em rodela, lagostas recém-cozidas e peixe-espada fervido e servido frio. Travessas cheias de limões e laranjas, jarras com vinho fresco e água potável alternavam com bandejas de mariscos e espalhavam seus odores reconfortantes. Tudo estava pronto: só faltava os hóspedes serem pontuais. Laurence aproximou-se de uma das altas janelas. Aquele banquete seria ao mesmo tempo uma despedida. Lá embaixo, no porto, balançava-se a trirreme enquanto os marinheiros a limpavam, consertavam e a carregavam. Naquela mesma tarde voltaria a lançar-se ao mar para levar ao senhor de Oxfeld e ao conde de Selinonte. Cumpriram sua missão, e Sigbert se retiraria a Starkenberg enquanto Constâncio seria novamente o emir Fassr ed-Din. Ambos iriam antes à Síria.

O primeiro a entrar no refeitório foi Tarik, o chanceler, e o fez com passo ligeiro e humilde. Laurence bateu palmas e um serviçal estendeu ao hóspede uma jarra de água morna na qual flutuavam pétalas de rosa para que pudesse molhar as mãos.

— Graças ao senhor, Excelência — e Laurence pegou ela mesma um guardanapo para que o convidado secasse as mãos —, não terei que comer sozinha. Os demais acho que esquecem seus deveres de cortesia e não pensam mais que na alegria do reencontro ou na dor da despedida.

— A pontualidade é mais importante que qualquer outro sentimento humano, do mesmo modo que o respeito e a obediência! — assegurou-lhe Tarik. — Vou castigar Crean de Bourivan!

— Perdoe-o, por favor! — Laurence tinha medo de que o chanceler assim o fizesse. — Ele deve estar na companhia do pai!

— Todos em nossa ordem devem deixar para trás seus sentimentos familiares. Ele ainda não aprendeu isso.

— Mas, no momento, não o castigará, não é verdade? — Laurence sabia que seus encantos continuavam fazendo efeito nos homens.

O árabe lhe sorriu, do mesmo modo que antes tinha piscado um olho para Yeza. Esta viu, assustada, a condessa esperando no final da rampa; estava certa de receber uma reprimenda. Tarik correu a cortina com a rapidez de um raio para que a pequena pudesse escapar pelo outro lado. O chanceler tinha bom humor, estava quase alegre. De maneira que levantou o polegar em sinal de perdão.

— Não me interprete mal, condessa. Gosto de Crean como de um filho. Acolhi-o numa época difícil para ele, quando haviam matado sua mulher e ele teve de fugir com suas duas filhas do castelo de Blanche-

fort...

— E como estão as duas moças? — Laurence tentava dar um tom mais alegre à conversa. — Já se casaram?

— Não é bem assim — sorriu Tarik. — Quando a desgraça caiu sobre a família, e o velho John mostrou-se de todo incapaz de tomar alguma iniciativa em favor do seu filho, este me pediu ajuda. Consegui primeiro um refúgio para os três na Pérsia, onde governamos e temos nossa casa principal. Crean era perseguido pela Inquisição com tanto afinco que lhe era impossível refugiar-se em terras cristãs: nem mesmo na Síria podia estar seguro. Depois foram suas filhas adolescentes as que já não quiseram partir, e entraram voluntariamente no harém do nosso grande mestre...

— Estranhas criaturas — permitiu-se comentar Laurence. — Como pode uma mulher escolher livremente...

— Pensa que alguma mulher escolhe com liberdade? — interrompeu-a suavemente o chanceler. — A senhora é uma exceção, mas e as outras? O harém oferece uma vida cheia de beleza, ócio e segurança e, sobretudo, protegida de qualquer violação e violência.

— Desde que a pobre mulher esteja constantemente disposta a submeter-se aos caprichos do senhor, diante de quem deve simular além disso amor e até paixão! — indignou-se Laurence.

— Vocês desconhecem a regra de um harém bem-feito. Despertar paixão e senti-la é uma arte que se pode aprender...

— E o amor?

O homem sorriu.

— O amor vai e vem, não é um sentimento próprio do harém. Por acaso vocês resolveram o problema do amor?

Naquele instante, entraram o velho Turnbull e Crean no salão.

Enquanto John ocupava sua cadeira, Crean deteve-se atrás da cadeira do chanceler. Mas o olhar de Tarik não revelava irritação nem complacência.

Depois chegou Sigbert, que inclinou-se ligeiramente diante de Laurence.

-Vosso filho roga que o perdoe! Foi até o porto para se ocupar do barco!

— Pôde falar com ele, Sigbert?

— Sem o resultado desejado. Hamo está disposto a sujar as mãos, mas não sob o signo de uma cruz negra sobre um pano branco!

Somente então os demais perceberam que Sigbert voltara a vestir a túnica de cavaleiro teutônico, detalhe que revelava que estava pronto para zarpar. O mesmo não se podia dizer de Constâncio, que acabava de entrar com toda pressa, ligeiramente despenteado.

— As crianças estão fora de si de excitação e dor por nossa "deserção", como Pvoç reclamou furioso. E Yeza quase me arranca os cabelos, agarrou-se fortemente a mim e seu único consolo é que Crean continue aqui, porque não fosse assim partiriam imediatamente conosco. Assim me afirma Roç!

Laurence mostrou-se um pouco irritada ao ouvir esse relato diante dos demais, e tal impressão ficou ainda mais reforçada quando Clarion entrou e ocupou sem dizer palavra o lugar a seu lado, mostrando os olhos avermelhados de tanto chorar.

Tarik interveio para quebrar o tenso silêncio e dirigiu-se com simpatia a Crean:

— Rogo-lhe que se sente conosco, Crean de Bourivan, pois aqui não estamos em Masyaf e eu — soltou

uma risada tranqüila, que aliviou aos demais — estou aqui incógnito!

— E isso por quê? — retrucou o velho John, que não havia entendido nada, o que fez com que os demais rompessem em gargalhadas. As travessas e o vinho foram servidos e a reunião transformou-se numa festa familiar.

Ao ver que o sol se punha, Laurence insistiu para que partissem. As crianças entraram correndo. Yeza trazia três lírios, dos quais entregou um dourado a Constâncio e um branco a Sigbert depois de subir nos joelhos de ambos e dar-lhes um beijo. Todos estavam curiosos para ver de quem seria a terceira flor, uma *reine innocente*, de odor estonteante e de cor violeta-claro. Yeza rodeou a mesa e a entregou com solenidade ao chanceler.

— Você prometeu que o ajudaríamos a empacotar — insistiu Roç, rompendo o silêncio e puxando Constâncio pelo braço.

Laurence considerou o banquete terminado. Aproximou-se com Tarik e John às janelas.

— Ainda temos de esperar aqui por Elia — disse John. Crean acompanhou seus amigos ao porto, onde a trirreme esperava pronta para zarpar. A tripulação os saudou levantando para o ar as extremidades trabalhadas dos remos.

Crean abraçou o gigantesco Sigbert:

— Agradeço-lhe pela firmeza e pelo bom senso, que nos protegeu de mais um erro. Permita que sejamos amigos, e até a vista! — Depois abraçou Constâncio, que lhe dirigiu estas palavras:

— Agradeço-lhe, Crean de Bourivan, pela aventura vivida em comum e pelo fato de que o senhor seu pai considere a um infiel digno de participar no resgate das crianças. Sempre que precisarem dos meus braços podem contar com a minha ajuda. *Allahu akbar!*

— *Wá Muhammad rasululah!* — respondeu-lhe Crean, e ia afastar-se quando Sigbert se adiantou.

— Todos servimos a um grande plano. Colocamos as rodas em movimento, embora apenas numa primeira fase. Não conhecemos os detalhes, não devemos sabê-lo, e não o queremos tampouco...

— Isso você diz — interrompeu Constâncio. — Eu, sim, tenho curiosidade de saber...

Mas Sigbert não permitiu que se rompesse a solenidade do momento:

— Juremos todos, aqui mesmo, que atenderemos a seu chamado sempre que solicitados!

Desembainhou a espada e Constâncio imitou-o. Crean não estava armado, razão por que estendeu a mão para partilhar do juramento. Entristecia-lhe ver partir os amigos. Depois olharam mais uma vez para trás, para acenar para aqueles que os olhavam de cima.

Crean percorreu com o olhar as pedras poderosas do castelo, buscando as figurinhas pequenas e delicadas de Yeza e Roç, que sabia que os estariam olhando da muralha. De fato, o saudavam de longe.

— Quando for cavaleiro — disse Roç —, ninguém poderá proibir-me de acompanhar outros cavaleiros e subir ao barco.

— Eu me daria por satisfeita se nos deixassem descer alguma vez ao porto — afirmou Yeza. — Haverá sempre algum barco disponível.

Hamo tinha se aproximado deles.

— Eu jamais serei cavaleiro — murmurou —, mas irei a terras desconhecidas e conseguirei vitórias!

A trirreme abandonou com pausados golpes de remo a baía do porto, e quando já estava em mar aberto, a tripulação içou as velas. Rapidamente desapareceu diante do olhar dos que a seguiam de longe.

Ladrões Viajantes

Lucera, inverno de 1244-45 (crônica)

"Temos pela frente uma cavalgada difícil até chegar a Lucera, onde voltaremos a encontrar finalmente pessoas fiéis e obedientes a Frederico", tinha me informado Elia. "Essa cidade dos sarracenos foi fundada pelo imperador, empenhado em ter uma colônia para levar lá as tribos islâmicas vencidas na Sicília; antes eram seus inimigos mais ferozes, mas agora, cercados por cristãos inimigos, se tornaram seu mais fiel corpo de guarda, que o defenderiam com a própria vida."

A mim, o assunto preocupava pouco, pois sofrera alterações consideráveis. Meu traseiro não era mais que um tumor azulado e a parte interna de meus músculos estava em carne viva, que ficava presa à sela de montar quando pretendia descer, mesmo que tentasse fazê-lo com as pernas bem separadas. Era tanta a dor que já não me via capaz nem de gritar, embora as lágrimas escorressem pelo meu rosto.

Os soldados de Elia julgavam que eram expressão do meu grande arrependimento, pois a ninguém ocorreu pensar que eu não tivesse passado, durante toda minha vida, mais que algumas horas montado num cavalo, e sem passar de um ligeiro trote.

Partindo de Cortona, atravessamos a Perúgia imperial, e, mais além de Assis, fomos rezar em Portiúncula para mostrar em público nossa fé. Embora o bispo atual, o irmão Crescêncio de Jesi, seja um inimigo encarniçado do ministro-geral expulso, não se atreveu a enviar seus guardas contra nós, porque entre os irmãos há muitos que secretamente são adeptos de Elia e poderia ocorrer uma rebelião.

A sede em Foligno estava vaga, mas nos recomendaram não continuar pela via Spoleto e sim atravessar as montanhas Sibilinas em direção ao sul. O *bombarone* teve de renunciar à comodidade de seu palanquim, e passar à garupa de um cavalo que seus guardas pessoais tinham preparado.

Uma vez chegando a Montereale, queríamos ir à L'Aquila, mas o administrador do castelo nos alertou sobre as tropas papais que circulavam por aquelas terras e que se esforçavam por cortar a comunicação entre a cidade e as fortalezas de Apúlia, fiéis a Frederico. Ele propôs que aguardássemos lá até que chegassem tropas procedentes do sul, que deixariam livre o caminho ou afugentariam os soldados do papa.

A esperança de proporcionar uns dias de repouso e cura ao meu traseiro coberto de bolhas quase me fez chorar de felicidade. Mas Elia decidiu partir rapidamente pelas montanhas, atravessando a região chamada Campo Imperial. Tivemos de conduzir nossos cavalos segurando as rédeas, o que agradei enquanto os outros maldiziam. Estava disposto a fazer o resto do caminho a pé, inclusive descalço, para não ter de subir mais naquele pesadelo que se balançava e dava passos que atravessavam minha carne como espinhas de aço. Jurei pela Mãe de Deus que nunca mais me aproximaria de uma mulher se meus testículos e meu traseiro se salvassem!

O caminho era perigoso. Dois de nossos homens caíram no abismo. De noite passamos frio e nossas reservas de alimentos estavam acabando quando finalmente atingimos solo habitado, sem precisar passar fome em excesso.

Ainda não tivera chance, ou melhor, coragem, de entregar a meu *bombarone* a cópia que fizera do "grande plano" que levava perfeitamente protegida em meu peito; entrega que pretendia fazer sem ser

visto, colocando o pergaminho no meio de sua bagagem para não me expor a perguntas ou repreensões incômodas. Assim atravessamos sem maiores obstáculos Popoli e Roccaraso, e estávamos subindo para o castelo de Sangro quando encontramos no caminho dois franciscanos que pediram humildemente para unir-se ao nosso grupo, afirmando que seguiam em peregrinação para San Nicolas de Bari. Um deles, chamado Bartolomeo de Cremona, era conhecido de Elia, que passou a chamá-lo de Bart e lhe deu as boas-vindas. Ao outro não o conhecia de nome sequer: chamava-se Walter dalla Martorana e causou-me uma impressão mais negativa que positiva, pois tinha um nariz como o bico de um pássaro e seu olho esquerdo tremia sem razão.

Elia me manteve afastado de ambos e não me apresentou como irmão da mesma ordem. Em minha cabeça passou a idéia de lhe entregar o rolo de pergaminho por intermédio de Bart, que tinha me causado boa impressão.

Pouco depois, fizemos uma parada para passar a noite em um albergue situado debaixo do castelo, e como Elia tivesse sido convidado a subir nele na qualidade de hóspede, aproximei-me de meu irmão frade.

— *Pax et bonum!* — escapou-me a saudação, e Bart perguntou: — Você é um dos nossos?

— Não! — Reconsiderarei. — Sou o secretário do *bombarone* e queria rogar-lhe que me fizesse um favor: redigi um escrito, uma petição, e resisto a entregá-la eu mesmo...

—Terá seu nome embaixo, pelo menos? — O irmão parecia desconfiado.

— Não — respondi rapidamente —, é uma proposta de caráter geral: uma petição sem referência a um caso concreto.

Bartolomeu me estudou com o olhar.

— Como se chama?

Oh, Deus, pensei: se insistir em ler esse panfleto, que é uma mostra da pior heresia, da mais profunda blasfêmia, estou perdido. Devia tê-lo queimado. Minha própria escritura me ardia agora no peito.

— Jan van Flanderen — foi o nome que me ocorreu; era uma base sobre a qual podia resistir.

De repente interveio na conversa o do nariz pontudo:

—Você não conhece, por acaso, um tal de William de Roebruk?

— Não, nunca o vi, quer dizer, acho que... — murmurei. — Não estudava em Paris?

— Esteve na campanha do Montségur — o olhar retorcido do que dizia chamar-se Walter dalla Martorana me parecia muito desafiador.

— Contra quem? Não conheço a tão nobre senhor! — disse com insolência.

— O castelo dos hereges! — prosseguiu o outro.

— Sinto muito — respondi-lhe. — Jamais escutei falar desse castelo. Faz muitos anos que passo minha vida em Cortona, afastado do mundo, dedicado aos estudos e aos trabalhos do *bombarone*...

— Dê-me esse pergaminho — disse Bart. — Já sei como fazer: amanhã de manhã, antes da missa matinal, despertarei Elia e lhe direi que de noite chegou um mensageiro urgente e trouxe isso... dê-me de uma vez... — interrompeu a si mesmo com impaciência. Tirei o pergaminho de minha camisa e depusitei-lhe em sua mão estendida. Guardou-o sem olhá-lo. — Direi que deixou este escrito para ele e que foi embora logo!

— E se Elia perguntar pela sua aparência? — indaguei adotando o papel de *advocatus diaboli*.

— Uma figura sinistra, alto, corpulento, com uma capa negra e um cavalo negro — expôs Bart, cujo poder de persuasão parecia considerável.

— Agradeço-lhe — a verdade é que senti um grande alívio.

— Deitemo-nos cedo — disse o de nariz de pássaro. — Teremos de levantar-nos de madrugada.

— E abandonar um leito tão bom — brinquei, pois tinham nos instalado em um estábulo. Eu me enrolei satisfeito em uma manta e dormi logo depois de rezar minhas orações.

Quando acordei pela manhã, o lugar dos dois irmãos a meu lado estava vazio. Levantei-me de um salto e corri a ver Elia.

-Vieram ver Bart e Walter? — perguntei, muito assustado.

— Certamente ainda estão nos braços de Morfeu — comentou o *bombarone*, que estava de mau humor. O sol já luzia alto no céu.

— Me roubaram! — exclamei. — Melhor dito: roubaram-lhe! — procurei me desfazer de minha sonolência. — Ontem à noite chegou um ginete, um mensageiro, com um escrito para você. Não queriam acordá-lo e agora sei por quê! — gritei, nervoso.

— Qual a aparência do ginete? — perguntou Elia, muito pálido.

— Um tipo sinistro, algo bruto, igual a seu cavalo negro! — As palavras brotaram de minha boca e em minha mente de repente apareceu a imagem do sinistro inquisidor do Montségur.

— E para onde foi? — Elia parecia muito preocupado, inclusive um pouco desorientado, para não dizer totalmente transtornado!

— Pelo barulho dos cascos de cavalo acho que afastou-se pelo caminho de baixo! — menti. O *bombarone* não perguntou mais e ordenou que selassem os cavalos.

Ainda não tínhamos nos afastado dois quilômetros quando encontramos um homem morto no caminho: era o do nariz pontudo. A língua, que lhe saía para fora da boca, mostrava uma cor negro-azulada. Elia aproximou-se do corpo e, com a ponta da bota, examinou a nuca tio morto.

— Posso imaginá-lo — disse, e vomitou.

Claro que não havia nem rastro do rolo de pergaminhos nem do irmão Bart. De modo que continuamos a cavalgar em silêncio. Elia começou a sofrer uma crise febril.

Eu tinha perdido mais de uma dezena de libras de peso quando entramos em Lucera. As calças de couro que Gersenda ajustara para mim estavam agora soltas e quase sobrando.

O capitão dos sarracenos teve compaixão de mim e enviou-me ao médico árabe de sua guarnição. Ele me untou as feridas com uma pomada que a princípio ardeu como uma faca quente e depois proporcionou um alívio rápido e maravilhoso. E não contente com isto também me prometeu que prepararia um palanquim para que eu continuasse a viagem. Com muito gosto lhe teria beijado os pés, por mais infiel que fosse.

— *Idha dsha'a nasru Alahi wa al-fathu...*

Ficamos várias semanas com os muçulmanos. Todo esse tempo o *bombarone* demorou em sarar, e enquanto ele se recuperava tive oportunidade mais do que suficiente para me assombrar com o fato de o imperador permitir que toda uma cidade cheia de infiéis rezasse cinco vezes ao dia, voltados para Meca, em meio a terras cristãs.

— ... *wa raita al-nas yadchulun fi din Alahi afwadshan, fasabih bihamdi (labbika wa astaghfirhu innahu kana tawaban.*

V – O OUVIDO DE DIONISO

A Fonte

Otranto, primavera de 1245

Já era quase meio-dia e o sol primaveril ainda não tinha alcançado um ponto muito alto no céu, mas seus raios já ardiam sobre os muros do castelo de Otranto. Só se podia estar bem à sombra dos pátios interiores e das arcadas; embora no terraço fosse possível desfrutar melhor a leve brisa que vinha do mar, esta não proporcionava alívio suficiente contra o fogo que reverberava nos ladrilhos coloridos do chão.

O pequeno porto situado ao pé da muralha exterior também estava silencioso e tranqüilo; o castelo parecia um leão vigilante que esticava sua pata em direção à baía. Os pescadores dormitavam em suas choças; a trirreme do almirante ainda não havia retornado da Terra Santa.

Isso era razão suficiente para que sua ama e senhora, Laurence, levantasse às vezes no leito, separasse um pouco as amplas e escuras cortinas e olhasse para o sul, para aquele mar azul que parecia infinito. Não ter à mão "sua" nave, que era a sua menina-dos-olhos, para ela significava se sentir como se lhe faltasse uma parte do corpo. Sua presença armada e disposta tanto para a defesa como para a fuga lhe proporcionava um forte sentimento de independência. Poder abandonar a qualquer momento a terra dominada pelos homens e trocá-la pela ampla perspectiva do mar era, para ela, garantia de uma autêntica liberdade de eleição! Deixou-se cair para trás sobre o lençol de cor de damasco — um pouco quente àquelas horas — de seu solitário leito matrimonial e sentiu com desgosto que por todo seu corpo escorregavam gotas de suor. Tentou não pensar em nada.

A jovem Clarion mandara pendurar uma grande rede entre as sombras mais profundas das arcadas, onde a proximidade dos depósitos de água, graças à evaporação, fazia nascer um leve sopro de ar fresco. Pelo menos era isso o que ela sentia, além do suave balanço da rede que também dava-lhe a sensação de provocar uma brisa de ar.

— Pensei que estivesse em seu lugar preferido — sussurrou Crean. Por que se sentia impelido a justificar sua presença? — Embora acredite que junto à fonte é onde melhor se resiste ao calor.

— Se tivesse ido lá, Crean de Bourivan, teria se encontrado com as crianças. — Clarion espreguiçou-se e a beleza de seu corpo ressaltou ainda mais seus gestos. — Essas criaturas não descobrem nada melhor para fazer do que salpicar água em quem chegue perto. — Clarion movia-se como uma gata virada de costas.

- Feliz infância! As crianças podem ficar nuas e desfrutar da água e da vida! — Crean tentava suavizar as reclamações da moça.

O homem preferiu deitar-se de costas no chão, e nessa posição e com o dedão de um de seus pés apontando para o alto decidiu dedicar à rede um ligeiro movimento de balanço. Tinha proibido a si mesmo de ficar na rede junto com ela, pois sabia muito bem não haver circunstância mais adequada para unir dois corpos do que o aproveitamento de um espaço comum. Iria sentir-se preso como um, ou melhor, dois peixes na rede. Ela sim o desejava, mas Crean não estava disposto a ceder. Embora fizesse calor, ela teria gostado de sentir o calor mais intenso ainda do abraço; estava disposta a lançar-se nas chamas ardentes da paixão e deixar que o suor que lhe brotava dos poros se desfizesse como um riacho por seu

peito, sobre seu ventre, ao longo de seus músculos, embora não fosse capaz de apagar o fogo que ardia em seu interior, assim como em certas partes de seu corpo. E exatamente ali, a poucos palmos de distância, via o dedão do pé daquele homem aparecer indiferente através da rede. Ela tentou aproximar-se mais uns centímetros, moveu os músculos, mas não conseguiu, e sabia que embora chegasse até ele, embora o tocasse, o abraçasse como que para comê-lo, ele não faria outra coisa do que trocar de pé, com um sorriso triste, e enganchar o dedão em outra malha da rede.

Crean percebia o desejo que irradiava da moça e teria gostado de satisfazê-la, pois não desprezava sua beleza. Mas não desejava fazê-lo num lugar que lhe dava a sensação de estar prisioneiro entre muros desconhecidos, e onde Clarion o olhava como se estivesse imersa em um desses caldeirões de barro frágeis que, cheios de fogo grego, quebram e derramam seu conteúdo ao menor contato, espalhando chamas impossíveis de serem apagadas com a água. Clarion de Salento não era para ele só a filha natural do imperador mas, de forma inacessível, a filha adotiva, a escrava, a jóia, a cúmplice e companheira da condessa, e esta lhe aparecia como um dragão que sabe cuidar de seu tesouro. Ainda poderia considerar-se um milagre que a princesinha solitária não estivesse fechada numa sólida torre cujas chaves estivessem guardadas na mão da velha bruxa. Seu olhar ergueu-se até o *donjon*, a elevada torre central que sobressaía, inacessível, por cima dos telhados, terraços e muros. Na verdade, era um milagre que Clarion não estivesse presa ali!

Mas não era só a imagem da ciumenta condessa que o freava e o impedia de ceder diante do atrevido oferecimento de Clarion; era também a presença de seu próprio chanceler, que lhe recordava seus votos. Ninguém naquele dia obrigou-o a prestar esses votos, inclusive podia desfazer-se deles a qualquer momento, mas isto seria como uma pedra, como uma maçã podre: ele perderia certas categorias espirituais que se esforçara muito para conseguir, espaços mentais aos quais tinha conseguido elevar-se e onde se sentia livre e protegido ao mesmo tempo. (Orno iria renunciar a tudo isto por uns momentos de prazer carnal, de embriaguez dos sentidos? Não valia a pena, nenhuma mulher valha este sacrifício!

Sabia muito bem que, se fosse discreto, poderia dar a seu corpo uma breve satisfação, enganando assim a seus superiores e, com muita satisfação de sua parte, também à condessa. Tampouco ignorava que Clarion, com sua carga explosiva de ansiedade, teria gemido de prazer, teria revelado seu triunfo num grito que juntaria a todos os moradores do castelo para depois calar-se quando, recuperada novamente a razão, percebesse que para ele não tinha sido mais que uma distração, um breve desvio do caminho escolhido, um gole apressado de água fresca num momento em que teve sede e lhe fora oferecida uma fonte. Ele havia aprendido a dominar seu corpo, enquanto ela ainda estava desejosa de conhecer o seu. Crean sentia pena.

Clarion estava disposta a sofrer, mas, antes, queria conhecer o homem. Queria conhecê-lo agora, sem condições nem acatamentos! Desgostava-lhe profundamente que ele se refugiasse na desculpa de respeito. Ela rechaçava esse respeito, tanto o que se referia à sua origem como o que levava em conta seus laços com Laurence, e sobretudo o que dizia respeito a ela mesma, a ela como mulher. Sentia-se mais forte que muitos homens, possivelmente mais forte do que Crean; pensava que sobreviveria a todos! Clarion refletiu sobre a possibilidade de cuspir-lhe na cara da rede onde continuava deitada, ou se não a convinha mais montar naquele covarde e forçá-lo...

— Clarion! — A voz um tanto estridente da condessa assustou a ambos. — Clarion! Temos hóspedes! — Soava melhor como uma desculpa, mas ambos compreenderam que colocava um ponto final na intimidade daquele encontro.

Crean foi o primeiro a se mover, mas aproveitou para inclinar-se sobre a moça que continuava presa nas malhas da rede, e a beijou na boca. Clarion segurou sua cabeça com as mãos como se agora, no último segundo, fosse arrastar todo o corpo do homem em sua direção, mas Crean resistiu. O beijo durou um

pouco mais do que o previsto, sobretudo porque ela estendeu a língua como se quisesse lhe mostrar o que esperava de um homem entendido no assunto. Mas antes que a moça pudesse colar-se inteiramente nele, marcar-lhe os lábios com os dentes e o rosto com as unhas afiadas — preliminares que anunciam o início da posse e que com tanta razão temia —, Crean conseguiu salvar sua cabeça e levantar-se, mesmo que deixando alguns cabelos nas mãos dela.

— Preciso de um gole de água fresca — suas rápidas palavras simulavam despreocupação, enquanto conseguia distanciar-se da rede. Neste instante, Laurence dobrava a esquina, agitada como uma fúria. — Faz muito calor — cumprimentou o homem, esgotado, a condessa, que parecia ignorá-lo e dirigia seus faiscantes olhos para Clarion. — Suponho que Elia chegou? — aproveitou para formular uma pergunta que lhe parecia útil e que lhe possibilitava afastar-se a passos rápidos.

— Puta! — ainda pôde ouvir, e como resposta, o riso de Clarion; depois, o ruído de uma bofetada em pleno rosto. Não chegou a ver as lágrimas das duas mulheres...

Em vez disso, ao retirar-se, tropeçou com Hamo, que lhe cravou os olhos de forma fixa e hostil; o mais provável era que estivesse os espiando... Nisto a condessa e seu filho eram parecidos: ambos perseguem Clarion como os chacais perseguem uma gazela no deserto. Com o que se entreteriam quando não havia hóspedes no castelo?

Não teve tempo de imaginá-lo, porque jogaram-lhe no rosto um jato de água fria. Yeza emergiu da fonte gritando alegremente:

— O primeiro refresco é grátis! — E atrás dela apareceu Roç com uma grande colher de madeira, anunciando a seguinte carga:

— Vendemos água fresca!

— Passar por aqui também custa dinheiro! — acrescentou Yeza enquanto continuava salpicando Crean da água.

— Eu não sou mais que um pobre peregrino morto de sede! — mendigou ele. E depois transformou sua voz numa espécie de ganido. — Por favor, lhes rogo um gole de água fresca!

— Os pobres não pagam! — declarou Roç, dirigindo-se a Yeza, e esta imediatamente lhe estendeu a cuia.

— Tome, pobre homem, beba o quanto quiser!

Crean tomou um gole, fez uma reverência e afastou-se arrastando uma perna.

— Agradeço, boas crianças, me ofereceram um grande tesouro...

Uma Porta sem Tranca

Otranto, primavera de 1245 (crônica)

O capitão dos sarracenos nos havia oferecido, ao sair de Lucera, um guia conhecedor do caminho, de modo que depois de viajar durante uma semana surgiu diante de nossos olhares a baía azul do antigo Hydruntum.

— Não o entendo — disse-me Elia depois de ter se aproximado com seu cavalo de meu palanquim. Era a primeira vez que falava comigo desde nossa chegada a Lucera. Ainda estava muito pálido em volta do nariz. — Meu amigo Turnbull me pede de joelhos que, em Otranto, lhe devolva um escrito que tinha me enviado há meio ano por aí, quer dizer, mais ou menos quando o demônio o conduziu, William, a Cortona. A verdade é que esse escrito jamais chegou às minhas mãos. Agora que estamos prestes a adentrar Otranto, cumprindo o encontro combinado com o conde de Monte Sião... de fato, não te diz nada esse nome, William? — Sacudi a cabeça, tentando simular inocência. — Então, aparece o mesmíssimo demônio negro dos infernos, me traz um escrito que não entendo de onde tirou, se o tivesse roubado talvez pudesse entender, e depois ocorre que outro minorita, de quem há muito tempo suspeito que está mais próximo do castelo Sant'Angelo do que de seu ministro, vem e o rouba! Como é possível que esse mensageiro de desgraças não dissesse nem uma palavra sobre sua missão? Voltei a sacudir a cabeça, pois não podia ajudá-lo.

— Talvez o mensageiro, vigilante, nos tenha observado primeiro; depois lançou-se em perseguição ao ladrão e castigou-o. Talvez o escrito já esteja esperando por você em Otranto — tentei sugerir-lhe uma explicação.

— O que diz não faz sentido, William.

Pensei que assim poderia colocar um ponto final na conversa, mas de repente escutei-o dizer:

— Amarre suas mãos nas costas!

Pensei que tinha chegado minha hora. Retiraram-me bruscamente do palanquim e me obrigaram a subir a um cavalo, vendando meus olhos.

Pude ouvir como Elia ordenava a um sarraceno que se adiantara para anunciar nossa chegada, depois de advertir-lhe:

— É sabido que a condessa de Otranto, quando vê aproximar-se de seu castelo a um grupo de gente que não conhece, primeiro ordena disparar e depois pergunta "quem vive?".

Elia desistira de levar consigo um estandarte imperial e ia vestido como um simples cavaleiro armado em viagem. Ouvi que cruzávamos uma ponte de madeira cravada de ferro e me conduziram, sempre amarrado sobre o cavalo, por uma rampa de terra acima. Depois de uma breve troca de palavras em idioma grego — ao menos assim parecia —, fizeram-me desmontar, e arrastando-me mais que conduzindo-me, me fecharam em algum lugar.

Antes que fechassem a porta atrás de mim, alguém me desamarrou. Eu mesmo tirei a venda dos olhos e vi que estava num grande quarto, com uma janela para o mar e pela qual entrava de forma deslumbrante a luz do sol. Mas a janela tinha uma grade. Além de uma cama, uma cadeira e uma mesa, havia no quarto

uma chaminé, e mais nada.

Aproximei-me da porta com muito cuidado: não tinha tranca e era de madeira de carvalho maciça. Virei-me em direção à janela e meti o nariz entre duas barras de ferro. Vi que embaixo, no jardim, uma mulher de boa aparência se aproximava de Elia a passos rápidos. Devia ser a famosa condessa: sua figura era esbelta, seu porte orgulhoso. Cumprimentou-o sem muitos rodeios, pois parece que se conheciam, e depois apresentou-o a outro ancião que chegava atrasado por não ter podido acompanhar os passos da mulher. Este segundo ancião era muito magro, passava certamente dos setenta anos, e seu branco topete lhe dava um ar de sábio ou artista.

Depois desapareceram do meu campo visual. Ouvia o mar batendo na parte baixa das muralhas e contra as defesas do porto, que me era impossível ver dali; só via a espuma que salpicava o ar a intervalos regulares. De repente notei que o tapete que havia diante da cama começou a se mexer. William, você está tendo alucinações! Mas, seguindo meu instinto, ergui os pés do chão e subi na cama, olhando fascinado para o tapete, que começou a enrugar-se.

O Demônio tinha me pegado! Fiz o sinal-da-cruz e fechei os olhos. Escutei um rangido, cobri a cabeça com a manta e fiquei paralisado de horror; o suor me brotou de todos os poros e senti frio, apesar do calor insuportável que fazia. Ao cabo de uns instantes, olhei com grande precaução por baixo da manta: o tapete tinha desaparecido.

- É ele! — disse uma voz infantil. Mas o Maligno pode apresentar-se sob qualquer disfarce, inclusive o mais dificilmente imaginável por um bom cristão.

—William? — sussurrou uma voz de criança, e me deu um peteleco na cabeça. Eu já estava no Inferno. Logo me aplicariam terríveis torturas físicas; picadas com agulhas candentes me arrancariam cada fio de cabelo, depois pedaços de pele; me cegariam, me cortariam a língua e o nariz. Alguma coisa já me incomodava nas narinas, e contra a minha vontade ergui os olhos: diante da minha cama, vi Yeza ajoelhada, que trazia entre os dedos uma planta com a qual me fazia cócegas no rosto. Seu riso soava feliz e satisfeito. — E William! Já pode sair!

Sob a cama assomou primeiro o rosto de meu pequeno Roç, que depois foi saindo totalmente de onde se escondera, deitado de costas.

— Ajude-me a segurar o alçapão; senão, vai me machucar as pernas! Levantei de um pulo, empurrei a cama para um lado e segurei a

tampa do alçapão até que a criança tivesse tirado os pés. Depois a fechei com todo cuidado e Yeza voltou a estender sem demora o tapete sobre as tábuas.

As duas crianças sentaram-se em cima do tapete e cravaram os olhos fixamente em mim.

—Você é nosso prisioneiro — declarou Roç. — Não poderá escapar por esse buraco, está muito gordo!

— Mas nós podemos tirá-lo daqui — dirigiu-se Yeza ao rapaz. Já se passara um ano e meus pequenos e aturdidos protegidos haviam se transformado em uns diminutos personagens que se apresentavam agora com um ar de autoconfiança.

— Que devo fazer? — perguntei.

— Primeiro, deve nos prometer que nos levará contigo!

— Por que minha mãe não veio com você? — Yeza não se lamentava, mas senti recriminação em suas palavras, pois não podia dizer-lhe a verdade: uma verdade de que apenas suspeitava. Sequer sabia quem era sua mãe, embora supusesse que era uma das mulheres que haviam morrido na fogueira do *Champ des Crémats*.

— Sua mãe... sua mãe agora não pode vir, não tem tempo — menti.

— Isso já sabemos — disse Roç, desiludido. — A mãe dela — e Yeza apontou com o queixo — também me dizia o mesmo!

— Mas vocês não têm a mesma mãe? — Eu sempre os considerava irmãos e desejava aproveitar agora a oportunidade de conhecer mais detalhes.

— Não sabemos muito bem — respondeu Yeza, pensativa. — Mas, se quiser, dividirei a minha com ele! — acrescentou num gesto generoso.

-Todas queriam ser minha mãe — tentou lembrar Roç. — Por isso acho que realmente não tenho nenhuma!

— E seu pai? — perguntei fazendo-me de ignorante.

— Não há pais! — informou-me Yeza com decisão.

— Nossa mãe não precisava de nenhum! — Roç parecia ter se decidido por uma mãe comum.

— Além disso, havia guerra! — Quis me esclarecer Yeza, e Roç começou a descrever com muita animação todos os detalhes que lembrava do cerco ao Montségur.

— Jogaram sobre nós pedras enormes!

Yeza completou o relato:

— As pedras chegavam voando, pareciam cair do céu!

Roç corrigiu-a com paciência.

— Disparavam com catapultas. Nós também tínhamos algumas!

— Era tão perigoso como afogar-se! — insistiu Yeza. - Era preciso ter cuidado para que não caíssem sobre nossas cabeças, como aconteceu com... — mas não lembrava o nome.

— E depois? — continuei indagando com curiosidade. — Ninguém cuidava de vocês? A mãe de vocês?

— Não tinha tempo, porque tinha de preparar-se para "estar disposta"...

— Para que? — continuei indagando.

— Não sei, porque dormimos depois, e quando voltamos a despertar, já estávamos com você.

— Como chegou ao castelo? — quis saber Roç.

— Muito simples — inventei ali mesmo. — Cheguei à noite, sem que ninguém me visse.

— E ninguém lhe deu um tiro? — Roç continuava sem acreditar.

— Como, então, quando tinha guerra — completou Yeza.

— Corri muito e não fiz barulho!

As duas crianças se entreolharam com dúvida, mas não disseram nada.

— Está bem, William — comentou Roç —, se é assim, suponho que será capaz de nos tirar daqui. Porque nós não queremos ficar!

Disse-o com tanta determinação que comecei a preocupar-me, pois não queria decepcioná-los.

— Não sei sequer o que vão querer fazer comigo...

— Pois é fácil sabê-lo. — Roç levantou-se e me fez um sinal para que o seguisse. Primeiro pensei que se dirigiria para a chaminé, mas o menino se aproximou com passo firme do ponto mais afastado do grande aposento, que ali exibia a forma arredondada de um quarto de círculo, um detalhe que até então não tinha

chamado minha atenção. O teto naquele lugar era abobadado e apresentava um orifício em sua parte mais elevada. Roç me arrastou até ficarmos exatamente embaixo, e uma vez lá pude diferenciar com toda clareza o som de vozes.

— ... Estimado Elia, a verdade é que não precisava arrastá-lo até aqui!

Devia ser a voz do ancião que tinha visto antes, no jardim, em companhia da condessa. Elia respondeu:

— Não queria tomar sozinho a decisão em assunto tão delicado; e, por certo, querido amigo Turnbull, sua mensagem jamais chegou às minhas mãos.

Eu tentava somar quanto seriam dois e dois e calculei que o personagem chamado "Turnbull" não podia ser outro senão o autor do "grande plano". Era evidente que por cima de minha cabeça estava se formando uma conspiração contra tudo o que até então tinha representado minha visão de mundo.

— Pelo que sei, estimado Elia... — disse uma voz que me era desconhecida e que denunciava um sotaque estrangeiro.

Yeza quis ajudar-me.

— E o "muçulmano" — sussurrou —, o do turbante! Um turbante de verdade...

— Cale-se! — repreendeu Roç. — Ou não entenderemos nada!

— ... antes o considerava um ministro que não vacilava muito no trato que devia dar aos irmãos frades... — pigarreou, e sua voz adquiriu um tom frio e preciso. — Desde o princípio, todos os envolvidos nesta tarefa devem ter muito claro que se a colocam em perigo devem morrer! — A frase ficou suspensa no espaço durante alguns segundos; depois ele continuou:

— Outra pessoa mais que esteja a par de nossa conspiração significa um perigo e, em conseqüência, deve ser eliminada sem hesitações.

"Pobre William", pensei então, "esta é sua sentença de morte." Não devia ter confiado em Elia. Em Cortona ainda poderia ter escapado de noite e com bastante facilidade. Agora era tarde demais.

Esperei que Elia dissesse alguma coisa, mas foi a condessa que pediu a palavra:

— Muitos olhos o viram chegar. Penso que é pouco conveniente exterminá-lo exatamente em Otranto; poderia atrair sem necessidade suspeitas sobre nós. Deixemos que fuja e vejamos se é liquidado pelo caminho, onde ninguém o veja. — Como agradei por aquela determinação!

— Um acidente durante a viagem... — assentiu a voz do ancião rapidamente, e Elia aceitou aliviado, a solução encontrada.

— Poderíamos enviá-lo para visitar a obra do castelo do Monte, onde o imperador mandou construir um pavilhão de caça. Podia cair do andaime!

— Para que complicar tanto as coisas? — interveio, brincalhona, a voz aguda do muçulmano. — Vocês não sabem por acaso como liquidar um traidor rapidamente e sem chamar a atenção? Deixe em minhas mãos, lenho gente treinada que está sob minhas ordens. Sabemos que sempre aparece uma ocasião para se utilizar seus serviços!

— Mas que isso se dê longe de minhas terras! — insistiu a condessa, em tom autoritário, mas também apreensivo.

— Nada irá manchar sua conhecida hospitalidade, cara condessa!

— Pois vamos jantar, senhores! — Ouvimos cochichos de aprovação e passos que se afastavam.

— Vamos! — disse Roç. — Temos de ir também, porque senão vão começar a nos procurar!

— E quem vai servir a comida de William? — Yeza mostrava ao menos um pouco de compaixão e preocupava-se com meu bem-estar físico, embora eu tivesse perdido o apetite. Seria meu último jantar!

— Depois de comer, sempre nos mandam à cama; então viremos vê-lo outra vez! — Yeza retirou o tapete, levantei o alçapão e as crianças se esgueiraram serpenteando pelo buraco que, de fato, era estreito demais para meu corpo.

Voltei a arrastar a cama até deixá-la no mesmo lugar de antes, e deitei-me. Fiquei olhando para o orifício do teto e imaginei que dali sairia uma serpente, movendo a cabeça com a língua para fora em minha direção; e pensei que, na verdade, era o Diabo quem movia as peças naquele jogo.

Apage Satana! Levantei-me de um salto e peguei a cadeira para jogá-la naquela alucinação, mas quando cheguei perto da abóbada a serpente tinha desaparecido.

Fiquei um tempo escutando, embora não se ouvisse nada exceto o barulho do mar. Cheguei perto da porta e pressionei o ouvido de encontro à madeira. Nada! Nenhum assassino por perto. Seria envenenado. Devia me negar a ingerir alimentos. Enfiei-me na cama de novo. Sentia grande fome, apesar de tudo.

O CASTELO DE QUÉRIBUS

Quéribus, verão de 1245

— É indigno da Santa Inquisição torturar sem antes realizar um interrogatório!

O ajudante, que já segurava o chicote no alto, deteve-se perplexo, e a mulher aproveitou a ocasião para ajudar o marido, bastante machucado por ter sido arrastado durante os últimos metros pela carruagem, depois de ter caído ou desmaiado. A carruagem parou, e a mulher viu pela primeira vez o inquisidor, que saía dela.

Fulco de Procida em nada se parecia com a imagem que normalmente se pode ter de um inquisidor. Não era um dominicano, sua aparência não era de pessoa magra ou asceta. Seu rosto era cheio e estava rodeado de cabelos ondulados e gordurosos. Também não se via que em seu rosto ardesse o fogo sagrado do fanatismo; seu caráter era bem mais rude e bonachão, como o de qualquer pescador napolitano.

Haviam sido arrancados da cama e ainda vestiam as camisolas de dormir, o que fazia a mulher sentir-se muito envergonhada. Foram obrigados a abandonar a cabana, e sem lhes dar satisfação alguma amarraram suas mãos com cordas que prenderam na carruagem. O homem gemia, sua camisa estava esfarrapada, e seus joelhos e cotovelos sangravam muito.

O inquisidor olhou para a mulher. O corpete apenas retinha os seios brancos entrecortados por veias azuis e debaixo da camisola se desenhavam as formas voluptuosas de suas cadeiras.

O hábito do inquisidor revelava ser ele um cisterciense. Olhou á sua volta e viu que estavam numa paisagem inóspita de montanha, num altiplano possivelmente inabitado e sem árvores. As pedras de um poço não muito distante do caminho o atraíram; não prestou atenção na grande torre que se erguia acima de sua cabeça, e que a qualquer pessoa mais atenta teria indicado estar perto de um castelo; de qualquer forma, as pedras e os muros formavam, dentro da linha acidentada das montanhas, uma unidade visual que também não era fácil de descobrir à primeira vista.

Mas Fulco de Procida pensava em outra coisa. Mandou que os soldados levassem o prisioneiro até o poço. Ele mesmo se sentou na porta aberta da carruagem e indicou aos dois escribas que o acompanhavam a conveniência de empregar as duas banquetas para fazer anotações no protocolo. Os soldados rodearam o lugar formando um círculo e os ajudantes mantiveram as vítimas amarradas à espera de ordens do senhor.

— Os dois serviram no castelo herege de Montségur — começou o inquisidor, mais afirmando que perguntando. — Pertencem ao grupo dos que, no momento da prisão, preferiram rezar uma ave-maria para salvar a vida e recuperar a liberdade...

— Somos cristãos! — interrompeu-lhe o homem assustado, e o inquisidor mostrou um débil sorriso.

— Então farão um esforço para facilitar o meu trabalho e garantirem também a paz para suas almas — se a princípio seu tom pareceu ainda benevolente, em seguida sua voz adquiriu uma severidade cortante. — Quem são essas crianças que, no último momento, foram subtraídas do braço da justiça? Como se chamam, que aparência tem, o que sabem vocês delas?

— Que crianças? — indagou o homem.

Era exatamente a resposta que não podia ter dado. O inquisidor fez um sinal aos seus ajudantes e estes meteram a cabeça do homem na tina de madeira que acabavam de tirar do poço. Ataram suas pernas à corda e o desceram pouco a pouco no vazio.

O homem não disse uma palavra, mas a jovem dos grandes seios brancos e do cabelo louro começou a gemer. Seus olhos claros se encheram de lágrimas e de horror.

— Deixem-no viver! — suplicou. — Não sabe de nada, é um simples soldado...

— E você, jovem? — retrucou Fulco, insinuante. — Está disposta a revelar-nos...

— Deixem-no sair! — gritou a mulher com voz poderosa. — Contarei tudo...

Não pôde prosseguir, pois naquele momento apareceu na estrada um grupo de quatro cavaleiros.

— As armas! — exclamou a voz do capitão; e os soldados do inquisidor empunharam as bestas e brandiram as lanças. Graças à rapidez de reflexos do capitão, puderam jogar uma primeira descarga de disparos sobre os cavaleiros, razão por que estes frearam o avanço de seus cavalos, também protegidos, indo refugiar-se atrás de uma rocha saliente. Os lanceiros avançaram debaixo da proteção dos besteiros até a saída do desfiladeiro, esconderam-se atrás das rochas e empunharam suas lanças para ambos os lados do caminho, dispostos a rechaçar qualquer agressão.

Os ajudantes deixaram cair a tina, já um pouco cheia; arrastaram a mulher até a carruagem; empurraram-na para dentro, quase atropelando o inquisidor; fecharam a porta e chicotearam energicamente os cavalos. E como a partida apressada se dava numa paragem afastada da vista dos atacantes, a carruagem pôde escapar estrada abaixo, aos trambolhões.

Por sua vez, os cavaleiros conseguiram disparar um feixe de pedras sobre os lanceiros e os obrigaram a abandonar apressadamente algumas posições que consideravam boas.

-Acabem com isso, usem as lanças! — estalou uma voz poderosa do alto da rocha. E quando alguns soldados quiseram fugir, foram atacados pelos cavaleiros liderados pela figura selvagem de um homem de barba negra que pulou com seu cavalo da rocha no meio dos que estavam fugindo.

— Xacbert de Barbera! — exclamou o capitão, espantado. — Salve-se quem puder!

Os besteiros não podiam atirar sem atingirem sua própria gente, e na luta corpo a corpo os cavaleiros levavam vantagem, porque lutavam do alto. Estes quebraram inicialmente as lanças; depois alcançaram seus portadores, e assim chegaram ao poço, onde os últimos soldados do inquisidor ainda vivos haviam se reunido em volta do capitão.

Os quatro cavaleiros apocalípticos cercaram esses últimos homens como lobos famintos que rodopiam em torno de um grupo de ovelhas desgarradas. Cada vez que um dos soldados tentava erguer a besta, um golpe de espada abria-lhe o crânio ou separava um braço do corpo.

Quando o capitão viu que morriam seus últimos homens e que o terrível Barbera o ameaçava, dizendo "Cortarei suas orelhas e seu nariz, maldito papista!", jogou-se no poço.

A Caverna da Moréia

Otranto, outono de 1245

Crean havia cochilado na rede. Acordou porque sentiu no ar um aroma doce e pesado, além das cócegas que sentia nas pálpebras. Com os olhos apenas entreabertos, pôde ver uma coroa de lírios brancos que uma mão delicada tinha colocado à sua frente.

Seu primeiro pensamento foi para Clarion, que talvez desejasse rir de sua "inocência". Quando quis levantar a mão para retirar com cuidado a coroa de flores, ficou paralisado na metade do seu próprio e lento gesto.

Em cima do peito, a pouca distância do decote de sua chilaba, viu um escorpião.

Crean reteve a respiração. Estava já bem acordado e fixou a vista no animal, esforçando-se para nem pestanejar.

Ficaram olhando um para o outro e Crean achou que os segundos transcorriam tão lentos como as gotas de suor que lhe desciam pelo pescoço.

Só depois de algum tempo chamou sua atenção o fato de que o rabo levantado com o agulhão venenoso não se movia, e que também não vibravam as antenas do animal. O escorpião estava morto! Com um movimento dos dedos, afastou-o do peito. Seria outra travessura das crianças!

Quis descer da rede e girou o corpo para um lado, mas a única coisa que conseguiu foi cair no chão com as mãos estendidas para a frente. Estava amarrado! Não há nada mais incômodo que ficar preso dentro de uma rede, entre um céu que o afunda e uma terra sobre a qual não se pode colocar o pé. Uma situação ridícula! E, para completar o quadro, notou que por uma janela da açotéia via o rosto de Clarion olhando-o com expressão de piedade.

Com muita paciência, desamarrou os lacinhos com que as crianças tinham prendido sua chilaba às franjas e borlas da rede, pois não queria rasgar nenhuma das peças. Quando se viu livre, dispôs-se a enviar um cumprimento à bela moça que o olhava de cima, mas ela já tinha se afastado na direção do interior do refeitório.

O chanceler não tinha pedido a Crean que os acompanhasse no almoço. Como não tinha vontade de comer com as crianças na cozinha e também não queria causar desgosto ao seu velho pai, que não entendia muito bem a rígida hierarquia dos membros da ordem dos assassinos e talvez tivesse reclamado a presença de seu filho até vê-lo sentado a seu lado, fingiu para o ancião que não tinha fome.

Passou ao largo da cozinha, resistiu a todos os convites e não fez às crianças o favor de queixar-se pelas brincadeiras que o haviam cansado muito. De qualquer modo, lhe pareceu que tinham um aspecto muito triste e que tampouco o cumprimentavam com as habituais demonstrações de alegria. Tomavam sopa em silêncio e se entreolharam de forma significativa quando o viram chegar. Que travessura estariam tramando agora?

Crean não quis entrar no jogo; reprimiu sua sensação de fome e só se preocupou de que servissem uma boa comida a William em sua clausura.

Refletiu brevemente se devia levá-la ele mesmo, mas abandonou a idéia, porque não saberia responder

às perguntas que William lhe faria. Conhecendo seu chanceler, dava por certo que William era um homem morto. Abominava a idéia, até porque quando teve de apresentar o informe de missão cumprida impuseram-lhe três dias de castigo, que consistia em ficar sem falar, por não ter saído logo de Marselha. Para que vinha agora esse corvo gordo cruzar pela segunda vez o caminho das crianças seguindo como sempre seus instintos equivocados?

Crean seguiu na direção do porto. Havia uma escada oculta que descia pela rocha, mas ele tinha tempo e por isso preferiu seguir pela estradinha para respirar o aroma da vegetação silvestre que margeava o caminho, observar as lagartixas fugindo e vislumbrar as cores esplêndidas dos arbustos, das pedras e do mar sob o sol radiante.

Quando chegou lá embaixo, encontrou Hamo, que quis passar despercebido. Crean tentou pela última vez travar amizade com aquele rapaz estranho, já que começava a achar ridícula e incômoda a barreira de ciúmes que a obstinação de Hamo tinha levantado à sua volta por causa do comportamento de Clarion.

— Por que não nadamos um pouco juntos? — propôs-lhe ao perceber que Hamo só levava um pano preso nos quadris; mas o rapaz não aceitou o convite.

— Já tomei banho, mergulhei até os corais. Por hoje me basta. Crean tirou a chilaba e sentiu vergonha de exibir a pele tão branca.

— Não sabe nadar? — caçou Hamo. — Ponha na cabeça que não irei salvá-lo e que a água está cheia de tubarões! — Crean viu, então, a navalha que o rapaz levava presa à perna com tiras de couro.

— E por que ia querer morder-me um tubarão, se você me considera tão repelente? — respondeu-lhe Crean, e atirou-se de cabeça pelo lado do cais que dava ao mar.

Nadou com braçadas enérgicas, submergindo de vez em quando para assegurar-se de que não havia nenhum tubarão nas proximidades. Hamo não tinha exagerado; em torno ao cabo singravam o mar muitos veleiros, e estes atraíam os predadores.

— Um cumprimento, belo estrangeiro!

Crean não tinha ouvido a aproximação silenciosa de um veleiro que transportava mercadorias. Uma mulher estava ajoelhada junto à borda, que era de pouca altura, e o olhava. Devido ao calor, tinha o vestido preso nas coxas, porém mais que suas pernas nuas impressionaram a Crean seus seios redondos, que ela oferecia com generosidade a seus olhos.

Ingolinda lhe deu tempo suficiente para digerir o que via. Sobre a coberta ia amarrada a carroça da prostituta e alguns marinheiros se apoiavam nela. Sua mímica e os gestos obscenos com que se divertiam enquanto olhavam o traseiro que lhes mostrava Ingolinda levou-o a pensar que tinham ficado plenamente satisfeitos com sua passageira durante a travessia.

Cada esforço merece um prêmio. Ingolinda atingira sua meta. Mostrou a Crean, que se agarrava diante do seu nariz aos ovéns, um desenho amassado com o retrato de William.

— Sabe se poderei encontrar este senhor no castelo lá de cima? — gorjeou, e seus mamilos se orientaram, por cima da cabeça de Crean, para o castelo.

— Isso depende — respondeu-lhe Crean calmamente. — Em primeiro lugar, depende de que tenha permissão de ir buscá-lo lá...

— Disseram-me que perguntasse a uma condessa, para quem trago uma mensagem...

— Não seria melhor confiar a mim essa mensagem? — Crean não sabia bem como tratá-la. De novo uma pista que o torpe do William deixou ao passar! Tarik tinha toda a razão: aquele frade era de uma estupidez irremediável e representava, portanto, um autêntico perigo!

— Recebi ordens de que a confie à senhora condessa em pessoa. — Ingolinda levantou-se e voltou a guardar o retrato de William debaixo de suas saias. - A mensagem em troca de William! — exclamou, apoiando as mãos nas cadeiras e olhando com insolência para Crean.

— A primeira coisa que deve fazer é atracar; depois verei como posso ajudá-la. — Crean nadou até a terra, e agarrou-se nas rochas para sair.

Hamo tinha observado a cena.

— Um encontro com uma dama que viaja sozinha? — comentou caçoando. — Minha mãe ficará encantada em conhecê-la!

Mas Crean não lhe deu muita atenção.

— Na verdade — respondeu secamente —, a visita não é para mim e sim para a condessa. Peço que comunique a ela que chegou uma mensagem relacionada ao frade de Elia, e que só pode ser entregue a ela pessoalmente.

— E por que você mesmo não leva a mensagem? — Hamo continuava teimando. — Acha de verdade que ela irá interromper a refeição e descerá correndo para fazer as honras a essa espécie de mulher?

— Como queira, jovem! — respondeu-lhe Crean. — Farei a dama subir até o refeitório, e direi à condessa que você preferiu assim...

— Não disse isso, Crean!

— Não tem testemunhas — respondeu Crean com frieza —, e por outro lado também não posso fazer-me responsável por deixá-lo a sós com "essa espécie de mulher". É um assunto muito importante.

— E isso! — reafirmou Ingolinda, trazida a terra pelos marinheiros. A mulher observou com visível prazer o corpo nu e bronzeado de Hamo; o rapaz ficou rubro, não conseguiu evitar o olhar e começou a fugir.

— Ainda não me disseram se poderei encontrar William aqui. Continua com vocês ainda, não é verdade?

— De fato! — Crean confirmou. — Embora não esteja certo de que vá recebê-la agora, pois tem o costume de fazer a sesta.

— Diga-lhe apenas isto: Ingolinda de Metz espera-o no porto! — Parecia muito segura de si, e começou a passear de um lado ao outro do cais, talvez com a esperança de que seu amado a visse lá de cima.

Crean cobriu-se com a chilaba e ficou esperando em silêncio. A mulher inspirava-lhe compaixão. Era tão inocente quanto William e, como este, estava enredada numa história da qual seu chanceler não a deixaria sair com vida, a menos que não soubesse nada das crianças. Mas, inclusive neste caso, o que Tarik costumava dizer era: "Mais vale pisar em terra firme", e não deixava de ter razão. Se ele, Crean, tivesse se desembaraçado a tempo de William, não teria acontecido esse novo problema e Ingolinda de Metz poderia desfrutar ainda de muitos anos de vida...

Uma Pista Falsa

Otranto, outono de 1245 (crônica)

Acordei porque batiam na porta. Logo imaginei, como imaginava a cada vez, que traziam-me comida envenenada, e que não estava disposto a prová-la. Mesmo que acabasse sempre provando e depois a engolindo, a verdade é que ainda continuava vivo. Porém, desta vez ela estava em cima da mesa, e as batidas com os nós dos dedos não vinham da porta, mas do chão, debaixo da minha cama. Saltei da cama e ajudei as crianças a saírem do alçapão.

— Outra vez ficou sem comer! — censurou-me Yeza logo que viu os saborosos alimentos que tinham posto: lagosta fria, carne de vitela temperada, azeitonas picadas, ervas, cebola, azeite e gema de ovo, pão torrado que cheirava a alho e tinha pedacinhos de nozes, figos da região conservados em mel e frutas cítricas enfeitadas com toda espécie de doces e duas jarras com diferentes vinhos: um branco e seco e outro tinto, muito escuro, quase alaranjado, doce e forte. Roç quis avançar na comida, pois compreendeu de imediato que tudo aquilo era demais para uma pessoa, inclusive para um estômago tão comilão como o meu, mas eu lhe arranquei das mãos a empada de caranguejo, pensando que pudesse estar envenenada. Roç mostrou-se perplexo ao ver minha reação.

— Deixe-me provar primeiro! — tentei fazê-lo compreender meu comportamento. — Quero ter certeza de que vai lhe cair bem!

— Pode comer tudo sozinho! — respondeu ofendido.

— Não seja tão guloso.—Yeza veio em meu auxílio.—Você sabe que William a deixa esfriar primeiro, porque gosta mais assim.

-Já não tenho mais fome! — comunicou Roç, e mudou de assunto. — Chegou uma mulher que pergunta por você, William — e deixou-me um pouco confuso. — A condessa se irritou muito, chamou de "cortesã" ou algo parecido a uma dama da Corte, e encontrou-se com ela nas cavaliças, naquelas abóbadas amplas que existem debaixo do castelo, onde guardam a forragem dos cavalos...

Como é natural, eu não conhecia o lugar, mas refleti em voz alta:

— Às que se chega diretamente pelo mar, sem ter de passar pelo castelo?

— Lá mesmo — confirmou Roç, cansado. — Há uma rampa por onde os cereais e tudo o que se precisa para comer desce diretamente ao barco...

— Quando tem um barco lá! — especificou Yeza.— Não acredito que essa senhora tenha subido pela rampa...

— Deve ter subido pela escada lateral, embora eu ache que ninguém a conhece.

— Quem será essa mulher? — insisti, sem ter a remota idéia de quem pudesse ser. — Vocês a viram?

— Não - disse Yeza. — Além do mais, estávamos escondidos atrás da parede, mas a condessa estava furiosa e gritou ao *bombarone* que o trouxe aqui...

—Também não gostam dele! — acrescentou Roç, sem deixar entrever se estava de acordo com os outros ou se tinha perdoado minha avareza.

— Nós, sim, gostamos de você, William! — Yeza esforçava-se por varrer toda dúvida da minha mente.

Roç dirigiu-se ao extremo oposto do quarto, mas não se ouvia nada.

— Este é o ouvido do deus dos narizes! — esclareceu-me Yeza.

— Parece mais uma janela de seu nariz! — tentei brincar.

— Eu lhe digo — respondeu Yeza. — Sigbert me confessou: é o ouvido do "deus nasal", o mesmo que pensa em você quando você espirra!

Fiquei comovido.

— Se disse Sigbert... — e deixei que acreditassem nisso. De toda maneira eram crianças hereges e ali, junto da condessa, o mais certo é que também não lhes banhassem propriamente em água benta.

— Sabe que Crean ainda continua aqui? — Roç voltou a dirigir-me a palavra para chamar minha atenção.

— Mas não o deixam subir à sala de cima, deixam-no esperando de fora, diante da porta! — Roç se mostrava orgulhoso de conhecer fatos que não me esclareciam muito.

— Quem é o ancião que está lá em cima? — perguntei.

— Ele veio com o "muçulmano" de Yeza, no mesmo barco em que partiram Sigbert e o "Falcão Vermelho".

— E quem é o "falcão vermelho"?

— E o nome verdadeiro de Constâncio. Quer dizer, é assim que o chamam em seu país — esclareceu-me Roç. — E o velho é o pai de Crean, embora ele o chame "John" para que ninguém perceba!

— E em companhia de quem veio John?

— Já disse: com esse homem simpático do turbante! — Yeza não entendia que eu pudesse ter tantas dificuldades para diferenciar um do outro.

— Quem é a mulher que perguntou por mim? Naquele instante, ouvimos passos e vozes em cima.

— ... e ocorre que alguém envia uma prostituta para que venha a meu castelo e ela me entrega um retrato de seu frade, Elia — a condessa parecia tremer de indignação —, exigindo-me além disso que o devolva; quer dizer, na verdade exige que lhe entregue o citado William, convencendo-me que debaixo do retrato está escrita, ao que parece, uma mensagem importante, veja aqui!

— Está em grego! — a voz de Elia começou a traduzir: — "A grande prostituta de Babilônia..."

— Moça insolente! — interrompeu-o a condessa. Mas Elia continuou:

— "... busca o pai das crianças, pois sabe que está com vocês."

O silêncio instalou-se na sala.

— Seria necessário amarrá-los juntos a uma pedra de moinho, a essa mulherzinha e seu frade indigno, e lançá-los ao mar! — era a voz do "simpático muçulmano" que pronunciava tais palavras.

— "A grande prostituta de Babilônia" — então Elia interrompeu — não se refere à mensageira, mas à Cúria — explicou -, o que significa que estamos em perigo. "O pai das crianças" refere-se a William, pois é a única pessoa que, pelo que sabe a Igreja, está cuidando das crianças; e agora também sabe, é claro, que esta pessoa se encontra aqui, em Otranto.

De novo se fez silêncio, até que o muçulmano quis saber mais:

— De onde terá tirado essa mulher o retrato e a mensagem?

— Ela diz que de um frade: um franciscano de cabelo crespo a quem ao que parece salvou de ficar preso em mãos de um esbirro do papa — completou a condessa o informe de sua conversa com a que considerava uma "insolente mulherzinha".

— Só conheço uma pessoa que corresponde a tal descrição: meu homem de confiança no castelo Sant'Angelo. — Elia pensou um pouco. - Na realidade, Lorenço deveria estar já a caminho de Lyon para ver o papa...

— Isso sim que é homem de confiança! — caçou o homem do turbante, como Yeza o chamava.

— Quis advertir-me do perigo, mas eu já não estava lá. — Elia não se defendeu. Parece que seu comportamento era considerado uma temeridade pelos demais. Todos achavam que devia ter me enviado ao deserto ou me deixado preso em Cortona já que não pôde tomar a decisão de fazer com que eu fosse envenenado por Gersenda. — Lorenço não tinha tempo a perder; além disso, estava sendo perseguido, por isso achou que agira com inteligência ao utilizar essa prostituta itinerante como mensageira; sobre ela não poderiam recair suspeitas, posto que Deus havia disposto que dita cantineira se apaixonasse pelo coitado do William. Está bem, mas como se chama?

— Ingelisa, Isalinda, algo assim: uma alemã — interveio a condessa em tom de desprezo. — É originária de Metz!

Quase caio duro de medo! Mas depois pensei: que agradável surpresa! Em minha situação, qualquer ajuda possível seria benéfica. A presença dessa mulher poderia salvar-me. De outro modo, morreríamos os dois...

A Mina sem Saída

Ocitânia, outono de 1245

O íntimo toque carnal com uma mulher apenas vestida com uma camisa leve de linho cru, e que durante a viagem acelerada da carruagem ladeira abaixo apoiava-se nele, conseguiu fazer com que o inquisidor se abstraísse de tudo. Ao menos o fez perder o sentido de castidade que a Igreja prescreve. A mulher tinha as mãos amarradas, e com o empurrão que levava dos ajudantes que a colocaram na carruagem, as mãos se alojaram exatamente sobre as partes pudendas do homem, às quais tentou agarrar-se enquanto a carruagem sacudia, de modo que embora ele resistisse, rezasse e blasfemasse, sentiu crescer seu membro entre as mãos da mulher. O seio branco dela roçava em seu rosto imberbe. Fulco de Procida apertou os lábios num esforço para impedir que sua língua não cedesse ao prazer que seus olhos fechados e seu nariz pressentiam tão próximo.

Quando cederam as sacudidelas e os rangidos da carruagem passaram a ser mais suaves, Fulco de Procida compreendeu que tinha passado o pior do perigo, e a lascívia abandonou seus membros e depois também sua mente.

Na penumbra do interior da carruagem, procurou separar-se do corpo feminino, e bufou furioso quando viu que ela tinha ficado imóvel, como esgotada após um ato violento no qual havia participado sem tirar proveito. O seio branco e cruzado de veias azuis da mulher tremia, seus olhos choravam, e seu rosto parecia belo como o de uma *madonna*; um olhar claro e a auréola de tranças louras reforçavam o efeito. Sentiu o desejo de levantar-lhe carinhosamente a camisa por cima do traseiro e de possuí-la *a tergo*, embora só fosse para não ter de continuar olhando seus olhos inundados de lágrimas que pousavam nele cheio de temores e angústias e, inclusive, com humildade.

A carruagem se deteve, e ele se apressou a olhar pela janela.

— *Le trou'des tipli'es!* — avisou o cocheiro; e apontou na direção do bosque, onde viam-se escuros muros de basalto de um azul quase negro e de aspecto sinistro. — Uma fortaleza dos templários que não tem fama de hospitaleira.

— Não temos escolha — disse o inquisidor. — Não podem negar abrigo a um funcionário do papa.

De modo que a carruagem continuou saltando na direção do castelo, cujos muros lisos, conforme se aproximavam, acusavam uma maior verticalidade em sua ascensão até o céu e pareciam mais e mais sinistros. Não mostravam nem ameias nem torres; sua forma era a de um cubo ligeiramente inclinado que emergia como um corpo estranho entre os abetos, como se um punho o tivesse descido do céu para depositá-lo ali sobre a terra. Por uma garganta rochosa deslizava um arroio selvagem que tinha obrigado a construção de uma ponte levadiça; o grande portal que se via logo atrás não permitia olhares curiosos no interior.

Assim que a carruagem do inquisidor cruzou a ponte e entrou no espaço situado diante do portal, uma grade de ferro baixou até o chão e a ponte elevou-se, de modo que os viajantes se viram presos num salão de pedras escuras. De uma ventanilha chegou-lhes uma voz perguntando desembaraçadamente o que desejavam.

O inquisidor manteve-se calmo, embora estivesse furioso, e apresentou-se:

— Um servidor da Cúria em missão especial — e perguntou pelo nome do castelo e do castelão. O inquisidor Fulco de Procida pedia abrigo e proteção por uma noite.

A voz do guarda não revelava sentimento algum:

— O castelo não tem nome, nem é um castelo. Pode lhes oferecer segurança, mas não um leito, nem sequer de feno ou de palha!

— Pouco importa! — grunhiu o inquisidor, compreendendo que ali não havia sequer um comandante disposto a cumprimentá-lo. A grade interior subiu com estrondo, abriram-se os batentes do portal e a carruagem pôde sair da estreita prisão e entrar no pátio da fortaleza. Era um quadrado vazio do qual não ascendiam escadas até o alto da muralha, e unicamente na parte frontal, orientada para a montanha, viam-se algumas aberturas, agora fechadas, suficientemente amplas para permitir a passagem de uma carruagem. No mesmo muro havia algumas ventanilhas que pareciam fazer às vezes de janelas.

Dois sargentos com mantos negros, que mostravam o emblema da cruz vermelha com extremos em forma de garras, aproximaram-se da carruagem:

— Vocês atravessarão a quarta porta do Apocalipse, e vão ultrapassar a gruta do Evangelho apócrifo; depois virem à esquerda, na segunda mina da Prostituta de Babilônia; tomem em seguida a primeira entrada à direita e vão chegar à catedral da Grande Besta. Lá vão poder descansar com todo o conforto de que dispõem. Às seis da manhã devem nos abandonar de novo!

— Agradeço-lhes de todo o coração — começou a responder o inquisidor, mas o sargento mais jovem cortou-lhe a palavra:

— Guardem os agradecimentos e lembrem-se bem das instruções!

— O menor desvio do caminho prescrito — acrescentou o maior dos sargentos, em tom severo — terá graves conseqüências. Boa noite!

Os dentes do inquisidor rangiam de raiva, mas fez sinal ao cocheiro para seguir adiante, com a esperança de que este reteria na memória a rota prescrita. A quarta porta foi aberta como por uma mão invisível e entraram no subterrâneo.

Lá fora havia um frio desagradável, mas no interior da montanha ardia a luz cálida de muitas lamparinas de azeite instaladas na rocha, fazendo com que as grutas se assemelhassem a um reino encantado. Às vezes estas se estreitavam, formando uma passagem apertada, mas depois abriam-se grandes salões diante do visitante, e havia lagos no fundo que refletiam as formas magníficas das estalactites, no alto, enquanto as estalagmites, que cresciam embaixo, adotavam formas bizarras.

Assim, alcançaram o templo da Besta. Era uma caverna alta, como a nave de uma catedral, com colunas e pilares, e havia uma figura no extremo que parecia a de uma esfinge com cabeça de carneiro: era o altar de uma divindade terrorífica, cuja imagem era ressaltada por efeito das luzes a ponto de adquirir ares de ameaça. Quando Fulco a avistou, ao descer da carruagem, instintivamente benzeu-se.

Depois mandou que os peões retirassem da carruagem a mulher e a amarrassem entre duas rodas, de modo que o mais leve movimento dos cavalos lhe esmagaria o corpo.

— Continuemos o interrogatório — disse com voz abafada. Presa entre as rodas, o corpo da mulher destacava-se ainda mais através da camisa, e as luzes oscilantes estimulavam a fantasia. De repente lhe pareceu que aquele rosto doce exalava com seus olhos claros um convite prazeroso, uma promessa de sedução. Por acaso não lhe oferecia seus lábios brilhantes? — Seu esposo não sabia de nada? A verdade é que não falou muito depressa — caçou com visível satisfação. — Alfia de Cucugnan, você, ao contrário, sabe mais e arde de desejos de contar?

A mulher começou a chorar novamente quando o inquisidor mencionou a morte do marido, mas as lágrimas que derramou só serviram para excitá-lo ainda mais.

A um sinal, o cocheiro fez com que os cavalos se movessem, de modo que quase lhe arrancaram um braço do ombro, enquanto o outro era esticado para baixo, o que arrebentou o espartilho, liberando totalmente os seios. Quando as rodas voltaram à sua posição inicial, a camisa lhe escorregou pouco a pouco sobre as cadeiras, deixando à vista seu ventre redondo e depois o promontório louro de seu sexo, cujos pêlos não eram tão densos para protegê-los do olhar fixo do inquisidor e de seus ajudantes. A mulher apertou desesperadamente as coxas; sua respiração tornou-se mais e mais violenta e fez tremer os seios.

— Eu... eu fui a ama das crianças! — revelou a mulher, gritando. Tive-os aqui apertados em meu peito, beberam o leite que saía de meu corpo! — gritou para seus torturadores. — Que mais querem saber de mim?

— Quem é a mãe? — bufou Fulco, excitado. Um impulso o mandava aproximar-se dela, e ali mesmo, diante de seus homens, tirar da calça o membro ereto e introduzi-lo na vulva dourada que oferecia o corpo i cuso da mulher, mas conseguiu controlar-se. — Quem é a mãe? — voltou a gritar.

— A filha de... — gemeu ela; mas interrompeu, pois tinha visto um templário que, de costas para os outros, e sem que estes percebessem, lhe indicava que se calasse com um dedo posto sobre os lábios. Ao mesmo tempo, sorria, dando ânimo à mulher, como se pretendesse comunicar-lhe que seus sofrimentos logo teriam fim.

O inquisidor deu meia-volta e viu ouro, muito ouro brilhante em forma de pedras brutas, que o templário transportava descuidadamente numa cestinha.

— Não quero incomodá-los enquanto cumprem com sua obrigação! — murmurou o templário tentando passar ao largo.

— De onde tiram essas pedras? — Fulco o reteve.

— Não tem importância — respondeu o sargento. — Essas pedras caem das paredes alguns corredores mais à frente, e são tantas que nos custa retirá-las. Já sabem quanto pesa o *aurum purunu* — E prosseguiu tranqüilamente seu caminho.

O inquisidor estava confuso:

— Filha de quem? — continuou perguntando, mas a mulher calava e seu pranto se fez mais abundante. — A filha do castelão? — insistiu ele, compreendendo que chegaria mais longe tentando convencê-la que a torturando. — Esclarmonde de Perelha? — Ela assentiu, soluçando. — Os dois são filhos dela, são gêmeos? — A mulher sorriu como se ela mesma tivesse tido a sorte de ser mãe duas vezes. — Quem é o pai, e como se chamam as crianças?

— Nunca se falou disso — a resposta lhe veio num sussurro. — Esclarmonde nunca afirmou ter existido um pai...

— Um anjo, pois! — caçoou o inquisidor. — No entanto, o parto virginal é um privilégio de Maria e da Igreja. Quem foi o amante da herege?

— Não sei! — Suspirou a mulher, ruborizando-se, e o inquisidor caiu de novo na tentação de confiar em seus cavalos para continuar interrogando-a; talvez fosse a melhor maneira de conhecer a verdade. Mas a mulher acrescentou: — Não foi ninguém do Montségur, teria percebido...

Entrou de novo um templário na catedral; agora arrastava uma cesta ainda maior, e entre o ouro brilhavam pedras preciosas: pedaços de rubis vermelhos como sangue, de uma luminosidade

resplandecente; várias esmeraldas recém-extraídas da rocha e diamantes de pureza cristalina, de tamanho nunca visto. Parecia que os olhos do inquisidor iriam saltar de seu rosto; o olhar continuava fixo no sargento que arrastava a pesada carga enquanto se afastava pelo corredor.

— De onde...? — Bufou. — Seus nomes! — gritou de novo para a mulher. — Diga-me os nomes, mulherzinha! Senão...

A mulher lhe sorriu entre lágrimas:

— Roger-Ramón Bertrand e Isabelle Constanza-Ramona! — exclamou com orgulho.

Nesse momento, retornava o primeiro dos sargentos templários e deixou cair, como que por descuido, as seguintes palavras:

— Se lhes interessa, lhes mostrarei com muito gosto a caverna de que extraímos tais tesouros — e como percebesse que o outro se adiantava, sem que a cautela fosse capaz de esconder sua avidez para aceitar o oferecimento, continuou com ar de conspirador:

— Tragam a carruagem, porque esse material pesa muito — sussurrou. — Ninguém irá perceber se levam qualquer coisa como lembrança... — e seu riso era cheio de promessas.— Vou mostrar-lhes o caminho. Sigam-me!

E, assim, desamarraram apressados a mulher, e o inquisidor jogou-lhe o manto para que pudesse cobrir sua nudez. Depois seguiram a pé a carruagem. O sargento conduziu-os por um labirinto de corredores e cavernas, percorrendo um caminho que nunca teriam encontrado sozinhos. Cada vez ficava mais estreito e mais baixo: de ambos os lados viam-se grossas tábuas de carvalho apoiadas em pilares de madeira, que serviam de proteção para os operários. Fulco sentiu um júbilo íntimo: "Estamos numa sala de tesouros!" Sua avidez pelo ouro ia em progressão e também seus criados pareciam dominados pela febre; ajudavam a carruagem a avançar puxando as rédeas e os cavalos enquanto percorriam o caminho, tropeçando nos pedregulhos.

Finalmente, abriu-se a escura mina, dando lugar a uma pequena gruta. Ali só ardiam umas poucas lamparinas de azeite entre as rochas, mas sua luz refletia o brilho dourado e as fagulhas que partiam das finas pedras cristalinas, e os criados começaram a mexer entre as pedras.

O inquisidor quis participar da busca, mas seu olhar caiu sobre a mulher. O manto aberto deixava suas coxas à vista, e ele se aproximou.

A mulher consentiu em segui-lo até a carruagem, e conduzida, por sua mão, deslizou-se em direção ao interior escuro, deitou-se e abriu as pernas. Ainda continuava com as mãos amarradas. O homem desceu suas calças, mas quando tirou seu membro, viu que estava pendurado e flácido. — *Vasama la uallera!* — Blasfemou Fulco em dialeto napolitano, expressando assim sua ira pela incompetência de seu próprio corpo.

A cabeça da mulher descansava no fundo da carruagem, aureolada pelas tranças abertas. Ele evitou, furioso, encará-la; se o fizesse poderia se dar conta de que seus olhos o observavam frios e cruéis. Ela lhe estendeu as mãos, aparentemente consentindo, e ele a liberou, nervosamente, de suas amarras.

Ela segurou com timidez o membro que o homem lhe mostrava. Desceu da carruagem e ajoelhou-se a seus pés. De cima ele não via mais que o cabelo, quando a mulher se inclinou para a frente, mas a voz chegou com clareza a seus ouvidos:

— Eu menti!

— Não complique logo agora! — bufou o inquisidor, mas ela não se abalou:

— Roger e Isabelle não são gêmeos. Antes que Esclarmonde desse à luz, coisa que já todo mundo sabia

no Montségur, trouxeram ao castelo uma jovem nobre, em estado de gravidez muito avançado, tudo muito secretamente. Os médicos conseguiram, com a ajuda de uma mulher sábia, arrumar tudo de maneira que os partos fossem simultâneos. — Fulco achou que percebia que a resistência da mulher, se é que existia, havia cedido consideravelmente. Empurrou seu sexo contra o rosto dela até introduzi-lo entre seus dentes. — Devo continuar, senhor?

O inquisidor se viu sacudido pela dúvida entre o desejo, a raiva e o pecado, entre o cumprimento de seu dever e o tempo perdido. Que quantidade de ouro havia ali para recolher!

A mulher retardou a decisão:

— Esclarmonde deu à luz uma menina e a seu lado colocaram no berço o filho da outra, um menino. Quando eu...

— Monsenhor! — exclamou o cocheiro em voz baixa, que não gostava de incomodar seu senhor enquanto este se dedicava ao exercício de seu cargo. — Esta mina não tem saída e o templário não voltou...

— Procure-o! - gemeu o inquisidor, cada vez menos seguro de qual dos segredos era mais importante para ele: se o da origem das crianças, se o da procedência do ouro ou o da satisfação última que oferece o ventre de uma mulher.

— *La uallera!* — gritou, e escondeu seus testículos, puxou pelo cabelo da mulher jogando-lhe a cabeça para atrás, e lhe colocou o membro na boca aberta e assustada. Sentiu o movimento da língua e fechou os olhos. As mãos dela alisaram seu corpo, chegaram até sua cabeça e puxaram-na para abaixo; os dedos o acariciavam e apalpavam a testa. O homem percebeu que o sangue inchava seu membro, que ficava rígido, e gritou: — Continue!

Neste mesmo instante, ela o mordeu. Seus dentes cravaram nos testículos inchados, e enquanto puxava e mordia, introduziu a unha dos polegares nos olhos; os outros dedos enfiou na carne das bochechas, ao mesmo tempo que tentava arrancar-lhe os olhos.

O uivo do inquisidor converteu-se num suspiro agônico. Seus braços se movimentaram como as rodas de um moinho, pois não sabia se defendia o sexo ou protegia os olhos que sangravam. A mulher deu-lhe um tapa e o jogou para trás, sobre as pedras, onde caiu de costas, contorcendo-se enquanto gemia de dor.

Ela cuspiu sangue e pulou sobre seu corpo, e antes que algum dos espantados ajudantes pudesse estender a mão para dominá-la, correu para o corredor pelo qual tinham chegado. Parecia louca quando se chocou com os dois sargentos, que derrubavam os sustentáculos da entrada da mina com fortes e contundentes golpes. Depois que as vigas cederam, escutou-se um rangido na pedra e em seguida tudo desabou com estrondo, transformando a caverna numa massa de escombros.

O inquisidor e seus criados ficaram soterrados com a carruagem e os cavalos. Nenhum som chegava de lá ao exterior. Uma pedra destruiu o crânio do clérigo. Os criados morreram dias ou semanas depois naquela mina escura, quando a carne dos cavalos já havia apodrecido.

Histórias de Mulheres

Otranto, outono de 1245 (crônica)

Um pequeno réptil esticou a língua e pegou uma mosca com um movimento preciso, justamente quando o inseto iniciava o vôo.

As moscas pousavam na parede esbranquiçada porque embaixo, no chão, estavam as travessas vazias com os restos cheirosos de leite fermentado com mel e o sumo doce dos figos amassados. As crianças haviam deixado as travessas ali para agradar ao geconídeo. O tímido animal demorara um pouco em aceitar o convite e Yeza teve de reprimir seus desejos de acariciá-lo. Roç estava deitado de bruços no chão e afugentava as moscas para a parede. Os dois estavam plenamente entregues à tarefa de descobrir se a paciência do réptil seria capaz de vencer o nervosismo das moscas.

Eu tinha arrastado uma cadeira até o canto do "deus dos narizes" e ia me inteirando com alívio crescente de coisas que, por outro lado, não gostaria que as crianças ouvissem.

— Pelo que vejo — o velho John tomou a palavra —, não podemos renunciar no momento em manter William de Roebrok com vida. O único perigo que se trata agora de afastar é a busca das crianças por parte desses esbirros do Anticristo, tão desejosos de seu sangue. É possível que os verdugos do papa estejam prestes a chegar, se é que já não estão aqui, escondidos no castelo. Devemos pôr a salvo imediatamente o *sang réal*...

— Não tenha medo, venerado mestre — Elia interrompeu-o. A voz de John ameaçava partir-se, pois tremia de emoção. — Ainda não há perigo: Otranto é seguro...

— Interior e exteriormente — apressou-se a confirmar a condessa. — Minha gente é fiel: antes de me trair, morreriam debaixo do machado do carrasco! Da mesma forma, estão dispostos a cortar em pedaços qualquer traidor!

— A situação é grave — resumiu o muçulmano com voz serena. — Não nos preocupemos em atribuir culpas: o fato é que o lugar onde as crianças estão já não é segredo!

— É preciso colocar logo as crianças num bom esconderijo! — replicou o velho John. — Você, Tarik, chanceler dos assassinos, que havia jurado procurar a salvação do sangue sagrado...

— *Maestro venerabile* — interrompeu-lhe o interpelado com voz paciente —, não acrescentemos novos erros aos já cometidos. É verdade que William deve sair vivo de Otranto em companhia das crianças. Mas é preciso que sejam forçosamente as mesmas crianças? Quem as conhece? Nós, apenas. Quero dizer que não deve ser tão difícil encontrar um menino e uma menina que tenham mais ou menos a mesma altura e a mesma idade. Mandarei logo minha gente...

— Um momento! — interrompeu a condessa. — Tarik, aprecio sua habilidade e rapidez de decisão, mas em Otranto provocaríamos uma inútil confusão se nos dedicássemos a roubar crianças como faziam os piratas. O povo iria condenar-me, e o que seria pior, começaria a cochichar e a maldizer, e ao final tudo teria sido inútil. — Não demorou muito em continuar: — Em vez disso, lhes digo que mantenho no porto um orfanato, onde, sim, podem ir buscá-las, ninguém se preocupará se faltam duas dessas infelizes criaturas, serão duas bocas a menos para alimentar!

Elia murmurou, agradecido:

— Ah, Laurence, que seria de nós sem sua força e sabedoria!

— Seriam o mesmo que são agora, Elia, homens fracos!

O chanceler dos assassinos preferiu cortar a discussão que se anunciava, e falou:

— Nesse caso, condessa, ofereça-me seu poderoso braço e me acompanhe para ver seus protegidos. Não há tempo a perder!

Os ruídos das vozes que se afastavam os distraíram e não perceberam que alguém havia entrado no aposento. Era um homem jovem.

— É Hamo — disse Roç —, o filho de tia Laurence. — O jovem permanecia mudo e nos olhava. Quanto tempo teria estado escutando? As crianças me pareceram um pouco transtornadas; era possível que tivessem se inteirado de um ou outro detalhe que me chegara pelo ouvido do "deus dos narizes".

— Agora querem nos tirar de Otranto? — perguntou Yeza, nervosa. — Você ouviu, não?

Roç retrucou com ar de superioridade.

— Querem se livrar de nós! — E depois refletiu, antes de concluir: — Ainda bem que William irá conosco!

— Mas se o barco ainda não voltou — atreveu-se Yeza a objetar.

— Que boba é você! Vão tirar o barco dessa estrangeira, já sabe que não gostam dessa mulher. Vamos apostar?

Então Hamo falou, e pareceu-me que seu raciocínio era de adulto:

— Acho que o melhor será que saiam rapidamente daqui, pois não devem encontrá-los no quarto de William. Por falar nisso, como entraram?

— Pela porta, igual a você! — respondi sem perda de tempo; mas apoiei sua proposta. — Será melhor irem embora — e quando percebi sua indecisão, acrescentei com intenção de animá-los: — Agora já sabem que nos espera outra viagem divertida, durante a qual poderemos ficar juntos todo o tempo — esta observação lhes devolveu a alegria, e saíram correndo do quarto, cuja porta Hamo tinha deixado aberta.

— Também você pode fugir agora, William! — convidou-me sério. — Aproveite a ocasião!

Mas eu não quis ir. Sentia-me obrigado a cuidar das crianças, que me viam como "pai", ou como substituto da mãe; um papel com o qual, diga-se de passagem, me identificava muito mais.

— E você, jovem senhor, por que se interessa tanto pela sorte de um frade indigno como eu? — tentei ponderar.

— Odeio a maneira como pretendem dirigir o destino dos outros. Escute!

John e Elia, depois de ficarem sozinhos no salão, tinham mudado novamente o rumo da conversa, até deixá-la ao alcance do nosso "ouvido".

— Ponho meus soldados à vossa disposição, e deveríamos propor a Tarik que nomeie Crean comandante — o *bombarone* comentou seu plano. — O grupo, com William e os supostos "infantes", deveria viajar da forma mais aventureira possível por todo o país em direção ao Norte. Inclusive proponho que passem perto dos limites do *Patrimonium Petri*, embora não tão próximos que possam ser atacados ou detidos, pois não interessa que alguém veja a cara desses bonecos; só queremos que se espalhe o rumor e que chegue até o castelo Sant'Angelo, aos ouvidos do papa!...

— Excelente idéia, querido *bombarone* — grunhiu John. — Tão boa que me pergunto por que não lhe

ocorreu antes. Se tivesse mandado William diretamente de Cortona ao Inferno ou ao país dos mongóis...

Elia respondeu um tanto amedrontado:

—Venerado mestre, como poderia ter deixado escapar William sem vosso prévio consentimento? Também não poderia deixá-lo em Cortona. Agora soubemos que os papistas andam rondando por ali como Pedro por sua casa...

— Isso acontece cada vez que é preciso deixar a herdade à mercê dos empregados! — O velho John sempre tinha uma resposta pronta.

— Não podia deixar de obedecer a vosso *preces armatae* com que, servindo-se de suas prerrogativas, o senhor me ordenou que eu me apresentasse aqui em nome da ordem a que ambos servimos! Tive de ponderar devidamente a situação e agi segundo minhas melhores intenções. Espero que saiba perdoar!

— A *Prieuré* não perdoa erros, e nosso pacto com os "assassinos" garante a seriedade necessária do nosso proceder; não obstante — e o velho John quis mostrar-se mais humano, uma atitude que seu cargo lhe permitia, pois o colocava acima de qualquer crítica, embora não acima de *toda* crítica — você ignorava que William estava sendo perseguido. É verdade que meu filho, Crean, é o responsável de que ainda esteja vivo esse frade. Vocês ignoravam que as crianças estavam aqui em Otranto. O sistema de sigilo total tem suas vantagens e seus inconvenientes. O que nada sabe, nada pode delatar. Você não sabia, por isso não é traidor, mas a sorte o abandonou. Deve viver com seu erro. No que me diz respeito, o absolvo.

Elia permaneceu durante um tempo em silêncio.

—John Turnbull, conde de Monte Sião, venerável mestre, o senhor é um homem sábio. Sabe que minha vida pertence ao imperador. Levou em consideração o papel que seu próprio sangue tem nesse assunto. Mas por que não sente compaixão por William, que também agiu à traição e que também não sabe de nada?

— Porque devemos obedecer às indicações que Alá nos envia — interveio inesperadamente a voz cortante de Tarik. — Tal como o prevê inclusive seu próprio filósofo, Boécio, quando alguém se vê preso na roda do destino o melhor é matar logo o coitado, antes que cause maiores males ou possa novamente influir para prejudicar o curso dos acontecimentos. E quando uma mosca cai duas vezes na sopa, *venerabile*, há de se castigar ao cozinheiro que a tirou pela primeira vez e não a matou!

Neste instante, interveio John Turnbull e sua voz denunciava que se sentia ofendido em sua autoridade:

—Achamos uma solução que melhora inclusive a situação, em comparação com o *status quo ante*...

— Sempre o melhor foi inimigo do bom! — advertiu Tarik em tom de caçoada, mas John não se desviou do relato.

— Embora para esse fim necessitemos de um comandante precavido e enérgico, e pensamos em Crean...

— De modo algum! — respondeu Tarik com aspereza. — Já me arrependi uma vez por ter colocado Crean de Bourivan à frente dessa empresa. Parecia predestinado porque conhece o terreno, e não obstante falhou quando maior responsabilidade lhe foi exigida. Daí que não deva se tentar o mesmo uma segunda vez. Nós não nos comovemos nem nos emocionamos como vocês aqui no Ocidente, onde costuma-se conceder uma "segunda chance" simplesmente por motivos sentimentais. Quero lembrar que sou eu quem manda em Crean, *venerabile* John Turnbull!

— No entanto, desejo expor-lhe nosso plano, estimado chanceler — interveio Elia mal-humorado. Uma vez retirada a espada de Dâmocles de sua própria cabeça, o velho *bombarone* tinha recuperado a antiga arrogância. — Neste mesmo instante, enquanto perdemos discutindo, nosso amado Santo Padre envia

missões ao mundo todo: a meu frade Lorenzo de Orta encaminha à Antioquia, assim como ao dominicano Andrés de Longjumeau. Um para negociar com a Igreja grega, outro para que os jacobitas reconheçam sua supremacia. Ao irmão deste último, Anselmo, pretende enviá-lo a Síria e Tabriz...

— E por que tudo isso deveria interessar-nos? — replicou Tarik, irritado.

— Espere, o franciscano Giovanni Pian de Carpine está prestes a partir para uma missão em terras tártaras, passando pelo sul da Alemanha e a Polônia. Sua meta é chegar a Karakorum, à corte do Grande clã...

— E que mais?

— Faremos com que leve consigo William e as crianças; assim poderemos ter certeza de que durante os dois próximos anos seu destino esteja na boca de todos. Comoverá as almas e, se não aparecerem novamente, o mundo inteiro lhes dedicará seu mais profundo pesar; o importante é que ninguém duvide de que partiram para essa viagem, absolutamente ninguém! Pian é uma pessoa que está acima de qualquer suspeita, inclusive aos olhos do papa e de sua camarilha! O importante agora é levar William e as crianças até o ponto onde seus caminhos se cruzam, e quanto mais esperamos, mais se afasta essa possibilidade!

— Preciso de Crean para outras tarefas — respondeu o chanceler rispidamente.

— Eu os levarei — ouvi de repente a voz de Hamo, lá de cima. Eu não tinha percebido sua saída, mas o mais provável era que tivesse escutado a conversa.

— Espere lá fora até ser chamado! — foi a primeira reação que vinha da condessa, sem que sua voz denotasse se estava orgulhosa e satisfeita por seu filho querer partir de casa ou, como mãe, se a dominavam o medo e as preocupações. Antes de iniciar uma discussão generalizada, Laurence voltou a tomar a palavra:

- A mesa está posta, senhores!

A sala de cima ficou logo vazia. Pouco depois me trouxeram também um farto jantar: como agora estava certo de que me fariam chegar vivo até a corte dos mongóis, comi com o melhor dos apetites. Primeiro foram ostras frescas, nas quais coloquei um pouco de pimenta e suco de um limão. Minha vitalidade ganhou novo impulso; agora eu teria gostado de ter Ingolinda aqui comigo para colocarmos ostras na boca um do outro, brincando com nossas línguas. Mas a boa moça oriunda ile Metz provavelmente já teria partido, ofendida e desiludida. Consolei-me com um excelente caldo de peixe, chupei os mariscos, quebrei suas conchas e delíciei-me com as patas, as cabeças e as espinhas. Foi difícil desfrutar da carne gordurosa da perdiz, temperada com erva-doce e sálvia e acompanhada de esponjosos cogumelos, porque estava saciado. Com que prazer teria empreendido agora uma boa cavalgada com Ingolinda, minha deliciosa prostituta! Mas tive de me conformar com a sobremesa, um prato de uvas, que consumi sozinho, sem ter à frente seus lábios úmidos, seu peito generoso, seu púbis escuro, onde as uvas poderiam dançar, arrebentar ou escapulir. Comi-as sem vontade e caí na cama.

Pouco depois, abriu-se a porta e entraram Elia e a condessa. A figura dela era imponente. Tinha o cabelo vermelho - provavelmente tingido — muito liso e penteado para trás e seus olhos verdes resplandeciam com um brilho ameaçador. Usava poucas jóias: só um valioso anel e uma grossa pulseira.

Levantei de um salto. Enquanto isso, ela aproximou-se da janela e ordenou a dois de seus guardas que tinham se postado à direita e à esquerda da porta:

—Vão buscar Hamo!

Elia examinava os restos do meu jantar. Depois disse:

— William, espero que o jantar o tenha reanimado, pois esta noite partirá de viagem. — Adotei uma expressão de surpresa e curiosidade. — O filho da condessa assumirá o comando dos meus soldados, e espero que você, para o seu próprio bem, tenha o mesmo comportamento tolerante que mostrou até agora. A primeira tentativa de trocar uma palavra com alguém estranho significará o fim de sua preciosa vida, e o mesmo acontecerá, com mais razão ainda, se tentar fugir! Respondi com a devida obediência.

— Pode ficar tranqüilo, meu ministro-geral. Irei aonde me mandar, quando o mandar e até o fim do mundo: mas deixe-me andar! Quero dizer, não me obrigue a ter de sentar de novo num cavalo! Não vou resistir, e preferiria uma morte rápida; um punhal no coração seria melhor que mil punhais que ainda sinto em minha... — e engoli a palavra em vista de que havia uma dama presente; uma dama que havia dirigido à minha pessoa um olhar severo quando iniciei minha súplica.

— Não há necessidade de que machuque seu gordo traseiro — ela falou, dirigindo-se a Elia. — Pode levar um palanquim a mais: um para as crianças e outro para ele. Além disso, assim as atenções recairão mais sobre vocês! — Elia assentiu e eu também, pois sentia muita gratidão.

Elia, então, prosseguiu:

— Encontrará o irmão Pian de Carpine e continuará com ele até a corte do grande clã. Pode levar as crianças, ou desfazer-se delas quando esteja em território mongol. O importante é que elas desapareçam sem deixar rastro, e que volte sem elas!

Hamo tinha entrado no quarto e deve ter ouvido as últimas frases. Dirigiu-se a Elia:

—William não me preocupa. Entendeu perfeitamente qual é o seu papel. Preocupam-me, sim, as crianças. Durante a viagem, ao menos durante a parte da viagem em que vamos estar expostos aos vigilantes olhos desconfiados dos agentes papais, seria útil ter uma acompanhante feminina...

— Não! — exclamou a condessa, e sua voz ficou mais esganiçada. — Não!

— Sim — retrucou Hamo com firmeza e uma certa crueldade no tom de voz. — Se estão bem, se suas necessidades são satisfeitas, seu bom comportamento está garantido. Se sofrem, e por causa disso adoecem e choram, o populacho poderia sublevar-se, e a consequência seria a descoberta de sua identidade; um risco que... um risco que não podemos correr!

O portador do turbante, que tinha entrado em silêncio no aposento, acrescentou:

— Bem pensado, jovem; vejo que você é um digno filho de sua mãe, e retiro a acusação de imaturidade de seu caráter. O que lhe falta, e não é culpa sua, é experiência. Não devemos correr riscos!

Hamo fez uma ligeira reverência:

— Exijo que Clarion nos acompanhe para cuidar das crianças!

— No orfanato há três amas-secas, e também disponho de um convento de freiras onde você pode escolher a que mais lhe convenha. Além disso, tem maior experiência no trato com crianças que...

— Insisto que seja Clarion — dirigiu-se a Tarik sem conceder sequer um olhar à mãe. — Trata-se de uma empresa de tal importância e de caráter tão confidencial que não me faço responsável se minha mãe se negar a que nos acompanhe Clarion.

Silêncio. A condessa olhava pela janela, mas suas mãos se agarravam ;i grade com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos.

— Avisarei Clarion — respondeu por fim com a garganta seca. — Iniciará imediatamente seus preparativos para a viagem — acrescentou depois em tom objetivo, mas sem se voltar para nós. Deixou o aposento com passos apressados.

Não esquecerá jamais o que fez seu filho, ocorreu-me pensar; é uma mulher que sabe odiar...

— Siga-me agora, William — Hamo já se acostumara a mandar. — Quero evitar que os encontrem ainda neste quarto. — Eu sabia que se referia às crianças, e dava-lhe razão, no fundo. A despedida me despedaçara o coração, pois sabia que eles esperavam poder viajar comigo.

Elia disse ainda:

—William, devo partir imediatamente, porque o imperador necessita de mim. Não deixe em maus lençóis à nossa ordem dos irmãos menores — e deu-me umas palmadinhas no ombro. Pareceu-me pouco em vista da confusão na qual sua iniciativa me havia colocado. Mas todos servimos a algum senhor, e em seu caso, tendo em conta que tinha sido expulso da Igreja, ainda lhe sobravam dois.

Os guardas me escoltaram por escadas e corredores até a parte do castelo voltada para o mar, que via-se logo que não era freqüentada. Provavelmente se tratava das cavaliças das quais Roç tinha falado. Agora reinava ali um certo desânimo, um ir-e-vir constante; os criados estavam preparando os animais, davam a forragem, e os soldados entravam e saíam da armaria.

Até então eu nunca tinha visto as tropas de defesa do castelo. O mais provável era que só em caso de ataque inimigo ou de cerco ascendessem à parte principal, onde eu estivera preso. Surpreendi-me com o número de soldados e oficiais que habitavam aquele subterrâneo.

Hamo ia atrás de nosso grupo e mandou que os guardas se afastassem para ficar sozinho comigo.

— Eu não sou um carrasco, e muito menos seu, William. Você comeu bem e com fartura. Deixo a seus cuidados o que queira fazer nesta última hora antes de partir, pelo bem de sua digestão!

— Espero poder ir no banheiro à devida hora — argumentei. Hamo soltou uma risada.

— Refiro-me também às sacudidas que seu coração possa experimentar! — Senti-me confuso, mas sem saber a que se referia e suas próximas palavras aumentaram meu desconcerto:

— Ninguém estará vigiando-o, mas pense que continua vigente a norma: uma só palavra e sua morte será inevitável. E não apenas a sua, também da pessoa que tiver ouvido essa palavra!

Empurrou-me para um quarto e fechou a porta às minhas costas. Na minha frente, na penumbra do quarto, vi Ingolinda deitada num monte de feno.

— William, querido, enfim você chegou! — A mulher abriu os braços, disposta a atrair-me ao seu maravilhoso seio, que estava inteiramente nu. Coloquei um dedo nos lábios e tentei explicar-lhe com gestos que tinham me proibido de falar. Iria pensar que eu estava louco, que a detenção e a tortura me teriam feito perder o bom senso. — Coitado de meu pequeno! O que te fizeram!

Decidi fechar-lhe a boca, pois até uma pergunta que não obtém resposta pode ser traiçoeira e eu não desejava morrer — muito menos agora! Atirei-me a seu lado sobre o feno e rodamos naquele leito macio e aromático, um excitante tão agradável para a pele nua. A bela moça de Metz compreendia minha pressa; abriu mais suas pernas e levou a sério minha impaciência. Cavalguei-a como se tratasse de salvar a própria vida, e o fazia com maior intensidade quanto mais pensava no futuro que me esperava, pois depois da primeira investida — após ter tido entre minhas coxas durante duas ou três semanas seguidas outra coisa senão o lombo de um cavalo — me conscientizei com amargura de que agora me esperavam meses de abandono solitário. Quando compreendi plenamente a tristeza de tamanha perspectiva, meus movimentos se acalmaram, mas esta lentidão por sua vez foi o que inflamou minha dama que, em geral, costumava contentar-se com prazeres rápidos. Rompeu em soluços. Seus belos olhos se encheram de lágrimas; gritava de gozo, e eu continuei cavalgando-a sem saber o que fazer, pensando em meu estúpido porvir, nas noites frias que passaria entre montanhas longínquas, rochosas, vazias de seres humanos, na sede e no calor que sentiria na selva e no deserto, e pouco a pouco fui decaindo até ficar inteiramente

rígido, avançando num ritmo mecânico. Só o feno mexia um pouco comigo, mas Ingolinda tremia de prazer como se fossem regimentos inteiros, hordas de tártaros que a faziam delirar; ela se agitava, se mexia, se levantava, e finalmente voltou a cair para trás no buraco de feno que tínhamos transformado num ninho, como fazem os coelhos. Seus seios tremiam.

Abriu os olhos ainda úmidos e me sorriu.

— Alô, belo estrangeiro!

Beije-a com carinho na boca, sem abandonar seu corpo, inclusive me preparando para uma nova investida. Neste instante, bateram na porta.

— Está na hora, William!

Ingolinda me olhou querendo perguntar, mas eu não desejava prolongar a despedida. Levantei-me, sacudi o feno de minha batina e deixei-a deitada em seu leito de prazer. Sem olhar para trás fechei a porta às minhas costas. Os guardas, postados à frente, não deixaram que eu percebesse terem visto ou ouvido alguma coisa, ou ambas as coisas, e me conduziram em silêncio para a porta principal.

Já era noite alta e só umas poucas tochas iluminavam a saída. A ponte levadiça ainda não fora abaixada. Ordenaram-me que esperasse, razão pela qual subi ao palanquim que me era destinado e rapidamente adormeci.

AIGUES MORTES

Aigues Mortes, outono de 1245

— Está livre, pode ir para onde deseje, Rosalba Cecília Estefânia de Cab d'Aret, chamada de "a Loba"!

O inquisidor que presidia o tribunal era monsenhor Durand, bispo de Albi. De uma de suas mangas saía um garfo de ferro e tinha o pescoço preso numa gargantilha de couro rígido que não deixava sua cabeça ter liberdade de movimento. Mas seus olhos brilhavam enquanto percorriam apressados o quarto e demonstravam que sua invalidez não o tinha acovardado.

— Foi Peire Vidal quem lhe deu esse nome, não é verdade? — brincou, dirigindo-se à interpelada, que tinha se posto de pé e mostrava dentes fortes entre lábios vermelhos e carnudos, enquanto respondia em tom de desprezo:

— Esse imbecil sentiu desejos de amor em relação a mim, e fantasiou-se de lobo. Meus cachorros o deixaram mal...

— ... enquanto se divertia com Ramón-Drut, o infante de Foix? — perguntou o bispo novamente, provocador e com malícia, e ela não tardou em responder:

— O infante levava a poesia na ponta de sua lança e não me irritava os ouvidos com suas canções!

O secretário do tribunal deixou a pena de um lado e recitou com monotonia o protocolo do interrogatório, no qual se confirmava que "a Loba" exercia suas inocentes atividades como guardiã de ervas curativas, para desembocar na frase satisfatória: "... se sabe o Credo, soube recitar a Ave-Maria, mostrou respeito diante dos sacerdotes presentes, *ergo* professa, sem lugar a dúvidas, a fé da Santa Igreja Católica."

A "Loba" olhava para o exterior pela janela da casa de pedra, nada vistosa, que se situava na praça do mercado de Aigues Mortes, onde se via junto ao cadafalso um poste escuro plantado em um monte de cinzas ainda quentes. Desta vez escapara de um cruel destino.

— Pode retirar-se, *madame* — repetiu Durand em tom cortês —, ou pode assistir ao próximo interrogatório, para ver de perto a luta que mantém a Igreja para fazer resplandecer a verdade.

"A Loba" estava insegura, mas depois se sentou. Além do bispo de Albi, que a tinha citado naquele lugar como a outros habitantes suspeitos do cerco ao Montségur, dos condados de Foix e Mirepoix, os quais tinha feito prisioneiros nos bosques e nas cavernas dos arredores, o tribunal era composto por Vito de Viterbo, enviado de Roma, e Yves, o Bretão, delegado do rei de França. Havia também três dominicanos que atuavam como vogais. Completavam o tribunal um secretário e uma dezena de soldados do inquisidor.

A "Loba" sentiu os olhares curiosos, maledicentes e até mesmo desiludidos dos espectadores às suas costas. Eram quase exclusivamente mulheres da guarnição e forrageiros e ferreiros do exército que passavam ali o tempo sem alimentar a esperança concreta de que começasse outra cruzada; desejavam apenas assistir à próxima condenação, olhar como acendiam de novo a fogueira. Muitos desejavam vê-la arder!

Mas o bispo mandou evacuar a pequena sala e o público obedeceu mostrando seu descontentamento. Os soldados tiveram de retirar-se.

O escriba pigarreou:

— "Informe de Palermo" — resumiu em poucas palavras. — "Esclarmonde de Perelha" — ninguém percebeu que "a Loba" aguçava o ouvido, será que alguém percebeu? — "A citada copulou ali com o excomungado Frederico, durante muito tempo imperador, e Anticristo merecedor de nossa condenação! Resultado: outra filha bastarda, que nasceu na fortaleza agora destruída de Satã, e que não foi batizada. Seu nome: Isabelle-Constanza-Ramona."

— "Isabelle" significa que pretende a coroa de Jerusalém; "Constanza" aparece como símbolo de poder da estirpe de seu procriador unido ao da mãe, pois o fato de ser esta normanda, estabelece um nexa com Aragão - detalhou o bispo —, e "Ramona" representa a linha ocitana da parturiente! — A amargura do inválido começou a assomar através de suas palavras, mais e mais irritadas. Yves, o Bretão, deu de ombros e abandonou o lugar.

O secretário parecia ter pressa em passar a informação que tinha diante de si:

— "Protocolo do interrogatório rigoroso de Mora de Cucugnan, cozinheira na fortaleza de Satã e irmã da governanta do lugar, e conclusões complementares de Sua Excelência, monsenhor Durand, que foi liberado por decreto especial do *secretum confessionis*" — leu de uma vez só. Os olhos do bispo se iluminaram, ávido que estava por ouvir relatar o resultado de suas próprias investigações, pelas quais tinha pago tão caro. Também a "Loba" estava atenta, embora se sentisse apreensiva. - "Uma mulher chamada Blanchefleur, cuja mãe desconhecida é da aristocracia francesa e cujo pai é o próprio Frederico, ou seja, que ela mesma já era bastarda, copulou com o último descendente da linhagem Trencavel, antes visconde de Carcassone, chamado Ramón-Roger III. Resultado: um bastardo nascido na mesma fortaleza de Satã; também não foi batizado. Seu nome: Roger-Ramón Bertrand."

— Neste caso, "Roger" corresponde também ao nome de seu procriador e ao de ambos os avós — apressou-se a esclarecer o bispo a seus agentes — e o mesmo acontece com o nome de "Ramón". E quanto a "Bertrand"... — o bispo parecia sustentar uma luta interna — ... o fato é que não tem importância — desculpou-se depois, justificando sua hesitação.

O silêncio pensativo de Durand e a indignação crescente da "Loba" foram interrompidos com a conclusão furiosa que tirou Vito de Viterbo:

— É evidente que estamos enfrentando a intenção declarada e certamente monstruosa do imperador germânico de agredir a Santa Madre Igreja, já que tal servidor de Satã pretendeu e conseguiu misturar sua semente com o sangue dos hereges; ainda hoje mantém o segredo, mas amanhã apresentará seus filhos como soberanos de um "novo mundo": um mundo onde a posição de sumo sacerdote, ou de suma sacerdotisa, coincidirá com a de soberano terreno. Um papado herege combinado com o Império Germânico, e para sempre!

O bispo o escutava com assombro:

— Deveria ter apresentado essa tese diante do concílio. Vito. Agora é tarde demais. Em Lyon tudo ficou bem resolvido.

— É verdade, a Igreja e o papa conseguiram uma boa vitória. Mas o Anticristo não foi destruído, e seus filhos bastardos vivem!

— Vocês pensaram alguma vez, Vito de Viterbo — respondeu-lhe o bispo, pensativo —, que também podia ser outra a interpretação? Que enfrentemos aqui uma conspiração universal, na qual Satã, ajudado pelo sangue dos hereges ou por auxiliares ainda piores, queira unir sua semente com quem detém o poder sobre o Universo? Pois embora! rede imperial se estenda neste momento de Lübeck até São João do Acre, de Nicéia a Saragoça, quando Frederico for parar no Inferno talvez seus herdeiros se rebelem e

não pretendam defender o Império Romano-germânico, mas adotar outras bandeiras muito diferentes: os exércitos do Príncipe das Trevas! Advirto-lhes: existe um pacto secreto que estende a mão para o poder. A descendência do imperador será utilizada para outros fins: o novo par de soberanos é fruto de um "grande plano" conscientemente posto em prática...

Durand tinha se exaltado enquanto falava; a "Loba" estranhou não vê-lo levantar-se de um pulo, pois sua garra de ferro desenhava linhas estranhas no ar. Supôs que teria o outro braço paralisado. Quando o bispo começou a recitar com o olhar exaltado: *Uf einem grüenen achmar-di truoc si den wunsch von pardis daz waz ein dinc, das hiez der gral!*, neste instante a "Loba" levantou-se do seu lugar. Seus olhos lançavam faíscas.

— Vocês atiram muito alto e erram o tiro, senhores: a menos que introduzam os costumes e tradições dos faraós, seus futuros soberanos imperiais não poderiam casar-se! São irmãos, irmãos gêmeos!

— Guardas! — gritou Vito, e à sua chamada acudiram imediatamente os soldados. — Prendam esta mulher!

— Não há necessidade! — gritou a "Loba". — Se não querem que eu lhes arranque seus olhos, não se aproximem! Querem me ver morta ou querem minha confissão?

— Deixem-na falar! — o inquisidor ordenou, e Vito aceitou.

— O filho de Blanchefleur nasceu morto; eu mesma preparei a poção que lhe provocou o aborto. E me entregaram o feto como pagamento por meus serviços.

— Bruxa! — gritou Vito. — Maldita bruxa!

A "Loba" riu dele, mostrando seus dentes de fera:

— Esclarmonde deu à luz gêmeos, frutos do seu relacionamento com um cavaliço que trabalhava no castelo...

— Mentirosa, desgraçada! — rosnou Vito. — Foi o imperador!

— Ela inventou a violação pelo germânico porque temia a ira de seu pai. Veio aconselhar-se comigo quando já era tarde demais, havia transcorrido muito tempo na viagem. Fizemos de tudo para dar um fim a essa vida nascente, o que teve depois suas conseqüências, mas a gravidez estava bastante adiantada e Esclarmonde era uma mulher forte. As crianças que vocês buscam são os dois bastardos infelizes da herege, e nasceram idiotas!

— Aproxime-se — convidou o inquisidor, movendo a garra de ferro em sua direção. — Quem pagou o aborto provocado na pequena Blanchefleur? — cuspiu as palavras na cara da "Loba" como uma serpente cospe seu veneno. — Foi uma senhora da nobreza? — gritou, com voz alquebrada. — Chegaste a vê-la? — A "Loba" sacudiu com orgulho sua negra cabeleira. — Chegou num palanquim?

— Não — disse a "Loba", que se mantinha serena.

— Foi ela, foi ela! — gritou Durand com voz estridente.

Vito fez um sinal aos soldados. Estes se colocaram, dois pela direita e dois pela esquerda, junto ao bispo, que continuava gritando, e o levantaram com a cadeira os quatro ao mesmo tempo. As pernas de Durand lhe falharam. Levaram-no para fora.

— Não — repetiu a "Loba". — Blanchefleur não sabia que carregava um filho morto no ventre quando a trouxeram para mim. Não iniciei o aborto enquanto não tive certeza de que a filha do castelão teria gêmeos.

Yves, o Bretão, tornara a entrar na sala, atraído pela retirada espetacular do bispo. Assim, escutou o final

do relato. A "Loba" encerrou sua declaração confessando sem temor:

— Blanche fleur não percebeu, quando acordou, que a criança que tinha a seu lado não era sua!

— E uma infanticida que merece ser executada com a espada, e é também uma bruxa que deve ser queimada — vociferou Yves. — Entreguem-na!

— Não cometeu assassinato algum — respondeu Vito —, e cabe à Igreja determinar se é uma bruxa ou não — deixou o Bretão de lado e deu ordens aos guardas para que amarrassem a "Loba", que desta vez não se defendeu.

Uma vez fora da sala, Vito a fez subir em seu cavalo e saiu com ela de Aigues Mortes. Atravessaram a região florida da Camargue, submersa em seu esplendor primaveril entre arbustos de aroma intenso e bosquezinhos de bétulas claras, até chegar a um extenso açude. Vito desceu da montaria e a fez saltar do cavalo. Até então não haviam trocado uma palavra.

—Você quer me tirar a vida — disse ela, e o tom de sua voz não era de interrogação. Vito assentiu sem encará-la. Ela tomou a dianteira e seguiu na direção da água. Os pássaros levantaram vôo, assustados.

— Não é capaz de me dizer a verdade — disse Vito - e eu tenho de encontrar essas crianças.

—Vai lhe custar muito trabalho — respondeu a "Loba", e ficou imóvel.

Provavelmente passara já dos cinquenta anos, mas continuava uma mulher atraente. Ele colocou-se atrás dela, envolveu-lhe o pescoço com suas mãos poderosas, aplicou os polegares na vértebra da nuca e apertou até que um rangido indicou que lhe tinha partido o osso. Em seguida amarrou duas pedras pesadas no corpo da mulher e a arrastou pela água até que lhe cobrisse os quadris. Depois voltou até seu cavalo e afastou-se trotando.

O inquisidor e seus vogais, o secretário e o protocolo que este anotou, nunca chegaram a Albi. As pessoas murmuravam que alguns *faidits* incitados por Xacbert de Barbera os haviam matado ao descobrirem que em sua viagem de volta a "Loba" já não os acompanhava.

LEITOS VAZIOS

Otranto, outono de 1245

Só se via luz nas janelas altas da parte do castelo que correspondia aos aposentos da condessa. Laurence estava em seu dormitório e olhava para fora, para o mar. Atrás dela, a atarantada Clarion andava de um lado para outro do quarto, tirando vestidos dos armários e das arcas e segurando-os diante de seu corpo para ver se serviam; depois dispensava-os, trocava por outros; guardava cintos, cinturões, lenços e bolsas em diferentes cestas prontas para a viagem.

— Acha que vai abandonar-me para sempre? — brincou Laurence. — Para cumprir sua missão de guardião dos órfãos sem nome não precisa levar consigo o dote de uma princesa!

Clarion fugiu do assunto; manteve sua expressão obstinada e preferiu continuar preparando a bagagem.

— Dois ou três meses o mais tardar você estará aqui de novo — tentou convencê-la a condessa. — Toda essa bagagem não será mais que um peso; além disso, você sequer terá oportunidade de vestir roupas tão vistosas! — Laurence passeava entre as cestas e os pacotes, dando um ou outro pontapé.

Sem interromper sua atividade, pois neste momento estava esvaziando seus cofres de jóias em cima da cama e selecionando seu conteúdo, Clarion lhe respondeu:

— Em primeiro lugar, não sou eu quem tem de levar a carga, pois para isso existem os animais e os criados. Em segundo lugar, digo que mesmo que não possa usar um vestido bonito mais que uma noite, terá valido a pena!

Laurence deteve-se no outro lado da cama. As duras penas, dominava sua irritação:

— Quer dizer que vai em busca de marido? — Vasculhou colares, broches e anéis, e desarrumando a distribuição cuidadosa de Clarion, pegou um bracelete de ouro: — Pensa que lhe dei esses presentes para você poder seduzir os homens de modo desonesto?

— Embora só goste de um deles, e apenas por uma noite... — Clarion não pôde continuar falando, pois Laurence lhe aplicou uma sonora bofetada.

Clarion trincou os dentes; seus olhos irradiavam chispas:

— Se alguma coisa dessas lhe pertence, Laurence, peço que a recolha...

—Você me pertence! — Laurence deu um salto e caiu em cima da cama como uma tigresa abraçando as cadeiras de Clarion. A moça ficou tão impressionada que deixou cair as jóias que tinha nas mãos e inclinou-se na direção da condessa. As duas se embolaram na cama, sem se importar de que as jóias pudessem machucá-las.

—Você me ordenou que viajasse — soluçou Clarion. — Podia ter me proibido, podia ter me protegido...

Laurence beijou-a nos lábios antes de levantar-se com um suspiro.

— Não pude remediar. Jamais a *Prieuré* teria me perdoado uma negativa.

Também Clarion levantou-se e secou as lágrimas.

— Não é por muito tempo, Laurence, e se todos temos de fazer sacrifícios, não deveríamos dificultar

mais ainda as coisas uma à outra.

—Você também podia ter se negado — quis desculpar-se Laurence por sua paixão. — Não teria servido de nada, mas teria demonstrado que ama apenas a mim!

Clarion acariciou o cabelo da condessa, que buscou apoio nela.

— Logo voltarei a estar com você, serei novamente sua amante, sua amada, sua putinha sem-vergonha! — As duas caíram na gargalhada. -Na verdade, que pretende essa prostituta? — Lembrou-se Clarion, e começou a colocar de novo em ordem as jóias. — Por que persegue com tanta obstinação nosso pequeno frade?

Laurence se aproximara novamente da janela, mas não divisou o barco da mulherzinha, pois o cais já estava às escuras. Viam-se somente os faróis chamejantes na entrada da baía.

— Essa mulher exige com insolência que lhe entreguemos William, negando-se a partir sem ele. Para evitar desgostos, Hamo lhe permitiu ficar ainda esta noite.

— E amanhã de manhã estaremos longe com seu amante; qual não será sua surpresa! — exclamou Clarion, animada.

— Amanhã de manhã eu a porei para fora daqui!

Clarion, que tinha sido informada por Hamo dos objetivos daquela viagem, argumentou:

— Diga-lhe que William fugiu com as crianças para escapar dela. Quanto mais se fale da viagem do frade William de Roebruk, tanto antes e melhor conseguiremos nosso objetivo. Por isso levo tantas roupas e tantas jóias, para provocar sempre que me seja possível o máximo de atenção durante a viagem!

— Minha querida, você é e seguirá como minha putinha — Laurence abraçou sua filha adotiva e beijaram-se como duas pessoas que estão a ponto de afogar-se; suas mãos percorreram com ansiedade crescente seus corpos. Pareciam dispostas a cair de novo na cama, mas Clarion desprendeuse com um esforço.

— Esperam-me!

A condessa chamou os carregadores e dirigiram-se pelos corredores escuros do castelo, que permaneciam silenciosos e escondidos na noite. Seguiram na direção da porta principal, onde também Elia esperava com a intenção de dar a Hamo as últimas instruções e conselhos para a viagem. Laurence despediu-se de Clarion antes de chegar à grade de ferro. Não tinha intenção de despedir-se do filho.

No quarto escuro, onde William ficara alojado, o alçapão debaixo da cama vazia rangiu.

-William? — sussurrou a voz de Yeza. — William!

Não houve resposta. Só a luz da lua caía através da janela com grades. Yeza bateu no alçapão com todas as suas forças até ir contra o colchão, e sua preocupação foi crescendo até se converter em medo.

— Foi embora — disse assustada para Roç, que a segurava.

— Tem certeza?

— Quando dorme, ronca — sussurrou Yeza. — Levaram-no! —Vamos até o barco, Yeza! — exclamou Roç.

E puxou com força as pernas da menina. O alçapão fechou-se com rapidez por cima de suas cabeças. — Ao barco — bufou o menino com satisfação. — Lembre-se do que eu disse!

Retornaram de quatro pelo corredor, até chegarem a uma abertura no muro de onde podiam ver o veleiro ancorado junto ao cais. Ainda não tinha partido.

—Vamos! — disse Roç com energia. — A nós não podem enganar!

Desceram pela escada de caracol escondida no muro avançando a duras penas com as mãos estendidas, pois a escuridão era completa.

—Vou até o nosso quarto guardar as coisas — declarou Yeza, com ar decidido de conspiradora. Quando era questão de empreender alguma façanha ou aventura, era sempre ela a primeira, enquanto Roç se encarregava dos preparativos e da execução. Agora ela ordenava:

— Vá à cozinha e pegue presunto e maçãs. Vamos precisar de alguma coisa para comer!

Roç aceitou a divisão de tarefas proposta e apenas disse, em tom de advertência:

— Leve roupa de cama e algumas mantas, porque à noite faz muito frio no mar. — Tinha de demonstrar ser ele também capaz de pensar em certos detalhes.

— Nos encontraremos junto à rampa onde ficam os quartos de forragem, atrás dos estábulos — sussurrou Yeza. — A escada é muito perigosa; poderíamos tropeçar com alguém.

E depois iremos pelo corredor secreto e sairemos exatamente em cima do barco...

— Ou cairemos na água! — Enquanto Yeza demonstrava que sabia fantasiar e inventar truques novos, além de alimentar certa dose de desconfiança, Roç mudava de comportamento segundo as circunstâncias: de investigador atento e persistente a atrevido e impetuoso aventureiro. Agora, nenhum dos dois era medroso.

— Na água, não — advertiu Roç.

— Mas se nunca fomos até lá embaixo! — insistiu Yeza.

— Não faz mal, sei perfeitamente! — Roç mantinha sua teimosia.

— Sei que é perigoso, é como nos afogarmos — Yeza queria tranquilizá-lo. — Por isso gostamos tanto!

— E soltou uma risada clara e divertida em meio à escuridão. — Sobretudo porque ninguém saberá!

Roç tinha alguma reserva:

— Mas temos de dizer a William! É ele que tem de esconder-nos!

— Bobagem! — replicou Yeza. — Primeiro nos escondemos no barco; e quando estivermos em alto-mar, saímos e nos apresentamos a William, e ele terá uma surpresa! Verá como ele ficará contente!

Roç sabia que era impossível opor-se à ela.

— Temos de nos apressar, pois é capaz de ir embora sem nós! Sempre era ele quem tinha a última palavra. As duas crianças puseram mãos à obra.

O Palanquim

Otranto, outono de 1245 (crônica)

Já passava da meia-noite quando partimos. Acabara de acordar quando meu palanquim pôs-se em movimento. Vi que uma jovem entrava em outro e supus ser Clarion, meio-irmã de Hamo ou ao menos a bela filha adotiva da condessa.

Depois lhe estenderam dois pacotes, o que me lembrou a forma como Yeza e Roç tinham saído da cabana da "Loba". Agora que conhecia as crianças, sabia que tinham se negado a consentir que os empacotassem daquele modo. Quando voltaria a vê-las? Eu tinha plena certeza de que aquela não seria a última vez que nossos caminhos se cruzariam. A França ficava muito longe, do mesmo modo que seu devoto rei, e inclusive o Montségur. Se as crianças não tivessem me lembrado — a verdade é que, para elas, a perda da mãe continuava sendo um problema —, eu já teria esquecido disto faz tempo. Eu estava mergulhado numa nova vida, era outra pessoa, que por acaso levava o mesmo nome. De modo estranho estava sob a proteção de Deus, embora lhe servisse menos que nunca antes em minha vida; apenas rezava, já não me preocupava com sua existência e, no entanto, Ele me concedia prazeres que não me provocavam arrependimento algum e que sobretudo me davam segurança.

Pensando bem, de qualquer forma tinha poucos motivos para me mostrar tão seguro. Com toda certeza me esperava uma viagem cheia de percalços, carregada de aventuras que eram ainda uma incógnita. Nossa próxima meta seria Lucera. Lá trocaríamos os soldados da condessa, que agora nos acompanhavam, por tropas da guarnição sarracena, com a finalidade de não deixar Otranto sem defesa.

Os sarracenos nos levariam a Cortona, até onde Elia tinha despachado já instruções para que nos preparassem um breve descanso.

— Então teremos deixado para trás a parte mais perigosa, a travessia dos Abruzos, uma região muito insegura onde os papais e os imperiais atacavam uns aos outros e se entretinham em constantes escaramuças. Os demais portos de montanha que se seguem, ao cruzar os Apeninos e os Alpes, estão certamente em poder do imperador. De momento, não falaremos da insegurança que provoca a atitude dos lombardos! — Hamo havia conduzido seu cavalo junto a meu palanquim logo ao deixarmos Otranto para trás. Tive a sensação de que estava bastante contente de encontrar em mim um interlocutor compreensivo e um viajante experiente, sem se ver obrigado a representar o papel de comandante superior e onipresente que interpretava diante dos soldados sob sua responsabilidade, alguns deles já veteranos.

Havia, ainda, um sargento simples, um velho com aspecto de pirata e pernas tortas, Giscard d'Amalfi, em quem Hamo confiava muito. O normando tinha servido já ao defunto conde como marinheiro, e navegara por todos os extremos do Mediterrâneo antes de jogar a âncora no castelo de Otranto e converter-se em mestre-de-armas da condessa.

— Giscard é um gênio cartográfico; as terras e os desertos estão gravados em sua mente como outros guardam na memória a *Eneida*, de Virgílio; com poucos traços desenha na areia rios, montanhas e passagens, estradas e portos de montanha, e as proporções e distâncias sempre são exatas, você logo o comprovará — elogiava Hamo aquele homem.

De todo modo, rapidamente comprovei que seu defeito era o de se julgar capaz de realizar qualquer coisa

a que se propusesse; qualquer loucura lhe parecia normal, qualquer disparate um convite. A loucura tremulava sobre sua cabeça como uma bandeira e, o que era pior, propagou-se pelo jovem cérebro de Hamo como um punhado de pulgas.

Eu me encontrava numa situação difícil: por um lado, era prisioneiro, e por outro, o destino previra que colaborasse em tudo quanto pudesse nos suceder. Não queria confiar em Hamo, porque seus atos me pareciam determinados por um orgulho doentio e uma vaidade insensata; além disto carecia de experiência para a dura realidade de uma empreitada de guerra. O sargento, ao contrário, era um veterano; a guerra era seu ofício, mas por desgraça buscava aventuras, inclusive ali onde a sorte não as tinha previsto.

Se tivesse conseguido me manter à margem de tudo, teria me sentido como um grão de cereal entre duas pedras de moinho. Deste modo ao menos teria podido crer que meu conselho seria como a água que lubrifica uma ou outra pedra. Mas como decidira não fugir daquela empresa, também não estava disposto a jogar nela o papel de um asno indiferente.

Considerarei que a comodidade do palanquim era um primeiro prêmio por minha atitude positiva. Não me preocupava o resto dos detalhes que se referiam a meu bem-estar pessoal. A vida de um prisioneiro é com toda certeza pior quando se perde a esperança e a individualidade e convertemo-nos em parte de uma massa cinzenta. Mas uma vez superada tal situação, é possível receber respeito e atenção, e então o bom tratamento é, na verdade, uma conseqüência lógica. De modo que eu era perfeitamente capaz de me imaginar passando o resto da vida como prisioneiro especial. Só há perigo quando se apaga o interesse de seus superiores por sua pessoa, porque então deixam que você sucumba inteiramente, inclusive diante da morte; enquanto você pertencer ao exército cinza da massa sem nome, sempre existe a possibilidade de sobreviver. Mas que espécie de vida seria essa?

De madrugada, passamos diante das muralhas de Lecce. Os camponeses que acudiam ao mercado tiravam o gorro para cumprimentar-me...

Um Despertar Ruim

Otranto, outono de 1245

— As crianças! As crianças desapareceram!

A condessa foi arrancada de um profundo sono pelos lamentos e gritos de camareiras e criadas. O sol luzia alto no céu. Saltou da cama, empurrou para um lado as mulheres que se ocupavam de seu vestuário, preparavam o banho e que a ajudariam a vestir-se, e correu para o quarto das crianças. Viu que faltavam as mantas das camas e também alguma roupa.

— Que fazem aí paradas? — gritou para a cozinheira, a babá e a governanta. — Procurem-nas!

Mandou chamar os guardas, mas ninguém tinha visto naquela manhã as crianças. Deixou entrar os soldados nos jardins internos e nas áreas do castelo que em geral lhes era proibido pisar.

Crean apresentou-se; quis despertar Tarik imediatamente, mas a condessa não aprovou a idéia.

— Tenho uma horrível suspeita! — confiou-lhe Laurence quando voltaram a ficar a sós. — Deus quis nos castigar! — O corpo da condessa tremia todo: — Acha possível, Crean, que as crianças, quero dizer, as verdadeiras, tenham sido levadas no lugar das falsas?

Crean sacudiu a cabeça, mas era difícil acalmar Laurence.

— Terá chegado Hamo a ponto de roubar-me não apenas Clarion, como também as crianças?

— De modo algum! Acho que deveríamos perguntar imediatamente às amas encarregadas deles.

Mas o interrogatório trouxe poucas respostas significativas.

Crean chegou à conclusão de que, segundo todos os indícios, quando as crianças foram dormir, na hora habitual, tinham se mostrado extremamente dóceis, como narrou a ama banhada em lágrimas, que sempre os trocava e tentava sem êxito rezar com eles, o que, surpreendentemente, tinha conseguido na noite anterior.

A condessa disse, interrompendo:

— Você ficou esta noite a cargo de tudo. Acha que houve a mais leve possibilidade de que alguém trocasse as crianças?

— Não — respondeu Crean, sem refletir. — Hamo trouxe as crianças a serem trocadas ontem à noite ao castelo. Com o jantar lhes administraram um forte sonífero, e foi ele quem guardou a chave do quarto onde dormiam, e este aposento estava agora vazio!

Laurence estava furiosa consigo mesma por não ter vigiado pessoalmente a partida. Quem controlou as crianças embrulhadas entregues a Clarion quando ela se sentou no palanquim? A condessa tinha observado tudo de uma das janelas!

— Interroguei as cozinheiras que tiraram-nas do quarto de forragens — disse Crean. — Qualquer erro ou mudança teria chamado sua atenção...

— A menos que estejam mancomunadas com...

— ... com as crianças! — Crean teve um momento de inspiração. - Foram as crianças! Adoram William.

Não seria possível que quisessem ir com ele?

A condessa estava furiosa, seus olhos soltavam chispas.

— E quem mais gostaria de ir com esse frade tão feio? Primeiro chega essa horrenda prostituta...

— Espere! — exclamou Crean. — Por acaso essa mulherzinha continua no porto?

— Espero que seu barco tenha partido a toda vela! — resmungou Laurence. Se não, já me ocuparei de que...

— Ao contrário, deve rezar para que ainda estejam aqui! — interrompeu-lhe Crean. — Talvez a solução do enigma esteja aí!

— Guardas! — gritou a condessa, apressando-se em seguir a Crean, que já percorria os corredores em direção à escada que conduzia ao porto. — Por aqui!

Lançou-se na frente de todos, embora ainda continuasse de camisola, mas pelo menos a camareira pôde jogar-lhe um manto sobre as costas. A babá, a camareira e a governanta corriam atrás, excitadas.

Ingolinda tinha dormido bem, e ao despertar em sua cama na carroça guardava uma só esperança: poder abraçar, hoje ainda, William. Embora logo tenha percebido certas dificuldades a serem vencidas.

Não lhe impressionou o fato de, após a partida de William, meia dúzia de soldados entrarem em seu esconderijo, satisfazerem rapidamente seu desejo com ela e depois, imitando seus gestos com brincadeiras grosseiras, a levantarem até colocá-la num caixote e a empurrarem por uma rampa de forragem. Levava suficiente feno no traseiro, de modo que aterrizou calmamente no cais, diante de seu cargueiro. Quantos pequenos obstáculos é preciso superar nesta vida! Mas podia se esquecer deles, pois em nada diminuía a grandeza do seu amor.

Esticou-se e conseguiu sair da caixa. Seus marinheiros a saudavam com um ou outro palavreado indecente; tinham confiança nela e ela lhes devolvia seus comentários com acréscimos. Mas seus pensamentos estavam em William.

Justo quando queria descer do barco ao cais, viu abrir-se um portal na rocha que conduzia à fortaleza e armar-se uma grande confusão.

A condessa saiu apressada da fortaleza e acompanhada por Crean, o único que lhe havia dispensado um tratamento digno; e atrás vinham os guardas e algumas mulheres que pareciam enlouquecidas.

— Onde estão as crianças? — interpelou-a a condessa, furiosa. — Vocês as seqüestraram!

Ingolinda não se deixava atemorizar tão facilmente por uma bruxa velha, embora a expressão da nervosa dama de alta linhagem, vestida apenas de camisola, fizesse com que ela tomasse certas precauções.

— Já que você vem acompanhada de um séquito tão numeroso, senhora condessa, também podia ter trazido William junto!

Laurence teve de fazer um esforço, quer dizer, Crean teve de segurá-la para que não se jogasse na água numa tentativa de estrangular com suas próprias mãos aquela insolente.

— Estamos procurando pelas crianças — tentou explicar Crean, — Talvez elas pensassem que William estivesse com vocês?

Ingolinda parecia não entender o mundo, ou bem se fazia de inocente. A verdade é que para isso mostrava um talento considerável.

— Que crianças? — perguntou. — Eu não tenho filhos. E quanto a William, sabe muito bem que ele não pode estar aqui comigo!

— Isso é verdade! — aceitou Crean. — A verdade é que também não pretendemos ver a ele exatamente...

— Pois eu, sim. — Ingolinda irradiava um forte espírito combativo e agora comprovava que tinha feito bem em não descer do barco.

— Entregue-me William e prosseguimos a conversa! — atreveu-se a exigir.

— Inspecionem o barco! — ordenou a condessa.

Os guardas puxaram as cordas para trazer o cargueiro ao cais, enquanto os marinheiros os observavam sem se atrever a empreender a defesa, até que finalmente o casco bateu nas rochas. Os soldados entraram no barco.

— Não encontrarão nada! — indignou-se Ingolinda, que olhava com calma as manobras e sentia-se muito segura.

— Aqui estão as crianças! — ouviram-se as vozes de alguns soldados que tinham entrado por baixo da cobertura. E pouco depois voltaram arrastando Yeza, meio adormecida, e Roç, que, aborrecido, distribuía golpes para o ar.

Ingolinda levou um bom susto. As crianças foram conduzidas a terra e passaram por uma corrente de braços e mãos até que a babá e a governanta, profundamente envergonhadas, receberam-nas e afastaram-se com elas; então Laurence fixou seu olhar na prostituta.

— Poderia mandar castigá-la com o chicote! Ingolinda retesou o corpo.

— Costumava agir assim quando era abadessa? — respondeu, resistindo ao olhar da outra.

Suas palavras tiveram efeito. Laurence exclamou: — Vá para o diabo! — E voltou-lhe as costas, lentamente. — Faça com que desapareça de minha vista! — dirigiu-se com ar cansado a Crean. Parecia envelhecida em muitos anos. Acompanhada pelas mulheres que ainda a rodeavam, dirigiu-se ao portal da rocha. Ingolinda gritou a Crean em voz tão alta que a condessa não teve outro remédio senão ouvir:

— Não sairei antes de me devolverem William!

E continuou ali com as mãos apoiadas nos quadris. Não é má pessoa, pensou Crean antes de informá-la do que significaria para ela uma grande desilusão.

— William viajou esta noite — explicou. — Não tem sentido esperar — baixou um pouco a voz, porque a mulher lhe dava pena. — Por outro lado, a condessa não duvidará em disparar suas catapultas contra vocês, e lhes asseguro que acertam muito bem o tiro. Embora vocês não percam a vida, poderia afundar o barco com todos os homens que carrega!

Os marinheiros, que tinham também escutado suas palavras, dispuseram-se a zarpar imediatamente. Ingolinda retirou-se chorando para sua carroça de prostituta.

VI – CANES DOMINI

O Lobo Solitário

Castelo do Monte, outono de 1245 (crônica)

Meu palanquim balançava como um barco em alto-mar. Os ginetes açulavam os cavalos; um pouco mais à frente, seguia o outro no qual viajavam Clarion e as crianças. Por um lado eu estava contente de não ter de enfrentar essas criaturas, pois a idéia de tratar seus jovens corpos como se fossem bonecos me parecia indigna e me deixara desgostoso. No entanto, o que ainda mais me enfurecia era o fato de toda essa montagem me impedir de dar uma olhadela na bela Clarion. Hamo, montado em seu cavalo, empenhava-se em dar voltas ao redor de nosso grupo como um cão pastor nervoso cuidaria de seu rebanho de ovelhas, esforçando-se para que a moça não fosse vista por ninguém; as cortinas do palanquim continuavam fechadas. Assim, passamos por baixo dos muros da fortaleza Goia di Colle, quando Guiscard, o das pernas curvas, atrasou-se até emparelhar-se com Hamo e meus condutores.

— Não olhem — disse em voz baixa —, mas lá de cima, da colina, somos observados por um ginete que nos segue há algum tempo. — Mesmo assim, virei lentamente os olhos na direção assinalada e pude ver a silhueta escura de um homem a cavalo, envolto numa capa negra, que observava imóvel como avançava nossa comitiva. Sua estatura era imponente e sua figura irradiava uma aura inquietante. Lembrei-me de que, em meus sonhos mais terríveis, aquele homem já me aparecera alguma vez. Fumaça, fogo? Inconscientemente fiz o sinal-da-cruz.

— Você acha, Guiscard — perguntou Hamo em tom de ironia, pois também havia olhado com os cantos dos olhos para aquele homem —, que um espião do papa se atreveria a entrar em Apúlia, onde sabe com certeza que será dependurado no primeiro galho se cair nas mãos dos soldados imperiais?

— Esse homem não é qualquer espião — respondeu Amalfi. — Usa vestimentas de inquisidor e não parece ter medo de Frederico nem dos outros demônios! — começou a rir. — O senhor queria que chamássemos a atenção; pois bem, já conseguimos.

Olhei mais uma vez para cima e vi que o cavaleiro havia desaparecido. Embora não fosse a primeira vez que atravessava meu caminho - atravessaria ainda outras vezes —, o que eu então não sabia foi que sua imagem sinistra ficaria gravada em minha mente. Se Hamo parecia um cão jovem e nós éramos as ovelhas, Vito não podia ser outra coisa exceto o lobo mau. Mas tínhamos conosco Guiscard, o espadachim de Amalfi que a condessa nos havia cedido, com pesar, para nos acompanhar na missão. Seu rosto coberto de cicatrizes era testemunha das múltiplas e obscuras experiências pelas quais havia passado ao longo de sua vida, e parecia, além disso, que nossa viagem ia despertando nele um interesse cada vez maior.

— Agora deveríamos tomar o rumo oeste — advertiu a Hamo, mas ele não queria seguir seus conselhos.

— Tomaremos o caminho mais breve para Lucera — ordenou ao homem de Amalfi.

— Você tem o comando — comentou Guiscard, e voltou a separar-se de nós. No entanto, enquanto se afastava, disse ainda: — Você está agindo exatamente como espera o inimigo!

Hamo calou-se. Eu quis interceder sem aborrecer-lhe:

— Considere os conselhos deste velho guerreiro como um presente e não como uma humilhação: a fama

sempre será sua! — Minhas palavras surtiram efeito. Hamo fincou esporas em seu cavalo e se pôs à frente de nossa comitiva, provavelmente porque não desejava que suas decisões tivessem qualquer coisa a ver comigo.

Pouco depois, seguimos na direção de Altamura, e no entardecer seguinte chegamos ao castelo do Monte, uma fortaleza que o imperador mandou construir nos bosques de monte Pietrosa, onde possuía um de seus territórios de caça preferidos.

Naquela época eu havia percorrido já grande parte do que constitui nosso mundo, mas poucas vezes desfrutara de uma visão tão esplêndida. O castelo assentava-se sobre uma colina como uma coroa que alguém acabara de retirar de sua testa, e parecia que a qualquer momento o imperador poderia passar ali a galope e recolhê-la com sua luva de caçador, para depositá-la em qualquer outro lugar e desfrutar dela. A fortaleza era, na realidade, um pavilhão de caça fortificado, destinado ao prazer e ao recolhimento; sua forma de octaedro — o oito é o número da perfeição, como me revelou um dia o irmão Humberto — revelava uma harmonia perfeita, ressaltando em cada canto uma torre incorporada ao traçado da muralha. A construção não possuía mais que duas plantas e revelava uma nobre simplicidade, agrupando-se em torno de um pátio interno cuja base continha uma gigantesca cisterna. Mas não eram apenas os detalhes arquitetônicos, as escadas em caracol, o perfeito equilíbrio dos espaços sem adereços que davam exemplo de uma estética pura em suas dimensões e em seu número — quando voltaria a ver uma obra assim? O que inundou meu espírito de devoção ao mesmo tempo que fazia meu coração saltar de júbilo era a nobreza em sua expressão mais pura que aquelas muralhas nos deixavam vislumbrar já de longe.

Anoitecia quando conseguimos subir, depois de obter a permissão um tanto reticente do mestre-de-obras. Subimos pelas escadas que nos conduziam ao alto de uma das oito torres gêmeas. Éramos três: Hamo, eu e o velho Guiscard. Nossos olhos percorreram as colinas da paisagem circundante. Ah voltamos a vê-lo. Debaixo das árvores que circundavam a beira do lago, o cavaleiro pensava que poderia subtrair-se a nosso olhar.

— Nos desviamos demais do caminho — lamentou Hamo. — Tudo para tentar despistar esse anjo da guarda que o papa nos envia.

— É o primeiro passo em direção ao êxito — observou o velho, secamente. — Se se dignar a conceder-me um ou dois copos de vinho, jovem senhor, vou expor meu plano.

A escuridão caía sobre nós rapidamente, por isso descemos até o pátio do castelo onde, entre a guarda do imperador, os ginetes de Elia e nosso grupo de Otranto, os pedreiros e carpinteiros haviam acendido várias fogueiras enquanto acudiam pescadores e camponeses das imediações para oferecer suas mercadorias e começavam a circular as conchas de vinho. Quando, finalmente, desapareceu a desconfiança inicial do comandante, gerada por um mal-entendido acerca de um desvio de rota entre nosso lugar de procedência e nossa suposta meta, ele nos permitiu passar a noite entre aquelas muralhas; inclusive ofereceu a Hamo uma área coberta onde poderíamos nos recolher. Seu amável oferecimento de utilizar parte de seu pessoal para capturar nosso perseguidor foi rejeitado por Hamo com expressão bastante confusa, e como a explicação que deu não parecia de todo satisfatória, intervim e roguei que desistissem de querer dependurar o espião do papa numa das torres inacabadas, embora com isto se perdesse a ocasião de dar uma alegria aos homens do imperador. O comandante lamentou nossa decisão, mas nos ofereceu uma jarra de vinho e retirou-se.

Guiscard parabenizou nosso jovem conde.

-Você fez muito bem em não fazer calar definitivamente a língua que deve dar testemunho de nós em Roma. Possui o talento necessário para ser um grande caudilho!

Hamo sorriu um pouco envergonhado e acrescentei um pouco mais de azeite no lampião.

— Senhor, aceite o conselho de um soldado experiente e leve-o a sério: é um homem que continua vivo, com o que demonstra saber muito bem quando deve expor a cabeça e quando deve aproveitá-la para pensar, ou também para escondê-la debaixo da asa!

— São tempos inseguros — concordou Guiscard, satisfeito com minhas palavras. — Os punhais e as bolsas andam muito soltos!

Hamo convidou-o a expor seus planos, ávido de informar-se:

— Fale, não sairá prejudicado disto!

— Amanhã de manhã poderá enviar nossa gente de Otranto para Lucera, para que dali parta uma companhia de sarracenos em direção a Reiti...

— E nós, ficamos sem proteção? — interrompeu Hamo, impetuoso.

— Ficamos com os soldados de Elia! — O velho fanfarrão não perdia o fio, e devo dizer que a mim também interessava conhecer seus planos. — Amanhã haverá aqui uma troca de guarda, razão pela qual um grupo de soldados imperiais, com suas correspondentes armas, marchará a caminho de Benevent...

— Ah, mas você quer aproximá-los do mar? — Hamo desconfiava do plano, embora a perspectiva começasse a agradar-lhe.

— Você, jovem senhor, deve tomar todo o tempo de que necessite, só eu devo apressar-me, pois quero adiantar-me a você e preparar tudo!

— Vamos sentir sua falta, Guiscard — comentei, e esta era, de fato, minha opinião, pois se ficava sozinho com Hamo, que era como um jovem cão pastor, não sabia que loucuras poderiam lhe ocorrer, mais por indecisão que por desejo de aventura.

— Só tem de seguir meu plano — tentou tranquilizar-me o de Amalfi, e dirigiu-se a Hamo novamente:— Antes de partir, deve ordenar a todos os soldados de sua mãe para que dêem uma batida. Nosso sinistro e desconhecido amigo precisa ter a sensação de que estão à sua procura. Não o pegarão, mas vão, sim, irritar este lobo solitário. Para mim, é suficiente poder escapar em direção à costa sem que ele perceba. Porque, depois de algum tempo, ou mesmo brevemente, nossa sombra compreenderá, com grande desgosto, que foi enganada com um truque, irá livrar-se de seus perseguidores e tentará retornar para junto de vocês...

— E para onde iremos?

— Devem cavalgar em ziguezague por um tempo em direção a Benevent, outros a Salerno, como se desejassem afastá-lo, o que o irritará ainda mais e afetará seu orgulho. Seus nervos ficarão tensos...

— E também os meus! — resmungou Hamo, com um ligeiro tom de desânimo. — Diga de uma vez: para onde iremos?

— Quando tenham alcançado, avançando a trote lento, a cidade de Salerno, se separarão das tropas imperiais, cravarão as esporas nos cavalos e à marcha rápida chegarão a Amalfi. Lá subirão a bordo de novo, em um barco que já estará preparado, e sairemos sem perda de tempo e com toda pressa!

— E acha que com isso teremos despistado quem nos persegue? — objetou Hamo, ainda desconfiado.

— Se essa é sua vontade, jovem senhor — disse Guiscard —, jamais voltará a vê-lo. Estou certo de que as moreias de nossa baía não deixarão nem um pedaço do cavalo nem do cavaleiro para dar testemunho de sua existência. Só depende de nós!

— Parece-me simples demais, e também apressado! — respondeu Hamo, nervoso. — Eu queria deixar uma pista por todo o país para que em Roma gastassem a língua falando de nós...

Os olhos cinza do normando Guiscard adquiriram um brilho especial.

— Agradeço-lhe, jovem senhor, por esse desafio, e o aceito com muito gosto. Neste caso, navegaremos ao redor do cabo de Sorrento e lá nos esconderemos. Nosso amigo alugará o próximo barco que lhe chegue às mãos, uma combinação que, certamente, lhe sairá caro, e empreenderá a perseguição. Navegará até Óstia, sem descansar dia ou noite, pois se verá tomado pelo pânico; tirará a frota papal do porto de Tibre e formará uma barreira entre Civitavecchia e Elba para ter certeza de não pisarmos na Toscana ou escaparmos em direção a Pisa. Além disso instigará as tropas papais ao longo de Casia para que formem uma segunda barreira entre Viterbo e Orvieto, pois suporá, com toda razão, que queremos alcançar quanto antes a região de Perúgia, que é fiel ao imperador, ou então chegar a Cortona, onde também Elia segue as insígnas imperiais...

— E como quer que cheguemos até lá? — indaguei um pouco assustado, pois eu pelo menos conhecia aquelas terras das quais se estava falando, enquanto Hamo jamais tinha passado de Nápoles, até onde acompanhou sua mãe certa vez. Tudo que ficava mais além lhe era tão alheio como o gelado mar do Norte, ou o oceano que se estende atrás de Dchebel al-Tarik.

— Navegaremos pelo Tibre até Roma, até o porto de Ripa, junto à ilha dos Leprosos!

Fiquei sem fala.

— Roma? — Hamo estava admirado, o plano começava a agradá-lo como se fosse fruto de seu próprio engenho. — Passar por Roma! Atravessar a cova do leão!

O velho Guiscard estava mais que satisfeito ao ver que seu plano, no estilo dos velhos vikings, recebia tão boa acolhida:

— Jamais esperariam nos ver por lá, e quando alguém confirmar suas suspeitas, já estaremos a caminho de Rieti, atravessando os montes Tiburtinos!

— Onde os sarracenos nos esperam! — acrescentei, embora fosse apenas para demonstrar que era capaz de seguir o fio da conversa.

— Eles constituem nossa reserva e só deverão intervir se estiverem nos perseguindo. No pior dos casos, será preciso sacrificá-los para alcançar, às escondidas deles, Spoleto, Perúgia e, depois, Cortona!

— Assim será! — ordenou Hamo, convertido num grande caudilho, embora não dominasse absolutamente a situação.

Aquele plano de mestre tinha atingido sua alma. Eu não me sentia inteiramente tranqüilo ao imaginar que devia cruzar os muros do castelo Sant'Angelo. E também pensei na figura sinistra de nosso perseguidor, que não dava a impressão de se deixar enganar facilmente. Em minha oração, incluí uma prece ao Senhor para que o castigasse com a cegueira.

De qualquer modo, a tática do velho corsário amalfitano também me convencia: mostrar o pano vermelho ao touro, irritá-lo, destruir seus nervos até ele espumar de raiva e de impaciência pela boca, diminuindo a agudeza de seus sentidos até que, debilitado, ele passasse a esperar apenas uma coisa: que algo acontecesse, que surgisse alguém a quem pudesse atacar. Uma vez esgotado, também este último impulso sofreria uma estocada, rápida e cortante como um raio de sol. Sua última arremetida acabaria num vômito de bílis amarela, pois o equilíbrio de sua mente já estaria destruído muito antes. Em sua derradeira luta, cometeria erro após erro, enquanto nós recolheríamos, com a cabeça fria e sem sermos mais incomodados, os frutos da vitória. Amém! Fomos dormir.

Despertei à meia-noite ao ouvir vozes que chegavam de fora.

— O imperador! Destituíram o imperador! — Guiscard se aproximou de nós. — O concílio do papa, em

Lyon, despojou Frederico de seus títulos e honrarias. Só que o germânico não se importará com isso nem um pouco... — Voltou a arrastar-se para o canto onde dormia. — São como cachorros que ladram para a lua...

— ... enquanto a caravana segue seu caminho — acrescentou Hamo. — Boa noite, senhores!

Continuei acordado por muito tempo. Não estava tão certo de que aquele fato tivesse pouca importância para nós...

Excomunhão e Condenação

Jesi, outono de 1245

Elia de Cortona não conseguiu reunir uma escolta em Lucera nem pôde formar uma leva nos arredores; encontrava-se privado também de seus próprios soldados. Todos os homens de Apúlia, fiéis seguidores do imperador, permaneciam à espreita em suas fortalezas, à espera dos acontecimentos.

Daí, o *bombarone* uniu-se a um bando que se dispunha a navegar pelo mar Adriático em direção ao norte sob o comando de um dos almirantes de Frederico, para assim garantir o porto de Ancona, tão importante para o império. Ali estariam próximos a uma das fronteiras do patrimônio de São Pedro. O *bombarone*, sem escutar as advertências, abandonou o exército imperial nesse local e seguiu em companhia de uns poucos homens para tentar chegar a Cortona.

Ainda não muito longe da costa, quando estavam exatamente atravessando a cidade de Jesi, apareceu pela rua que desemboca na Piazza della Signoria um grupo de homens armados: tropas papais! Os ginetes formavam um rigoroso círculo em volta da carruagem de um legado do papa.

Enquanto ambos os grupos de homens freavam seus cavalos e seus punhos agarravam a lança e o punho da espada, o legado desceu da carruagem sem mostrar temor algum. Elia o reconheceu de imediato:

— Lorenzo de Orta! — Este, por sua vez, o saudou:

— Meu ministro-geral! — E sem considerar a estranheza provocada entre seus acompanhantes — frades franciscanos e soldados que ostentavam as chaves em seu escudo —, atravessou a pé a praça vazia, dirigindo-se sem mais ao grupo reunido em torno da odiada bandeira imperial.

Elia desceu do cavalo e foi com passos comedidos, sem descuidar da dignidade, ao encontro do pequeno frade. Ambos se sentiram repentinamente inseguros sobre quem devia fazer uma reverência a quem: o humilde frade a seu "ministro-geral" — embora destituído — ou o minorita Elia — embora excomungado — ao legado do Santo Padre, razão pela qual ficaram um diante do outro, entreolhando-se desconcertados.

— Vou a caminho da Terra Santa — Lorenzo rompeu o silêncio e olhou francamente para o rosto de seu interlocutor. - Embarcarei em Ancona.

— Venho de lá, justamente — respondeu-lhe Elia. — E não estou muito certo de que um legado do papa seja bem recebido agora. Este porto está inteiramente nas mãos do imperador!

Lorenzo mostrou uma expressão assustada mas também curiosa a Elia:

-Venho de longe, de Lyon. Estavam esperando-o há dias, e finalmente o excomungaram. Suponho que isto não o preocupa.

Elia não era uma pessoa que demonstrasse sem mais nem menos suas emoções, e muito menos sua perplexidade. Subira ao cadafalso com a mesma expressão melancólica que muitos tachavam de arrogância.

— O papa já tentou no ano passado, quando morreu meu sucessor, o inglês Aimone. Inocêncio convocou rapidamente, julgando ter em suas mãos todo o poder, uma assembléia-geral em Gênova. Naquela

ocasião, ainda teve de aceitar meu pedido de desculpas por escrito...

— Desta vez não houve perdão para o notório amigo do germânico! — Também não é a primeira vez que isso me acontece! — um sorriso triste percorreu os traços finos de Elia.

— Mas suponho que será a última — Lorenzo o consolou. — Desta vez, inclusive, expulsaram-no da ordem!

O *bombarone* indignou-se:

— Ninguém neste mundo pode me tirar a ordenação como sacerdote! Já veremos quem é o melhor cristão...

— O *Pontifex maximus* acha-se no direito de decidi-lo: destituiu o imperador!

Elia respondeu com voz cansada:

— Era de esperar, e, no entanto, me parece uma barbaridade! Mas conte-me o que andou fazendo, Sinobaldo di Fieschi.

— Vejo ah o banco e a mesa de uma taberna — começou Lorenzo. — Deixe que minha voz se umedeça e brinde, embora em voz muito baixa, a Frederico, que comentou toda essa farsa com uma frase perfeita: "Dou as graças a este sacerdote a quem até agora tive de honrar, pois a partir deste momento já não tenho nenhuma obrigação de amá-lo, venerá-lo nem manter a paz com ele!"

— Brindemos por esse mesmo motivo, Lorenzo! — exclamou Elia e, ordenando que os homens de seu séquito montassem guarda em extremos opostos da praça, dirigiram-se os dois sozinhos para a mesa.

— O senhor Sinobaldo fez sua entrada no concílio com toda a *inocentia* de que como hipócrita dispõe quando se trata de impor sua vontade. Não compareceu mais que terça parte dos prelados: os alemães, os húngaros e os sicilianos estiveram ausentes, exceto o arcebispo de Palermo, que acudiu para defender o imperador. À direita do papa se sentaram o imperador latino Balduino, que carece de todo poder; Raimundo VII, de Tolosa, que perdeu seu condado, e o conde Raimundo-Berengar, de Provença...

— ... a quem o senhor castigou dando-lhe quatro filhas, que pretendem ser todas rainhas! — interrompeu o Elia, e levantaram os copos para brindar.

— A sua esquerda — prosseguiu Lorenzo — os patriarcas de Constantinopla, de Aquiléia e de Antioquia...

— Quer dizer que esse barbudo bêbado ainda conseguiu chegar a tempo ao concílio? — O *bombarone* mostrava-se desgostoso, e Lorenzo teve o bom senso de calar-se, ocultando que ele mesmo sentira pena do ancião e o havia acompanhado de Cortona até Lyon. Apressou-se em mudar de assunto:

— O senhor papa pronunciou um lamentável sermão, no qual não se envergonhou de comparar seus sofrimentos com as chagas de Cristo na cruz: os estragos causados pelos tártaros, a cisma dos gregos que, em sua insolência, não reconhecem sua superioridade, o mal da heresia, que pretende saber como deve comportar-se um verdadeiro cristão, e, finalmente, a conquista de Jerusalém...

— Como se não tivesse sido precisamente a Cúria que impediu, e continua impedindo, que o imperador acuda para ajudar a Terra Santa organizando uma cruzada! — interrompeu Elia e Lorenzo assentiu.

— Finalmente, Sua Santidade pôs-se a falar do problema que mais afeta seu coração cego de ódio: a inimizade com o imperador. Como se alguém tivesse aberto as comportas da Cloaca Máxima, caiu uma maré de insultos sobre o germânico: os sarracenos de Lucera! O harém que tem em Palermo! O casamento de sua filha com o imperador sedicioso dos gregos! Uma união que, por certo, atribui-se a sua mediação, Elia.

— Eu sei. Por desgraça, o Vatase, além disso, trata tão mal a menina que Anna deve ter se queixado ao patriarca — concluiu Elia, acabrunhado. — Ser mediador num casamento é muito arriscado, Lorenço!

Os dois franciscanos esvaziaram seus copos com ar preocupado e pediram outra rodada.

— Em todo caso, o papa despertou compaixão; seus olhos derramavam lágrimas e sua voz se viu repentinamente interrompida pelos soluços. O patriarca de Aquiléia tentou defender o imperador, mas o papa irrompeu em gritos e ameaçou confiscar-lhe o anel...

— Bom homem, nosso duque Bertoldo! E nosso juiz do supremo tribunal não fez nada para defender seu soberano?

— Oh, sim! O senhor Tadeo de Suessa fez uma inteligente exposição rebatendo as acusações ponto por ponto; inclusive disparou também contra o clã dos Fieschi, reprovando-lhes a usura e o nepotismo que exercem e que o imperador não quer tolerar, e que ademais são causa de grande escândalo e repúdio entre ingleses e franceses. Deste modo, Tadeo conseguiu interromper as deliberações do tribunal...

— Disse-o bem, Lorenço: um sacerdote corrupto e ávido de poder se atreve a julgar o imperador!

— Por desgraça, nosso senhor Frederico continua sem levar a sério esse assunto, porque, se o fizesse, teria acudido com todo seu exército desde Turim e teria afugentado esse enxame de moscas nojentas! Certamente o papa temia uma ação desse tipo, e a verdade é que lhe dá medo a possibilidade de terminar como um mártir!

— E não deve acabar assim! — retrucou Elia. — Um homem dotado de uma mente tão mundana como o senhor Sinobaldo deve julgar todo esse assunto dos santos uma aberração. Com certeza teria mandado à fogueira nosso querido são Francisco, acusando-o de herege!

— Também considerou herege o imperador quando o concílio recomeçou suas sessões e derramou de novo suas lágrimas. O senhor Tadeo lhe ofereceu garantias de paz, indenizações, uma cruzada organizada pelo imperador, mas não serviu de nada: os papais haviam se reunido com o objetivo de destruir o "Anticristo"! Sua tenaz obstinação lhes fez descer as tochas, apagá-las sobre o pavimento de pedra e declarar Frederico destituído e despojado de todos os seus cargos e honrarias!

— Que triunfo para todos os inimigos do império e da cristandade! Que espetáculo lamentável! — comentou Elia, comovido e furioso.

— Eu me encontrava em Turim com Mateus de Paris quando transmitiram a mensagem ao imperador. Estava fora de si, pediu aos gritos sua coroa e a pôs na cabeça: "Fui bigorna por muito tempo!", exclamou, lançando à sua volta olhares que inspiravam temor. "Agora quero ser martelo!"

— De fato — interveio Elia —, agora haverá sangue por todo lado, pois quem poderia despojá-lo de seu poder imperial! Preciso seguir de imediato a Cortona e...

— Ontem passamos por lá — comunicou-lhe Lorenço — e Gersenda fez-me saber que a comuna, apesar da inimizade que tentam semear para com sua pessoa em todos os corações, concedeu os fundos necessários para adquirir o terreno destinado à construção de um monasterio e da igreja de são Francisco...

— Até que enfim uma boa notícia em dias tão desafortunados! — exclamou Elia, e esvaziou o copo. — Não vou perder tempo...

Mas Lorenço o reteve.

— Espere! Gersenda me disse também, e acho que seu temor se justifica, que seria melhor que você não aparecesse em Cortona por um tempo; em torno da cidade estão se instalando os papais de Viterbo, e a ela preocupa que talvez o que estejam buscando seja sua cabeça, por ordem do cardeal Rainiero de

Capoccio. — Lorenço lançou um olhar cheio de cominação para o pequeno grupo de soldados que o *bombarone* levava para sua proteção. — Fariam melhor voltando para Ancona e esperando lá...

— Meu lugar nesta hora é ao lado do imperador! — argumentou Elia, embora sua determinação já não fosse a mesma; não se sentia herói. Depois continuou com insistente entusiasmo: — Neste momento, o mais importante é defender Frederico diante de nossos irmãos, para que não caiam na tentação de envolverem na campanha de aprisionamento do excomungado. Com muito prazer seguiria seu sincero conselho, Lorenço. — E concentrando-se em seu verdadeiro objetivo: — E se deixasse por um momento de lado sua missão papal e acudisse ao norte, a Lombardia, a essa terra rebelde, para visitar os monastérios de nossos irmãos franciscanos e falar-lhes *pro imperatore*...?

— *E pro Elia* também? — sorriu o pequeno frade, mas o *bombarone* o interpretou mal:

— Também no sul da Alemanha haveria uma tarefa de suma importância para você, a de fazer com que nosso irmão Pian de Carpine não marche para o leste antes de William de Roebruk o alcançar. Certamente já chegou este a Cortona?

— Nada sei dele — respondeu Lorenço. — E não me atrai a idéia de cruzar os Alpes. — Pondo-se de pé, prosseguiu: — Levarei nos ombros a responsabilidade de fazer-me, durante certo tempo, de missionário na Itália em favor de você e da boa causa do império, mas o farei tomando minhas precauções — sorriu ao minorita —, porque se não tiver cuidado também me alcançaria a excomunhão, se o papa chegasse a saber que descuido de meu mandato...

Elia deu-se por satisfeito com o resultado da conversa. Esteve a ponto de abraçar Lorenço, mas ambos lembraram dos olhos vigilantes e atentos de seus séquitos e desistiram de qualquer gesto de confraternização.

Lorenço falou ainda, ao afastar-se:

— Além disso, William já não podia alcançar a Pian, pois este deveria partir de Lyon imediatamente depois que eu saísse! Você deveria convencer William de que é uma insensatez querer cruzar os Alpes em pleno inverno!

— Os caminhos do Senhor são... — Elia engoliu o resto da citação porque Lorenço já estava muito longe, e também não sabia se deveria pesar a Deus com a responsabilidade de semelhantes assuntos terrenos... Que William fizesse o que melhor lhe parecesse, pois o importante não era a meta — que por certo não existia — senão a confusão que ia armar sua comitiva. E se esse desgraçado camponês de Flandres desaparecesse para sempre sepultado pela neve, também seria por vontade de Deus!

Enquanto a tropa do legado seguia, de fato, como pôde observar Elia com satisfação, para o norte, ele continuava ainda indeciso na praça do mercado de Jesi. Lembrou-se, e o fez com um ligeiro estremecimento, de que há mais de meio século ali nascera Frederico, numa tenda rapidamente montada: *Stupor Mundi!* Teria ultrapassado seu zênite o astro mais deslumbrante de sua época? Poderia atrever-se ele, Elia, a continuar fiel ao lado de seu imperador, inclusive no ocaso de seu poder, ou chegara o momento de fazer as pazes com a Igreja, fosse qual fosse a situação deplorável em que esta se encontrasse, fosse qual fosse o grau de indignidade do sacerdote que a presidia?

Lembrou-se da construção da igreja iniciada em Cortona. Não era esta obra também um sinal de reconciliação e não somente de obstinação, como tentavam fazer acreditar seus inimigos? Elia tinha envelhecido e não sabia quantos anos lhe seriam concedidos ainda. Mais que a anulação da excomunhão, preocupava-o conseguir terminar a casa dedicada a Deus que, além disso, devia representar um cofre digno para a relíquia da Santa Cruz que trouxera de Bizâncio. E, sobretudo, devia ser símbolo de sua adesão a São Francisco demonstrar ao mundo nascente, já que não podia demonstrar à humanidade

insensata com a qual lhe foi dado viver, que o irmão Elia e o *santo poverello* eram inseparáveis. Agora mesmo teria gostado de prosseguir viagem em direção a Cortona, para certificar-se do andamento das obras, mas lhe faltava coragem. E também não queria encontrar-se de forma alguma com William — de quem estava certo que levava a *iella* na frente como se fosse um terceiro olho, um *mal'occhio!* Não desejava em absoluto que alguém o visse em companhia daquele sapo gordo que tudo quanto sabia trazer era azar. A perdição alcançaria o infame frade com seus falsos "filhos do Graal". Elia já não queria ter qualquer relação com esse assunto!

Esta última conclusão foi a definitiva. Deu meia-volta e regressou a Ancona.

O Amalfitano

Amalfi /Roma, outono de 1245

Vito de Viterbo não pregara o olho durante toda a noite. Havia muito nervosismo na obra do castelo do Monte. Quanto teria gostado de esgueirar-se para o interior do edifício e provocar ah um incêndio, somente para dar um desgosto ao odiado germânico! Mas conteve-se. De qualquer forma, Frederico não pudera desfrutar muito do castelo nos últimos tempos, embora tenha ordenado que fosse revestido por dentro de mármore rosa, o enfeitasse com tapetes valiosos que seu amigo sultão lhe enviara e o enchesse de estátuas pagãs que sua frota recolhia para ele no fundo do mar. Já passaria a vontade, a esse Anticristo, de divertir-se caçando o falcão ou passeando com as damas de seu harém! Vito queria ferir o imperador onde era mais vulnerável: lhe roubaria os filhos, os filhos de seu próprio sangue! Assim obrigaria o herege a se ajoelhar, o Anticristo... Vito via a si mesmo poderoso diante de seu pai. Os bastardos do germânico que se achavam presos nas mais profundas masmorras do castelo Sant'Angelo seriam reféns muito úteis em mãos do "cardeal cinza"!

O ódio o mantinha acordado, embora seus olhos ardessem de cansaço, e Vito os dirigia fixamente em direção à silhueta noturna do castelo do Monte, e quanto mais a olhava mais lhe lembrava da construção de uma prisão e mais gostava do que via. De madrugada, um grupo desorganizado saiu cavalgando do castelo e dirigiu-se para o sul, o que Vito considerou um simples truque. Não podia saber se eram soldados desertores de Hamo que, depois de terem ouvido as terríveis notícias da destituição do imperador, puseram-se de acordo com seus comandantes para não continuar de nenhum modo em direção a Cortona, senão voltar pela via mais rápida e colocar-se à disposição de Elia, pois sabiam que ele se dirigia a Lucera. Para que Hamo não lhes comunicasse uma ordem diferente, ou seu pessoal não lhes impedisse de marchar, preferiram não perguntar antes e afastaram-se rapidamente.

Também Hamo considerou que a fuga daqueles homens para o sul parecia um engano consciente, mas era orgulhoso demais para modificar "seu" plano por esta causa. Guiscard insistiu para que ele pelo menos conservasse a seu lado os homens de sua mãe, mas o jovem conde se apresentou diante da tropa formada e exclamou em voz alta:

- Aquele que quiser ficar comigo, que dê um passo à frente. O resto pode voltar para casa, tal como lhes tinha prometido!

Além de Guiscard, apenas oito homens decidiram segui-lo. O amalfitano conseguiu pelo menos convencer Hamo para que enviasse um grupo a Lucera para dar o aviso, e fez prometer ao resto que, antes de voltar para casa, perseguiriam o espião do papa que, como todos sabiam, há dias os seguia. De modo que partiram um tanto desorganizados, e sem um comando efetivo, dispuseram-se a encontrar Vito.

Sem que lhe custasse sequer um leve franzir das grossas sobrancelhas, o velho lobo não demorou muito em colocar uma armadilha a um de seus perseguidores, a quem arrancou do cavalo e jogou ao chão. Com a faca na garganta, o homem deu toda a informação de que Vito precisava; por outro lado, ele sabia já que naquele dia seria substituída a guarda do imperador por gente vinda de Benevento. Só lhe faltava inteirar-se do aviso enviado aos sarracenos de Lucera."Rieti"!

bufou o homem, antes de Vito cortar-lhe o pescoço.

Quando retornou, com muitas precauções, ao castelo do Monte, o local já estava abandonado. Reprimiu seus desejos erostráticos de colocar a tocha na obra semi-acabada, deu meia-volta com seu cavalo, e numa cavalgada sem igual, forçando ao máximo, cruzou quase toda a Itália até Viterbo, deixando Roma de lado.

Em Viterbo, tomou sob seu comando a guarnição dos Capoccio, e com um exército formado às pressas dirigiu-se numa marcha forçada pela via Salária aos montes Reatinos para preparar uma armadilha contra os sarracenos fiéis ao imperador que estariam chegando procedentes de Lucera.

Vito acreditava firmemente que as crianças e o frade William acompanhavam os sarracenos. O inimigo queria fazer-lhe crer que se dirigiriam para o mar, porém o mais lógico era que a partir de Benevento tomassem a estrada para o norte, que conduzia diretamente, passando por L'Áquila, a Rieti. O soldado de Otranto não havia mentido; a direção coincidia, embora os dois grupos tenham se encontrado bem antes para depois empreenderem juntos a aventura de atravessar para o norte. O lobo podia esperar, e ficou esperando...

Mas os sarracenos não apareceram. Quando os mensageiros de Otranto, a caminho de seu castelo, chegaram a Lucera, a notícia da destituição de Frederico já os tinha precedido. O comandante teria gostado de fazer um favor à condessa lembrando de sua antiga camaradagem, mas considerou que desta vez não era prudente manter suas tropas reunidas e ficar à espera das instruções do imperador. E assim daria aos de Otranto uma resposta negativa, dizendo-lhes o quanto lamentava.

Vito reforçou sua vigilância. Sem avisar ao cardeal nem ao castelo Sant'Angelo, remanejou uma parte da frota papal do porto de Óstia para que esta patrulhasse ao longo da costa, em direção ao norte, tal como havia previsto Guiscard. Viterbo também distribuiu o exército papal sobre uma extensa linha, e para evitar que seus inimigos cruzassem a montanha por estradas secundárias adiantou suas tropas avançadas até o lago de Fucino e os flancos dos Abruzos. Mas não descobriu pista alguma nem lhe chegou o menor rumor sobre os sarracenos nem sobre as crianças; nada absolutamente...

O pequeno grupo procedente de Otranto tomara outro rumo. Quando Guiscard se deu conta de que seu inimigo já não o estava perseguindo, ficou com Hamo e assumiu o comando dos sete homens que haviam decidido permanecer com eles. Separaram-se das tropas imperiais, que seguiram pela via Ápia até Benevento, e tomaram rumo direto à costa.

Em Amalfi acabara de chegar, procedente da Terra Santa, uma frota oriunda de Pisa, cujos comandantes mostravam-se indignados com o tratamento concedido a seu imperador no concílio de Lyon. Embora as duas Repúblicas marinhas tivessem brigado mais de uma vez entre si no mar Tirreno, pois os normandos de Amalfi eram considerados vikings, quer dizer, piratas, pelos pimenteiros de Pisa, e os pisanos, por sua vez, eram tachados de cabreiros sardos, como donos da ilha de Sardenha, nenhuma das duas queria ficar atrás na hora de manter-se fiel ao imperador. Os cônsules da cidade e o almirante de Pisa rapidamente entraram em acordo. Quando Guiscard se apresentou, bastou dizer umas palavras sobre uns "filhos de sangue imperial", e já não se falou de um único barco: apenas dos que não podiam participar do ataque a Roma.

Enquanto Clarion vigiava as crianças, pois todos queriam tocar os "infantes imperiais", as embarcações se prepararam para partir: primeiro as maiores, depois as menores. Hamo, Clarion, as crianças, William e Guiscard permaneceram juntos, enquanto o resto dos homens de Otranto se distribuía entre os barcos amalfitanos. Assim partiram a toda vela...

Vito, o lobo faminto, continuava a perseguição nas montanhas de Rieti vigiando o porto que conduz à

Umbria. Quando chegou a seus ouvidos o rumor de que Elia havia ancorado em Ancona apoiado por um grande exército, refletiu se não seria melhor renunciar à empresa, embora sem ter alcançado sucesso ou fracasso, antes de ver cortada sua comunicação com Roma — era de supor que o *bombarone* só quisesse garantir seu patrimônio de Cortona.

De qualquer forma, ele sabia que as crianças não o acompanhavam; pelo menos seus espiões não tinham lhe dado notícias a respeito. Em seu entender, sim, havia a possibilidade de que os levasse consigo: do castelo do Monte podia-se chegar na garupa de um cavalo em dois dias, embora apertados, à costa asiática perto de Ádria: ali o traidor Elia podia ter tomado a seu encargo as crianças. Neste caso, ele, Vito, fora bobo, enganaram-no como os pícaros da cidade com seus inumeráveis truques podem enganar a um rude camponês! Mas agora já não podia cortar o *bombarone* o caminho para Cortona, ainda mais que em Umbria não moveria um dedo para ajudar aos papais. Muito pelo contrário! Ali eram todos criminosos a soldo do imperador, gente sem lei!

Enquanto Vito meditava, aproximou-se um mensageiro coberto de sangue que ostentava as cores do Capoccio: Roma foi atacada! Os de Pisa tinham incendiado o resto da frota que ficara no porto de Óstia e agora perseguiam costa acima aos barcos que navegavam ainda sob bandeira papal! Os piratas normandos, por sua vez, entravam pelo Tibre e ameaçavam chegar até o castelo Sant'Angelo! A população fugia aos bandos da cidade e a Cúria tinha se entrincheirado no castelo! Vito começou a berrar para reunir o seu exército enquanto imaginava como o cardeal, que na ausência do papa gostava de rezar a missa em São Pedro, se veria obrigado a correr através do burgo segurando o hábito para refugiar-se na fortaleza. Sem frota e sem exército, a cidade ficava à mercê do inimigo, e tudo isto porque ele, Vito, perseguia como um cão raivoso a não se sabia bem que crianças hereges ou imperiais, por mais que se soubesse que o imperador, ele mesmo um bastardo, engendrava tantos filhos como o permitia seu maldito membro circuncidado.

Não, assim não podia apresentar-se de forma alguma diante de seu pai. Teria de forçar o encontro; a cabeça cortada de Elia e os corpos dos infantes atravessados por uma lança eram o mínimo que poderia pôr aos pés do cardeal antes de expor suas costas nuas às chicotadas, mais que merecidas.

Coordenou os preparativos para seguir em direção ao norte quando outro mensageiro ordenou-lhe que regressasse a Roma imediatamente...

A Grande Maîtresse

Castelo Sant'Angelo, outono de 1245

O senhor Rainiero de Capoccio, cardeal e diácono de Santa Maria in Cosmedino, celebrara a missa em São Pedro, uma prerrogativa a que ele se arrogava cada vez que o Santo Padre não estava *intramuros*. Estava concedendo a bênção a alguns paisanos vindos de Viterbo para apresentar-lhes as boas-vindas quando ouviu os primeiros gritos diante da basílica.

Imediatamente pensou em Frederico. O imperador havia invadido a cidade — ele mesmo ou Enzo, o seu louco bastardo! Deixando de lado sua dignidade, dirigiu-se apressadamente para a entrada no muro do burgo, o corredor reforçado que facilitava a fuga dos papas e conduzia diretamente ao castelo Sant'Angelo. Recolhendo suas vestes de cardeal, percorreu céleremente a passagem sobre os telhados, e só quando sentiu que estava protegido pelo castelo atreveu-se a olhar por uma das ventanilhas.

Dali pôde ver na curva do Tibre a sombra fantasma das amplas barcas dos piratas, e também o fogo e a fumaça que saíam das margens e que chegava ao hospital Espírito Santo. Os invasores não encontravam muita resistência; aproximavam-se e já os fugitivos saíam correndo e gritando pelas ruas. O cardeal não perdeu mais tempo, atravessou a passo acelerado a sala do mapa-múndi e chegou até o anel inferior de defesa. Ali comprovou que estavam carregando as catapultas e que os arqueiros ocupavam seus postos, de modo que pôde refrear um pouco seus passos e chegou finalmente, embora lhe faltasse o ar, pois, afinal, já não era tão jovem, às escadas altas que conduziavam aos seus aposentos particulares.

Uma vez lá, tirou o ornato e vestiu a batina cor de antracito, mais confortável, diante da qual todos sentiam medo e sobressalto. Também este detalhe era bastante confortável para ele! Na verdade, os guardas não tinham permissão para circular na parte superior da muralha, pois detestava ver os soldados olhando fixamente para o pequeno pátio onde ele, embora só pudesse desfrutar disto em raras ocasiões, gostava de passear envolvido em suas meditações. Agora, no entanto, tranqüilizava-o ver que no alto da muralha havia gente armada, mas depois olhou o pátio, o "seu" pátio, que ninguém tinha permissão de entrar!

Viu um palanquim preto.

O "cardeal cinza" sentiu-se repentinamente enjoado, e até teve frio. Será que "ela" já havia tomado o poder no castelo, será que já estariam preparando para ele o lugar do suplício? Aquela mulher só podia ter chegado para presenciar sua execução.

Arrumou o corpo. Sabia que todos esperavam que ele se mantivesse digno, mesmo em sua hora derradeira. Não era ele ainda que mandava no *tumulus* de Adriano?

Ao diabo com os gestos heróicos! Não queria morrer! Com expressão compungida, tornou a olhar para baixo. Mas não viu nem a escolta dos templários nem o carrasco, e seus soldados, que vigiavam das ameias, só se preocupavam com o que estava acontecendo no Tibre.

O cardeal lembrou que muito próximo ao palanquim havia uma escada de pedra esculpida no muro, que, em seu tempo, servia para descer das ameias para o seu pátio. Ele mesmo tinha mandado bloquear a porta para que nenhum dos guardas pudesse utilizá-la e incomodá-lo com sua presença. No meio da escada havia um acesso secreto, de modo que seria possível aproximar-se sem que a mulher pudesse

pegá-lo.

Arriscou um último olhar para baixo. As cortinas do palanquim estavam abertas; nada se movia ali, mas ele sabia que "ela" estava lá dentro esperando-o. Esperar era uma parte importante de seu inquietante poder.

O cardeal seguiu diretamente de seu aposento para os corredores, reservados inteiramente para ele, embora naquele momento já não estivesse tão certo de que fosse assim, e pela primeira vez teve, ao esgueirar-se no escuro, uma fugaz impressão do temor que a própria figura do "cardeal cinza" despertava nos demais. Pisou na escada e um odor insuportável lhe chegou às narinas. Não imaginara que os guardas tivessem transformado aquela descida cega na privada mais próxima. Maldizendo a si próprio, desceu pisando em excrementos até chegar ao lugar onde uma abertura revelava a antiga saída. O hábito lhe cobria o rosto como uma máscara, embora tivesse preferido que cobrisse mais o nariz, e apoiou-se o quanto pôde na fresta para se debruçar.

O pano negro mexeu-se um pouco. A pessoa que ocupava o palanquim mostrou-lhe brevemente, tal como ele havia esperado, o báculo, e depois pôde ouvir sua voz:

— Rainiero de Capoccio — o tom era de censura —, me vem um cheiro horrível de onde você está. Sente-se enjoado a ponto de querer falar comigo da sua privada, ou deseja me mostrar qual é o ambiente em que costuma circular?

— Eu não tenho cheiro de nada! — respondeu o cardeal com firmeza. — E, além disso, prefiro não ser visto!

— Não ser visto em minha companhia?

— Não, porque aquele com quem está falando agora não existe em sua forma visível...

A mulher adotou um tom de ironia.

— Ah — disse —, *lo spaventa passeri!* O fantasma cinza do castelo Sant'Angelo! E o venerável senhor de Capoccio? O pássaro podia ter voado se não preferisse sujar as calças apenas porque uns piratas amalfitanos tentam subir a remo pelo Tibre fazendo um esforço gigantesco. Não tema, o castelo não pode ser conquistado de fora; só pode ser arrebatado de dentro, como a faca que entra no ventre do caranguejo!

— Pode ironizar o quanto quiser, você está em minhas mãos! Uma palavra minha e os arqueiros lá de cima atravessarão com suas flechas cada um dos cavaleiros de sua escolta, como a são Sebastião, e sua cabeça será...

— Está cometendo um duplo erro: da Hidra sempre sai outra cabeça, e por cima da sua estão dois de meus homens dispostos a arrancar da catapulta mais próxima um caldeirão de fogo grego e lançá-lo pela fresta onde se esconde! A verdade é que tinha imaginado uma conversa um pouco diferente, um reencontro que parece não sê-lo, e isto depois de tanto tempo!

— Eu ainda não sabia quem era você; agora sei...

— Saber não o fez assimilar a razão.

— Saber poucas vezes proporciona maior razão, mas em contrapartida fornece segurança; sei quem falou de você em seu leito de morte...

Desta vez ela o interrompeu com aspereza:

— Embora o soubesse, não deveria falar. Se tivesse falado, há tempos que seria um homem morto!

— Pois deixe que falem os mortos: quando o rei Filipe sentiu que morreria, o Delfim mandou uma

delegação à Itália, a Ferrentino, para que lá fosse testemunha da reconciliação entre o papa Honório e Frederico. O imperador naquela ocasião prestou um de seus repetidos juramentos de organizar uma cruzada, e os franceses renovaram o antigo acordo da casa dos Capeto com os Hohenstaufen germânicos.

A delegação do rei ia encabeçada por uma dama da mais antiga e rançosa nobreza de França, uma viúva na flor da idade. Viajava num palanquim preto, escoltada por cavaleiros templários, e seu nome e sua figura permaneceram ocultos para a maioria dos assistentes...

— Um nome é como a fumaça que se dispersa e se esquece.

— Mas não se esquece uma carne que está em plena maturidade. A mulher era loura, desse louro-prateado que a nós, romanos, deixa loucos, e atraente: uma dama cuja posse e domínio representam um desafio a qualquer homem. Mas o objetivo dessa mulher era ambicioso e firme. Seu encontro com o imperador, que no ano anterior tinha perdido sua esposa, a imperatriz Constance, teve suas conseqüências, sem dúvida intencionais: a dama procurou com toda sem-vergonhice ficar grávida do imperador, embora se tivesse negociado ali mesmo, no encontro de Ferrentino, o próximo matrimônio do lascivo Frederico com a menina Iolanda de Brienne, futura rainha de Jerusalém. Nem a presença do padre, Jean de Brienne, nem a do patriarca da Terra Santa, nem a do legado papal Pelágio, nem a do grande mestre da Ordem Hospitalaria ou a da Ordem Teutónica, que por certo foi quem maquinou aquela vergonhosa boda, foram um impedimento para que o casal de amantes, Frederico e...

— Antes que você perca a compostura, devo corrigir-lhe num detalhe: fui eu quem convenceu Frederico a se casar com a pequena Brienne!

— Como acreditar? Quer convencer-me de que não desejava você mesma a mão do imperador?

— Que sabe a Igreja da importância que tem o sangue! Não é capaz de pensar nas necessidades dinásticas, nem de agir em conformidade.

— Se preferir, digamos que a dama regressou depois de conseguir que sua empresa fosse coroada de êxito. Sua filha natural foi entregue às freiras e educada no convento de Notre-Dame de Prouille com o nome de "Blanchefleur". Deseja escutar algo mais?

— Sei que você seguiu a linha até chegar a meu neto, com a pior das intenções certamente. E mesmo que fique surpreso, posso garantir-lhe que isso me tranqüiliza!

— Por acaso pretende nomear-me anjo da guarda do herdeiro de Carcassone?

— Sua herança é muito maior! Você velará por seu bem-estar até o fim de seus dias. Mas isso, certamente, não o livra das culpas do passado, com as quais você já é merecedor do Inferno! Sente-se confortável onde está, Eminência?

—Você sabe onde estou.

— Falemos agora do caminho tomado por quem assassinou nada menos que um papa: vamos a Perúgia! Inocêncio III morre, de repente, de uma embolia, e o conclave não escolhe para sucedê-lo seu mentor Ugolino, mas o velho Honório. Este não demora nem um segundo em promover o assassino ao posto de cardeal e em tomar precauções para o resto da vida. Morreu na cama, certamente.

— Isso é o que você pensa! — riu o "cardeal cinza" protegido pelo rosto coberto.

— Será que o grande Inocêncio não atacou com bastante contundência, no seu entender, ao odiado imperador?

— Acabou amolecendo.

—Veio em seguida o papado de Ugolino, que assumiu o nome de Gregório IX, um homem cuja alma era

gêmea da sua falta de escrúpulos. Quando faleceu, o que suponho tenha conseguido sem a sua ajuda, o conclave cometeu o erro de eleger o cardeal-arcebispo de Milão, Godofredo de Castiglione, um homem que adotava uma atitude aberta na disputa com o imperador. Levava a tiara na cabeça há apenas duas semanas quando seu veneno fez efeito, e a cristandade, comovida, saudou em Sinobaldo de Fieschi o novo papa, entronizado com o nome de Inocêncio IV. A este, que prazo concede?

— A mim não incomoda.

— Eu sei, e por sua *vita sicarii* vê-se que a única coisa que lhe interessa é a destruição do imperador germânico. Em certa ocasião quase o conseguiu — a voz da mulher atrás da cortina não viu inconveniente em soltar um risinho. — Certamente acharia estranho que eu não tivesse me fixado em tais detalhes; a realidade é que os guardo muito bem na memória. Quando soube que o *venefex* estaria presente, vi que meu projeto perigava. Por acaso ocorreu que, pouco antes de sair de França, uma senhora nobre do Sul rogou-me que a levasse comigo na qualidade de dama de honra. Era uma mulher extraordinariamente familiarizada com a extração e o uso de ervas curativas e o preparo de beberagens de todo tipo, inclusive era capaz de reconhecer de imediato qualquer veneno. Era uma pessoa de boa altura, de uma beleza áspera, uma mulher forte que irradiava uma sensualidade animal. Ficamos confidentes.

— Que pode saber você de mim? — perguntou, desconfiado, o cardeal.

— Imaginei que o especialista em venenos da Cúria fosse um ancião rabugento, e me surpreendi ao conhecer o romano apaixonado a mim apresentado no encontro de Ferrentino. Um conquistador! Seus olhos me desnudavam e eu me prestei ao jogo. Naquela noite, da qual Vossa Eminência deve ainda lembrar-se, mesmo que seja de má vontade, achou que a porta do meu quarto estava aberta, mas ali só estava minha dama de honra, que esperava de bom grado sua investida enquanto a essa mesma hora eu descansava perto de Frederico. Ainda é preciso dizer que seu desejo ardente não se compadecia bem..

— Ria, aquela mulher não parava de rir! — gemeu o cardeal, acalo-rando-se cada vez mais à proporção que aumentava sua raiva. — Atirou-se em cima de mim como um guerreiro!

— Era seu modo de ser, franco e aberto, e escutei-a contar que sua resposta foi bem mais pobre. *Pourquoi cet éjaculation précoce? Votre coq ce préconisait plus?* Como é que você não a reconheceu? Homens miseráveis! Ela estava muito disposta a recebê-lo, pois a virgem se apaixonou pelo primeiro que a possui, embora poucas vezes esse o mereça! Esperava que vocês se aproximassem, e não só isto: estava preparada inclusive para remediar uma gravidez, mas não para a circunstância de que você já não a reconheceria.

— Saiu chorando do quarto — grunhi o cardeal com voz opaca —, mas juro por tudo o que há de mais sagrado: continuo sem entender o que se passou, do mesmo modo que não entendi nada lá em Ferrentino. Não sei do que está falando e a que se refere!

— Deveriam emparedá-lo vivo aí onde está agora mesmo, para que tivesse tempo de se recordar. Lembre-se da Casa do Senhor em 1207. O jovem monge cisterciense de família abastada — uma nobre família de patrícios romanos, os verdadeiros senhores de Viterbo — participa da conferência no castelo de Pamiers. A grande Esclarmonde, sacerdotisa do Santo Graal, e por ser irmã de Parsifal, famosa protetora dos cátaros, tinha organizado os convites para tal debate. Você chegou em companhia de Domingo de Guzman, dado que o exemplo de pobreza, austeridade e castidade que este preconizava era coisa admirada naquele tempo.

"No castelo de Pamiers, vivia na qualidade de hóspede uma parente distante de Esclarmonde, uma menina de treze anos. Foi fácil seduzi-la, pois prometeu-lhe que abandonaria o quanto antes a batina, e suponho que se o tivesse feito teria respondido melhor à sua autêntica forma de ser, Rainiero de Capoccio. Também prometeu levá-la como sua noiva ao castelo de Viterbo. Mas tendo voltado a Roma,

onde sempre tem a mesa posta — embora, diga-se de passagem, precisasse voltar rapidamente, afugentado por um Domingo furioso por comprovar que alguém de seu séquito caíra em pecado —, uma vez novamente em Roma esqueceu-se da moça. Espalhou por toda parte que Vito, seu filho, era filho de uma criada...

—Vai querer negá-lo? — a voz do cardeal era incisiva.

— Seu bastardo é filho de uma herege, e você sempre soube disto!

— Prove-o!

— Quer saber quem trouxe a criança a Roma e a deixou diante da porta? Foi o mesmo Domingo, que possuía um sentido muito agudo do que deve ser a justiça terrena. Desse modo Vito foi educado dentro da ordem, e converteu-se no que é agora: *canis Domini!* O cão do Senhor!

— Tudo isso você está dizendo, mas afinal não é nada de tão estranho: quantas moças não foram abandonadas por monges jovens depois de serem suas amantes!

— Mas há poucos cardeais que tiveram um filho com uma herege! E para você se acalmar a esse respeito: tudo o que estou lhe dizendo está escrito e registrado no Documentário, num lugar que você nunca descobrirá, e que Mateus de Paris também não conhece!

Do peito do cardeal escapou um suspiro cheio de raiva impotente: —Aquela bruxa! Se a tivesse reconhecido, teria torcido seu pescoço...

— Não a reconheceu e foi ela que impediu que você envenenasse Frederico em Ferrentino. O remorso por seu falojá que cuidava muito de sua fama de amante irresistível, fez com que desenvolvesse uma relação de mútua confiança com minha dama de honra, que ganhava de presente piscadelas e bajulações, e assim ela chegou a gozar do privilégio de que todas as bebidas servidas ao imperador passassem por suas mãos. Conseguiu, pelo cheiro, detectar a presença de um veneno finíssimo e mortal, quando a taça já havia passado pela censura do provador imperial, e foi então que ela tropeçou e perdeu a chance!

— Ninguém pode me acusar de ter tentado matar Frederico, pois a intenção não vale. E também é preciso dizer que a Igreja, hoje em dia, seria capaz até de me canonizar por um motivo desses! No entanto, gostaria de saber: quem foi essa pequena bruxa do castelo de Pamiers? Não consigo lembrar seu nome.

— Nunca perguntou por ela! Ela, ao contrário, jamais perdeu a esperança de ver outra vez seu filho; pensava que ele poderia estar com você. Bem, evitaram-lhe esse espetáculo. Depois da capitulação do Montségur, ela mergulhou nas sombras, e não serei eu quem irá revelar seu *nom de gume*, nem o ajudarei a encontrá-la para que possa, assim, satisfazer seus desejos de vingança!

A voz do palanquim emudeceu, e Rainiero de Capoccio também. De modo que os dois, sem querer, ouviram juntos a balbúrdia crescente de um combate que chegava da parte de cima do rio; começaram a chegar até eles os gritos e o fragor das armas. Possivelmente as escaramuças já tinham alcançado o pé do castelo, pois na parte da muralha que avistava o Tibre ouviam-se agora vozes excitadas de comando e aumentava o barulho das catapultas. De vez em quando ouviam também gritos de júbilo procedentes da plataforma situada mais acima de suas cabeças; certamente eram os atiradores comemorando a destruição do inimigo. No entanto, ao que parece, tal inimigo não disparava para as ameias, pois até então não tinha caído nem uma flecha sobre eles, e nem um soldado tinha incomodado o cardeal caindo do muro sobre o pátio, gritando e retorcendo-se. Era de supor que os piratas tentariam abrir uma passagem em direção ao norte; e uma vez ultrapassado o castelo Sant'Angelo, era perfeitamente possível que o conseguissem, pois os *pratí* da margem *trastiberim* já não possuem nenhuma fortaleza nem muro de contenção que possa ser obstáculo para eles.

O ruído foi diminuindo.

O "cardeal cinza" retomou a palavra:

— Pelo menos você deveria satisfazer minha curiosidade num único ponto: o que determinou que a *Prieuré* misturasse o sangue que há séculos mantém-se puro na Ocitânia, o Santo Graal, com um sangue tão ruim como o que flui pelas veias dos imperadores germânicos? E onde foram parar o bom senso dinástico e a planificação? Misturar-se com uma estirpe destinada a desaparecer? Pode esclarecer-me?

—Você pode ter razão no que se refere ao futuro dos Hohenstaufen, pois caminham para o fim, mas seu sangue é valioso e reúne o de todos os inimigos dos Capeto! Você deveria saber que, para a *Prieuré*, esse detalhe tem tanta importância como para você o ódio cego ao germânico! A Igreja e o papado ficarão nas mãos da França, e ambos conseguirão destruir os Hohenstaufen. Nós, ao contrário, salvaremos o sangue!

—Você cuida dessas crianças?

— Nós as protegeremos de todo mal até que chegue o dia em que se revele seu destino. Você conhece o "grande plano", embora não tenha nada de certo nas mãos; o documento que conseguiu por meio de seus agentes caiu em meu poder, ou por acaso ou por vontade da Providência. Não é preciso que tenha tudo por escrito; menos letras e mais idéias seriam de grande utilidade à humanidade.

— E se eu tivesse mandado fazer uma cópia? — O "cardeal cinza" não queria ceder diante da evidência.

—Você não o fez — respondeu-lhe ela friamente. — O próprio documento não era mais que uma cópia, uma cópia ruim e além disso desatualizada. De qualquer modo, você contribuirá *nolens volens* para a execução do "grande plano".

— Como pode imaginar que deixe em segundo plano minha lealdade à *Ecclesia Católica*, que fez de mim o que sou agora, e me ocupe em vez disso de proteger a essas pobres crianças?

— Não é uma questão de fé, senão de razão: você ama o poder e quer conservá-lo. Então você procurará que seu bastardo Vito não se aproxime muito das crianças reais. Você receberá mais instruções quando nos parecer conveniente. Não tenho mais nada a dizer.

— E se me negar? — A voz do "cardeal cinza" já não parecia tão firme.

— Perderá sua vida da mesma forma que pode perdê-la agora mesmo. Mas antes verá com seus próprios olhos como morre Vito, abatido como um lobo feroz, e como a estirpe dos Capoccio se extingue. Portanto, beije o báculo e faça o que lhe foi mandado!

Na cortina negra abriu-se uma fresta e o bastão de comando da "grande mestra" assomou como uma serpente disposta a adentrar pela estreita fresta.

— Tire do rosto essa ridícula máscara!

O cardeal obedeceu e beijou a extremidade do báculo. Este representava a figura de um demônio montado sobre um pau de ébano, em posição de coito. Ela lhe estendeu o traseiro do demônio, e o cardeal apertou em silêncio seus lábios sobre a madeira; ao retirar o bastão, a mulher bateu-o contra o nariz do cardeal, provocando um fio de sangue. Esteve a ponto de gritar de raiva, mas trincou os dentes e seu rosto pálido continuou com o olhar fixo na estreita fresta.

Dois jovens com trajes árabes deslizaram pelas cordas que desciam do muro situado mais acima de sua cabeça. Eram ágeis como gatos e cada um deles levava um bastão singular: dois punhais unidos de forma que a lâmina de um se encaixava no cabo do outro. Embora nunca tivesse visto o rosto de nenhum "assassino", soube de imediato que esses homens o eram! Inclinaram-se diante do palanquim e desapareceram.

Da sombra do muro saíram oito cavaleiros templários, que guardaram suas espadas e empurraram Mateus e os irmãos que guardavam as chaves, ordenando sem dizer uma palavra que as passagens fossem

abertas. Oito sargentos recolheram o palanquim e o retiraram a passo lento de suas vistas.

O cardeal ficou escutando, temeroso em meio ao silêncio que de repente cercava sua prisão; depois ouviu novamente, como vindo de outro mundo, o fragor do combate que subia do rio, e por cima de sua cabeça os gritos e as corridas dos soldados sobre o muro, o ciciar das cordas das catapultas e o ruído cortante dos tiros que acabavam na água. Subiu as escadas meio zozno. Não sentia a menor vontade de apresentar-se diante de seus homens para animá-los a lutar. Abriu em silêncio a porta secreta a meia-altura da escada e esgueirou-se por ela, e quando a estava fechando viu entre as madeiras que suportavam o peso das pedras muito bem encaixadas um punhal ah cravado. Sentiu um indefinido temor e não quis tocar no cabo. Deixou-o ali.

Ao chegar a seu quarto, encontrou em cima da cama um pãozinho ainda quente. Pegou as pinças de ferro da chaminé e lançou-o ao pátio, observando como as pombas caíam sobre ele e o picoteavam. Naquele momento os animais lhe afetavam os nervos a ponto de lhe fazer desejar que o pãozinho estivesse envenenado. Mas nenhuma das pombas caiu morta. Não deixaram de arrulhar, bater as asas e picotear até que não sobrasse nem uma migalha. Sentiu-se mal.

O Assalto

Cortona, outono de 1245 (crônica)

Quando vimos que os pisanos que nos precediam haviam vencido e umas nuvens de fumaça preta nos revelaram o desastre sofrido pela frota papal no porto de Óstia, quando soubemos que os comandos dos ágeis amalfitanos, em sua investida para abordar as naves, foram seguidos pelas pesadas trirremes dispostas a se chocar com as embarcações incendiadas até afundá-las, Guiscard ordenou que nos deitássemos no fundo de nossa embarcação e cobriu-nos com mantas molhadas e vimes trançados. Tive ali meu primeiro breve encontro com Clarion e ficamos cara a cara, embora no escuro não pudéssemos nos ver, mas eu sentia a proximidade da sua pele e escutava sua respiração. Ela apertava com gesto maternal as crianças contra seu peito; umas crianças estranhas, que gemiam em voz baixa, e isto foi a última coisa que vi com meu olho invejoso antes que a escuridão caísse sobre nós.

Ela lançou-me um breve olhar perscrutador, que não me animou em absoluto a estender o braço como que por acaso para buscar o lugar onde gemiam as criaturas. No entanto, estendi a mão na direção dela e consegui tocar o cabelo úmido de uma das crianças. Acariciei-o com delicadeza e carinho, como se quisesse substituir outros prazeres inalcançáveis.

Hamo tinha imposto que apenas ele dentre todos nós não teria de proteger-se nem de esconder-se. Queria ver com seus próprios olhos como os amalfitanos subiam rapidamente pelo Tibre a toda vela em seus barcos de quilha plana, embora a corrente os obrigasse a remar com empenho. Em cada uma dessas embarcações, cerca de trinta remadores esforçavam-se, aos quais se somavam vinte homens armados. Para não perder o que estava ocorrendo lá em cima, e também porque queria subtrair-me da proximidade do corpo de uma moça que de qualquer forma não me atrevia a tocar, mudei de lugar até ficar no canto do barco, onde podia levantar um pouco as mantas.

Estávamos nos aproximando das muralhas da Cidade Eterna. Seu aspecto era tão imponente que pareceu-me uma pretensão absurda desafiá-la com uns barcos tão pequenos como os nossos, embora tivéssemos a favor a vantagem da surpresa para nos sairmos bem do que na verdade era uma missão inimaginável.

Tive, então, um sobressalto, porque vi, um pouco acima do nível da água, uma imagem de beleza tão ameaçadora como as que costumamos às vezes ver em sonhos; os normandos, ajoelhados nas barcas, protegiam-se com os escudos em posição oblíqua e mantinham seus arcos tensionados. Guiscard obrigou Hamo a proteger-se. Junto a nós navegava a barca com os sete homens de Otranto, que se mantinham de pé e apertavam as empunhaduras de suas espadas. O estandarte da condessa tremulava ali, enfrentando Roma.

- Agora ultrapassaremos o porto — ouvi Guiscard dizer acima da minha cabeça. — Atracaremos na ilha dos Leprosos!

Voltei a me cobrir com a manta. O medo que sentia era muito maior que a minha curiosidade. Ao encolher-me, buscando instintivamente uma proteção diante do perigo que se aproximava, perdi uma de minhas sandálias. Estiquei o pé para buscá-la e topei com alguma coisa mole, uma perna nua. Os dedos do meu pé — menos mal que Clarion não podia vê-los, pois estavam muito sujos — subiram apalpando por essa perna e pareceu-me que obtinham uma acolhida amável; pensei sentir uma excitação trêmula da

carne que tocava o meu pé. Assim, pude explorar um joelho, e os pequenos terminais de meus instrumentos de andar seguiram valentes em frente e subiram por uma coxa sem que se escutasse um grito de indignação, nem saísse uma mão brusca ao seu encontro para afastá-los. Quase não consegui acreditar, pois por cima de minha cabeça explodiu nesse instante um grande tumulto: os remeiros tinham aumentado o ritmo de suas pancadas, umas botas me pisoteavam nervosamente, e os gritos das pessoas chegavam a mim desde a margem, atravessando as mantas cuja escura proteção havia se transformado em um céu para mim. Avancei com energia e meu pé descobriu o paraíso em meio a uma espessa lã, cálida e preciosa; agora tudo dependia do dedão, que avançou sozinho em busca da entrada úmida, ansioso por chegar até a fonte. Então esta veio ao seu encontro como um rio de larva ardente, cercou o intruso e pareceu absorvê-lo enquanto nós dois nos sentíamos sacudidos pelas ondas rítmicas que dominaram primeiro meu pé, depois o corpo inteiro; breves toques compassados como os que se aplicam numa roca sulcaram aquele jardim, subindo e descendo o leito da fonte em busca do prazer que reside no próprio fato de avançar, uma vez que o orifício da entrada abria mais e mais e roçava a minha carne. Não sei até onde teríamos chegado se naquele instante a quilha do nosso barco não tivesse se chocado à margem com um forte estrondo e não tivéssemos sentido que os homens subiam e saltavam por cima de nossas cabeças e nossos corpos. Ouviam-se os cochichos das mulheres e as blasfêmias dos soldados. Os normandos lançaram-se ao saque dos armazéns de mercadorias no porto do rio, enquanto os mercadores abandonaram seus postos de venda e os camponeses seus carros.

- Atrás! — escutei Guiscard gritando. — Temos de seguir adiante, temos de deixar para trás esse maldito castelo!

No entanto, parece que teve pouco êxito ao chamar seus compatriotas, porque logo depois escutei Hamo gritar:

— Otranto! A minha Otranto! — E pouco depois corpos e pernas saltaram sobre nós, deixando-me quase desacordado, embora, de qualquer jeito, não visse nada, e amassando de passagem também todo o alento da luxúria. Uma bota pesada havia se colocado exatamente sobre minha perna amorosa e a atraí para mim, machucado pela dor.

Embora com mais rapidez que antes, fomos remando rio acima, e o silêncio aumentou ao redor da nossa barca até que só se ouviu o marulho das águas e o barulho dos remos.

— O castelo Sant'Angelo! — ouvi a voz de Guiscard murmurando em voz baixa um nome que, sem dúvida, infundia respeito.

Então senti verdadeiro medo; olhei por uma fresta e vi à minha frente o gigantesco cais cercado de muros inconquistáveis e ameaçadores. Neste mesmo instante senti que uma mão deslizava como uma serpente debaixo da minha batina e me subia pela perna, transformando-se num esquilo que brincava com meu sexo e o fazia crescer como um cogumelo jovem depois da chuva, só que com maior rapidez, ao mesmo tempo que com a mesma rapidez aquele animalzinho atrevido se convertia numa colheiteira experiente. Primeiro deslizou explorando o tronco, depois o rodeou firmemente, e quando meu *fungus* cresceu até transformar-se numa torre normanda, Clarion se apressou a assaltá-la com conhecimento de causa...

— Cuidado! Estão disparando flechas! — gritavam nervosas as vozes por cima de minha cabeça. Um assobio estranho sulcou os ares, uma pancada, depois várias, que fizeram estremecer o corpo da embarcação, um gemido. Alguém se lamentou em voz baixa:

— Guiscard está ferido! - E senti que minha torre caía e a mão se retirava esfriada pela desilusão.

— Não se preocupem comigo — gemia Guiscard. — Levem as crianças para a terra, ali em frente! — A dor quase o impedia de formular as palavras.

— Não o abandonaremos! — declarou Hamo com decisão. Assumira o comando com determinação.

— Depressa! — gemeu o amalfitano. — Peguem as carroças abandonadas pelos proprietários!

— Já vamos! — exclamou Hamo, excitado, enquanto nosso barco chocava-se contra a terra dura. Arrojando as mantas pesadas de meu corpo, saltei com os membros intumescidos, meu enfeite masculino bamboleando debaixo do hábito, e quis estender minha mão a Clarion para ajudá-la. Alguém gritou:

— Cuidado, ainda estamos ao alcance das catapultas! Escutou-se um zumbido e, no mesmo lugar que momentos antes

eu estivera deitado, caiu uma pedra que destroçou o casco do barco e rompeu um remo como se fosse um palito seco. Mas eu já não soube bem do que se passava, pois a parte mais grossa do remo bateu na minha cabeça e caí para a frente como um saco molhado...

Tempestade sobre Apúlia

Otranto, inverno de 1245-46

— Está dormindo?

— Não, estou pensando em William.

— Está apaixonada por ele? — Roç não tentava reprimir sequer seus ciúmes e, por outro lado, também sabia quais eram seus sentimentos por Yeza, embora estivesse certo de que não a cederia a ninguém. Suspeitava, além disso, que sempre haveria outros que a desejavam, porque Yeza assim o queria.

— Não — disse ela com entonação lenta, embora segura. — Mas é uma vergonha que tenha nos abandonado.

Era noite em Otranto, não havia lua refletida no mar, viam-se apenas nuvens escuras; ao longe, na outra margem, acendiam-se os raios de uma tempestade.

— Hamo e Clarion também foram embora — queixou-se Roç. — Acho injusto que levem outras crianças na viagem e que nós tenhamos de ficar aqui!

— E precisamente o que mais me dá raiva: "as crianças" somos nós! Roç, absorto em conjecturas, tentava entender a situação e até desculpar William:

— Devem tê-lo forçado...

— Podia ter nos escrito! — Yeza não desistia facilmente de suas queixas. — Quando se gosta de alguém, deve-se defendê-lo! — Roç a compreendia, sobretudo porque considerava que, se alguém amava Yeza, tinha de defender seu amor no tapa! No entanto, objetou:

Não é mais que um prisioneiro!

Nós também! — Yeza respondeu com obstinação. No exterior ia se aproximando a tempestade e ouviam-se os trovões. — Se quiser, pode vir para minha cama. — Yeza sabia que Roç era medroso. Ela estava cansada, mas como sabia que ele não a deixaria dormir em paz, consentiu em protegê-lo, porque na verdade gostava que o menino erguesse o camisolão e juntasse seu corpo nu ao dela, embora, ao fazê-lo, mostrasse pouca delicadeza. Nunca lhe confessaria que esse gesto a excitava; a verdade é que nessas ocasiões não pensava em Roç. Em quem pensaria? Em William? Não, claro que não! Era só a carne do outro, sua pele, seus tendões, seus cabelos, seu cheiro, o toque de seus dedos, o avançar de um joelho, o roçar de uma perna, as cócegas no ventre: tudo isto lhe agradava, e suspeitou que ainda podia haver mais, que o futuro lhe ofereceria mais prazeres. Sentia uma certeza agradável, juntamente com um sentimento de insegurança, um tremor, uma esperança, sonhos, emoções...

— Dorme de uma vez! — falou Yeza quando viu que Roç estava parado junto da janela olhando para o mar noturno que começava a encrespar-se debaixo dos primeiros efeitos do temporal. Roç tirou o camisolão e seu pequeno e musculoso corpo ficou durante um instante iluminado pela luz de um raio, mas em vez de recuar assustado, saiu até a varanda e expôs-se à chuva que começava a cair. A água se estrelava contra seu peito. Yeza sabia que o fazia por ela. Roç era seu cavaleiro valente, o herói que enfrenta raios e trovões. Agradava-lhe pensar no frescor úmido de sua pele.

— Roç! — chamou-o preocupada, e estranhou seu desejo de lhe lambem a pele, de se sentir presa a ele e a seu corpo escorregadio. — É perigoso!

Dispensado assim de continuar se expondo ao perigo para demonstrar seu valor, Roç se aproximou de sua cama:

— ... tão perigoso como afogar-se! — caçoou dela, e sacudiu o cabelo sobre o rosto da menina. — Trago a chuva! — Mas em vez de gritar, como havia esperado, Yeza não se moveu sob o gotejar fino que lhe caía no rosto. Tampouco precisou erguer o camisolão: Yeza estava nua.

Um golpe de vento jogou a cortina de lado e inchou-a para dentro. Durante alguns minutos, viu-se o mar agitado, iluminado pela luz deslumbrante dos raios que caíam competindo entre si, enquanto o temporal formava ondas de coroa espumante que cercavam com um rumor de relâmpago os muros externos do castelo.

Outras descargas invisíveis estalavam como chicotes que de sua grande carruagem fosse descarregando o deus da tempestade: um titã que rodava por cima do castelo, diretamente sobre a cabeça dos dois homens sentados à mesa do refeitório.

— São os temporais de outono — quis explicar John Turnbull, como se tivesse de se desculpar com Tarik pelo mau tempo, mas seus pensamentos estavam bem longe. — Espero que o comandante da trirreme tenha sido sensato o suficiente para buscar proteção num porto seguro. Esperávamos que chegasse amanhã mesmo.

—Acho que saberá o que fazer! — interrompeu Tarik, em desacordo com as preocupações do ancião. — Nós, sim, precisamos tomar uma decisão.

— Ah, as crianças — respondeu Turnbull, fazendo um esforço. — Conseguirão dormir com esse barulho?

— Não se trata de que sintam medo ou se divirtam quando vejam raios e escutem trovões no meio da noite — e a voz de Tarik adquiriu um tom ligeiramente sarcástico —, senão de saber se em longo prazo vão estar seguros aqui. Saber se o poder do imperador será capaz de superar o golpe, e se isto significa o fim do Império Romano-germânico na Sicília, e, portanto, também aqui em Apúlia.

Turnbull parecia obter sua inspiração de algum lugar distante, sua voz soava como um oráculo:

— Enquanto Frederico viver — disse com firmeza —, será imperador e não consentirá que alguém queira diminuir seus poderes; não cederá nem um ápice, nem um pedaço de terra, e menos ainda a de Otranto!

O velho John havia se emocionado e Tarik tentou acalmá-lo.

— Só estou pensando nessa nova situação, já que, a pedido seu, venerável mestre, terei de garantir a segurança dos infantes. E minha obrigação precaver-me; mais que isto, devo ser prudente ao máximo!

—A *Prieuré* de Sião sempre soube apreciar, e saberá também apreciar agora, que sua Ordem tenha aceito tal responsabilidade — concordou Turnbull. — Se considera que é arriscado demais deixar as crianças aos cuidados da condessa...

— Eu me sentiria muito melhor se soubesse que foram entregues aos "assassinos" em...

Uma corrente de ar movimentou as cortinas. Laurence abriu a porta e o vento voltou a fechá-la com um estampido.

— Desculpe o atraso! — Seu cabelo e suas roupas estavam empapados, apesar do manto que a cobria. — A trirreme conseguiu refugiar-se a tempo em Tarento e poderá estar aqui amanhã! — A notícia lhe saiu

aos borbotões pela boca e os homens perceberam a alegria que ela experimentava pelo feliz retorno da sua nave. A condessa retirou uma jarra de vinho e algumas taças de uma estante e encheu-as para si mesma e para seus hóspedes. — Também há notícias de Elia, de Ancona: Hamo, meu filho, está marchando com esse frade e com os *pupazzi* sobre Cortona, de onde vão enviá-lo imediatamente mais para o norte. Conseguiram também que Pian de Carpine se detenha no sul da Alemanha para que William possa juntar-se a ele, embora não precise esperar muito...

Tarik interveio, ironizando.

- Poder-se-ia concluir que a influência do ministro-geral sobre os minoritas diminuiu, a ponto de que já não lhe obedecem *sine glossa*?

- Não se esqueçam de sua excomunhão, e especialmente agora do fato bastante difundido de sua amizade com o imperador destituído! — Ao que parece, Turnbull achava que a frivolidade do chanceler era verdadeira.

Laurence interrompeu a rixa:

— O que me preocupa é que Elia não diga nem uma palavra sobre Clarion...

— Que queres, querida Laurence? — Turnbull tencionava acalmá-la. Neste mundo de homens, não se costuma falar das mulheres, o que não significa que não tenham importância! Tarik interrompeu:

— A verdade é que respeitamos muito o belo sexo — e inclinou-se sorridente para a condessa, ao mesmo tempo que parecia querer advertir o velho — e agradecemos a hospitalidade que deram aos infantes. — Laurence mostrou-se assustada e virou as costas, mas depois mordeu os lábios, deixando que o hóspede terminasse de falar. — No entanto, temos de comunicar-lhe nossa decisão de tirar Roger e Isabelle deste refúgio.

A condessa se controlou e sentou-se, sem esperar que a convidassem, à mesa em frente à dos homens. Tirou de seu manto um pergaminho enrolado e quebrou o selo. Passou rapidamente os olhos nele e deu-o depois aos homens, empurrando-o com uma certa expressão de frieza no olhar pelo ábaco.

— Leva o selo do imperador — indicou, dissimulando a importância do fato, e sem adotar tom de triunfo. — Em nome desse poder, posso falar sobre esse assunto como representante do império. Eu, uma mulher, senhor chanceler — a partir de então foi a condessa quem dirigiu a conversa. — Para que não haja mal-entendidos, não batalhei para que me fizessem responsável pela proteção das crianças, sobretudo tendo em conta — e seu olhar deteve-se em Turnbull — que a *Prieuré* escolheu para esta missão aliados que não demonstram ter muitos problemas quando se trata da vida de outras pessoas. Acho que entendi bem as alternativas, senhor chanceler: obediência ou morte!

— Obediência *até* a morte! — corrigiu o interpelado, e depois calou-se.

John tentou romper a tensão desagradável que ia tomando conta do ambiente.

— Suponho que a trirreme ao chegar amanhã trará mais instruções. Esperemos para ver como a direção da *Prieuré* analisa a situação atual, uma vez que não somos mais que braços executores...

Tarik interveio, sem parecer muito impressionado.

— Também tenho minhas instruções, claramente fixadas no contrato firmado conosco; devo tomar todas as medidas necessárias para proteger os infantes!

— Todos aqui reunidos temos de ter bem claro que qualquer atitude nossa deve ter por objetivo o bem das crianças, não o de demonstrarmos uns aos outros até que ponto somos fiéis aos nossos princípios.

A condessa prosseguiu:

— Por outro lado, não vejo um perigo imediato. Não quero menosprezar o poder e a proteção que tem sua ordem e que nos pode prestar, Tarik, mas neste momento não vejo motivo para expor as crianças aos perigos de uma confusão política inevitável quando se inicie a próxima cruzada de Luís, e suponho, além disso, que nestas terras normandas as condições permanecerão estáveis. Quem iria querer arrebatá-las de Frederico? — Laurence tomou um bom gole de vinho e levantou o copo. — E se o germânico perde tudo, até o último bastião, sempre nos resta a possibilidade de fugir por mar!

— Fugir é coisa de mulheres! — resmungou Tarik. — O homem inteligente deve ser precavido!

Olharam-se fixamente por cima da mesa; nenhum dos dois aparentava querer ceder.

— Vamos dormir — disse John com ar conciliador — para poder, amanhã, tomar uma boa decisão, de cabeça fria. A tempestade passou, o céu clareou, acho que teremos um lindo dia!

Os três puseram-se de pé, cumprimentaram-se com um gesto e deixaram o refeitório.

Era ainda muito cedo, apenas uma luz pálida ascendia pelo horizonte anunciando a chegada do novo dia. O chanceler dos assassinos entrou em silêncio no quarto de seu protegido, mas o leito estava vazio. Crean já estava no terraço; estendera o tapete e ajoelhava-se para rezar.

Tarik ocupou silenciosamente o lugar a seu lado, e ambos esperaram, antes da chamada para o café da manhã, o momento da primeira aparição da bola de fogo pelo leste.

— *Bismillahi al-rahmani al-rahim.*

— *Al-hamdu lillahi l-'alamin.*

— *Ar-rahmani-rahim.*

Mailiki jaumit din.

- *Ijjaka na'budu wa ijjaka nasta'm...*

Alternaram-se repetindo o canto de invocação a Alá, e suas vozes ressoaram, como o faziam cada manhã à mesma hora, por cima dos muros e do terraço do castelo junto ao mar.

- ... *idina siratal mustaqim. Sirata ladsina an'amta 'alaihim, ghairi-l-magh-dubi 'alaihim wa lad daallin. Amin.*

Quando terminaram, a claridade já tinha se apoderado das ameias. I esquentava seus rostos e membros intumescidos, ficaram deslumbrados ao vê-la refletir-se no espelho do mar apaziguado. Crean esperou, anula ajoelhado, que o chanceler lhe dirigisse a palavra.

Acho que ao final teremos de viajar sem as crianças — o chanceler encolheu os olhos diante do esplendor da luz. — No entanto, isso não nos exime de apagar nossas pegadas. O velho John voltará comigo. Embora esteja um pouco senil, não revelará o segredo. Também temos de confiar na discrição da condessa, pois ela continuará encarregada ainda algum tempo de cuidar dos infantes. Ao contrário, o frade, o tal de William de Roebuk, uma vez cumprida sua missão, não será mais que um peso, um risco desnecessário. Logo que se encontrar com Pian de Carpine, deve ser eliminado sem chamar a atenção, se possível já em leiias da soberania da Horda de Ouro. Essa tarefa é para você, Crean.

O outro não se surpreendeu ao ouvir a incumbência e estava disposto a cumpri-la, embora não pudesse reprimir um ligeiro tremor, como cada vez que seus superiores decidiam sobre a vida das pessoas como se fossem peças de xadrez cuja queda no tabuleiro significava a morte e não, como se poderia imaginar, reserva para uma próxima partida.

- Será difícil alcançá-lo — objetou, não por desobediência, mas tendo em conta o tempo disponível e as

distâncias.

Tarik sorriu:

- Não quero dizer que você deva sair correndo agora mesmo de punhal na mão, mas é responsável por que a decisão se cumpra — o chanceler viu que Crean não estava bem, mas em nenhum momento pensou que pudesse guardar reservas. — Otranto dispõe de um mecanismo de sinais intacto. Por que não funcionaria agora? Suponho que seguirá instalado na cúpula que desponta na torre principal; por isso, a porta de acesso para esse lugar sempre está fechada.

Os olhares de ambos subiram até a torre mais alta do castelo, que se erguia solitária ao centro do pátio. A olho nu via-se uma porta retirada da plataforma superior, que parecia abrir-se mais para o céu que para um aposento.

—A chave, só a condessa pode ter — falou Crean. — Pedirei a ela que me deixe utilizar o espelho e me dê instruções a respeito.

— Deixo tudo aos seus cuidados — replicou Tarik, e sorriu sem vontade. — Tenho certeza de que me negaria com muito gosto esse favor se fosse eu quem o pedisse!

Tarik tirou um punhado de cordões de couro do bolso interior de sua chilaba; em cada um havia diferentes nós, de diferentes tamanhos. Ofereceu um a um a Crean, que enrolou-os em torno dos dedos na mesma ordem em que os ia recebendo. Depois Crean quis se levantar, mas o chanceler o reteve.

— Exceto esse frade, temos ainda o problema dos demais acompanhantes da missão que se dirige ao país dos mongóis...

— Mas se não sabem nada — atreveu-se a argumentar Crean. — Só Hamo e Clarion estão a par...

— E não são pessoas, por acaso? — devolveu Tarik com toda frieza a pergunta. — E, por certo, muito imaturas.

— Não está pretendendo...

— Desejo apenas ser conseqüente — respondeu Tarik, com voz cortante. — Também sei que esses dois não acompanharão o frade até a corte do Grande clã, e sim regressarão quando nós já não estivermos...

— Nós? — perguntou Crean.

— Em nossa viagem de volta, o deixaremos em algum lugar do território agora sob soberania bizantina. Dali, você deve assegurar-se de que se tenham cumprido exatamente nossas instruções referentes ao frade. De outra forma, teria você mesmo de penetrar em território tártaro e cumprir a missão, com arma branca. Nesse caso, suas possibilidades de voltar com vida seriam mínimas. Os mongóis não têm nenhuma simpatia por nossa ordem de assassinos. Caso você não cumpra sua missão, eu também não espero mais vê-lo entre os vivos, Crean. *Insha'allah*.

Tarik inclinou-se respeitosamente:

— *Alahumma a'inni 'ala dsikrika wa schukrika wa husni 'ibadatik* — levantou-se, com o rosto impávido, e afastou-se.

Pratos Quebrados

Cortona, outono de 1245 (crônica)

Quando voltei a mim, estava deitado em uma das carroças, sobre um leito de palha; a meu lado, descansavam dois homens de Otranto, que se queixavam em voz baixa. Minha cabeça parecia um barril, dentro do qual estivessem batendo com força a reserva de manteiga de todo o inverno; tentei apalpá-la, mas em lugar de soro de leite meus dedos foram manchados por certa quantidade de sangue.

Levantei-me com muito cuidado. Estávamos diante de Cortona; em outra carroça vi Clarion com as crianças. A moça sustentava a cabeça de Guiscard nas suas saias. O rosto dele, embora parecesse feito de couro, estava pálido e coberto de suor. Nossas carroças rodavam pelo caminho de pedras que levava à entrada do castelo.

De repente, apresentou-se junto a minha carroça o cavalo montado por Hamo:

-Vocês perderam o melhor, William. Conseguimos atravessar a porta Flamínia sem sermos incomodados. Os guardas estavam tão nervosos que não controlaram ninguém. Só nos perguntaram, curiosos, se tínhamos visto os piratas. Mostrei-lhe os feridos — considere que a batata da perna de Guiscard tinha um pedaço de flecha partida — e nos deixaram passar. Encontramos, num povoado, um feiticeiro que o operou e curou-lhe a ferida. Depois continuamos sempre em direção ao norte, ao longo do Tibre. De repente, nos encontramos com uma tropa do papa, e à frente ia aquele cavaleiro sinistro com a mão negra, que nos perseguiu tão obstinadamente no sul. Logo o reconheci, mas ele não nos reconheceu, por sorte! Não fomos merecedores sequer de um de seus olhares; a verdade é que havia muita gente pelo caminho: todos abandonavam Roma, tomados pelo pânico. Nenhum dos soldados papais dedicou-se a inspecionar nossas carroças, que eles mesmos quase jogaram para fora da estrada. Passaram como uma nuvem de tavões furiosos; continuamos nossa viagem com toda a pressa permitida pelo estado de nossos feridos. Você não está entre os pacientes, William! — finalizou Hamo seu sôfrego relato. — Mas o velho me preocupa.

Cravou as esporas no cavalo e voltou a encabeçar a comitiva. E, de repente, vimos de novo o estandarte de Otranto que nos guiava. Que insensatez, me ocorreu pensar, não ter arrojado esse pano delator ao Tibre, no mais tardar em Roma. Se nos tivessem feito prisioneiros, todos teríamos acabado enforcados na ponte de Sant'Angelo ou sofrido sorte pior.

As cavalarias enfileiraram na entrada do castelo de Elia, situado no alto do terreno. No portal, Gersenda, a governanta, nos esperava. Descarregaram Guiscard com cuidado, e Clarion deu a mão às crianças. Sem me conceder um só olhar — na verdade seria melhor dizer que atravessou-me com os olhos como se estes fossem de ar — entrou na casa.

Só então chamou-me a atenção o fato de Clarion não ter dirigido a palavra a Hamo nem a ninguém mais desde que partimos; ainda não a tinha ouvido brincar com ninguém, sequer com as crianças, que suportavam a tudo emudecidas, ou no máximo emitindo gemidos. Talvez fossem crianças surdo-mudas. De fato não me davam a impressão de serem crianças muito espertas. A condessa deve ter metido a mão bem no fundo do seu depósito de órfãos de asilo, e tinha tirado à luz do dia dois pequenos infelizes aos quais nem a pior das desgraças podia arrancar uma palavra coerente. Valentes infantes imperiais!

Chamaram-me para jantar na cozinha, onde também haviam instalado Guiscard, meio sentado meio deitado; a senhora Gersenda o alimentava com muito desvelo. As crianças já estavam deitadas.

Elia enviou uma mensagem de Aquiléia, dizendo que uma ordem do papa o retivera ali para garantir a lealdade daquela sede patriarcal tão renomada. Que não o esperássemos, mas que nos considerássemos seus hóspedes para tudo.

— Para dizer a verdade — confiou-me Gersenda —, uns *zelanti* instigados pelo papa, quer dizer, adeptos seus, imaginem!, atacaram a obra que o *bombarone* está construindo com seus próprios meios em honra a São Francisco. Pretendiam destruir uma igreja! — Gersenda parecia fora de si enquanto me relatava tal atrocidade. — De modo que meu senhor preferiu no momento esquecer tudo isso.

Jantamos *pasta ai fagioli* com queijo ralado e um bom jato de azeite de oliva prensado a frio, além de salsichas de burro fritas, que Gersenda cortava em pedaços adequados, que iam sendo colocados na boca de Guiscard. Com tais cuidados, o velho se restabelecia a olhos vistos, embora qualquer movimento da perna parecia lhe causar dor intensa.

Na mesa larga do grande refeitório fora servido o jantar para Hamo e Clarion. Os jovens condes "irmãos", segundo todos imaginavam, jantaram absortos em géhdo silêncio; ao menos de início não se escutou nem uma só palavra pela porta aberta. De vez em quando Gersenda entrava para encher suas taças com o bom vinho toscano. Mas depois se animaram, primeiro insultando-se em voz baixa, com cochichos, depois gritando já sem nenhum pudor.

— Estou me cansando — ponderou Clarion. — Não quero continuar com essa loucura!

Hamo parecia contente de vê-la abrir a boca e fez uma tentativa de desculpa:

— Tínhamos de chamar a atenção... Clarion respondeu em tom irônico:

— Melhor teria sido dançar nua na praça do mercado!

Hamo tentava não responder à provocação, pois entendia que o vinho tinha causado efeito em Clarion. De todo modo, quis esclarecer seu ponto de vista:

— Conviria, antes de mais nada, que as pessoas vissem William na companhia das crianças.

Clarion pôs-se a rir; imaginava que a tomavam por boba:

Também você pode fazer esse frade dançar nu! O golpe baixo dirigia-se a mim, embora fosse Hamo quem sofresse as conseqüências.

- Puta! — exclamou a viva voz, e em seguida ouviu-se alguma peça do serviço de mesa espatifar-se contra a parede.

- Meu Deus, o cristal da Boêmia! — lamentou-se Gersenda, seguindo no ar um pedaço de salsicha frita, que, presa ao garfo, esperava a vez de encher a boca esfomeada de Guiscard. Aproveitei a ocasião para lhe servir de uma farta porção das saborosas *salsicce*.

De novo ouviu-se a voz obstinada de Hamo:

— Sempre há alguma mulherzinha de língua solta que não resiste a provocar um escândalo público, por saber que está protegida por uns homens que arriscam sua pele por ela!

— Por quem vocês arriscaram a pele? — contestou Clarion com voz estridente. — Ninguém viu William nem as crianças. Vocês entraram como bandoleiros em Roma e saíram como ladrões!

— Por acaso deveríamos deixar que nos prendessem? — respondeu Hamo. - Você é uma estrategista fenomenal, Clarion de Salento!

Hamo estava furioso, pois a moça não estava inteiramente desprovida de razão; o mínimo que deveria ter

feito seria deixar a bandeira em Roma, como prova visível para seus perseguidores de que haviam sido inteiramente enganados.

- Amanhã seguiremos em frente! — decidiu o rapaz. — E você poderá dar um jeito para que todo mundo saiba...

- Não estou mais brincando! — declarou friamente Clarion.—Você está louco se quer sair sem Guiscard, que por certo também está louco, mas pelo menos não é um jovem inexperiente como você — caçou de Hamo. — Partir sem esperar que ele se restabeleça...

- Não temos tempo a perder. William e as crianças devem encontrar Pian e continuar com este...

Ninguém me tira daqui! — replicou Clarion.

- Então Gersenda levará as crianças!

- Gersenda tem de cuidar de Guiscard... — A voz de Clarion revelava cada vez mais obstinação.

Hamo parecia que ia explodir:

- É uma ordem!

- Eu não tenho nenhuma obrigação de obedecê-lo. Sequer manda nos soldados que ainda tenho, e que irão comigo de volta a Otranto!

Repetiu-se o barulho de pratos e copos quebrados. Gersenda fez o sinal-da-cruz, Guiscard fez caretas e eu voltei a encher o prato. O vinho da Toscana, do qual também Hamo desfrutara bastante, estava fazendo efeito:

— Eu tenho a bandeira — disse a voz, gritando —, e se todos partirem, colocarei mercenários a meu serviço! Tenho dinheiro, contratarei uma babá para as crianças e levarei William também! Por acaso você pretende ficar até com o monge?

— Procure uma babá que te envolva na bandeira, e ao frade também!

— Cuidado com essa língua, traidora! — E o rapaz quebrou o último copo, de maneira a se supor que não sobrara nenhum.

— Criançice! — Clarion atravessou a cozinha com a cabeça bem erguida. — Levará todos à perdição!

Logo que a moça saiu do quarto, apareceu Hamo no umbral, cambaleando e com a jarra vazia na mão:

— Mais vinho, estimada senhora Gersenda! — A ama colocara-se de pé com um pulo e queria proteger Guiscard como se fosse uma galinha choca enquanto eu afundava o nariz na massa. — Vinho! — gaguejou Hamo. — Não vai me dar de beber tampouco?

Guiscard e eu levantamos nossas taças, cheias:

— Pelos falsos filhos do Graal! — saudou Hamo com voz rouca, enquanto bebia diretamente da jarra. — E por todas as mulheres falsas do mundo!

Bebemos em silêncio e ele se retirou com passo indeciso.

Clarões que Parecem Raios

Otranto, inverno de 1245-46

— O barco, o barco! O barco voltou!

Roç e Yeza correram, brincando e pulando de emoção, até o muro circular onde uma porta de ferro fechava a descida para o pequeno porto. Empoleirados no parapeito, observam como os remadores da nave desciam e descarregavam os gêneros transportados, que acabaram amontoados no cais.

— Vi quando chegaram! — gritava Yeza, e fazia sinais aos marinheiros, que subiam aos mastros para retirar as velas recolhidas e soltavam os afiados remos de suas ancoragens.

— Mas você ainda dormia quando deram a volta ao cabo — Roç quis frear seu entusiasmo, mas sem êxito.

Yeza não cedeu.

— Vi o barco se aproximando desde o mar aberto, eu vi!

— Passaram a noite em Tarento — Roç uma vez mais tentou impor uma lógica. - De modo que devem ter chegado beirando o cabo! Você nem ao menos sabe onde fica o sul!...

- Um mouro, um mouro! — gritou Yeza, agora inteiramente fora de si. - Tem pele negra e leva um aro no nariz!

- Um negro, você quer dizer! — constatou Roç, tranqüilo e sem perceber que por trás deles abria-se uma porta, onde apareceu Laurence. Yeza viu-a primeiro e, descendo do parapeito, pulou em seu pescoço.

- Um negro! É para nós? — A condessa parecia surpresa. A idéia não havia lhe ocorrido, mas depois pensou: "Por que não? As crianças precisavam de alguém que não somente se ocupasse um pouco delas, mas a quem aceitassem como companheiro de jogos, mais que como guarda."

- É um presente para vocês! — exclamou, e com isto imaginava subtrair-se da explosão de alegria das crianças quando Crean apresentou-se e pediu para falar com a condessa. Roç e Yeza abandonaram rapidamente o lugar.

A pesada porta reforçada com placas de ferro, só possível de se alcançar com uma escada, pois ficava muito acima de suas cabeças, abriu-se rangendo. Durante anos, ninguém utilizara aquele acesso. A torre central normanda, ou *donjon*, representava o último refúgio, e há gerações os habitantes do castelo não sofriam um cerco, pelo menos enquanto Laurence mandava ali. Talvez a última vez tivesse sido quando os imperadores germânicos "se encarregaram" do castelo.

A condessa subiu na frente de Crean pela estreita escada em caracol escavada na pedra até chegar a um primeiro espaço circular que carecia de janelas. Ali começava a construção de madeira que, de plataforma em plataforma, era acessível apenas com o auxílio de uma escada, que era retirada após o uso. Tudo estava cheio de pó, a luz entrava por frestas inclinadas. No final, havia uma última abóbada de pedra, que fechava o espaço redondo e deixava no meio um buraco do tamanho exato para permitir a passagem de uma pessoa. Crean seguia a condessa, e depois de atravessar, com o risco de quebrar o

pescoço, várias plataformas, todas com ventanilhas abertas em todas as direções, chegaram a um platô mais seguro, uma coroa dupla de ameias.

Agora tinham à frente a gigantesca cúpula de pedra, que na cripta apresentava uma espécie de porta, mas que não podia ser aberta de fora. Laurence empurrou uma das ameias interiores para um lado, abrindo assim uma passagem livre.

Esgueiraram-se por baixo do muro para o interior. A cripta estava escura, embora delicados raios de luz que entravam pelas finas grades mostrassem a madeira da porta. Laurence procurou uma corrente de ferro e a porta se abriu rangendo, como uma boca que se abre na direção do sol. A luz clara do dia, viram as duas crianças sentadas diante da porta, rindo muito ao perceber o assombro no rosto dos adultos.

— Como subiram?... — perguntou a condessa com voz severa; mas interrompeu sem acabar a frase, porque Yeza começou a dar voltas como um pião para descrever sua subida por uma estreita escada em caracol; foi girando e girando e girando cada vez mais depressa, até ficar tonta.

—Você acabará caindo! — disse Crean, tomando-a nos braços.

— Se sobe muito mais rápido que vocês com sua escada! — resumiu Roç com ar de auto-suficiência. — Existem duas inclusive: uma conduz ao sótão, e outra pode ser que chegue até o porto, mas...

— Claro, nós não sabemos! — interveio Yeza sem demora. Mas ela vai até o fundo da terra!

— Está bem, está bem, replicou a condessa sem prestar maior atenção ao relato de umas vias secretas que até para ela eram desconhecidas. — Se é assim, já podem voltar a descer sozinhos!

— E se pedirmos, por favor, que nos deixe ficar? — Yeza era a que melhor sabia como convinha falar com Laurence. Para a condessa não era difícil negar coisa alguma à moça, talvez porque a menina insistisse em sofrer o mesmo castigo de Roç sempre que lhes era infligido um; inclusive às vezes se oferecia para ser castigada no lugar dele. O certo era que Laurence sabia muito bem que quase sempre o verdadeiro culpado, a instigadora de todas as travessuras, era a menina.

A condessa olhou interrogativamente para Crean, que deu sua aprovação com um gesto. Como as crianças entenderiam a notícia que ele tinha de transmitir; nem mesmo Laurence podia decifrar o código dos assassinos, por maior que fosse sua experiência com os sinais.

— Sempre desejei ver como funciona o fogo sinalizador. Se faz em pleno dia? — indagou Roç, com olhar agradecido.

— Afastem-se — ordenou Laurence —, e não reclamem!

Retirou da parede curva de madeira uma manta muito gasta de couro fino e atrás dela surgiu um espelho. Ele era feito de inúmeras plaquinhas de prata, enegrecidas pela oxidação, acompanhando, numa curva suave, a redondez côncava da madeira.

— Não nos sobra muito tempo — a condessa dirigiu-se a Crean, que se esforçava para ajudá-la. Mas, apesar da idade, Laurence não era do tipo de mulher que espera de um homem que a libere de um esforço ou de uma manobra. — Só funciona ao meio-dia, então temos quinze minutos para preparar tudo — pegou um balde com cinzas de madeira e repartiu pedaços de trapo às crianças. — Podem ajudar-nos; quanto mais brilhe o espelho, mais longe chegará o reflexo do seu clarão, é como um raio!

-Também se escutam os trovões? — perguntou Yeza seriamente, olhando as numerosas manchas do espelho. Roç pôs mãos à obra rapidamente, e tentou limpá-las, embora sem êxito, até que Laurence lhe ensinou como tinha de fazer. A condessa cuspiu sobre o trapo, introduzindo-o na cinza, e depois espalhou a pasta que se formou sobre o metal. Logo a prata ficou reluzente.

- É para essas coisas que serve a saliva! — brincou Yeza, e imitou a condessa, enquanto Roç ainda

olhava as manchas, sem saber o que fazer. Depois, a condessa introduziu-se por trás do espelho, onde havia um tamborete de madeira firmemente preso por traves. O tamborete não repousava sobre a pedra, mas flutuava em cima, deixando uma fenda de aproximadamente um dedo. Laurence limpou o pó do assento e das marcas gravadas no chão. Sentou-se e verificou o funcionamento das duas correntes que passavam à direita e à esquerda. Puxando uma, a porta fechava; puxando outra, a boca voltava a abrir.

Crean havia limpado a parte superior da superfície do espelho, onde as crianças não alcançavam, e aproximou-se da condessa. Retirou o primeiro cordão do dedo e controlou os nós. Laurence olhava-o com curiosidade, mas foi incapaz de descobrir um sentido coerente na seqüência e largura dos nós.

- Quantas longitudes diferentes faltarão? — perguntou a condessa demonstrando experiência.

- Duas — respondeu Crean. — Uma curta e outra comprida!

- Está pronto?

Crean assentiu.

A condessa ordenou às crianças:

—Agora coloquem-se aqui atrás, pois o brilho da luz pode prejudicar os olhos!

Roç e Yeza se acoraram atrás da armação, cada um de um lado; mantinham as mãos diante do rosto e olhavam entre os dedos entreabertos com a íntima esperança de inteirar-se de como funcionavam os tais "raios".

Laurence abriu a porta com um só puxão, deixou-a aberta durante três batidas do coração, voltou a fechá-la, contou até dez em voz baixa, abriu durante outras três batidas, voltou a fechar durante três, abriu durante dez, e esperou.

- É o sinal para Avlona — explicou. — Não é nenhum segredo. É conhecido desde os tempos do imperador Aléxios.

Todos fixaram a vista no mar, cuja linha de horizonte se diluía ao longe no céu azul, mas não se via nada. Laurence repetiu a operação: três - pausa longa — três — pausa curta — dez!

De novo ficaram esperando, os olhos ardendo de ansiedade.

— Lá! — gritou Yeza. — Um raio! — De fato, do outro lado do mar Adriático surgiu uma luz não muito clara, mas perfeitamente visível. Laurence verificou o sinal e o confirmou com três clarões breves e um longo.

— Comece! — sussurrou em voz baixa a Crean, que se dispôs a apalpar o cordão com os olhos fechados, avisando à mulher sobre os sinais a serem transmitidos.

As crianças estavam fascinadas; olhavam não tanto o abrir e fechar da porta como para a condessa, que puxava as correntes como o diretor furioso de um teatro de marionetes; de vez em quando olhavam para trás, para as marcas que um raio de sol transformava em ponto luminoso. Tentaram descobrir na cúpula o orifício por meio do qual caía esse raio de luz, mas não conseguiram, porque para isso teriam de se enfiar debaixo do assento da condessa, o que ela lhes proibiu de forma veemente.

Laurence começou a suar e entrou em transe. As unidades de tempo das batidas de seu coração, primeiro sussurradas, depois contadas em voz alta e finalmente gritadas; o ruído das correntes; as correções abruptas de posicionamento do assento e do espelho, em direções sempre diferentes; os rangidos da madeira da porta — tudo isto provocava um barulho constante e levantava pó. Laurence tossia e pigarreava com voz rouca, lançando olhares apressados sobre os cordões de Crean e este, assim que os "lia", deixava cair ao chão, até o último deslizar entre os dedos. Uma batida final da porta e ficaram no

escuro.

Quando os olhos voltaram a acostumar-se à escuridão, viram Laurence afundada no tamborete. Respirava com dificuldade. O pó ia se sedimentando.

Crean, com a ajuda das crianças — que tinham ficado sem fala de tão assombradas —, tornou a cobrir o espelho e depois estendeu a mão para Laurence. Assim a mulher deixou que a ajudassem, embora por pouco tempo, mas depois tornou a descer as escadas sem pedir nenhuma ajuda, como se fosse uma jovem. Também não esperou que Crean e as crianças descessem, e correu até a cisterna do pátio. Lá pediu para lhe alçarem uma bacia de água fresca, com a qual molhou o rosto e colocou depois as mãos e os braços durante longo tempo no líquido frio. Ordenou a um dos criados respeitosamente, e até com certa angústia, que avisasse Crean para ele mesmo fechar a torre e lhe trazer as chaves.

Os Infantes Reais

Lombardia, inverno de 1245-46 (crônica)

Dizem que os infantes reais — murmurei quase com desgosto, como se revelasse um segredo — realizarão uma viagem muito longa, mas que no final "venderão o burro a preço baixo".

O labrego, que se mantinha respeitosamente de pé diante de meu "trono", retorcendo nervosamente sua boina entre os toscos dedos, quis que eu, o grande mágico William de Roebrok, lhe dissesse mais alguma coisa por ocasião dessa última *audiencia in publico*:

— Encontrarei também uma mulher?

Eu, conselheiro em qualquer situação difícil de vida, sábio famoso, último guarda vivo do selo do casamento alquímico e adepto de Hermes Trismegisto a ponto de definitivamente dar as costas ao Ocidente para retornar à corte do Grande clã de todos os mongóis e tártaros, pus minhas mãos sobre a cabeça das crianças ao meu lado, fechei os olhos e fiz o camponês esperar um tempo conveniente. Depois inclinei-me em direção ao rapaz, que, no entanto, não foi capaz de articular palavra; de modo que estendi meu ouvido para a menina, que me sussurrou ter urgente necessidade de urinar. Levantei-me novamente e disse:

— No final do caminho você encontrará a jovem que de dia lhe dará uma mão no trabalho e de noite o aquecerá na cama!

Por mim havia terminado a *consultado*, mas o labrego continuava preocupado:

— É verdade que terei de vender o burro a preço baixo?

— Não — sussurrei-lhe em tom ameaçador —, mas neste caso não encontrará mulher!

Com estas palavras o dispensei e ele retirou-se com seu burro cinza. Pagara adiantado uma cota muito superior ao preço que poderia obter pelo animal.

Hamo, meu príncipe, sorriu satisfeito. Ficara acabrunhado vendo que nossa travessia pela Itália despertava tão pouca atenção, e carregava como um espinho cravado na alma o comentário de Clarion a esse respeito. De modo que insistiu com obstinação em partir o quanto antes de Cortona, graças a Deus bem providos de dinheiro e com o acompanhamento de um grupo de soldados. Parece que Elia, que continuava na longínqua Aquiléia, mantendo aquela posição para seu imperador, atormentava-se de remorso por ter de responsabilizar o jovem conde de Otranto por aquela difícil viagem, pois se sentia, com toda razão, um pouco culpado. E assim enviou um contingente de tropas composto de homens fiéis, com uma mensagem para que sua governanta provesse Hamo de amplos recursos. Inclusive, encontramos uma babá, uma mulher gorda e incrivelmente feia. Não tinha apenas cara de porco: duas verrugas cabeludas tornavam seu rosto ainda mais espantoso; mas era boa com as crianças, que apertava contra seu generoso peito. As criaturas não exteriorizaram qualquer alteração espetacular, mas deixaram de gemer e começaram a expressar com uma tímida gagueira suas modestas necessidades.

Evitamos as cidades que sabíamos serem inimigas do imperador, e chegamos até os muros de Bolonha, onde Hamo e eu ficamos esquentando os miolos para descobrir uma forma de chamar a atenção do público sobre nossa missão.

— Estamos arriscando a pele, William — queixou-se Hamo. — Padecemos calor, as moscas nos incomodam, temos bolhas nos pés e sofremos outras doenças; nos arrastamos por pedregulhos e pântanos, engolimos pó e sofremos de diarreia — e ninguém se preocupa nem um pouco!

Foi, então, que topamos com a velha Larissa e seu clã, uma tribo de ciganos que se consideravam comediantes, embora não fossem capazes de oferecer mais que números muito simplórios. A bisavó Larissa, já sem dentes e com uns poucos cabelos brancos, lia o futuro na palma da mão e pronunciava oráculos. Seus filhos, suas noras, seus netos e seus bisnetos construía pirâmides humanas, soltavam-se de complicadas amarras, cuspiam fogo e faziam desaparecer num átimo as crianças, transformadas em coelhos e pombas brancas; tiravam ovos das orelhas, lutavam com espadas de madeira e os pequenos subiam nos ombros dos adultos para realizar um torneio com lanças cujas extremidades eram cobertas de trapos para evitar acidentes. As crianças dançavam e tocavam tambores e pandeiros; suas saias amplas esvoaçavam, mas não mostravam mais que as calças que tinham por baixo. Ninguém lhes dava atenção, exceto alguns pastores que, em troca, não pagavam. Os soldados riam e, além de lançar olhares apaixonados às jovens ciganas, dirigiam-lhes ofertas grosseiras.

Ah ficamos; Hamo deu-lhes dinheiro ao ver que ameaçavam repetir o programa e que as mãos dos homens estavam prontas para puxar a navalha. O filho mais velho conduziu-nos à presença de Larissa, que se queixava de ela e sua família terem de morrer de fome porque os guardas da cidade os tratavam, embora fossem comediantes, como ciganos, impedindo-os de apresentar-se nos mercados. Talvez ele, um senhor jovem e poderoso como se podia ver, poderia abrir-lhes as portas fechadas da cidade? Com estas palavras, jogou-se no chão e beijou as botas de Hamo.

Naquela oportunidade, pude apreciar pela primeira vez a fantasia transbordante do filho da "abadesa", a força de sua imaginação espontânea:

— Levo aqui comigo William de Roebruk, tão famoso quanto extravagante — disse em voz alta e me apontou com todo o respeito —, além dos dois infantes reais.—As crianças olhavam à sua volta intimidadas e buscaram proteção junto aos poderosos flancos da gorda babá. — Não seria possível incorporar este venerável professor das artes ocultas, e as crianças da coroa invisível, a seu espetáculo artístico, transformando-os inclusive, em sua maior atração?

A anciã não entendeu quais eram as intenções de Hamo, ou eu não pude entender o que sua boca desdentada, habituada aos oráculos, pronunciou como resposta, mas o filho mais velho, Roberto, capaz de arrebentar correntes com o dorso nu quando não lançava punhais traçando a silhueta de alguma das bailarinas sobre um tabuleiro, compreendeu imediatamente a beatitude de nossa idéia.

Assim formou-se o "Conjunto Extraordinário e Artístico do Famoso Príncipe de Otranto".

Vestiram-me com um largo manto de cor lilás, enfeitado com estrelas de prata, e me deram um chapéu pontiagudo no qual brilhava uma meia-lua; vestiram as crianças com batas coloridas e lhes colocaram na cabeça umas coroas pequenas que pareciam de ouro. Hamo, por sua vez, desdobrou a bandeira da qual nunca quisera separar-se. Um arauto anunciava nossa chegada, e nenhum guarda se atreveu a negar-nos a entrada, atitude para a qual contribuía sem dúvida o fato de deixarmos cair habilmente umas moedas de ouro. Eu voltara a ter uma carroça própria sobre a qual me sentava como num trono, pois a anciã me cedera seu lugar e seus oráculos, e as crianças viajavam em outro veículo, cercadas de soldados, enquanto os netos da velha lhes jogavam pétalas de flores.

Assim viajávamos de mercado em mercado; as pessoas nos olhavam, nos admiravam e cochichavam sobre nós, pois Hamo e Roberto competiam em inventar cada dia novas lendas sobre o grande mágico William e os infantes reais. Nossa fama nos precedia e também nos seguia como a ampla cauda de um manto da realeza, pois tecido, mais que outra coisa, com a emoção despertada pela meta da nossa

viagem: a corte do distante, poderoso e sanguinário Grande clã.

Assim, chegamos a Parma. Montamos o tablado e instalamos meu trono com seu baldaquim, e eu me dedicava a apresentar ditos sábios para o povo, curioso, dando secretamente graças a Deus pela oportunidade de, no momento certo, ter realizado estudos de ocultismo em Paris, o que agora me era de grande utilidade.

Justo quando uma cidadã, que me garantia ser viúva, pedia-me envergonhada algum conselho contra a dor de barriga que a afetava por falta de companheiro de cama, vi diante de mim, no outro lado do mercado, um grupo de cavaleiros, franciscanos como eu, escoltando um legado papal, e senti ao mesmo tempo um intenso calor percorrer-me o sangue. O núncio esteve me olhando insistentemente; depois desceu do cavalo e aproximou-se.

— Muita água morna, tanto por dentro como por fora — tentei despachar rapidamente a dama. Mas ela insistiu no tema do robusto rapaz que desejava que a acompanhasse em suas noites solitárias:

— E a poção do amor? — enquanto o velho franciscano se aproximava cada vez mais. Sua figura era delicada como a de um passarinho, do cabelo não lhe restava mais que uma coroa de caracóis, e um sorriso irônico se desenhava em torno de seus lábios.

— Vá todo dia à casa de banhos, boa mulher. Lá vai achar quem a liberte do tormento de seu corpo! — Ela se afastou ruborizada, antes que meu irmão se dirigisse a mim.

Sorri-lhe antes de fechar os olhos e estender as mãos para buscar o cocuruto dos infantes reais. O legado aproximou-se tanto da minha orelha que senti o sopro de sua respiração.

— Lembranças de Ingolinda — sussurrou-me. E como eu não me atrevesse a respirar e muito menos a responder, acrescentou com um risinho.—Você é um estranho adorno para nossa ordem, irmão William, mas de mim nada deve temer.

Tentei olhar por baixo das pálpebras semifechadas. Seus olhos cinza, rodeados de ruguinhas que denotavam bom humor, não emitiam raios ameaçadores.

— Sou Lorenzo de Orta — disse em voz baixa — e vou a caminho de onde se encontra nosso geral...

— Elia está em Aquiléia — exibiu segurança.

— Eu sei — afirmou Lorenzo em voz baixa. — Tenho de exigir-lhe que se apresente diante do papa e, ao mesmo tempo — sua voz assumiu um tom conspirativo —, devo adverti-lo para não se aproximar de Lyon!

— A Elia não ocorrerá semelhante disparate! — deixei escapar.

— Penso o mesmo — respondeu Orta. — Mas isso significa que, por agora, continuará afetado pela condenação da Igreja.

— Melhor condenado pela Igreja que atirado nas masmorras do castelo Sant'Angelo!

— O mesmo vale para você, irmão William. Olhe, mas sem chamar a atenção, por cima do meu ombro, em direção às arcadas na saída da praça. Vê ali uma figura solitária envolta numa capa escura?

— Deus meu!

— Melhor dizer: Diabo meu! — corrigiu-me Lorenzo em voz baixa, e começou a rir. — É Vito de Viterbo. — Não tive ânimo para rir; uma vez mais me vi induzido a me lembrar de Paris. — O inquisidor, melhor dito, o esbirro do "cardeal cinza", está ansioso para levar vocês e os infantes até Roma, inteiros ou em pedaços, para congratular-se de novo com seu senhor. Desde que você teve a insolência de enganá-lo sem deixar-se prender, o pobre Vito já não se atreveu a apresentar-se diante dos olhos de seu

amo; agora está disposto a levá-los ao Inferno!

Então aquele era o nome do misterioso forasteiro que tinha nos seguido por metade da Itália. Tal revelação não me trouxe nenhuma alegria.

- E que devo fazer? — lamentei-me. — Como escapar daqui? — Lorenzo respondeu-me em tom de troça:

- Você não é, por acaso, o mais famoso de todos os mágicos? É muito simples: precisa pulverizá-lo no ar!

Eu continuava desviando os olhos para a escuridão das arcadas, onde a sombra de uma coluna divisava a negra forma que parecia querer cravar em mim um olhar ardente.

- Devem abandonar esta noite a cidade em direção a oeste — sussurrou Lorenzo. — Ele não espera que o façam. Depois de dois quilômetros, vão encontrar à direita um castelo queimado junto ao caminho. Ali me juntarei a vocês, à meia-noite. Matem todos que chegarem antes ou depois!

O senhor legado atirou-me uma moeda como pagamento pelo minucioso conselho que me havia solicitado e regressou para onde lhe esperava sua escolta. Os franciscanos se afastaram em direção ao portal leste.

Interrompemos nosso espetáculo, solicitamos um albergue e perguntamos a todas as pessoas com quem cruzamos no caminho como chegar até lá. Entregamos ao taberneiro o pagamento de uma noite; Sentei-me depois num canto com Hamo e Roberto para deliberar.

Ao anoitecer, Hamo comunicou ao taberneiro que tínhamos pensado melhor e que prosseguiríamos nossa viagem na direção leste, inclusive durante a noite. Nós o recompensamos generosamente, não tanto pelas advertências que nos dirigiu, mas sim pelo silêncio que lhe pedimos manter; acordamos crianças, mulheres, filhos e netos e nos afastamos da pousada.

Ao chegarmos no lugar indicado, encontramos um pastor, que nos entregou vestimentas de monge, acompanhadas das seguintes palavras:

— O irmão William, o maior pecador da cristandade, será levado algemado ao lugar onde sofrerá o castigo merecido! William de Roebruk, culpado do terrível pecado de sodomia! Veja este monge corrupto, acorrentado a uma mulher libidinosa com cabeça de porco e ao fruto de seus pecados. Filhos de porco, dirijam-se ao lago do norte! E não economizem as chicotadas para castigar essa vergonha de nossa ordem sobre quem cuspirá a população do campo! Evitem as cidades! —Você não é um pastor! — alfinetei.

— *Pace e bene!* — cumprimentou-me rindo, e desapareceu com suas cabras na escuridão da noite.

Seguimos por onde ele nos havia indicado, embora tivéssemos de nos despedir de Larissa e de seus atores. Foi uma despedida comovente, que Hamo tentou dourar dando algumas moedas à bisavó, o que por sua vez nos trouxe uma chuva de bênçãos e desejos de felicidade para o futuro.

Nenhuma comparação com a saraivada de chicotadas que num futuro próximo cairia sobre muitas costas diante dos olhos surpresos dos camponeses que iam a caminho do mercado. Roberto, um homem forte e robusto que nos acompanhou a partir de então e que mostrou ser um guia hábil, fez-se a cargo do ofício de carrasco. Tenho de confessar que meu papel anterior me fora muito mais prazeroso. As chicotadas de Roberto faziam muito barulho, a ponto de fazer as crianças chorarem, mas os escarros, os ovos podres e as tripas hediondas que jogavam à nossa passagem pelos povoados eram de verdade e atendiam ao rancor generalizado.

Assim, foi possível avançar pela margem dos lagos, onde as montanhas eram mais altas; nas mais afastadas, já se podiam ver os mantos de neve no topo. Cada noite fazia mais frio e a solidão era maior; já não víamos mais que alguns casarios afastados cujos moradores cada vez nos prestavam menos atenção, a ponto de não levantarem sequer o rosto enquanto cortavam o feno; o outono estava se

transformando em inverno.

Dúvidas Edificantes

Otranto, inverno de 1245-46

O sol se punha muito cedo em Otranto, mas Laurence ainda não queria se deitar. O dia fora cansativo, seus ossos doíam, e em segredo maldizia o momento em que se deixou convencer por Crean para transmitir mensagens com a ajuda do espelho. Chegaram notícias e respostas que a obrigavam a subir freqüentemente pelas escadas inclinadas, instalar o espelho e regular o alçapão. O que mais lhe causava desgosto era não entender nada daquele código secreto com o qual os assassinos se comunicavam.

A condessa atravessou com passos enérgicos o castelo para chegar ao aposento onde a esperavam Turnbull e Tarik.

- Chegamos à conclusão — John recebeu-a, também Tarik fez um esforço para sorrir, pois pretendia transformar sua derrota momentânea num benefício político de longo prazo — de que nossos pequenos deveriam ficar no momento aqui, até terem crescido um pouco e serem capazes de resistir ao incômodo de uma viagem prolongada.

Laurence não demonstrou o alívio que aquelas palavras lhe causavam. É claro que as crianças eram um peso, inclusive agora, numa idade tão tenra! Um peso que aumentaria com o tempo. Na verdade, ela tinha vontade de entregar as crianças antes de Hamo voltar, e sobretudo antes de ter abraçado Clarion novamente. Mas Roç e Yeza eram uma prenda que lhe dava certa segurança de que nada aconteceria aos membros de sua própria família, e entre eles incluía Clarion. Além do mais, gostava dos pequenos, apreciava seu caráter tempestuoso, sua espontaneidade. A condessa gostava das crianças a seu modo: de Roç por sua pureza e seriedade; de Yeza, tão indômita, por parecer-se com ela. No entanto, não queria concordar sem mais nem menos, e lhe ocorreu fazer parecer que opunha alguma resistência.

Que viagem prolongada é essa de que você fala? — escapou-lhe, sabendo que podiam negar-lhe qualquer informação. Mas a Tarik pareceu conveniente fornecer à condessa uma idéia da magnitude e importância da missão pendente para que ela se mostrasse mais dócil no futuro e compreendesse melhor sua própria intervenção e responsabilidade no "grande plano".

Agradeço-lhe, condessa, por estar de acordo em tomar para si tamanha responsabilidade — o chanceler adotou um tom solene. — O berço da humanidade não pode continuar durante muito tempo ainda em mãos de um califa que baseia seu poder tão-somente na *sunna*. Será preciso instalar em Bagdá uma dinastia cujo sangue descenda em linha direta do Profeta...

- Jesus também era um profeta — o interrompeu Turnbull com decisão. — Por que não nos pomos de acordo em adotar uma fórmula aceitável para todos, judeus e cristãos? Precisamente aí reside a grandeza e a audácia do "grande plano": criar um laço de sangue entre o antigo e o Novo Testamento, entre o Alcorão e as profecias...

- Sequer pretendem que as crianças constituam um par soberano? interveio Laurence sem ser perguntada, tão grande era a sua indignação. — Não sei muito sobre o ventre e o sêmen do qual procedem, mas penso que dificilmente podem ser consideradas defensores do *xiísmo*! Que jogo propõem fazer com elas?

- Nós, a *Prieuré* de Sião — respondeu-lhe John com voz cortante, e pela primeira vez a condessa sentiu o hálito frio que emanava da ordem secreta que puxava os fios na escuridão —, nunca dissemos que as

converteríamos em um casal de soberanos. Sempre afirmamos que *delas* nasceria o novo casal de soberanos!

A seguir Turnbull adotou um tom bem mais conciliatório, pois compreendeu que havia muito em jogo.

— Isso pode significar que nascerá delas, mas talvez apenas de uma dessas crianças...

— E que seria da outra? — A condessa parecia agora uma leoa atenta que suspeita da proximidade de chacais dispostos a atacar suas crias. Tarik percebeu.

—Você espera agora que eu diga uma frase como: "Sobreviverá a cria mais apta da ninhada e as demais perecerão!" Não é o que pensava ouvir?

— Continue, revele suas intenções, chanceler! — Laurence sentia crescer em seu interior o espírito combativo de uma leoa. — Que acontecerá, então, com o cachorro inútil ou a cria que não merece sobreviver?

Tarik soltou um riso cínico, que causou mais raiva ainda na condessa:

—Vocês, cristãos sentimentais, têm monasterios e conventos onde podem solucionar tais problemas! Nós, bárbaros infiéis, matamos a quem nos incomoda, e o fazemos no devido tempo e sem chamar a atenção.

Laurence sentiu uma profunda tristeza; de algum modo havia esperado que tudo aquilo não passasse de um sonho ruim, uma imagem disforme da maldade profunda que se oculta no ser humano.

—Vocês acham que eu entregarei esses pequenos para sacrificar suas jovens vidas em nome do "grande plano"?

— Acho — retrucou John — que vocês estão exagerando! Por um lado, é verdade que não devemos colocar em risco nosso propósito, ao qual todos juramos submeter-nos; você também, Laurence. Sequer através do pecado, e derramar sangue seria um dos maiores. Por outro lado, está decidido que nenhuma das crianças deve sofrer dano algum! Sabe que precisamos delas!

— É verdade! — explodiu Laurence. — Ainda precisam delas, embora não saibamos por quanto tempo!

— Estão cometendo um erro — replicou Tarik asperamente. — O sangue derramado significa pureza, o pecado está em misturar o próprio sangue com outro que não lhe corresponda! — O chanceler deteve-se um instante em seu discurso, para ver se alguém o atacava. — Nós, da seita de Ismael, estamos dispostos a libertar Bagdá do jugo do califa impostor, submetendo-o a um duplo ataque, desde a Pérsia e a Síria; e estamos dispostos a derramar nosso próprio sangue sagrado porque, embora descendentes diretos do Profeta, deveremos seguir as leis do xiísmo e as exigências que nos impõe nossa descendência da casa real de Davi...

- Sangue sagrado na terra entre dois rios — ironizou Laurence —, uma terra protegida pelos cavaleiros francos do Reino de Jerusalém, no oeste e por Alamut, no leste! Mas esquece de outro detalhe, chanceler: o de vossa preocupação justificada pelo perigo que os ameaça por parte dos mongóis. Vocês pretendem que essas crianças assegurem aos seus, aos ismaelitas, a influência necessária, a sobrevivência inclusive... — Ambos concordavam que a condessa fora uma boa estadista e, verdade seja dita, ela mesma tinha pensado nisto em muitas ocasiões. — Só esta esperança os leva a aceitá-las, embora para vocês sejam de sangue infiel!

- Cada um de nós tem razões para estar interessado no bem-estar das crianças. Mas há muitas outras pessoas invisíveis a quem interessa sua perdição, e que moverão céus e terras para desbaratar nossos propósitos! - O velho John Turnbull conclamou entusiasmado aos opositoristas. - Por isso devemos unir nossas forças para assegurar sua sobrevivência, e com isto seu futuro! — Sua respiração se fez pesada, a excitação o afetava. - Quem iria se opor a uma educação multirreligiosa de Roç e Yeza, baseada tanto no

Alcorão como na Bíblia?

- Amanhã mesmo convocarei também o rabino de Bari! — Laurence decidiu que o sarcasmo era a melhor maneira de enfrentar a situação. Pensou ainda por um instante no esforço que lhe custara manter afastados até então todo tipo de frades e freiras, para agora chegarem esses fanáticos religiosos e políticos de última hora a confundir a mente ingênua das crianças.

Mas Turnbull continuava entusiasmado com sua idéia:

— Serão soberanos que levarão em si mesmos o Reino de Deus. A catarse de seus pais será a força propulsora, pois esta forma purificada de cristianismo reúne em si todas as religiões e consegue conciliá-las — prosseguiu cheio de entusiasmo. Depois fechou os olhos.—Já vejo as crianças em Jerusalém, no lugar da sagrada tumba, o mesmo lugar de onde Maomé ascendeu ao Céu, no Templo de...

Quer dizer que Roç vai virar papa, e Yeza imperatriz? — Tarik o interrompeu com ironia, e também Laurence interveio com veemência:

- E o poder universal da *Prieuré* conseguiria manifestar-se finalmente no lugar histórico mais adequado!

Não se trata de poder nem de soberania: trata-se das *leys d'amor!* defendeu-se John, com ênfase.— O fim de toda violência, o retorno à Terra Prometida...

— Os judeus ficarão contentes! — respondeu Laurence com crueza, apontando para o pergaminho com os poderes imperiais que continuava estendido sobre a estante. — Permita que exponha o ponto de vista imperial, para depois ninguém poder dizer que me calei diante de seus sonhos desbaratados e seus castelos construídos no ar das conspirações: o futuro é do Ocidente! O poder supremo é do imperador. A ele devem submeter-se os sacerdotes de qualquer religião.—Tais palavras eram dirigidas aos dois anciãos, cujo sectarismo a irritava. — Eu queria que Frederico estabelecesse sua sede em Roma para garantir assim seu poder, e para que todo mundo veja de onde vem a luz!

—Jamais conseguirá unir nem pacificar o mundo se acalentar essas intenções — Tarik estava furioso diante do espetáculo oferecido pela mulher. — E, além disso, duvido que seu soberano pense assim..

— Roma não significou para a humanidade mais que desgraça, repressão e ódio! — lamentou-se Turnbull. — Essa cidade maldita fica muito longe da Terra Santa!

— Pois que seja Palermo! — argumentou Laurence, como se estivesse em suas mãos modificar o destino da humanidade. — A Sicília representa, no Mediterrâneo, o elo que une o Oriente ao Ocidente! — Depois de pronunciar estas palavras, assaltou-a uma grande dúvida quanto a seus poderes absolutos. — Sempre que Frederico queira ter alguma coisa a ver com as crianças, claro; pois embora se suponha, ainda por demonstrar, que levam sangue dos Hohenstaufen, para o imperador continuam sendo crianças hereges; e o são na realidade!

— São os infantes do Santo Graal, são o "*sang réal*" — John lamentava ter permitido essa discussão. — O mundo nos agradecerá, a seu momento, por ter salvado esse sangue, onde quer que se manifeste...

— E na forma que seja! — o apoiou Tarik, ao mesmo tempo que o corrigia. — É um sangue valioso que não deveríamos derramar, senão conservá-lo cuidadosamente até o dia em que Alá nos revele suas intenções!

— Honremos a Deus — concluiu John, sentindo-se aliviado — e peçamos paz na Terra e...

—... e entre todos os homens de boa vontade! — interveio Laurence. — Quando as crianças chegarem a certa idade, talvez queiram também dizer qualquer coisa a respeito!

A condessa se empenhava em ter a última palavra, embora não a pronunciasse senão ao sair, já com um pé no umbral da porta.

Por isso não pôde escutar o velho Turnbull murmurando:

— Se Deus não o remedia!

— E Tarik acrescentando:

— *Wa'tambah kelab al-kaflah!*

- Na verdade, de que rei somos filhos agora? — Roç olhava para Crean, de baixo; tinha conseguido descer as escadas com mais rapidez que aquele homem amável, de rosto triste e marcado por cicatrizes que os tinha acompanhado desde o Montségur pelos mares e em quem depositava enorme confiança. Na verdade, era grande demais para ser seu amigo, como o era, por exemplo, William, tão divertido! Crean parecia sempre estar pensando profundamente em qualquer coisa que lhe provocasse grande amargura na alma.

- Está me escutando? — falou o rapaz. — Todos dizem que somos filhos do rei.

Crean refletiu um pouco, aproveitando que Yeza tinha descoberto um novo passatempo, que consistia em saltar da varandinha da plataforma e deixar-se cair nos braços estendidos de Crean; gostava do jogo, pois cada vez que se deixava cair lançava um gritinho de prazer.

Os três continuavam no interior do *donjon*, o aposento principal e sem janelas que recebia luz apenas pelas aberturas no alto.

- Vejamos — disse Crean enquanto sentava-se no degrau mais baixo das escadas de madeira, acomodando Yeza sobre seus joelhos. — Eu também não sei muito bem. Mas acho que tem a ver com todos os reis...

— Com o rei dos reis? — perguntou Yeza com avidez.

— Esse é o imperador! — explicou Roç.

— Era uma vez um rei que reunia os doze melhores cavaleiros de suas terras em torno de sua mesa...

— O rei Artur! — interrompeu Roç, nervoso. — É ele nosso pai, por acaso?

— De modo algum — Crean respondeu pensativo. — Embora tenha morrido há muito tempo...

- Vive numa montanha — esclareceu Roç —, e chegará o dia em que...

— Eu não quero saber de um rei tão velho — declarou Yeza. — Quero que meu pai seja um herói!

Crean continuou:

— Pois bem, as terras onde fica o Montségur pertenciam antigamente a um jovem rei. Chamavam-no Parsifal, um nome derivado de *perce-val*, que significa "corta pelo meio". Era um guerreiro valente, mas...

— Mas? — Yeza acompanhava com entusiasmo.

— ... o envenenaram!

— Intencionalmente? — perguntou ela. — Quem lhe deu o veneno?

— Certamente os franceses — insinuou Roç. — São gente perigosa!

—

— Mas por quê, se era um herói? — Yeza decepcionou-se ao ver que também esse pai não estava a seu alcance.

— O rei de França — esclareceu Crean — e o papa de Roma sentiam muita inveja por não terem o

mesmo sangue real que Artur e Parsifal...

— Quer dizer, o nosso! — Roç observou. Crean levantou-se e deixou Yeza no chão:

— Essa é a razão por que devem proteger-se de tantos inimigos.

— Quando crescer e for cavaleiro, os desafiarei para um duelo e os vencerei!

— Eu também! — exclamou Yeza. — Cada um lutará contra um deles! — Ficou pensativa, porque não conseguia unir essa perspectiva com o papel de mulher que sabia lhe fora atribuído. Roç lhe dissera que as mulheres não podem jamais chegar a ser cavaleiros, já que os cavaleiros servem às damas. Depois, a menina acrescentou com decisão: — Envenenarei o papa tão logo pretenda casar-se comigo!

Crean começou a rir, e mais ainda quando Roç olhou surpreso para sua companheira e declarou:

— Deixe essa tarefa para mim, já que sou seu cavaleiro!

Depois arrastaram Crean pela escada em caracol abaixo e desceram rapidamente por outra escada apoiada contra o muro com a intenção de retirá-la antes que ele assomasse pela parte exterior da torre. Mas Crean intuía suas brincadeiras; saiu mais depressa do que eles esperavam e colocou com rapidez um pé sobre o primeiro degrau antes de fechar com todo cuidado a porta de ferro. As crianças escaparam correndo.

A Avalanche

Alpes, inverno de 1245-46 (crônica)

Seguíamos por um vale cercado pelo frio majestoso dos brancos picos dos Alpes e em cujas encostas meridionais os camponeses ainda recolhiam os últimos cachos de uvas, vítimas de mais uma geada noturna. Junto a uma capela solitária, começamos a subir em direção ao porto. Pedi, então, que me deixassem rezar para Nossa Senhora antes que avançássemos pelo estreito atalho que serpenteava além das copas dos últimos pinheiros e abetos escuros sacudidos pelo vento. Devo dizer que atenderam ao meu desejo, por não considerarem exageradas minhas devoções.

Já encontrávamos neve à nossa passagem. Hamo ordenou que retirassem minhas correntes: fazia tempo que eu as considerava desnecessárias. No estreito e mísero espaço da capela, encontrei um sacerdote que colocava azeite em uma lamparina votiva. Mostrou-se aterrorizado quando soube que pretendíamos atravessar o porto.

— Irmão em são Francisco — dirigiu-se a mim, fazendo o sinal-da-cruz — Justamente você deveria evitar essa *via crucis*. Lá em cima vivem os *saratz*. Nenhum minorita jamais chegou vivo ao vale do rio. En depois de atravessar a ponte.

— Os *saratz*? — perguntei achando graça, pois havia poucas coisas que conseguiriam assustar-me àquela altura.

— São como diabos, correm pela neve sem afundar-se nela, e isto só os demônios conseguem! Farejam um minorita de longe e não se acalmam até alcançá-lo e matá-lo!

— Vão comê-lo com batina e tudo? — quis caçoar.

— Ah, irmão — suspirou o ermitão —, gostaria de mostrar-lhe a quantidade de cruces de madeira, bastões e bolsas de peregrinos que descem cada ano pelo rio quando sobrevêm o degelo.

— Pegaremos um desses demônios — brinquei — e o enviaremos acorrentado numa balsa!

Fez questão de abençoar a todos e começou a chorar quando seguimos caminho.

Deixamos a carroça sob seus cuidados; a carroça que até então tinha me suportado, pobre pecador, à minha mulher lasciva — melhor dizendo, a boa ama de espantosa feiúra — e às criaturas imbecis que se supunham minhas. O caminho era muito íngreme e as pedras que o cobriam formavam sulcos profundos causados pela chuva e pela neve derretida.

Não permiti que tornassem a me acorrentar, mas Hamo insistiu para que a ama e as crianças prosseguissem unidas com correntes para que nenhuma dessas pobres criaturas idiotas pudesse cair no abismo.

Lembrando das estranhas advertências do ermitão, considerei, no entanto, a possibilidade, que expressei em voz alta, de ser mais prudente retirar meu hábito. Assim, troquei-o pelas roupas do porta-bandeira, embora o colete deste não pudesse fechar devido à minha barriga. O pobre-diabo estava sentindo frio e sentiu-se muito confortável e à vontade com a batina de lã marrom da minha ordem.

Não fazia muito tempo que avançávamos pelo caminho, e ao chegarmos ao último bosque olhei mais uma

vez para trás. Vi que embaixo, junto à capela, aglomerava-se um grande grupo de cavaleiros que cercavam a carroça: tiraram o ermitão, arrastando-o pelo chão da igreja. A frente do grupo reconheci uma terrível figura coberta com uma capa negra.

Aceleramos nossos passos, mas também os perseguidores começaram a subir. Hamo ordenou aos soldados que ocupassem posições atrás das árvores e que recebessem o inimigo com uma chuva de flechas quando estivesse a descoberto. Os demais — ele mesmo, Roberto, a ama, as crianças e o porta-bandeira — atravessaram rapidamente o mato, subindo sem parar; mas, ao virar-me para trás, descobri que nossos arqueiros escapavam para esconder-se entre as árvores como se fossem coelhos.

Depois de cruzarmos o bosque, abriu-se diante de nós uma garganta profunda, em cuja base se precipitava um riacho caudaloso. Dois troncos de árvore colocados um ao lado do outro serviam de ponte estreita. Senti vertigem e pedi ao porta-bandeira que me estendesse a bandeira para utilizá-la como barra de equilíbrio; ele mesmo me seguiu, arrastando-se de quatro; depois vinha Roberto, que com seu braço robusto conduzia a ama amarrada na cadeira, e atrás das crianças seguia Hamo, segurando o outro extremo. A mulher avançava corajosamente com toda sua gordura, mas manteve os olhos fechados enquanto Roberto puxou-a até chegar em terra firme.

Roberto continuou puxando as correntes, porque as crianças jogaram-se no chão e gritavam e assim ele teve de arrastar seus corpos por cima dos troncos até alcançarem terra firme, de onde prosseguiram com seus gritos amortecidos pelo ruído das águas.

— Temos de retirar a ponte! — exclamou Roberto, jogando-se no chão para sacudir os troncos que com o tempo haviam se assentado firmemente na rocha. Mas os troncos não se moviam. Roberto ajoelhou-se e os abraçou, as veias de sua testa começaram a inchar e, de repente, conseguiu erguê-los com uma sacudidela. Mas perdeu o equilíbrio, o peso das madeiras fez com que caísse de cabeça nas águas profundas diante de nossos próprios olhos. Vimos mais uma vez seu cabelo surgindo entre as rochas e as madeiras que desciam aceleradas pela água, e depois já não pudemos ver mais nada; só a espuma que levantava o arroio, enquanto diante de nós, no bosque, brilhavam os cascos de nossos perseguidores. Apressamo-nos em subir pelo atalho rochoso, não tanto pelo medo de que nos descobrissem, mas para afastar-nos do alcance de suas flechas. Quando apareci para espia-los, levantando com precaução a cabeça por cima de uma rocha, ouvi Vito de Viterbo pedir, aos gritos, por um machado; e quando lhe entregaram um, ele começou a dar machadadas no abeto mais próximo com tamanha fúria que o cabo quebrou-se pela raiz e a peça de metal traçou um arco surpreendente antes de cair nas águas agitadas. Se tivesse tido paciência em podar aquele abeto tão alto, teria rapidamente de cruzar a garganta e capturar-nos. Mas em vista do sucedido, o grupo preferiu retirar-se.

Rezei uma oração, lembrando do valente Roberto e tentando convencer-me de que ele acabaria por salvar-se agarrado a algum galho que pudesse alcançar do riacho. Não sendo assim, que Deus se apiede de sua alma!

Logo apareceram manchas de gelo na encosta rochosa, que se converteram depois numa capa dura que cobria tudo. Muitas barreiras de neve acumulada, junto a grandes rochas — das quais algumas se desprendiam da parede e rodavam com grande estrondo em direção ao vale —, dificultavam nosso penoso caminhar. Cada vez nos era mais difícil respirar; o frio se intensificava e a neve formava capas mais e mais espessas.

Vamos voltar, Hamo — disse, tentando mostrar-me, humilde, para não ferir seu orgulho e provocar sua revolta juvenil. — Faz tempo que perdemos o caminho e falta pouco para que não possamos seguir adiante. Agora ainda podemos ver nossas pegadas e talvez salvar-nos.

- Tem razão — anuiu Hamo, mantendo os olhos fixos na gorda ama que puxava as pobres crianças.

Naquele momento o ar começou a encher-se de trovões e silvos. Uma nuvem gelada, varrendo nossos corpos, impediu-nos de encher os pulmões, e ainda pude ver a ama que voava como se fosse uma pluma e arrastava as crianças consigo. Mas eu já não conseguia ver nada além de um mar branco de neve, que me ergueu no ar para sepultar-me em seguida. A força da neve me fez rodar; tentei apoiar-me no pau da bandeira e já não sabia se me encontrava no Céu ou enterrado de cabeça para baixo. Cuspia, ofegava, não estaria já no Inferno? Para que lutar ainda com os anjos? Eu, o gordo William, exalei um último suspiro, meu ânimo esmaeceu, e senti-me cercado de um cálido colchão de plumas que por fim me ofereceu um suave descanso...

VII – OS SARATZ

O "Cardeal Cinza"

Castelo Sant'Angelo, inverno de 1245-46

As chicotadas ecoavam com um silvo nas costas musculosas do delinqüente. Os estalos eram como golpes de vento num temporal; abriam silêncios que serviam para fazer a contagem silenciosa, caíam de novo e cortavam, como um pêndulo em sua horrível indiferença, primeiro o ar e depois a pele. A carne que cobria as costelas avermelhava-se, inchava e se abria após cada golpe.

- *Não o castigo por deixá-los escapar* — declarou a voz de um espectador invisível que esperava friamente entre duas chicotadas que chegasse o barulho incômodo do próximo açoite, mas sem a intenção de interromper por causa disso o seu discurso —, *mas porque você me humilhou na frente de todo mundo!* — De novo o silvo e o encontro do vime flexível com as costas inclinadas; o sangue começou a brotar, acrescentando sua visão úmida ao som.

- Não foi minha intenção — conseguiu articular Vito com muito esforço, ao mesmo tempo que tentava apagar o sofrimento de sua voz estrangulada.

- *Mais três chicotadas para cada uma de tuas estúpidas desculpas!*

Entre os doze açoites que se seguiram Vito teve tempo para refletir com amargura sobre a possibilidade de que a expressão "todo mundo" não significasse outra coisa que a visita inesperada da velha senhora em seu palanquim, que havia encontrado o "cardeal cinza" numa situação incompatível com sua dignidade — *dez* — e que fora ele quem tinha deixado nesta indigna e incômoda situação o senhor do castelo Sant'Angelo — *onze* —, que por isso o castigava agora — *doze!*

- *Foi desobediência? Incapacidade? Ou apenas descuido?* — perguntou a voz.

- Esqueça a compaixão, Eminência! Por que não me despede de seu serviço e me sacrifica como a um cachorro velho? — Vito sabia que devia evitar qualquer sinal de rebeldia, que apenas a submissão total seria capaz de comover seu verdugo para que este desistisse de castigá-lo até transformá-lo num inválido.

A voz do espectador invisível mudou de tom:

- *Pensaste que, ao conseguirem fugir para o Oriente, darão origem a um mito que será muito mais difícil de fazer desaparecer da Terra do que a morte de um frade e das crianças?* — perguntou já em tom resignado. — *Essas crianças que agora estão em poder dos mongóis podem se tornar amanhã a prenda que apóie sua aspiração latente de dominar o mundo!*

— É uma aspiração que os descendentes de Gengis Khan sempre alimentaram, e também não sabem quem são de fato essas criaturas!

— *Aquele que organizou sua fuga, e não me refiro ao monge, se encarregará de que o Grande clã saiba no seu devido tempo.*

— Ou não! — respondeu Vito, que recuperara parte da sua segurança. — Os poderes que patrocinam essa missão são poderes do Ocidente, e só aos ocidentais interessa. Na minha opinião, farão com que os tártaros, sempre tão ingênuos, criem as crianças sem que cheguem a inteirar-se em absoluto do valor e do

destino desses bastardos! — concluiu, orgulhoso, suas reflexões.

— *Nada mal, Vito!* — elogiou-o a voz do personagem invisível. — *Às vezes demonstras ter herdado uma engenhosidade que revela a honra de quem te engendrou!*

Alguém chamava à porta. O monge que até então se fizera de *frater poenitor*, com o capuz baixo, aguçou o ouvido.

— *Pode retirar-se* — ordenou a voz, e para grande alívio de Vito, seu carrasco abandonou o quarto, e em seu lugar entrou Bartolomeu de Cremona; trazia pomadas e ataduras com as quais iniciou a cura do corpo castigado, ainda inclinado sobre o cavalete.

O aposento em que estavam não era uma prisão, mas uma câmara do arquivo para assuntos do império.

— Na verdade, como sabem — gemeu Vito, encolhendo-se e sobressaltando-se a cada toque aplicado em suas feridas — que esse minorita flamengo, o tal William de Roebruk, chegou na Alemanha para unir-se a quem se faz chamar de Pio Carpedies?

— É notório que Giovanni Pian de Carpine foi custódio da Saxônia e ocupou durante cinco anos o cargo de provincial da Alemanha — esclareceu-lhe Bartolomeu. — Todo mundo o conhece!

— Não foi Benedito da Polônia que estava destinado em princípio a acompanhá-lo? — Era compreensível que Vito não estivesse com melhor humor. — Quem é testemunha de que esses dois irmãos do *ordo fautuorum minorum* tenham concordado?

Vito odiava os irmãozinhos pobres, a quem comparava com ratos silvestres que colocam o nariz em tudo. Aparecem onde menos se espera, e se você os pisa, acaba torcendo o tornozelo e quebrando o osso da perna.

— Só sabemos que sucedeu assim e a notícia provém de fonte confiável — respondeu Bartolomeu com ar triunfante. — Chegou-nos através de Andrés de Longjumeau, o mesmo que está negociando com Inácio, em Antioquia, a causa da reunificação...

- Ah — resmungou Vito -, com esse jacobino que toma parte em nossas procissões sem abandonar a doutrina ortodoxa e que, acima de tudo, pretende conservar sua independência.

- Ele mesmo — confirmou, sorridente, Bartolomeu, que acabara de cobrir as costas maltratadas com panos úmidos em tintura de aloé e se preparava para aplicar-lhe uma atadura. — Andrés o acolheu na Ordem dos Dominicanos. — Ao não observar reação alguma a suas palavras, Bartolomeu continuou falando enquanto voltava ao problema fundamental: — Andrés soube pelo chanceler dos assassinos sírios que William e Pian se encontram juntos na corte do Grande clã. E embora tenha jurado manter *silentium strictum*, quem iria saber?

Vito deu uma risada que tornou a reprimir de imediato, pois qualquer movimento das costelas lhe causava uma dor infernal. Depois acrescentou em tom de brincadeira:

- Em Masyaf todos sempre estão convencidos de que podem ouvir crescer a erva, até a das estepes mongólicas...

Neste instante tornou a ouvir a voz do personagem invisível:

- *Em compensação, onde o senhor de Viterbo pisa não crescerá jamais erva alguma!*

A voz soava por cima de suas cabeças, embora só pudessem ver estantes cheias até o teto de livros encadernados em couro.

- *Poderia ser útil transformá-lo numa múmia* — ressoou de novo a voz, desta vez dirigida ao monge auxiliar —, *mas achamos que já chega de se fazer de bom samaritano, Bartolomeu!*

O monge recolheu seus utensílios e apressou-se em sair pela porta, que fechou às suas costas com uma pancada sonora.

- Carpe diem! — exclamou a voz. — *Embora não deseje cultivar teu espírito, convém que reflitas no ocorrido e, sobretudo, no que sucederá. Te concederei o tempo necessário para compreender que és o logos e deves dominar o homo agens, e não seus humores, Vito!*

Alguma vez pensou — Vito respondeu com rapidez — que os outro, a Pri...

- *Não expresse jamais essa suspeita, nunca! Nem mesmo entre estas quatro paredes!* — interrompeu-o com fúria a voz do "cardeal cinza". — *Guarda tuas suspeitas contigo, pois valem tua vida!*

Aprecio o valor da minha integridade física! — replicou Vito. — E, no entanto, alguma vez imaginou que os "outros" poderiam ter preparado uma armadilha? Andrés não passa de um pavão vaidoso! Acha de verdade que um chanceler dos assassinos, a seita mais disciplinada que há sobre a Terra, confiaria a esse charlatão um segredo de tal alcance, nem mesmo obrigando-o a manter sigilo? Acho mais que todos...

Empreste-me a frota e tirarei as crianças do esconderijo que jamais abandonaram: Otranto!

A voz do "cardeal cinza" esperou por mais alguma palavra, e depois proclamou com decisão:

— Não abandonarás este quarto enquanto eu não ficar convencido de que posso deixar-te sair sem que tornes a me causar prejuízos e humilhação!

Nestes termos acabou a conversa. Vito sentiu uma corrente de ar gelado: em algum lugar uma porta se abrira e fechara.

A chuva batia contra os muros lisos do castelo Sant'Angelo. Visto do rio, o visitante noturno não descobria luz alguma. Só quando as nuvens desgarradas, em seu correr precipitado, deixavam por um instante passar a luz invernal da lua, podia-se divisar a estreita porta que dava para o Tibre. Mateus de Paris teve de puxar diversas vezes a corda do sino antes que o portal baixasse com estrondo, formando uma ponte que atravessou para logo ser tragado pela escuridão das muralhas.

A ala do castelo destinada à documentação tinha um aspecto tumular e era guardada por três portões de ferro e suas correspondentes fechaduras. Só se abriam com diferentes chaves, que deviam girar simultaneamente por fora e por dentro; chaves que por sua vez eram confiadas a mãos diferentes. Todas as lamparinas a óleo continuavam acesas e sua luz era reforçada por espelhos curvos que lançavam o foco concentrado sobre os postos de trabalho. Alguns monges cinza, de tez pálida, que raramente saíam à luz do dia, supervisionavam um exército de escribas escravos, artistas caldeus da "terra entre dois rios" que tinham estudado em Alexandria, e sábios judeus trazidos da Espanha. Estes especialistas só abandonariam a documentação na qualidade de defuntos. Nesse lugar eram preparadas as bulas papais, copiados os contratos e redigidas as disposições hereditárias que privilegiavam a Cúria, e às vezes estes benefícios significavam suprimir tanto os detalhes desnecessários como os desagradáveis pela via do *omissis*, ou "realçar" um ou outro termo ambíguo. Não somente os anos mudavam o aspecto dos antigos pergaminhos que se deveria "renovar"; também convinha adaptar seu conteúdo à mudança dos tempos. O que em um concílio longínquo tinha parecido conveniente podia opor-se séculos depois aos interesses do Patrimônio de São Pedro. Por essa mesma razão, dispunham de selos e carimbos com as assinaturas dos papas e legados falecidos há muito, além de tintas, lacas, barbantes e marcas de todas as épocas do secretariado da Cúria católica e romana.

— Sua Eminência o espera em nosso escritório de falsificações! — Bartolomeu cumprimentou o visitante tardio. Podia permitir-se o emprego daquela expressão depreciativa diante do recém-chegado: Mateus de Paris não era só o zelador supremo daquela instituição tão útil mas também seu índice ambulante.

Ninguém como ele retinha na memória os dados e os fatos, além de saber onde era possível ampliar seus conhecimentos.

Enquanto Bartolomeu acompanhava o irmão, cujas roupas pingavam molhadas da chuva no ritual de abertura e fechamento das portas, ia lhe informando sobre as novidades do dia:

A Vito administraram três dezenas completas de chicotadas, e agora o prenderam! — Para sua desilusão, não obteve resposta. Mateus não opinou.

Uma vez no interior da sala de documentação, Mateus de Paris dirigiu-se a seu posto de trabalho e ergueu os olhos com expressão resignada ao teto.

- *Nos traz Lorenzo de Orta uma resposta à bula Dei Patris Immensa, dirigida pelo papa aos tártaros? Que data tem essa bula?*

Sem precisar pensar ou sequer olhar para anotações escritas, Mateus respondeu:

- Foi registrada no dia cinco do mês de março do ano passado, mas eu não esperaria uma cópia escrita desses bárbaros, Eminência. Em troca, asseguro-vos que Lorenzo trará um escrito do sultão, dirigido à Sua Santidade, e é de supor que será um escrito bastante ofensivo!

- *Será preciso evitá-lo, ou ao menos amortecer o tom, pois além disso é certo que uma cópia irá parar nas mãos dos franceses...*

- Preparo a substituição?...

- Pode prepará-la, e também pode ir pensando em como arranjar a troca de um documento por outro...

- Andrés?

- Não servirá! No máximo poderemos empregá-lo na qualidade de mensageiro involuntário. Será melhor deixar o assunto nas mãos do nosso homem em Constantinopla. A única coisa que deves fazer é dar um jeito para que Longjumeau e Orta tenham um encontro.

Mateus procurou pelas estantes até encontrar o tipo de pergaminho habitualmente empregado pela chancelaria da corte do Cairo. Dispunha, inclusive, da tinta adequada. Depois esticou um pouco as mechas das lamparinas junto à sua mesa.

- *E não se mostre muito sensível, Mateus!* — escutou-se uma vez mais a voz. Mateus achou que ouvia um riso reprimido, mas descartou a hipótese de imediato. O "cardel cinza" não brincava nunca. Depois, aquela voz que lhe chegava da escuridão continuou: — *Já que vamos intervir na história universal, façamo-lo com energia! Mesmo que agora ou mais tarde descubram nosso truque, a dúvida sempre persistirá!*

A corrente de ar fez tremer as chamas e Mateus compreendeu que devia colocar mãos à obra.

A Ponte dos Sarracenos

Punt'razena, inverno de 1245-46 (crônica)

Estou no Céu! As brancas almofadas que me envolviam e que me impediam de ver foram tiradas pela mão delicada de um anjo que afastou até a última pluma cristalina, e então meus olhos viram da profundidade do gelo um azul tão profundo e tão puro como nunca haviam visto antes. Deduzi que estava no Além, imerso num azul denso e luminoso que me acolhia para conduzir-me diante de Deus — *Ma lahu lajm abyad bidscha adat al-chamra?* — Mas havia também rostos estranhos, que formavam uma coroa em torno da visão azulada. — *Mithl khimzir al-saghir?* — Eram como máscaras demoníacas à contraluz, que me olhavam com curiosidade e que falavam uma língua que jamais teria imaginado naquele lugar: árabe! — *Wá walfuffi beraq al-qaisar!*

Depois, braços levantaram meu corpo, que estava rígido como madeira, deitaram-no de costas sobre um trenó baixo, cobriram-no com mantas de pele e o amarraram. Deste modo o corpo pecaminoso do humilde irmão William de Roebrok deslizou, puxado por demônios desgrenhados, na direção de seu merecido destino.

Por que sempre imaginei o Inferno como um conjunto de grutas escuras e apenas iluminadas por um fogo casual? No presente caso, o Inferno se me apresentava branco como a neve, brilhante e deslumbrante, e, no entanto, ardente e cálido! Um dos milagres de Deus consiste certamente no fato de o gelo eterno nunca derreter-se pelo fogo, e era possível que Deus desejasse deste modo comunicar a todos os meus sentidos o seu imenso poder antes de lançar-me para longe de sua presença.

A conseqüência lógica da minha intuição era que eu ainda conseguia pensar; logo, talvez não estivesse inteiramente morto? Os únicos seres capazes de dissipar minhas dúvidas eram aqueles pequenos demônios que me rodeavam e que percorriam comigo a imensa planície branca sem afundar-se na neve. Naquele momento vi de novo os picos gelados destacarem-se no céu azul e recuperei a memória. Mas tal recuperação me exigiu um esforço tão imenso que tive de fechar os olhos sem poder remediá-lo, pois minha vontade se enfraquecera, eu não tinha domínio sobre meu corpo, não o sentia, e tornei a afundar no colchão de plumas brancas...

O Inferno me prendeu! A minha volta circulam diligentes gnomos que jogam água fervente sobre meu pobre corpo, para depois assustar-me com repetidas fricções com neve fria. Vejo-me nu e indefeso. Pulam sobre mim, torcem-me as extremidades, arrancam-me a pele a chicotadas, apertam minha cabeça até fazer estalar os ossos, pressionam minhas costelas enquanto tento respirar e compreendo que me devolveram à vida. Começo a entender suas perguntas e eles respondem às minhas.

A avalanche havia me sepultado. A mulher gorda e as duas crianças acabaram lançadas em um fundo desfiladeiro e seus corpos sem vida ainda estariam lá embaixo, onde seu resgate era impossível. Na primavera, com o degelo da neve, as águas geladas arrastariam os cadáveres, que até então permaneceriam ilesos, cobertos pelo gelo.

Em contrapartida, encontraram-me rapidamente, porque a extremidade do pau da bandeira sobressaía entre a massa de neve: esta me cobria com uma espessura que apenas chegava a meia braça, embora tenha faltado pouco para que eu morresse asfíxiado. Também haviam observado a fuga de um monge, mas não

se preocuparam em persegui-lo, pois não duvidavam de que mais cedo ou mais tarde o alcançaria seu destino. E com estas palavras o mais corpulento dos diligentes gnomos me indicou o pescoço de um dos companheiros, simulando um estrangulamento ou um corte definitivo, de qualquer modo nada muito agradável.

— Um franciscano! — disse em tom de desprezo. — Uma maldição de Deus! — E os demais apoiaram suas afirmações.

Preferi calar-me naquele instante, mas me lembrei, com forte tremor, de que ninguém mencionara o nome de Hamo. Não se salvou mais ninguém? O obeso ajudante de carrasco, então, acrescentou:

— Firouz viu outro rapaz, que saiu correndo! — e apontou para um homem robusto, acororado um pouco mais longe, que não parava de jogar água sobre o corpo.

O interpelado soltou um grunhido:

- Infelizmente não pude alcançá-lo! Libertou-se da neve por suas próprias forças e saiu correndo antes de eu chegar. Mas peguei sua bolsa!

Enquanto os demais riam com satisfação, eu imaginava os gnomos agachados na parte alta da montanha, provocando avalanches ou atirando pedras sobre os pobres — ou não tão pobres — viajantes, para depois roubar-lhes e inclusive assassiná-los. Como se tivessem adivinhado meus pensamentos, o ajudante de carrasco os confirmou inclinando em minha direção seu rosto bondoso de camponês:

—Você está vivo graças à bandeira!

— Ainda bem — respondi, não tanto pego de surpresa como possuído pela curiosidade de ouvir mais alguma coisa.

—Tua bandeira traz as cores do imperador Frederico, nosso soberano!

O homem mais velho do povoado, a quem até então eu não tinha visto, dera ordens para que me levassem à casa de um tal Xaver, em um estábulo de pedra situado mais abaixo e que servia de base à moradia, e que também era o abrigo das cabras. Eu me sentia tão esgotado que os homens que me acompanhavam quase tiveram de me carregar nos braços. Não tive muito tempo para pensar em quem seriam meus anfitriões, pois caí de imediato em um sono profundo assim que me deitaram em um monte de feno, que me envolveu com seu odor reconfortante.

Quando acordei, o sol estava muito alto no céu e as cabras já haviam saído para pastar. Imaginei que haviam se passado vários dias. Saí de quatro entre ervas e flores secas e encontrei uma fonte que descia da rocha, cujo precioso líquido era recolhido em uma canaleta junto ao muro do estábulo. A casa fora construída próximo à rocha, e o corredor central que atravessava o estábulo ascendia ligeiramente para desembocar junto ao vão onde eu dormira, numa escada de pedra que conduzia até a parte superior. Eu ouvia passos vindo de lá, mas não me atrevi a subir por mais que meu estômago protestasse.

Depois, descobri que havia outra escada de madeira sobre o monte de feno, que levava a uma armadilha feita entre as madeiras do teto. Dali se podia alcançar as peças de carne defumada dependuradas das vigas e as enormes estantes onde descansavam grossos e redondos pedaços de queijo. Quando comecei a inalar seu cheiro ácido e pesado, parecia que se formavam nós em meus intestinos vazios, ao mesmo tempo que minha boca se enchia de saliva.

Trinquei os dentes e saí correndo da casa. Encontrei Xaver, meu anfitrião, sentado diante da porta. Era um homem amável, de rosto enrugado, parecendo um cogumelo frito em óleo. Tinha diante de si uma travessa de queijo de cabra fresco e temperado com diferentes ervas, e ao lado um pão recém-saído do

forno. Fiquei com os olhos cravados em tais delícias, como um cachorro que olha fixamente o corte do açougueiro.

— Alva! — exclamou, e era evidente seu bom humor. — Nossa marmota despertou de seu sono invernal e quer me tirar o queijo!

Mas não esperou que aparecesse sua mulher, e logo me estendeu o pão e a travessa. Molhei o pão no queijo mole e branco e fui engolindo tudo, depois do que lambi os dedos. Para concluir, declarei:

— Louvado seja Deus — acrescentando depois, um pouco envergonhado: — E graças a você!

— Ouviu, Alva? — perguntou meu anfitrião, transbordando de bom humor. — O porta-bandeira do imperador é um homem piedoso! - Diante do contraste das montanhas brancas, seu linguajar árabe me soava gutural e estranho, pois eu suponha que essa língua combinasse melhor com as areias do deserto.

No arco da porta apareceu a mulher da casa, com outra travessa de queijo, que desta vez não estava aromatizado com ervas, porém com mel escuro de abeto; trazia, além disso, uma jarra com leite fresco. Tinha os olhos escuros e seu corpo era de uma beleza robusta; o cabelo negro ficava quase inteiramente oculto por um véu. Quando percebeu minha curiosidade, levantou uma extremidade do véu.

O marido começou a rir.

- Este William é pior que um monge, não toca em nenhum alimento antes de rezar uma oração!

A mulher me lançou um olhar caloroso, embora talvez fosse imaginação minha, porque o refinamento de deixar parte dos olhos à vista influi na fantasia, estimulada pelo desejo, ou porque fazia muito tempo que eu havia estreitado em meus braços uma mulher. O papel que me atribuía Xaver ao rotular-me de homem devoto não me desgostava, porque não chamaria a atenção o fato de eu, de vez em quando e obedecendo ao costume, fazer o sinal-da-cruz ou murmurar um *pax et bonum*, embora estivesse muito bem-inteirado de que naquele lugar não gostavam muito dos franciscanos, como pudera deduzir também dos comentários da *vox populi* que ouvi no *hammam*, a casa de banhos onde me reanimaram. Perguntei pela igreja.

- Temos uma igreja lá em cima, junto à encosta, onde fica a torre do vigia. Mas como não dispomos de um sacerdote, a utilizamos mais para incinerar a carne ou como depósito, às vezes para as duas coisas! — Meu anfitrião sorriu, parecendo muito satisfeito com a situação. — Deveria ver a rapidez com que um frade minorita perde sua alma hipócrita enquanto se expõe a nossas labaredas. Muitos deles, antes de se verem transformados em lingüiça defumada, preferem ser pendurados do lado de fora! — o riso o fez dar-se palmadinhas nas coxas. — Assim acabam se secando no ar da serra!

Eu o acompanhei no riso, pois o susto gera às vezes esse efeito, e com ele volta a renascer a coragem.

— Quer dizer que os irmãos franciscanos os trouxeram ao cristianismo e construíram a igreja para que depois vocês acabassem assando-os na fogueira?

— Não respeitaram a casa de Deus! — esbravejou Xaver, em geral tranqüilo e cheio de bom humor, embora não demorasse em recobrar a tranqüilidade. — Em nossa tribo houve missões desde o reinado de Lotário, filho de Carlos Magno; a capela de são Murezzano, dedicada ao primeiro mártir, fica embaixo, junto ao lago; basta atravessar a ponte e o bosque, e depois o pântano...

— Não me perderia se fosse vê-la? — perguntei com insistente humildade, no meu desejo de comprovar quanta liberdade estavam dispostos a me conceder.

— Só lhe resta recorrer à trilha marcada na terra. Qualquer tentativa de sair do caminho faria com que afundasse na neve. Em cada uma das duas saídas do vale temos guardas, assim como na ponte, de modo que as saídas estão vigiadas dia e noite! — Falava com grande seriedade, enfatizando as palavras. — A

guarda lej no oeste e a *guarda gadin* no leste. Alguns dos homens que montam a guarda apareceram mortos pela manhã, rígidos por causa do frio e do gelo, mas jamais alguém conseguiu atravessar a ponte dos *saratz* sem ser visto! Nossa tribo vigia o porto da montanha por ordem do imperador!

Pusera-se de pé e adotou uma postura ereta e firme, como um soldado.

— Lá embaixo, na Itália — acrescentou com orgulho —, chamam-no de *diavolleza*, e gostamos disto, pois evita que um traidor e mensageiro do papa tente cruzar esse caminho, fantasiado de monge mendicante com a intenção de chegar até a Alemanha com uma carga de dinheiro que encheria as caixas de guerra do *landgrave* infiel! Malditos traidores! -Xaver bateu com o punho na mesa com tamanha força que as travessas, vazias, pularam. — Todos acabam prisioneiros nossos! — gritou ainda às minhas costas, enquanto eu enveredava apressadamente pelo caminho.

Depois de cruzar algumas de suas ruelas íngremes e afastar-me do povoado, atrevi-me, finalmente, a olhar para atrás. Lá em cima, junto à encosta, vi a torre de pedra do vigia, e não longe dali uma pequena igreja também de pedra, mas cujo telhado parecia ter afundado. Uma estreita faixa de fumaça saía do buraco.

As demais casas do povoado eram construídas em sua maioria com pedras esculpidas somente em sua parte mais baixa, enquanto a parte superior consistia em grandes troncos unidos e os telhados suportavam o peso de grossos pedregulhos. Em cada casa havia uma janela gradeada e artisticamente desenhada, fosse uma cabana simples como a nossa ou uma construção de pedra decorada com pinturas.

— Está surpreso, não? — perguntou Xaver, ofegante devido ao esforço empenhado em me alcançar. — Nossos casarões não desmerecem os de Milão ou de Ravena, e muita gente vem buscar nossos *graffittisti* para decorar seus palácios! — Detive-me com curiosidade ao ver que ele não saía do meu lado, pois estava inseguro, sem saber até onde chegava sua obrigação de me vigiar. No entanto, a verdade é que me trazia botas de pele e um casaco.

— Quem vive nessas casas?

— São as residências das famílias mais antigas que povoaram este lugar. O costume reza que deve herdá-las a filha mais jovem, ao casar-se. As demais filhas têm de conformar-se com uma cabana construída mais abaixo das casas de pedra, para não fazer sombra à casa-grande.

— E quem mora atrás das grades?

- Antes eram as janelas do harém — Xaver riu. - Hoje servem para proteger o dormitório da filha mais jovem, para que ninguém possa entrar em seu refúgio, nem mesmo com uma escada!

- Um destino duro! — murmurei pensando nas moças, mas Xaver tinha a mente voltada para a sorte dos homens.

- O rapaz que não consegue casar-se com uma filha do povo *saratz* não tem outro remédio a não ser abandonar o lugar e ir procurar trabalho no estrangeiro.

E assim chegamos na ponte, que eles chamam de *punt*, e que cruzava num arco audacioso a garganta escarpada. Lá embaixo parecia que a água fervia, mas de cima só se via muita espuma, pois o rio tinha cortado tão profundamente as paredes ao penetrar na rocha que quando batia um raio de sol subia um leve véu de respingos iluminados com as cores do arco-íris. O *punt* era todo de madeira e não compreendi por que possuía até uma cobertura. Mesmo as laterais tinham sido revestidas de madeira, e dali se abriam algumas janelinhas.

É para proteger os guardas da neve — Xaver ia me explicando a construção —, e porque assim se defendem melhor de uma possível tentativa de ataques de surpresa; nenhum cavaleiro pode cruzar a ponte

sem descer do cavalo!

- E se aparecer um exército inteiro com catapultas e lanças? — perguntei.

- Não é fácil transpor a passagem da montanha. Além disso, na pior das hipóteses, os guardas podem derrubar toda a ponte, com eles em cima, no abismo!

Não é exatamente uma forma bonita de morrer, murmurei comigo mesmo, mas Xaver ouviu minhas palavras e protestou.

- A única coisa que preocupa a um *saratz* é ganhar o Paraíso! — advertiu-me. - Até agora só aconteceu uma vez: quando o jovem Welf da Baviera, de quem então éramos vassalos, quis fechar ao infeliz imperador Henrique o retorno pelos Alpes, depois da humilhação sofrida em Canossa...

- Preferiram morrer a ceder?

- Para resolver o conflito de consciência que lhes estava sendo colocado, os *saratz* derrubaram a ponte no abismo junto com os guardas bávaros!

Eu olhava em silêncio para o fundo desfiladeiro e, de repente, lembrei de nosso valente Roberto.

Meu anfitrião quis consolar-me:

— Tempos depois, já sob o domínio dos Hohenstaufen, ficamos submetidos diretamente ao imperador, pois Frederico nos concedeu o mesmo *status* que aos judeus do império: *Servi Camerae Nostrae*.

Xaver, que recebia em todos os lugares demonstrações de grande respeito, apresentou-me à *guarda do punt*, os vigias da ponte, com as seguintes palavras:

— É William, meu hóspede! — e proclamou que eu era digno de confiança. De modo que pude atravessar o corredor escuro de madeira e afastar-me sozinho pelo bosque próximo.

Xaver me emprestara um casaco de peles, confeccionado com as peles de quatro marmotas, que me ajudava a manter um calor agradável, mas durante a caminhada ia me afundando na neve e avançava com dificuldade. Deixava-me perplexo a idéia de como os *saratz* se moviam pela neve. Não restava outra explicação senão pensar que tinham se aliado ao Diabo. Que outra razão podiam ter esses gnomos hereges para refugiarem-se em semelhante deserto gelado?

Depois o bosque ficou menos espesso e diante de minha vista se estendeu uma grande superfície branca: era o pântano do qual Xaver havia falado. Avistei ao longe uma capela, situada no alto de uma colina. Vê-la infundiu-me mais coragem e, sem me importar com o terreno traiçoeiro onde me movia, continuei meu caminho, agora sem dispor mais de uma trilha, confiando em que o gelo daria firmeza suficiente à terra em que pisava.

Quando finalmente alcancei a construção, o sol já estava baixo. Devia apressar-me, se desejava voltar antes do anoitecer.

O interior da capela era pobre, não tinha sequer um crucifixo. Desenhei com o dedo uma cruz na capa de pó que cobria o altar, e ajoelhei para rezar. Mas a porta aberta às minhas costas me deixava tenso. Embora não tivesse visto ninguém em toda aquela imensa paragem, não parava de olhar para trás, onde via agora os sombrios lagos que pareciam não congelar nunca, como seria de supor na estação invernal. Olhavam-me com suas pupilas negras de infinita profundidade, imóveis e absortos. Eu estava certo de que sequer devolveriam o reflexo da imagem de qualquer cristão que se aproximasse sem suspeitar de nada ruim, mas que o trariam sem que aparecesse nem mesmo um círculo nas suas águas escuras.

Obra do Diabo! Por três vezes tracei no ar o sinal-da-cruz.

E, então, eu o vi aproximar-se. Era uma figura solitária, seu capuz cobria grande parte do seu rosto. Sem

querer, me ocorreu pensar em Vito, meu perseguidor. Mas depois pude observar que quanto mais se aproximava mais seu hábito se parecia com os dos franciscanos, da mesma cor da pelagem marrom da mula que trotava atrás dele carregada de pesados fardos. O irmão tinha de puxar o animal, que resistia embora parecesse ter sido liberado de uma parte da carga, como pude ver pela bolsa de peregrino que o homem arrastava quase até o chão; ele detinha-se de vez em quando e olhava temeroso à sua volta, como se também estivesse consciente da presença de um demônio que o ameaçava enquanto não tivesse alcançado o lugar sagrado: a proteção da capela.

No exato momento em que eu quis colocar-me de pé para ir ajudá-lo, vi os demônios do bosque que rodeava a margem do lago saltarem sobre ele, arrebataram sua bolsa enquanto executavam uma alegre dança em torno do prisioneiro. Não pude reconhecê-los, pois os assaltantes haviam pintado o rosto com fuligem e alguns usavam máscaras demoníacas, embora seu chefe me lembrasse o homem carrancudo que eu vi no *hammam* e que atendia pelo nome de Firouz. Ele amarrara a corda que prendia a mula ao pescoço do minorita. E, assim, arrastaram o frade junto com o animal em direção ao bosque, ao mesmo tempo que estapeavam suas pobres costas.

Eu continuava de joelhos, absolutamente apavorado. Só quando tive certeza de que aqueles gnomos demoníacos já não pululavam pelo bosque, foi que, com redobrada coragem, apressei-me em retomar o caminho de volta, seguindo minhas próprias pegadas na neve.

Debaixo dos altos abetos reinava a escuridão, o sol se tingia em seu ocaso de cores alaranjadas e vermelhas como o sangue, e os troncos das árvores lançavam longas sombras azuladas e violeta sobre a neve. Comecei a correr, caí, e acabei perdendo minhas pegadas e com isto a orientação. Então ouvi sinos, a princípio muito distantes e depois cada vez mais insistentes. Pensei que os demônios tivessem me descoberto e que estariam caçoando da minha pobre pessoa, que vagava pelo bosque como um animal selvagem em busca de comida e que de repente acaba por esbarrar com o caçador.

Mas, depois, vi um rebanho de cabras montanhesas que atravessavam o matagal açuladas por duas jovens protegidas por espessos casacos de pele. Quando meu olhar recaiu sobre seus pés, fiquei convencido de serem filhas do mesmíssimo Satanás. Traziam presos às botas apetrechos largos, trançados na parte de cima e que por baixo pareciam grandes pratos cobertos de couro. Graças a tais artefatos deslizavam na neve sem afundar. O mais traiçoeiro eram suas carinhas, dotadas de um rubor edificante: é verdade que tinham as bochechas vermelhas devido ao fogo infernal, mas seus olhinhos brilhavam insolentes, e na verdade bastante alegres. Exibiam pequenos dentes afiados, parecidos com os de um castor, e lábios surpreendentemente sedutores. Mas de resto não via carne humana nelas, pois levavam tudo bem escondido debaixo de peles de lince e de lobo, que por certo deviam ser os companheiros noturnos com os quais acasariariam no fundo do bosque, a menos que dispusessem de um macho caprino ou se divertissem cravando as unhas no pescoço de alguma inocente criatura cristã.

Aproximaram-se com muita rapidez, dispostas a zombar de mim.

— Rüesch! — exclamou uma delas. — Por acaso este não é o senhor William, seu hóspede? — E a mais jovem deteve seu infernal calçado tão próximo de mim que me salpicou de neve até o rosto. Eu tinha me ajoelhado de puro medo.

— Eu me chamo Rüesch-Savoign — disse com amabilidade e voz suave enquanto a outra continuava morrendo de rir — e sou filha de Alva!

— A filha mais jovem? — escapou-me a pergunta.

— A única! — ela riu um tanto intrigada. — E esta é minha prima Madulain.

Eu continuava de joelhos diante das moças:

— Bela e jovem dama — disse —, eu a seguirei como se fosse uma de suas cabras desde que me tire deste horrível bosque.

Depois levantei-me e comecei a tirar a neve enquanto as duas moças não paravam de rir.

— Não seria capaz de dar os saltos que dão as cabras — caçou Madulain —, nem que o ajudássemos com uma ou outra paulada! — e tornou a dedicar sua atenção ao rebanho que continuava na direção costumeira, até onde esperava o estábulo.

Rüesch, que não devia ter mais de quinze anos, compadeceu-se de mim.

— Poderia deixar-lhe minhas abarcas... — mas a prima lhe advertiu com um movimento de cabeça que não aprovava a proposta, razão por que renunciou a prosseguir. — Pode seguir nossas pegadas, e, além disso, verá os excrementos na neve quando chegar a noite; isto o ajudará a encontrar o caminho até a casa — e deslizou sobre suas abarcas atrás dos animais que começavam a dispersar-se entre as árvores.

Ao seguir a trilha que elas haviam deixado na neve, pude avançar com maior rapidez e logo vi a fumaça que subia dos telhados das casas do povoado, iluminado com os últimos raios solares. Atravessei com toda rapidez o corredor de madeira do *punt*, onde os guardas não deram sinais de querer deter-me, e comecei a subida pelas estreitas ruelas, ofegando por causa do esforço.

Era o momento da oração noturna, segundo lembrou-me o som emitido três vezes por um berrante alpino, e todos os homens do lugar, em sua quase totalidade artesãos e comerciantes, estenderam pequenos tapetes sobre a neve e rezaram ajoelhados e em silêncio enquanto em cima, na torre de vigia, se desvanecia o som profundo do berrante. Suas cabeças inclinavam-se em direção ao passo da montanha atrás do qual devia encontrar-se, embora a muita distância, no mais longínquo sudoeste, a cidade de Meca.

Passei por eles com muita precaução e vi o fogo aberto da ferraria; senti o cheiro da madeira resinosa das oficinas onde se fabricam os trenós, assim como o aroma intenso do couro das tendas onde se trançam as abarcas. Encontrei-me com caçadores que carregavam, penduradas nas lanças, as presas abatidas: algumas eram gordas marmotas atravessadas por uma flecha. Não vi mulher alguma, sequer as duas jovens. Xaver estava, de novo, sentado no banco defronte de sua casa, observando um cabrito que fazia girar lentamente sobre o fogo, o que conseguia puxando lentamente um cordão de couro que corria sobre uma roldana.

- Gostaria de rezar um pouco na igreja — disse a ele com humildade, apontando com a cabeça na direção da mesma.

- Hoje não! — replicou. - Amanhã poderá rezar outra vez! — e sorriu. Quando observou minha perplexidade, acrescentou para apaziguar-me:—A reunião já acabou, as mulheres estão voltando — e vi uma procissão de mulheres que traziam o rosto coberto por lenços e que iam se separando em grupos para dispersar-se pelo povoado. Mais tarde, Alva entrou e se dispôs a servir-nos a carne sem dizer uma palavra.

- Vamos comemorar o dia — disse Xaver, oferecendo-me um bom pedaço de perna de cabrito. — Conseguimos um excelente butim! O papa voltou a enviar-nos setenta quintais de prata e trezentos besantes de ouro, além de um burro — pegou-a com uma das costelas do cabrito. - O minorita afirma que esse tesouro representa uma "esmola" — continuou explicando Xaver, mastigando sem perder o bom humor. — Como se não soubéssemos que são Francisco proíbe aos irmãos aceitar a menor moeda que seja.

Alva mostrou, com gesto humilde, um prato vazio, onde seu esposo colocou alguns pedaços de cabrito, não exatamente os melhores, após o que ela voltou a retirar-se para casa e Xaver prosseguiu seu relato:

- O pobre homem achou que o mais inteligente seria subir pelos lagos em direção ao vale, contornando a *diavolezza*, e acabou caindo diletamente nos braços diabólicos da *guarda lej*.

- Eu vi. Um valente servo de Cristo.

- Um perfeito asno! — retrucou Xavier.

Meus olhos começaram a procurar a filha, que supus teria ido à Igreja com a mãe. Quando olhei para cima, para a janela gradeada, vi que estava ali olhando e chupando um osso sem deixar de sorrir, dando assim a impressão de estar mostrando a língua para seu pai. Ao perceber que eu a olhava, afastou-se rapidamente e mergulhou na escuridão do quarto que ficava nos fundos.

A noite caiu e o fogo estava quase apagado. Xavier limpou a boca com a mão, acendeu uma tocha e me indicou o caminho.

—Vamos, William — disse em tom cerimonioso. — Zaroth, o ancião de nosso povoado, o espera!

Descemos pelas ruelas e tive de tomar cuidado para não escorregar, pois a noite havia intensificado o frio e a geada. No centro do povoado, chegamos numa praça quase vazia à casa do *podestà*; uma ampla escada de pedra conduzia até o piso superior, onde uma porta de ferro se abria para uma ampla sala. Em volta do fogo estavam reunidos os homens do lugar, bebendo vinho.

— O profeta não pensou nos fiéis obrigados a viver entre o gelo e a neve — sussurrou-me Xavier enquanto tomávamos assento em uma das últimas filas. — Nós, os *saratz*, não chamamos a esta bebida por seu nome; a consideramos um remédio contra as agruras do inverno, para prevenir a rouquidão e os pés gelados!

Assenti com um gesto compreensivo e aceitei a xícara que me ofereciam. Depois provei:

— Bom líquido! Onde o obtém?

—Vem do Valtehno, o vale que fica atrás da passagem da montanha. No outono ajudamos seu pessoal na vindima e fazemos um intercâmbio com nosso queijo de cabra.

Zaroth, um digno ancião de barbas longas, deu conta de nossa presença.

— Segundo o veredicto do conselho de anciãos, podemos dar por encerrada a questão desse monge infame — e pronunciadas estas palavras, levantou sua taça ricamente lavrada. Vamos agora cumprimentar um amigo do imperador: William de Roebruk, nosso hóspede.

Todos os presentes brindaram a mim, num cumprimento, enquanto eu os olhava confuso, de pé.

—William é um homem devoto, um cristão — prosseguiu Zaroth. — Agrada-me muito que um homem como ele possa testemunhar que os *saratz*, os vigias do *punt*, não prejudicam aos que são seus irmãos na fé, unicamente aos inimigos do imperador, aos mensageiros do papa que se ocultam debaixo dos frades mendicantes para realizar suas más ações. É tão certo merecerem o Inferno, do qual lhes oferecemos um pequeno adiantamento em nossa câmara ardente — as risadas ressoaram na sala — como nós merecermos o Paraíso! — E todos esvaziaram as taças com visível satisfação. — Bem-vindo, William!

Sentaram-se; eu me senti obrigado a fazer uma última tentativa para salvar a vida do meu irmão:

- Não seria melhor testemunho de — pouco me faltou para dizer “de vosso amor cristão ao próximo” — superioridade moral dos *saratz* devolver à Itália tais traidores da causa imperial cortando-lhes apenas, digamos, uma orelha ou um nariz — alguma coisa tínhamos de dar! — para que todos vejam que...

— Seria um erro! — interrompeu-me, furioso, o rapaz robusto a quem chamavam de Firouz. — Acusariam o imperador: "Vejam! Assim o Anticristo castiga os pobres minoritas..." — Zaroth ordenou que ele se calasse, mas foi inútil — e nós perderíamos o preço dado para sua cabeça, que como sabem

sobe a metade de...

— Silêncio, Firouz! — rosnou Zarith, e tentou me explicar: — Não pense que agimos assim para cobrar o preço dado por sua cabeça: as rendas que obtemos com essas ações, e que não se nos apresenta essa ocasião todo dia, cobrem a duras penas o gasto com a vigilância do porto e do vale: uma vigilância que realizamos no verão e no inverno, de dia e de noite!

— Sem dúvida, não é um grande negócio! — murmurou Xavier em meu ouvido. — Só vale a pena para os que pegam o mensageiro e o ancião, pois cada um deles cobra um décimo no momento.

Firouz é o caçador mais rico entre os *sartz*!

Mas eu não queria desistir:

— E se os entregassem a um tribunal do imperador?

— O mesmo lhes aconteceria, ou ainda pior! — resmungou Firouz. — Além disso, o imperador Frederico está muito contente de o livrarmos desses papistas de merda!

-Viva o imperador! — exclamou Xavier antes que os homens pudessem pensar em se aborrecer comigo, e de novo levantaram suas taças e beberam à sua saúde. Rapidamente a bebedeira se generalizou, mas cada vez que meus olhos buscavam Firouz, percebia que continuava me observando, pensativo e rígido, disposto a não me perder de vista.

Quando os primeiros *sartz* perderam o equilíbrio e caíram no chão, peguei Xavier pelo braço e arrastei-o pela montanha, em direção à sua casa. Quando chegamos, ele separou as pernas e mijou no muro da própria casa e, depois, certamente enquanto olhava seu instrumento, ocorreu-lhe uma idéia que, para pôr em prática, não estava tão longe.

— Alva! — gritou. — Alva, mulher! Onde você anda, te desejo! — e jogou-se com a calça aberta pelo curral das cabras subindo pela escada de pedra em direção a seu quarto.

Eu, ao contrário, busquei o monte de feno, e sem acender sequer um dos fochos, enrolei-me na manta. Durante algum tempo escutei ranger lá em cima as tábuas; depois ouvi a pancada de uma porta, e os últimos ruídos foram sufocados por uma espécie de lamento noturno e as leves queixas das cabras montanhesas, que tornaram a conciliar o sono depois de nossa interrupção.

Dediquei um breve pensamento ao irmão, que com toda certeza também não estaria muito calmo, assim como ao perigo que talvez me ameaçasse gerado na mente de Firouz e que se materializaria quando este conseguisse descobrir que eu não era um porta-bandeira do imperador, mas um vil frade franciscano a quem, no transcurso de dois anos de aventuras, o cabelo tornara a crescer cobrindo a tonsura. Também lembrei em minhas orações das duas crianças sepultadas no meio do gelo e das que desfrutavam do sol de Otranto, e também de Hamo, a quem desejava que tivesse conseguido escapar, e lembrei de Clarion, a quem gostaria de ter a meu lado no monte de feno...

De novo rangeram as tábuas por cima da minha cabeça. No meio da escuridão vi surgirem dois pés nus na escada, acompanhados de um comprido camisolão que logo os cobriu com toda decência, sem deixar mais nada à vista, e depois caiu a meu lado, sobre o feno, a filha menor da casa.

Abri-lhe a manta e ela escorregou sem problemas para meu lado. Cheirava a queijo fresco de cabra.

— Alva está com Xavier — sussurrou-me ao ouvido. — E continuarão ocupados até dormir e roncar — a rapariga continuou me contando. — Você também ronca, William; ontem à noite eu ouvi!

Tomei coragem e a envolvi firmemente com o braço, sentindo suas carnes firmes. Mas não conseguia me lembrar do seu nome. Ela levantou a camisola até o pescoço, de modo que meus dedos puderam se lançar a uma amena distração.

— Gostaria de saber se você ronca quando está com uma mulher.

— Em cima ou embaixo? — respondi-lhe em tom de caçoada, e nós dois começamos a rir.

Ela levantou a manta.

— Quero ver se você tem a pele muito branca! — esclareceu-me, com ar atrevido.

— Mas, se estamos no escuro — sussurrei enquanto sentia crescer meu membro. — Tem de descobrir pelo tato, Rüesch! — Neste mesmo instante tinha lembrado o nome: Rüesch-Savoign!

E Rüesch-Savoign não precisou que eu repetisse. Pegou-me pelos testículos, mordeu-os com delicadeza, sua língua percorreu-me o membro, e antes que pudesse evitá-lo escapou-me um jato de sêmen. Ela se jogou sobre o meu corpo, e quando achei que iria me abrir seu jardim, percebi que me mostrava seu juvenil traseiro. Quis passar as mãos por baixo, posto que meus dedos já tinham preparado o terreno, mas Rüesch me despachou uma pancada de repulsa e murmurou:

— Somos casados, por acaso? — enquanto escorregava sua nádega firme sobre minha verga, que continuava úmida e firme, deixei que o fizesse e desfrutei de sua excitação, expressa mediante um ligeiro movimento de vaivém. Rapidamente mostrou-se insatisfeita com minha atitude reticente e procurou, gemendo e ofegando, introduzir-me cada vez mais em suas entranhas, até que finalmente a agarrei pelas nádegas e dei o merecido à pequena pícara. Enquanto rolávamos pelo feno, nos revezávamos nas posições de cavaleiro e montaria.

— Em cima ou embaixo? — ria Rüesch, e me veio um segundo gozo, que a fez calar-se e perder-se num suspiro. Mas não durou muito: ficamos em silêncio para ver se ouvíamos os ruídos lá de cima. Rüesch sussurrou em voz baixa:

-William, você é um bom macho! — e se pôs de pé para urinar sobre meu corpo, talvez com a intenção de assim expressar sua extrema satisfação. Depois limpou com um punhado de feno os restos de minhas ejaculações, voltou a cobrir-se com o camisolão, e apressou-se a subir a escada novamente para refugiar-se em seu quarto com grades.

— Rüesch — disse em voz baixa —, pelo menos poderia me dar um beijo e desejar-me boa-noite!

-Você é um bom homem, William — retrucou, enquanto seguia subindo pela escada —, mas uma mulher *saratz* só beija na boca seu marido.

Ferros Candentes

Castelo Sant'Angelo, primavera de 1246

A Vito pareceu que havia transcorrido uma eternidade quando, finalmente, a porta do quarto se abriu e Mateus de Paris, o encarregado superior da documentação, comunicou-lhe que seu *carcer strictus* fora rebaixado a *custodia ad domicilium*.

— Significa que você não pode abandonar o castelo sem permissão expressa...

Sem deixar que o preocupado monge terminasse de falar, Vito passou bruscamente a seu lado.

— Onde está o prisioneiro que mandei?

— Na mais escura das masmorras, tal como ordenou!

— Acompanhe-me. Vamos iluminar o cérebro dele pela última vez!

— Não posso ver sangue! — respondeu-lhe Mateus, espantado, embora decidido. — Nem mesmo uma tortura! Vou mandá-lo para o *castigator*.

— Não, ao *carnifex*! — Vito explodiu numa risada violenta e deixou Mateus para trás. Sabia perfeitamente como chegar até as profundezas do castelo.

Roberto, um homem forte como um urso e capaz de arrebenatar correntes, estava inconsciente quando o tiraram, com a ajuda de barras de ferro, das águas geladas do desfiladeiro. Neste mesmo estado, acorrentaram-no e transportaram-no numa caixa que parecia um esquife, até dias depois encontrar-se, já debilitado pela fome e pela sede, num lugar desconhecido e escuro, preso a uma rocha úmida. A água que gotejava das paredes o manteve com vida.

Durante muito tempo esse foi o único barulho que ele ouviu. Mas depois lhe chegou o longínquo brilho de uma luz. Por uma escada que levava até sua prisão, se aproximaram passos, e as sombras das grades se moveram conforme se aproximavam tochas acesas.

Vito ordenou que fechassem os ferrolhos, e Roberto reconheceu, com seus olhos cansados e meio cegos, o "corvo": aquele fantasma suspeito que os havia perseguido por todo o norte da Itália até os Alpes. E atrás dele viu o fogo candente que serpenteava numa frigideira de cobre e os ferros, as agulhas pontiagudas e as tenazes que um monge estava esquentando com hábeis movimentos, como já familiarizado com o ofício.

— É um rapaz forte — observou Vito, secamente, dirigindo-se ao seu ajudante, cujos braços longos e costas largas chamavam a atenção, apesar da batina e do capuz que lhe ocultavam quase todo o corpo. — E capaz de arrebenatar correntes e também de levantar dois troncos grossos. — Aproximou-se para iluminar com sua tocha o rosto de Roberto. O prisioneiro mantinha-se de pé, principalmente devido às argolas de ferro que sustentavam suas mãos, mas evitou o olhar. — Que azar que esses dois troncos formassem a ponte que eu desejava atravessar com tanta urgência.

Aproximou ainda mais a chama, e do facho caíram gotas de alquitrã sobre o peito do prisioneiro, que, no entanto, não estremeceu.

— É uma pena que seja um servo tão fiel de meus inimigos! — Nem mesmo quando a pequena chama queimou-lhe os pêlos do peito e a pele se levantou formando bolhas, Roberto deixou escapar um só gemido. Vito de Viterbo afastou-se dele e se voltou para a porta de grades. — Faça seu trabalho! — ordenou em voz alta ao monge que manipulava os ferros candentes.

Ainda não havia alcançado a escada, quando o homem acorrentado gritou como um touro ferido:

— Senhor, volte e perdoe a seu servo!

Vito deteve-se, um pé já no primeiro degrau. Nas mãos do torturador ameaçavam as extremidades candentes de ferros compridos, como os que se utilizam para marcar o gado.

- Eu teria gostado de dispor de um ajudante forte como ele — refletiu em voz alta falando mais para si que para o verdugo. — Se estivesse à meu serviço, não teria necessidade de falar, nem comigo nem com os outros, só teria de me obedecer cegamente!

O monge fez um gesto de compreensão e tirou da frigideira a agulha e as tenazes, mas Roberto não desistia:

- Servirei ao senhor como um cão fiel, juro! Vigiarei vosso bem-estar como se fosse minha própria vida! Mas, para servi-lo, preciso dos meus olhos, tenho de poder ladrar e morder, um mutilado não lhe servirá de nada, será preferível morrer!

Vito gostou daqueles argumentos simples com os que Roberto tentava defender a integridade de seu corpo, preferindo a alternativa de perder a vida. O prisioneiro não mendigava ao pedir perdão. O rapaz não era bobo, tampouco covarde!

Viterbo dirigiu-se ao carrasco:

- Para que todos vejam a serviço de quem está, marque-lhe com um "C" de Cristo, ou de Capoccio — e achando a si mesmo engraçado, soltou uma gargalhada, que ressoou como um eco terrível pelas abóbadas. - Um "C" no peito e a cruz habitual na frente!

Sem olhar para trás, começou a subir a escada. Esperava ouvir o grito animal do homem ao ser marcado, mas só pôde escutar um profundo gemido.

Vito de Viterbo sorriu satisfeito, um gesto que lhe era raro.

Voltou pelos corredores serpenteantes do castelo num percurso que costumava dar-lhe enjôo, sobretudo quando não tinha pressa nem objetivo fixo. As cicatrizes tinham-se curado e esquecera-se das dores, mas padecia da prisão domiciliar como um severo e pérfido castigo que só podia ocorrer àquela mente demoníaca, cujo esconderijo ele não se rebaixava a buscar por tetos e paredes. Cansado como um cão sem dono de dar voltas de um lado a outro, retirou-se a seu esconderijo para lambe o sangue de sua vaidade ferida.

- Bem — caçoou a voz do Invisível —, o senhor se acalmou? — Vito não ergueu os olhos da cama. — Agora que seu novo cão são-bernardo já está quase adestrado — continuou a voz —, não tem vontade de voltar ao norte? Não gostaria de acabar com esse bando dos saratz nos Alpes? A verdade é que não seria má idéia! Embora à Cúria não interesse muito que se percam uns frades minoritas a mais ou a menos, quando são os fundos da Igreja o que se perde e não chega ao seu destino, pior ainda, quando esse mesmo dinheiro vai parar nos bolsos do imperador, é como ter um desgosto!

Vito suspeitava de uma armadilha, mas não podia deixar de responder:

— Eu o conheço, Eminência — grunhiu. — Quer certificar-se de que os fugitivos não se refugiaram naquelas paragens? — Vito sabia que o cardeal o estava colocando à prova, mas não quis perder a chance de provocar o poderoso. — Na verdade, o senhor só quer que eu me perca por lá!

— A verdade, Vito, é que também aqui você não serve de grande coisa. No entanto, quando penso em todos os países que você teria de pisar, em todos os lugares onde deixaria seus excrementos, em todas as árvores que mancharia com sua urina, quase acredito que é aqui onde menos prejuízo pode causar.

— Não vou lhe implorar, apenas proponho que eu e meu cachorro não nos dediquemos a morder os músculos dos *saratz*, senão a ladrar, no sul, à condessa de Otranto. E provável que os infantes jamais tenham saído dali. Talvez tenham nos enganado e só tenha sido um sonho ruim. Dê-me uma frota e lhe mostrarei...

— Um discurso estúpido. Seu cachorro mereceria um dono melhor. Você não faz mais que me dar razões para que eu ordene que continue preso na corrente!

O interrogatório terminou com esta sentença: "Prisão perpétua por irresponsabilidade." Não tinha sentido enfurecer-se por encontrar-se tão indefeso. O que lhe estava destinado a aprender era como ser obediente até transformar a obediência em parte de sua carne e de seu sangue. Só de pensar nisto ficava doente!

A Igreja Incineradora

Punt'razena, primavera de 1246 (crônica)

Tão logo amanheceu, o som profundo do berrante me fez saltar do leito cálido de folhas secas. Para os *saratz*, significava uma advertência para não se esquecerem da oração matutina; para mim, significava que eu devia acordar para a primeira missa. Em minha covardia, havia evitado durante todo o inverno de ir à igreja ver o irmão ali prisioneiro. Mas uma observação de Xaver durante a vigília anterior despertou novamente minha consciência. Passei pelas cabras, que continuavam deitadas ruminando, e cheguei até a fonte, onde jatos de água gelada acabaram por me despertar de todo. Saí à rua, onde ainda reinava a escuridão.

Quando meu olhar alcançou a igreja que se eleva sobre a encosta, vi que um grupo de jovens sarracenos, liderados como sempre por Firouz arrastavam o minorita por uma corda presa às mãos e o conduziam até o vale.

Refugiei-me rapidamente na sombra das últimas casas, não tanto por temor de ser descoberto, mas por vergonha de não ajudar meu irmão em sua última hora. Rezei por ele a meia-voz enquanto continuava a subir, e lá de cima os vi atravessar o *punt*; em seguida, vi que não tomaram o caminho do bosque que eu já conhecia, mas seguiram à esquerda.

Fazia muito tempo que não sentia com tanta insistência o desejo de pronunciar as palavras do Messias, embora fosse um ambiente pouco sagrado. Armado com a coragem do missionário, entrei no interior vazio da igreja, onde não me esperava mais que uma fumaça azul e mordente. No lugar em que deveria estar o altar e o crucifixo, para dar testemunho de Deus, ardiam em nichos na parede as brasas cuja fumaça envolvia os pedaços de carne suspensos na cúpula.

Também não me surpreendi ao ver lá em cima, pendurado em um gancho, o corpo torturado do meu irmão, pois o tinha visto com meus próprios olhos abandonar aquela câmara pestilenta, sem dúvida precursora da condenação eterna. Procurei com os olhos cheios de lágrimas uma última notícia sua, ao menos seu nome, mas não pude achar sinal algum. As paredes estavam cheias de nomes e datas, não poucas vezes acompanhadas das letras "O.F.M." e também de exclamações desesperadas, de últimas mensagens, como "O Senhor se apiede de minha alma!", "Em Tuas mãos abandono meu espírito!", "Maria, roga por este pobre pecador!" ou bem simplesmente "INP + F + SS" ou a humilde Inscrição "INRI". Aquela era uma câmara de morte e os desgraçados que em seu desamparo não tiveram mais que as unhas para riscar tais sinais nas paredes só a abandonavam para dirigir-se à sua execução.

Não me restou muito tempo para estudá-las, posto que começaram a entrar na igreja as mulheres do lugar. Ajoelharam-se sobre o chão de pedra, e no seu dialeto *saratz*, entremeado com termos latinizantes, iniciaram o canto de uma melodia cujos graves e agudos se assemelhavam a um lamento fúnebre. Tinham os rostos ocultos sob os lenços, mas pude perceber que todas eram anciãs, de modo que me atrevi a reprimir a tristeza e a melancolia que ameaçavam paralisar-me naquele lugar de morte e enfrentei-as preso de um santo calafrio.

— Pedem pela paz do Senhor? Não esperem que Deus, que é justo, a conceda! Sua ira cairá sobre todos! O filho que Ele enviou para trazer-lhes a paz foi aprisionado pelos esbirros e sacrificado na cruz sem que

ninguém levantasse a voz. De nada lhes serve ajoelhar-se e lamentar-se em vez de parar os braços dos mercenários do imperador e gritar-lhes: "Não matarás!"

Ao ouvir minhas primeiras palavras, as figuras envoltas em véus interromperam suas lamentações monótonas e me olharam em silêncio, mas com gesto frio e expressão de poucos amigos, embora depois parecessem curvar-se cada vez mais à medida que minhas palavras as fustigavam como um chicote.

— Jesus Cristo não chegou a este seu vale abandonado por Deus para que uma vez mais o traiam por trinta dinares de prata, e sim para carregar suas culpas. A culpa de vocês é grande e aumenta cada vez que um servo de Deus é executado pelas mãos de seus filhos. Por acaso não disse o Senhor: "A vingança é minha?" Vocês acumularam em suas almas pecados enormes, que pesam mais que as montanhas que lhes cercam. Arrependam-se, façam penitência, ou o Senhor vos condenará! *Per omnia saecula saeculorum*. Amém!

Saí da igreja, corri até o *punt*, empurrei furioso os guardas para o lado, embora não me opusessem resistência, e entrei no bosque até que as primeiras árvores me escondessem do olhar dos guardas, que não deixariam de perceber algo estranho. Só então atrevi-me a respirar e tentei fazer com que a fria razão dominasse minha fúria impotente. Abandonei com precaução a trilha que conduzia até os lagos e tentei atravessar a neve alta para descobrir as pegadas dos *saratz* que haviam acompanhado o prisioneiro.

A cada passo que dava na imaculada brancura invernal tinha menos esperanças de achá-lo ainda com vida. No entanto me surpreendeu a visão que de repente se ofereceu a meus olhos.

Encontrei-me diante de um clarão no bosque e vi que dos ramos maiores dos abetos escuros pendiam os corpos de pelo menos uma dezena de franciscanos, como se fossem pinhões de tamanho sobrenatural. Não balançavam, pois ali não chegava uma brisa de ar; apenas emitiam um leve rangido, uma vez que a maioria daqueles corpos estava coberta de uma grossa camada de gelo. A figura mais escura, em cujo hábito despontavam algumas manchas de neve fresca, devia ser a última vítima, o minorita da mula. Não me atrevi a olhar seu rosto, fiz rapidamente o sinal-da-cruz e voltei pelo mesmo caminho, desejoso de afastar-me daquele lugar horrível no qual não penetrava sequer um raio de sol.

Não longe dali ouvi de repente como a torrente de água bramia no desfiladeiro rochoso. Tropecei, caí, avancei cambaleante pelo bosque até avistar novamente a claridade se assomando entre o negrume dos troncos e acabei atravessando um bosqueja menos denso. Em um prado ligeiramente ascendente da montanha, que se oferecia quase livre de neve graças a uma feliz coincidência entre os efeitos do vento e do sol, pude ouvir o som que emitiam os sininhos das cabras montanhesas que ali pastavam expressando sua satisfação com o característico "mé-mé", enquanto em cima, na encosta onde a neve formava novamente uma densa camada, divertia-se um grupo de moças.

Aquelas pastoras loucas brincavam na neve sem tirar as abarcas; deslizavam juntas, traçando curvas atrevidas como que competindo entre si, aproveitando a mais leve ondulação do solo para mudar inesperadamente a direção ou deixar que o vento as levasse e voltassem a cair na neve acompanhadas dos gritos encorajadores ou dos risos maliciosos de uma ou de outra. De todas, nenhuma era tão rápida e fazia as curvas com tanta agilidade nem pulava tão longe e tão alto sem cair como

Rüesch-Savoign. Por mais insanas que fossem suas intenções, sempre aterrizava habilmente sobre suas abarcas, como se elas fizessem parte de seu jovem corpo.

Entusiasmei-me a ponto de aplaudi-la, e assim consegui fazer com que as moças percebessem minha presença. Mas em vez de mostrarem-se contentes com meus aplausos, reuniram-se para cochichar, depois abaixaram-se e começaram a fazer bolas de neve. Antes que eu compreendesse quais eram suas intenções, todo o grupo disparou encosta abaixo, assustando as pobres cabras e cobrindo-me com uma saraijada de bolas de neve, que explodiram no meu rosto com o maior impacto que imaginei possível.

De modo que tive de fugir de novo para o bosque, deixando para trás os risos de caçoadas daquelas amazonas das montanhas.

Esforcei-me para encontrar o caminho de volta, sempre com medo de deparar-me novamente com os enforcados. Finalmente alcancei, já esgotado, a trilha que levava à igreja de São Murezzano, o primeiro mártir do vale. Ainda não tinha dado dois passos quando uma flecha atingiu com um duro golpe a casca da árvore que havia a meu lado, na altura do meu peito. Fiquei imóvel, com o coração batendo até o pescoço. A uns cinquenta passos de distância, saiu Firouz das sombras das árvores com um cervo sangrando sobre os ombros.

- Confundi-o com um cervo que estivesse pastando! — exclamou sem o mínimo tom de desculpa na voz.

- Quer dizer, com um asno! — Eu desejava devolver-lhe a impertinência, de maneira que arranquei a flecha do tronco com um puxão e a quebrei em duas sobre um dos meus joelhos.

Junto de Firouz apareceu, então, o rechonchudo auxiliar de carrasco de quem lembrava com desagrado quando da minha estada no *hammam*; carregava outros dois animais caçados e seu rosto nada antipático de camponês mostrou um sorriso imbecil.

Firouz se detivera com gesto provocador, mas continuei meu caminho. Quando passei na frente dele, sem ceder diante do seu olhar desconfiado, gemeu:

— O que pasta onde não lhe convém é fácil que lhe ocorra um acidente!

— É evidente, Firouz — respondi-lhe sem deter o passo —, sobretudo quando se encontra um caçador que primeiro atira e só depois olha!

— Cuidado com a língua!

— Você se sentiria melhor se refrescasse o rosto com um pouco de gelo — respondi por cima do ombro.

— Não fortalece a inteligência, porém a torna mais leve! — Achei que ele pularia nas minhas costas ou que me dispararia uma flecha entre os ombros, mas Firouz não saiu do lugar e pude prosseguir meu caminho.

Diante da casa, Xaver me esperava com um sorriso preocupado.

— As velhas do lugarejo estão apaixonadas por você, William. Dizem que você profere sermões como se fosse o anjo guardando a porta do Paraíso com sua espada flamejante! Querem que seja seu sacerdote!

Respondi-lhe com precaução, mas também com firmeza:

— De fato estudei teologia, meu senhor, mas não para acabar meus dias nestes bosques nevados e entre estas almas congeladas difundindo o Evangelho! Prefiro atuar como soldado culto que sou, embora às vezes não tenha estômago.

— Você não deve pensar tão mal assim dos *saratz*, William — quis me convencer meu anfitrião. — Quando o vento acaba com a neve e o gelo derrete, as mais belas flores do vale se abrem, e nossos corações também se descongelam.

— Até que volte o inverno! — continuei em tom de galhofa, mas Xaver não se perturbou.

— Nenhum inverno é igual a outro; o imperador vencerá seus inimigos, e qualquer franciscano que então passe por aqui poderá desfrutar novamente da hospitalidade dos *saratz*; como acontecia antes!

— E comerão um bom presunto defumado num lugar que algum dia foi a casa de Deus; e quem sabe deitarão numa cama fabricada com a madeira dos abetos, onde foram enforcados seus irmãos, e cujos travesseiros e lençóis foram pagos com o preço de suas cabeças.

— Isso também ficará enterrado e esquecido, William; vai gostar de ficar conosco! — Fiz um gesto

negando, mas ele me deteve: — Você entende nossa língua, sabe pregar, poderia ocupar um cargo digno. Ter alguém como você como embaixador perante o mundo que nos cerca, mas do qual vivemos afastados, isto é o que o povo *saratz* precisa para que os tempos e suas mudanças não passem despercebidos!

— Nesse caso seria melhor ampliar suas ordens em vez de espalhar tanto terror! Admita algo de *civitas*, em vez de viver como os bárbaros.

— Isso significaria que nós, estrangeiros e não-cristãos, seríamos rapidamente subjugados, reprimidos e acabaríamos expulsos. Vocês, cristãos, não se pode dizer que sejam muito tolerantes!

Nem muito civilizados, Xaver — respondi, e comecei a rir. — Na verdade há poucas coisas que são motivo de orgulho para nós, e inclusive elas foram quase todas importadas dos países onde habitavam seus antepassados. No entanto, é escolha de vocês quererem continuar como um corpo estranho enxertado no Ocidente cristão, do mesmo modo que nossos cruzados estabeleceram comunidades que continuam sendo uma espinha cravada na carne do Islã...

- ... ou não — retrucou Xaver, com ar pensativo. — Não sei que destino está previsto para os *saratz* quando acabar o governo tolerante e generoso do imperador, e no caso de que uma Roma fanática o vença também, nossos dias nesta montanha estarão contados...

- A menos que tentem fazer com que as pessoas esqueçam de onde procedem e quais são suas raízes. Limpem a igreja, enterrem os mortos, obriguem ao próximo franciscano que capturarem a ensinar o Evangelho para seus homens, aprendam o latim e aprendam a rezar!

- Já vê, William, como precisamos de você!

- Sou apenas um andarilho, Xaver, e meu destino é não me prender a lugar nenhum. Dou este conselho como um humilde presente, em troca da hospitalidade que me concedeu em sua casa. E agora vejo que tenho fome!

- Zaroath nos convida a jantar com ele. Sua mulher quer convencê-lo, desde que você comoveu seu coração com a fé cristã que emana de suas palavras, e Firouz preparou um assado para comemorá-lo! Tudo isso em sua honra!

Decidi deixar aquele homem, a quem agora apreciava de todo o coração, porque reconhecia sua retidão moral, na esperança de que a mulher do ancião tivesse interpretado corretamente minhas palavras e de que Firouz sentisse uma necessidade urgente de me tratar bem, razão pela qual nos dirigimos, às pressas, para a casa do *podestà*.

Lá eles já nos esperavam, o que não impedia que os demais já estivessem bebendo seu copo de vinho.

- Queremos dar-lhes as boas-vindas, William de Roebruk. Ouça a decisão dos conselheiros anciãos: se deseja uma casa, os *saratz* vão consegui-la com muito gosto; só precisa escolher uma de nossas filhas, que será sua esposa...

Zaroath interrompeu sua oração, vencido por uma emoção íntima; ela também estava bastante alto. Ergueu a taça e brindou por mim, um gesto que todos os demais repetiram com prazer, exceto Firouz, detalhe que não me escapou.

- Venerável Zaroath — fui obrigado a responder —, se posso escolher uma casa livremente...

— É assim! — disse o ancião em tom cerimonioso.

— ... nesse caso, imploro que me ceda a igreja. — Os assistentes emitiram um murmúrio generalizado, embora respeitoso. Prossegui, então: - No entanto, se querem que eu seja seu orador, peço que os anciãos

conselheiros reflitam profundamente sobre a proposta, já que os *saratz* precisam não de um pregador voluntarioso que instrua suas mulheres, mas de um homem de Deus que assinalo o caminho certo para seus homens... — Dei-lhes pouco tempo para refletir sobre o que não deixava de ser uma ameaça para sua forma de vida tradicional. — Também terei de pensar sobre sua oferta, já que nossa Igreja Católica proíbe que os sacerdotes tenham mulher...

— Fundaremos uma Igreja própria, com um rito especial para você! - interveio Xaver, adiantando-se a qualquer outra resposta, e os demais riram aprovando suas palavras; Zaroth quis insistir no assunto.

— Até o profeta teve uma mulher, várias inclusive, William, e isto não será um impedimento!

Mas a intervenção de Xaver à meu favor havia chamado a atenção e assustado alguém na roda dos alegres bêbados. Firouz! O rapaz adiantou-se com certo ímpeto, colocando-se entre o ancião e meu anfitrião.

— Não se esqueça, Xaver, de que sua filha é minha prometida! Alguns começaram a rir, mas logo se calaram, desejosos de escutar a resposta do pai.

— Já sei que pretende casar-se com ela, Firouz — disse Xaver sem perder a calma —, mas a filha mais nova tem liberdade para escolher o homem que desejar!

— Não é a filha menor! — resmungou Firouz. — Terá de obedecer às minhas pretensões!

— Rüesch-Savoign é a única filha de Alva — dirigiu-se Xaver ao ancião que, já meio tonto pelo vinho, parecia necessitar de tempo para refletir.

— Se é a única, então é a menor — pronunciou, por fim, sua sentença. — Mas ao mesmo tempo é a maior também.

— De forma que será minha! — exclamou Firouz, ferinamente.

— Jamais! — enfrentou-o Xaver e os que cercavam tiveram de empregar a força para impedir que usassem os punhos, o que teria sido simples consequência da sábia norma que proibia armas na casa de um ancião.

Zaroth interveio, mas tudo o que lhe ocorreu foi dirigir-se a mim.

— Ouviremos o conselho de William!

Eu estava calmo.

— Primeiro bebamos um pouco! — exclamei para ganhar tempo, garantindo com isso a aprovação de quase todos. Depois refleti em voz alta: - Consideremos a herança: se não há mais que uma filha, ela será a herdeira! Ninguém pode negá-lo, nem poderá ser castigada pelo fato de ser filha única.

- Assim é! — alguns fizeram coro, e depois me deixaram continuar, olhando com muita atenção.

- Então não há dúvidas de que também dispõe do direito de escolher o esposo!

Os aplausos sufocaram as exclamações de raiva de Firouz, que retirou-se rapidamente da sala.

Olhei preocupado para Xaver, mas ele moveu a cabeça para me acalmar, mostrando que confiava que tanto sua mulher como sua filha saberiam se defender de qualquer ataque de surpresa da parte daquele pretendente furibundo. Resolvendo dizer mais alguma coisa, continuei:

Não há dúvida nenhuma de que seu direito prevalece sobre a injustiça que sofrem as filhas mais velhas ao terem de se conformar com um homem que não escolheram! — Assim fiz com que soubessem o que eu pensava de seus costumes e aproveitei para comunicar a Xaver que desejava partir sem provar a carne assada que acabavam de trazer. MAS meu anfitrião sussurrou-me:

- Seria um sinal de fraqueza correr atrás de Firouz. Vamos beber e comer como se nada tivesse acontecido!

- Na verdade não aconteceu nada — expliquei, cedendo com certo desgosto —, exceto que agora todos me consideram pretendente da mão de sua filha!

- Ele pôs-se a rir e resolvemos comer e beber com os outros, para ficarmos tão satisfeitos e bêbados como eles.

Apoiados um no outro, voltamos cambaleando pelas ruas, até sua casa. Vimos que ela estava silenciosa, adormecida em meio à escuridão, embora ao entrar tenha percebido que a escada que subia até o meu cubículo tinha sido retirada.

-Boas mulheres! — grunhiu Xaver, que também percebera o detalhe. — Não vamos atrapalhar seu sono — e sua voz desceu de tom, adotando um ar conspirador —, mas é certo que gostaria de beber um copo!

Apontou para as estantes que podiam ser vistas mais acima do meu refúgio, ali onde se armazenavam os queijos e eram pendurados os presuntos.

- Estão escondidos lá! E vamos ter de pegá-los sem escada!

Entendi bem, e agachei-me, para lhe servir de apoio. Xaver subiu em meus ombros e começou a procurar lá em cima, perto da parede, onde minha vista não alcançava, embora eu percebesse que caía pó e cal em minha cabeça. Finalmente, segurou uma ânfora selada, que caiu sobre o feno.

—Venha comigo, William! — exclamou com satisfação. — Vamos esvaziá-la lá em cima, sentados na estufa. Aqui só faremos despertar a inveja das cabras, que vão estragar o aroma do vinho com seus peidos!

Subimos Tateando pela escada de pedra, e pela primeira vez consegui dar uma rápida olhada na porta com reforço de ferro que levava ao dormitório das mulheres. Não parecia fácil que cedesse a golpes de punhos ou pontapés.

A outra metade do lugar formava uma ampla cozinha, cuja principal peça era uma estufa, parte da qual atravessava a parede, certamente para esquentar o aposento da mãe e da filha; tinha apenas a altura de um homem e era plana em cima, formando assim, nas frias noites de inverno, um leito ideal para o amo e senhor da casa, como o demonstrava um monte de peles e mantas colocadas na parte de cima, muito bem arrumadas por alguma mão feminina.

Na frente havia uma portinhola para o forno, e na parte posterior degraus que davam acesso ao leito. Nós nos sentamos lá em cima com as pernas cruzadas e Xaver abriu com muito cuidado a ânfora coberta de pó, cuja boca exalou em seguida um aroma embriagador. Dispensamos os copos e fomos tomando pequenos goles alternados, que guardávamos na boca antes de deixar que descessem pela garganta.

— É uma delícia única e de máxima qualidade — e Xaver estalou a língua de prazer —, igual à minha pequena. Estou falando de Rüesch-Savoign — acrescentou, quando viu que eu não mostrava nenhum sinal de aprovação em meu rosto. — Já deve tê-la visto. Que acha?

Apenas pronunciou essas palavras e escutamos lá embaixo, no curral das cabras, umas pancadas, como se alguém tivesse arrebatado as tábuas das paredes, e ouvimos a voz de Firouz.

— William, onde está metido?

De novo um estrondo, madeiras que se partiam em mil pedaços e os protestos das cabras cujo repouso era interrompido.

— Se o encontro perto de minha noiva quebro seus ossos, arranco seus ovos e amasso seu rabo... Onde está, filho-da-puta, viado cristão empenhado em conseguir de qualquer jeito, por pura safadeza, um posto

entre os *saratz*? Apareça!

Queria me levantar para enfrentar aquele louco antes que transformasse o curral num monte de escombros, mas Xavier me reteve. Aproximando-se do parapeito da janela, gritou em direção à escuridão da noite:

— Firouz, ficou louco, para invadir assim a paz do meu lar? Está pisoteando minha honra... — Tudo indicava que esperava que Firouz saísse do portal para a rua e que também se abrissem as portas das casas em torno. — Outra coisa: o grande caçador está a ponto de perder a cabeça! Se você voltar a pisar em minha casa sem ter sido convidado, não apenas vou matá-lo, como também tenho direito de fazê-lo; além disso, solicitarei ao conselho de anciãos que declare a perda de sua honra!

Aquela era uma advertência séria que todos puderam escutar. Eu me colocara junto a Xavier, de modo que todos podiam me ver, exceto Firouz, que afastou-se como um cachorro sem se atrever a me olhar.

Xaver sorriu, mas eu estava longe de me sentir satisfeito com o andamento das coisas. Do mesmo modo que Xavier tinha negado a Firouz o direito de ser seu genro, estava me obrigando a aceitar, com a ajuda involuntária daquele estúpido, o papel de pretendente declarado de sua filha, e eu não sentia nenhuma inclinação naquele momento a falar daquele assunto delicado. Xavier estava tão emocionado por causa da ingestão de vinho e a excitação que ele provocava, que teria sido capaz de despertar Rüesch naquele mesmo instante para nos obrigar a dar o "sim" à boda.

Portanto, não disse mais que "obrigado, Xavier", e depois de tomar um último trago da ânfora que, de qualquer jeito, já estava quase vazia, acrescentei:

- Agora estou cansado!

Acompanhou-me até a escada segurando uma lamparina de azeite e depois ainda tive de afugentar as cabras, que comiam o feno de minha cama. Enrolei-me no cobertor e me deitei diante do buraco, assim não puderam continuar fazendo meu leito de morro.

Mas eu não conseguia dormir. As cabras puxavam meu cabelo e suas ásperas línguas lambiam meu rosto. Não teria feito nenhuma oposição se abrissem o alçapão logo acima de minha cabeça e que dele saltasse Rüesch, a menina doida. Sentia muita vontade de transformá-la em mulher, ou ao menos de explorá-la com a língua, como faziam as cabras comigo, até fazê-la sentir um prazer que certamente desconhecia ainda... Ou não? Firouz? Imaginei que pela forma como aquele imbecil se comportava, ela sequer lhe teria concedido a graça de seu traseiro. Pensei que ela também deveria estar dormindo, pois havia escutado tudo e estaria contente de descansar aquela noite perto de sua mãe, evitando assim o nosso perigoso jogo de "por cima ou por baixo". Era uma moça sábia. A lembrança de seus seios firmes e de suas nádegas apertadas, de sua sensualidade, de sua coragem e disciplina, que não desmereciam sua alegria infantil e sua franqueza, e sobretudo da porta de seu paraíso que ainda estava por se abrir excitaram minha virilidade. Senti o membro endurecer-se por baixo do cobertor, enquanto as cabras continuavam lambendo cada centímetro da minha pele suada, que podiam alcançar com suas línguas ásperas.

Abri o cobertor com muito cuidado para não afugentá-las e...

... Rüesch!

Conjuração Bizantina

Constantinopla, palácio de Calixto, verão de 1246

— Essa jogada não tem sentido, querido primo: se você não mover o cavalo, meu artilheiro poderá causar um desgosto a seu rei. Tenho a torre preparada — Nicola delia Porta, bispo latino na cidade grega de Bizâncio, mostrou com divertida complacência o rei de marfim do seu jovem oponente, que se via acochado pela rainha de ébano e um dos peões pretos. Sua mão, de finas articulações, era impecavelmente bem tratada e estava adornada com o pesado anel episcopal, onde se via um rubi escuro magnificamente talhado e cercado pelo fogo verde de várias esmeraldas.

— Se movo o cavalo, você comerá minha torre e não poderei fechar a brecha. Eu o conheço, tio Nicola!
— Hamo vestia uma toga coral, que deixava livre um de seus ombros morenos: visão que causava mais complacência ainda em seu opositor que aquela partida tão desigual.

—Você se engana, meu querido — sorriu o bispo —, se engana tanto como quando me chama de tio — e pegou com carinho a mão morena do jovem para levá-la a executar o movimento. — Deve se lembrar de que temos a mesma avó e, *uk estin udeis, hostis uch hauto philos* — afastou com movimento ágil o alfil branco à frente e este do tabuleiro —, minha rainha chegará de todo modo ao lugar previsto... *Gardez!*

Hamo não sentia-se demasiado pesaroso; se estava disposto a jogar com Nicola era para distrair-se de seus pensamentos e evitar que este o tocasse continuamente, sempre com o pretexto de fazê-lo experimentar novas roupas. De modo que também não cedeu neste caso, e não deu por terminada a partida, quase perdida, mas trocou as rainhas com um rápido movimento, o que prolongou o jogo.

No entanto, o bispo não tinha mais vontade de continuar. A provocação que ele pretendia dirigir a Hamo não estava destinada a se desenvolver num tabuleiro de xadrez, de maneira que propôs, com expressão ambígua:

— *Remis?* — Embora soubesse que, mais que uma oferta, aquele era um gesto de generosidade; e levantou-se.

Hamo fixou por mais um instante seu olhar no tabuleiro e na má posição dos peões. Depois derrubou todas as peças, compensando assim a desigualdade.

Nicola repreendeu-o sorrindo:

- Só o nosso imperador Balduíno é tão impetuoso como você. Os olhos de Hamo seguiram os olhos do bispo através do campo de xadrez de mármore, muito mais extenso, que cobria o chão da sala e que, dividido de modo tão apurado em quadrados pretos e brancos, representava o Império de Bizâncio no auge do poder, provavelmente na época do imperador Justiniano.

Nicola observou, melancólico:

- Este resto miserável do nosso "Império Latino" quer dizer: o que nos deixaram búlgaros e selêucidas, muito brevemente será dominado pelos gregos. Eles é que vão acabar com minha estada aqui!

Hamo levantou-se e postou-se à seu lado:

- E Frederico, que vocês chamam de Imperador do Ocidente, não poderá vir socorrê-los?

O bispo, que não vestia as roupas do ofício, mas uma leve túnica de lã branca que, caindo com fluidez, permitia adivinhar a delicadeza dos seus membros, irrompeu num riso amargo:

- O imperador tem de lutar para conservar seu próprio poder, de modo que não podemos contar com ele. Além do mais, casou sua filha com o Vatatse. Ele confia mais nos gregos, e tem toda a razão!

Ambos se aproximaram da varanda que fechava a galeria situada diante do salão, na direção de Chrisoqueras, o Corno de Ouro.

Contemplaram em silêncio as cúpulas das igrejas, os muros e as torres da cidade de Bósforo ao longe, o ir e vir dos barcos no porto, a ponte das naves em direção à cidade nova de Gaiata. Se tivessem olhado linda mais à direita, teriam visto que estava praticamente ao alcance da mão a alta margem do lado asiático. Mas Nicola afastou-se.

O palácio de Calixto ficava situado no meio de amplos jardins que induziam à igreja de Santa Sofia, a catedral da Divina Sabedoria, entre a igreja de Santa Irene e a dedicada a São Sérgio e São Baco. Construído para os príncipes imperiais, já o tutor e sogro de Balduino, o velho Jean de Brienne, colocou-o à disposição do bispo romano quando este se negou, com bom faro diplomático, a ocupar o palácio do patriarca, que havia fugido da corte do Vatatse.

A atividade pastoral do representante dos interesses do papa se limitava à celebração de matrimônios, batizados e cada vez mais enterros entre os membros da camada superior da população estrangeira que professavam a fé católica romana; o povo seguia dedicado à seus *popes* ortodoxos. O princípio inteligente no qual se baseava Nicola della Porta era o de não irritar o povo; somente acudia às igrejas mais próximas quando lhe chegava algum convite especial dos seus colegas gregos, e, entretanto, se dedicava, no belo palácio à sua disposição, à política e a certos jovens helenos de boa aparência.

A lembrança dos seus corpos bronzeados fez Nicola voltar de seus devaneios para a presença de Hamo, um caso em que a perversão do incesto lhe parecia bem mais estimulante que o próprio rapaz, tão rude de caráter.

— Aqui estamos no "umbigo do mundo" — disse, cabisbaixo, e colocou o braço no ombro do rapaz — e era aqui que os príncipes se reuniam para jogar xadrez, o que terminava sendo uma amostra divertida do poder e da extensão de Bizâncio — apontou para o chão da sala, no qual se viam, em três lados diferentes, degraus que subiam, como em um circo. — Em cima, no empório, vemos as armações de madeira onde se penduravam as roupas e as armaduras dos jogadores: os "brancos" de um lado, os "pretos" de outro. Só os escudos dos guerreiros mostravam as armas autênticas dos nobres obrigados a atuar como "peões"; faziam-se apostas muito elevadas, e toda a corte considerava uma honra apoiar financeiramente os filhos do imperador que estavam no jogo. *Chrysiou d'uden oneidos...* — O bispo sorriu com melancolia ao pensar nas distrações que já não eram do seu tempo, e cujo resgate não seria muito conveniente em razão do seu cargo. — Lá você verá as armações que tinham de colocar as pobres "torres" e os "cavalos" dos ginetes; os favoritos brigavam para carregá-las.

— E o rei e a rainha? — quis saber Hamo.

— Só os parentes mais próximos da família imperial podiam representar esses papéis, provavelmente levando as valiosas roupas especialmente confeccionadas para tal fim. Além disso, todo o campo de jogo podia ser inundado com água, o que aumentava certamente a diversão. Observe que, nos lugares correspondentes ao mar Negro, ao de Mármara e ao Mediterrâneo, o chão se afunda. Essas superfícies costumavam estar inundadas, assim que os jogadores sempre molhavam os pés, e muitas vezes escorregavam ao trocar de posição e caíam na água.

Hamo retrucou:

— Tenho de dizer que preferiria um torneio autêntico, e que esse jogo me parece um tanto infantil!

— Mas o xadrez sempre foi um treinamento estratégico para a mente, um *politikos!* — repreendeu o bispo o seu impetuoso hóspede, a quem considerava um pequeno bárbaro vindo de Apúlia. — Se ordeno a meu vassalo que se transfira de Antioquia para Chipre, não é muito diferente do movimento que faço para deslocar minha torre de "H1 a F1"; faço um enrocamento, como dizem os árabes, que são matemáticos de mente fria. Ou se meu inimigo retira seu embaixador de Icônio e o faz retornar a Constantinopla, é verdade que assim soa melhor, mas no fundo não é mais expressivo que dizer "passe de C3 a C5".

— Otranto também está no mapa, lá na ponta! — Com este comentário Hamo colocou um ponto final em seu interesse pelo "umbigo do mundo" e soltou um bocejo de tédio.

— Está cansado? — O bispo bateu palmas quatro vezes, e pouco depois surgiu um menino que lhes serviu três tigelas cheias de uma bebida quente de cor escura.

- Beba! — convidou Nicola, e colocou com muito cuidado uma das tigelas nos lábios. — É um veneno, mas bem dosado serve para despertar a mente adormecida!

Hamo negou com um gesto de cabeça, olhou por um instante com surpresa a terceira tigela, e depois reclinou-se nas almofadas que cobriam as escadas de mármore.

O bispo deitou-se a seu lado:

- Já que falamos de Otranto, você não quer ao menos enviar alguma notícia para sua mãe? — insistiu com uma entonação reveladora de que não era a primeira vez que tocava no assunto, e que a teimosa oposição de Hamo lhe era bem conhecida. Este nem sequer respondeu. - A qualquer momento descobrirá que você está aqui, por intermédio de amigos ou inimigos, em tal caso me pareceria melhor...

- Eu não tenho amigos — disse Hamo em tom impertinente.

- Pois tenho de prepará-lo para receber uma visita que não lhe quer mal, mas que tem um grande interesse de saber o que aconteceu com você realmente lá nos Alpes...

- Quem é? — Hamo levantou-se em atitude de defesa, assustado.

- O nobre senhor Crean de Bourivan!

- Esse? — O rosto de Hamo demonstrava tudo, menos entusiasmo. - Não desejo vê-lo!

- Mas ele sim. Além disso, tem o poder e os poderes para exigir isso. *Kai kynteron allo pot'etles*,

Hamo consertou a toga com movimentos afetados e bateu palmas.

- Pois que entre o senhor! — exclamou. E acrescentou em voz baixa: - Antes que esfrie esta bebida de boas-vindas — e mostrou a terceira tigela imitando os gestos do bispo.

Cean entrou pelo terraço, o que demonstrava até que ponto a cena havia sido programada. Dirigiu a Nicola um leve gesto de aquiescência e não fez esforço algum para apagar o silêncio de recusa em que Hamo se colocara. Sentou-se junto à mesa de xadrez e começou a reunir as peças no tabuleiro.

Depois de um tempo, se dirigiu ao rapaz em tom animador:

— Espero suas explicações. De qualquer jeito, se você levou a missão que lhe foi confiada como levou essa partida, acho que teremos de nos preparar para uma catástrofe...

— Uma avalanche! — defendeu-se Hamo. — Poderes superiores aos nossos!

— Na maioria dos casos provocados por uma irresponsabilidade absoluta — respondeu Crean secamente. — Morreram todos?

— Como posso saber! — rebelou-se Hamo. — Fui o único que não ficou sepultado pela neve, e me apressei...

— ... a fugir dali em vez de se preocupar com a sorte dos demais, e, em especial, certificar-se de que não houve sobreviventes, pelo menos no que se refere ao frade...?

— Por acaso esperava de mim que lhe desse o... o golpe de misericórdia se respirava ainda? — Hamo não se esforçava para esconder sua raiva, sobretudo porque percebia que Nicola parecia maliciosamente de acordo com seu inquisidor, e que ambos consideravam, a ele, Hamo, um fracassado que não esteve à altura do que dele se esperava.

— A ordem era essa! — lembrou-lhe Crean, sem perder tempo com mais explicações. — De modo que podemos supor que William de Roebruk desapareceu sem deixar rastro?

— Ninguém investigou se deixou rastro ou não — Nicola interveio. - Pode ser que o frade tenha prosseguido na viagem e alcançado sua meta. Basta dizer isto. Enquanto não exista uma testemunha que demonstre o contrário, essa versão será sempre mais plausível que a de uma morte definitiva debaixo de um monte de neve.

— Magnífico. *Arche hemisy pantos* — retrucou Crean sem alterar a voz. — Por enquanto, Pian de Carpine e seus acompanhantes terão chegado à corte do Grande clã, e depois de desfrutar da hospitalidade dos mongóis, chegará o momento de pensar na volta. Acham que isso significa que não resta nada de William e das crianças?

— Também poderíamos fazer com que chegasse mais tarde, por exemplo, não? — O bispo não parecia muito seguro de não estar divagando. — De qualquer jeito, é impossível viajar incógnito pelo Império da Horda de Ouro; os tártaros prestam muita atenção às formalidades...

— E também não consentirão em apoiar uma história recheada de mentiras, a menos que sejam informados de todos os detalhes do nosso plano, e isto sim poderia ser extremamente perigoso! — acrescentou Crean.

— Mas eu poderia me apresentar como testemunha do que de fato aconteceu — Hamo retomou de repente a palavra, embora imediatamente se desse conta de que os outros dois não pareciam levar a sério a proposta. Limitaram-se a sorrir.

- Rapaz - disse Nicola della Porta em tom paternal —, você é parte do jogo e, portanto, não se lhe concede credibilidade, inclusive você é suspeito! Sua pessoa voltaria a dirigir as especulações exatamente para Otranto, quando estamos fazendo tanto esforço para desviá-las dali.

- Eu me apresento diante do representante do papa, e juro...

Della Porta pôs-se a rir abertamente.

- Esse representante sou eu, e posso lhe assegurar que, colocado diante de um Tribunal da Inquisição, você repetirá tudo o que lhe coloquem na língua sem que seja preciso aplicar-lhe tortura alguma. Você seria capaz de trair a própria mãe, e as crianças junto. Esqueça! Só nos faltava essa, que você caísse nas mãos de Roma!

-Teríamos de dispor de alguma personalidade acima de qualquer suspeita e que informasse de forma plausível a morte de William naquele distante país dos mongóis; só assim a ninguém ocorrerá prosseguir as indagações para saber onde foram parar os infantes reais... — Crean concluiu suas reflexões.

- E não poderíamos comprar esse Pian ou corrompê-lo de algum outro modo? — propôs o bispo. — Todo mundo tem seu preço.

- Primeiro teríamos de nos apoderar dele quando voltasse a pisar em terra civilizada e antes que pudesse

tomar contato com mais alguém... Por outro lado, e lenão viaja sozinho: está acompanhado de toda uma delegação...

Só está acompanhado de mais um, Benedito da Polônia, que não poderá sobreviver à culinária mongol. Poderia morrer, devido a certas complicações tardias! — propôs Nicola della Porta em uma refinada demonstração de cinismo.

Crean não acompanhou o sorriso do bispo.

- Deveria ser algum filho fiel da Igreja — fez o comentário com sarcasmo —, e este acabaria, de qualquer jeito, sendo "testemunha-mártir", pois cairia sob a *fida'i*. Essa lei o transformaria em vítima por excelência!

Após essas palavras, Crean dirigiu-se amavelmente a Hamo, que assistira com olhos e ouvidos muito atentos a sua primeira lição de intriga política.

- De qualquer modo, estou contente por vê-lo de novo são e salvo, pois tinha ouvido rumores de que você estava vagando perdido e esfarrapado como um mendigo pelas ilhas gregas, juntando-se com más companhias e dominado por certas drogas orientais...

Ao escutar esta última observação de Crean, o bispo dirigiu ao rapaz uma rápida piscadela de conluio, antes de explicar ao enviado dos "assassinos" com uma ligeira censura na voz e em tom pacificador:

- Tudo isso são águas passadas. O pobre rapaz teve de chegar até aqui sem contar com nenhum meio, e não podia escolher suas companhias, pois só quando chegou finalmente a Constantinopla pude me ocupar dele. A partir desse momento eu garanto seu bem-estar, se isto ajuda a acalmar tia Laurence.

— Não voltarei a Otranto! — resmungou Hamo, inconformado.

— Ninguém o exige! — interrompeu-o Nicola. Depois o bispo se dirigiu novamente a Crean, levantando ironicamente uma sobrancelha: — De qualquer modo, me parece fantástico que um ismaelita esteja preocupado com o consumo de *cannabis sativa*, chamada vulgarmente "haxixe"... Não estaremos diante de um caso de fanatismo próprio de um convertido? O próprio Hassan-i-Sababh, de quem tantas vezes você se declarou porta-voz, estimulou o consumo dessa droga!

Crean revelava em seu rosto o esforço para engolir sem reclamar a reprimenda do bispo. Não conseguiu:

— O *keyf* é um estado mental que só se alcança sem sofrer danos depois de exercícios prolongados e grande emprego de disciplina. Não acho que você seja o mestre mais adequado.

— Instruir a outros exige uma arte excepcional — respondeu Della Porta com má vontade —, e é conveniente não abusar de tais possibilidades. Rogo-lhes que deixe a mim, já perdido para seus ensinamentos, a liberdade de errar, e rogo também que conceda a este jovem — mostrou Hamo — o direito de saber por si próprio o que lhe convém e agrada. — Nicola dissolveu a tensão do ambiente com um sorriso amável. — *Gerasko d'aiei polla didaskomenos...* e se trazes do melhor que há em Alamut ou o de mais fina procedência das montanhas de Masyaf, darei ordens imediatamente aos pajens para que nos tragam os cachimbos!

E como Crean sentou-se, ao mesmo tempo que dirigia um suspiro para Hamo e colocava as mãos nos bolsos, o bispo bateu palmas:

— *Hos mega to mikron estin en kairo dothen...*

As Pastoras

Punt'razena, verão de 1246 (crônica)

Os ares primaveris haviam se retirado, e o vento quente fez a neve derreter; os franciscanos caíram das árvores em blocos, apodrecidos e decompostos, e eu consegui que ao menos lhes dispensassem um enterro cristão no pequeno cemitério atrás da igreja.

No começo do verão, demos por terminado o novo incinerador construído com pedra sólida, e no interior da capela os únicos vestígios do seu humilhante passado eram as últimas mensagens gravadas nas paredes de meus pobres irmãos. Todas as manhãs e à noite pregava o evangelho às velhas do lugar, e durante o dia percorria os arredores.

Quando o manto de neve das encostas derreteu, começou a aparecer nos prados da montanha um tapete multicolorido de flores. As abelhas zuniam buscando o néctar e apareceram as mais belas borboletas; de noite pululavam os pirilampos. Também de noite eu desfrutava do corpo de minha jovem noiva.

Küesch continuava descendo às escondidas pela escada para chegar ao meu refúgio junto às cabras e certamente todo o povo já estaria sabendo de nossos encontros. Os pais faziam vista grossa, ao mesmo tempo que me estendiam a mão. Nosso noivado era consentido e o casamento parecia iminente. Só faltava que o pai se apresentasse diante do conselho de anciãos e pedisse a aprovação. Xaver estava disposto a fazê-lo já há bastante tempo, mas continuava esperando que sua única filha o pedisse, e Rüesch queria, por sua vez, sentir-se segura a meu respeito; não de minha aprovação resignada, mas de meus sentimentos e de meu coração.

- Sou uma moça do povo que vive num país estranho, num deserto cheio de cabras, num exílio voluntário entre as montanhas...

- Você é tão volúvel e tão cheia de caprichos como suas cabras — eu respondia com um sorriso, e a apertava contra mim —, embora tenha uma mente tão pura quanto estes ares. Faça-se a sua vontade, minha cabrita!

Ela me dava um empurrão e mostrava-se desgostosa.

- William — resmungava agressiva —, não quero sua resignação, quero que me ame com entusiasmo!

- Rüesch — comecei a dizer enquanto colocava a mão entre suas coxas, que ela tentou fechar rapidamente —, se grito de júbilo como você faz quando está com suas cabras, Xaver cairá da cama em cima da estufa e Alva desmaiará — meus dedos continuavam acariciando e avançando até chegar a seu úmido jardim, pretendendo familiarizar-se com aqueles campos apenas lavrados. — Direi em voz baixa no seu ouvido, Rüesch: sou todo seu!

A moça me deu um tapa na mão, e quando viu que isto não adiantava nada, pegou-a e deixou que descansasse sobre seu ventre liso e firme, bem longe de sua ansiada penugem.

- Você tem oito anos mais que eu, William. Viajou pelo mundo, estudou na universidade e ensinou a um rei...

- Ensinei-lhe o idioma árabe — eu a interrompi. — Você fala árabe melhor que Luís.

- Mas eu não sou uma rainha - respondeu-me com toda seriedade —, nem sou uma dessas damas finas da

Corte. Como pode ter escolhido a mim...

— Rüesch, você é minha rainha. Todo dia me ajoelharei diante de ti e...

Ela começou a rir.

— Melhor será que se ajoelhe às minhas costas, espertalhão! Quando eu for sua mulher, permitirei que se deite em cima de mim. Está contente, William? — Rüesch me beijou. — Diga-me que está contente!

— Tão contente como você! — suspirei, atraindo-a para mim.

— William, você sabe renunciar?

— Claro que sim, a quase tudo, menos a você. — Quis fazê-la rolar para ocupar a posição correta *a tergo*, como correspondia às regras de nossas divagações pré-matrimoniais, mas ela deu um salto inesperado e afastou suas pequenas nádegas, pondo-as a salvo de meu membro ereto.

— William — disse depois ajoelhando-se diante de mim; seus mamilos escuros tremeram quando pôs ambas as mãos sobre meus ombros e me olhou com ar inquisidor. — William, amanhã à tarde quero que o pai o anuncie; e no dia seguinte podíamos nos casar...

— Ficará satisfeita com um marido velho, Rüesch? — tentei brincar.

— Escuta — ela sussurrou-me —, o que quero é que você me possua pela primeira vez em nossa noite de núpcias, e que pela manhã Alva possa estender os lençóis... E por esta mesma razão quero continuar sendo virgem esta noite e amanhã à noite também, por isso não quero agora! Você entende?

Eu entendia, mas não meu corpo.

— Não podemos adiar o início dessa repentina castidade até amanhã à noite, já que tua virgindade não sofre absolutamente nada?

Seus olhos se encheram de lágrimas e deixou-se cair em meus braços.

— Você não gosta de mim!

— Gosto demais — apressei-me em garantir a minha pequena noiva; cobri seu pescoço de beijos, e também seus olhos, sua testa e seu narizinho, até que voltou a sorrir, entre soluços.

— William, você é incorrigível! — E me deu um empurrão que me fez cair para trás; depois segurou o membro teimoso, o castigou com altivez, e quando sentiu que estava a ponto de arrebentar em ardentes pulsações, encostou seus lábios nele, cercou-o delicadamente com a boca e engoliu a lava ardente que cuspiu meu vulcão, sem que uma gota escapasse de sua língua, que o lambia em rápida rotação. Seus olhos brilhavam e seus lábios reluziam do esperma; toda ela era uma pastora compreensiva.

— Agora te será mais fácil renunciar! — declarou a casta mulher, mostrando-se radiante enquanto eu tentava, ainda ofegante, achar uma palavra de agradecimento. — De qualquer modo, para mim chega, monstro!

Eu tentava me levantar quando a janelinha do alçapão que havia no teto se abriu sobre nossas cabeças e surgiu Alva, para chamar sua filha como se chama a uma criança que mesmo depois de cair a noite continua brincando na rua.

- Não me toque! — Rüesch dirigiu-se a mim resmungando com grande presença de espírito. Enquanto se levantava, beijou-me na orelha e exclamou: — Já subo, mãe! — e foi consertando a roupa enquanto corria para a escada. — Até amanhã, meu amor! — sussurrou-me com carinho fingido de noiva recatada para que sua mãe também ouvisse. Depois fechou a portinhola.

Recostei-me no feno. Cruzei os braços atrás da cabeça e fiquei pensando nela...

O verão tinha chegado naquele lugar, um verão quente e intenso. Nos bosques brotavam cogumelos, empurrando as folhas da estação anterior, as colméias transbordavam mel e as bagas iam amadurecendo. A neve ia derretendo aos poucos no alto da montanha e as moças subiam com os rebanhos em direção a pastos cada vez mais elevados, onde resplandeciam os prados alpinos. Com frequência não desciam ao povoado durante dias inteiros. Apenas quando as provisões acabavam, algumas delas era enviada ao povoado para reabastecer suas existências.

Como outros homens do lugar, me vi obrigado a segui-las naqueles perigosos caminhos, que atravessavam rochas e pedregulhos em cima de profundos abismos. Eu tinha a vantagem de que, a não ser pela missa matutina e a da tarde, não tinha outro trabalho, e assim podia escolher livremente se fazia ou não aquelas escaladas difíceis para satisfazer meus instintos, coisa que despertava a inveja dos demais e, sobretudo, do austero Firouz, o caçador solitário a quem frequentemente via de longe, mas que sempre desviava o olhar quando me via por perto. Estava convencido de que algumas pedras que de repente caíam perto de mim enquanto eu atravessava uma parede rochosa ou uma encosta pedregosa tinham começado a se deslocar graças à sua mão.

Quase sempre eu me encontrava com Rüesch ao meio-dia, quando soavam os sinos, o que chegou a constituir uma espécie de ritual instaurado por nós mesmos, que marcávamos encontro numa cabana ligo afastada. A cabana era usada para situações de emergência, como alguma nevasca repentina, razão por que continha uma boa quantidade de feno e algumas provisões para as pastoras. Nos abraçávamos naquele monte de ervas secas perfumadas como se estivéssemos mortos de sede, para depois ficarmos sonhando, de mãos dadas.

Um dia me chamou a atenção o fato de ela já não parecer estar se dando bem com sua prima Madulain, a quem a princípio havia confiado seu rebanho durante nossos encontros. Nesse dia ela surgiu na cabana acompanhada de suas cabras.

— Madulain está apaixonada por Firouz — explicou minha noiva.

— Pois muito bem — respondi —, assim nos deixará em paz!

— Mas William — disse ela esticando as pernas nuas até a saia atingir alturas comprometedoras —, logo fará um ano que você está aqui conosco e continua sem entender o que ele sofre por perder a honra...

— Ter perdido uma noiva não é motivo para perder a vida — comecei a rir.

— A sua, não, mas tirar a vida de outro sim, lhe parece procedente! - Rüesch deitou-se de costas e elevou um pouquinho mais a saia, pois sabia o que eu queria e ela também queria o mesmo. —Teria de pedir-lhe que se casasse comigo; então poderia responder-me que não e dirigir suas atenções para outra. E isto o que Madulain me exige!

— E com isso não a faria perder a bela honra nem coisa parecida, não? — caçoei dela, e de um puxão lhe subi a saia por cima da cabeça. Diante de meus olhos ficou exposta a mansa pele do brilho escuro de animal, revelando defesa e convite ao mesmo tempo. Inclinei-me para ela, mas a moça abaixou a saia.

— Nós, mulheres, não temos nada a perder! — disse com seriedade.

— Pois então, por que não faz o favor a ela, e a nós também? Rüesch dirigiu-me um olhar feroz.

— E se eu disser que sim?

— Antes teria de jurar que isso não aconteceria...

Rüesch não conseguiu expor mais seus argumentos, pois minha língua havia se introduzido com insolência entre os cachos, fazendo-lhe cócegas. No entanto, ela tentou levar até o fim aquele discurso entre

exclamações excitadas e risos reprimidos.

— Madulain já me prometeu — suspirou. — Sabe, William? — E suas palavras me animaram a prosseguir com grande prazer a tarefa que me importava naquele momento, embora o problema da honra perdida de Firouz me perseguisse, reduzindo meus ímpetos.

— Pretende — disse, depois emergindo à superfície e utilizando minha língua para formular a idéia que me acabava de ocorrer — que eu fale com Firouz...?

Em vez de responder, Rüesch pegou minha cabeça com as duas mãos e a devolveu ao horto de que eu estava cuidando; mas antes que eu pudesse afundar a boca e o nariz no matagal, surgiu atrás dela, de dentro do feno, o rosto petrificado de Madulain, o cabelo coberto de folhas secas e os olhos muito abertos. Com expressão de muda súplica sacudiu a cabeça, olhou-me pesarosa e voltou a afundar-se no feno como se quisesse afogar-se.

Durante sua aparição, eu não havia desistido dos meus propósitos, mas minha avidez, que costuma instigar as tão apreciadas habilidades da minha língua, foi se apagando sem remédio, de modo que logo também os movimentos do meu corpo acabaram cessando. Rüesch não tinha se dado conta de nada, só do meu desânimo pouco habitual.

- Não importa, William — disse em tom maternal. — Está cansado de caminhar — e obrigou-me a descansar a cabeça entre seus seios. — Mas se você ficou sem respiração! — Observou preocupada ao notar minha fraqueza. Depois acrescentou em tom carinhoso: — Descanse agora; tenho de me ocupar dos animais. Esta noite virei buscá-lo e o acompanharei até sua casa.

Quis deixar-me na cabana, mas me levantei de um salto e a segui, porque não me apetecia nada naquele momento manter uma discussão com sua prima, que notava-se estar padecendo de uma enorme confusão.

- Não estou tão cansado — tentei brincar, fazendo um esforço. — É a idade! - Dei um beijo em minha compreensiva noiva e me dispus a pular alegre como um cabrito pelas pedras do caminho em direção ao povoado. Não disse uma palavra a Rüesch sobre aquele "encontro".

VIII – O SOLSTÍCIO

A Câmara de Tesouros do Bispo

Constantinopla, palácio de Calixto, outono de 1246

— Que barulho é esse? — perguntou Crean, sem mover-se. Hamo assustara-se ao escutar o grunhido rouco que foi crescendo até transformar-se em ameaçador. — Parece que vem do próprio Inferno!

— É esse horrível Estix! — disse o bispo, e a expressão de asco em seu rosto revelava uma repulsa absoluta. — Um molosso, ou mastim napolitano, cruzado com um dogo de Lúxor, como os que se utilizam no Sudão para caçar os escravos fugidos. Em resumo, um animal repugnante! Neguei-me a tê-lo em minha casa ou no jardim, mas, ao que parece, essa imunda criatura goza de apreço na cozinha, de modo que a condenamos a viver nos corredores subterrâneos que circundam o labirinto. É um animal que me aparece em sonhos, e temo que algum dia se apresente junto à minha cama com a saliva pingando dos beiços e lambendo minha cara antes de despedaçá-la a dentadas!

— A verdade é que esse cachorro guarda os seus tesouros. Não fosse assim, já o teria sacrificado — interveio Crean em tom de frieza.

Hamo acrescentou:

— Na verdade tem medo de que seu cozinheiro o envenene se mandar matar o cachorro. O homem adora o Estix, embora o bom animal, como vive debaixo da terra, deva estar provavelmente cego.

Novamente ouviram os grunhidos, acompanhados ora de um rangido ora de um estalo de língua.

— Pode ser que a fera se mostre útil pelo menos para avisar-nos da proximidade de um terremoto — tentou brincar o bispo.

— Ou da chegada de algum hóspede! — apressou-se a acrescentar Hamo, justo no momento em que entrava um pajem para anunciar a presença de uma visita importante acompanhada de numeroso séquito: era o legado papal.

Hamo levantou-se de um salto, assustado. Não podia ser outro senão aquele homem escuro que ocultava-se sob uma capa preta e que os zavia perseguido por toda a Itália até que conseguiram desvencilhar-se dele, depois do sacrifício de Roberto na garganta de águas selvagens.

— O esbirro do "cardeal cinza"! - gaguejou atemorizado. — Tem de se proteger! - e agarrou-se a Crean, mas o bispo fez um gesto apaziguador.

— Não acho que possa ser o "Vitellaccio di Carpaccio" — e ergueu o peito, adotando uma postura adequada à sua dignidade episcopal, enquanto sorria calmamente para seus hóspedes, embora tenha se mostrado suficientemente preocupado em sair ao encontro dos recém-chegados.

Considerou uma grata surpresa ver-se frente a frente com Lorenço de Orta, a quem conhecia, embora não revestido do cargo e da dignidade de legado papal. Lorenço estava de retorno da Terra Santa e vinha acompanhado de dois árabes de certa linhagem que se apressou em apresentar ao bispo.

— O nobre Faress ed-Din Octay, emir do sultão, e Tarik ibn-Nasr, chanceler dos "assassinos" de Masyaf. Como o chanceler árabe, uma vez concluídas as fórmulas rituais de saudação, exigisse com insistência e em tom quase descortês ser conduzido à presença de Crean, Nicola teve de acompanhar seus visitantes ao

"Centro do Mundo".

Para sua surpresa, também Crean e o jovem cumprimentaram-se com grande cordialidade, e até Hamo exclamou com alegria:

— O "Falcão Vermelho"! — ao mesmo tempo que abraçava o jovem e o aguerrido árabe. Depois anunciou em voz alta: — Aqui está Constâncio de Selinonte, cavaleiro do imperador Frederico!

Mas aquele a quem apresentava lhe respondeu com palavras, embora amáveis, demasiado insistentes:

— Deixe disso, Hamo! Viajo como embaixador do meu sultão e só meus amigos devem sabê-lo. Minha viagem não é oficial e inclusive relativamente perigosa. Portanto, não acrescentemos mais perigos aos que já existem.

Deu um passo para trás, de forma a ficar em segundo plano, e Hamo baixou a cabeça, envergonhado. O mundo dos cavaleiros lhe pareceu uma vez mais submetido a regras complicadas e exposto a práticas não muito impecáveis em vez de coroado de virtudes simples.

Constâncio dirigiu-se com gesto discreto ao bispo enquanto Tarik e Crean se retiravam para um canto da loggia, e assim Hamo ficou sozinho com o legado papal, diante de quem sentia receio pela importância do título que ostentava. No entanto, Lorenzo parecia de temperamento mais alegre. Seus olhos brilharam de ironia quando Hamo, para superar os primeiros momentos de embaraço, começou a explicar-lhe sem mais em que consistia o jogo de xadrez dos príncipes bizantinos.

— Não deveríamos ter posto esse jovem conde à frente da expedição — reconheceu Tarik ibn-Nasr. — Eu mesmo sou culpado, Crean. Colocarei minha cabeça aos pés do grande mestre — acrescentou secamente, sem prestar atenção à expressão preocupada de seu subordinado e discípulo. — Não cabe nenhuma dúvida: William está vivo! Seria bastante lógico buscá-lo ali onde Hamo o viu pela última vez: na região montanhosa dos saratz que controlam os portos dos Alpes, no punt. Tivemos uma resposta positiva a nossos sinais de interrogação, e ele está retido lá!

— Isso significa que podem entregá-lo a nós? — Crean tentou animar seu chanceler.

— Ainda não sabemos — interveio Tarik. — Enquanto isso, Pian já retorna, acompanhado de Benedito.

Cruzou as mãos às costas e pôs-se a caminhar, meio curvado, de um lado a outro da loggia sem um olhar de admiração para o panorama da cidade que se estendia a seus pés. Como envelheceu, pensou Crean.

— De maneira que, agora ou depois — prosseguiu Tarik, mal-humorado, sua cantilena —, se descobrirá a história que tínhamos inventado sobre os "infantes nas mãos dos mongóis"...

— É preciso conseguir que ao final se encontrem William e Pian, como estava previsto no plano original, uma vez que...

— ... essa é precisamente a única boa notícia que trazemos: ninguém, exceto nós, sabe coisa alguma do paradeiro atual de Roebruk. A próxima aparição repentina dessa ave de mau agouro, que devem jurar-me que será a última, tem de acabar de uma vez por todas com a insegurança sobre o destino das crianças.

— Isso significa que pretendem declará-los mortos?

— Não — respondeu Tarik. — Isso seria perigoso para sua fama; mais *tarde* seriam considerados impostores. Parece-me muito melhor levá-los a um lugar verdadeiramente seguro, o mais seguro e espetacular de todos. Teria de ser divulgado que se encontram a salvo em Alamut, cidade de mistérios e lendas, de onde, algum dia, se encarregarão do Império!

O chanceler dos "assassinos" quis dar por terminada a conversa com seu discípulo, mas Crean tentou

retê-lo um pouco mais.

- E porquê, venerado mestre, e perdoe-me pela simplicidade de meus pensamentos e pelo meu atrevimento, por que não nos esquecemos de tantas elucubrações, nos esquecemos do tal William enterrado no gelo e na neve e de Pian com seu grande clã, e levamos as crianças pura lá onde desejam que fiquem, a Alamut, lugar que, permita-me dizer-lhe, também me parece o mais apropriado?

Tarik sorriu.

- Porque essa solução parece à Prieuré simples demais, muito simplista. — Depois de observar a incompreensão que se desenhava no rosto do jovem, prosseguiu: — Sabe qual é a imagem do gato e do rato? Não é a do gato que caça um rato e o come! A imagem autêntica é outra: o gato arranha o rato, deixa-o escapar, joga-o para o ar, deixa que caia ao chão: brinca com o rato! E tanto melhor será fazê-lo diante do nariz de muitos outros gatos que lhe invejem a presa! Essa é a grande felicidade do gato.

— Então, a Prieuré seria uma espécie de rainha dos gatos? — Crean indignou-se.

— Eu não disse isso — sorriu Tarik com malícia —, já que tal comportamento seria inteiramente oposto às regras da ordem a que ambos pertencemos. O que eu não desejo é seguir brincando de ser gato para que depois apareça um cachorro, a quem não interessa em absoluto o jogo do gato, e acertar-lhe um golpe mortal!

—Você não está concedendo excessiva importância a Capoccio?

O curvado chanceler o olhou surpreso.

— Estava pensando nos mongóis — esclareceu com ar displicente — e no que eles pensam sobre o domínio do mundo.

Crean e Tarik interromperam seus passos nervosos e passaram a observar da sacada a velha cidade de Bizâncio e a desembocadura do Corno de Ouro: lá onde o Bósforo aponta com incerteza para o leste, na direção de Alamut, de onde emanavam as forças espirituais da seita ismaelita e tinham início as estepes do império infinito e rigidamente disciplinado dos mongóis; lá onde, em algum momento, voltaria a aparecer Pian. E às suas costas, na lonjura invisível, vigiavam a cordilheira dos Alpes eternamente coberta de neve, onde William de Roebrok imaginava estar a salvo e esquecido enquanto os saratz esperavam ordens sobre como proceder com seu hóspede.

O braço dos "assassinos" era extenso, porém ainda mais extensos e finos, pegajosos e tenazes, eram os fios tecidos pela Prieuré; sua rede invisível a tudo abarcava, tanto no Oriente como no Ocidente, sem que ninguém soubesse quem puxava aqueles fios.

— O domínio do mundo — refletiu Tarik em voz alta — não pode ser uma brincadeira, e muito menos uma brincadeira de crianças — e desviou o olhar das massas de terra que se separavam e das águas que as dividiam. — Não há corpo humano que resista à força de quatro cavalos puxando em diferentes direções, como sabemos por mais de um cruel espetáculo. Como vão poder essas crianças sustentar uma coroa sem que acabem desgarradas?

O bispo dirigira-se com o jovem emir para a capela do palácio de Calixto, um aposento coberto de mosaicos dourados e que ficava oculto bem no coração dos grossos muros. Poucas pessoas sabiam de sua existência, e mesmo estas conheciam apenas uma única porta de acesso. Na verdade, dispunha de seis portas, e até de uma sétima, escondida debaixo de um trono que parecia fixo mas que, na verdade, servia para ocultar uma escada que conduzia à grande cisterna de Justiniano. Dali podia-se chegar de barco ao porto sem ser visto por ninguém.

Nessa capela, Nicola delia Porta guardava os tesouros acumulados em mais de dez anos de serviços prestados a diferentes senhores, muitas vezes servindo a vários ao mesmo tempo. O fato de exibir seu

tesouro a um estrangeiro que nunca vira antes demonstrava a relação especial e a franqueza que o unia a seu visitante.

O emir, divertindo-se ao contemplar tantas peças de valor, declarou:

— Pode mandar que tragam, para guardá-la aqui, a caixa com os talheres de mesa que costumo levar comigo quando viajo.—Ao ver que

O outro contraía os lábios numa careta de desprezo, acrescentou sem demora: — Poderia derreter o metal, pois são de ouro maciço!

Nicola suspirou, aliviado.

— Como agradecer a meu senhor e benfeitor, o venerável Ayub, a quem Deus conceda vida longa...

O jovem interrompeu secamente:

— O sultão quer saber de onde e quando partirá a cruzada do rei de França caso nosso amigo Frederico não consiga impedir a missão.

Nicola della Porta refletiu, embora por pouco tempo.

— *Ho chresim 'eidos uch ho poll'eidos...* O porto de concentração é Chipre. Os preparativos vão exigir mais dois anos. Mas é impossível prever quanto tempo Luís permanecerá lá e se será possível retê-lo nesse lugar, coisa que eu me permito aconselhar. O sultão deve levar em conta que o golpe será dirigido contra o próprio coração do inimigo, quer dizer, o Cairo...

— Como assim? — perguntou o emir, incrédulo. — Por acaso o rei não desejará socorrer seus compatriotas sitiados em São João do Acre?

O sorriso de Nicola demonstrava compaixão.

— Luís é devoto, mas não é bobo. A Terra Santa não se salvará com uma ocupação temporária, mas com a destruição do poder que ameaçará sempre essas possessões, o Egito!

— O senhor bispo é um bom estrategista, mas não tenho como saber se o rei está cercado de conselheiros tão inteligentes e decididos como o senhor seria para ele.

Nicola della Porta sorriu, vaidoso.

— Sinto não ter seu ouvido por perto. Eu o aconselharia, e pediria uma boa recompensa pelo conselho, que desistisse da cruzada ou que a transformasse em uma visita formal a Jerusalém, disfarçada, é lógico, de conquista gloriosa. Frederico lhe deu o exemplo!

— Mas o chefe supremo dos muçulmanos ortodoxos não poderia permiti-lo!

— Nesse caso a Igreja não deixará de incitar os franceses para que os persigam, já que Frederico dificilmente se porá a seu serviço, pelo menos pelo que eu saiba!

— E tampouco ao nosso! — lamentou-se o emir com expressão lacônica. — De modo que considera a cruzada inevitável?

— Posso assegurar-lhe que minhas palavras valem o ouro que me pagam. Peça-lhe que me acompanhe à mesa, já que estou impaciente para ouvir o relato dos acontecimentos com os quais Lorenzo de Orta nos distrairá nesta ocasião.

— Ele não dirá nada que eu não possa dizer, mas concordo que o senhor legado reveste tudo de um humor que estou perdendo!

— Enquanto não perder o apetite — riu o bispo. — *Ariston men hydor, ho de chrysos...*

Saiu precedendo a seu hóspede, e pouco depois se encontravam ambos no refeitório do palácio, cujas

altas janelas davam para o mar de Mármara.

Hamo e Lorenço interromperam a partida de xadrez, um jogo que o jovem conseguiu apreciar, sobretudo porque o legado era fácil de derrotar e não se importava de perder; e também porque era divertido escutá-lo falar com tanta emoção de sua viagem à Terra Santa, empregando as peças do xadrez para ilustrar suas aventuras.

— ... digamos que a rainha branca represente Damasco, dominada por Ismail; a seu lado, as torres de Homs e Kerak, sob o comando de el-Masur Ibrahim e an-Nasir. Esses peões pretos seriam os selvagens jorezmos que esperam obter do sultão do Cairo, o rei preto que ali está, alguma recompensa pela ajuda que lhe prestaram na batalha de La Forbie, quer dizer, Gaza, embora Ayub não tenha intenção de dar-lhes nada, nem em sonhos, enquanto avança com seu exército sobre Damasco. A princípio o que faz é tirar Kerak de an-Nasir, veja que substituo a torre branca por uma preta, depois, Ismail cede a cidade de Damasco, sai a rainha branca, e entra o rei preto, e, como consolo, obtém Baalbek. Ganha este cavalo branco!

Tarik aproximara-se para ouvir com interesse a forma como o legado papal expunha os detalhes da luta pelo poder.

— Os jorezmos continuam sem obter recompensa, motivo pelo qual oferecem seus serviços a Ismail. De modo que, a partir de agora, são eles os brancos. Ismail quer recuperar Damasco com sua ajuda, e assim voltamos a colocar aqui a rainha branca, acompanhada de todo o seu exército! — Hamo acompanhava a exposição com grande atenção e Lorenço divertia-se em descrever para o rapaz a volubilidade dos árabes. — Mas Homs, branco agora, e Kerak, também branco, não suportam os jorezmos, muito menos os egípcios, e se transformam da noite *para* o dia em peças pretas. Está claro que Ayub deve suborná-los! Junto com as forças egípcias, libertam Damasco. Ismail foge, devolve este cavalo, e os jorezmos sofrem uma derrota avassaladora. A cabeça de seu chefe, você pode imaginar o alfil branco decapitado, é mostrada triunfalmente pelas ruas, e os poucos sobreviventes se refugiam, para salvar-se, em terras dos mongóis. Assim sendo, o sultão negro domina agora a Palestina, o Líbano e a Síria! — Lorenço adotou um tom sarcástico. — Daí que as forças do Islã apareçam unidas e dispostas a acabar com os cristãos. Por que enviar um legado papal à Terra Santa? Para conseguir que aqueles popes da Igreja greco-ortodoxa que reconheçam a supremacia do papa sejam respeitados do mesmo modo que os sacerdotes católicos romanos, sempre que a liturgia o permita! *Kyrie eleison!* — E assim o legado encerrou seu discurso, com uma estranha expressão de cômica amargura.

Todos o aplaudiram. Lorenço ofereceu ainda um último exemplo *daquele* comportamento tão absurdo a seus olhos.

- E as ordens militares? Os templários parecem corvos dispostos a arrançar os olhos dos são-joanistas onde quer que os encontrem. Por mais ameaçada que esteja a cidade que ambos ocupam, se engalfinham nas lutas contra eles pelas ruas como meninos vulgares. Os cavaleiros teutônicos, por sua vez, incentivam os que brigam, como se assistissem à um espetáculo, e aproveitam para embebedar-se! Os marinheiros venezianos, pisanos e genoveses se distraem distribuindo surras e navalhadas nos portos e incendiando barcos e armazéns dos outros, só para obter vantagem sobre eles, enquanto comerciam com grandes lucros. E com quem comerciam? Com os muçulmanos!

Semear divergências no exército inimigo é ganhar meia batalha assentiu Tarik. — Na verdade, é o melhor aliado que se pode ter.

— Por isso querem organizar outra cruzada; para colocarem as coisas no seu devido lugar! — grunhiu Lorenço com raiva.

— Alá nos guarde de uma cruzada! — insistiu o chanceler. — O equilíbrio da paz só poderá se manter enquanto existirem divergências equilibradas entre seus inimigos.

Tributo de Amor

Punt'razena, outono de 1246 (crônica)

Assim transcorreu o verão, e o outono se anunciava já com geadas *matutinas*; haveria de colher, antes que o frio se impusesse, as últimas bagas, as nozes e as castanhas, o milho e as faias, para que não apodrecessem com as chuvas que começavam a chegar, juntamente com as nevascas.

A cada dia as montanhas ficavam mais e mais cobertas de neve. Logo faria um ano que eu estava entre os saratz; os dias se sucediam alegremente e sem grandes problemas, como se sucediam as coroas de flores palhiças que brotavam entre as rochas e que minhas pastoras trançavam para meu prazer. Nas mãos de uma delas significava a coroa de noiva com que pretendia prender-me; para a outra era um ramo de despedida, uma silenciosa advertência para que me afastasse finalmente de sua vida. As flores de ambas tinham amenizado minha existência, embora meus sentimentos fossem, ambíguos. Ninguém parecia exigir de mim uma decisão, e, se dependesse de mim, a boa vida e o amor poderiam ter continuado por muitos verões.

Mas a hora do casamento se aproximava. Subi mais uma vez até a cabana onde tanto me diverti, aquele delicioso albergue de um duplo amor, refúgio de prazer e de paixões. Lembrei do riso alegre de minha cabritinha, a corajosa Rüesch, embora a imagem tenha sido rapidamente substituída pela melancolia silenciosa e o espírito indômito, aparentemente recatado, da gata selvagem, Madulain.

Minha princesa! Lembro-me dela como se fosse ontem! Lembro-me tal como tinha surgido do feno, demonstrando surpresa nos lábios apertados e impondo silêncio. Naquele mesmo instante transformei-me em seu cúmplice, seu conspirador e seu traidor. Pouco depois daquele primeiro encontro, eu estava deitado na hora de sempre no feno de nosso ninho de amor quando os sinos ao longe anunciaram a chegada do rebanho de cabras. Permaneci deitado, fingindo que dormia. Chamou minha atenção o fato de os animais entrarem pela porta aberta no interior da cabana já que Rüesch tentava sempre, com a ajuda de seu bastão, mantê-los afastados da reserva de forragem armazenada. Alguém estava perto de mim no feno. Abri um pouco os olhos e dei com os olhos cor de violeta de Madulain.

Era uma moça bela, esbelta, mais alta que Rüesch, com um rosto macio, de pomos salientes, de lábios carnudos e olhos grandes que contrastavam estranhamente com seu cabelo escuro. Seu aspecto era de uma estrangeira: parecia uma princesa entre as montanhas robustas dos saratz, todas de pele morena, alegres e musculosas. A voz de Madulain também não soava melódica, como uma alegre fonte em que se reuniam as moças, pois seu caráter era mais sonhador.

— William, você não só tem uma língua hábil como também um bom ouvido — disse ela, e não se aproximou mais, mas senti que as chamas se apoderavam de meu corpo. Senti-me estranho, minha carne começou a ferver. — Estive olhando Firouz... — acho que não consegui ler em meu rosto muita simpatia pelo personagem escolhido para proclamar sua devoção. — Tem um membro como o de um cavalo. Quero-o para mim! Ele está disposto, mas você, William — disse com tristeza —, você é um obstáculo à nossa felicidade!

— Pode ficar com ele, se assim o deseja — eu a interrompi com certa raiva, pois sentia nascer em mim a inveja provocada por aquele bruto com sua...

— Enquanto você estiver aqui, ele se negará, porque tem de manter seus direitos sobre Rüesch, embora já não goste dela...

—Você está certa do que diz, Madulain?

A bela criatura olhou-me fixamente nos olhos e sua melancolia começou a invadir meu cérebro, espalhando uma dor insidiosa. Ela respondeu:

— A única segurança que podemos ter nasce no instante da união carnal. Depois da lua-de-mel, Rüesch poderia dirigir novamente seus pensamentos para Firouz, mas você poderia partir antes da boda...

— Nada disso, ficarei e me casarei com ela! — retruquei com firmeza, mas Madulain não perdeu seu tranqüilo estoicismo. Em sua cabeça rondavam idéias de que eu era incapaz de adivinhar.

— Deixarei minhas abarcas contigo — sussurrou, e aproximou sua boca larga e de lábios carnudos e brilhantes de meu ouvido. — Eu o ensinarei a correr, a deslizar e a saltar com elas. Não há cabra montanhesa nem camurça que possa correr mais depressa; um indivíduo com sapatos de neve supera a todos...

— Na verdade, Madulain — defendi-me indignado —, o que deseja me ajudando a fugir daqui é perder-me de vista!

— Não faço mais que ser sincera contigo, William — sussurrou em meu ouvido, e a serpente da tentação entrou-me pelo conduto auditivo.

Claro que desejava fugir, sempre quis, por curiosidade e por ânsia de liberdade. Mas sem dominar a arte de deslizar na neve sempre continuaria prisioneiro daquele vale cravado nas alturas.

— Não quero abandonar Rüesch; decidi passar a seu lado meus dias e minhas noites aqui em...

— Cale-se! — respondeu Madulain, e me pôs um dedo sobre os lábios. — Estou lhe fazendo uma oferta que vai contra a lei. O conselho de anciãos ordenaria meu apedrejamento se soubesse. Você viu alguma vez uma mulher ser apedrejada?

— Posso imaginar, Madulain, mas não posso prometer-lhe que fugirei. Pelo contrário, juro-lhe...

— Não jure, William! — e colocou-se de joelhos, esticando todo o corpo. — Tua língua secaria pelo perjúrio — pela primeira vez seus traços tristes mostraram um sorriso que transbordava superioridade.

— Se quiser, podemos fazer um pacto que não exclui nada: eu o ensinarei a usar os calçados...

— E eu a você?

—Você ensinou à minha cabra preferida como usar a língua com habilidade — e com um movimento lento e emocionante, afastou suas roupas para o lado. Suas coxas lisas ficaram à mostra, e sem aparentar nenhuma vergonha abriu-me o regaço que logicamente eu não desejava reservar à língua de uma cabra por mais rosada e carinhosa que fosse.

Assim transcorreu o verão. Meu corpo afinou e ficou esbelto como um junco, porque para andar nos campos de neve era necessário subir a alturas cada vez mais distantes. Minha "senhora", pois nisto se transformou Madulain desde o primeiro momento, e eu em seu servo, gostava de ser severa, tanto quando se desempenhava como professora nos exercícios com os calçados como quando mandava, exigente e insatisfeita, em minha pobre língua, que no começo transformou em seu vassalo para depois considerá-la uma escrava que deveria estar sempre a seu serviço.

Costumávamos marcar encontros nas cabanas mais afastadas e às vezes também no alto de alguma rocha nua ou no meio da fina neve gelada. Em vista de que de tanto escalar, correr e patinar, e muitas vezes cair, depois me faltasse o fôlego, passou a me exigir o pagamento do tributo adiantado. Fiquei preso em suas redes. Ela não dava nada em troca; jamais tocou-me e nem eu ou meu membro torturado pôde tocá-

la. Mas tinha minha língua vendida para ela, do mesmo modo que se vende a alma ao diabo.

Madulain não era uma mulher fatal, porém mais para fria e sonhadora. E verdade que gemia quando minha língua franca a levava com grande maestria à máxima excitação, mas nem mesmo então, mesmo que estivesse de acordo comigo, demonstrava carinho. Depois de nossos encontros, eu descia cambaleante pelas encostas até chegar ao vale ou adormecia esgotado na cabana de Rüesch. Tinha de duplicar e até triplicar meus esforços para que minha pequena noiva não percebesse e, sobretudo, para não fazê-la sofrer.

A princesa Madulain mandava nas demais moças, e elas tentavam fazer com que Rüesch não descobrisse o que havia entre sua prima e mim. Sempre havia uma desculpa para mandar Rüesch ao povoado quando fosse necessário. A ordem de acudir onde me esperava minha 378 "senhora" era depositada diante da cabana em forma de um punhado de pedras que, colocadas de uma maneira ou de outra, mostravam-me o caminho e a direção a seguir. Como ninguém se atrevia a subir com os rebanhos às alturas que Madulain escalava, estávamos certos de que não nos pegariam de surpresa.

Quando acabou o verão, eu tinha aprendido a dominar com maes-Iria o estranho calçado; movia-me em cima deles com uma segurança total e me atrevia a saltos arriscados sobre as saliências rochosas ou a descer pelas encostas mais escarpadas, entre pedregulhos e abetos sem sentir medo algum. Chegou o momento em que não restava mais nada para a minha mestre ensinar-me. E, no entanto, eu continuava atendendo a seus chamados sempre que estes me alcançavam, suportava todas as agruras para chegar até onde ela me esperava, quase cuspi o pulmão e esquecia de tudo quando ela me abria seu regaço. O prazer de servi-la não se comparava com as pequenas alegrias pré-matrimoniais que Rüesch me concedia, e embora eu a amasse de todo o coração e nutrisse os melhores sentimentos para com ela e ela para comigo, sentia-me infeliz.

Eu tinha uma amante que não me exigia fidelidade nem parecia temer o dia que tivesse de renunciar a meus serviços. De modo que me movia dentro de uma aparente liberdade total mas, ao mesmo tempo, caíra numa armadilha. Não havia maneira de prever o fim daquela situação e passei muitas noites de insônia a começos do outono seguinte, uma situação mais ou menos similar à que me encontro agora. Os dias eram cada vez mais curtos, os rebanhos e as moças iam descendo das montanhas. De novo Rüesch dormia quase sempre em seu quarto e me visitava, respeitando o sigilo exigido por lei, enquanto eu sonhava com a vulva e a vagina de uma princesa em cuja cabeça, por sua vez, não cabia mais que a idéia de um penis eques-Iris cujo portador insistia em casar-se com minha noiva para não perder a dignidade e que, em sua cisma, não tinha sequer idéia dos prazeres que perdia. Como iria o destino exigir que eu lutasse contra ele? Como admitir que me desse uma surra? Seria este o modo de resolver o nó que mantinha meu cérebro dominado e enredado? A carne está pronta, mas o espírito é fraco.

O Menu

Constantinopla, palácio de Calixto, outono de 1246

O pajem pediu aos senhores que se dirigissem à mesa. Quando estavam 379 no refeitório, surgiu "o pai de todos os cozinheiros", o famoso Yarzinth, *criado* calvo de Nicola, conhecido também como "o paladar", seguido de um grupo de efebos que, *seminus*, traziam grandes bandejas de prata.

Yarzinth ia enumerando a ordem dos pratos e sua composição: rolinhos de folha de parreira com carne de caranguejo e creme de leite temperado com coentro e hortelã; pimentões macios recheados de peito de codorna picada e ovos de codorna endurecidos em vinagre; escargot no molho, temperado com alho e servido em bolsas de pepino...

Trocaram de vinho antes dos pratos principais, passando do caucasiano leve ao escuro e resinoso de Trebisonda.

— O Vatatse está repondo o estoque em suas tavernas de Constantinopla antes de voltar a se encarregar do poder — ironizou o bispo. — Esta é só uma pequena mostra com que, de vez em quando, lhe apetece presentear os latinos.

Tarik levantou a taça:

— Tal como o conheço, Eminência, acho que poderemos continuar desfrutando de sua companhia neste lugar, mesmo que seja sob domínio grego.

— Prefiro ocupar um cargo de destino duvidoso em Bizâncio a ser em Roma um dos muitos que ali se destroem mutuamente lutando pela púrpura, ou se expondo a outras mortes ainda mais desagradáveis, possuídos pela vã ilusão destrutiva do imperador.

— Frederico ainda vive! — O embaixador do sultão o saudou, erguendo a taça. — Deveria prestar atenção à resposta que meu soberano está enviando ao papa. O senhor legado — e mostrou com um gesto amigável seu vizinho —, nosso amigo Lorenço de Orta, lhes comunicará o conteúdo da mensagem. Nós dois o decoramos no transcurso de nossa viagem por mar, mas é certo que seus dotes declamatórios são muito superiores aos meus.

Lorenço introduziu rapidamente entre seus lábios uma flor de cabaceira recheada com purê de fígado de pato misturado com pedacinhos fritos de saborosa pele de pato, tudo embebido e frito em azeite-de-oliva, e levantou-se da cadeira.

— Citar-lhes-ei em seu teor literal e original a réplica do soberano de todos os crentes, redigida em idioma grego — e o legado papal estalou repetidamente a língua antes de começar a recitar: — "Ao nobre, eminente, espiritual, amável e Santo Padre, décimo terceiro dos apóstolos, porta-voz de toda a cristandade, que governa todos aqueles que veneram a cruz, juiz do povo cristão, guia dos filhos do batismo, sumo sacerdote dos cristãos, a quem Deus dê forças e proteja!" — e tornou a colocar entre os dentes um daqueles empanados, gorduroso e rezulente — "da parte do todo-poderoso sultão, soberano de quantos mandam em seus povos; que domina a espada e a pena e é árbitro dos dois poderes

mais importantes, como são a religião e a lei; rei de ambos os oceanos, soberano do Norte e do Sul; rei do Egito, da Síria e da Mesopotâmia; soberano de Madai, Iduméia e Ofir; o rei al-Malik al-Salih Najm

al-I in Aiyub, filho do sultão al-Malik al-Kamil, filho, por sua vez, do sultão al-Malik al-Adil Abu Bekr Muhamed ben Aiyub Saif al-Din, filho, por sua vez, do primeiro Nadjm al-Din Aiyub, cujo reinado Deus ampara. Em nome do Misericordioso!"

Lorenço fez uma pausa para respirar, tomou um copo, regozijou-se ao ver a expressão de seus interlocutores entediados por terem de suportar tão longa titulação, e prosseguiu com enorme prazer:

— "Chegou até Nós uma mensagem do papa, acima nomeado décimo terceiro dos apóstolos, nobre, espiritual, exímio e santo porta-voz de toda a cristandade, que governa aqueles que veneram a cruz, juiz do povo cristão, sumo sacerdote dos filhos do batismo, a quem queira Deus conceder-lhe bondade em seu pensar e em seu agir, ajudando-o a difundir a paz e a guardar seus fundamentos, assim como tudo o que seja benefício para aqueles que professam sua mesma fé e seus costumes, assim como para todos os demais!"

— Aí está uma prova da tolerância do sultão — interrompeu-o Cre-an, dirigindo-se ao bispo. — Quanto bem faria à Igreja que se denomina "única e verdadeira" se decidisse vangloriar-se da mesma tolerância!

Mas seu superior objetou com aspereza:

— A tolerância é o alimento dos inseguros, dos que não sabem decidir se querem morder ou chupar, se preferem comer quente ou frio, se têm fé ou se a perdem.

Lorenço abafou toda tentativa de discussão posterior e continuou seu discurso, imitando agora, com grande maestria, a cadência do canto gregoriano:

— "Estudamos exatamente a mencionada mensagem e compreendemos os argumentos de seu conteúdo. Nos agradou e Nosso ouvido desfrutou de sua leitura. O mensageiro que Nos enviou o Santo Padre *chegou* até Nós e o recebemos com carinho e honras, com respeito e veneração. Nós o chamamos à nossa presença e Nos curvamos diante dele." — Claro que isto deve ser compreendido no sentido simbólico - permitiu-se Lorenço intercalar um sorriso: — o soberano continuou sentado no trono enquanto eu me jogava no chão à sua frente.

O legado papal voltou a mudar de tom, e prosseguiu, desta vez, solene:

— "Prestamos Nossos ouvidos às suas palavras e depositamos Nossa Confiança naquele que Nos falou em nome de Cristo, cuja fama elogia-nos. Pois de tal Cristo sabemos mais Nós do que Vós, e o respeitamos e veneramos mais que Vós. Quanto àquele que os faz pronunciar as palavras de paz e tranqüilidade, e que lhes dá motivo para convocar os povos a respeitar a paz, também Nós desejamos algo semelhante e não vamos contradizê-los, pois sempre a quisemos e desejamos."

Lorenço observou que estavam servindo o primeiro prato principal, composto de galinha-d'angola recheada de passas e coberta de massa folheada com canela em pó. Aspirou o aroma com avidez e acelerou o fluxo de suas palavras, sem deixar de enfatizá-las, posto que agora vinha a parte principal da mensagem:

— "Mas o papa, a quem Deus dá forças, sabe que entre Nós e o imperador se estabeleceu há muito tempo, desde a época do sultão al-Malik al-Kamil, Nosso pai, a quem Deus conceda a glória, um tratado de amizade e concórdia, e sabem que o mesmo segue existindo entre Nós e o mencionado imperador. Portanto, Nos é impossível entrar em acordo com os cristãos antes de ter escutado primeiro a opinião do imperador e solicitado sua aprovação. Razão por que escrevemos ao Nosso imperador expondo-lhe ponto por ponto as perguntas que o mensageiro do papa nos transmitiu. Este emissário Nosso..."

— Constâncio, esse é você! — exclamou Hamo sem conseguir se controlar, depois de haver permanecido tanto tempo calado e furioso consigo mesmo por não se ver capaz de participar da complicada discussão dos cavaleiros.

— ... é um homem de confiança do sultão: o nobre emir Faress ed-Din Octay, filho do venerado vizir Fakr ed-Din, que é amigo do imperador do Ocidente Frederico, e a quem este, em sinal de seu apreço e reconhecimento, nomeou cavaleiro, dando-lhe o nome que acaba de sair de seus lábios, e que é, acima de tudo, embaixador do sultão! — o bispo repreendeu seu velho amigo. — Quantas vezes teremos de adverti-lo!

Hamo abaixou a cabeça, humilhado, e decidiu odiar seu primo.

— "O tal emissário Nosso" — prosseguiu Lorenço, desejando que a galinha não esfriasse — "se apresentará diante de Nossos olhos e Nos informará, e quando Nos tenha transmitido a mensagem agiremos segundo o seu conteúdo e não Nos desviaremos do que seja útil e Nos pareça útil a todos; de tal modo poderemos ganhar méritos diante de Deus. Saiba que assim procederemos e rogamos que a graça de Deus aumente seu patrimônio. Escrito no sétimo dia do mês Muharram."

— Ainda resta um post scríptum — acrescentou o emir: — Pois dito está: "Sirvamos apenas ao Senhor e que sua bênção se espalhe sobre Nosso Senhor Maomé e seus descendentes! Que ele mesmo seja parte nossa!" — E em seguida Lorenço se debruçou sobre a comida.

Após a galinha foram servidos linguados do mar Negro com guarnição de polvo, cujo sumo escuro, misturado com pedaços de azeitonas, acompanhava deliciosamente o peixe. Foi então com grande pesar que

O amo da casa atendeu ao pedido de seus hóspedes, proibindo que trouxessem mais pratos da cozinha.

— Quero chegar vivo à presença do imperador! — elogiou assim o emir. - Quem mais poderia garantir-lhe que o sultão lhe comunicará isso e não outra coisa?

—Yarzinth pode transcrever a carta, quer dizer, preparar uma cópia para que tenham maior segurança — ofereceu o bispo.

— Excelente idéia — suspirou o emir, entregando a mensagem do sultão. — E, no entanto, meu estômago se rebela.

— Deixemos de tentar nosso paladar — o chanceler também o apoiou. Estamos acostumados a uma vida ascética, e também a abster-nos da In-bida — acrescentou com um olhar severo para Crean, seu subordinado. — No entanto, não queremos que o legado sofra por causa disso — foi uma das poucas ocasiões em que Tarik decidiu mostrar um sorriso.

Seu senhor, o papa, talvez o condene a pão e água pelo desgosto da negativa que a mensagem contém!

O emissário do sultão pediu permissão para retirar-se e abandonou a mesa com rapidez inusitada. No entanto, antes que pudesse refugiar-se no retrete, Yarzinth aproximou-se dele.

— Não gostou da comida? — indagou com ar de censura. O emir respondeu-lhe com um insulto e fechou a porta.

O bispo mandou retirar os restos do banquete, e estava prestes a dirigir-se com os dois "assassinos" à sua capela particular quando esbarrou no cozinheiro, que entrava na sala com a cabeça erguida. Yarzinth estava indignado e empinou o nariz achatado para seu amo.

— Por acaso não gostaram do linguado refogado? Os polvos não ficaram macios? Pode me mandar executar, mas não deveria interromper tão cruelmente a sucessão perfeitamente calculada dos prazeres do paladar que preparei para seus hóspedes! Não deve recusar friamente minhas criações destinadas à sua mesa! — E o cozinheiro jogou-se aos pés do bispo, oferecendo-lhe sua nuca.

— Minha intervenção no menu — desculpou-se Nicola — deveu-se unicamente ao desejo de preservar a capacidade do senhor legado para degustar pelo menos a delícia de suas sobremesas. Faça com que

tragam os doces tão apreciados por Hamo! — Estendeu-lhe a carta dirigida ao papa. — E procure com sua arte magistral fazer duas cópias desse texto de modo que ninguém saiba distingui-las do original junto com o selo, completo e sem rasgar! Sei que você é um mestre nessas coisas e que não há quem se compare neste mundo! — Com tal consolo, dispensou Yarzinth.

Crean admirou o luxo com que a sala estava decorada; Tarik somente lhe dedicou uma breve vistoria.

— Vejo que o Santo Padre não exige que seus servidores apodreçam na miséria — observou secamente. — Ou são estes os restos que o patriarca teve de deixar para trás sem querer?

— Tudo emprestado, senhores! De que serve tanto luxo a um fiel filho da Igreja que não deseja outra coisa senão alcançar o Reino dos Céus?

— E o imperador? E o Vatatse? Só fazem donativos à bolsa episcopal porque estão preocupados com a saúde da alma?

— Balduíno me paga para que eu intervenha em Roma no interesse da conservação do trono; o grego me paga para que não intervenha. Mas o último paga mais!

— E Ayub, quanto paga?

— Ele me paga o valor que merecem meus humildes serviços...

— Nós, os "assassinos" — advertiu Tarik —, não pagamos nada. Em troca, o deixamos viver!

— Muita bondade de sua parte — respondeu Della Porta com aparente despreocupação, mas o sorriso malicioso que havia em seus lábios pareceu esfriar.

O chanceler dispensou os prolegômenos e preferiu entrar no assunto:

— Crean se ocupará de trazer William de Roebruk até aqui! Eu me ocuparei de que Pian de Carpine, junto com seu acompanhante, retorne por Constantinopla. O resto será resolvido de modo definitivo!

— E as crianças? — perguntou Crean.

— Faress ed-Din dará ordens em Otranto quando passar por ali para se encontrar com Frederico, para que sejam entregues à guarnição de Lucera. Eu os abrigarei lá!

— O emir se negará — replicou o bispo —, e você sabe que poderá fazê-lo!

Tarik dirigiu-lhe por um instante um olhar incisivo.

— Pois, então, será Lorenço quem levará a cabo a dita responsabilidade, e ele não poderá negar-se!

— O legado ficará contente de fazer uma parada em Otranto, e daria muito para não ter de apresentar-se diante dos olhos do papa levando a resposta do sultão — Crean tentou equilibrar a situação do ponto de vista de Lorenço de Orta. — E ainda estaria mais contente se fosse o emir que levasse a mensagem a Sua Santidade...

— Suponho que ele o faria com muito gosto — opinou o bispo. — Basta que procedam a uma troca!

Um olhar de Tarik o fez emudecer.

— E Hamo? — perguntou o bispo, bastante intimidado.

— Sabe demais do "grande plano", e incomodou mais que serviu — Tarik refletiu por um instante. — Acho que lhe cairia bem um período prolongado de instrução em Alamut.

— Não poderia ficar aqui comigo? Posso garantir-lhes...

— Uma vez realizado tudo isso, não ficará em Constantinopla ninguém que conheça a solução adotada!

— Excetuando-se os presentes, espero! — retrucou Della Porta em tom brincalhão, mas sua voz demonstrava insegurança. — *Speude bradeos!* Estou disposto a pagar um bom preço por tal solução — acrescentou o bispo enquanto mostrava com um gesto os tesouros acumulados.

— É mais fácil passar um camelo pelo buraco de uma agulha — começou a recitar Crean — do que um rico entrar...

Mas o bispo interrompeu-o:

— Sabe muito bem que "camelo" não se refere ao animal quadrúpede, mas a um cabo de navio, razão por que a questão se reduz ao *tamanho* do buraco que é preciso atravessar...

— Não sobrarão ninguém para saber — concluiu Tarik, apagando assim qualquer mal-entendido. — A vocês, de qualquer forma, lhes espera uma viagem com destino à Terra Santa.

O bispo ficou absorto num profundo silêncio.

— Viajarão juntos — o chanceler dirigiu-se com gesto abrupto a Crean. — Tomarão o veleiro da Sereníssima. O embaixador e o legado deixarão o barco em Brindisi, e você em Veneza. As demais ordens e disposições lhe serão comunicadas por nosso amigo e homem de confiança, Della Porta, quando você retornar a esta cidade com o monge.

— E se a condessa se negar? — Quis assegurar-se Crean, mas Tarik não se dignou a conceder-lhe uma resposta. Abandonou a capela sem um cumprimento e seu subordinado e o bispo o seguiram compungidos.

Uma vez no refeitório, o chanceler tirou três feixes de cordões de couro, cada um de tamanho diferente e com um número de nós diferentes. Pareciam chicotes baratos, mal amarrados e sem cabo. Entregou os cordões a Lorenço, que mostrou-se surpreso com o pedido insistente - *preces armatae* — de entregá-los, na passagem por Roma, ao comandante da guarnição de Lucera. O núncio guardou os cordões sem poder reprimir um gesto de desagrado.

— O imperador o aguarda em sua residência de Foggia — dirigiu-se o chanceler com amabilidade ao jovem emir. — Partirá amanhã, de madrugada!

Vésperas de Casamento

Punt'razena, outono de 1246 (crônica)

Eu continuava cochilando no feno enquanto as cabras se coçavam e saltavam peidos durante o sono. Lá fora ainda estava escuro, mas o dia já se anunciava com uma pequena claridade.

De repente o berrante soou, chamando da torre. Meu primeiro pensamento foi: fogo ou inimigos? e depois ouviram-se vozes no beco que levava até nossa casa. Pareceu-me ouvir: "O imperador! O imperador!", mas depois ressoou a voz de Firouz, que como sempre soava ameaçadora:

— Onde está William? Onde ele se meteu?

Ao que parece Xaver havia se aproximado de um salto da janela do andar de cima.

— Não se atreverá, Firouz — gritou para baixo, furioso por ter sido perturbado em seu repouso noturno, mas sobretudo pela presença do pretendente rejeitado. — Quando você entenderá, imbecil!

— O imperador está quase chegando! — defendeu-se Firouz. E continuou, advertindo a Xaver: — Por ordem de Zarith, nosso ancião, devemos colocar William em segurança, enquanto Sua Majestade ficar em nosso território!

— Não acho que William seja um assassino por encomenda! — Xaver indignou-se tomando minha defesa, embora seu argumento não lhe servisse para nada, porque Firouz estava mais bem-informado.

— E para que teu querido William não tenha a possibilidade de entrar em contato com ninguém, nem que ninguém o veja!

De modo que saí da casa e estendi minhas mãos para que fossem amarradas, embora ninguém se apresentasse para fazê-lo. Estavam distraídos discutindo em que local me esconderiam.

— Na igreja?

— Nosso soberano poderia querer ir rezar lá!

Firouz evitava olhar-me nos olhos e propôs com ar hipócrita levar-me ao novo local de incineração. Tive sorte, pois naquele instante surgiu Zarith, que me estendeu a mão com um gesto de desculpas.

— Eu me esconderei no bosque — propus.

— ... e vai lançar-se diretamente em seus braços! — O ancião desconsiderou minha oferta impensada. Depois dirigiu-se ao meu rival — Firouz, tua nova casa está quase acabada, e está vazia. — Alguns dos criados começaram a rir. — Esconderemos William lá por enquanto e você garantirá a segurança dele para que não lhe aconteça nada!

A verdade é que a situação ia se complicando. Mas, para minha surpresa, Firouz não se indignou com a proposta e engoliu a humilhação em silêncio. De modo que enviei um gesto de cumprimento à minha pequena noiva, que estava nos observando da grade de sua janela, e deixei-me levar à casa de pedra que Firouz havia construído e jazia imponente sobre uma rocha, por cima do *punt*.

Como a casa ainda não tinha portas, postaram na sua frente um guarda e pude locomover-me livremente pelo interior. Do aposento destinado ao harém podia ver lá embaixo, no abismo, o desfiladeiro de águas

agitadas e observar ambos os lados de acesso à ponte de madeira. Meu guarda era sobrinho do podestà, havia servido na Alemanha e conhecia os assuntos do Império; além disso, tinha voltado há pouco tempo ao território dos saratz e passou a me explicar, ao que parece com absoluta fidelidade, o que ocorria lá embaixo.

Primeiro chegaram alguns homens a cavalo, que desceram do porto da montanha e atravessaram o povoado. Não traziam bandeirolas, e ao que tudo indicava eram simples patrulheiros. Adiantaram-se até o *punt*, reuniram os homens do saratz e os distribuíram em dois grupos. O primeiro grupo, a milícia, era formado por artesãos e camponeses, entre os quais Xaver, e se ocupava de garantir a passagem pelo povoado e a beira do desfiladeiro que ficava a meu lado. O outro grupo, formado por caçadores e especialistas em armadilhas, sob o comando de Firouz, foi enviado para explorar o bosque e vigiar o caminho em direção aos lagos e à parte baixa do vale. Do meu esconderijo ouvia os gritos do comando e pude observar suas idas e vindas.

Depois surgiu a guarda avançada do imperador, formada por cavaleiros com suas escoltas e soldados. Todos formaram um cordão que se colocou em dois semicírculos, à direita e à esquerda, de nossa entrada na ponte, e a partir de então nenhum saratz teve acesso a ela. Só deixaram livre o acesso ao povoado. Pouco depois ouviram-se os sons do berrante vindo do outro lado do bosque e pude ver um faiscar de armaduras e cascos entre as árvores. Também avistei alguns galhardetes, sem que me fosse possível reconhecer as armas que figuravam nos escudos.

Os cavaleiros se detiveram nos limites do bosque e se empenharam em garantir os flancos. Os saratz, que já estavam voltando, mantiveram-se numa respeitosa distância. Em seguida ouvi gritos e fanfarras na parte alta do povoado, razão por que corri para a porta e vi desfilar o séquito do imperador trajando belas roupas. Nossa milícia estava formada na margem da estrada e cumprimentava com malhos, foices, machados e martelos, e todos os que possuíam uma lança ou uma espada exibiam, assim como algum capacete ou escudo velho.

Vi um dromedário — animal desconhecido para muitos do povoado — sobre o qual se acorava um mouro trajando um turbante e tocando um trombone. O lugar transformou-se em um fervilhar de bandeiras e estandartes, entre os quais quase não se via nem se notava nosso comitê de recepção, formado por Zaroath, que procurava manter sua dignidade, e os demais anciãos, que agitavam a bandeira de combate da "guarda do punt". Os anciãos se viram empurrados para um lado pelos sarracenos do imperador, cuja guarda se aproximava a passos rápidos.

Frederico vinha montado em um cavalo negro conduzido por quatro condes. Não colocara a coroa, trazia a cabeça descoberta, e assim pude observar muito bem o seu cabelo, de um louro-avermelhado. Já que seu oponente, o landgrave da Turíngia, ainda não havia chegado, os conselheiros do imperador o retiveram, e Zaroath pôde, finalmente, dar-lhe as boas-vindas.

Ocupei meu posto de observador detrás das grades do harém, de onde pude acompanhar em detalhes tudo o que acontecia.

Lá em frente, do outro lado do punt, aproximava-se agora a rápido galope um grupo de cavaleiros, provavelmente escoltando Heinrich Raspe, o landgrave; por insistência do papa, Heinrich tinha sido obrigado a aceitar sua nomeação como rei da Alemanha para que, assim, pudesse enfrentar o imperador.

No entanto, o landgrave não se sentia à vontade naquela situação, por isso aceitou de bom grado encontrar-se secretamente com Frederico quando este se ofereceu, embora seus conselheiros o tenham advertido de que não devia deixar-se enganar ou trair por ele. Raspe era um guerreiro valente e, no fundo, fiel vassalo de seu soberano. Não obstante, parecia duvidar ainda, antes de dirigir-se, tal como

tinha sido resolvido com muito poucos acompanhantes de seu séquito, à ponte coberta onde teria lugar a entrevista entre ambos.

De modo que me sobrou tempo para observar o imperador e seu grupo mais próximo. Para minha enorme surpresa, descobri ali meu preceptor templário, o nobre senhor Gavin Montbard de Béthune, acompanhado pelo jovem senhor Guillem de Gisors. Seus mantos brancos com a cruz vermelha em forma de garra não chamavam muito a atenção, pois lá haviam muitos cavaleiros da Ordem Teutónica que também portavam capas brancas, embora estas ostentassem uma cruz negra e de maior tamanho. Assim mesmo consegui ver — embora infelizmente não conseguisse ouvir — que o imperador escutava o senhor Gavin. Frederico inclinou-se em direção a este e depois vi que estavam rindo: de alguma piada? Talvez estivessem se divertindo com as dúvidas do landgrave; naquele exato momento, no entanto, este separou-se de seu séquito, livrou-se com um gesto visível para todos, de sua espada e se aproximou do punt acompanhado apenas de uns poucos fiéis.

Frederico esperou um pouco antes de descer também do cavalo e de lhe mostrar por sua vez os senhores que teriam o prazer de acompanhá-lo, entre eles Gavin. Os demais formaram um denso círculo do qual se destacavam as armas apontadas como se fossem uma coleira de pinos que se coloca nos cachorros, demonstrando assim que estavam dispostos a lançarem-se sobre qualquer um que pretendesse incomodar o imperador. No lado oposto havia o mesmo nervosismo, e uma tensão silenciosa se estabeleceu em torno da ponte que os unia e do desfiladeiro que os separava enquanto os dois soberanos — de um lado o imperador destituído e do outro o rei que se opunha ao filho do primeiro, Conrado — desapareceram sob a cobertura da ponte.

Naturalmente, os habitantes do povoado não participavam do evento. Quando os personagens principais do espetáculo saíram de suas vistas, os saratz, tanto os anciãos como as crianças, dissolveram as filas que tinham formado de ambos os lados da estrada e, sem deixar de comentar, excitados, os fatos, retornaram a seus estábulos e oficinas.

Xaver subiu até minha *maison d'arrêt*.

— Oficialmente, o imperador deixou a Itália porque deseja assistir ao casamento de seu filho Conrado com Isabel da Baviera — comunicaram-me eles com voz atropelada os detalhes que tinham colhido aqui e ali. — Mas hoje mesmo o convencerão de que tem de retornar — adotou um ar conspirador —; portanto, pode-se compreender que não deseja outra coisa do que trocar umas palavras com o landgrave.

— E ele, mostra-se disposto a retirar-se? — perguntei-lhe em tom de brincadeira e também incrédulo. — Faz apenas poucos dias que o arcebispo de Mogúncia o coroou rei da Alemanha em Veitsöchheim... — concluí, revelando meus conhecimentos recém-adquiridos, pois acabava de retirá-los do guarda.

— O landgrave está muito envergonhado — confiou-me Xaver — por ter causado tal desgosto a seu bondoso soberano...

— ... quando faz apenas alguns dias, em fins de julho, que convocou em Frankfurt a Dieta do Reich, que expulsou o filho do imperador de seu trono causando-lhe grande humilhação. — Com estas palavras demonstrei-lhe que estava perfeitamente a par do que sucedia ao império, uma vez que sempre passavam viajantes dispostos a uma conversa nas terras dos saratz.

Xaver sentiu-se um tanto decepcionado ao ver que não me impressionava muito com suas fantasias devotas.

— Na verdade, a única coisa que Heinrich Raspe deseja é voltar a ser duque da Turíngia e recuperar a benevolência do seu imperador! — ele concluiu assim seus augúrios, baseados mais nos seus desejos do que em outra coisa, sobre como terminaria aquele encontro que já durava mais de uma hora.

-Tudo é possível — o consolei —, embora a igreja saberá impedi-lo.

Ele afastou-se abruptamente, porque as fanfarras e os ruídos de trombone indicavam o retorno do imperador. Os gestos ásperos de Frederico ao montar no cavalo demonstraram que certamente eu tinha razão em meu pessimismo. Do outro lado via-se o landgrave voltando com os seus homens, o corpo quase encurvado, e depois montando em seu cavalo e afastando-se a galope.

Os saratz voltaram a ocupar a estrada para cumprimentar e pôr assim um ponto final no encontro. O séquito do imperador subiu na direção do porto da montanha e rapidamente desapareceu entre as curvas, enquanto no bosque, no outro lado do punt, viam-se alguns galhardetes percorrendo o bosque, até que ali também voltou a cair um silêncio desértico como caem as névoas do outono ao anoitecer.

O guarda indicou-me que eu podia ir aonde quisesse.

Encontrei-me com Zarith que, cercado pelos demais anciãos, interrogava os rapazes que haviam se mantido escondidos entre as vigas, debaixo das tábuas da ponte.

— ... se os guardas descobrissem — resmungava um dos velhos ao mesmo tempo que dava um cascudo num rapaz —, teriam colocado você num saco de couro, como se coloca um cachorro, um galo ou uma serpente.

— O imperador teria exigido que lhe cortassem um pé ou a mão, ou que lhe tirassem um olho! — acrescentou outro com voz de espanto. — É o que fazem com os espíões e os traidores!

Quando chegaram a esse ponto, os rapazes já ficaram sem vontade de informar, mas Zarith acariciou o que tinha recebido o cascudo e finalmente o orgulho infantil venceu.

— O imperador disse que não lhe cederá a coroa, que pertence a Conrado.

Outro lhe tirou a palavra.

— E o Raspe declarou que a coroa estava profanada; que ele não precisava dela para ser rei, que lhe bastava a aprovação do povo alemão...

— ... e que um imperador excomungado já não pode ser imperador nem rei!

Assim tinha acabado tudo: não houve acordo! Roma vencera!

-A Lombardia continua fiel ao imperador, e também os bávaros o reconhecem graças aos laços estabelecidos pelo casamento de Isabel — observou Zarith, categórico e finalizando o relato —, de modo que podemos confiar que continuaremos em paz aqui, vigiando o porto e o punt em nome do império!

Todos viram satisfeitos quando Xaver aproximou-se.

- Que dia emocionante! — exclamou com alegria afetada. — Alva convida a todos esta noite para comer pasteizinhos na frente de nossa casa!

Boa notícia! Eu apreciava muito os pasteizinhos de castanhas banhadas em açúcar e maçãs assadas, transformadas num purê que servia de recheio para a massa preparada com farinha de milho misturada com ovos frescos batidos, bagas vermelhas e nozes picadas. Os pasteizinhos se desmancham ao serem colocados na boca e metade do recheio nos mancha a barba, a roupa e as mãos, mas não tem importância, porque podemos lambê-las. Também podia-se lambe-la a cara do outro, e este jogo era muito apreciado pelos adolescentes: para eles representava a primeira chance de procurar uma noiva. Constitui, além disso, uma cerimônia tradicional no povoado, por meio da qual a mãe da noiva dá a entender que a filha, com aquela noite de festa, dá seu consentimento ao pretendente. Com suas palavras, Xaver pusera em marcha meu casamento com Rüesch, que se celebraria irrevogavelmente no dia seguinte, e como todos se mostrassem tão contentes, supus que tenham feito acordo em conselho enquanto eu permanecia “detido”

na casa de Firouz, e este tinha sido enviado ao bosque para que não nos encontrássemos.

Aturdido, afastei-me dali, sem saber onde refugiar-me. Quase teria gostado de me esconder de novo na fortaleza inacabada de meu rival. Aquela construção de todo modo não dava a impressão de que seu proprietário, depois de tê-la erguido com suas próprias mãos, desejasse ocupá-la um dia. Parecia mais a concha abandonada de um caracol e respirava a tristeza de um amor desfeito.

Sendo assim, dirigi-me para a igreja, evitando passar por "minha casa", onde Alva, provavelmente com a ajuda da obediente menina Rüesch-Savoign, estaria preparando já os pasteizinhos. As emoções do dia, a visita imperial e o anúncio do noivado haviam sido demais para elas, e eu supunha que as mulheres sequer seriam capazes de passar o dia todo falando sem parar, tanto mais pelo fato de que os acontecimentos atingiam também a seus homens. De modo que supus que, no momento, preferiam deixar tudo nas mãos de Deus, dedicarem-se melhor à festa dos pasteizinhos e os preparativos correspondentes. Aquele povoado gozava de tão poucas ocasiões para que as mulheres pudessem colocar os vestidos de festa, chapéus e fitas; para olharem-se umas às outras e buscarem se superar em beleza e enfeites!

Enquanto subia pelos caminhos escarpados da montanha, via desfilar por minha imaginação o que aconteceria. É verdade que alguns cochichavam a respeito de minha pessoa, pondo talvez em dúvida que eu seria um noivo adequado, e também estava claro que eu jamais seria tão atraente quanto o mouro que viram montado em um dromedário e tocando o trombone. Já havia transcorrido quase um ano desde minha chegada e me consideravam quase como um dos seus, pois poderiam ver-me não somente no dia do casamento, mas também em qualquer dia, pela manhã e pela noite, na missa e durante o sermão, durante a oração e o canto. Todos se mostrariam comovidos, tremeriam ao considerar a gravidade de seus pecados, se arrependeriam até o momento de atravessar os umbrais da igreja, e enquanto desciam pelos corredores, deixariam para trás todas as suas reflexões e bons propósitos para a salvação de suas almas e dedicariam novamente toda a atenção às pequenas guerras e vitórias que travavam entre si, às ervas que serviam de remédio contra a gota e a dor de dentes, os chifres moídos de cabra, que permitem aumentar as forças para fazer amor e conseguir uma herança rápida.

E assim eu esperava poder ficar sozinho, comigo e com meu Deus, em Sua casa, pois restava algo para discutir entre nós em vista de o meu celibato estar diretamente ameaçado. No entanto, quando entrei na igreja me vi diante de um casal que jamais esperara encontrar ali. Na primeira fila encontrei-os ajoelhados, muito agasalhados e com ar de profunda seriedade, Firouz e Madulain.

Após um primeiro momento de grande confusão, dei início à liturgia, como de costume. Firouz não me perdia de vista, e pela primeira vez não vi em seus olhos o costumeiro ódio: expressavam apenas tristeza. Quanto a Madulain, estava acostumado à sua forma de olhar, que, como sempre, me transpassava e parecia dirigida a distâncias ignoradas...

—William— disse Firouz quando terminei a invocação. —Você é um sacerdote, não é verdade?

Não inteiramente, pensei. Mas respondi:

— Sim.

— Então precisa nos casar. Madulain e eu queremos abandonar hoje mesmo este lugar e este vale — a surpresa impediu-me de falar. — Vou presenteá-los com minha casa, para você e Rüesch-Savoign — a idéia de que jamais poderíamos ser felizes nela atravessou-me como uma flechada. — Emigraremos para terras estrangeiras, onde me alistarei no exército ou serei caçador. Madulain está disposta a aceitar esse destino e a ficar comigo, razão por que pedimos que nos dê a bênção.

E ambos se ajoelharam diante de mim com tanto orgulho e evidente decisão que minhas mãos tremeram quando coloquei a estola, peguei a cruz e a estendi para que a beijassem. No altar vi os dois anéis, e me perguntei quem os teria guardado até este dia e que sonhos e desejos teriam cercado aquelas argolas.

Meus dedos estavam ardendo como carvões acesos quando as entreguei a eles. Eles os deslizaram um no dedo do outro com tanta expressão de confiança e carinho que senti uma grande dor me atravessando o coração.

Depois segurei suas mãos unidas, rezei em silêncio durante um longo tempo. Era eu quem tinha irrompido na vida daqueles jovens do povoado e os afugentava de um Paraíso ao qual estavam acostumados, e eles me perdoavam! Mas por acaso não deviam seu encontro a meu egoísmo, a minha negativa em sacrificarme?

Ai, William, tu és um miserável, tens alma de mercenário! Com toda razão te sentes agora humilhado diante de tão grande amor! Ficam para trás tuas intrigas, teus míseros desejos espúrios como um casaco pestilento que precisas vestir daqui para a frente. Ficarás aqui, casado com a filha mais nova e única e, como não gostas de trabalhar, unirás o cargo de sacerdote ao jugo do casamento sem se sentir incomodado com isso, reprimindo a lembrança de tua traição à Igreja Católica e de tua traição a ti mesmo!

- Amém! — concluí, saindo das minhas dúvidas e das minhas reticências. — O senhor os proteja, a vocês e a seu amor!

Os dois jovens puseram-se de pé. Firouz dirigiu-se a mim sem transparecer inveja nem tristeza em suas palavras:

— Quando amanhã à noite você levar sua noiva nos braços para atravessar o umbral, lembre-se de nós... — aqui lhe falhou a voz; o homenzarrão estava comovido demais. Apertei-lhe a mão em silêncio. E foi Madulain quem terminou a frase:

— ... porque nós, William, nos deitaremos sob o céu de uma terra estranha, mas pela primeira vez nos sentiremos livres e felizes!

— Não se esqueça de nós! — disse Firouz, e vi lágrimas em seus olhos enquanto saíamos da igreja e presenciávamos o entardecer no vale. Porém minha princesa o corrigiu, sem atenuantes:

— Esqueça-nos! — pegou Firouz pelo braço e me deixou ali mesmo.

Atravessei quase dormindo o cemitério, onde algumas cruces de madeira sem nomes, marcadas unicamente com as letras "OFM", assinalavam os túmulos de meus irmãos. Seria aqui mesmo onde me enterrariam para meu descanso eterno? Pranteado por filhos e netos e por minha pequena viúva? Rüesch-Savoign sobreviveria a mim, certamente.

O cheiro dos pasteizinhos chegava até lá em cima. Apressei-me a voltar para "casa" e achei uma multidão considerável diante da casa de Xaver e Alva. Receberam-me com olhares de censura e com a triste notícia de que os pastéis tinham acabado. De modo que observei os rostos felizes e sujos das crianças; vi que os velhos lambiam as mãos e que alguns rapazes lambiam minha noiva. Seria o hábito! Sorri para ela, sorri também quando escutei outros improperios que me diziam outros rapazes, e escapuli dali para o meu refúgio com minhas cabras.

Minha cabeça rodava. Caí de joelhos e a pressionei fortemente contra as folhas secas e cheirosas.

— Senhor, faz saber ao Teu servo que pode contar com Tua bênção.

Respirava pesadamente enquanto esperava algum sinal: uma cabra que puxasse minha roupa, uma língua que me lambesse o rosto com aspereza... e naquele momento a perda de Madulain golpeou como um martelo minha consciência. Meu estômago parecia ter engolido todos os pasteizinhos do mundo, como se tivesse me empanturrado e lambido à saciedade. Mas em vez da sensação de plenitude, o que sentia era um vazio enorme, um buraco negro!

-William! — Xaver batia de leve no meu ombro. — É hora de ir ver Zaroth — mostrava-se despreocupado como sempre, não sentia pena da minha desgraça. E como ia sentir, quando estava a ponto de entregar-me a menina de seus olhos para que a tomasse por esposa? Do lado de fora reinava uma arruaça geral e os homens se dispunham a embebedar-se.

— Escuta, William, não fraqueje agora, amanhã você tem de estar disposto a tudo! — Xaver dava umas palmadinhas alegres nas suas coxas, e ao passar diante de sua esposa, deu-lhe uma palmadinha no traseiro. — Amanhã celebraremos as bodas, com música e baile!

Segui-o a passos rápidos, embora me sentisse pesado, até o prédio do podestà, onde, como era costume, os homens reunidos já tinham começado a embebedar-se com o vinho procedente da ensolarada Lombardia.

Meu olhar fixou-se na coluna na qual costumava apoiar-se Firouz, da qual costumava olhar-me com olhos fixos e ardentes. O lugar estava vazio. Sua ausência me doeu. Ninguém fala dele, nem de minha princesa, a bela Madulain. O mais provável é que tivessem seguido para o sul antes do anoitecer.

Umaz vozes ébrias me arrancaram de minhas cogitações; brindes, felicitações para os noivos, elogios para a noiva. Brindei com todos, disposto a vencê-los na quantidade de vinho que suportaria naquele dia. Também Xaver representou com alegria seu papel de sogro de um homem tão destacado como eu, que sabia ler e escrever, que dominava sua língua e também a dos franceses e a dos romanos, que sabia cantar e rezar em latim — e pegar no idioma dos saratz! Que genro formidável! Eu bebia tudo que me davam, respondia a cada brinde esvaziando meu copo e, como não tinha comido nada, a bebida logo fez efeito.

Só Xaver enfrentava a situação melhor que eu. Por duas vezes tínhamos saído cambaleando do recinto, vomitado na rua a uma distância conveniente dos muros da casa e urinado, chegando a jurar que não tomaríamos mais que um gole de despedida e que depois iríamos nos deitar. Quando nos encontramos pela terceira vez no mesmo lugar, apoiando-nos um no outro e quase nos mijando, obriguei o que me testava de cérebro a inventar um truque: mostrei um caminho errado e, em vez de voltar a subir tropeçando pela escada até a sala do ancião, arrastei Xaver pelas ruelas. Por fim conseguimos chegar, engatinhando, à casa de meus eminentes sogros.

De repente Xaver recobrou o ânimo e me forçou a subir uma escada para alcançar-lhe uma pequenina ânfora de um vinho especialmente bom. Ainda não sei como pude encontrá-la com as instruções confusas que ele me dava; só sei que caí da escada no meio do feno, sem quebrar aquele recipiente tão valioso.

Cambaleando os dois, fomos parar finalmente na cozinha e subimos no alto da estufa. Xaver insistia para que eu dormisse ali aquela noite. Demorou bastante para romper o lacre de cera e resina, verteu o azeite que cobria o conteúdo da ânfora, cheirou-a e caiu num sono parecido ao de um morto. Ainda tive tempo para retirar o recipiente de sua mão antes que caísse.

Encontrava-me ainda sentado quando vi que a porta se abriu com cuidado e surgiu Alva, de camisola. Não pronunciou uma palavra, mas subiu decididamente a nosso leito e deitou-se a meu lado depois de tomar um grande gole da ânfora de vinho.

— Preparei mais pasteizinhos para você, William — resmungou satisfeita e maternal como uma gata. — Sei que você gosta muito, e como não chegou a tempo...

— Onde estão? — perguntei com avidez, mas Alva pegou de novo a ânfora com um gesto que liberou a alça que prendia sua camisola no ombro, o seu seio branco revelou-se diante do meu nariz. — Estão aqui debaixo mesmo, dentro do forno — sussurrou-me ao ouvido enquanto o vinho lhe escorria pelo pescoço e inundava seus seios bamboleantes. - Assim se conservam quentinhos — tomou um último gole, suspirou contente e levantou a camisola até o umbigo. Meus olhos detiveram-se na esplêndida vista que se lhes oferecia. Xaver estava profundamente adormecido e os pasteizinhos continuavam quentinhos no forno.

— Você me permite, Alva? — perguntei assustado, e ela fechou os olhos. Tinha as tranças soltas e seu cabelo negro cobria um rosto transfigurado à espera do prazer.

Alva era uma mulher gentil. Inclinei-me sobre ela e desfrutei com um tremor ávido do leve contato que tive com sua carne, mas depois passei por cima de seu corpo e me dirigi cambaleante para a porta do forno. Com o barulho, Xaver despertou. Alva desceu rapidamente a camisola até abaixo dos joelhos e eu já estava então com o primeiro pastelzinho na boca. Ainda estava quente como eu imaginara; o recheio encharcara a massa cozida; o purê de castanhas estava macio e as nozes crocantes. Ainda não o havia comido todo quando minha mão já se estendia para agarrar o próximo.

Neste momento surgiu sobre a estufa o traseiro nu de Alva, e antes que eu pudesse afastar-me, lançou um peido em meu rosto lambuzado com os restos do pastelzinho. Depois minha futura sogra olhou-me de soslaio e com um gesto de orgulho decidiu na última hora afastar-se e bater com a porta na minha cara. Sacudi a cabeça, recolhi os saborosos pasteizinhos em minha camisa e descii com eles até meu esconderijo seguro, entre as cabras. Depois de comer todos, adormeci.

Um Franciscano Enjoado

Mar Jônio, outono de 1246

O rápido veleiro era uma nave de guerra das que impõem respeito e que a Sereníssima utilizava para circular no mar Adriático, dominado pela República sem que ninguém o disputasse, e as ilhas gregas, com a finalidade de mostrar seu poderio aos genoveses e sua crescente presença naquelas águas. A República rival, etrusca, por sua vez, estava à espreita da iminente queda do Império Latino sob o comando do fraco Balduino; apoiava abertamente ao Vatatese, que ansiava invadir a Trebisonda, e estava disposta a reforçar o poder de Gênova na ressuscitada cidade de Bizâncio.

Mas Veneza ainda continuava dominando os Dardanelos e conservava um monopólio comercial vantajoso. De modo que o comandante do veleiro considerou que era uma honra natural aceitar no último minuto antes de partir de Constantinopla a presença de um legado papal a bordo, e este não era outro senão o dominicano Andrés de Longjumeau.

Os demais passageiros, já inscritos e embarcados, não se mostraram muito satisfeitos com sua aparição, pois tanto o costume como os tópicos relacionados àqueles que eram amigos e os que eram inimigos fariam com que fosse impossível manter dali em diante um tratamento livre e amistoso entre eles.

O dominicano constatou que um dos viajantes era um comerciante oriental que afirmava ser armênio, coisa em que o legado não acreditou em absoluto. De qualquer modo não era cristão, sequer cristão armênio. Mas a imaginação do legado não era tão fértil assim para fantasiar que sob o disfarce de comerciante havia um emir muçulmano e que, além disso, viajava como representante do sultão para ver o imperador. E o legado jamais teria acreditado, embora lhe jurassem pessoas de sua inteira confiança, que o imperador fizera desse emir, filho do grande vizir, um cavalheiro, concedendo-lhe inclusive o título de príncipe de Selinonte.

Em compensação, teria temido por sua vida durante as horas da noite se tivesse conhecido a identidade de outro viajante, um pouco mais velho que o primeiro, que a julgar por seus traços era ocidental, mas que pelos seus hábitos e gestos se comportava como oriental. Também este se apresentou como comerciante armênio, embora na verdade fosse um herege refugiado do Languedoc convertido ao Islã e, além disso, para completar a medida do horror, membro da seita dos "assassinos".

O terceiro, ao contrário, era pelo menos um colega do legado: um frade minorita munido do mesmo cargo, que viajava em missão papal e retornava da corte do sultão. Dirigia-se a Lyon para se apresentar ao Santo Padre.

Antes de Andrés se aproximar de seu irmão de fé num gesto natural e compreensível — embora para isto tivesse de renunciar à sua habitual repulsa pelos franciscanos, que não costumam lavar-se muito — e enquanto ainda estava negociando com o comandante, os outros três combinaram, sem palavras, mas mediante sinais, de se reunir sob o toldo da popa situado no alto, de onde seria fácil vigiar tudo o que acontecesse no barco e onde, além disso, um encontro entre passageiros não chamaria muito a atenção.

— Como farei para tirar de cima de mim este cachorro do seu amo? queixava-se desgostoso Lorenzo de Orta. — Com que argumentos justificarei meu desembarque na costa de Apúlia em vez de acompanhá-lo até onde está o papa?

— Primeiro você deve tomar cuidado para que não o morda! — o jovem emir ria. — Lembre-se de que não nos conhece, e o melhor será que esqueça quando ouvir falar em Otranto e Constantinopla sobre seu irmão William de Roebruk.

— Por outro lado, deve lembrar-se — advertiu Crean, por sua vez - que, embora o senhor papa, na sua longínqua Lyon, tenha lhe confiado uma missão delicada, há na Cúria, e, sobretudo, entre os devotos dominicanos, muitos indivíduos que não confiam em vocês, os irmãos de Assis. Antes que tenhamos visto o fogo que nos anuncia a proximidade de Otranto, já terá nos ocorrido algo que impeça, infelizmente, que os senhores legados continuem viajando juntos! — E Crean, que poucas vezes sorria, piscou um olho, num gesto de cumplicidade, a Faress ed-Din.

Mas Lorenzo sentia um nervosismo crescente.

— Agora você se aproximará de seu irmão em Cristo e se limitará a nos cumprimentar quando nos vir comendo juntos na mesa do capitão — disse o jovem emir.

— E evite conversar conosco, comerciantes viajantes do Oriente, embora nossas histórias possam recordar-lhes os contos de Xerazade!

Lorenzo abandonou a sombra do toldo. O barco já havia saído do Corno de Ouro e ele desejava olhar mais uma vez para as colinas verdejantes em meio às quais se destacava o palácio do bispo. Ainda viu brilhar as cruzes nas cúpulas de Santa Sofia, e depois Bizâncio foi se escondendo de seus olhos até restar somente a extensa muralha acompanhando um trecho da costa cada vez mais distante.

— Também poderíamos fazer como o cuco, e colocar no ninho do legado um ovo chamado William, para que o chocasse cercado dos máximos dignitários da Cúria — comentou Crean, de bom humor, com Faress ed-Din. — Até seria possível que o próprio papa se sentasse em cima...

— ... até que o "grande plano" se transforme em dogma infalível da Igreja Católica? — riu o emir. Depois acrescentou, ameaçando-o com o dedo: — Crean, você acabou de escapar do severo castigo de seu chanceler e já se dispõe a quebrar todas as regras. Desta vez não desejo participar do jogo. Por respeito ao imperador, não quero envolver-me nessa conspiração, nem quero chamar a atenção de qualquer modo!

Mas Crean insistiu:

— Não reconheço em você o "Falcão Vermelho", desde quando o transformaram em pombo.

— Desde que viajo na qualidade de pombo-correio com a ordem estrita de voar com rapidez e sem chamar a atenção e, sobretudo, de não atrair sobre minha pessoa o olhar dos outros, por exemplo, com o grito de "cuco! cuco!"

— Perdoe-me, Constâncio — Crean admitiu sua derrota. — Esqueci que os tempos mudaram..

— Os tempos só envelhecem, o que mudam são os interesses. Não obstante — e fez um esforço para voltar a animar aquele que havia sido seu superior no passado — com muito prazer o ajudarei, mediante uma ou outra palavra-chave, sempre que me ocorra algo inteligente!

Também Crean desejava reservar um tempo para meditar.

Ainda se encontravam no mar Egeu quando Lorenzo, visivelmente agitado, fez sinal a seus dois amigos, chamando-os com gestos contidos, para que fossem até o toldo da popa.

— Descobri o senhor legado mexendo em meus pertences. Achei que tinha visto em suas mãos a carta dirigida ao papa. Mas depois vi que não faltava nada, embora deva ter procurado alguma coisa...

- A carta está com você?

Lorenço tirou-a das dobras de sua batina. Constâncio pegou-a, e com um movimento hábil soltou o selo do pergaminho sem que se rompesse.

- Deus do céu! — queixou-se Lorenço, assustado. — Que vão pensar de mim?

- Vão enchê-lo de glória! — ironizou o emir enquanto seu olho de falcão percorria o texto. — Leio aqui palavras duras de meu famoso sultão, dirigidas contra o imperador, a quem acusa de mal-agradecido e infiel, como se o soberano fosse um muçulmano renegado, que não apenas tenha traído sistematicamente a Cristo e a sua Igreja, mas também a verdadeira fé do profeta...

— Não está mal! — Crean assombrou-se.

- Quanta perfídia! — retrucou Lorenço.

— Escutem isso — disse o emir: — "... por todos os motivos possíveis, estamos dispostos a consertar a paz com o nobre e devoto rei de França, a quem consideramos único soberano cristão sincero e verdadeiro, e lhe garantir mediante acordo todos aqueles lugares que são para ele migrados; estamos dispostos também a arrancar a cidade de Jerusalém do nosso coração, assim como Belém e Nazaré, junto com todas as cidades e fortalezas necessárias para sua proteção, e todos os portos marítimos de que necessitem para comercializar livremente, chegando até El Gahza, a que chamam de La Forbie..."

— De modo que, na realidade, o venerável Luís poderia prescindir de organizar uma cruzada! — ironizou Crean.

- De fato — comentou Constâncio, que continuava lendo em silêncio. — Meu senhor insinua com palavras bem escolhidas que a cristandade faria bem em prescindir do miserável imperador, que não seria mais que "uma vergonha para todo crente e com quem jamais haverá paz na Terra". Na verdade, a única coisa que falta é o sultão oferecer ao papa sua própria conversão ao cristianismo!

- Quer dizer: se Luís não quiser suspender a cruzada, não terá outra saída a não ser mudar de orientação e desembarcar na Sicília — resumiu Crean.

- Muito bem — respondeu o emir, ocupado em esquentar com grande esmero o selo sobre a chama de uma vela para voltar a fechar a carta. - Esta mensagem será entregue por nosso querido Lorenço, que certamente não apenas não merece uma palavra de elogio nestas linhas como também é descrito como partidário obstinado do imperador: "Não entendemos como pôde escolher para chefe da sua delegação um personagem que não merece sua confiança, e O consideramos como amigo vítima de falsos conselhos que o incitam a ver em Nós um inimigo, enquanto o inimigo verdadeiro..." etc. Esta é a carta que Lorenço vai entregar em Lyon, de onde chegará prontamente ao conhecimento e às mãos da coroa de França.

— Nem pensar! — indignou-se Lorenço. — Você, estimado Fassr ed-Din, está, por sorte, de posse da cópia do original, muito menos amistoso, que preparamos em Constantinopla. Rogo-lhe que a entregue e que comunique pessoalmente ao imperador do sucedido!

— Entrego-a com prazer, embora seja apenas para evitar-lhe alguns problemas nas prisões papais, ou coisas piores. No entanto, gostaria de mostrá-la tanto ao imperador como ao meu sultão, para que vejam a que ponto de atrevimento chegou a Cúria; por outro lado, estou morrendo de vontade de lhe dar uma boa reguada nos dedos. Em qualquer caso, podemos trocar a falsificação pelo original; quero dizer, pela cópia perfeita que realizou o cozinheiro!

Assim o fizeram. E sem contar mais com Lorenço, a quem pediram para que continuasse se mantendo afastado deles, Crean e o emir arquitetaram como poderiam enganar de forma muito refinada ao pérfido legado.

Navegavam já pelo mar Jônio quando finalmente o comandante teve a idéia de pedir aos hóspedes, passageiros pagantes, que se reunissem em torno de sua mesa. Até então tinha preferido comer sozinho, à sombra do toldo, ordenando que servissem a comida tanto aos dois eclesiásticos como aos comerciantes armênios em separado e sob os raios ardentes do sol. Quando se reuniram para almoçar juntos, tampouco mostrou interesse em animar a conversa, e assim Crean pôde dirigir a palavra ao dominicano:

— Um homem que conhece como o senhor o Oriente — assinalou com especial cortesia, depois de ter simulado rezar em silêncio e após fazer o sinal-da-cruz como os cristãos armênios — receberá certamente em data muito próxima alguma missão mais importante do Santo Padre, como, por exemplo — e apontou com o queixo para Lorenzo, que mantinha o nariz afundado no prato para não explodir em risos — os dois frades menores, Pian de Carpine e William de Roebuk, que por esta data já devem ter chegado à corte do Grande clã. Nós, armênios, estamos interessados em manter o melhor relacionamento possível com os mongóis.

Neste instante interrompeu-o Andrés, que tinha prestado atenção a suas palavras, levantando, assombrado, as sobrancelhas diversas vezes.

— O que você sabe de William de Roebuk? — perguntou com desconfiança. — A mim me falaram de sua missão com palavras que a envolviam em segredo absoluto.

— O que acontece — interveio Faress ed-Din — é que nós, armênios, forçosamente devemos interessar-nos e inteirar-nos mais depressa que vocês aqui no Ocidente...

— ... e reagir também com maior rapidez — acrescentou Crean. — Para nós é uma questão de sobrevivência, pois seríamos os primeiros a lofrer as conseqüências se os mongóis...

— Posso tranqüilizá-los — respondeu o legado, a quem a vaidade ml lava. — É verdade que eles imaginam que algum dia dominarão também o Ocidente, que para eles não é mais que "o resto do mundo" — e começou a rir, pensando em tanta presunção —, mas, para consegui-lo, pretendem primeiro criar um casal de crianças soberanas em Roma — e aqui começou a piscar os olhos como forma de demonstrar confiança, como fazem os grandes senhores quando querem parecer condescendentes e importantes ao mesmo tempo —, que Roma, repito, lhes fez chegar com sábia previsão e para ganhar tempo. Esta é a verdadeira tarefa de William de Roebuk! Sei disso por fonte segura — acrescentou, como se fosse algo secundário —, por ter me inteirado pessoalmente em Masyaf da boca do grande mestre dos "assassinos", o próprio Taj al-Din. — Notava-se a distância o quão orgulhoso estava de conhecer dito personagem, o que não deixou de surpreender Crean.

Este havia ficado sem fala, e o legado aproveitou a ocasião para lhe dirigir a palavra com ar benevolente:

— Não se preocupe, a Armênia é como um gato que sempre cai sobre os próprios pés! — relinchou como uma mula para rir da sua própria piada e depois prosseguiu: — Depois da morte da rainha-mãe, Alícia, agora governa também em Chipre, o que significa, dada a situação, que mesmo assim o trono de Jerusalém está garantido!

Seu riso alegre logo se apagou quando observou que tampouco Crean ou o emir apreciavam com suficiente rapidez sua excelente informação.

— Todos sabemos que a rainha Estefânia é armênia! — acrescentou com certo ar de recriminação.

Faress ed-Din interveio antes que pudesse instalar-se a desconfiança:

— É evidente — exclamou, simulando ter estado distraído —, uma vez que é irmã de Hetum, nosso rei!

— Os armênios não são confiáveis! — interveio o capitão, com expressão azeda. — Excetuando-se os presentes, é claro — acrescentou depois de um esforço para controlar sua falta de cortesia. Crean e o

emir aproveitaram a ocasião para levantarem-se da mesa com uma desculpa tão compreensível como a de não querer abusar mais da proverbial hospitalidade dos venezianos.

Asseguraram-se de que ninguém os vigiava. Crean ficou de guarda, enquanto Constâncio abria, com a ajuda de um arame, a arca do legado em busca da carta. Encontrou-a escondida debaixo do forro de seda da tampa, mas continuou procurando até encontrar entre os pertences do legado outro objeto do qual precisava para seu objetivo.

Acendeu uma vela e tirou a cópia que havia pedido a Lorenço. Esquentou o selo sobre a chama até a superfície de laca derreter, aplicou-lhe então o selo do senhor de Longjumeau e esperou que a laca voltasse a se solidificar. A mudança não chamaria a atenção de um observador superficial, como era, evidentemente, Andrés.

O emir voltou a guardar o documento no mesmo lugar, apagou todo vestígio possível, apagou a vela e depois se juntou a Crean. Sentiam-se tão contentes como duas crianças que tivessem cometido uma travessura.

Enquanto isso, e ainda sob o toldo do capitão, Lorenço de Orta tentava incluir o legado em uma nova conversa.

— Fale-me um pouco mais dessas crianças! — tentou arrancar com toda hipocrisia do dominicano, mas este se mostrava demasiadamente sensibilizado.

— Quem conhece todos os segredos é o seu irmão de Roebrok; a ele deve dirigir suas perguntas, não a mim! — respondeu, mal-humorado.. Suas palavras destilavam inveja.

— Esse William parece uma truta num riacho de montanha, nunca se consegue pegá-lo! — queixou-se Lorenço com uma risada.

— Pois é — grunhiu Andrés —, embora cedo ou tarde todo franciscano acabe preso nas redes da Inquisição. E claro que não me refiro a nenhum dos presentes, que podem ser pessoas excelentes! — E aí terminou toda tentativa de conversa entre os senhores legados, que durante o resto da viagem continuaram comendo separados.

O barco navegava pelo mar Adriático na direção norte, onde logo esperavam ver despontando, pelo Ocidente, a ponta meridional de Apúlia.

—Veja nosso amigo Lorenço. Agora tem de consumir sozinho seu próprio sustento — dirigiu-se Crean ao companheiro "armênio". — Certamente, a comida que recebemos a bordo está cada vez pior!

— Isso é o que acontece por se pagar adiantado a passagem para um veneziano — Faress ed-Din mantinha seu bom humor. — Acho que é hora de renovar a água potável, pois cada dia fica mais turva — disse em voz alta para que o capitão, que passava diante deles, pudesse ouvi-lo.

—As conseqüências irremediáveis seriam o tifo e a disenteria! — insistiu Crean em acrescentar.

— Exatamente por essa razão nos dirigimos a Bari — informou-lhes o comandante com altivez. — Até então os senhores terão que se conformar e evitar fazer demasiadas exigências.

— Que notícia tão agradável — respondeu-lhe o emir, com muita cortesia. — Tinha pensado em deixar o barco nesse lugar...

— Mas se a passagem foi paga até Veneza...

— Não quero trazer mais problemas — terminou Faress ed-Din a conversa, embora à custa de parecer descortês.

Crean se sentara junto de Lorenço e mantinha com ele uma conversa que possivelmente tivesse algo a ver com o despontar do cabo de Otranto. Lorenço deixou-se envolver e fixou seus olhos nas nuvens que se desenhavam no horizonte. Crean rapidamente jogou algumas asas de galinha na malcheirosa sopa de peixe, de modo que sequer o emir percebeu a manobra. O legado dirigiu-se a este último:

— Descobriu alguma maneira de nos livrarmos desse horrível dominicano?

Apenas pronunciou estas palavras quando os espasmos começaram a sacudi-lo; tinha o rosto cinzento, os olhos ficaram brancos e a testa se encheu de suor. Lorenço começou a tragar saliva penosamente e dirigiu-se cambaleante em direção à borda.

— Faça o favor de cuspir na direção do vento! — repreendeu-o o capitão, cuja única preocupação ao aproximar-se era de que não vomitasse sobre a coberta. Apoiando-se em Faress ed-Din, o assustado legado lançou o conteúdo de seu estômago ao mar, que se apresentava completamente liso.

— Não podem ser náuseas atribuídas às condições do mar — grunhiu o veneziano com expressão de desconfiança.

— Pode ser tifo — murmurou Crean —, e o tifo é contagioso! Mas não se preocupem, meu amigo é médico e estudou em Salerno. Sabe perfeitamente.

— Isso não me interessa. Mesmo que fosse o doutor Abu Lafia em pessoa, é preciso que ambos abandonem o barco sem mais tardar!

— Não seja desumano! — insistiu Crean. — Não pode permitir que um doente grave...

— Posso fazê-lo e o farei no interesse da minha tripulação, pois o regulamento me permite tirá-lo do barco sem mais demora junto com seu discípulo de Esculápio, que provavelmente já estará infectado. Claro que o farei!

Crean não tinha imaginado que o capitão teria uma reação tão repentina. Naquele instante apareceu, para sua sorte, um barco de pescadores. O comandante pediu que parasse, manobrou o veleiro até tê-lo à seu lado e ordenou que os dois desembarcassem transferindo-os para o barco. O emir entendera a quem pertencia a responsabilidade do ocorrido e não opôs resistência. Atrás dele desembarcaram as caixas que continham os pertences. Rapidamente o barco desapareceu na direção da costa, enquanto o veneziano afastava-se das águas imperiais.

Na breve escala que tiveram em Bari, onde a Sereníssima mantinha um assentamento próprio, Crean esperava que Andrés de Longjumeau deixasse o barco, já que ele assim o anunciara. Mas o legado prosseguiu a viagem por mar.

- Sabe — disse para Crean —, desde o começo foi difícil confiar no seu companheiro. Ouvi falar tantas vezes de "assassinos" disfarçados que não hesitam em realizar suas vergonhosas tarefas, seja por meio do veneno ou do punhal, no próprio coração do Ocidente! Esse homem sempre me pareceu muito suspeito, e na verdade se assemelha mais a um sírio: aquele nariz de gancho! Aqueles olhos incisivos de ave de rapina! Também não acho que seja cristão, nem mesmo um cristão armênio! — Crean sorriu. O legado prosseguiu, agitado: - O senhor é boa pessoa, devoto e sem malícia, tenho experiência em analisar os indivíduos. Quando se está a serviço do Santo Padre, toda precaução é pouca, pois o imperador é capaz de qualquer maldade. Exatamente, acabam de me informar no porto, e o diziam com orgulho, que ele contratou por dinheiro alguns "assassinos" para matar o papa em Lyon. Segundo parece, a vergonhosa tentativa fracassou e os súditos ímpios do excomungado se atrevem a lamentar o fato! Esta é a razão pela qual não desembarquei em Bari. Acendi três velas a são Nicolau na catedral e lhe pedi perdão, rogando para que me facilitasse um feliz retorno. Prosseguirei com o senhor até Veneza!

— Deveria ter pegado um barco genovês e agora mesmo já teria alcançado sua meta — interrompeu

Crean o discurso.

— Ai, Gênova — suspirou o núncio. — Quantas vezes a vimos mudar de aliado, quantas vezes teve a idéia de repentinamente sair em defesa do imperador. Com a Sereníssima, ao contrário, sempre sabemos a que se ater. Não obedece ao papa nem está preocupada com o imperador. Veneza defende com segurança e constância um único interesse: o seu próprio! Pensei em comprar um salvo-conduto e viajar por terra até Lyon. E você?

- Meus negócios me prendem durante algum tempo na lagoa — disse Crean com humildade, e ficou impaciente, à espera de que terminasse aquela longa viagem, cuja parte mais penosa ainda estava por vir.

O Guarda-Coração

Punt'razena, outono de 1246 (crônica)

O Cor-vatsch, o "guarda-corção", aparecia por trás da *guarda-lej*, vigiando os lagos do vale alto e sua queda escarpada para a Chiavenna imperial. Os saratz consideravam que a montanha era símbolo de felicidade e de fidelidade conjugal, e os noivos costumavam escalá-la horas antes do casamento para examinarem pela última vez os sentimentos de seu coração. A montanha era íngreme e nada agradável; seu cume, sempre coberto pelo gelo, escondia-se por trás das nuvens, inclusive no verão, e no inverno costumava estar envolvido em violentos temporais de neve. Estávamos no outono e suas escarpas pedregosas tinham sido as primeiras a se vestirem de um branco invernal.

Como era costume, Rüesch tinha subido com o rebanho na montanha, depois de ter tentado em vão me despertar de meus sonhos para que a acompanhasse. Ao meio-dia quis juntar-me a ela e encontrei-a, seguindo o rastro deixado pelas cabras, sentada numa rocha no meio de um amplo campo de neve que se estendia em direção à parte mais profunda do vale, até a estrada que conduz a Bergell, cujas curvas podem ser vistas lá de cima; curvas que ao longo do abismo margeiam a região dos lagos, onde vigiam os saratz, para subir depois na direção da passagem de Juliano, o velho porto de montanha por onde atravessavam as legiões romanas.

Estava um pouco envergonhado por apresentar-me tão tardiamente diante de seus olhos. O sol era um disco ardente no céu azul-cobalto e meus poros estavam abertos, dando rédeas soltas ao suor provocado pela subida e pela bebedeira noturna. Além do mais, eu voltara a sentir fome. Rüesch encheu uma tigela de água fresca numa fonte que brotava em meio à neve e estendeu-a para mim, com um sorriso que me pareceu um tanto forçado.

- Não beba tão depressa, William — advertiu-me com carinhosa solicitude. - Não vá provocar um ataque de apoplexia! — Enquanto falava ia partindo um pão e cortando queijo. Tirou as abarcas e nos deitamos sobre a rocha seca, que despontava como uma ilha no campo de neve cujo gigantesco tapete cobria reentrâncias e saliências. Só as cabras continuavam encontrando ervas apetecíveis e arbustos pequenos que podiam mordiscar. A luz deslumbrante me doía nos olhos e acabei fechando-os; também para evitar os olhares de minha noiva, que pareciam conter uma indagação.

O penoso piar de um pássaro rompeu nosso silêncio. Rüesch ergueu-se de um salto, correu para trás da rocha e voltou com uma andorinha, que protegia cuidadosamente entre seus dedos. Uma das patas do pássaro sangrava ligeiramente, mas não tinha as asas feridas, de modo que lhe demos migalhas empapadas com saliva até que ela voltou a bater as asas.

— Jogue-a para o ar! — disse-lhe, mas Rüesch me olhou com uma expressão tão sofredora que emudeci.

— Se a joga para o ar — disse em voz baixa — pensará que a obrigo a voar. Se quiser voar não é preciso que eu o diga, pois tampouco o impedirei. — Estava acariciando a cabecinha do pássaro e lhe deu um beijo. — Mas se quiser ficar, meu passarinho, durante o inverno ou para sempre, cuidarei de você e farei um ninho quente.

Depois abriu lentamente as mãos, que vi que tremiam. A andorinha deu um primeiro passo inseguro, abriu suas asas e deixou-se cair, mas quando estava a pouca distância da neve, levantou vôo e afastou-se.

Fiquei muito tempo olhando como se esfumava a sua silhueta, até que o sol me impediu de observar seu vôo. Então escutei um soluço que me devolveu à terra. Rüesch chorava amargamente e eu me limitei a lhe acariciar o cabelo, já que meus lábios não eram capazes de pronunciar qualquer palavra. Ela empurrou com desgosto minha mão para o lado, aproximou-se com um pulo até a fonte e jogou água gelada no rosto. Seus olhos brilharam agora com uma decisão estranha.

— William — disse com firmeza — você sabe muito bem que os velhos conselheiros proibiram-me de lhe dar abarcas, de mostrar seu uso ou de deixá-lo um instante que seja com elas. — Não esperou minha resposta, que por certo me via incapaz de formular; ajoelhou-se diante de mim e começou a me colocar as abarcas nos pés. Fez com tanta precaução e com tal delicadeza que tive de afastar os olhos. — Esta noite você será meu marido — prosseguiu depois, sem levantar-se. — Tenho o direito de deixar meu homem...

Não pôde continuar, porque a voz lhe falhou. Embora já tivesse cumprido com seu propósito.

Levantei-a do chão e abracei-a.

— Rüesch — disse com um suspiro — não quero deixá-la. Eu a amo!

— William — agora ela estava diante de mim e nós nos olhávamos nos olhos —, você sabe que eu o amo, e sei que você me abandonará. Beije minha boca! — envolveu minha cabeça com as mãos e me atraiu na sua direção. Nos beijamos como se fôssemos nos afogar, sabendo que, por fim, o beijo significava a despedida irrevogável. Ela mordeu minha língua com carinho, aumentando pouco a pouco a pressão dos dentes e sem soltá-la, até que já não pude suportar a dor e me afastei.

— Vá agora! — disse. — Demonstre o quanto o ensinou Madulain! Estendi meus braços, não apenas por me encontrar de repente tão inseguro sobre as abarcas como se fosse a primeira vez que as calçava, senão também porque deseja ficar com ela e não sabia...

— Não envergonhe a sua professora! — exigiu-me Rüesch, como se se tratasse da primeira lição de um discípulo no campo dos exercícios; como se não estivesse em jogo a nossa vida, o nosso amor...

— Não! — gritei angustiado e comecei a deslizar; quis jogar-me na neve, mas o costume imposto pelo uso rotineiro das abarcas foi mais forte e elas me afastaram de minha pequena noiva, que continuava na rocha, olhando-me imóvel, rígida, como que petrificada.

— Rüesch! — gritei. — Eu a amo!

Meus gritos foram devolvidos pelo eco da montanha, enquanto a figurinha que ficava lá em cima se encolhia ainda mais e logo era apenas um pontinho na neve. Diante de mim se abriam gargantas e penhascos aos quais me lancei gritando, atacando-as com um selvagem desejo de jogar-me contra elas e morrer. As lágrimas me cobriam os olhos, o vento silvava, provocado pela descida, e me impedia de respirar e me aprisionava o peito. Dirigia-me a toda velocidade para o desconhecido, para uma nova aventura que se me oferecia com novos obstáculos e para campos de neve virgens, nos quais meu passo levantava um pó branco. Chorei e gritei ao enfrentar a liberdade!

IX – A PISTA DO FRADE

Um Banho Quente

Otranto, outono de 1246

A trirreme saiu do porto de Otranto de encontro ao barco de pescadores como sai uma moréia assassina para agarrar um peixinho que nada diante do seu esconderijo. Mas antes de poder abordá-la com o esporão, o capitão da trirreme reconheceu o "Falcão Vermelho"; dois anos antes o tinha acompanhado junto com Sigbert, o comendador, na viagem de retorno a São João do Acre. Estendeu-lhe cortesmente a mão, para ajudá-lo a subir a bordo.

— Estamos em estado de alerta. Traidores contratados pelo papa tentaram assassinar o imperador — informou indignado o de Otranto —, embora o atentado tenha fracassado.

Os pescadores transferiram para bordo da trirreme o frade doente, que tinha sido colocado numa rede. Lorenço continuava sacudido pelos espasmos, mas o capitão não lhe deu muita atenção.

Os assassinos fugiram e tentam levar a revolta ao nosso país. Qualquer um que lhes conceda meios de transporte, albergue ou alimentos está sujeito a sofrer o mesmo castigo que eles. Os habitantes de Altavilla tiveram de pagar pela sua traição. Adultos e crianças!

Ao ver que a trirreme retornava com o barco, Laurence acudiu com sua filha adotiva ao cais do porto. Clarion já tinha feito quinze anos e o sangue árabe que fazia parte da sua herança se impunha cada vez mais. A alegria do encontro lhe ofereceu um aspecto radiante.

Faress ed-Din, aliás Constâncio de Selinonte, seu jovem tio, saltou com agilidade em terra firme, enquanto a tripulação depositava com muita delicadeza o pobre Lorenço no cais. O frade estava pálido como um cadáver e ele se sentia como um moribundo.

— Como sua beleza resplandece! A cada dia você se parece mais com a sua mãe! — cumprimentou-a o emir. — Os olhos, ao contrário, são do imperador!

— Assim está bem — interveio Laurence. — Ninguém poderia afirmar que Frederico é desprovido de beleza.

Mas Clarion deu de ombros:

— Para mim é um orgulho e uma honra ter herdado seu espírito e seu sangue.

— Se, porventura, você também herdou algo de sua humanidade e de sua bondade, cuide do nosso pobre Lorenço; é amigo de William e está a caminho de Lucera. Infelizmente não posso esperar que ele se restabeleça; devo partir imediatamente para ver o imperador em Foggia. — Dirigiu-se o emir à condessa: — Se sua trirreme pudesse me levar...

— Com muito prazer. — Ao concedê-lo, Laurence mordeu os lábios; nada era para ela mais difícil neste mundo que separar-se de sua bem-armada nave de combate. — Mas sinto dizer que não vai encontrá-lo: Frederico percorre como um vendaval o país, para se vingar dos traidores...

— Saberei encontrá-lo — respondeu o emir, antes que ela lançasse um argumento para lhe negar o barco.

— Deixe o príncipe de Selinonte em Andria, junto à residência imperial, e volte sem tardar — ordenou a condessa ao capitão, com visível desgosto.

A trirreme iniciou imediatamente hábeis manobras de remo para se afastar do cais, enquanto Lorenzo era transportado ao castelo. Só Clarion ficou para ver o barco afastar-se.

— Homens! — resmungou com ferocidade. — Um elogio apressado e voltam ao seu mundo de cavaleiros! E eu? Às mulheres, só nos resta esperar!

— Ordenei que o colocassem na banheira — com estas palavras a condessa recebeu Clarion. — Depois da longa viagem por mar, as emanções do seu corpo superam em muito o normal num frade menor. — Laurence aproximou-se da janela, como se precisasse com urgência respirar a brisa fresca que, no inverno, alivia o ambiente do calor que habitualmente cobre Apúlia. Ficou balbuciando algo sobre Hamo...

— Está doente, Laurence! — interrompeu Clarion a sua mãe adotiva, cujo mau humor era mais que evidente. — Irei vê-lo agora mesmo!

— Está impaciente, não é? — caçoou a esbelta condessa, cujo cabelo pintado com henna se destacava em tom exuberante comparado às roupas, simples e austeras.

Clarion pensou que a condessa não cedia nem um palmo na luta contra a idade. Conseguirá me afastar do castelo, como fez com seu filho Hamo.

— De que me serve? — perguntou com um tom irritante, e deu meia-volta, decidida a afastar-se.

— Não é mais que um frade, e além do mais cheira mal; ao contrário, você...

— Já sei: sou a criatura mais desavergonhada sobre a Terra, pelo menos entre Otranto e Foggia. Devia ter partido no veleiro com Constâncio! Certo que é meu tio, mas a mim não teria me importado. Teria me entregado a ele na sua trirreme, sob os olhos de toda a tripulação.

Após estas palavras, abandonou rapidamente o quarto, pois sabia que à condessa lhe escapava facilmente a mão quando escutava tais absurdos.

Lorenzo estava sentado num alguidar que exalava vapores e se deixava massagear as costas por duas criadas, processo que acompanhava com gemidos, embora mais parecessem de prazer. Estava se sentindo melhor: os espasmos do estômago tinham cedido notavelmente e o último leve mal-estar ia se desfazendo no calor agradável das águas que o cercavam dentro do alguidar. As crianças assomaram com olhos curiosos pelas bordas e acabaram rapidamente tomadas de coragem suficiente para colocar as mãos na água e salpicar, primeiro uma à outra, depois a ele.

Lorenzo, com sua coroa de cabelo crespo, mas escasso, não era exala mente um personagem que impusesse respeito.

— Esse homem que veio com você — tentou provocar Roç — não era Constâncio? O "Falcão Vermelho"! — acrescentou quando Lorenzo não pareceu entender logo a quem se referia. — É seu *nom de guerre*! — esclareceu ao frade. — Assim ele é chamado na sua casa...

Aqui interveio Yeza, que não podia aceitar que Roç se comportasse como se fosse o único a estar ciente de tudo.

— ... melhor dizendo, na sua tenda, lá no deserto, onde caça pombos.

— Não acredite nela — interveio Roç, explicando a Lorenzo num tom condescendente. — Ela confunde tudo. O "falcão" caça somente os pombos-correio que passam em frente do palácio do sultão, para que este possa ler o que os outros escrevem. No deserto não existem pombos!

— Existem sim! — insistiu Yeza. — E eles têm de sobrevoar o deserto, do mesmo modo que sobrevoam o grande mar, quando querem chegar a algum lugar.

— Pois, então, comece a esperar os pombos que vão passar por aqui.

— Mas ele tem uma tenda onde poderá dormir enquanto os espera. Yeza não se deixava intimidar.

— Com certeza, se refere às gaivotas — Roç dirigiu-se de novo a Lorenço, que escutava a discussão esboçando um sorriso.

— Era o "Falcão-Vermelho"— respondeu afirmativamente à pergunta do rapaz. — Envia-lhes seus cumprimentos, do mesmo modo que Crean de...

— O que diz? — escapou a Clarion, que surgiu na porta do quarto. - Esse sem-vergonha! — E aproximou-se com os olhos soltando faíscas até o alguidar onde Lorenço se esforçava para esconder sua nudez. — Quer dizer que ele viajava com você e que sequer subiu para ver-nos? É muito característico dele passar de longe por Otranto sem aparecer. Por quê?

— Não tenho culpa de nada! — argumentou, sorrindo, o frade, que adotava uma expressão de arrependimento. — Estou aqui apenas por acaso, pois o veneziano queria me jogar no mar. Crean conseguiu ficar a bordo.

— É a ele que deveriam ter jogado no mar, com uma pedra de moinho presa no pescoço. É um ingrato!

— Ela está apaixonada — Yeza esforçou-se para esclarecer a Lorenço, que parecia assustado. Suas palavras mereceram a insinuação de um tabefe, mas a menina se esquivou habilmente. — E amigo de William? — E as crianças começaram a respingar água em Lorenço, porque não respondia com suficiente rapidez, e em Clarion, porque tentava afastá-los dali.

— Acho que William está com os mongóis — Lorenço sorriu, compreensivo. — Nunca consigo encontrar-me com ele. Na última vez encontrei-me com uma dama que viajava no seu lugar, uma... — demorou um pouco em formular a palavra, medindo a presença das crianças — ...uma devota do *amor vulgus*...

— Já sei — disse Yeza, com alegria — Ingolinda, a puta!

— Foi você quem enviou aquela mulher? — O olhar de Clarion pousou pela primeira vez nas coxas do frade. — Não deixe que a condessa saiba disso, pois seria capaz de jogá-lo ao mar do alto da muralha!

— Era importante — defendeu-se Lorenço — por William... Estas palavras intensificaram a gritaria das crianças:

— William! William! Queremos nosso William de volta!

— Silêncio, já para a cama! — Clarion não sabia como controlar o tumulto, razão pela qual preferiu demonstrar interesse também por William.

— Para quando se espera seu retorno do país dos mongóis?

— Pode demorar uma eternidade — disse Lorenço enquanto buscava com o olhar algo que lhe servisse para se cobrir e sair do assediado alguidar. — Essas terras são distantes...

— Muito distantes? — perguntou Roç imediatamente. — Tão distantes como Constantinopla?

— Dez vezes mais distantes — sorriu Lorenço, tiritando.

— Vocês viram o meu irmão em Bizâncio?

— Mas não é seu irmão — intrometeu-se Yeza com sua habitual impertinência, e nesta ocasião não pôde evitar de levar um cascudo.

— Deixe-me em paz!

— É que Hamo está apaixonado por ela! — Roç viu-se na obrigação de explicar ao frade.

— Hamo ainda continua sendo meu filho — escutou-se a voz incisiva da condessa.

— Que tal informarem a mim primeiro?

— Não teria se transformado num *vagabundus*? — Yeza deve ter escutado a palavra na cozinha ou na rouparia, ou com os empregados da cavalaria.

— Anda com putas. É um perdido, um depravado? — Roç desejava informar-se sem perda de tempo, pois sabia que agora já não tinha escapatória: a ama e as babás esperavam, dispostas a levá-los para dormir.

— Amanhã conte-nos tudo, senão o afogamos na banheira! - gritou Yeza, enquanto era arrastada para fora.

— Seu filho mora no palácio do bispo e joga xadrez pessimamente! — permitiu-se Lorenço acalmar as damas, ansiosas para obter informação.

— Não é possível! — a condessa deixou escapar um grito estridente. Com meu sobrinho, o pederasta? — Durante um instante pareceu querer jogar-se sobre o frade por ter-lhe comunicado semelhantes notícias. — Preferiria saber que o rapaz entregou-se ao consumo de todas as drogas do Oriente!

— Mas que coisas você diz! — Clarion tentou interrompê-la. Entretanto, Lorenço tinha se restabelecido e aceito a toalha que as criadas lhe estenderam.

— Nunca chegamos a falar de tais detalhes! — Esforçou-se por abandonar com dignidade a água do banho. — Permita, estimada condessa, que este velho solteirão saia de sua banheira — conseguiu cobrir os quadris com a toalha, já de pé no alguidar —, pois a água esfriou e além do mais tenho fome! — Passou as pernas por cima da borda, apoiando-se nas criadas, que cochichavam e riam, para aproximar-se depois das damas, que tinham afastado os olhos no último momento. — Permita apresentar-me: Lorenço de Orta, da Ordem dos Minoritas, legado do papa em missão especial, de regresso à corte do Santo Padre...

— Um traidor! — resmungou a condessa, afastando-se.

— ...para você, mas — continuou Lorenço, antes que Clarion pudesse se aproximar da porta para chamar os guardas — sou o homem de confiança do seu amigo Elia de Cortona, e além do mais... — começou a pegar as roupas colocadas numa cadeira perto do alguidar, junto das quais estavam também três cordões de couro — também sou emissário do chanceler Tarik ibn-Nasr de Masyaf! — Com estas palavras levantou os cordões e mostrou-os às senhoras.

— Meu bom e velho amigo Tarik! — suspirou a condessa, aliviada. -Venha!

Armadilha de Ratos

Cortona, inverno de 1246-47 (crônica)

O insólito entusiasmo que se apoderara de mim após a fuga do vale dos saratz se esgotou com a mesma rapidez com que a neve começou a rarear quando alcancei as terras baixas. Logo as abarcas passaram a ser um peso e cheguei a tropeçar repetidas vezes nas pedras que assomavam na fina capa de neve, deixando-me o nariz machucado por ter várias vezes deslizado de bruços por algumas encostas pedregosas. De modo que amarrei o calçado de neve nas costas, para ter as mãos e os pés livres durante a descida.

No entanto, como minha partida fora precipitada e imprevista, eu sequer levava provisões. Logo senti fome, porém, mais grave que todas essas calamidades, comecei a sentir-me torturado pelo remorso. Meu comportamento com Rüesch tinha sido péssimo, assim como com todos os saratz, depois que eles me concederam uma hospitalidade tão desinteressada e cordial. Era possível mesmo afirmar que me comportara como um idiota, irrompendo como o pior dos lobos em seu pacífico rebanho, destruindo o coração de mais de um, pisoteando sem cuidado as raízes dos seus costumes, abusando do seu afeto, da sua generosidade, da sua lealdade e do seu orgulho de uma forma ignominiosa.

Chorei de vergonha enquanto avançava tropeçando por um caminho estreito que corria paralelo ao abismo. Depois me detive pela primeira vez e voltei o olhar para o alto, onde se sobressaíam no céu azul, depois dos bosques escuros e das rochas negras, os cumes pontiagudos dos Alpes, que compunham uma imagem clara e pura. Era um quadro irreal, como que do "outro mundo" e do qual eu havia me afastado, mas que ainda parecia tão próximo como se fosse possível tocá-lo com a mão. Mais uma vez me veio à memória minha pequena noiva, e me considerei um covarde. A moça possuía um caráter heróico, havia enfrentado com coragem as ações perigosas e humilhantes de certo indivíduo lamentavelmente chamado William, e finalmente abriu mão de todo egoísmo para ajudá-lo a encontrar a si mesmo. Eu não era mais que um miserável merecedor de todo desprezo. Na verdade, que buscava? Cheguei a pensar que minha mente estava enferma. Por um lado, busco a comodidade e a felicidade, o reconhecimento e o carinho, como se busca uma flor rara num bosque: uma flor que nunca murcha, que exala um aroma maravilhoso e que tem, além do mais, uma aparência maravilhosa, com suas cores, suas folhinhas, seus capulhos e seu cálice. E depois de tê-la encontrado, não me ocorreu outra coisa senão pisoteá-la! De novo encontro-me caminhando e me sinto infeliz, sem saber aonde ir, magoado e maltratado, e o mais certo é que logo acabarei em farrapos, e ainda por cima esfomeado. O que me espera? A verdade é que não sei. Para onde me dirijo? Sei menos ainda. Só sinto um formigamento indefinido nas pernas, uma sensação de frouxidão no ventre, um zumbido na cabeça que me impele a afastar-me do passado, da vida segura e a penetrar na incerteza. Exatamente o que sempre tive tanto medo.

Quando irrompia já a escuridão, vi o fogo de um carvoeiro no bosque; encontrei-o cercado de várias criaturas pequenas e junto ao leito de sua mulher doente, que, ao que parece, não conseguia se restabelecer do último parto. Não fui capaz de lhes pedir algo para comer. Dei as abarcas como um presente para a filha mais velha e afastei-me em silêncio.

Algumas castanhas e bolotas que o outono deixara entre as folhas apodrecidas e um gole de água da fonte

foram meu único alimento, dormi ao relento e prosseguindo assim fui deixando para trás as montanhas para penetrar no vale do Pó. Evitei as grandes cidades, pois até de longe me dava medo ver as paliçadas atrás das quais celebravam-se os julgamentos e as forcas instaladas em frente das muralhas. As minhas vestes não lembravam as de um frade mendicante; eu não era mais que um vagabundo esfarrapado e os habitantes das cidades costumam dispensar pouca cortesia com tais indivíduos, segundo me lembravam os cadafalsos ocupados e os esqueletos destruídos nas grandes rodas, de onde se via levantar vôo os corvos e os abutres, que se faziam acompanhar de um guincho quando um ser vivo se aproximava deles.

Assim, voltei a me encontrar com a velha Larissa. Descobri-a presa na gaiola suspensa, e as cavidades dos seus olhos, esvaziadas pelo carrasco ou pelos pássaros, pareciam querer me atravessar com um olhar que se desfazia numa careta. Não tive dúvida de que tinha encontrado a família dos saltimbancos que acompanhara há um ano, espalhando magia e divertimento na caminhada para o norte. Junto à gaiola, estavam penduradas todas as crianças, formando uma pinha, pois uma só corda que cercava seus magros joelhos teria bastado para fazê-las perecer, suspensas de cabeça para baixo. Quanto a suas mães, aquelas alegres jovens, só sobravam restos nas fogueiras há muito apagadas: um ou outro osso, alguma caveira. Não quis procurar na fileira de enforcados a nenhum homem dos que conhecia. Qualquer pequeno furto cometido por necessidade para acalmar a fome, embora não fosse mais que uma pata de bezerro cheia de moscas ou um pedaço de pão quente, teria bastado para que se organizasse o julgamento, cujo prólogo consistiria na sentença pronunciada por um juiz altivo e de coração duro, enquanto o epílogo mudo se reduziria às manobras sombrias do carrasco e de seus ajudantes.

Ajoelhei-me para rezar por suas pobres almas. Acudiu-me à lembrança a cabeça de Roberto surgindo pela última vez entre as águas transbordantes da garganta rochosa, depois de nos salvarmos, graças à sua coragem, da perseguição de Vito. Deus, na sua infinita misericórdia, tinha economizado ao valente rompedor de correntes um fim humilhante e indigno, permitindo que se afogasse a seguir. *Requiem aeternam dona eis, Domine, et lux perpetua luceat eis.* Amém!

Um barqueiro me transportou de graça através do rio Pó quando compreendeu que o meu oferecimento para remar, uma forma de compensá-lo, não serviria para outra coisa que afundar a balsa. Depois subi pela cadeia montanhosa dos Apeninos. Chovia muito e senti frio e outras agruras. De todo modo, também encontrei um irmão que se mostrou disposto a me ajudar e que presenteou-me com uma batina, invocando o nome de São Francisco; mas não por reconhecer em mim um dos seus, mas porque as peles com que me vestiram os saratz haviam se transformado em miseráveis farrapos. Evitei durante todo o tempo revelar minha ligação com a ordem e o meu nome, pois ainda não sabia se a Cúria tinha colocado um preço pela minha cabeça, ou se pelo menos continuava me procurando.

Desci até a Toscana, dei uma volta por Florença, atravessei o vale do Arno, passei por baixo das muralhas de Arezzo, e não descansei até ver brilhar diante de meus olhos o espelho do lago Trasímeneo.

De novo eu estava em Cortona, a cidade de Elia. Pela terceira vez! Naquele instante, dei por finalizadas minhas agruras. Gersenda — lembrava bem do nome da eficaz governanta — se ocuparia do meu bem-estar físico, e uma vez recuperadas as minhas forças, poderia apresentar-me diante dos olhos do meu ministro, que escutaria o relato das minhas peripécias não sem certa estranheza. Tal perspectiva me fez acelerar o passo, e assim avancei pelo caminho tortuoso que ascende desde as portas da cidade até o palácio residencial, situado na parte alta. Estranhei não avistar nenhum guarda até chegar ao próprio pátio do castelo...

Ali vi por toda parte móveis destruídos e vestígios de incêndios e de lutas. Antes que o susto afugentasse minha curiosidade — de repente tive um mau pressentimento —, vi que saíam do portal, a passo lento e despreocupado, alguns soldados do papa. Quis me esconder rapidamente, mas eles me agarraram e me arrastaram ao castelo. Puxavam por mim e me empurravam por aqueles corredores que eu conhecia tão

bem; e de repente estava no escritório de Elia, diante de um homem austero, com quem jamais estivera frente a frente, mas que compreendi de imediato ser Vito de Viterbo!

Estava sentado atrás da mesa de escritório do ministro e por cima de sua cabeça — este foi o único detalhe divertido daquela situação — aparecia, emoldurado, seu próprio retrato. E assim aqueles dois pares de olhos me olhavam como os de dois velhos energúmenos, aos quais o céu concede, já quase no fim da vida, a graça de ter uma visão.

Vito parecia não ter qualquer dúvida sobre quem eu era. Sua surpresa devia-se mais ao fato de que suas orações — ou, mais provavelmente, suas blasfêmias — tivessem sido ouvidas tão rapidamente... De qualquer modo tive tempo suficiente para me ver iluminado pela idéia súbita de que não era ele que me procurara, senão eu que, finalmente, o havia encontrado!

De modo que reuni toda minha coragem e cumprimentei-o com desenvoltura:

- Sou William de Roebruk, da Ordem dos Minoritas, e me ponho a seu serviço, nobre Vito de Viterbo! Como posso servi-lo?

Logo que acabei de pronunciar estas frases, vi que ele estava a ponto de explodir. Seu rosto ficou inchado, adquirindo um tom vermelho-escuro; de sua garganta saiu um suspiro, como se tivesse colocado um sapo na goela — quem sabe seria eu o tal sapo — e estivesse a ponto de morrer asfixiado por causa dele. Vito, que ia se levantando do sofá, deixou-se novamente cair para trás e olhou-me sem conseguir articular as palavras, antes de finalmente apertar a língua e formular sons apenas audíveis:

— Como foi capaz, seu moleque, de usurpar o nome do famoso e querido franciscano que é sabido de todos que partiu por ordens do Santo Padre e com seu irmão de ordem Giovanni Pian de Carpine, para uma importante missão em terras dos mongóis? Ainda mais que o mais provável é que jamais regresse, ou que, se o fizer, será que irá trazer a resposta do Grande clã ao pai de toda a cristandade, Sua Santidade, Inocêncio IV? Onde está essa resposta? — quase ao fim do discurso, proferido a gritos, a voz partiu-se, mas conforme chegava as últimas palavras adquiria mais e mais potência. Compreendi que fazia isso para assustar-me, porque depois, como uma tempestade que termina, adotou repentinamente um tom de conversa inocente, sugerindo inclusive que eu me sentasse. O gesto não carecia de astúcia, pois a partir de então tive de alçar a vista na sua direção.

— William — prosseguiu com delicadeza —, o fato de *se* atrever a apresentar-se diante de meus olhos só demonstra que ainda não quebraram suas pernas com uma barra de ferro. — Sorriu. — E o fato de que esteja sentado aqui, a meus pés, significa apenas que ainda não esfolaram o seu traseiro com chicotadas, não o colocaram um tubo incandescente no ânus, não amassaram seus testículos para arrancá-los depois. O fato de que esteja me vendo só quer dizer que ainda tem olhos para me ver. William, mais vale que vomite rapidamente tudo o que tem dentro dessa cachola!

Eu sabia que estava à sua mercê e que ele faria comigo tudo o que dissesse se eu me mostrasse intimidado.

— O senhor Vito já viu, e seus olhos não se enganam, de que não estou mais entre os mongóis, e com sua perspicácia pode o senhor concluir que jamais estive ali...

— William, não será esse o serviço — perguntou-me em voz baixa, que pretendia dar um tom preocupado, mas que soava mais para ameaçador — que me ofereceu de forma tão generosa?

— Entre meu oferecimento e a notícia, está o seu livre e sincero discurso, senhor Vito, onde nos alerta para a sucessão de pratos de sua cozinha de torturas, que não creio que sejam fantasias. Pois bem, espero que me ofereça qualquer coisa para comer, pois estou faminto após tão longa viagem! — Devo admitir que Vito tinha conseguido dominar totalmente seus nervos, e por isso mesmo conseguia me dominar também. Pelo contrário, eu jogava minha vida ali, pelo menos meu corpo, que ainda estava inteiro. A

única aposta que seria capaz de fazer não se referia à minha vontade, mas à firmeza de um certo William que, milagrosamente, continuava vivo.

Vito bateu palmas e na porta da cozinha apareceu Gersenda. Como era uma fêmea inteligente, não deixou transparecer com nenhum gesto que me conhecia, embora acho que estivesse escutando. Só fez se queixar das magras provisões que lhe restavam e do difícil que seria satisfazer Vito e seu honrado hóspede.

Seus lamentos viram-se interrompidos pelo novo senhor da casa.

— Para nós, servidores da Igreja, o alimento mais humilde é sempre um dom imerecido que Deus nos concede! — e com estas palavras a despediu. Por que não envenenara essa mulher no primeiro momento!

— Com respeito à sua longa viagem, William — perguntou-me, então, Vito com ar de condescendência — de onde está vindo realmente?

— Distinto senhor, de onde os perdi de vista. Estive esperando mais de um ano, mas o senhor não retornou, e assim eu me preparava para ir...

— Meu coração fica emocionado diante de tal mostra de afeto — interrompeu-me, e percebi que o sangue lhe fervia de raiva — se não fosse por certa lembrança referente a uma ponte estreita...

— Ah, a ponte — tentei me desculpar — que bruto e torpe era aquele homem! Ordenei-lhe que consertasse as madeiras para sua melhor segurança e, em vez de fazê-lo, caiu com elas na água. Que Deus conceda paz à sua alma!

Gersenda entrou trazendo presunto cortado, vinho e queijo, além de uns ovos fritos e uma salada fresca do tipo puntarelle, nos pedindo perdão porque faltava o tempero das enchovas. Ambos comemos com muito apetite, pois sabíamos que tínhamos muita estrada pela frente.

- E as crianças? — perguntou rapidamente Vito, sem deixar de mastigar, embora eu soubesse que, no fundo, era a única coisa que lhe interessava.

— Ah, as crianças! Na verdade eu deveria levá-las onde os mongóis... — Vito esteve a ponto de perder a paciência, mas como tinha a boca cheia de salada, prossegui — ...mas o senhor me vê aqui, com as mãos vazias...

— Vejo-o sentado e comendo calmamente!

— ... o mais provável é que tenham se perdido...

— Talvez nem mesmo os acompanhou? — perguntou com astúcia, a qual eu opus o seguinte golpe:

- Será que o senhor não confia sequer no que vê?

Deu um pontapé na mesa que estava no meio, de modo que os pratos e os alimentos rodopiaram pelo chão.

— Basta! — resmungou furioso. — Já comeu bastante, agora basta de brincadeiras e insolências! Direi onde estão: jamais abandonaram Otranto! Podem ter estado em muitas partes, mas em Constantinopla prendemos o filho da condessa, sem as crianças! Não podem ter se dissolvido no ar; o que ocorre é que, durante um ano inteiro, vocês nos enganaram. Em Bizâncio as paredes escutam, de modo que nem mesmo foi preciso torturar o jovem Hamo: um pouco de cannabis foi suficiente para que ele falasse...

Recostou-se, satisfeito, no sofá e observou-me como um enorme gato preto observa um pequeno rato do campo que perde seu buraco. De modo que reuni minhas últimas forças para lhe opor resistência, pensando que seja soubesse de tudo não teria necessidade de falar comigo.

— Agradeço a notícia de que Hamo esteja vivo. Todos os outros estão mortos, só eu me salvei. Pelo que sei, as crianças já não existem!

- Isso é o que você gostaria que eu acreditasse, mas a verdade é que nem todos morreram, embora fosse o mais desejável para eles. E os que morreram menos ainda foram as crianças! — fiquei refletindo um tempo. - Sua presença aqui, William, equivale à confissão que por pura bobagem você se nega a fazer. De fato, já não preciso de você. Mandarei prendê-lo num lugar seguro durante o tempo que ache conveniente, e, sobretudo, até que alcance meu objetivo. Que você seja torturado até a morte, que morra aos poucos - coisa bastante merecida — ou que eu o estrangule em algum momento com minhas próprias mãos é coisa que não depende de você senão apenas de meus caprichos, de modo que só lhe resta esperar que meu bom humor me leve a decidir por esta última possibilidade.

— Em tal caso tentarei fazer as pazes com o Senhor — murmurei com humildade, e uni as mãos em um gesto de oração.

— A paz com Deus! — grunhiu Vito. — Lembre-se de que ainda sou seu senhor. Prepare-se para ouvir, porque vai fracassar esse seu empenho de salvar as crianças hereges — agora falava cheio de admiração por si próprio, e eu era todo ouvidos. — Não é lugar-comum dizer que Otranto é inconquistável — a falar, contente de ver como crescia minha surpresa e meu horror — tanto por mar como por terra? — Depois respondeu a si mesmo: — Portanto, o imperador tem todo o direito de estar orgulhoso deste castelo e de confiar na lealdade da condessa! Laurence de Belgrave não entregaria as chaves mesmo que o inimigo trouxesse seu filho arrastado, o filho de sua própria carne e de seu próprio sangue e lhe cortasse a cabeça diante de seus olhos!

Vito intercalou uma pausa para verificar o efeito das suas palavras. Não se equivocara; eu estava bem tranqüilo sobre a relação da condessa com seu filho, Hamo. Por acaso aquelas crianças estranhas não estariam mais próximas do seu coração? Mas não permiti que ele adivinhasse os meus pensamentos.

Ele prosseguiu com toda calma, fato que chamou muito minha atenção:

— Mas se chegasse um amigo, uma pessoa da confiança do imperador, alguém que se equipare a ela quanto à lealdade ao soberano e aos bastardos de sangue real, e fosse de sua mesma posição, a condessa abriria as portas como uma puta velha abre as pernas, por mais que o exército que acompanhasse o visitante fosse mais potente e numeroso. Assim será como vamos entrar nesse buraco pestilento onde está a velha bruxa! Otranto cairá como uma fruta madura, melhor dizendo, como uma fruta podre!

— Não parece nutrir grande simpatia pela condessa — observei com certa censura, e também com um sorriso cúmplice. - E quem seria esse atraente namorado que Laurence de Belgrave, que não gosta nada de homens, deixaria entrar tão facilmente em sua fortaleza?

De fato, deixou escapar o nome.

— Elia de Cortona fez as pazes com a Igreja. O pecador pediu perdão. E o Santo Padre, em sua infinita bondade, prometeu perdão ao arrependido, embora exigindo em troca, como pagamento de seus pecados, que se apresentasse com um grupo seleto de soldados de elite do papa, mercenários com certeza, que iriam fantasiados de suabos, com a intenção de "reforçar" os efetivos de Otranto contra qualquer ataque procedente do exterior. A condessa lhe passará o comando. Nossa frota entrará no porto, derrotará a tripulação da trirreme — que não terá sido avisada por Elia — e cuidaremos das crianças. Eles serão a primeira coisa que o amigo de Cortona deverá ter custodiado muito bem, pois o papa disse claramente: "Sem as crianças não há perdão para seus pecados!" — Viterbo soltou um riso áspero e combativo. — Elia pediu que depois de Walizada nossa missão admitamo-lo a bordo, a ele e a seus soldados; mas nós não queremos adiantar-nos ao julgamento ao qual será submetido belo imperador, razão por que afundaremos também a trirreme; de li iodo que ninguém possa nos seguir e nem mesmo salvar-se! Nosso plano o agrada, William?

- Você é o diabo em pessoa! — ele gostou do elogio.

- Mas não sou pobre-diabo nem um diabo idiota como vocês. O Santo Padre sabe muito bem porque não nomeia inquisidor a nenhum franciscano!

Levantou-se.

- Guardas! — gritou impaciente. Entraram logo uns soldados. — Prendam este homem que diz ser William de Roebruk!

Agarraram-me com brutalidade, arrastaram-me ao pátio e um ferreiro que trabalhava em fogo aberto preocupou-se de rapidamente fechar uns anéis em torno de meus pés, mãos e pescoço, não dando tempo do ferro esfriar. Um chiado e uma dor horrorosa na pele arrebatada deram-me uma amostra das dores infernais que Viterbo me reservara.

E o que me causou mais medo foi um monge que estava agachado, esquentando uns ferros no fogo. Mas Vito aproximou-se naquele momento e deu uma pancadinha benevolente num dos ombros curvados daquele gnomo, que tinha o rosto inteiramente escondido sob o capuz. Vito disse-lhe:

- Espere um pouco, Albano! — Depois examinou com ar de entendido as correntes, para ver sua resistência. Em seguida dirigiu-se a mim: Só mandarei o carrasco amanhã de manhã — e como eu o olhasse assustado, explicou: — Para que o marque, como fez com os outros prisioneiros que você encontrará no calabouço! — Dizia isto pensando em acalmar-me com suas palavras, e eu as agradei movendo a cabeça com compreensão até onde o colar de ferro que me prendia o pescoço permitia. — Um grande "C" no peito, como deve usar todo bom cristão — os soldados que o rodeavam riram da piada do amo — e uma cruz em forma de um olho — os risos se transformaram em urros obrigatórios — já que lá embaixo bastará só um olho! — Continuou, ainda com a intenção de atizar a alegria generalizada — só aos homens de bem está permitido passearem com orgulho sobre o sol do Senhor: ninguém mais vai querer vê-lo. Carcereiro! — exclamou, com ar benevolente.

Os soldados estavam se divertindo, embora tivessem gostado mais de assistir ali mesmo à minha execução. Eu me sentia mal. A esperança de fazê-lo mudar de opinião por meio da insolência fora illusória. Sempre considerei Vito um executor rígido da vontade da Cúria, duro e inflexível, o que se costuma chamar de um *canes Domini*; ao contrário, eu sabia agora que, além disso, ele era a maldade personificada, e que sua posição de poder permitia-lhe naquele momento satisfazer os maus instintos sem nenhum limite. Blasfemei contra ele, o que não o comoveu em absoluto, pois virou-me as costas e entrou no portal do edifício.

Uma violenta pancada atrás dos meus joelhos quase me fez cair para a frente.

— Levem-no para o calabouço! — gritou uma voz que parecia conhecida: Guiscard! Antes de poder cometer o erro de demonstrar que o conhecia, uma segunda pancada, com um garrote, me atingiu na batata da perna. Os soldados tiveram novamente um motivo para regozijarem-se, pois meu velho amigo estava me maltratando com sua perna de pau, que trazia presa abaixo do joelho.

Enquanto me arrastavam por escadas cada vez mais escuras e pestilentas em direção ao profundo porão, lembrei-me da flecha que tinha ferido o louco e valente amalfitano diante do castelo Sant'Angelo, onde foi preciso deixar aquele esforçado lutador, afetado por uma gangrena mortal, nas mãos de Gersenda. De modo que só tinha lhe custado uma batata da perna. Que sorte!

Com tudo isso, recobrei minhas esperanças. Guiscard sempre tivera boas idéias. Eu não tinha dúvidas de que gozava da sua amizade e de que ele jamais estaria do lado de Viterbo. Este lhe faria cortar em pedacinhos os dois braços, e a perna que lhe restava, se chegasse à saber que era por causa daquele homem que eu tinha aparecido em Roma, diante dos olhos do que ali restava da Cúria, como um urso amestrado e bobo. Eu estava contente, e não era para menos: Guiscard, carcereiro às ordens de Vito e em

casa de Elia! A situação fez com que eu sorrisse para mim mesmo, e aceitei sem opor resistência ser acorrentado numa rocha úmida, e que minha cela fosse cercada por uma grossa grade de ferro, que Guiscard fechou com brutalidade magistral, mas fingida. Fiquei submerso na escuridão.

Carta sem Remetente

Castelo Sant'Angelo, inverno de 1246/47

Naquela mesma noite, Mateus de Paris dirigiu-se, conforme ordens recebidas, à sala de documentação. Ele mesmo se encarregou de que ali não ficasse nenhum frade-escriba, o que sempre acontecia, e também tinha certeza de que o máximo escalão iria mandar inspecionar a Documentação, para garantir o cumprimento da ordem.

Aproximou-se de seu posto de trabalho, localizado bem no alto, e aumentou a chama das lamparinas para que iluminassem bem o tabuleiro. Ele mesmo costumava dizer que os trabalhos mais secretos precisavam da luz mais clara. Não precisou esperar muito tempo.

— Pegue o pergaminho mais caro — soou a voz em tom amável —, como é usado em Jerusalém, quer dizer, esse pergaminho que os templários compram procedente do Cairo...

— Quer dizer, os papiros? — Mateus se permitiu corrigir. — Significa que devo escrever como escreve a Pri...?

— Adivinhou, embora não inteiramente! — a voz parecia divertir-se com a intriga. — Imagine que não queremos que o escriba secreto seja reconhecido, mas que é do nosso interesse que se desconfie dele!

— Ou seja, que deve cometer algum erro — Mateus queria demonstrar que o caso lhe despertava interesse. Começava também a divertir-se com o trabalho. — Os escribas mais secretos, cujo nome não se sabe, continuam empregando para as iniciais maiúsculas as mesmas fôrmas que se usava nos tempos do grande Bernardo, que Deus o tenha!

— Em sua glória, Mateus, em sua glória! — a voz corrigiu-o, mas o frade já estava mexendo numa das arcas pequenas, que estavam um pouco escondidas atrás da parede de seu posto de trabalho, protegidas com grades de ferro e com fechaduras duplas.

— Temos, por exemplo, as da regra não oficial da ordem — murmurou. — Elas poderiam nos servir. — Voltou com um pacote de fôrmas finas de cobre. — Todas elas trazem oculto, quer dizer, de um modo irreconhecível para o olhar profano que não esteja a par do segredo, o símbolo do lírio no pé do druida. Pegamos estas? — perguntou.

— Está bem — disse a voz — vejo que também escolheu a pena correta e aquela tinta que conhece. "A Luis Capeio, nono na série de usurpadores sem-vergonha do trono de França!"

Mateus escrevia com pressa; as mensagens secretas, inclusive as falsas, devem causar a impressão de terem sido redigidas bem rápido, sob tensão, e devem trazer correções e borrões.

— O Ocidente não será obrigado a suportar ao décimo da série, pois o sangue dos merovíngios ainda está vivo! Embora seus antepassados pecadores tenham matado nosso bom rei Dagoberto, embora seu miserável pai tenha, num ato de traição, misturado o sangue sagrado da casa legítima de Ocitânia com o de sua família, depois de assassinar, acumpliciado com o traidor Inocência...

A mão do monge hesitou.

— Escrevo assim?

— Quando se trata de insultar de forma que pareça verdadeira, não se deve ter considerações consigo próprio! Prossiga: "... ao nobre Trencavel, você, miserável Luís Capeto, é possível que tenha conseguido dominar o Montségur, lugar onde estava guardado o Santo Graal, mas não conseguiu resgatar o próprio Graal, que vive e continuará vivendo nas crianças que salvamos, e das quais Frederico apoderou-se com violência, e não sem egoísmo, para que cresçam e sejam educadas, sob sua proteção, na fortaleza imperial de Otranto. Pode continuar acreditando nas demonstrações de amizade que lhe envia Frederico, e não dar atenção aos laços matrimoniais que o unem aos Plantageneta; pode desprezar os laços familiares que ligam o imperador aos normandos, assim como com Aragão, e, a partir de agora, também com o futuro soberano de Bizâncio. Os filhos do Graal foram destinados a exercer no momento certo o poder que lhes corresponde, começando ali onde o sangue sagrado de Jesus caiu por terra pela primeira vez! Não se deixe enganar pelos rumores que o imperador e o papa semearam pelo mundo, pois estes dois personagens só se enfrentam, de forma odiosa, quando se expõem a olhos cegos como os seus. Dizem os rumores que os infantes sagrados, os de sangue sagrado, foram enviados na companhia de certo frade sedicioso ao país dos mongóis, como reféns do tratado de paz e de amizade que permitirá aos soberanos dividirem entre si o resto do mundo; um resto no qual não está previsto lugar algum para você. Comece, pois, sua cruzada: o sultão vai lhe preparar a recepção que prometeu a seu amigo Frederico. Marche na direção da Terra Santa: será melhor que lá fique já que não poderá gozar do retorno a Paris. Irá comprometer sem nenhum sentido as melhores espadas de França numa luta sangrenta contra os honrosos defensores da verdadeira fé, enquanto os falsos amigos lhe cravarão o punhal nas costas. Não poderá impedir a ruína dos Capetos, posto que os filhos do Graal estão nas mãos do imperador. O futuro é deles!"

A pena do frade riscava o papel.

— Quem vai assinar? — perguntou, e sua voz soava clara e objetiva quando colocou, com um suspiro, o ponto final no ditado.

— Ninguém! — respondeu a voz. — A ameaça anônima neste caso é a melhor, porque em Paris não poderão nem imaginar as razões que motivam o remetente!

Mateus comentou, impressionado:

— Se eu estivesse no lugar de Luís, atrasaria a cruzada por enquanto, e embora não tivesse coragem de fazer uma guerra preventiva contra o imperador, estudaria as possibilidades, pelo menos, e os meios de que disporia para manter resguardadas minhas costas.

— O autor não precisa de elogios, mas sim o merece o escriba Mateus — disse a voz friamente, e embora não fosse a primeira vez que tivesse emprestado sua pena ao "cardeal cinza", o frade sentiu um leve tremor que percorreu suas costas. — Amanhã pela manhã você vai se dirigir a Óstia e lá esperará nosso legado Andrés de Longjumeau, que o levará de imediato ao lugar onde irá esperá-lo o Santo Padre.

— Já sei — confirmou Mateus um procedimento que não lhe era estranho.

— Mas o que não pode saber é que alguém se dirigirá a você pedindo que indique qual a passagem bíblica mais adequada para esse dia. A essa pessoa você entregará o manuscrito selado e ele irá recompensá-lo com um saco de ducados...

— ... que eu, então, entregarei aqui — apressou-se em acrescentar Mateus. — Que selo devo utilizar?

— O da velha cruz com pontas em forma de garra — respondeu a voz com ligeiro regozijo. — Não é demais comprometer um pouco os templários!

Enquanto o monge esquentava a cera para o selo, uma leve corrente de ar fresco atravessou o aposento da

documentação; as chamadas estremeceram. Em algum lugar, uma porta se fechou.

Roberto, o "Arrebentador de Correntes"

Cortona, inverno de 1246-47 (crônica)

Não sei quanto tempo fiquei no escuro, porque meus olhos — embora .mula tivesse os dois! — demoraram a acostumar-se. Por algum lugar muito alto da abóbada penetrava uma vaga luz noturna refletida pelas nuvens iluminadas pela lua. Em algum momento abriu-se o manto espesso e o luar, leitoso e frio, entrou diretamente no calabouço. Devia ser um porão muito profundo, situado atrás da pesada porta de ferro onde antes jamais haviam me deixado entrar. Lembrei-me de que, em algum lugar, devia estar escondido na parede o fragmento da Vera Cruz, junto com certo pergaminho.

Depois de um tempo consegui ver meu companheiro de cela que, sentado no chão, demorou a erguer a cabeça em cuja testa pude ver marcada a fogo uma cruz que ia se transformando em uma cicatriz branca, mas cujas bordas ainda pareciam vermelhas e inchadas. Esta deveria ser também minha aparência, mas não! Em mim haviam pensado em fazer a cruz em cima de um dos olhos.

Fiquei enjoado só de imaginar o ferro com a cruz candente que se aproximava. Gritei, quis proteger o rosto com as mãos, mas as correntes que prendiam meus pulsos causavam-me dor.

— Cale-se! — disse meu companheiro, e então o reconheci: era Roberto, o arrebentador de correntes, a quem eu tinha visto afogar-se diante de meus próprios olhos.

— Roberto? — sussurrei, com medo de que existissem fantasmas e espíritos, sobretudo nos profundos calabouços de um castelo. — É você?

— Não mencione meu nome! — respondeu, sussurrando. — Podem estar escutando, quem sabe há um buraco na parede... Eu não o conheço!

Pobre homem! Não consegui imaginar como caíra nas mãos de Vito, mas sim ao que fora submetido. Era um milagre encontrá-lo vivo, mas também era evidente que não tinha superado as torturas, que estas tinham afetado e danificado sua mente.

Odiei Vito! Tinha de fugir, e para consegui-lo precisava da força de Roberto, qualquer que fosse seu estado.

— Como o pegaram? — tentei reiniciar o diálogo.

— Por que voltou? — a resposta chegara em tom de lamúria. — Agora me julgarão e você será testemunha. Irão esquartejar-me!

— Não tenha medo — sussurrei. - Vamos conseguir fugir!

— Claro que sim! — respondeu-me com amargura. — Amanhã de manhã vão me tirar daqui, e quatro cavalos estarão me esperando no pátio do castelo... William, tenho medo!

— Calma, calma — queria acalmá-lo, embora eu mesmo sentisse um grande aperto no pescoço.

— Você é que pode ficar calmo — respondeu com voz estrangulada. — Amanhã só vai ser marcado, como todos... — e Roberto mostrou as figuras ocultas na penumbra, atrás de outras grades, à espera de seu destino. — No meu caso me deixaram um olho para que eu possa ver o traseiro dos cavalos, nos quais darão chicotadas para que saiam correndo em diferentes direções...

— Cale-se! — falei.

— ... e para que me convença de que é mais fácil arrancar um braço do que uma perna!

— Cale o bico! — exclamei, com raiva. — Esta noite fugiremos.

— Teremos de matar o carcereiro antes! — A mente confusa de Roberto começava a trabalhar na direção que eu desejava: de fato, o medo da morte é um bom aliado. Esse homem faz a revista aqui três vezes por noite.

— Pois fugiremos na segunda — resolvi com firmeza. — Conseguirá se soltar até então, e me soltar?

— No primeiro dia consegui alargar os anéis que prendiam meus braços e pernas, o ferro não é de boa qualidade! — sorriu Roberto, cuja coragem aumentava. — Só resta a argola do pescoço!

Tirou as grilhetas diante de meus olhos e colocou as duas mãos atrás da nuca. A cruz começou a inchar na sua frente e o feixe arrebentou com um estampido. Roberto abriu as duas metades da argola e esfregou o pescoço. Depois tirou os pés dos grilhões e aproximou-se, rastejando.

— Sente-se — ordenou-me. Agora que tinha as duas mãos livres, abrir minhas grilhetas era para ele um jogo de criança do qual se envergonharia se tivesse de apresentar-se em público.

Voltamos a colocar os ferros para que não nos descobrissem na primeira ronda. Devia ser meia-noite quando o velho Guiscard aproximou-se pela primeira vez com uma lanterna para nos inspecionar. Não leve o trabalho de abrir a grade: só iluminou rapidamente nossos rostos, fez a ronda e foi embora.

Na verdade eu não gostava da idéia de ter de colocar as mãos em cima de meu velho amigo, pois sabia muito bem que ia acabar nos ajudando. Mas eu não sabia até que ponto ele estava sob o domínio de Vil o e, além disso, era preciso pensar em Gersenda, que continuaria como refém nas mãos de Viterbo. Bastaria um pequeno golpe na parte ile trás do crânio, dado com a corrente que Roberto já embrulhara num pano, e o carcereiro teria um breve desmaio, seria o bastante para nos afastarmos pelo caminho de Ancona.

— Quando chegar a hora — sussurrou Roberto —, vou agarrá-lo pela garganta, quando estiver diante de mim, e você por trás, já que não sou capaz de estrangular uma pessoa...

— Roberto — implorei —, eu nunca fiz nada assim, não posso fazer, veja como minhas mãos tremem...

— Na verdade — assentiu Roberto, refletindo —, quando penso que o preço da minha liberdade é a vida de outro...

— Se me obrigar a fazê-lo, o perigo será muito maior, porque não saberei calcular bem o golpe...

— Prefiro morrer amanhã entre quatro cavalos. — Roberto parecia outra pessoa. Queria, por acaso, me demonstrar o que significava dar mu exemplo vivo do espírito cristão? — Gostaria de voltar a ver minha família, a velha Larissa, as crianças...

— Não voltará a vê-los — interrompi secamente; senti um nó na garganta, mas era melhor dizê-lo agora que mais tarde ou nunca. — estão todos mortos, Roberto, e todos tinham uma cruz marcada na testa!

— Não é verdade, William! Diz isto para que eu esqueça meus planos e faça o que você me pede.

Não pude responder-lhe, pois no alto da escada apareceu a lanterna do nosso carcereiro, que começou a descer batendo com sua perna de pau na escada. O homem abriu as grades da cela e entrou.

Como havíamos combinado, Roberto começou a gemer.

— Meu pescoço! — O lamento parecia autêntico, mas Guiscard dirigiu-se a mim.

— Não faça besteiras, William — resmungou. — E, sobretudo, não faça barulho — disse, reduzindo a chama da lanterna. — Escutei o que diziam e resolvi fugir com vocês. Há quatro cavalos preparados

diante de uma portinhola lateral da muralha. A Gersenda pedi que saísse do prédio logo depois que o inquisidor bebeu o vinho. Ele sempre toma muitas precauções, mas desta vez esqueceu de me fazer beber primeiro...

— Não percamos tempo! — interrompi as explicações daquela alma cândida. — Acho que teremos muito a nos dizer quando deixarmos Cortona para trás. Embora neste exato momento tenha necessidade de fazer uma coisa.

Guiscard pensou que fosse uma necessidade física; percorri tropeçando os recintos abobadados, que naquela parte eram-me desconhecidos, até encontrar a porta de ferro; mas por mais que me esforçasse para descobrir na penumbra o lugar indicado, por mais que tateasse as paredes, escutando o som que emitia o toque dos nós dos dedos, não encontrei o esconderijo. O velho pedreiro trabalhara muito bem. Assim, voltei desiludido onde Guiscard me esperava.

— Gersenda irá esconder-se com uns parentes no campo, onde ninguém poderá encontrá-la — o velho continuou com suas explicações enquanto nos levava por um corredor de teto baixo, que passava por debaixo do castelo, até uma porta.

O ar da noite era fresco e transparente como o gelo. Gersenda já nos esperava montada a cavalo. Estendeu-me uma bolsa cheia de provisões.

— Conheço-o bem, irmão — ironizou. — Está sempre esfomeado!

Pegamos os cavalos pelas rédeas e saímos atravessando pelo pasto até ficarmos fora do alcance dos ouvidos dos moradores do castelo. Gersenda nos fez um sinal de despedida e Guiscard agradeceu, enviando um beijo galante com a mão. Depois ela tomou a direção da Umbria; eu queria segui-la, mas Guiscard deteve-me pelas rédeas.

— Isso é exatamente o que pensarão nossos perseguidores. Iremos no sentido oposto, nos dirigiremos a Pisa, e lá pegaremos um barco.

— O dobro do caminho! — quis me rebelar.

— A metade do caminho, William. Quando se trata de uma viagem por mar, deve confiar neste velho normando.

Assim nos apressamos a cavalgar na direção oeste, atravessando a Toscana. Avançamos a cavalo o resto da noite, deixando Sena de um lado. Quando o sol nasceu, tínhamos acabado de atravessar Poggibonsi. Guiscard propôs que deixássemos que os cavalos bebessem numa fonte. De repente ele explodiu num riso forte.

— Ai, William! — exclamou. — Tudo foi uma comédia. Só que, se não tivesse lhe convencido a fugir nesta mesma noite, Roberto passaria pelo pior.

— Fui eu que o convenceu a fugir — indignei-me, mas Guiscard riu mais ainda.

— E quem o fez pensar na idéia? O próprio Vito! Fez o que pôde para que você se decidisse a fugir nessa mesma noite...

— Perdoe-me, William — neste ponto interveio também Roberto, e sua voz soava alegre —, por tê-lo enganado com essa história do esquiteamento, embora você também se tenha destacado pelas histórias que contou...

— Roberto — falei muito sério —, como eu gostaria de que não fosse mais que uma brincadeira de mau gosto, e talvez inclusive não deveria lhe dizer, mas é a pura verdade: foram todos mortos!

Roberto me olhava com o rosto desfigurado.

— Meus primos? Minhas primas? Os pequenos?

— Todos. Eu os vi pendurados. Deve ter sido há uns dois meses!

— Larissa também? — fiz um gesto afirmativo, e Roberto, o homem forte, começou a chorar.

— Não menti, William. A verdade é que nunca fiz mal a ninguém, seja pessoa ou animal. Sempre sonhei em viver no campo, com uma boa mulher a quem pudesse amar e cuidar, e que fosse carinhosa comigo... — novamente os espasmos e as lágrimas o sacudiram por inteiro. — Esse monstro me deixou todo marcado. Agora todas as portas serão fechadas para mim, não tenho para onde ir... preferiria ter me afogado!

Nesse momento tive uma idéia.

— Roberto, você saberia encontrar aquele lugar no desfiladeiro, onde você caiu na água?

— Claro que sim! — olhou-me com ar interrogador e eu prossegui: Será necessário construir uma ponte nova, ou buscar alguma outra forma de atravessar; suba pelo caminho que conduz ao porto da montanha, e quando tornar a descer pelo outro lado, estará no punt, onde vivem os samtz. Pergunte pela casa de Xaver e Alva. Têm uma única filha, que se chama Rüesch-Savoign. Quando a vir, você se apaixonará. Será seu pretendente, se casará com ela, e poderá viver a vida que sempre quis!

A mim também me saltaram as lágrimas quando lhe falei do paraíso perdido nas montanhas. Que teria acontecido com Rüesch? Quantas vezes tinha desejado voltar para ela, e quanta vergonha cheguei a sentir! Agora eu tinha a chance de dar uma volta na roda do destino, de remediar meus próprios erros e de enterrar minhas infâmias num tapete de neve.

— Você a amava? — perguntou-me delicadamente Roberto. — Como poderá gostar então de mim, ainda mais agora que levo uma cruz marcada no rosto? Além disso, jamais poderei chegar até eles!

De novo mostrava-se desesperado. Tirei o hábito de franciscano e entreguei-o a ele.

— Abaixei o capuz até cobrir a testa e ninguém verá essa cruz. Todo mundo pensará que você é especialmente humilde e devoto. Rüesch gostará da cicatriz! — tentei animá-lo. — Roberto, você dirá que é meu irmão. Que encontrou-me quando caí com os calçados de neve de uma rocha, arrebatando os ossos. Cuidou de mim durante três longas semanas, mas tudo em vão. Morri em seus braços. Minhas últimas palavras foram estas: "Procure minha pequena noiva, Rüesch-Savoign, com quem cometi falta grave, e peça-lhe que me perdoe em nome do Messias a seu William, que agora lhe envia o irmão mais querido para que ocupe o lugar que o egoísmo, a irracionalidade e o destino também negaram a William de Roebruk, já morto."

— Jamais seria capaz de pronunciar um discurso tão bonito — lamentou-se Roberto.

— Pois diga simplesmente: "William está morto e pede perdão" — propôs Guiscard. — Adiante, temos de prosseguir!

Roberto me entregou seu casaco e sua calça, e eu disse:

— Deixe que seu bom coração o guie. Vai conseguir! — Abracei-o em sinal de despedida, e ele partiu a cavalo, tomando a direção norte.

— Seria melhor você se deixar seguir pela rapariga — gritou Guiscard às suas costas. — E o melhor conselho para uma viúva! — Tive esperança de que o conselho já não chegasse aos ouvidos de Roberto.

— Suponho — disse Guiscard enquanto continuávamos trotando na direção da costa — que você é capaz de cavalgar e pensar ao mesmo tempo. — Tirou de suas roupas um papel selado, onde reconheci a marca dos Capoccio. — Não é preciso abrir — ele riu. — É para o comandante do porto de Ostia, e manda que

coloque um barco à sua disposição. Aposto que também manda que seja o barco mais lento que tenha à mão! — Eu não entendi nada. — Vito certamente deseja que você chegue a Otranto, e que pareça que o fez com a máxima rapidez que permitiram seus meios. A verdade, no entanto, é que quer que sua viagem seja lenta para que ele possa chegar lá antes de você.

Eu continuava sem entender, e por isso respondi, meio confuso:

— Mas se não estamos cavalgando em direção a Roma!

-Já vejo que fazer duas coisas ao mesmo tempo é difícil para você, William!

— O melhor, Guiscard, é que conte a história desde o começo. Comece pela sua perna de pau!

O amalfitano começou a rir e tocou na perna de madeira:

— A antecessora ficou azul, e depois preta; eu sabia que era gangrena e que morreria, mas Gersenda fez vir nessa mesma noite um médico árabe de Arezzo, junto com seus ajudantes e utensílios. O médico disse: "Se esperarmos mais três horas, teremos de colocar uma perna de pau; mais três horas e o corpo ficará todo rígido: irá precisar de um ataúde de madeira. Ao contrário, se agirmos agora mesmo, poderá conservar a mobilidade do joelho." Assim fizeram e fiquei com Elia trabalhando como taverneiro, porque o bombarone sabe apreciar um bom vinho e eu eslava de acordo com o trabalho. Depois o imperador mandou chamá-lo, porque precisava de um conselheiro fiel e não podia confiar em muitos dos que o cercavam. Os fiéis do papa pareciam estar esperando por isso, pois tão logo afastou-se e caíram sobre nós. Ao que parece, Vito buscava algo ou alguém; mexeu em arcas e caixas sem encontrar, pelo menos penso assim. Gersenda me apresentou como antigo empregado da casa e ele engoliu a mentira. Não demorou muito e você chegou. No instante em que lhe colocavam os ferros no pátio, ele chamou Roberto, a quem costumava levar consigo como um cachorro amarrado, e ordenou-me que o acorrentasse na mesma cela, como se fosse outro preso, para que você percebesse o destino que o esperava. Além disso, já o deixara tão amedrontado que era de esperar que você estivesse maquinando algum truque para fugir. Na verdade é o que Vito deseja conseguir: que você fuja correndo, em pânico, até a condessa, para fazer com que ela e seus fiéis assustem-se e fujam correndo.

— Como eu não ia me assustar com o que ocorreu com o pobre Hamo e a traição de Elia?

— William — disse com alegre censura — você continua sem entender: nem estão com Hamo em seu poder nem Elia se aliou a eles! Os dois ignoram o que está acontecendo. São apenas invencionices de Vito para que você perca força. É a única chave de que dispõe! — O amalfitano me olhava com piedade, vendo que eu demorava para entender. — "Imagino", disse ao senhor Vito, uma vez montado o cenário no calabouço, com a ajuda de Roberto e alguns soldados, e quando este se mostrou satisfeito com o plano, que provavelmente seu Roberto possa representar durante algumas poucas horas o papel de condenado à morte, mas isto não é garantia de fuga posterior e da realização do seu verdadeiro objetivo!" Então Vito sentiu-se à vontade comigo e comentou: "É uma pena que você, que está meio inválido..." Respondi num arroubo de vulgaridade, pois é a linguagem que melhor entende. "A pressão de minhas pernas continua sendo suficiente para dominar qualquer cavalo e qualquer mulher. Sou capaz de carregar William aonde vocês desejem, mesmo que seja ao próprio Inferno!" Então me estendeu a mão e uma

bolsa cheia de ouro. "O bobo do Roberto deve ser liquidado com uma punhalada no coração logo que cumpra a sua parte; William, ao contrário, deve ser conduzido a Ostia e levado à presença do comandante do porto, junto com uma carta selada que vou lhe entregar. Depois voltará e ganhará, pela sua ajuda, outra recompensa generosa!"

Interrompi Guiscard:

— Aposto que na carta também ordena que o acompanhante de William seja liquidado sem demora.

— Talvez sim, mas isso não tem importância, porque as coisas irão se desenrolar de outra maneira. Explicarei quando estivermos em Pisa. Agora devemos apressar-nos, pois a rapidez é a primeira condição para qualquer truque de magia: dela depende a surpresa do público. Afinal, não vamos roubar do senhor de Viterbo o fator surpresa, posto que ele nos pagou para consegui-lo.

Assim, cravamos as esporas nos cavalos e alcançamos Pisa naquela mesma noite.

Desgosto em Óstia

Castelo Sant 'Angelo, primavera de 1247

Os dois frades haviam arrastado a escada até a parede central do mapa-múndi, onde na parte de cima ficavam os países de origem germânica e, com a Lombardia, a bota italiana se juntava ao Sacro Império Romano-germânico.

— É uma pena — queixava-se em voz alta o frade que vestia o hábito de franciscano — que justamente agora, quando estavam dispostos a coroar o landgrave, venha correndo esse horroroso Conrado, batendo no peito e na cabeça como um coitado, para fazer com que todos se dispersem...

Seu colega, um dominicano, retirou friamente a bandeira e a figura do cavaleiro real do mapa da Turíngia, e deixou-os cair na cesta que tinha a seus pés.

— O landgrave Raspe não teve coragem de enfrentar Frederico e seu filho; o miserável se escondeu para lamber as próprias feridas...

— Morreu com o coração doído — lamentou-se o minorita. — É uma desgraça terrível.

Seu companheiro inseriu, sem perturbar-se, uma nova figura simbólica no território do condado que havia ficado órfão.

— O duque de Brabante - continuou sua exposição — tomará posse do território com o pretexto de querer proteger a sua filha, esposa do falecido, mas talvez também deseje...

— Retire imediatamente o de Brabante, Simón de Saint-Quentin! — Escutou-se uma voz do alto. O "cardeal cinza" tinha se aproximado do empório e ouviu a discussão. Os frades assustaram-se e obedeceram à ordem. — Guilherme da Holanda é quem está mais perto agora do nosso coração! Devemos tê-lo *in pectore*.

Os dois se apressaram em remover o conteúdo de suas cestas em busca do candidato desejado, enquanto o olhar do magro personagem portador de uma máscara cinza dirigia-se já aos territórios situados no norte da Itália.

— Chegou a hora de nos mostrarmos benevolentes com a cidade de Parma — disse ao franciscano. — Lembre-me daqui a dois meses. — O minorita se encolheu como se estivesse apanhando. Debaixo dos arcos, apresentou-se um irmão porteiro.

— Chegou Vito de Viterbo — anunciou timidamente.

— Leve-o ao arquivo de assuntos do Império! E que me espere lá! — O "cardeal cinza" lançou outro olhar descontente ao Mediterrâneo e afastou-se da balaustrada, entrando por uma porta que se abriu perto de uma das colunas.

Os cartógrafos não se atreveram a erguer os olhos antes de haver colocado uma cruz e uma bandeirinha na cidade de Parma.

— Não lhe pareceu digno de menção o fato de que o imperador lenha conseguido que o

Sul desse as boas-vindas e jurasse fidelidade a seu filho Carlotto — ironizou Simón num sussurro, demonstrando maior frieza de ânimo que o outro.

— Não teria gostado. — Bartolomeu tentou, mais temeroso, justificar a atitude de seu amo e senhor.

— Pelo contrário, sim, teria gostado do rei da Inglaterra, já que a criança é filha de sua irmã.

Uma vez no arquivo de assuntos do Império, Vito começou a passear, nervoso, entre as altas estantes.

— Seja compreensivo, Eminência — rogou em voz alta, dirigindo-se ao quarto vazio, pois estava acostumado que seu superior, embora invisível, estivesse escutando. — Tenho pouco tempo e preciso partir hoje mesmo de Óstia...

— Como é possível que já esteja voltando? — grunhiu a voz temida diretamente atrás dele. O "cardeal cinza" havia entrado no quarto sem fazer barulho, através de uma das estantes carregadas de livros, e neste momento mostrava seu rosto. — Afinal, não dei ordens para que exterminasse o grupo de sarracenos que vive no alto dos Alpes?

Rainiero de Capoccio, diácono-cardeal de Santa Maria in Cosmedino, apresentou-se paramentado. E ninguém havia suspeitado que fosse o próprio "cardeal cinza" o misterioso guardião do Patrimônio de São Pedro, guardião de suas graças e desgraças. Era um homem alto, de traços fortes e cabelo cinza, mas de corpo elástico, e que não revelava sua idade, embora ela pudesse ser estimada em torno dos sessenta.

— Já não é preciso — tentou defender-se Vito — uma vez que William de Roebrok caiu em meu poder em Cortona. Jamais estive em terras dos mongóis...

— Sei de tudo, estive com os saratz! — O velho Capoccio havia se sentado na única cadeira, de modo que foi preciso que Vito ficasse de pé diante dele, como um noviço. — O que o levou a se aproximar de Cortona? — O cardeal não estava de bom humor; mais que isto, lhe desgostava ter de batalhar com as ocorrências independentes de Vito, quando decisões bem mais importantes o esperavam. — Responda!

Vito não teve a sensibilidade necessária para analisar corretamente a situação.

— Queria cumprimentar Elia, já que tem uma excelente adega.

— Você está louco! Exatamente quando estamos preparando secretamente seu retorno ao seio da Igreja você vai e saqueia o seu castelo...

— William está comigo! — Tentou se defender Vito, que, de tão convencido do valor de sua façanha, não se omitia de mostrar novamente seu triunfo.

— Mostre-me! — Capoccio, que tinha a cabeça voltada para a solução de outros problemas muito diferentes e muito mais atuais para a Igreja, começava a perder a paciência. Mas Vito continuava sem entender que sua captura não representava naquele momento nenhuma vitória, e muito menos era razão para que se mostrasse vencedor.

— Melhor ainda! Agora mesmo está a caminho de Otranto, por intervenção minha, para que a condessa e essas crianças saiam voando do castelo, como morcegos assustados pela luz do sol! — Vito achava que seu próprio entusiasmo era a medida de todas as coisas. — Por isso eu também tenho de partir imediatamente... — terminou finalmente seu discurso.

Capoccio olhava para Vito e sacudia a cabeça; olhava para aquele homem que era seu filho e que deveria estar se comportando como um adulto. A luz do sol! Será que esse personagem ridículo jamais amadureceria até adquirir a superioridade intelectual que devia distinguir a todos os Capoccio? A verdade é que durante o resto de sua vida teria de se lamentar daquele mau passo.

— E quem garante — esforçou-se para que suas palavras soassem benevolentes, embora não pudesse impedir que estivessem carregadas de sarcasmo — que o tal William de Roebruck, uma vez em liberdade, dirija-se diretamente a Apúlia?

— Procurei esquentar seu cérebro — Vito estava farto de que o velho continuasse o tratando como imbecil. — Empurrei-o para que se apressasse com a ameaça e o aviso de que Elia partiria para Otranto...

— Boa piada! — o cardeal fervia de raiva.

— ... e paguei ao taverneiro do bombarone, um homem de toda confiança — prosseguiu Vito sem alterar-se —, para que o embarcasse em lloma na nave mais lenta que pudesse encontrar. Desse modo chegarei com nossa frota a Otranto muito antes dele e poderei surpreender a trirreme. — Vito esperava obter pelo menos agora algum reconhecimento de sua capacidade estratégica.

— O taverneiro! Você deve ter bebido tanto vinho lá que seus miolos estão moles — grunhiu o velho. — Vou lhe dar dois barcos, mais nenhum!

Escutaram toques na porta e a voz do irmão porteiro anunciou a presença do legado Andrés de Longjumeau.

Vito compreendeu por que o cardeal o recebera paramentado. No fundo, ele sempre odiara essas táticas, tidas por inteligentes. Quis despedir-se, mas o velho obrigou-o a ficar.

Andrés entrou, seguido do irmão porteiro, que arrastava uma poltrona para que o legado pudesse sentar-se. Vito continuava de pé.

— Não enviei Mateus de Paris até Óstia — começou o cardeal depois de cumprimentá-lo e trocar o beijo fraterno, embora não considerasse necessário apresentar Vito — para que procurasse imediatamente um barco que os conduzisse sem perda de tempo a Lyon, à presença do Santo Padre, que está ansioso à sua espera?

O legado mostrava-se ansioso para contar a sua história; não se sentou no assento que lhe indicaram.

— É verdade, também Mateus me esperava no cais. Acabava de cumprimentar-me quando, de repente, exclamou: "Acho que estou vendo fantasmas, ou maus espíritos! Lá está William de Roebruk! Como é possível que já tenha retornado da corte dos mongóis? Venha, Andrés, vamos cumprimentá-lo e prendê-lo imediatamente!" Eu respondi: "Bem, Mateus, primeiro ache um barco e depois detenha a quem quiser!" Mas Mateus não quis me escutar, me largou ali mesmo — o legado, indignado, não escondia sua irritação — e o vi correr sem hesitar em direção ao franciscano e pegá-lo pelo braço, com delicadeza, e afastarem-se os dois depois, conversando e passeando, como se eu não existisse, na direção do comandante do porto. Vejo que o tal de William pega um documento e o entrega ao comandante; este rasga o selo e lê o texto duas vezes, depois chama os soldados da guarda e prende Mateus, embora este gritasse dizendo que tudo não passava

de uma confusão: que William de Roebruk era o outro. Ao contrário, o comandante tratou a este com enorme amabilidade e o conduziu a um barco que eu jamais havia usado, porque era o cargueiro mais velho de todo o porto. Comecei a perder a paciência, mas o comandante mostrou-se muito obstinado. "E o último barco que tenho disponível, senhor legado!", insistiu em afirmar com insolência. "Recomendo que busque hospedagem em Roma por uns dias. Logo que apareça uma passagem, Excelência, eu o avisarei." "E aquele outro?", e assinalei um estreito veleiro que esperava pronto para zarpar, com as velas desfraldadas. "Foi escolhido para uma missão especial!", disse-me aquele insolente. "Sou legado papal", alfinetei, "e estou indignado! Primeiro a pérfida Sereníssima não me deixa desembarcar em terra Jerma para prosseguir minha viagem pela Lombardia..." Mas ele interrompeu-me: "Os venezianos são inteligentes e não querem que um legado se exponha inutilmente aos perigos que existem". E eu: "... depois Veneza me obriga a realizar novamente uma viagem em torno de toda a costa da bota italiana, pagando o dobro do preço da passagem normal, e navegando pelas águas do imperador, para finalmente deixar-me estirado em Óstia por causa dos pisanos! E para terminar, você, senhor comandante, me trata como um..." Faltaram-me as palavras, mas aquele bruto atreveu-se a completar meu discurso: "Trato como a um legado bastante desorientado que não foi capaz de tomar um barco genovês na terra Santa!" "Descarado!" "Se o deseja, pode apresentar queixa!" "É o que pretendo fazer neste instante."

Andrés de Longjumeau deixou-se cair na poltrona, pois o relato dos sofrimentos padecidos uma vez mais haviam cortado sua respiração, e de certo modo, também para expressar sua indignada decisão de continuar ali sentado, sem mover-se, até que o cardeal remediasse a situação. Mas o que este fez foi levantar de um salto e abraçar Andrés, antes mesmo que chegasse a se sentar.

— Vou dar-lhe o melhor barco possível, e será em nome de Cristo. — Após esta cortesia, acompanhou-o até a porta.

Vito quis segui-los, mas o cardeal fechou a porta diante do seu nariz. A chave girou duas vezes na fechadura, fazendo perceber que daquele momento em diante tinham acabado as brincadeiras. Embora ele e o velho tivessem trocado mais de uma piscadela divertida enquanto escutavam as lamentações do legado, no momento em que soube da detenção de Mateus o cardeal voltou a ostentar a mesma máscara rígida de sempre.

Vito acomodou-se na poltrona, antes destinada ao visitante agora livre, e enterrou a cabeça entre as mãos.

Mas o diácono-cardeal de Santa Maria in Cosmedino, Rainiero de Capoccio, senhor de Viterbo, não conseguiu desfazer-se tão facilmente do legado papal.

— Onde está o barco que me prometeu? — Apressou-se a reclamar tranqüilamente. — Levo cartas importantes para entregar ao Santo Padre...

— Como é? — exclamou o cardeal. — O senhor refere-se à carta que tirou de Lorenzo de Orta?

— Que troquei — corrigiu o legado. — Fi-lo com minhas próprias mãos! — proclamou, e tirou triunfantemente de sua roupa o manuscrito dirigido ao papa.

— Deixa-me ver? — perguntou o cardeal, cheio de desconfiança.

— Cuidado! Não estrague o selo! — Andrés lhe estendeu o corpus itlicti com dedos longos e rígidos. Logo que viu o selo, o cardeal soltou mu riso sarcástico. Colocou debaixo do nariz do legado sua própria marca.

— Este é o selo do sultão do Cairo?

Andrés estava pálido como um morto.

— Impossível — gaguejou. Observou aterrorizado como o cardeal rasgava o selo e abria o rolo. Do pergaminho saiu voando um papel que o cardeal levantou do chão, passando a ler:

- "William de Roebruk cumprimenta Mateus de Paris..."

No mesmo instante o cardeal parou de rir. Amassou o papel e jogou-o com o pergaminho aos pés do legado. Depois deu meia-volta e abandonou o recinto sem se despedir.

Vito continuava sentado no arquivo de assuntos do Império e se entretinha em recriminar a si próprio. Fora sua maldita vaidade, seu orgulho de querer demonstrar seu valor ao velho, o que levava a se apresentar no castelo Sant'Angelo para informar primeiro, dirigir-se a Óstia...

- Estou esperando — soou a voz, fria como um tímpano, no aposento. Que queria me dizer além de que tentou pôr a mão no meu Laus Sanctae Virgini?

Antes que Vito pudesse responder — sabendo como Cappocio era cuidadoso quando se tratava de seu veleiro, cujo uso não cedia sequer ao papa —, voltou a escutar batidas na porta.

— O secretário do comandante do porto! — avisaram. — É urgente!

Vito hesitou:

— Que informe! — chegou em tom áspero a ordem, embora sem levantar a voz. Abriu-se a fechadura da porta e entrou o secretário. Era um homem mais velho e acostumado a apresentar seus recados sem grandes rodeios:

— O comandante do porto manda-lhe um aviso: o barco entregue em cumprimento de suas ordens a William de Roebruk foi afundado e bloqueia agora a saída do porto. — Não prestou atenção na palidez cinzenta estampada no rosto de Vito, e continuou: — Um veleiro pisano veloz, que de repente surgiu no mar, resgatou William de Roebruk. Depois seguiu viagem em direção ao sul!

O corpo desajeitado de Viterbo afundou na poltrona; era um acúmulo de desgraças.

— O comandante do porto permite-se acrescentar o seguinte: reconheceu o indivíduo que atacou, junto com outros comparsas, o barco em questão abrindo buracos no casco por meio de machadadas até conseguir afundá-lo, mas não antes que esse mesmo barco efetuasse uma arriscada manobra para investir contra a Laus Sanctae Virgini e abrir-lhe o costado: era Guiscard, o Amalfitano, antigo e infelizmente célebre pirata, o mesmo que há dois anos assaltou o porto e cruzou as águas com barcas largas para subir pelo Tibre até chegar aqui, ao castelo. O senhor comandante está certo de tê-lo reconhecido, embora esse homem tenha agora uma perna de pau.

O secretário tinha acabado de falar e olhava esperançoso para Vito, que por sua vez lhe devolvia o olhar como se estivesse tendo visões, como se um esqueleto acabasse de sair do túmulo. Depois apontou-lhe um dedo pontiagudo como se fosse lhe cravar uma lança. Quando, finalmente, Vito voltou a esconder a cabeça entre as mãos, o secretário apressou-se em fazer atemorizado o sinal-da-cruz.

— Além disso — acrescentou, uma vez que se recompôs —, o senhor comandante pede, tendo em vista as estranhas circunstâncias que estão se produzindo, que confirmem a ordem de execução do acompanhante de William de Roebruk. Este afirma ser Mateus de Paris, e jura que deve ter havido uma confusão...

— Vinte bordoadas! — escutou-se uma voz que assustou profundamente o secretário. — E, depois, mandem-no para cá!

O secretário fez uma reverência na direção de onde lhe pareceu ter chegado a voz, depois outra vez diante de Vito, e não se sentiu tranqüilo até ter ultrapassado o umbral. Uma vez mais se escutou o giro duplo da chave.

— Estou vendo como você escolhe as pessoas de sua confiança — a voz parecia chegar de longe, embora o cardeal tivesse novamente ocupado o seu lugar. Sentia-se incapaz de ocultar sua imensa desilusão, mas a tristeza que o embargava não anunciava nada de bom: não se sentia inclinado à benevolência; estava pensando num duro castigo para aquele desgraçado ser de seu próprio sangue.

Tinha de cortar um elo que já durava toda uma vida. O taglio, pensou Vito, o corte definitivo seria agora irremediável; a questão era onde seria aplicado. Testa o croce. No primeiro caso — o corte da cabeça, a sentença seria definitiva; no outro, teria de carregar a cruz para sempre.

— Castigue-me! — disse Vito. — Apostei minha vida.

— Mil chicotadas seria pouco e não poderiam compensar a dor que você me causou, Vito. Cada dia de sua existência foi um castigo para mim. Tenho de pôr fim a isso — e sua voz soava cansada e vazia. Já não me vejo capaz de inventar uma forma de reparação.

— Dê-me um barco e não aparecerei mais diante de sua vista, a menos que esteja disposto a aceitar as cabeças das crianças em vez de meu crânio imbecil. Tentarei...

— Sabe Vito — suspirou o ancião — Jamais compreenderá o que é na verdade o essencial, o importante. O problema é que você não é o filho que sempre desejei, senão um simples bastardo! Compreendo que a Culpa também é minha, e certamente culparei minha má consciência se disser que não quero mais vê-lo...

— Não percamos tempo, pois... — Logo que soube que havia salvado sua cabeça Vito só pensava na presa que lhe estava escapando. O cardeal voltou a rir.

— Você é incorrigível, nisto sim é um Capoccio; esqueceu-se de que, graças a seus incríveis avisos, os anjinhos terão voado há tempo.

— Ainda posso alcançá-los...

— Não, não pode, nem é necessário. A Igreja não pode perder tempo como você perde, pois sua forma de pensar lhe é estranha. As crianças em si não representam um perigo para ela: o perigo e a ameaça nascem dos projetos daqueles que os têm em seu poder.

— Os quer mortos ou vivos? — Vito tentava semear esperanças que garantissem seu próprio futuro.

— Ainda não sei — murmurou o "cardeal cinza" depois de pensar por algum tempo. — Enquanto eu estiver vigiando o destino dos sucessores de são Pedro, poderei, inclusive, imaginar sua eventual utilidade para nosso domínio sobre a Terra. Mas se eu chegasse a faltar algum dia e outros cérebros de passarinho, como o seu, conseguissem o poder de dispor das coisas, então sim seria melhor que as crianças estivessem mortas! — E o ancião começou a rir de tal modo que Vito achou que o i iso o afogaria.

— Quer dizer, concede a meu cérebro de passarinho a liberdade...

— Condicional — comunicou-lhe friamente o cardeal. — Viajará no próximo barco disponível, o mesmo que levará o legado Anselmo de Longjumeau para o mar Negro, a Tabriz, para que apresente seus obséquios ao clã Baitchu.

— Agradeço-lhe! — exclamou Vito, satisfeito, e jogou-se da poltrona ao chão, sem se ajoelhar, caindo de barriga, como fazem os sacerdotes na cerimônia de sua ordenação. Enquanto isso, pensava em como se conciliaria com frei Ascelino, ou Anselmo, o irmão menor de Andrés de Longjumeau, que acabava de voltar. Eram antigos companheiros, embora existisse entre eles uma considerável diferença de idade, ou exatamente por isso: de qualquer forma, era um dominicano como ele!

— Guardas — disse a voz com indiferença — o senhor Vito de Viterbo fica privado de todos os seus cargos, e não dispõe a partir de agora de nenhum poder de mando no castelo, no exército ou no porto. Será levado acorrentado para Óstia!

O secretário do comandante do porto, que ficara esperando na ante-sala como o haviam ordenado e acabou cochilando, despertou dos seus sonhos e deu um pulo quando escutou a voz que ladrava diretamente em seu ouvido.

— Informe o comandante do nosso porto que incorpore Vito de Viterbo a partir de agora mesmo e despojando-o de todas as honras e direitos, ao barco do legado Anselmo de Longjumeau logo que este chegue, procedente de Lyon. Durante os próximos seis meses trabalhará como escravo remador.

— Algum tratamento especial? — perguntou o secretário com objetividade; estava acostumado a qualquer coisa, inclusive à queda repentina de alguns senhores que costumavam tornar um inferno a vida de um humilde secretário como ele.

— Sim — soou a voz, mas agora não mais diretamente em seu ouvido, já que ele continuava respeitosamente de pé. — Diga ao chefe dos remadores para que não deixe sair o maricas nem de noite, nem no porto, e que sempre o vigie, sem esquecer do chicote!

— O senhor legado Andrés deseja ser levado a Lyon, e o comandante tinha pensado...

— Não — disse a voz — que espere! O que nos preocupa é que Vito de Viterbo comece sua viagem sem perda de tempo.

William, Ave de Mau Agouro

Otranto, primavera de 1247 (crônica)

Desde minha "fuga" de Cortona e minha separação de Roberto, o fortão, passei a confiar no audacioso plano do amalfitano para nossa viagem a Otranto. Após sua combativa aparição no porto de Óstia, onde Guiscard e eu fomos resgatados da nave papal enquanto esta afundava, o rápido veleiro pisano não tinha feito mais que uma breve escala em Messina, e depois passou ao largo do porto de Tarento, seguindo para o cabo de Leuca.

Guiscard insistia em apressar-nos:

- Da forma como conheço Vito de Viterbo — confiou a mim, que padecia das mais terríveis náuseas devido à furiosa cavalgada marítima — FARÁ com que afundem de toda esta feliz nave no porto, para não perder tempo, e poder nos perseguir como um tubarão ferido pelo arpão.

— Sobretudo quando souber que seu fiel taverneiro é, de fato, o timoneiro do próprio Diabo — queixei-me e comecei a vomitar na esperança de que aquela fosse a última vez. Por fim, surgiu diante de nós o torreão de Santa Maria di Leuca, que circundamos numa manobra temerária que fez com que o meu estômago virasse pelo avesso de novo. E, no entanto, consegui rir resignado para meu torturador. Havíamos conseguido. Vito não conseguiu agarrar-nos!

Haviam transcorrido dois anos desde que abandonei Otranto. Nesta ocasião, via pela primeira vez de longe tanto a cidade como a baía e o castelo. O poderoso cais deste último parecia cochilar sobre as rochas e, se é verdade que visto da terra parecia inconquistável, ao contemplá-lo agora do mar me pareceu um animal selvagem à espreita de qualquer nave que passasse expondo-se a suas garras. Então vi sair a terrível trirreme da condessa do porto fortificado. Vinha diretamente em nossa direção, com as velas enfunadas e um brilho assassino nos remos.

O capitão pisano se apressou em içar a bandeira e a trirreme ficou à nosso lado. Cruzaram-se cumprimentos surpresos quando os soldados da condessa reconheceram seu antigo contramestre, embora este levasse agora uma perna de pau. Para demonstrar que não tinha perdido sua antiga agilidade, semelhante à de um macaco, o amalfitano agarrou um dos cabos que desciam do mastro e pulou de um salto, como os bons piratas, na trirreme, de onde foi recolhido pelos braços dos remadores, que lhe deram as boas-vindas jogando-o três vezes para o ar.

O capitão pisano ancorou o veleiro diante do cais, pois garantiram a Guiscard que a condessa pagaria nossa passagem. De modo que nos apresentamos os três diante de Laurence, que me deu a impressão de não ter mudado nada, pois não demonstrou muita alegria ao me ver.

Ainda não tinha conseguido expressar seu mau humor com as palavras adequadas, quando a porta se abriu com um estrondo e as crianças entraram correndo:

-William! William!

Quase me derrubaram. Se três anos antes eram umas criaturas pálidas e indefesas, quando as salvamos do Montségur, agora haviam se transformado em crianças queimadas de sol, fortes e ágeis. A pequena Yeza, insolente como sempre, sacudia suas louras tranças e tentou, de um salto, pendurar-se em meu pescoço.

— Se você não tivesse uma barriga tão grande, William! — brincou. — Como fazem as moças para beijá-lo? Conta!

— Uma moça que se preze — contou Roç à sua companheira — espera ser beijada, e além disso, William não tem de beijar ninguém — ocorreu-lhe dizer, desviando-se de repente do assunto principal — porque é um frade!

— Isso não tem nada a ver — interveio Clarion. — Façam o favor de retirar-se!

— Mas queremos que William venha conosco! — resmungou Roç, e Yeza agarrou meu braço como se não fosse mais soltá-lo.

— William acaba de chegar e tenho certeza de que passará a noite aqui — interveio a condessa com um gesto —, e por isso deixem-nos em paz agora!

As amas já estavam na porta enviando tímidos sinais às crianças; era evidente que não se atreviam a pegá-las pela mão sem mais nem menos e sair as arrastando.

— Você não parece exatamente morto de fome — Laurence examinou-me rapidamente, do mesmo modo que a seu contramestre, de cujas aventuras este, ao menos, tinha trazido uma perna de pau, enquanto eu não fizera mais que criar uma barriguinha. Depois examinou com o olhar o capitão pisano, como se fôssemos mendigos. — Que posso fazer por você antes que prossiga viagem?

Ao pronunciar estas palavras, a porta voltou a abrir-se repentinamente e as crianças surgiram novamente, arrastando desta vez para a sala um franciscano de idade madura, que se defendia rindo da brincadeira.

— Um amigo seu, William! — disse Roç, esperando por minha entusiasmada aprovação, pois não sabia que nenhuma coisa era mais temível para mim do que um encontro com um irmão da mesma ordem.

— Lorenzo de Orta — apresentou-me a condessa —, legado papal! — Reconheci-o no ato. Quando nos vimos em Parma me advertiu da presença de Vito, e tinha nos ajudado a fugir da cidade. Cumprimentei-o com uma piscadela. — Este é William de Roebruk, antigo professor do rei de França, embora neste momento não seja mais que um "foragido"— acrescentou a condessa, com alguma vaidade.

O legado cumprimentou-me com grande amabilidade, sem no entanto revelar que nós nos conhecíamos há muito tempo.

— Finalmente estou frente a frente com você — disse depois, com um sorriso franco. — Deve estar sabendo que é o franciscano mais procurado no Oriente e no Ocidente! — Depois dirigiu-se às damas, pestanejando muito. — E olhe que temos alguns inimigos em comum, mas também temos amigas lindíssimas, esplêndidas representantes do belo sexo!

— Eu fazia desesperadas tentativas para avisar-lhe que não fosse tão longe em seus elogios. — Gersenda, a boa Gersenda — prosseguiu ele, e suas palavras transbordavam como uma torrente —, e também Ingolinda...

— Crianças — interrompeu-o a condessa —, vamos dormir! — Elas obedeceram, embora Yeza não deixasse de acrescentar com voz entusiasmada:

— E eu! Esqueceu-se de mim. Eu também sou uma boa puta! — Clarion fechou rapidamente a porta atrás da pequena insolente.

— Logo terão oportunidade de contar suas histórias de mulheres! - comentou Laurence. — Estamos acostumados com as manifestações de mau gosto de William; mas você, Lorenço, deveria envergonhar-se! Em sua idade e na sua condição de *legatus papae*!

Mas para minha grande satisfação, meu irmão não se mostrou envergonhado nem reprimido.

— O fato de Eros continuar me fazendo companhia me parece uma honra, ainda mais que meu voto pretende me manter afastado dele como um anjo brandindo a espada de fogo. A luta entre ambos é o que me mantém jovem!

Laurence se aproximara com gestos bruscos da janela; ela mesma havia tocado no assunto da idade, e era isto o que lhe dava mais raiva. Dirigiu-se depois, um pouco fora de tom, ao capitão:

— E quem paga por suas aventuras de amor?

Antes que o pisano, irritado, pudesse responder, já se sentindo ofendido na sua honra, interveio Guiscard, que até o momento e do mesmo modo que Clarion ficara calado, suportando em silêncio um espetáculo que achava penoso. Conhecia bem sua senhora.

- Deve pagar a este homem a passagem de William de Roebuk de Pisa a Otranto, e deve cobrar a tarifa fixada para veleiros rápidos em missão especial.

A condessa engoliu a saliva.

O contador pagará o que você exigir, tanto para a viagem de como para a de volta. Levará consigo o legado e William, e os devolva a Pisa. Dali podem ir ver o papa ou ir para o diabo, como queiram!

- É muito bondosa, condessa, mas nos dois casos quem tem a palavra final é o tesoureiro da Cúria, se o permite — o sorriso de Lorenço de Orta ia de orelha a orelha enquanto procurava alguma coisa em seus bolsos, e o pisano despedia-se com uma rápida reverência, acompanhado de Guiscard.

Lorenço tirou três cordões de couro cheios de nós e os colocou debaixo do nariz de Laurence.

— Seu fiel amigo, o chanceler Tarik, pediu-me que os entregasse em Lucera. Não tenho tempo de fazê-lo eu mesmo. Além disso, minha intuição me diz que não significam nada de bom: um dos cordões certamente se refere a nosso amigo William, por quem Crean de Bourivan estará procurando agora, inutilmente sem dúvida, no extremo norte do país. O segundo diz respeito à senhora condessa, ou às crianças? Quanto ao terceiro, não tenho certeza...

Laurence empalidecera à vista dos cordões, mas se recompôs imediatamente:

— Não sabe, por acaso, Lorenzo de Orta, que um dos cordões sempre se refere ao próprio mensageiro? Esta é a regra dos "assassinos", e quase sempre significa a morte! — Divertiu-se ao ver o susto que levou meu irmão, cuja leve coroa de cabelos ondulados começou a tremer um pouco. — Mas já que desfrutou de sua vida até avançada idade pode ser que a entrada no Paraíso não lhe seja muito difícil! — estendeu sua mão enrugada ao legado para que a beijasse. — A menos que surja o anjo brandindo uma espada de fogo e o impeça de entrar! — Lorenzo tornou a guardar, indeciso, os cordões de couro e abandonou o aposento com ar pensativo. Quanto a mim já não havia nada que pudesse assustar-me.

Por que não voltar com Lorenzo, apresentar-me ao rei e pedir que me aceite a seu serviço, esquecendo toda a história como se não se tratasse de um simples empurrão? Meu irmão franciscano, que agora ostentava a categoria de legado, concordaria em me escutar na confissão se eu lhe contasse o que ocorreu durante os três anos que vivi em "pecado"; me mandaria por meio ano, ou talvez apenas por três meses, para fazer penitência em um monastério, e depois eu poderia retornar aos meus estudos em Paris...

— Que quer saber mais, ave de mau agouro? — a voz aguda da condessa arrancou-me de minhas elucubrações.

— Vito de Viterbo, o esbirro da Cúria, sabe que as crianças estão aqui! — tentei defender minha presença indesejada.

— Claro, basta seguir tuas pegadas de elefante! — ironizou Laurence. Pelo visto, o perigo não a impressionava. — Os esbirros do papa não se atreverão a atacar Otranto...

— E o próprio diabo, não descansará e já está a caminho... — gaguejei minha resposta.

- Isso você diz agora! — alfinetou a senhora do castelo, que finalmente perdera a paciência. — Tem certeza?

— Tanta certeza como um elefante pode ter!

Laurence não me observava com olhar benevolente, mas pelo menos já não parecia considerar-me um moscão gordo e chato.

— Deixe-nos a sós — ordenou, e dirigiu-se a Clarion.

— Peça a William que espere lá fora — solicitou a moça à condessa. — Peça que não parta! — acrescentou, quase desculpando-se pelo comportamento de Laurence.

Eu não lembrava de Clarion de Salento tão séria e tão resignada, tendo em conta o papel que a vida lhe reservara até então. Já devia passar dos vinte anos, mas ainda não se podia considerá-la uma velha solteirona. Sorri-lhe e abandonei o aposento.

Já que haviam me pedido que esperasse diante da porta, não tive escrúpulos e dispus-me a escutar o que diziam.

— Tenho notícias de Constâncio, de Foggia — esclareceu a condessa. - Disse-me que o imperador não pretende confiar-me a educação de todos os seus bastardos. Pergunta se tenho a intenção de estabelecer em Otranto um ninho de reprodução de seu próprio sangue, e a que rebeldes contra ele, Frederico, quero agradar!

— Meu pai e imperador não pode ter falado assim de minha pessoa.

— Pois o conhece muito pouco. Ainda acrescentou se a Salento não encontra marido por ser muito feia ou se por acaso estamos esperando que ele lhe procure um.

— Meu Deus! — Clarion estremeceu. — E um monstro! Temos de fugir!

Embora eu, que ficara escutando atrás da porta, tivesse a nítida impressão de que a condessa transmitira a sua filha adotiva a mensagem do "Falcão Vermelho" — mensagem que, com certeza, vinha disfarçada com outro discurso mais amável, e não com aquelas mesmas palavras — acompanhando-a com uma satisfação doentia evidente, mesmo assim pude perceber que estava um pouco machucada.

— Deveríamos levar em conta essa possibilidade... — acatou.

— ... antes que o imperador exija a entrega das crianças — Clarion lhe tomou a palavra.

— E antes que apareça por aqui o tal Vito. Eu não temo os esbirros do papa, nem por mar nem por terra, mas não me agradam gritos e alvoroços. Se até agora Frederico não se preocupou conosco, ele o fará agora, pois seus nervos devem estar a ponto de explodir! Intervirá para eliminar a causa da disputa, cuja origem herege de todos os modos não lhe convém, redobrando assim seus esforços para se reconciliar com a Igreja...

— Provavelmente enviaria Elia... — expressou Clarion em voz alta seus pensamentos, e eu me assustei ao pensar na capacidade inventiva infernal de Vito; antes tinha me parecido uma idéia obtusa.

— ... a quem eu abriria a porta sem suspeitar de nada — acrescentou a condessa com enfado. — Que pensa essa gatinha! Não vou renunciar a Otranto. Veremos quem é capaz de tirá-la de mim!

Eu estava atrás da porta e me sentia orgulhoso da condessa de Otranto e de sua valente obstinação de arrebentar aquela teia de aranha tecida pelo intrigante Vito. O imperador e uns poucos fiéis que lhe restavam tinham mais o que fazer do que trucidarem-se entre si. Agora só faltava convencer a condessa para que não me expulsasse de Otranto como se afugenta um cachorro. Naquele castelo era onde melhor podia proteger-me, e também onde eu poderia ser-lhe útil — e além do mais as crianças me adoravam!

Guiscard se aproximou batendo no piso de mármore com sua perna de pau. A seu lado vinha um mensageiro sarraceno. O rosto de Guiscard estava sério e não prestou atenção em minha evidente curiosidade, empurrando o homem pela porta aberta sem anunciar sua chegada. Também desta vez pude escutar tudo.

— Em nome do imperador — disse o mensageiro —, nosso comandante lhes envia suas saudações e respeitos. Um regimento será transferido de Lucera a este castelo para reforçá-lo, e lhes avisa que se preparem para acolher o exército de Elia, que será retirado de Ancona e já se aproxima navegando costa abaixo.

No aposento reinou por instantes um silêncio mortal. Depois a condessa disse com voz embargada:

— Dê graças ao comandante pela sua ajuda, e diga-lhe que pode dispor livremente de Otranto em nome do imperador.

Pela porta, que se abriu para deixar sair o amalfitano e o mensageiro, consegui perceber

a atmosfera do terrível esforço que Laurence estava fazendo para se controlar. Quando os dois homens se afastaram o suficiente pelo corredor, a mulher explodiu num riso estridente, que abafou os soluços de Clarion.

— Em nome do imperador! — comentou a condessa, ironicamente.

— O que o papa e a Cúria não conseguiram, e não o conseguirão jamais - seu riso adquiriu um tom de raiva infernal e eu fiz o sinal-da-cruz — Frederico conseguirá.

Depois houve um silêncio.

— Que faremos? — perguntou Clarion, timidamente.

— O que faremos — explicou tranqüilamente a condessa — é partir para Constantinopla! — Abriu a porta com tamanha violência que quase caí no chão. — Guiscard! — gritou para o corredor, e depois dirigiu-se a mim: — Você vem conosco! — Não era uma pergunta, era uma ordem. Era de novo a velha "abadessa"!

— William pode cuidar das crianças — propôs Clarion.

— Que outra coisa iria fazer! — resmungou a condessa, e afastou-se gritando: — Guiscard!

Eu me afastei na direção do quarto das crianças. Ai. William de Koebruk, ia pensando, *et quacumque viam dederit fortuna sequamur!* O estudo, a devota existência em um monastério, teriam de esperar: a vida *me* chamava! Constantinopla!

Acordei as amas que dormiam na antecâmara.

Yeza e Roç esperavam sentados, rígidos e atentos em seus leitos. Ainda não tinham dormido.

-Já podem vesti-los! — ri ao vê-los. — Vamos viajar!

- Oh, William! - Yeza jogou-se feliz em meu pescoço.

Roç me comunicou, enquanto recusava a ajuda da ama para colocar as calças:

- Só de vê-lo, já imaginei...

- Fui eu a primeira em dizê-lo! — reclamou Yeza, que ao contrário permitia à criada que lhe trançasse a loura cabeleira.

— Quando William aparece, sempre acontece alguma coisa.

— Com William sempre passamos bem — concordou também Roç. Tenho de levar a espada!

- Eu tenho uma navalha! — Yeza remexeu numa arca e tirou um curvo punhal árabe colocado num estojo primorosamente trabalhado. - Está muito, muito afiado, e é um segredo!

Roç mostrou-se consternado, embora não demonstrasse interesse pelo nobre admirador que, irresponsável, fora capaz de presentear uma criança com uma arma daquele tipo.

— Será melhor que leve suas bonecas — falou com aspereza, e jogou a espada de madeira para o lado. — Logo que seja armado cavaleiro, terei uma espada de verdade.

— Antes lhe darei um arco e umas flechas. — Senti-me obrigado a proteger o rapaz, pois Yeza já estava declarando que os anos de brincar com bonecas tinham passado, e as tinha

colocado na cama, dando um beijo em cada uma. Arregaçou a saia e amarrou o punhal nos quadris para que ninguém pudesse descobri-lo. — O amalfitano Guiscard é um arqueiro magnífico e o ensinará! — expliquei a Roç, que continuava indeciso, sem saber o que levar.

— Promete? — disse Roç, e me estendeu a mão. No canto de seus olhos surgiu um estranho brilho.

— Palavra de honra — respondi-lhe, e os tirei do quarto, enquanto as amas enchiam um baú com as roupas das crianças.

Yeza pulava de alegria na nossa frente. Embora fosse noite alta — acho até que já era até de madrugada -, o castelo zumbia como uma colméia e seus habitantes moviam-se como num formigueiro no qual um andarilho — talvez eu mesmo? — tivesse metido a bengala. Via-se por toda parte a criadagem arrastando e carregando nas costas pacotes e arcas. Segui com as crianças na direção do porto, onde a trirreme descansava. O comando tinha sido transferido ao amalfitano. Aquele que até então fora capitão, um normando-francês que possuía a plena confiança da condessa, teria na ausência desta o comando no castelo.

Guiscard, com sua perna de pau bem firme na proa do barco, vigiava o processo de afiar os dentes do esporão. Coloquei Yeza e Roç a bordo, recomendando-lhes que não incomodassem a tripulação enquanto ela estava carregando, quer dizer: que evitassem de se meter entre as pernas dos homens. Como Roç insistisse para que lhe desse logo um arco e um carcas cheio de flechas, fui em busca de tais objetos.

O pisano continuava atracado no cais; seu capitão conversava com Lorenzo de Orta debaixo da popa de nossa trirreme. Quando soube do desejo urgente do rapaz, fez sinais a um dos seus homens, que saltou na água e aproximou-se nadando do veleiro.

— Esperaremos um pouco — explicou-me Lorenzo. — Acho que podemos enfrentar qualquer frota papal, tanto mais que sua nau capitânia, a Laus Santae Virgini, que é bem rápida, terá de ficar em Óstia com as asas quebradas! — e pôs-se a rir.

O capitão pisano concordou com ele e lembrou com alegria:

— Demos uma boa rasteira na donzela mais querida de Capoccio! Vamos acompanhá-los até o estreito de Messina, de onde chegarão sem problemas a Palermo.

Preferi não dizer nada. Possivelmente foram comunicados que iríamos até o imperador na Sicília, para vê-lo. O mais provável era que o destino de Constantinopla fosse conhecido apenas por mim e as duas amas que agora desciam as escadas depois de subirem com as últimas barricas de provisões, os sacos e as caixas, e quando já tinham embarcado todos os soldados e remadores.

A fileira superior dos remadores ergueu em cumprimento os remos afiados em forma de lança, que refletiram um brilho baço quando expostos à luz vermelha e violácea do sol que começava a sair. Para lá, para o longínquo e misterioso Oriente, seguirás agora, William! Vais continuar estreitamente unido, inclusive amarrado, ao destino e à fuga dessas crianças que estão agora na proa com Guiscard. Yeza se agarrava à perna de pau deste.

A condessa subiu a bordo seguida por Clarion. Estava prestes a dar o sinal de partida quando emergiu das águas do porto um marinheiro pisano que carregava entre os dentes

um arco pequeno, de uma estranha forma arredondada, curvada sobre si mesma, além de um carcás de couro cheio de flechas com enfeites de penas.

O capitão pisano entregou-os a Roç.

— É uma arma usada pelos tártaros, muito rápida, que eles disparam enquanto cavalgam. O amigo Guiscard o ensinará a usá-la, jovem cavaleiro.

Agradei-lhe com palavras comovidas aquele inteligente presente e abracei Lorenzo.

-Teríamos muitas coisas a dizer, irmão William — sorriu. — Espero que nossos caminhos voltem a se cruzar logo!

— Também espero, Lorenzo. Estou contente de ter conhecido outro minorita, além de mim próprio, que ama a vida. Reze por mim!

— William! — advertiu-me a voz dominadora da condessa, e fui o último a subir a bordo.

Afastamo-nos com cuidadosos movimentos de remo. Também o de Pisa suspendia a âncora.

O amalfitano lhes gritou, com os remos na posição horizontal.

— Vão vocês na frente! Vamos segui-los a certa distância!

Rapidamente vimos inflar-se o pano do veleiro, que adiantou-se a nós como uma gaiivota se adianta a uma ave pernalta. Mantive-me junto das crianças para cumprimentar Lorenzo, e quando o pisano desapareceu por trás do cabo de Leuca, Guiscard ordenou que acelerassem os remos e deslizamos pelo mar em direção ao sol, rumo ao Oriente.

Cordões do Mar

Mar Jônio, primavera de 1247

Os veleiros papais também haviam içado todas as suas velas e avançaram bastante, mas ao tentar dar uma ampla volta no golfo de Tarento, cujas águas eram imperiais per se, o vento escasseou, e antes de alcançar o cabo da Santa Maria de Leuca, na altura de Ausentum, tiveram de recorrer novamente aos remos. Nas banquetas onde os escravos remavam com os pés acorrentados ouviam-se queixas e gemidos. O mestre dos remadores respondia indefectivelmente com um estalo do chicote. O legado papal, dirigindo-se a Vito, que jazia acorrentado, comentou:

— Prefiro trocar de lugar antes de receber uma chicotada também! e pôs-se de pé.

— Não pode continuar comigo aqui acorrentado, frei Ascelino! — explicou Vito, furioso.

— Antes de chegar a Otranto, é preciso que me deixe em liberdade e que me passe o comando da missão! Sabe o que está em jogo!

— Vejam só — interveio o mestre dos remadores, que estava prestando atenção à conversa, possivelmente à espera que o senhor legado retirasse suas costas protetoras da frente do prisioneiro rebelde. — Não apenas está pedindo a liberdade — ironizou —, como também quer o comando do barco! Não poderíamos classificar sua intenção de motim? — E uma vez mais fez estalar o chicote, aproximando-se com ar ameaçador.

— Deixe-o em paz! — o legado quis defender a vítima, e deu uma piscadela ao homem do chicote. — Vito é um pecador arrependido, e só Deus conhece a justa medida de seu castigo. — Depois afastou-se com passos apressados, enquanto os remadores se esforçavam para responder aos estalos ritmados do chicote.

Frei Ascelino já não olhava para trás; de modo que Vito, acorrentado debaixo da banquetta, não podia suspeitar que a cada golpe que o remador castigado recebia um sorriso satisfeito se estampava nos lábios de seu irmão de ordem, dotado agora do cargo de legado papal. Caries Domini, cachorros do mesmo dono, isso não significava que tivessem de amar-se como irmãos! Além disso, gostar de Vito de Viterbo era pedir muito, mesmo ao cristão mais devoto! Ascelino aproximou-se do capitão do barco, um genovês a quem a Cúria contratara para a missão, do mesmo modo que era também genovesa a segunda nau, que os seguia a pouca distância. Por motivos compreensíveis, navegavam sem exhibir as bandeiras da República ou do Estado pontifício.

— Seu remador preferido deseja falar com você — avisou em voz baixa, pois sabia o mau humor que costumava mostrar o capitão quando falavam de Vito. Embora achasse que a causa fosse ele mesmo, aquele homem achava que sabia a quem culpar pela pressa daquela louca viagem em direção ao sul de Apúlia, sem descanso durante a noite toda.

— Ainda não recebeu chicotadas suficientes? — resmungou o cansado genovês, seguindo reticente seu hóspede de tão boa posição, mas este não viu necessidade de responder.

Nunca se sabe o que pode acontecer; Vito era o melhor exemplo de ascensão, vaidade, irresponsabilidade e queda. Com ele, Ascelino, não aconteceria o mesmo, estava seguro em todos os aspectos!

Por isso permitia aquela conversa "oficial" entre o prisioneiro e o capitão.

— Não falta muito para chegarmos a Otranto — Vito remava enquanto tentava dominar sua raiva. — Dê-me a liberdade, dou-lhe minha palavra de honra!

— Não — disse o capitão — e também não aceitaremos dar mais uma volta...

— O senhor legado pode obrigá-lo! — Vito bufava, furioso.

— Tenho ordens de levar o senhor legado até a Síria, para que dali viaje por terra a Tabriz, onde estão os mongóis, e também tenho ordens de não deixá-lo em liberdade, Vito de Viterbo, nem na viagem de ida nem na de volta, em nenhum porto e sob nenhuma circunstância.

— Pois leve-me acorrentado a Otranto! — Vito tentava mudar de tática.

— Para quê? — respondeu o genovês, com altivez. — Em primeiro lugar, a trirreme há tempos que já terá se afastado dali, e se não tiver partido também não mudaria muito. Essa fortaleza é inatacável, além de dispor de catapultas de longo alcance.

Vito não desistiu:

— Poderíamos esperá-la no mar, ou por acaso teme a trirreme do almirante?

Mas o capitão não aceitou a provocação.

— Por que teríamos de esperar? Se nos aproximarmos muito da costa, nos reconhecerão; se ficarmos longe, no mar, podem fugir quando chegue a noite.

— Barco à vista! — gritou a voz juvenil do vigia. Um veleiro rápido dava a volta ao cabo e navegava com ímpeto rumo aos dois barcos, ao mesmo tempo que mostrava a bandeira.

— Um pisano! — O capitão genovês irradiava agressividade. — Icem as velas e mostrem nossa bandeira! — gritou. — O que ele pode fazer, nós também podemos!

Assim, içaram a bandeira de Gênova junto à que mostrava as chaves do Patrimonium Petri, sinal de que levavam um legado a bordo. Mas o pisano respondeu com o mesmo aviso.

— Insolente! — resmungou o capitão. — Vai pagar caro pelo engano!

E os dois genoveses se apressaram em ameaçar o veleiro. — Se não pode nos apresentar um sacerdote que leve carta e selo do nosso papa, vamos mandá-lo para o fundo do mar, para que os peixes de são Pedro façam a festa! — Ele ameaçou com os olhos fixos no pisano, que continuava na direção dos barcos do papa.

Ascelino fez um gesto de concordância, pois o uso enganoso das insígnias papais merecia um castigo; e antes de mais nada era inconcebível que um legado do papa colocasse os pés em um barco do imperador! Desse modo iam se aproximando velozes uns dos outros.

Quer que escapemos deles? — perguntou o capitão pisano a Lorenço de Orta, que estava a seu lado. — Sua nau é lenta e pesada demais para seguir-nos!

— Não — respondeu o franciscano. — Temos de distraí-los um pouco, até que a trirreme

esteja em toda segurança fora de sua vista! — De qualquer jeito, Lorenzo não estava dominando inteiramente a situação.

— Se tentam nos atacar por ambos os lados ao mesmo tempo não teremos escapatória! — objetou o capitão. — Não temos outro remédio a não ser pregar-lhes uma peça...

Deu uma pancada com o leme e o barco empinou; durante um instante parecia querer fugir. Os dois barcos genoveses aceleraram os remos, mas o de Pisa deu um giro e alinhou-se com a nau capitânia dos genoveses.

— Levantem os remos — gritou o capitão dos genoveses, mas o segundo barco reagiu com excessiva lentidão. O pisano deslizou rapidamente entre os dois barcos e o ar encheu-se com o barulho dos remos que se chocaram. Os remos partidos eram a imagem inequívoca que se ofereceu ao genovês quando olhou, blasfemando, em direção à outra nave. O de Pisa tinha escapado!

— Agora pode falar tranqüilamente com seu colega! — riu o capitão pisano descrevendo uma curva elegante e voltando pelo lado do mar em direção à nau capitânia genovesa, situando-se à mesma altura.

Embora confiasse nas habilidades do pisano, Lorenzo continuava temendo que o poderoso inimigo pudesse abordá-los. Enquanto se aproximavam dos genoveses, jogara discretamente os cordões de couro dos "assassinos" no mar, para assim garantir-se de que não iriam traí-lo.

— Levamos a bordo Lorenzo de Orta, legado do Santo Padre — gritou o capitão, sem poder conter-se, em direção à nau genovesa —, que retorna da Terra Santa e dirige-se a Lyon! — E Ascelino, que se sentara ao lado do genovês — este rangia os dentes —, reconheceu a figura diminuta do franciscano rebelde que tanto lhe tinha chamado a atenção no castelo Sant'Angelo por sua insolência. Mas não deixara de perceber o gesto de Lorenzo jogando qualquer coisa na água.

Frei Ascelino era bom perdedor. Aproximou-se da amurada e, enquanto tentava recolher na água um dos cordões que as ondas tinham trazido à nau, exclamou:

— Desejam-lhes um bom retorno da viagem Anselmo de Longjumeau e Vito de Viterbo, da ordem de pregadores. Ambos viajam, encarregados pelo Santo Padre, a caminho da Terra Santa! — Acenaram e, rapidamente, o pisano desapareceu em direção à Calábria enquanto o genovês tomava o rumo do sul.

Ascelino desceu em direção às banquetas dos remadores e jogou para Vito o cordão mensageiro dos "assassinos".

— Uma cordial saudação de Lorenzo de Orta, artista pintor que, por falta de tempo, não pode fazer um retrato seu onde está agora!

— Devia tê-lo afogado! — grunhiu Vito sem olhar. — Se não estivesse acorrentado aqui o teria estrangulado com minhas próprias mãos.

— Por isso exatamente está aqui remando — sorriu Ascelino —, para que não manche suas mãos com o sangue do legado. Se quiser, Vito, estou disposto a rezar junto a você minhas

orações.

— Ah, vá para o diabo! — ladrou Vito, preso de uma ira impotente. — Como pude algum dia pensar que um irmão de minha própria ordem, além disso, legado do papa, fosse incapaz de se impor a esses genoveses vaidosos, esses aventureiros do mar! Nem um pescador dos lagos de Vilerbo teria perdido de maneira tão estúpida os remos, e a capacidade de manobra, como fez esse aprendiz de capitão da "República Marinha.

Vito estava tão enfurecido que não percebeu que o capitão e o mestre dos remadores haviam se aproximado dele por trás. Ascelino imitou as mãos e afastou-se, rezando em voz alta. Suas palavras "*Ave, Maria, gratia plena...!*" foram abafadas pelos golpes do chicote que deram início a seu estribilho.

X – CHRISOQUERAS

A "Abadessa"

Mar Jânio, primavera de 1247 (crônica)

A trirreme deslizava em direção ao sol nascente. O disco luminoso ascendia em todo o seu esplendor, transformando o mar ligeiramente ondulado num tapete de ouro puro que, diante de nossos olhos apertados, nos recebia com amável convite. *Ex oriente lux!*

Mas logo que teve todas as velas içadas, Guiscard planejou uma rota direto para o sul. As crianças seguiam perto do amalfitano, Clarion tinha ido dormir e eu passeava entre as fileiras de remadores, que tinham seus remos levantados ao longo da cobertura e animavam-se agora aos gritos e exclamações grosseiras depois de terem conseguido chegar, num silêncio obstinado e com grande esforço, desde o protegido porto de Otranto até o meio do mar Jânio. Esticavam as pernas e inspiravam a brisa fresca que alcançava seu lugar de repouso, exalando o odor fétido de suor que chegava até a ponte. A maioria deles, no entanto, permanecia agachada e com a cabeça encolhida, enrolados nas mantas que atiraram para eles.

Só que os remadores da primeira fileira, cujos remos tinham forma de lança e possuíam foices altas para desferir golpes, podiam ver o mar durante a viagem e também os olhos do inimigo no barco contrário. Esses homens eram os primeiros a arriscar a pele, enquanto brandiam suas terríveis armas para se defender da saraivada de flechas. Eram aventureiros atrevidos, conscientes de seu ofício em oposição à tropa comum dos mercenários alojados mais abaixo. Os lancelotti eram o orgulho da senhora de Otranto, que conhecia a cada um pelo nome. Quase todos eram normandos, e alguns deles provinham de bom berço. A condessa lhes pagava um bom ordenado e tinham sua parte nos saques, da mesma forma que os catapulteiros da Suábia, os arqueiros catalães e os marinheiros gregos, autênticos mestres no manejo das velas. A eles se amavam os selvagens mouros, treinados na arte da abordagem e na lula corpo a corpo.

Em conjunto, Laurence dispunha na trirreme de uma tripulação completa de mais de duzentos braços bem armados, além da perna de pau do seu capitão. A perna de pau de Guiscard impunha mais respeito que todas as cicatrizes juntas, e a tripulação a considerava uma relíquia. Muitos gostariam de cravar a perna na ponta do esporão ou içá-la no mastro principal, junto da bandeira de Otranto.

No posto de combate da popa ficava a cabana da condessa, dotada de aberturas para os canhões e guarneçada com um toldo que ampliava o espaço, acrescentando-lhe um terraço coberto quando não havia inimigos à vista. Os marinheiros acabaram de amarrar os cabos e estenderam tapetes sobre a cobertura, e Laurence deitou-se no divã que prepararam para ela. Ordenou que eu me aproximasse.

— William — disse com voz apagada e uma suavidade estranha —, sente-se aqui a meu lado! — As emoções dos últimos dias a tinham esgotado mais do que ela estava disposta

a confessar, uma vez que não era mais tão jovem. — Você é quase da família. As crianças gostam de você... sem dúvida, o que estão fazendo?

Olhei para a proa, que ela, devido à sua crescente miopia, não conseguia enxergar. Yeza estava presa no primeiro mastro e servia de alvo para Roç. Para minha tranqüilidade, vi que Guiscard estava com eles, ensinando o rapaz a segurar corretamente o arco.

— Estão brincando com o amalfitano — respondi-lhe num tom despreocupado, embora minha respiração ameaçasse parar, quando vi a flecha zunindo e indo parar debaixo da axila de Yeza. — Está lhes explicando como se faz para manobrar um barco — menti, revestindo minha voz de indiferença.

— A trirreme não é uma nau como as outras — comentou Laurence com ar sonhador —, é um animal, um ser fabuloso do "outro mundo". Quando aproximou-se velozmente de mim na primeira vez em que a vi, achei que tinha se aberto no mar a própria garganta do Inferno, para engolir a mim e a meu bote. Então fugi, para evitar ser capturada e julgada. No entanto, eu já estava em alto-mar, no Adriático, e não pude resgatar meu meio-irmão, como me pedira o amigo Turnbull. Meu irmão não chegou; os esbirros do papa tinham assassinado o pobre bispo gordo, antes que ele se decidisse vir até a costa. Fiquei muito tempo no mar, de modo que as moreias saíram silvando de seus buracos entre as rochas, farejando uma boa presa. E tinha toda a razão, pois além da chusma costumeira de corsários, havia muitas mulheres a bordo!

— Não seria comerciante de mulheres?

— Não. De homens! — Laurence sorriu com crueldade. — Eu não era uma pirata desconhecida que trabalhava para qualquer um em troca de dinheiro. Por esta mesma razão, os imperiais me perseguiram, e o "cardeal cinza" havia me classificado de "falsa abadessa e herege" na lista secreta da Inquisição, uma ameaça pior do que a simples excomunhão. Naquele momento me encontrava, portanto, ao alcance do almirante de Frederico, Enrico Pescatore, de quem a trirreme era nau capitânia. Eu já nos via a todos, e eu a primeira, enforcados nos mastros de meu pobre veleiro. Proibi qualquer ato de defesa, com a esperança absurda de poder salvar pelo menos o pescoço de minhas raparigas do laço do carrasco. O almirante, um velho lutador famoso por sua crueldade, subiu a bordo, aproximou-se com a espada na mão e depois caiu de joelhos, como fulminado por um raio. Ajoelhou-se a meus pés e me pediu a mão...

Enquanto fazia seu relato, a condessa tinha se reanimado; de seus olhos cinza saíam faíscas e achei estar novamente vendo nela a antiga Laurence, de cujos encantos sedutores e aventuras tanto tinha ouvido falar.

— Bem, você já sabe, embora essa espécie de rumores não seja destinada exatamente aos ouvidos de um franciscano — e me deu um sorriso malicioso, divertindo-se com minha tímida confusão. — A verdade é que os homens não me comovem — fiz um gesto afirmativo para animá-la a continuar. — Como eu não esperava outra coisa a não ser uma visão ampla do mar do alto da forca, e uma corda presa ao pescoço como único adorno, não duvidei além do que era conveniente. Mas logo que tive certeza da minha vitória, despertou em mim o diabo: exigi que antes de celebrar o casamento ele me desse a chance de organizar meus assuntos pessoais. Fiz uma promessa solene a Enrico de casar-me com ele e jurei portodos os santos que, no prazo de dois meses, me apresentaria em Otranto

para a consumação do casamento. Essa idéia me assustava tanto que quase desmaiara só de pensar, pois o almirante fazia tempo que tinha completado quarenta anos, embora ainda estivesse com ótima aparência. Ele escutou com toda calma minhas loucas e atrevidas afirmações, se bem que expressas em palavras decentes como corresponde a uma dama, e depois respondeu-me: "Você não é precisamente uma santa", e deteve-se para regozijar-se com o meu sofrimento. "Deve jurar-me pela sua fica, esse velocino de ouro que, segundo dizem, nenhum homem possuiu ainda" — alguns de seus soldados caíram na risada, mas seu olhar os fez calar-se — "que exatamente em sete semanas, contando a partir de hoje, estará em Otranto deitada em meu leito!" "Juro por tudo, meus seios, meu traseiro", falei em voz alta e ninguém se atreveu a rir, "que estarei lá e abrirei as pernas tal como ordene meu senhor!"

É possível que ela esperasse que eu me envergonharia ao ouvir aquela explosão vulgar vindo de uma boca aristocrática, pois Laurence na sem mostrar vergonha alguma e olhava-me de frente.

— Conheci santa Clara, tive o privilégio de conhecer essa irmã de meu santo, Francisco, e tenho certeza de que ela teria encontrado outras palavras. Mas eu tinha, digamos assim, a corda no pescoço, e você sabe, William, apesar do rabo preso, nessas horas a gente se borra toda.

Abaixei os olhos.

— Enrico acabou se convencendo de que minhas intenções eram sinceras e entramos num acordo. Beijou minha mão cortesmente. Mais tarde, fiquei sabendo que mandara enforcar os que tinham rido de mim. A mim me entregou um anel valioso, uma jóia herdada dos Pescatore, que continuo usando até hoje. Veja!

Levantou uma das mãos enrugadas e a maciça jóia resplandeceu sob o sol: era uma água-marinha larga, cercada de safiras, uma pedra como nunca tinha visto outra igual no tamanho e na pureza. Admirei-a com respeito e devoção, pois de algum modo é preciso ter prazer ao se escutar tais curricula extravagantes, embora neste instante ouvi uma voz chamando com insistência. Levantei-me de um salto.

— Que aconteceu? — perguntou Laurence com surpresa, pois continuava mergulhada em remotas lembranças.

— Chamam para o jantar! — gaguejei fingindo vergonha, pois suspeitei de que alguma coisa estava acontecendo com as crianças.

— Espero aqui — respondeu condescendente — logo que tenha ingerido algo para reforçar tua carne fraca.

Provavelmente devia estar pensando na espada que o seu almirante trazia nas calças e que a partir de então a ameaçaria em lugar de corda. Apressei-me a percorrer as fileiras de remadores da trirreme até chegar à popa, onde alguns marinheiros e as excitadas criadas alternavam-se perto de Roç, que jazia deitado sobre a cobertura e sangrava devido a um leve ferimento no pescoço.

Yeza ainda tinha o punhal na mão, estava ajoelhada ao lado do rapaz e tentava chupar o sangue com um desespero selvagem, e com a boca manchada de sangue murmurava:

— Oh, Roç, Roç! Se você morrer, eu me matarei!

Naquele momento surgiu Guiscard com um cinto de punhais presos além de um saquinho com ervas.

— Não morrerá — ele acalmou a criança e estendeu-lhe um pouco de musgo seco. — Cubra a ferida com isso, reze uma ave-maria e...

— Não sei rezar — respondeu Yeza, já recomposta e entregue à missão de fazer-se de boa samaritana ao seguir suas outras instruções.

— Pois cante uma canção de ninar! — sugeriu o amalfitano, mas naquele momento, Roç, embora muito pálido, reanimou-se.

— Não sou uma criança — resmungou — e não preciso de uma ama-de-leite! — Com estas palavras afastou a mão da menina e ele próprio colocou o musgo sobre a ferida; depois se levantou, e novamente postou-se, embora mancando um pouco, junto ao mastro onde a desgraça ocorrera. — Ensine-a como se deve lançar o punhal!

O amalfitano pegou o punhal de Yeza e sopesou o cabo na mão. Depois fez um rápido e imprevisível movimento e lançou a arma, que cravou-se na madeira logo acima da cabeça de Roç, deixando lugar apenas para outra lâmina sobre seu cabelo.

— São punhais de lançamento, como os que utilizam os "assassinos" explicou às crianças. — Por isso os cabos pesam tanto e as lâminas são relativamente curtas. Sete dedos de largura bastam para chegar a qualquer coração — brincou o velho guerreiro. — E preciso pegá-lo pelo fio dirigiu-se a Yeza — e, com um só movimento, atirá-lo... — outra faca cravou-se ao lado da orelha de Roç, tão perto que a criança pôde sentir o frio do aço. — O melhor é levá-lo escondido atrás do ombro, no capuz ou no cabelo. A ninguém ocorrerá pensar que você coloca a mão aí para tirar o punhal.

E como se fosse coçar a cabeça, Guiscard tirou de trás do seu pescoço um terceiro punhal que, de repente, apareceu também cravado no mastro, do outro lado do rapaz.

— Agora é a minha vez! — gritou Yeza, e apontou seu punhal por cima de seus cachos louros, enquanto todos a observavam em silêncio. Com os olhos fechados, pegou o punhal pelo cabo e lançou-o furiosa, com toda a energia de seu pequeno corpo, em direção ao mastro. Ficou cravado exatamente ali onde estaria o coração de Roç, se este, no último segundo e seguindo um sinal de Guiscard, não tivesse se abaixado.

— Mulheres e punhais! — suspirou a criança girando os olhos, enquanto Yeza lutava para não chorar de raiva.

— Eu também sei atirar de olhos fechados! — declarou Roç, e tornou a pegar o arco e as flechas, razão por que me vi obrigado a intervir.

— Que tal se aprendesse primeiro a atingir um alvo que não seja uma pessoa viva? — eu disse sorrindo.

— Não serve — grunhiu Guiscard —, o alvo tem de estar vivo! — Mas tirou do bolso uma moeda de ouro e a introduziu com golpes de punho na madeira, onde ficou incrustada. — O que primeiro acertar na moeda sem fazê-la cair pode ficar com ela.

As crianças explodiram em júbilo e voltaram a seus postos. Voltei para perto de Laurence. Pensei que estivesse adormecida, mas no momento em que quis afastar-me andando na ponta dos pés ela abriu os olhos.

—William — disse-me com voz decidida —, nomeio você primeiro capelão desta nau. Tenho vontade de confessar-me com alguém que não seja muito desagradável!

Ajoelhei-me a seus pés, disposto a escutá-la, mas ela me repreendeu:

— Não, quem se ajoelhará serei eu. Você se sentará aqui. — E assim fiz, pois era ela quem tinha o comando.

— Deixaram-me meu barco — continuou — e ninguém tocou num fio de cabelo da tripulação, embora os soldados do almirante estivessem loucos para aproximarem-se de minhas filhas. Pude afastar-me dali a toda vela, e então comecei a pensar em como poderia evitar a obrigação que tinha contraído, pois tinha dado minha palavra de que me entregaria para toda a vida e consentir no casamento...

— Qualquer sacerdote a teria liberado de tal promessa... — quis intervir, mas ela me fez calar em seguida.

— Não me venha com tua Igreja reacionária, William! O pacto que fiz com Enrico não gozava da bênção da Igreja, nem podia confiar numa solução que viesse desta, pois a única resposta teria sido a ameaça do Inferno.

Fiz rapidamente o sinal-da-cruz, detalhe a que ela não deu importância.

— Entre diabos e piratas também existe o conceito de honra! Dirigi-me para Constantinopla, embora minhas garotas não vissem isto com bons olhos...

Laurence olhava com ar sonhador para o mar e me dei conta de que estávamos nos dirigindo de novo para essa mesma Bizâncio de suas lembranças.

—Tivemos de deixar essa cidade, melhor dizendo, a casa de encontros do porto que representava nosso lar — isso faz mais de vinte anos, embora, na época, não houvesse se passado mais de cinco — apressadamente e em circunstâncias adversas. Algumas das moças, embora tivessem ficado comigo, haviam se casado e tinham filhos, razão por que não desejavam enfrentar o seu passado. Por outro lado, também sentiam medo, pois não é agradável ver-se torturada ou marcada continuamente. Assim que lhes disse "Meninas, a idade não as fez mais belas; são velhas demais para irem parar no mercado de escravos, mas acho que ninguém as reconhecerá, sobretudo se tirarem seus velhos hábitos de freira das arcas e deixarem de blasfemar, de cuspir e de se comportarem como putas diante dos olhos de todo mundo! "De modo que atracamos junto aos cais portuários que existem na entrada do Corno de Ouro.

"Uma vez ali, procurei por um velho conhecido, Olim, o chefe dos carrascos, que no passado nos tinha protegido em certas situações complicadas — em troca de entregar-lhe alguns rapazes atraentes — o que, quando não podia evitar, só marcava com o ferro candente bem de leve e em algum lugar que não chamasse atenção. Pedi a Olim que me dissesse onde ficava a prisão, embora eu não soubesse bem desde o começo o que estava buscando.

"Ali vi um jovem cujo aspecto me atraiu de modo extraordinário e à primeira vista, porque era diferente dos demais. Parecia estrangeiro: seus traços eram os de alguém proveniente do longínquo Oriente, com uma testa larga e olhos amendoados que me olhavam sonhadores embora sem tristeza; sorriu ao notar minha curiosidade.

"Perguntei a Olim, o carrasco, o que sabia dele, e Olim me disse que o rapaz seria decapitado na manhã seguinte. Comentou que era um infiel procedente do Extremo Oriente, onde viviam povos estranhos por trás da 'Porta de Ferro', além dos Ganges; povos que se denominam tártaros, e que obedecem às leis de um tal de Ioannes, sacerdote do qual dizem ser cristão... O jovem fora condenado por espionagem, embora o motivo de sua condenação fosse mais o fato de que ninguém conhecia seu idioma. No entender dele, aquele estranho era um príncipe; seus traços eram nobres e seu comportamento de uma amabilidade condescendente, embora se mostrasse totalmente desinteressado por um destino que ele, Olim, tinha tentado fazer com que ele entendesse mediante insinuações.

"Paguei Olim com algumas moedas de ouro para que me deixasse aquela noite sozinha com o prisioneiro, e me introduziram em sua cela. William — Laurence dirigiu-me uma expressão preocupada e brincalhona ao mesmo tempo, enquanto continuava ajoelhada a meus pés —, está confortável? Suportará o que confessarei agora?

— Sinto seu relato como uma tortura na alma — confessei-lhe —, mas lhe peço senhora, que não o interrompa! — Eu lhe devia uma palavra sincera e não desejava envergonhá-la com meu atrevimento; no entanto, fechei os olhos, porque não queria ver nos seus a crueldade mesclada com o prazer.

— Atrás de mim se fechou a porta de grades e me esqueci do mundo, da prisão, dos demais presos que nos cercavam trancados em outras celas. Não deixei que pairasse nenhuma dúvida com relação a minhas intenções. Aproximei-me do jovem, que quando entrei se colocara de pé, ajoelhei-me, abracei-me a suas pernas, peguei sua mão, e lhe beijei a palma antes de afrouxar-lhe o cinto e lhe tirar a calça de couro. Ele me atraiu para si e me olhou nos olhos, ao mesmo tempo que seus braços me prendiam com força para trás. Sucumbi a ele e minhas roupas se abriram enquanto eu caía.

"Deitou-me no chão e me possuiu sem modificar a sucessão tranqüila de seus movimentos. Eu já tinha mais de quarenta anos e meu jardim conhecia os beijos agitados, os dedos febris e as línguas excitadas de minhas companheiras, mas jamais um homem havia me possuído, nem tinha me conduzido através do seu esplendor. Pensei que aquilo não acabaria nunca. Atravessei com ele um canteiro de flores e espinhos cobertos de orvalho, caíram algumas gotas de sangue, deslizei com ele pelo musgo de um poço profundo, cada vez mais fundo, até quase não poder respirar; mergulhamos na água clara, ali onde não alcança nem um raio de luz. A cabeça latejava e deixei-me cair, disposta a morrer, a morrer afogada e a entregar-me à proteção daquela noite, fugindo para cada vez mais longe, até que senti o estouro nas artérias do meu cérebro; até que em meu rosto explodiu uma fonte de luz saída do interior da terra; até que um jato de lava ardente me queimou e eu mesma escutei meu grito. Gritei e fui escutada: o homem não deixou que eu caísse no inferno mais profundo, e me devolveu com os mesmos passos tranqüilos de novo à luz. Voltei a ver o céu e o olhei nos olhos. Sorrii...

A respiração da condessa se fez pesada e eu não me atrevi a olhá-la; sentia-me emocionado, mas sem que me parecesse penoso.

— Ainda nos amamos várias vezes naquela noite — prosseguiu Laurence, com voz áspera. — Quanto mais lutava a luz cinza do amanhecer para sair do abrigo protetor da noite, mais nossos abraços eram apaixonados. Apertei suas coxas com minhas pernas, cravei

minhas unhas em suas costas; o suor fluía de nossa pele e nossa carne vibrava com o staccato irrefreável de nossos corpos, que se atacavam um ao outro e cujos movimentos sequer interrompemos quando, ansiosos, pegávamos a jarra de água para permitir que nossas gargantas continuassem respirando; nos fundimos em ondas que chegavam e se afastavam, nos aprisionamos um ao outro como duas pessoas que se afogam e nos dávamos mutuamente de beber, nadando no mar do nosso gozo. A luz pálida nos mostrava mais e mais a finitude de nossos corpos, e nós dois sabíamos que aquilo tinha de acabar... Minha cabeça estava vazia, já não sentia a dor de antes. Em meus membros o cansaço, contra o qual apenas minha alma se rebelava, aumentava. Minhas forças se esgotaram, senti-me incapaz de fazer um movimento sequer. Mergulhada no que parecia um profundo desmaio, percebi que ele me abandonava. Não tinha percebido que Olim e seus ajudantes haviam chegado. Separaram-no delicadamente do meu corpo e levaram-no. Decidi não voltar a abrir os olhos nunca mais, mas então ele voltou pela última vez e senti como deixava um objeto, frio e delicado, sobre meu peito, que tremia ainda. Sabia que ele sorria e lhe devolvi, num lance de olhos, sua piscadela, sem abrir muito os meus.

"Esperei até ouvir os seus passos se afastando e depois levantei-me, transformada em outra mulher. Aproximei-me da janela de grades. Vi no pátio o estranho jovem inclinar a nuca e o brilho da espada curva do carrasco Olim. Não desviei os olhos até este erguer no ar a cabeça cortada. Queria estar certa de que o homem que me havia possuído já não vivia...

Pigarreei para dissolver o nó da garganta que era prova de meu aturdimento e, ao escutar-me, a condessa pareceu voltar a si.

— O resto de minha confissão é fácil de contar. Fui a Otranto ao encontro de meu noivo, tal como tinha jurado...

Interrompi-a com uma curiosidade um tanto fora do lugar:

— Que objeto esse estrangeiro lhe deixou?

— Um amuleto, um símbolo oriental da felicidade: um disco de jade pendurado em um simples cordão de couro. Mas disso falaremos depois. — Laurence tinha recuperado inteiramente o domínio de si mesma. Aquela foi a última viagem da "abadessa", como costumavam chamar ao barco e a sua proprietária. Cedi-o a minhas raparigas e a seus maridos logo que me deixaram junto ao cabo de Leuca, onde o almirante me recebeu com toda pompa...

Ocorreu-me naquele momento mostrar um pouco de meu lado de padre-confessor.

— Em contrapartida, me garantiram que antes a senhora fez um buraco no barco, em segredo, naturalmente...

— Mentira! — resmungou a condessa. — Você mesmo vê, William, que não escondo nada do meu passado, nem minto com a pretensão de salvar minha alma.

— A falta de vergonha e a crueldade são pecados graves que é preciso remediar fazendo penitência: sempre com a condição, condessa, de que esteja disposta a reconhecê-lo, a se arrepender e a fazer um ato de contrição.

— Eu não me arrependo de nada!

— De modo que também é de temer — de repente vi com toda lucidez o perigo que me rondava, e não soube fazer outra coisa a não ser expressá-lo com palavras — que procedam com seu confessor indigno como procedem com os demais conhecedores e cúmplices de sua vida reprovável...

— William — disse ela com frieza —, não tente erigir-se em juiz. É verdade que sua ridícula existência está em minhas mãos, mas não vou sujá-las para pôr fim à sua vida só pelo fato de tê-lo usado como se utiliza um objeto para jogar depois no lixo. A você, seu mísero hábito ou a cruz de madeira do peito não o protegem, senão unicamente a presença de Roger e Isabelle, que gostam de você e aos quais você também está preso como um molusco! O destino dos infantes será o seu também. O meu se decidirá em outro lugar. Como vê, minha moral também se diferencia da sua.

— Estou disposto a aprender e a calar, senhora — respondi. — Pensando bem, talvez ainda chegue a ser nomeado cardeal, ou inclusive eleito papa! Então poderei recompensar sua bondade — e com estas últimas palavras escorreguei do divã e ajoelhei-me a seus pés. — Faça comigo o que quiser, mas continue falando!

Laurence pôs-se a rir.

— Eu o perdôo, William! - e tornou a ocupar o lugar que lhe cabia no divã. — Enrico — continuou o seu relato — celebrou nossa união com uma festa delirante, que o fez cair no leito conjugal entupido de vinho. Eu me preocupei de que, não obstante, cumprisse com seu dever matrimonial, e na manhã seguinte mostrei a todos o lençol com as gotas de sangue. Depois de menos de nove meses nasceu uma criança, Hamo, meu filho. Enrico estava fora de si de alegria, e a partir de então já não exigia de si mesmo a obrigação de demonstrar sua virilidade entre minhas pernas. Seu imperador o havia nomeado conde de Malta em reconhecimento pelos longos anos de serviço; na qualidade de conde tinha acompanhado Iolanda, a noiva infantil de Frederico, desde a Terra Santa. Quando o imperador, naquela famosa noite nupcial de Brindisi, deixou grávida no lugar de sua noiva uma das camareiras — que era filha de seu amigo Fakr ed-Din, vizir do sultão —, a futura mãe foi entregue aos cuidados discretos do almirante de Otranto. Deu à luz uma criança...

— E Clarion? — o nome me escapou, quase sem querer.

— Clarion de Salento tinha já quase três anos quando cheguei a Otranto. Tinha ficado ali embora sua mãe tenha ingressado no harém de Palermo, quando a rainha Iolanda morreu de parto. Eu me encarreguei da educação da criança, e Frederico agradeceu-o concedendo-me o condado de Otranto, depois de ter matado Enrico em Malta e deixando-me como propriedade a trirreme do almirante.

Ouviram-se novos gritos que vinham da proa, entre eles os gritos de uma voz de mulher.

— A condessa de Salento deve aprender a comportar-se! — orientou-me sarcasticamente a condessa, e eu me dispus a intervir, o mais provável é que as crianças fossem as causadoras do comportamento censurável da pobre Clarion.

E, de fato, foi assim. Roç e Yeza tinham encontrado uma nova vítima. Clarion certamente não tinha entendido bem o que estava em questão quando as crianças lhe propuseram que se deixasse amarrar no mastro. E quando Roç apresentou-se armado de arco e flecha para se colocar diante dela com os olhos fechados, começou a gritar pedindo auxílio. Guiscard

a estava libertando das cordas exatamente no momento em que Yeza tinha cravado o punhal entre as pernas da vítima, com elegância e energia, ao mesmo tempo que sentia prazer em escutar seus gritos histéricos. O amalfitano não elogiou Yeza.

— O escorpião que se aproxima tocando trombetas e tambores já pode contar que o queimarão vivo — arrancou a arma da madeira e a lançou, sem voltar-se para trás, aos pés de Yeza, onde ficou cravada na coberta. — O punhal deve chegar de surpresa — depois sorriu enquanto ajudava a menina a tirar novamente a lâmina firmemente incrustada da madeira. — Deve lançá-lo de repente, mas sem pressa. Não se esqueça nunca que tem apenas um!

Yeza guardou o punhal atrás do pescoço, dentro de um objeto no qual fizera expressamente um orifício para colocá-lo ali. Vi que imaginava alguma nova possibilidade para demonstrar suas capacidades: percebi-o pela boca apertada e, sobretudo, pela ruga vertical estampada em sua testa. Agora fazia já quase três anos que a conhecia: era uma criança que amadurecera antes do tempo, mas ainda não perdera a obstinação. Cada vez era mais difícil perceber que Roç, que teria então sete anos, era um pouco maior. Ela o superava, embora fosse "apenas" uma menina, e supostamente em alguns campos em geral reservados aos homens. O punhal de Yeza estava profundamente cravado na mente do rapaz, e o arco infantil já não provocava, na verdade, tanta alegria.

Guiscard entendia bastante bem o rapaz e soube qual era o problema. A moeda de ouro continuava inserida na madeira.

— O bomarqueiro, e preciso dizer-lhe que os arqueiros vivem muito tempo — tentou dar-lhe ânimo com palavras paternais —, distingue-se pela serenidade e concentração. — Pendurou o carcás nas costas, de modo que por cima dos ombros estreitos pudesse ver as extremidades emplumadas das flechas. — Adquire sua segurança interna pela sucessão fluida dos movimentos — assinalou —, pela maneira como segura a flecha, coloca-a, tensiona o arco enquanto se joga para trás, dobra o braço: tudo isto faz já parte do tiro. Soltará a flecha exatamente no momento em que a tensão máxima do arco se combinar com o alvo que aparece na mira.

Roç tinha seguido suas instruções como se estivesse em transe, e seu tiro terminou de cravar a moeda no mastro.

— Acertar o alvo — terminou o amalfitano, suspirando com alívio, e triunfante pelo êxito de seus ensinamentos — não é mais que uma consequência lógica de todo o processo.

Queria adiantar-se para tirar a flecha junto com a moeda, quando Yeza, exatamente diante de seu nariz e justo diante de sua mão, lançou o punhal, que traçou um redemoinho no ar. A ponta empurrou a flecha para um lado e partiu a moeda pela metade.

— Metade e metade — gaguejou Yeza. Sua voz adquiria às vezes um timbre metálico, sobretudo quando estava animada e sentia-se feliz. Guiscard deu a cada uma das crianças a metade da moeda, e os dois saíram correndo, atravessando as fileiras de remadores para mostrar a todos seu presente.

Os lancelotti adoravam as crianças como se fossem pequenos deuses; cada um deles daria a vida por essas criaturas. De modo que eles elogiaram a façanha com gritos de admiração e fizeram soar os remos armados de metais, provocando um barulho respeitável que

significava o máximo de honra e de admiração. As crianças se afastaram correndo. Clarion e eu tentamos segui-las, mas era inútil. Por isso, desisti.

Laurence continuava recostada no divã.

— E o que aconteceu com o amuleto do seu estrangeiro? — tentei continuar nossa conversa anterior.

— Imediatamente após o enterro solene do almirante, tirei do meu cofre o disco de jade, um belo trabalho de filigrana, e pendurei-o no pescoço do meu filho. Se algum dia fosse parar nas terras de seu pai, ou caísse de alguma forma em poder dos mongóis, talvez pudessem reconhecer de que linhagem ele procedia...

— Hamo, l'Estrange... um príncipe tártaro? Talvez um parente de Gengis Khan?

— Quem sabe — a abadessa sorriu. Clarion, esgotada com sua caçada inútil, aproximou-se e abaixou-se aos pés da condessa. Considerei-me dispensado.

A Espera

Constantinopla, palácio de Calixto, verão de 1247

O bispo ordenara que pusessem a mesa para ele e seu jovem hóspede no terraço, debaixo da sombra dos toldos brancos.

Yarzinth, o cozinheiro de mãos hábeis, dispunha-se a servir a seu senhor um pouco do delicioso dragão marinho cuja carne é das mais macias pelo fato de ele alimentar-se exclusivamente de lagostas. Yarzinth colocou com precaução a mão na horrível boca do temível animal e extraiu com cuidado a carne rosada atrás das guelras. Depois de ter tirado uma a uma as espinhas, e também a pele, utilizou alguns asparagoi refogados para recompor a forma original do dragão do mar, enfeitou-o com folhas de alcachofra previamente fritas no azeite-de-oliva formando com elas uma nova pele de escamas, e depois regou-o com um molho espumoso de limão, ovo e noz-moscada. Aquele seria um banquete celebrado sob o signo da sedução. Yarzinth empinou pela última vez seu grande nariz, aspirou o aroma, satisfeito, e serviu o prato.

Nicola delia Porta serviu um vinho espumoso e leve da Criméia em duas taças de prata enquanto observava Hamo pelo canto dos olhos. O esbelto jovem acompanhara fascinado as hábeis manipulações do cozinheiro calvo, e sem hesitar meteu a mão na travessa onde estava o pão recém-tirado do forno, protegido debaixo de um pano quente. Arrancou um pedaço, mergulhou-o no molho e o mastigou, enquanto Yarzinth lhe servia o manjar no prato.

O bispo e seu cozinheiro trocaram um olhar onde se podia ver um traço de desespero pelas maneiras do jovem bárbaro. Nicola deu de ombros como se pedisse desculpas, e Yarzinth afastou-se com sua habitual discrição.

Hamo deixou que seu olhar vagasse sobre os jardins do palácio de Calixto, até o Corno de Ouro, em cuja superfície espelhada deslizavam OS barcos como libélulas. Os ruídos grosseiros do porto não chegavam até lá em cima. Esvaziou sua taça de um gole e limpou a boca com o dorso da mão.

— Não vai me dar um beijo agora? — brincou Nicola. — Nunca teria esperado tanta sensibilidade e delicadeza em você, mas a verdade é que ainda tem um pouco de espuma de ovo no nariz.

— Não gosto de peixe — disse Hamo.

— Pois coma verduras, ou peça a Yarzinth que lhe prepare uma trajana. Para mim o dragão marinho está ótimo.

— Quero partir — disse Hamo —, atravessar o mar em um barco, cruzar o deserto no lombo de um camelo...

— E por que não atravessar a estepe a cavalo, e durante dias, semanas, só vendo o tempo

todo a estepe? — ironizou o bispo. — Poderá alimentar-se de leite de égua e de carne-seca, que terá amolecido debaixo da sela, com seu delicado traseiro...

— Não fale assim! — disse Hamo; mas antes de poder expressar outros projetos do futuro, Yarzinth surgiu atrás deles, sob as arcadas que levavam até o "centro do mundo", a grande sala de jogo. O bispo logo percebeu e fez um sinal para que se aproximasse.

— O senhor Crean de Bourivan — informou Yarzinth em voz muito baixa, como era de seu costume — chegou num barco dos templários, procedente de Aquiléia. Levam um preceptor a bordo, como se pode observar pelo galhardete...

— Você já sabe seu nome, suponho — Nicola comentou com ironia as palavras de seu homem de confiança. — Saberá se é um pecador ou um corrupto, com quem peca e como, além do nome de sua avó...

— É neto do próprio diabo: Gavin de Béthune — expôs Yarzinth seus conhecimentos —, e tem mais importância na ordem do que sua posição indica. Sua presença anuncia grandes acontecimentos, nem sempre agradáveis!

— E que temos a ver com isso? — resmungou Nicola com sarcasmo.

— Estão lá embaixo, na entrada — sussurrou o cozinheiro.

— Já estamos aqui! — ouviu-se a voz de Crean. — Deve desculpar a intrusão, Excelência, e lhe peço além disto que não se preocupe, pois venho com mãos vazias. William já não está no refúgio dos saratz!

— Desapareceu, está morto ou o prenderam?

— Para podermos pensar em qual dessas possibilidades trouxe comigo alguém que nos dará uma boa ajuda: o nobre cavaleiro Gavin Montbard de Béthune!

— *Sacrae domus militiae templi Hierosolymitani magistrorum* — alfinetou o bispo a seu hóspede, surpreendendo-o. — Quais são as reações do mundus vulgus à fina rede de intrigas tecida pelos cavaleiros do Templo? — Cumprimentou o preceptor com ar de suficiência, embora este, que acabava de sair para o terraço atrás de Crean, fora um desconhecido para ele.

— Em troca de um copo... — Hamo, perfeito Ganimedes, já tinha enchido um e ofereceu-o respeitosamente. Gavin tomou um gole: — Colheita tardia do ano de 43, terras imperiais de Odessa — confirmou em tom de elogio, depois de degustar o vinho. — Em troca desse gole precioso, lhe informarei, caro bispo, que embora não esteja a seu mando, sim, gozam da benevolência do Vatatsé; que o sultão do Egito conquistou Tiberíades, além do castelo de Belvoir, dos colegas da Ordem Hospitalaria, e agora está cercando Ascalon; de que o legado papal, Anselmo, também chamado de frei Ascelino, encontra-se a estas horas visitando o governador mongol Baitchu em Tabriz, embora este não goste dele em absoluto, e preferiria vê-lo dissecado... Ou talvez deseje ter notícias do império no Ocidente? Os Parma venderam-se ao papa, assassinaram o podestà do imperador e voltaram-se contra este último, que foi destituído, após o que Frederico, que estava exatamente a caminho de Lyon para fazer prisioneiro seu inimigo, voltou correndo à Lombardia para impedir que se propagasse o mau exemplo. Está levantando em frente de Parma uma praça-forte, toda uma cidade construída com madeira e barro, a que batizou graciosamente de "Vitória", e tornou-se rival de Inocência, e os dois acusam-se mutuamente de terem estabelecido uma conspiração e pago assassinos para tirarem a vida

um do outro...

Gavin interrompeu o relato e estendeu sua taça vazia a Hamo. O rapaz estava fascinado por aquele personagem, em quem via um guerreiro, um monge e, ao mesmo tempo, um homem do mundo, pertencente à elite dirigente de uma ordem que dominava a Terra e que, no entanto, estava sempre em busca de aventuras, nas quais sempre se saía bem.

Nicola delia Porta colocou-lhe vinho na taça.

— Ganhou com bravura esta nobre bebida, que como supõe, com toda razão, só costuma ser servida na mesa do imperador. Mas a humildade nunca foi o meu forte, estimado senhor Gavin, de modo que quero aproveitar esta hora favorável que o trouxe a meu palácio — o bispo ergueu a taça. — Pode me dizer como o rei de França recebeu a mensagem anônima que estabelece uma relação entre o imperador, que ele tanto admira, e os herdeiros legítimos do Santo Graal, essas misteriosas crianças do Montségur?

Gavin sorriu.

— Acredita, Excelência, que os templários tenham alguma coisa a ver com a fuga e o desaparecimento das crianças?

— Não poderia imaginá-lo, nobre preceptor. Foi apenas curiosidade o que me levou a formular uma pergunta tão indiscreta — *akuein ta legomena, prattein ta prosejomena* — e certo fraco que sinto pelas intrigas...

— Luís reagiu com calma; não dirigiu recriminações a Frederico e o documento foi arquivado sem mais, para desgosto de seus secretários. A chancelaria ordenou apenas que se fizesse um controle para verificar se William de Roebrok volta de fato com Pian de Carpine das terras dos mongóis. De modo que a qualquer momento terão perambulando por aqui um espião de Luís Capeto.

Neste mesmo instante, interveio com grande educação Yarzinth, ordenando que retirassem o dragão da mesa, pois sequer havia sido provado. Dirigiu-se, como de costume, parecendo um réptil, a seu senhor, o bispo.

— Da fronteira oriental do Império nos informam que o legado, junto com um tal de Benedito da Polônia, acabam de cruzá-la, e que se aproximam de Bizâncio — embora o cozinheiro tenha sussurrado esta notícia, todos a escutaram.

— No entanto, temos de partir do fato — o preceptor foi o primeiro a reestabelecer a conversa — de que o nosso bom William encontra-se em poder da Cúria, encarcerado no castelo Sant'Angelo ou em qualquer outro lugar, retido pelo "cardeal cinza"...

Crean objetou:

— E nós nos comportaremos como se tivéssemos William à nossa disposição.

— *Agraphos nomos*, ou trata-se de transformar a ilusão em realidade? brincou o bispo. Mas Crean permaneceu imperturbável.

— Em política, uma afirmação é como um fato. De modo que já lemos William retornando felizmente da corte do Grande clã...

— O qual terá de fazer com que Pian entenda — brincou Della Porta.

— Cada polegar encontra seu anel — pontificou Gavin. — Em primeiro lugar, seria

conveniente estabelecer uma divergência entre Pian e Benedito, e assim ganharemos tempo!

O bispo gostou da idéia.

— Será preciso redigir um informe secreto, falsificado, que acuse Benedito, e cuja origem se suspeite que esteja em Pian. Yarzinth — exclamou de muito bom humor —, você se encarregará de cozinhar esse caldo envenenado!

— E acredita que Pian afirmará que Roç e Yeza estão na corte dos mongóis? — Hamo colocou-se de repente esta dúvida ao lembrar que ele mesmo teve de ocupar-se a seu tempo de um problema similar, e que o resultado fora pouco glorioso.

— Não se preocupe — tranqüilizou-o o bispo. — Pian estará contente de ver que arrancamos essa serpente, Benedito, de seu peito, seja qual for o tratamento que lhe dispensarmos! Desejará a ele a peste e a morte ao mesmo tempo!

— E Benedito é William! — de repente o jovem teve uma iluminação. . — E William tem de morrer — constatou Crean para resumir.

Mas Hamo não se deu por vencido.

— Mas se William está de fato encarcerado numa prisão de Roma, como poderão fazer com que morra aqui?

— Aqui morrerá o verdadeiro William, e Pian dará testemunho disto — instruiu-o Crean. — O do castelo Sant'Angelo é um impostor.

— Morrerá à vista de todo mundo — resumiu o bispo, com júbilo. — Já saberemos de outros detalhes. Se Pian consente no jogo, pode apresentá-lo antes como se fosse William, e depois este — eu me refiro a Benedito — calará de todas as maneiras para sempre e acabará enterrado.

— E preciso fazê-lo calar antes — recomendou-lhe Crean. — Além disso, tem de redigir um testamento em forma de confissão de um arrependido, afirmando que, a pedido de algum poder oculto, uma conspiração mundial de hereges, ou algo parecido, teve de acompanhar os infantes à corte dos mongóis...

Mas Hamo não estava de acordo e se comprazia em intervir naquele cruel conciliábulo entre homens feitos e direitos.

— E por que matar Benedito? Melhor ter duas testemunhas que apenas uma.

— Não, pior! — repreendeu-o Gavin, que se mantinha fora da discussão. — Alguém poderia querer confrontar suas declarações.

— Além disso — acrescentou Crean com desgosto —, sempre afirmamos que era William, e não ele, quem acompanhava Pian...

— Em resumo: Benedito não existe — e com estas palavras deu o bispo por terminada a discussão. — A única coisa que precisamos fazer ainda é procurar para a história um final espetacular. Yarzinth!

Hamo percebeu que o cozinheiro estava ainda mais tenebroso que antes. Com dedos pontiagudos e rosto impenetrável, encheu de novo as taças.

— *Aei gar oi piptusin hoi dios kyboi!* — Todos beberam; cada um deles ruminando suas idéias.

Falsificatio Errata

Constantinopla, residência estival, verão de 1247

O pequeno grupo formado por dois monges montados sobre burros e acompanhados de outros dois animais de carga que transportavam caixas, arcas e sacos — assim como de seus correspondentes arrieiros — aproximava-se lentamente de Constantinopla, procedente do norte. Tinham descido pelas montanhas e agora viam lá embaixo o brilho úmido do Bósforo. Em meio às brumas começavam a perfilar-se os muros e as torres da poderosa capital.

- Thalatta, thalatta! — Explodiu em júbilo o mais magro deles, cujo rosto macilento e imberbe, que por causa do chapéu não recebia um raio de sol, refletia os dissabores e as privações da longa viagem. Ao final da *mabasis*, como quem diz: o mar, quase a pátria!

Seu companheiro, um personagem robusto e esbelto provido de uma barba, corrigiu-o sem olhar para trás:

- Sempre achei que sua pátria, Benedito, fizesse limite com o *mare Balticum*...

- A Polônia está em toda parte! — afirmou o outro sem transparecer que a retificação o incomodasse. — Em toda parte, Pian, onde nos nléreçam boa cerveja em lugar de kumiz e onde nos espere uma mesa posta com garfo e faca, um banho e uma cama de verdade.

- Certamente. Em que parte você está na redação de minha *Ystoria mongalorum*?

- No vinte e dois de julho do ano passado — respondeu Benedito, sem precisar pensar muito.

Com Pian não se dava o mesmo:

- Que aconteceu nesse dia?

- Celebrou-se *kuriltay* em Sira Ordu, também chamada Karakorum. A assembléia elegeu Guyuk, filho de Ogodai, e proclamou-o novo Grande clã. — Pian de Carpine lembrou finalmente dos pormenores.

- Já sei — murmurou. — Apesar de seu pai tê-lo desterrado e previsto um neto seu como sucessor. Como se chamava o neto?

- Schiremon! Mas a viúva, a jatuna Toragina, soube impedi-lo. Encarregou-se da regência e repetiu as votações até alcançar o resultado que ela desejava...

- Mas ela não era cristã? — Pian não tinha muita certeza, e Benedito não dava muita importância a isso.

- Quase todas as jatunas são princesas *naimitas*, ou *ceratitas*, quer dizer, *nestorianas*. Mas que importância tem isso? Seu favorito, Abd al-Rahman, era muçulmano...

— Um homem ambicioso e subornável — grunhiu Pian.

— A quem não faltava talento — opôs Benedito. — Foi ele que fez com que o general mais capacitado dos mongóis, Baitchu, fosse enviado ao Ocidente como governador delegado do cã. Desde então ameaça o Islã.

— Que povo estranho! — exclamou Pian no momento em que um grupo da guarda imperial aproximou-se em rápido galope, cercando os viajantes.

O oficial examinou os dois monges, e seu rosto expressava a máxima desconfiança.

— Somos legados do papa — apressou-se em explicar Pian, surpreso de que o Ocidente cristão lhes preparasse tal recepção. — Retornamos de uma missão nas terras do grande clã dos mongóis.

Não deu sinais de querer deter-se, mas o oficial pegou as rédeas do animal.

— Isso qualquer um pode dizer! — declarou asperamente. — Acho que vocês são espiões dos tártaros e planejam infiltrar-se secretamente na cidade para espionar as forças militares que existem nela. Em bom momento caíram em minhas mãos! — Alfinetou-os, com a intenção de impedir qualquer resposta.

Pian mostrou-se indignado.

— Mostre-lhe o documento, Benedito! — ordenou, mas o oficial se interpôs.

— Desçam das montarias! — e gritou a seus subordinados: — Revistem a bagagem, e, sobretudo, suas roupas!

O polonês desceu do burro, quase caindo de susto. Tiraram-lhe com facilidade a jaqueta mongol, um grosso casaco bordado com estranhos símbolos multicoloridos. Pian ainda estava protestando quando dois guardas arrancaram as botas das pernas de Benedito.

Naquele momento surgiu pelo caminho, como que caído do céu, um palanquim escoltado por cavaleiros templários.

— Deixem passar o inquisidor! — gritou o primeiro deles, e com a ponta do cabo de sua lança deu uma pancada em um dos burros que atrapalhava seu caminho.

Pian gritou, subindo a voz:

— Por amor de Cristo, ajudem-nos! — Os templários pararam os cavalos. — Não permitam que estes bandidos ponham as mãos num legado do Santo Padre!

Do palanquim que tinha ficado em terra saiu uma figura vestida de negro, com o capuz que cobria inteiramente a testa: era Crean desempenhando o papel de inquisidor, que chamava a Yarzinth, seu "ajudante", para que se aproximasse.

— Informe-se das razões que têm os guardas imperiais contra um homem que ocupa tão alto cargo na Igreja.

— Suspeito que são espiões mongóis — informou-lhe o oficial, enquanto mostrava os dois indivíduos, já agora descalços e de calção.

— Uma acusação muito grave! — continuou Crean em voz alta, sem dar indícios de querer ajudar os acusados ou sequer de se aproximar deles. — Prossigam com a investigação, mas pensem também nas dificuldades que podem ter caso sejam, de fato, emissários de Sua Santidade.

-Apenas cumpro minha obrigação — respondeu-lhe o oficial —, e o senhor não deve dificultar minha tarefa — entre os dois houve um olhar mútuo de entendimento.

— Cortem as botas! — ordenou o oficial, e assim o fizeram.

Ninguém, e muito menos os prejudicados, prestava atenção em Yarzinth, que tinha pego o casaco de Benedito e o examinava um pouco afastado dos demais. Suas hábeis mãos apalpam com a rapidez do raio a existência de uma carta no forro, e por isso rasgou a costura, e tocou um manuscrito por outro e largou o casaco. A confusão tinha lhe permitido cumprir seu objetivo.

Naturalmente, não encontraram nada nas solas arrebetadas das botas.

— Já vêem que sua suspeita carecia de razão! — Crean repreendeu em voz alta o oficial, que, no entanto, ainda não se dava por vencido:

— Ainda resta o casaco para revistar!

Um dos guardas o trouxe. O oficial o apalpou, percebeu que continha algo, rasgou a costura com violência e pôs a mão no forro para tirar dali o documento e levantá-lo, triunfante, para o ar.

— É a carta do Grande clã a Sua Santidade, Inocência IV! — Só então atreveu-se Benedito a abrir a boca:

— Não se atrevam a rasgar o selo! — gritou Pian. E, dirigindo-se ao Inquisidor, exclamou:

— Senhor, ajude-nos!

— "A Sua Excelência, o diácono Rainierus Caputius, supremo protetor dos irmãos pobres, em boas mãos" — leu o oficial as senhas sem perturbar-se — "dirige esta confissão desesperada o indigno irmão William de Roebruk, ordinis fratrum minorum!"

Crean tinha se aproximado do grupo.

— Pois então, de fato é você — e dirigiu-se, embora mantendo certa distância, a Pian — Johannes Piano del Carpinis. — E apontando para Benedito: — Sabemos muito bem que em sua companhia viaja o irmão William.

Naquele mesmo momento, Pian perdeu o resto da paciência que lhe restava.

— Onde está a carta? — gritou com voz entrecortada a Benedito. E dirigindo-se ao inquisidor, afirmou: — Esse homem não se chama William!

— Detenha-o! — ordenou secamente Crean, e vários guardas partiram para cima de Benedito. Mas Yarzinth se adiantou e introduziu uma pequena cápsula entre os dentes do polonês enquanto este abria e fechava a boca para protestar, incapaz de dizer uma palavra; o cozinheiro abriu depois suas mandíbulas à força e Benedito cuspiu uns pequenos restos de vidro, mas neste momento só conseguiu resmungar.

— Pretendia envenenar-se! — acusou-o Yarzinth em tom de censura.

— ... para evitar a justiça terrena — completou o oficial, agitado —, quando percebeu que seu jogo duplo fora descoberto.

— Detenha-o — ordenou Crean —, ainda para que este pecador não tente novamente o suicídio. Afaste-o daqui!

Os guardas amarraram Benedito, que tinha ficado sem fala, sobre uma sela vazia. Ainda tentou gesticular, mas pouco depois seus braços caíram com mansidão, e apenas saiu-lhe espuma da boca. Yarzinth solicitou aos arrieiros que mostrassem as caixas e as arcas que pertenciam ao acusado e ordenou que fossem transportadas com rapidez.

— Confiscaremos seus pertences! — O oficial cumprimentou Crean e entregou-lhe o manuscrito, após o que os guardas se afastaram escoltando sua presa.

— Permita que eu o acompanhe, tanto para protegê-lo como para remediar, no possível, as agruras que sofreu! Não longe daqui pode-se encontrar a residência estival do bispo latino de Bizâncio — Crean tentou acalmar Pian, que continuava duvidando de todo mundo e, mais que nenhum outro, de Benedito, que tinha assistido ao espetáculo em muda estupefação. — Lá o senhor será um hóspede bem-vindo e poderá restabelecer-se desta recepção indigna que sofreu, assim como do comportamento contraditório, duvidoso e bastante suspeito de seu acompanhante, William de Roebruk.

— Mas é Benedito da Polônia! — explodiu Pian. — Sempre foi Benedito da Polônia, desde que o Santo Padre nos nomeou. E foi na Polônia e durante esta longa viagem. Não conheço esse tal de William! Nunca ouvi falar dele!

A comitiva já havia se posto de novo em movimento.

— Tudo se esclarecerá — Crean consolou o confuso legado. — Descanse o senhor, e depois...

— Mas, a carta! — gemia Pian, cofiando a barba. — A carta dirigida ao senhor papa! Ela era o único objetivo de minha missão, embora não tivesse propriamente um resultado glorioso. Não posso apresentar-me diante dos olhos do Santo Padre sem entregar-lhe a carta do grande clã.

— Isso também será resolvido.

— E que devo pensar desse polonês?

— Já veremos se é polonês — tentou alimentar Crean as suspeitas do outro. — O irmão William, que eu saiba, é flamengo...

— E que há nesse estranho manuscrito que encontraram com o *tneu*... acompanhante?

Pian já estava bastante inseguro. Crean lhe estendeu o manuscrito.

— Pode abrir o senhor mesmo o selo! — convidou-o. Pian hesitou. — Não tem porquê ler agora — Crean tranqüilizou-o. — No entanto, é do meu interesse que o senhor possa identificá-lo a qualquer momento.

— Não é minha incumbência — tentou o legado subtrair-se a dita solicitude, ao mesmo tempo que mostrava um terrível mau humor.

— Se o senhor se nega, pode-se considerar que o aprova, que sabe o que está acontecendo.

Crean adotou um tom de compaixão amistosa. Pian rasgou o selo. No entanto, não quis passar a vista no manuscrito: só guardou um pedaço de verniz partido no bolso.

— Basta-me como prova — estendeu o manuscrito a Crean:

— Leia o senhor e diga-me se contém alguma coisa que me atinja. Não gosto de meter o

nariz em correspondência alheia!

— Por acaso William não é seu irmão, irmão da mesma ordem? — interrogou-lhe Crean.

— Meu irmão era e é Benedito — insistiu Pian —, e quero a outra carta!

Crean, então, mudou de tom e demonstrou a Pian como ele imaginava que podiam chegar a um acordo satisfatório:

— Se as autoridades encontrarem a carta do Grande clã, farei com que a entreguem a mim. Em Constantinopla se consegue tudo se se paga com boa moeda.

— Não me importará muito o preço. Até estou disposto a comprar a liberdade de William, ou de Benedito, contanto que a carta do grande clã volte às minhas mãos...

Tinham chegado à residência do bispo. A muralha da cidade formava o limite de seus jardins e fechava-os hermeticamente. Qualquer provável hóspede da casa era também seu prisioneiro, mas sem que isto lhe causasse desgosto, porque não percebia.

Instalaram Pian numa ala lateral banhada de sol e fizeram com que se sentisse confortável. Ele não suspeitava que seu companheiro de viagem, tão apressado infelizmente, fora instalado em um sótão escuro do mesmo prédio, que achava ser uma prisão de Estado, temendo assim que lhe acontecesse o pior.

Benedito tinha a mente muito clara, embora seu corpo continuasse meio paralisado. Escutou que davam a volta na chave da fechadura e observou que entrava na cela, cercado de templários de aspecto fúnebre, o inquisidor com seu infame ajudante. Todos levavam lanternas com as quais iluminaram seu rosto até o ponto de fazê-lo temer que pretendessem queimar seus olhos.

— Bem, irmão William — Crean iniciou o interrogatório em tom paternal —, que pode alegar em sua defesa?

Tentou responder algo, mas seus lábios e sua língua continuavam se negando a obedecê-lo, e de sua garganta não saíam mais que suspiros e resmungos. Queria se fazer entender, mas só conseguiu emitir gemidos desarticulados.

— Como podemos ajudá-lo, irmão — expressou Crean sua preocupação — para que recupere a fala? Yarzinth, mostre-lhe os instrumentos! — acrescentou com suavidade, como se fosse um dedicado médico disposto a sangrar o doente para aliviá-lo. Benedito temia que aquele ajudante o tocasse, de modo que esforçou-se para articular as seguintes palavras:

— Eu... eu me envergonho!

O inquisidor mostrou-se condescendente.

— De sua infâmia, William?

— Mas não-não-não sei, não-não-não-não sei... — Não conseguiu articular mais nada. Uma crise de asfixia pôs fim a seus esforços penosos e Yarzinth já não precisou intervir mais. Benedito, esgotado, desmaiara profundamente.

Então, apagaram as tochas e se retiraram. Logo que fecharam a pesada porta de carvalho atrás de si, os templários já não puderam conter-se e começaram a rir às gargalhadas.

No cruzeiro do antigo monastério de monges gregos se encontraram com Gavin e com o bispo. Nicola della Porta havia instalado ali também seus hóspedes templários.

—Yarzinth tem de administrar-lhe primeiro algum antídoto — informou Crean sobre o estado do prisioneiro.

— O melhor seria misturá-lo com alguma dessas flechas indígenas alucinógenas que introduzem raios e trovões no corpo — acrescentou o bispo -, para que finalmente ele mesmo pense que é William de Roebruk. — Estas palavras voltaram a provocar o riso tempestuoso dos demais, mas o preceptor interrompeu logo aqueles breves instantes de distensão:

— Seu problema, Crean de Bourivan, não é esse coitado que temos no sótão, mas Pian, que está extremamente nervoso e a quem não se pode tratar da mesma maneira. No entanto, é o personagem mais importante de todos. Como pode querer conseguir que o legado apóie essa comédia de vocês?

— Com mel e torturas, com ferro em brasa se for necessário — sorriu o bispo com malícia. — Pian ainda não conhece o conteúdo da confissão; a única coisa que terá entendido é que é dirigida a Capoccio, e todos temem o "cardeal cinza", inclusive um legado do papa, por mais limpa que tenha a consciência.

— E onde fica o mel? — interveio Gavin, em tom sarcástico.

— O bispo, tão preocupado pelo bem-estar de seu digno hóspede, usará de sua influência para resgatar da guarda o manuscrito do Grande clã, que Pian sente falta tão dolorosamente. Não há nenhum inconveniente de que seja devolvido a seu legítimo portador em troca de um pequeno favor, um serviço que lhe pedem certos amigos, cujos nomes ninguém deseja ver pronunciados...

— Deveria receber Pian agora mesmo, Excelência — despediu-se o templário. — Eu prefiro não assistir.

— É nossa última reserva — brincou o bispo. — Juro ao senhor que perderá coisa muito boa!

O bispo recebeu seu hóspede na pequena sala de audiências da residência estival, o antigo refeitório. Nicola della Porta se apresentou com todos os paramentos, cercado de vários sacerdotes e de alguns garbosos meninos do coro que entoavam com suas vozes límpidas um salino, quando o franciscano Pian de Carpine, legado de Sua Santidade, foi conduzido ao escuro aposento, cujas paredes estavam revestidas de madeira escura.

O inquisidor estava sentado atrás de uma mesa junto à porta e o ajudante estava de pé atrás dele; suas figuras revelavam uma severidade ameaçadora. Pian compreendeu que só do bispo podia chegar alguma ajuda amistosa e boas palavras.

—Abençoado seja Jesus Cristo — murmurou o bispo, descendo apressado do trono e abraçando Pian logo que este se ajoelhou para beijar-lhe o anel. —Trago uma boa novidade — prosseguiu, fazendo sentar seu hóspede sobre o tamborete que havia preparado —, e minha alma se regozija de poder prestar este serviço ao senhor — explicou cheio de rodeios, enquanto Pian parecia sobressaltado. — Não houve

necessidade de mostrar-lhe os instrumentos; William confessou onde levava escondido a mensagem para o papa. Talvez tivesse a intenção de entregá-la ele mesmo para levar a fama do mensageiro que realizou um esplêndido serviço...

— Onde está a carta? — Pian o interrompeu sem poder conter-se, mas Della Porta não se perturbou.

— O senhor mesmo viu, querido irmão, que William estava de posse de um veneno, do qual havia quantidade suficiente para matar dez homens fortes como o senhor e enviá-los ao Além...

— Você me devolverá essa carta, que espero que ninguém tenha tocado — insistiu Pian com teimosia infantil. — Quero tê-la em minhas mãos, levá-la no coração até poder entregá-la a meu senhor, o papa...

— Está guardada no Arquivo Imperial — informou o inquisidor com toda objetividade —, e será entregue ao senhor logo que deixe a cidade!

— Acompanhado de uma boa escolta — acrescentou o bispo com voz pegajosa —, para que o senhor não volte a confiar outra vez numa má pessoa que parece mais uma serpente traidora. Rezemos ao Senhor para que tudo termine bem!

Mas Pian não parecia satisfeito nem feliz.

— Dou-lhe graças, Excelência — murmurou —, e confiarei no senhor com toda a minha alma. Rogo-lhe que não se perca um documento tão importante para nossa Santa Madre Igreja, e que seja guardado por mãos inteligentes até que possa continuar minha viagem até Lyon. Pense que o senhor contraiu uma grande responsabilidade. No entanto, o outro assunto que me queima a alma é...

Neste ponto o inquisidor interrompeu-o:

— ... a confissão de seu acompanhante! — Crean mudou de tom para fazer juz à gravidade da situação. — Estou certo de que lhe queima a alma, senhor legado, pois contém acusações graves, que inclusive poderíamos qualificar de horríveis. Yarzinth!

O ajudante entregou a seu mestre um manuscrito; este pôs-se solenemente de pé e proclamou:

— Em vista da magnitude dos pecados aqui expostos contra o papa e a Igreja, tenho de excluir desta leitura a todos que não juraram obediência à Santa Inquisição...

O bispo parecia surpreso e um tanto ofendido:

— Se o senhor quiser ficar sozinho com esse homem, na minha opinião acusado injustamente, ou para difamá-lo, pode dispor da minha casa! — Com estas palavras saiu do aposento, seguido pelos sacerdotes e meninos do coro. A porta fechou-se com uma pancada forte. Pian se encolheu e ficou como olhar fixo no trono vazio do bispo.

— Já sabe a quem essa carta é dirigida — disse Crean ao legado, mostrando-lhe o selo partido ao meio, mas Pian prestou atenção apenas no detalhe. De modo que, a um sinal de Crean, Yarzinth iniciou a leitura:

— "Eu, William de Roebruk, temendo uma morte não-natural que Pian de Carpine possa ter me preparado, confesso todos os meus pecados e juro o seguinte: dirigi-me com os dois

infantes, tal como me ordenara o irmão Elia, para o local de encontro combinado com o irmão Pian nos Alpes, no lugar conhecido pelo nome de 'a ponte dos *sartz*'. Para o escárnio de toda a cristandade, os infiéis lá fundaram, no próprio coração do Ocidente, onde o ar deveria ser mais puro, um centro pestilento, edificando mesquitas no fundo da montanha, onde se dedicam a esculpir sobre Jesus Cristo e a Virgem Maria, e onde torturam, esquartejam e assassinam nas suas prisões subterrâneas os cristãos e irmãos mais fiéis, aplicando-lhes os piores castigos. Essa atividade infame é paga pelo imundo imperador, do mesmo modo que costumava fizê-lo já em Lucera, com moedas de prata roubadas dos mensageiros do papa, pobres irmãos de são Francisco como eu, que são enforcados sem receber o último consolo antes de morrer. Lá, na ante-sala do Inferno, sentado entre os diabos, me esperava Pian..."

Do peito do legado saiu um profundo gemido; afundou-se sobre si mesmo, quase caindo do tamborete, e escondeu seu rosto entre as mãos. Yarzinth prosseguiu com sua florida descrição sem comover-se; ao contrário, irradiava uma satisfação diabólica:

— "Meu irmão Pian estava entre os demônios como se fosse um deles, difamava o Messias e cuspiam na cruz. Já tinha conseguido que seu acompanhante, Benedito da Polônia, fosse assassinado por aqueles infiéis..."

— Não! — gritou Pian. — Não prossiga!

— Mas se acabamos de começar — disse Crean. — Vai querer confessar já?

— Não! — conseguiu resmungar Pian com voz sufocada, e Yarzinth continuou:

— "Pian obrigou-me a acompanhá-los, a ele e às crianças, à corte dos mongóis. A partir de então chamou-me 'Benedito da Polônia'. Aqueles infantes eram filhos de hereges, como pude comprovar, razão por que constituem uma ameaça terrível para a Igreja. Pian tinha recebido a tarefa pecadora de Elia, com a finalidade de prejudicar a cristandade e o Ocidente, pois, como me confiou Pian, trata-se de proclamá-los soberanos e de sentá-los na cadeira de são Pedro, transformando-os em reis e sacerdotes hereges pela graça do Grande clã. Eles fariam com que a mensagem do Santo Graal dos cátaros prevalecesse finalmente sobre o testamento de Cristo e de seu testamenteiro, nosso Santo Padre, o senhor papa. Sei disto pela boca de Pian que, da mesma forma que Elia, vendeu sua alma ao Anticristo. Elia havia confiado num primeiro momento esses infantes hereges a mim, e Pian obrigou-me a segui-lo até as terras dos mongóis, que espalham o pânico e o terror por onde pisam. Durante dois longos anos não vi o rosto de nenhum cristão fiel.

"Pian tinha, na verdade, apenas a missão imposta pelo papa de ir ao encontro de Batu, em terras da Horda de Ouro, mas insistiu em acompanhar as crianças até a corte do grande clã, onde falou muito mal do papa e aceitou ricos tesouros como pagamento de sua traição. Não tenho parte nisso; minha alma está profundamente triste por ter participado dessa ação pecaminosa, a qual fui levado apenas por temer perder minha miserável vida, e por isso não fui capaz de negar-me. Mas sei que terei de pagar por isso. Pois por trás de Pian, por trás de Elia, há outros poderes mais diabólicos que farão calar a mim, única testemunha, antes de poder confessar, arrependido, essa fraqueza pecadora da minha pessoa. Meu nome está manchado para sempre, e espero que esta confissão sirva pelo menos para salvar minha pobre alma.

William de Roebruk, O.F.M."

— É absurdo! — gemeu Pian. — Que o inferno o leve!

— A porta do Inferno está sempre aberta! — lembrou Crean. — E tudo o que tem para dizer-nos?

— Nunca estive nos Alpes, não sei nada de criança alguma! — gritou Pian. — Tive como companheiro Benedito da Polônia, e assim chamei-o desde o começo.

— O senhor foi durante muito tempo provincial da ordem na Alemanha. Em função desse cargo, o senhor deve ter cruzado os Alpes diversas vezes. Conhece o lugar aqui mencionado?

— Nunca estive lá! — exclamou Pian.

— Pense bem — advertiu-lhe Crean com suavidade.

— Claro que escutei falar desse lugar — corrigiu-se o legado. — Dizem que fica situado num maldito vale lateral, diante do estreito de Juliano. Sempre evitei passar por esse porto de montanha...

— E qual era sua missão? É verdade que não tinha poder para viajar até a corte do Grande clã? O que o levou a desobedecer à Igreja? E as crianças?

— Tudo é uma mentira infame! — gritou Pian. — O manuscrito do papa Cum Non Solum era dirigido ao soberano de todos os mongóis, razão por que Batu me fez seguir...

— E as crianças, onde estão? Para onde o senhor as levou?

— Ao diabo com as crianças! — gritou Pian. — Não havia crianças, jamais vi nenhuma!

— E William, a quem o senhor insiste em chamar de Benedito, embora a confissão nos aclare os fatos inteiramente — Crean esperou que esta observação surtisse efeito —, quem o trouxe como seu companheiro, aonde se juntou ao senhor? Em Lyon não estive, estou certo disto.

— O "cardeal cinza" — soluçou Pian —, sabe muito bem...

— Quero saber em todos os detalhes... — replicou Crean. — Seria melhor colaborar com a Santa Inquisição em vez de enredar-se em mais mentiras...

— Não tenho nada a esconder; tudo é uma conspiração para me difamar. Alguém quer roubar o fruto da minha missão! Deve ajudar-me, em vez de acusar-me — o legado mostrava-se desesperado e obstinado ao mesmo tempo; aquele homem tão robusto estava a ponto de afundar. — Não tenho nada a confessar!

— Mas, Pian — Crean agora mudou de tom —, no final das contas, o tal William não pode ter inventado tudo; conseguimos comprovar que se trata de um indivíduo de carne e osso de cujo casaco mongol foi extraída essa confissão...

— Um monstro, um monstro sanguinário! — gritou o legado mais uma vez, embora já num tom resignado. Estava só, abandonado por todos e nas mãos da Inquisição. Disse a si mesmo: "Pian, deve saber como tirar o pescoço do laço. O único amigo que tem agora é esse inquisidor que acaricia sua mão, uma mão que treme de raiva..."

— Deve confessar, Pian, que William e essas crianças viajaram com você até a Mongólia, embora você não soubesse do que se tratava. O que podemos fazer é retirar a acusação: atribua a iniciativa a esse William de Roebruk, aliás, "Benedito da Polônia", que ao que tudo indica quer incluí-lo na suja manobra. Muita gente perguntará a você pelas crianças; todo mundo fala da sua existência — uma existência que também é conhecida pelo "cardeal cinza" — e de suas viagens para terras mongóis: não poderá negá-lo! Pode dar-se por satisfeito se conseguirmos que William reconheça sua exclusiva responsabilidade na missão, antes de apresentar-se diante do Juiz Supremo. Você confessa sobre as crianças e nós tentaremos fazer com que esse infame já não possa mais abrir a boca para insultá-lo... — Crean suspirou diante da pesada carga que seu amor fraterno pelo próximo lhe impunha —, e depois destruiremos essa confissão tão desagradável para sua reputação. William é um homem morto!

— Santo Deus! — exclamou Pian, no momento em que qualquer um teria pensado que se daria por satisfeito ao ver que lhe ofereciam uma saída tão aceitável — ele não deve sofrer nenhum dano!

— Como? Atreve-se a pedir pela vida desse miserável?

Pian sentiu-se confuso:

— William, quer dizer, Benedito, bom, que seja; William me acompanhou na qualidade de intérprete, por ordem do castelo Sant'Angelo, l'or pura conveniência utilizei-o também como escriba. Durante nossa viagem fui lhe ditando minha Ystoria mongalorum, a obra da minha vida, a que vai me permitir alcançar justa fama diante dos olhos do Santo

Padre e honra diante dos príncipes do Ocidente, já que não existe outro registro sobre a vida e os costumes dos mongóis, e sobretudo nenhum no que tange a seus objetivos e capacidade para consegui-los; quer dizer, um registro que mencione também sua organização militar. Fui ditando-o a essa pessoa em todos os lugares por onde passamos; ele foi tomando notas em sua "escrita abreviada", como costuma chamá-la, e que eu não sei ler. Prometeu-me redigi-lo depois em forma de livro. Sem estes manuscritos estou arruinado. Você deve ter encontrado essas anotações entre seus pertences... — sugeriu, temeroso, Pian.

Já não se tratava de uma ameaça eminente à sua vida, mas à sua fama como escritor.

— É verdade — apressou-se a confirmar Crean. — Encontramos muitas folhas em uma arca sua, estavam cheias de sinais riscados, incompreensíveis!

— Pois que os substitua por uma escritura legível! — ordenou o legado, que havia recuperado parte de sua altivez. — Não sairei daqui até consegui-lo; fico doente só de imaginar que esse homem está sem fazer nada em vez de escrever enquanto lhe restam forças!

— Acalme-se! — disse Crean, e o suspiro que lançou foi desta vez autêntico. — Darei ordens para que lhe entreguem de imediato tinta e pena e o melhor dos pergaminhos; levarão à sua cela...

— E ordene que seja açoitado se não escrever com diligência — acrescentou o legado com expressão patriarcal. — Depois poderá dar a ele o tratamento que merece! Diga-me algo sobre essas crianças.

—Teremos oportunidade para isso — disse Crean sem se comover ao ver que havia ganho a primeira batalha. — Agora vamos nos preocupar de que seu opuds magnum adquira uma forma digna de seu conteúdo.

Levantou-se do assento e ordenou a Yarzinth:

— Leve o senhor legado a seus aposentos!

—Já conheço o caminho — respondeu Pian com diligência. — Oremos ao Senhor por ter encontrado tão boa solução. Uma vez na porta, voltou-se de novo para trás.

— ... e que Deus nos livre de ter um papa polonês! — sussurrou, erguendo seu dedo médio, num gesto vulgar, para o ar.

— Amém! — respondeu Crean.

— Puxa, quantos problemas agora! — queixou-se seu "ajudante" quando ficaram sozinhos.

— É o preço que teremos de pagar, Yarzinth — respondeu o "inquisidor", esgotado, por sua vez. — A partir de agora terá de acrescentar sedativos à comida do legado e procurar saber de qualquer outro capricho que tenha para passar o tempo, porque nós, quer dizer, Benedito, precisa de tempo...

Com isto tinham chegado ao cruzeiro, onde os esperavam Gavin e o bispo.

— Está pronto? — perguntaram.

Crean assentiu.

— Soubemos do que nosso prisioneiro desejava comunicar-nos lá fio sótão: ele não sabe escrever! — Gavin pôs-se a rir. — Benedito não é analfabeto: sabe ler e, além disso, também não é bobo, mas jamais aprendi ai a escrever!

— Deus Todo-Poderoso! — deixou escapar Yarzinth. — Que Pian não saiba!

— Se este idiota orgulhoso não percebeu até agora — falou Gavin —, acho que poderemos evitá-lo também no futuro! — e explodiu num riso que ecoou nas paredes. Uma conspiração magnífica: uma confissão falsificada cujo autor é incapaz de escrever uma frase legível!

Crean tinha empalidecido diante do perigo que ameaçava de novo seus planos.

— Esse é só um dos aspectos — resumiu em tom sarcástico. — O outro é: o senhor legado é autor de uma Ystoria mongalorum extensa e definitiva cujos textos sente não poder lembrar porque os ditou a um *escriba* que não sabe escrever e do qual espera agora que lhe entregue o scriptum.

— Pois terá de ajudá-lo — disse o bispo com malícia. —Yarzinth! Você demonstrou mais de uma vez possuir uma pena excelente...

— Aqui já não jogo, Excelência — disse o cozinheiro com ar impeneirável. — Neste caso renuncio, e me demito, prefiro me colocar à disposição de Olim, o carrasco!

A Trirreme

Constantinopla, verão de 1247

O tempo estava esplêndido. Já há alguns dias os olhos desfrutavam da visão das ilhas gregas que emergiam com seus povoados luminosos refletidos na água de um mar verde-turquesa, os templos situados no alto das colinas diante de um céu deslumbrante, os barcos de pescadores, as naus e os veleiros nas baías, de onde nos cumprimentavam com acenos quando a trirreme passava ao longe com as velas inchadas ou empurrada pelo golpe vigoroso dos ventos. Ali, então, é onde moram os deuses! William compreendeu perfeitamente.

No entanto, nada impressionou tanto as crianças como a primeira visão da antiga Bizâncio, que surgiu do mar qual Olimpo radiante do Propontis. Uma muralha impressionante seguia pelo lado esquerdo até o interior do país, superando vales e colinas, recolhendo num abraço poderoso a enorme concentração de torres e cúpulas, que não parecia ter fim. Em direção ao flanco marinho, por onde a trirreme passava agora apresentando sua saudação, a cidade das cidades permitia se mostrar uma fortificação completa, que abrigava portos artificiais cercados por fogos sinalizadores além de gigantescos arsenais, torres de defesa, bastiões com catapultas, armazéns e gruas.

E que aglomeração de pessoas! As crianças jamais tinham visto tantos barcos e tanta gente juntos ao mesmo tempo. De repente lhes pareceu que o porto de Marselha e o outro menor, de Civitavecchia, que ainda lembravam, eram pobres e miseráveis em comparação com este. Quanta mercadoria, fardos, barris, ânforas e caixas! Grande quantidade de tudo, como se fossem distribuir mercadorias para o mundo todo, embora não estivessem destinadas mais que à própria cidade, um amontoado de casas que se esparramava até o porto, coroada por uma extensão de ciprestes nas colinas, de um verde-escuro profundo no meio do qual apareciam dispersos os palácios e as igrejas onde brilhavam cruces douradas nos telhados.

A trirreme entrou no Corno de Ouro e atracou no porto antigo, antes da ponte de embarque, a meia altura entre o bairro dos genoveses e o dos venezianos.

A condessa estava de pé à sombra do toldo da cabana, e nada fazia notar que o barco, cujos remos eram retirados naquele momento, fosse de sua propriedade. Comportava-se como uma passageira comum, entregue à discrição do anonimato.

O comando estava com Guiscard, e ele o exercia de viva voz, já que lhe tinham dado o papel de um navegante que além de excêntrico era temente a Deus. Sua tarefa consistia em transportar um grupo de freiras devotas que seguiam em peregrinação à Terra Santa, e a única coisa que chamava a atenção realmente era a estranha beleza da jovem abadessa.

Clarion havia se livrado de todas as jóias, seguindo o conselho de Laurence, e destacava-se por ficar muito séria quando rezava suas orações: reunia em torno de si, na coberta do

navio, suas "irmãs", as amas e as criadas da condessa. Os lancelotti com seus remos em forma de lança, as catapultas, e em geral qualquer objeto que pudesse exibir um aspecto marcial tiveram de ficar embaixo, no espaço da quilha, e deram ordens que William também fosse para lá com as crianças.

Laurence preferia precaver-se; disse a Guiscard que enviasse antes algumas pessoas de sua confiança, para verificarem se havia nas redondezas algum desses "moscões pretos repulsivos", como se referia aos papais.

O barco estava ancorado não muito longe de onde desemboca a maior cloaca do porto, razão por que o cheiro de podre era bem mais forte que o habitual naquele local. No entanto, isso oferecia uma vantagem que só poucas pessoas podiam apreciar, e entre elas estava Laurence.

Mais à frente podia-se ver ainda, em cima de estacas, a casa de encontros. Laurence lançou secretamente um olhar curioso para lá. Nas janelas não se via nem uma perna nua, nem um seio à mostra que atraísse o pessoal, mas ela se lembrava do cheiro que emanava do canal da cloaca, pelo qual se podia subir — tapando o nariz, é claro — cerca de trezentos metros até chegar ao lugar onde, por trás de uma grade móvel, desembocava o desaguadouro da grande cisterna do imperador Justiniano.

Uma vez chegando a esse bosque subterrâneo de colunas, quase todos os pontos da cidade ficavam ao alcance; pelo menos os palácios mais importantes possuíam todos uma comunicação secreta com aquela reserva de água, ou através de um labirinto de grutas naturais, ou um sistema perfeitamente planejado de aquedutos transitáveis.

Laurence afastou rapidamente de sua mente a idéia de chegar ao palácio de seu sobrinho bispo empregando aquele acesso extraordinário e cheio de dificuldades, mas gostava de saber que ele existia como possível meio de fuga. Quantas vezes em sua vida não teve de fugir rapidamente de algum cenário perigoso!

Ordenou aos mouros que carregassem todos os seus pertences pessoais, que consistiam num número considerável de arcas, tecidos, caixas e cestas, já que eles se ofereciam com muito gosto como carregadores, por não terem muitas esperanças de abandonar, de outro modo, o ventre escuro da trirreme. Laurence preferiu não levar consigo algumas amas; queria que elas ficassem cuidando de Clarion, disfarçadas de freiras que acompanham sua abadessa. A condessa queria afastar-se da zona do porto com a maior rapidez possível, e sem chamar a atenção, pois alguém poderia reconhecer nela a "abadessa". Era possível ainda que houvesse um preço estipulado por sua cabeça, razão por que tingira os cabelos com henna; e também não sabia se Olim, o carrasco, continuava exercendo seu ofício, ou se estaria morto. A trirreme era uma nave que chamava muito a atenção, bonita por causa das suas formas antigas que exigiam mais da força dos braços do que exige a técnica moderna de navegação a vela. No cais, já um grupo de curiosos se reunira para observá-la.

O grupo de mouros pôs-se em movimento com o palanquim da condessa na cabeça, empurrando os curiosos para um lado. Depois avançaram pela cidade velha, colina acima, até chegar aos mosteiros e palácios.

Nicola delia Porta, bispo romano que residia na Bizâncio grega, encontrava-se deitado

debaixo do dossel de seu leito apesar de a manhã estar adiantada. Dividia com Hamo uma travessa de frutas frescas e maçãs, presente de Yarzinth, que as entregara já descascadas.

— Sempre confiei em sua arte e nas suas receitas — dirigiu-se ao cozinheiro. — Como de nossa residência no campo me chegou a notícia de que Pian está doente e pálido?

— Dei ordens para que lhe sirvam a melhor comida, e inclusive todo dia mando algum manjar especial de nossa cozinha para servirem à sua mesa — retrucou o cozinheiro. — O senhor preceptor já ganhou quatro quilos de peso, mas o senhor legado não aproveita. Está triste porque não lhe chega nenhuma mensagem, e preocupa-se de que sua história sobre os tártaros nunca consiga interessar um leitor agradavelmente surpreso. Por isso passa o dia blasfemando e se queixando, e pensa que seu irmão detido, cujo nome já não pronuncia, não está em condições de cumprir com suas obrigações de escriba.

— E por que nosso calígrafo, lá embaixo no porão, não faz outra coisa a não ser vomitar?

— Porque insiste em enfiar os dedos na garganta para vomitar tudo, com medo de morrer envenenado.

— Pois me parece uma boa coisa — ironizou Hamo. — Para Yarzinth, seria uma forma de se desembaraçar da obrigação de ter méritos como escriba.

— Cada um tem sua espada particular de Dâmocles suspensa sobre a própria cabeça — um rápido olhar agradeceu a Hamo a sugestiva proposta. Yarzinth dirigiu-se ao bispo: — Tenho uma boa notícia, Excelência, e outra ruim. A boa é que William de Roebruk acaba de chegar. A ruim é que as crianças vieram junto!

O silêncio estendeu-se no dossel.

— Tetlathi de Kradie? Aqui, em Constantinopla?

— Sua tia, a senhora condessa de Otranto, está chegando — na verdade, a notícia era destinada a Hamo, e Yarzinth se retirou com um fino sorriso.

O rapaz reagiu de imediato, invadido pelo pânico:

— Minha mãe? Quero fugir!

Ouviram batidas à porta, e Crean entrou.

— Pode dizer-me o senhor como seu cozinheiro pode saber o que os mexilhões conversam debaixo das águas do porto? Não será um espião?

— Saiba — respondeu o bispo, levantando-se, no meio das almofadas que um dia comprei-o de Olim. Iam lhe cortar a mão, por sua arte de

misturar venenos, um pé por ser ladrão fugitivo e um olho por ser falsificador; mas pensei que um ser tão útil, todo ele numa peça só, não deveria ser cortado em pedaços. Vem me servindo fielmente como cozinheiro, e devo dizer que valeu a pena. — Hamo desapareceu por uma porta lateral, exatamente antes que Laurence entrasse no quarto furiosa, sequer se incomodando de bater.

Viu o bispo em seu camisolão e passou direto por Crean, sem cumprimentá-lo.

— Que espécie de recepção é esta! — exclamou, indignada. — Pelo menos podia terminar de se vestir! Onde está Hamo?

— Há um minuto estava aqui, e agora chega você, caríssima tia — o bispo alegrou-se, ao ver a visitante. — Dis kai tris to kalon. — Lá embaixo, no vestibulo, os carregadores descarregavam com grande algazarra caixas e pacotes, o palanquim e os baús, os cofres de jóias e os sacos de roupa. O bispo lançou um olhar por cima da janelinha. — Vejo que pretende ficar só por alguns dias — sua voz demonstrava tristeza.

— O que desejo é voltar a afastar-me o quanto antes daqui — corrigiu a condessa, com aspereza. — Faça o favor de vestir-se, porque temos muito a conversar! E você, Crean de Bourivan, deverá estar presente.

O conselho de guerra reuniu-se num gabinete sem janelas, junto à câmara do tesouro. Gavin Montbard de Béthune, preceptor da Ordem dos Templários, fora apresentado à condessa, que gostou logo da sua forma segura de controlar a situação.

Gavin logo assumiu a coordenação da reunião.

— Uma vez que a senhora ancorou neste porto, e confesso que é preciso coragem para fazê-lo — dirigiu seu primeiro discurso a Laurence, será preciso colocar as crianças, junto com William, precariamente protegidos por enquanto, em terra firme, mas sem que sejam vistos.

— Não tenho nada contra — respondeu a condessa. — Digam quais as garantias que me oferecem e se podem mantê-las no futuro também!

— Nesta casa nada pode lhes acontecer — replicou o bispo, mas Laurence não pareceu ficar satisfeita com tal afirmação.

— Diz isso porque não conhece o poder concentrado e a infâmia dos homens do papa — censurou-lhe. — Esta não é uma fortaleza como Otranto, e o senhor não dispõe de um grupo armado como o que lenho em minha trirreme. E, no entanto, preferi levar as crianças, mas só para lhes garantir um lugar mais seguro.

— Ofereço segurança máxima. Esquece-se que aqui o catolicismo é so uma religião que professam os ocupantes, e que o povo pelo menos nos suporta, embora não sem reticências. Todas as forças vivas que habitam a cidade iriam se opor aos atacantes.

— Muito nobres os seus gregos — tentou mediar Gavin —, mas acho que o senhor subestima o braço oculto da Cúria, as intrigas que procedem do castelo Sant Angelo, a infâmia do "cardeal cinza". Bizâncio é exatamente esse charco turvo, onde as intrigas florescem como o musgo num ambiente de calor e umidade. — O preceptor deteve-se um instante para que a imagem surtisse efeito, antes de prosseguir. — Existe apenas uma organização que não somente está à sua altura, mas que inclusive lhe é superior porque não se encontra fora do império papal senão no seu próprio centro, e que reúne em seu seio, de forma ainda melhor que os senhores de Capoccio, o pater filiusque, o poder espiritual e o poder terreno, e sabe exercê-los, é a Ordem do Templo!

— Você não pode falar em nome da ordem, Gavin — interveio Crean com excitação difícil de conter. — Antes eu podia falar em nome da minha já que o grão-mestre do distante Alamut e todos os que conhecem o problema estão de acordo, não apenas de salvar as crianças, mas de elevá-las a um nível superior, até ver realizado o que já está decidido: o "grande plano"! Há também os "assassinos", dispostos a qualquer sacrifício para

garantir sua realização. — Crean respirou fundo e se viu obrigado a manter a compostura. — Os templários iniciados nessa união secreta, nossos irmãos, irmãos de sangue, que podem ter certeza de gozar de nosso máximo respeito, são muito poucos apenas...

— Pauci electi! — Gavin opôs-se ao veredito, mas Crean ainda não havia terminado:

— Quem lhe garante o que amanhã possa considerar oportuno outro mestre da ordem? A segurança que o senhor oferece tem os pés de barro.

— Eu não confiaria as crianças nem aos templários, nem aos "assassinos"! — interveio o bispo, em sua maneira impulsiva. — Não porque não confie neles, mas porque vejo que isso põe em risco a presença de uma instituição superior às diferentes partes: forçosamente, num caso o Islã, e no outro a cristandade! E preciso proteger o "grande plano", inclusive daqueles que contribuíram para desenvolvê-lo. Não se trata apenas da segurança externa das crianças, mas da sua realeza divina, da pureza do Santo Graal!

— O senhor me surpreende, Nicola — respondeu Gavin —, e me envergonhará que o tinha subestimado — o preceptor se pusera de pé e abraçou com grande espontaneidade o bispo. — Expus minha oferta, e meus cavaleiros, e o nosso barco estão à disposição, seja qual for a decisão! O bispo, então, respondeu:

— Gnothi seauton! Sou apenas um ser humano, além de um fraco, herança de um pai desconhecido; minha superficialidade domina sobre certas idéias profundas que me assaltam de vez em quando. Não sou suficientemente digno e forte, nem abnegado, para poder afirmar: "As crianças estão em segurança se ficarem aqui comigo!" Eu não posso carregar essa responsabilidade!

— E não quero suportá-la por mais tempo! — exclamou Laurence. — Não é que queira me desfazer delas, porque inclusive tenho carinho por elas, mas tampouco sou uma personalidade tão forte como pode parecer a muitos. Gostaria de voltar a levar uma vida normal, se é que há alguma coisa que possa classificar-se desse modo. Certamente foi um erro vir até aqui, romper o cerco e afastar-me da segurança que oferece Otranto, pondo as crianças em perigo; além disso, sinto-me insegura, não me considero à altura dessa missão!

— Estou impressionado — comentou Crean — de como os senhores estão superando um ao outro no reconhecimento de suas fraquezas, e a nobre virtude da humildade e a renúncia. Longe de mim a tentação de pensar que essa humildade representa a postura mais fácil, e que a fuga diante dos problemas presentes ou futuros não reflita mais que covardia e comodidade! A verdade é que o "grande plano" exige a coragem que possuem os leões e as águias! — Crean passou da ironia à determinação.

Peço-lhes que nos deixem tirar as crianças do espaço mediterrâneo, que confiem em mim. Eu as levarei a Alamut. Lá não apenas estarão seguras, como também lhes será oferecida a educação espiritual que precisam para assumir a responsabilidade, quando chegar o momento, da missão a que estão destinadas.

— Não — respondeu Gavin. — A coragem dos "assassinos" pode igualar-se à dos leões e das águias, mas pretendo que o destino das crianças seja confiado à sabedoria política de pessoas instruídas, que tenham também a coragem de ser covardes.

— Nada disso! — interveio Laurence. — As crianças devem aprender a amar a vida, não a

heróica morte que, supostamente, abre as portas do Paraíso.

— Não! — retrucou o bispo. — Do meu ponto de vista, Alamut fica muito longe e está mergulhado numa atmosfera sectária. Além disso, fica perto demais dos mongóis! No meu entender, o cordão umbilical entre o Oriente e o Ocidente continua sendo o eixo que une Constantinopla a Jerusalém. Exatamente o espaço mediterrâneo é o que mais precisa de um reinado de paz, e isto é exatamente o que espero conseguir, graças às crianças.

— Então, já posso ir embora — Crean levantou-se de um salto.

— Espere — disse Gavin —, devemos tomar uma decisão. O resultado de nossa seduta é o seguinte, até o momento: há dois partidos que querem a tutela das crianças, mas que não devem se responsabilizar por elas, e outros dois que estão com elas, mas que sentem medo. Proponho solicitar uma decisão superior, e que seja o quanto antes. Enquanto isso, as crianças devem ficar aqui, e nós uniremos nossas forças para garantir-lhes proteção. Proponho, além disto, que Crean de Bourivan embarque imediatamente para solicitar aos criadores do "grande plano" o dictum. Para isso coloco minha nau à disposição.

O bispo e a condessa concordaram, mas Crean objetou:

— Já expressei minha vontade, aliás, nossa vontade...

— Talvez o senhor possa falar em nome de seu chanceler — interrompeu-lhe a condessa com voz cortante —, mas em nome da Prieuré? Traga aqui seu pai, para decidir!

— John Turnbull pensa como eu — replicou Crean com amargura —, mas me submeto à sua vontade — inclinou-se ligeiramente na direção de Gavin — e lhe avisarei. Não necessito da sua nau!

Cumprimentou os presentes e quis deixar o aposento. O bispo o levou à porta.

— Mas William ainda vive — lhe contou, sussurrando — e ainda iremos precisar dele. Me kinein kakon eu keimenon. Por favor, trate de, por enquanto, nada lhe acontecer, pois sei que existe um nó no fio de sua vida.

— Então o senhor também saberá que uma vez pronunciado este veredito não há ser vivo que possa escapar da morte. O mais provável é haver ainda muito tempo que os perseguidores saíram para buscá-lo; talvez estejam aqui mesmo, em Bizâncio, entre vocês. De modo que são os senhores que devem cuidar para que não apareça ninguém que não conheçam.

— All'etoi men tauta theon en gunasi keitai! — O bispo mostrou seu desapontamento, e Crean afastou-se, apressado.

— Espero — proclamou Nicola delia Porta ao voltar — que ninguém tenha qualquer objeção contra colocarmos logo o verdadeiro William no porão, para que vá anotando o que Benedito lhe disser.

— E como este último, que involuntariamente leva o mesmo nome, vai reagir ao se ver confrontado ao seu original, e perceber, assim, que é uma "confusão" intencional o que lhe trouxe tantos desgostos? — quis saber Gavin.

— Deixe que digam o que quiserem; além disto, nenhum deles sabe nada da carta que lemos para Pian — esclareceu o bispo, tirando de novo sua língua viperina. — Deixem que se abracem como irmãos ou que arranquem os olhos um do outro: nada disso sairá das

paredes deste palácio. O importante é que escrevam essa deliciosa história dos mongóis para que Pian possa se sentir feliz. Neste momento dependemos mais do que nunca da colaboração de Pian, agora que as crianças estão aqui. Devemos nos ater aos fatos.

— Deixe-me enviar com seu major domus uma mensagem à trirreme, para que saibam que tudo vai bem.

Assim, o bispo enviou o seu cozinheiro ao porto com a tarefa de trazer consigo o monge William de Roebruk e as duas crianças, e introduzi-los, sem que fossem vistos, no palácio de Calixto; para o que seria preciso atravessar uns canais e depois instalariam a William no porão e as crianças no "Pavilhão das Perversões Humanas".

Crean alcançou rapidamente, com passos apressados, a trirreme atracada no cais do porto. Não descobriu William nem as crianças, mas viu Clarion vestida com roupa de freira e na companhia de suas "irmãs". Estavam sob o toldo da cabana, ajoelhadas, rezando as orações vespertinas. Crean demonstrou toda sua impaciência, até que a jovem abadessa se levantou e lhe fez um sinal para que se aproximasse.

— Se pretende pedir minha mão, Crean de Bourivan — tentava Clarion superar vaidosamente a timidez que a afetava cada vez que via aquele homem —, está chegando muito tarde. Fiz votos!

— Apesar disso, peço que venham comigo, você e as crianças — expressou Crean sua vontade, sem maiores rodeios. — Não estão em segurança aqui! Fugamos com elas!

Clarion continuava de pé, e naquele momento arrependeu-se de ter se levantado.

— Eu não tenho importância para você, só as crianças importam! A mim aceitaria por acréscimo, ou porque não teria outro remédio senão me incluir no plano, e talvez porque pudesse ser-lhe útil.

Crean não sabia o que responder: estava desgostoso com a tentativa malograda de chegar a um acordo com ela. "Mulheres!", pensou. Não bastava renunciar a elas como tais; o melhor era prescindir, inclusive, da sua colaboração em qualquer empreendimento.

— Dê-me as crianças! — insistiu, mas naquele instante apareceu Guiscard.

— Só passando por cima do meu cadáver, senhor de Bourivan!

Então Crean pôde ver que elas brincavam lá embaixo entre as banquetas dos remadores, absortas, com William, num jogo chamado "a galinha cega". Como haviam crescido desde a última vez em que as vira! O monge tinha os olhos vendados e tropeçava o tempo todo nos paus dos remos atravessados nas laterais.

Crean desistiu. Roç e Yeza já não eram aquelas crianças pequenas e desprotegidas para quem uma babá, embora fosse em forma de um franciscano gordo, pudesse ser a pessoa mais importante. Eram já tão grandes que seria preciso desistir de querer puxar as cordas de seu desuno, fosse num sentido ou em outro. Se estavam destinadas a algo grande, Deus as encaminharia ao lugar certo.

— Rezem por elas — disse de repente a Clarion, que parecia indecisa, e às "freiras" que a cercavam e que o olhavam com indagação. Depois afastou-se com um gesto brusco e abandonou a trirreme com a cabeça erguida.

Insha'allah! Ainda não chegara o momento em que ele, Crean, disporia do destino das

crianças, embora não tivesse dúvidas do que seria o melhor para elas: haveria de pôr um fim o quanto antes em tantas mentiras e aos falsos protetores!

Ficou observando os barcos atracados no porto. Rapidamente descobriu um veleiro mercante egípcio, que exibia acintosamente a bandeira verde do Profeta. Seus proprietários, dois comerciantes árabes, estavam na coberta tomando chá. Crean sentou-se em silêncio junto a eles e compartilhou a infusão quente. O cheiro da menta fresca subiu-lhe como uma cócega agradável ao nariz.

— As-salamu 'alaina.

— Wá 'ala 'ibadillahis-salihim.

— É a vontade de Alá — comentou Crean, calmamente — que se cumpra o que disse o Alcorão — os dois árabes assentiram com um gesto apenas perceptível. Crean esperou um tempo, por prudência, e depois prosseguiu: — Preciso de um barco para voltar com urgência à casa, e rogo-lhes que me deixem ir no de vocês.

O muçulmano mais velho, de suíças bem aparadas, agarrou o bule de chá de cobre e se serviu de um pouco mais de chá.

— Pode dispor dele — depois de trocar um breve olhar de assentimento com o jovem, acrescentou ainda: — Precisamos saber se vai precisar de provisões e presentes, para que possamos trazê-los enquanto buscamos hospedagem no porto.

— Espero — disse Crean — que meu desejo não influencie no sentido oposto, ou que chegue mesmo a ser um obstáculo para suas intenções.

-Allah karim. Isso está nas mãos de Alá! Só Ele pode parar nosso braço, não você, estimado senhor!

Os dois muçulmanos levantaram-se e inclinaram-se respeitosamente diante de Crean, depois bateram palmas e chamaram os escravos para recomeçarem o trabalho.

XI - NO LABIRINTO DE CALIXTO

O Pavilhão das Perversões Humanas

Constantinopla, palácio de Calixto, verão de 1247 (crônica)

- Sigam-me os senhores, por favor. — O indivíduo careca com um nariz que aumentava de maneira estranha sua testa se apresentara na companhia de Clarion, na coberta de remadores dos lancelotti, e seu convite amável se dirigia a mim e às crianças. Eu não o tinha visto até que, cansado do jogo, libertei-me da venda que me cobria os olhos.

Clarion dirigiu-me um olhar alentador.

— Yarzinth os levará até o palácio do bispo sem que sejam vistos, podem confiar nele! — instruiu mais a Roç e Yeza do que a mim, que de qualquer maneira não podia fazer outra coisa senão ir atrás deles.

Mesmo sem certeza absoluta, aquele Yarzinth parecera meio suspeito; em seu rosto liso e imberbe boiavam olhos inexpressivos, e seu olhar era fixo: olhos de peixe! Mas talvez fosse a ausência total de sobrancelhas o que o caracterizava de uma forma tão desagradável e fazia parecer horrível seu crânio afechado. As crianças subiram rapidamente à popa e apenas pude segui-las. Clarion os abraçou, e as "freiras", sem interromperem seus salmos, não puderam reprimir um gesto triste de despedida, pois todas tinham se afeiçoado a Yeza e a Roç. E assim deixamos a trirreme, e Yarzinth seguiu em direção a um armazém em ruínas que se erguia na frente do cais, sobre uma palafita. Alguns ratos fugiram com a nossa chegada pelo pátio posterior, coberto de restos de comida, mostrando ao passarem onde estava a fedorenta entrada da canalização.

Mas nem Yeza nem Roç correram atrás; só eu tampei o nariz e temi pelos dedos nus de meus pés, que saíam das sandálias. Yarzinth ia na frente e segurava as crianças pela mão, servindo de apoio firme em meio ao lodo. Roç levava preparado o arco e as flechas, e Yeza agarrava com força o punhal, embora os ratos não nos atacassem, apenas se afastavam guinchando pelos corredores escuros do esgoto, cujas águas borbulhavam a nossos pés, fluindo por um leito estreito que escorria na direção do mar. Depois de avançar uns trezentos metros no mais completo silêncio, Tateando pelo lodo escorregadio Yarzinth desviou-se para um lado. Naquele lugar a água estava clara e lavou nossos calcanhares; o corredor ficou mais estreito e subia de modo irregular, traçando curvas até chegar a uma espécie de muro que interceptava o caminho. Mas nas paredes havia um tambor de grades, dotado de dentes afiados, que girava com estrondo, empurrado por uma roda de alcatruzes impulsionada por aquelas águas transparentes que saíam ruidosamente de uma abertura no meio da parede. Uma escadinha de ferro servia para se atravessar o obstáculo.

— É uma barreira contra os ratos? — perguntei, com humor.

— É isso — respondeu-me nosso cicerone naquele inferno —, mas também está destinada aos bípedes pensantes. — Subi escalando atrás dele.

— Tenha cuidado, não é exatamente uma carícia agradável para os pés — observou Yarzinth, tão amável como sempre.

Ajudei as crianças, que pareciam muito impressionadas, mas nada atemorizadas, e agarrei-as firmemente pelas mãos, até que Yarzinth as segurou com firmeza em cima do muro.

Depois de alguns degraus, nos encontramos no alto de um dique que continha uma represa. Pareceu-me um dique excessivamente grande para aquele riachozinho que se via embaixo, atravessando uma abertura na base. Além disso, havia uma grossa viga dupla de carvalho, pendurada por uma corrente, que representava o fechamento da represa, mas que naquele momento estava levantada. Eu esperava chegar na beira de uma cisterna, no entanto o espaço que vimos quando voltamos a descer o dique pelo outro lado estava completamente seco. O que encontramos foi uma grade de ferro cheia de pontas salientes para dentro e para fora e que impedia nossa passagem. Pareceu-me uma gigantesca armadilha para animais selvagens, e também observei a existência de uma porta de duas folhas, igualmente cobertas de pontas, que parecia a boca aberta de um lobo, apavorante, que se dispunha a fechá-la sobre nós.

— Não é problema quando se conhece o segredo! — resmungou Yarzinth, e colocou sem medo a mão entre os ferros. A porta girou sem fazer um som em torno de seu eixo central e deixou livre a passagem. — Você primeiro, senhor! — convidou-me a passar. — Cuidado, não pise no umbral! Às vezes se fecha, não se deve confiar nele.

Duvidei um instante e meu coração acelerou como o de uma pobre toupeira que estivesse entre dois ouriços, mas ele pegou-me pela mão e avançou comigo. Para maior segurança, Yarzinth levantou Yeza nos braços e atravessou o umbral.

Encontramo-nos em seguida num recinto cujo teto baixo era de pedra e que podia ser tocado com a mão. Parecia apoiado sobre uma coluna artística que, se observada de perto, revelava ser um enorme tubo de cobre que terminava um pouco acima do chão, de modo que parecia suspensa ao teto. O aposento estava inteiramente vazio, só o atravessava uma pequena canaleta, pela qual corria uma água cristalina.

E, no entanto, de alguma forma obscura me lembrou uma câmara funerária, ou, pior ainda, um lugar de sacrifício: só faltava ver sangue naquela canaleta de escoamento. "William", disse a mim mesmo, "que pensamentos mais idiotas e primitivos o atormentam!" Depois vi, no outro extremo da câmara, algo que não me ajudou muito a melhorar o ânimo, pois observei tratar-se da mesma combinação de grade de ferro denteada com um muro pesado atrás. Como se tivesse percebido meu mal-estar, nosso guia achou por bem dar-nos uma explicação:

— Aqui estamos exatamente embaixo da fonte de Nêmesis. Este aposento pode ser inundado até o teto, quando então se dá uma pressão, que provoca a saída de uma incrível fonte: um jato de água por este tubo em direção ao alto — nos esclareceu Yarzinth, com ar de conhecedor. — Em cima, no templo, foi colocada sobre uma pedra a pesada estátua de bronze da deusa.

— Mas se houver alguém trancado aqui dentro — concluiu Yeza — e descer toda essa água, que aconteceria?

— Vai se encolher como um rato, sair em disparada pelo túnel e voar direto para o céu! — Yarzinth tinha uma forma comovedora de conversar com aquelas delicadas almas infantis.

— Os ratos não voam — retrucou Roç —, e se não deixam entrar aqui os ratos seria melhor que as pessoas também não entrassem.

— Para isso existem as grades — confirmou o careca, satisfeito de ver que o entendiam —, para que ninguém possa fechar a cisterna sem estar autorizado.

E mostrou-nos a parte final da corrente de ferro, onde estava pendurado o pedaço de carvalho destinado a fechar a cisterna. Só então pude perceber que a corrente ficava presa a um gancho amarrado ao chão e seguia por cima da grade denteada para chegar a uma roldana situada mais acima.

Mas Yeza não desistiu de sua curiosidade.

— Se for assim, seria melhor que a grade estivesse diante da porta que fecha a passagem da água — e apontou com o punhal para atrás, com ar um tanto insolente.

— A verdade — disse Yarzinth, meio irritado — é que as coisas são como são, e além disso este sistema já não é mais utilizado. É da época do Império.

— Não acredito que fossem bobos naqueles tempos — acrescentou Yeza, bastante chateada, e não deixou mais que Yarzinth a levasse nos braços quando atravessamos a segunda barreira; em vez disso, observou com muita atenção o movimento de seus dedos que desativaram o mecanismo mortal.

— Se não se sabe como funciona — disse em voz baixa —, fica-se aqui preso para sempre.

Uma vez mais subimos por uma escada de pedra e chegamos no alto de outro dique. Mas o muro não tinha saída, e a água vinha a nosso encontro fluindo como uma película plana sobre as escadas, até que nos encontramos diante da visão mais maravilhosa que uma obra humana pode oferecer à vista! Virgem Santa! As crianças haviam se adiantado a passos rápidos, mas elas também ficaram imóveis, cheias de admiração e assombro.

A visão era realmente de um conto de fadas: um lago escuro e enorme, de onde surgiam umas colunas, como só se vêem nos templos: centenas de colunas iguais, dispostas em fileiras, sustentavam uma abóbada, cujas dimensões o olho não podia abarcar na semi-escuridão; da abóbada caíam algumas gotas, em sucessão lenta e desigual, que iam dar no espelho calmo do tanque. O tempo ali respondia ao necessário e lento fluir da hora universal; a percepção da eternidade afastava a pulsação da cidade que se erguia acima, e a correria dos indivíduos perdia o sentido.

— E a cisterna de Justiniano — explicou Yarzinth, e conduziu-nos com cuidado pela margem, até chegar a um barco que estava a nossos pés. — Cada família tem seu barco escondido em algum lugar — informou-nos enquanto avançávamos em meio ao labirinto de colunas, ele de pé na barca, a movendo através da água com a ajuda de uma grande vara —, razão pela qual se celebram aqui embaixo violentos combates aquáticos, nos quais só é permitido utilizar estas estacas, nunca um punhal! — Yarzinth piscou com alegria para Yeza. — Também é proibido, sob pena de morte, abandonar um cadáver na água!

— Posso usar as flechas? — quis saber Roç, um pouco intimidado.

— Não convém, porque podem abrir feridas, cujo sangue sujaria a água — esclareceu Yarzinth.

Mas Roç não desistiu facilmente:

— Sabia que as flechas — e apontou com uma delas o ventre de Yarzinth — também podem ser disparadas de modo que o ferido sangre por dentro? Foi Guiscard que me disse. — Guiscard era, na opinião das crianças, uma autoridade máxima, ao menos no que se referia ao uso de armas.

Yarzinth, que parecia estranhamente afetado pela idéia, opôs-se a ele:

— Mas, então, teria de tirar o morto daqui e levá-lo nos braços, de modo que não recomendo.

— Não tinha intenção de fazê-lo — garantiu-lhe Roç.

Assim, chegamos a um cais escavado na pedra: alguns degraus conduziam diretamente a uma entrada estreita, vista através da meia altura do muro.

O corredor alargava-se depois de um ou outro ziguezague desorientador, até desembocar numa gruta que parecia ter várias saídas; de qualquer modo, via-se por toda parte aberturas, que poderiam ser locais de fuga. Pudemos vê-las graças à luz da tocha acendida por Yarzinth quando chegamos a seu interior, pois até então, e inclusive na cisterna, sempre tínhamos nos movido sob uma luz difusa que chegava de alguma parte, o que fazia com que nunca tivéssemos a sensação de uma escuridão total, sensação que eu temia mais que a estreiteza de um aposento visível.

As crianças pareciam estar gostando daquela viagem pelo mundo subterrâneo.

— Somos ratinhos — cantava Yeza. — Somos ratinhos vivemos em um-dois-três-quatro buraquinhos/ e o gato nos espreita, nos espreita, nos espreita, embora saibamos escapar: um-dois-três-quatro! para continuar vivendo/ em nossos quatro buraquinhos!

Assim ficamos vagando, como fantasmas, à luz vacilante da tocha de breu, atravessando covas e catacumbas, passando diante de sarcófagos podres e pinturas pálidas, que nos olhavam das paredes, debaixo de sinais e números gravados na rocha, que representavam juras de namorados e súplicas de fugitivos e condenados. De repente nos encontramos diante de uma escada em forma de caracol pela qual Yarzinth subiu para abrir um alçapão em cima das nossas cabeças. Subimos por uma espiral de pedra e chegamos a uma sala circular iluminada pela luz do dia, embora não tenha visto nenhuma janela que desse para fora.

— Bem-vindos ao "Pavilhão das Perversões Humanas"! — anunciou formalmente Yarzinth, e inclinou-se diante de nós logo que surgimos do alçapão.

Gostei da forma com que estava decorado o aposento, pois nunca vira coisa parecida. O chão era de mármore e estava coberto de tapetes com desenho oriental; no centro havia alguns deles, amontoados, parecendo grandes túmulos, entre os quais havia várias mesinhas baixas de madeira de ébano enfeitadas com fina marchetaria de chifre e nácar; ainda, tabuleiros de chapa de cobre lavrada, além de finos suportes para lamparinas de azeite que ostentavam ricos arames de prata trançados com pedras artisticamente

incrustadas. Para nossa maior comodidade, havia até uma banheira de metal, alguns caldeirões sobre brasas de carvão vegetal e outras travessas grandes, onde boiavam pétalas de rosas, e jarrões de água para que nos refrescássemos. Em toda a circunferência da sala havia armários embutidos de madeira ricamente lavrada. Mais acima começava a obra de pedra filigranada, através da qual a luz se filtrava, dando a impressão de se estar numa alegre praça de jardim. Yarzinth tocou com os nós dos dedos numa das portas do armário — e daí surgiu Hamo!

Não nos víamos desde aquela horrível avalanche nos Alpes, e isto já fazia quase dois anos. Tinha, portanto, completado dezoito anos e era um homem jovem, confirmado pelo bigodinho que enfeitava seu rosto. Eu agora o via, depois de ter escutado a confissão de Laurence, com olhos bem diferentes: Haino, l'Estrange! De qualquer modo, a partir de então sempre o acharia ainda mais estranho do que já me parecia em nosso primeiro encontro, em Otranto.

As crianças não explodiram exatamente em gritos de júbilo.

— Sem bigode você ficava mais bonito! — o alfinetou Yeza com frieza; Roç insistiu:

— Clarion também não vai gostar! Hamo sentia-se confuso.

— Por que ela não veio com vocês? — perguntou-me, mas Yeza me dispensou de qualquer explicação:

— Virou freira!

— Não acredito! — deixou escapar o filho da condessa, razão pela qual vi-me obrigado a intervir, para que não surgissem mal-entendidos.

— Só veste o hábito para evitar determinadas investidas neste porto cheio de pecados, onde se usa um tom grosseiro e bastante insistente com as moças bonitas. Assim fantasiou-se de Noiva de Cristo, em peregrinação aos Santos Lugares.

— Só a nossa condessa pode ocorrer tal idéia de travestismo!

— O hábito não lhe cai mal — assegurei.

Neste momento, interrompeu-nos Yarzinth, dirigindo-se às crianças:

— William agora me acompanhará. Vocês irão descansar!

Mas não conhecia bem aquelas crianças rebeldes. Rente à sua cabeça, uma flecha grudou no painel da parede. Yarzinth, sem desistir, empurrou-me por uma porta secreta, e fechou-a com chave, justo antes que o punhal de Yeza cravasse na madeira.

Demos meia-volta em torno do pavilhão, pois ainda continuávamos prisioneiros de suas paredes nas quais se entrelaçavam galhos e frutas moldadas na pedra que rodeavam a sala como um roseiral. Não podíamos olhar para dentro, mas os gritos excitados das crianças demonstraram que minha silhueta continuava, durante algum tempo, visível para eles.

Nosso caminho levou-nos para cima; voltamos ao corredor que tínhamos atravessado ao chegar e depois voltamos a descer umas escadas. Às vezes eu tinha a sensação de que estávamos voltando pelo mesmo caminho; outras, via de um lado as paredes interiores, e em outra ocasião os muros exteriores do pavilhão, sem que me parecesse ser possível encontrar uma saída daquele labirinto circular de pedra construído em três dimensões.

— Tenho a impressão de que aqui poderíamos morrer de fome, como piolhos abandonados! — resmunguei.

Yarzinth sorriu ao me ver tão intimidado.

— Estamos nos dirigindo diretamente para a cozinha.

Abriu umia portinhola na parede e, sem que nos vissem, pudemos observar de cima, através do vapor que subia dos caldeirões e panelas, como trabalhavam cozinheiros e ajudantes.

— Este é o meu reino — disse Yarzinth com orgulho —, embora a você esteja vedado. Para você sou um anjo com uma espada de fogo: cada vez que encontrá-lo na cozinha vou cortar-lhe um dedo!

Eu não sabia se ele estava brincando, mas, na dúvida, decidi não arriscar.

Yarzinth conduziu-me pelo caminho mais curto que dava em um sótão de altas abóbadas. O aposento estava todo caiado e a luz entrava pelas aberturas dos arcos; estas aberturas sequer tinham grades, porque ficavam muito no alto.

Junto a uma mesa cheia de pergaminhos, estava sentado um frade, que viu-me chegar com expressão de esperançosa humildade.

Yarzinth fechou a porta atrás de mim e trancou-a por fora. Eu tinha certeza de que continuavam nos espionando.

— Sou Benedito da Polônia — disse aquele homem pálido que vestia roupa de franciscano e me olhava com timidez.

-Você não foi com Pian? — ocorreu-me indagar.

— Não, William, foi você!

Então ele me conhecia. Em função disso, tentei corrigi-lo:

— De fato, estava previsto que eu o acompanharia, mas...

— Nada disso: você esteve com ele na corte dos mongóis, e uma vez que ele lhe ditou suas impressões durante toda a longa viagem, agora deverá colocá-las por escrito!

— O quê? — perguntei, completamente desconcertado.

—A Ystoria mongalorum do famoso irmão Giovanni Pian de Carpine!

— Mas se eu... — quis me defender — se não sei nada de tudo isso! - Mas Benedito prometeu-me, com amabilidade suspeita:

—Vou ditar tudo a você, William, tudo! William de Roebruk, você deve apenas colocar a pena na tinta; já alisei o pergaminho na mesa para você. Finalmente você vai colocar por escrito o que o mundo todo está esperando: você e o informe da sua gloriosa missão!

— E se eu me negar a fazê-lo? — Logo que esta possibilidade me ocorreu, já a expressava em voz alta.

— Nesse caso — disse Benedito —, acho que não nos darão nada para comer!

O argumento caiu como um raio, de forma que me aproximei da mesa de escritório e afiei a pena.

— "A todos os cristãos" — ditou-me Benedito — "em cujas mãos chegue este escrito do irmão Giovanni Pian de Carpine, da Ordem dos Frades Menores, legado da cadeira apostólica que foi enviado, como embaixador, aos povos tártaros e demais nações do Oriente, ele mesmo deseja que caia sobre eles a bênção de Deus nesta vida, assim como a glória da vida eterna, e que possam assistir a vitória definitiva sobre os inimigos de Deus e de Nosso Senhor Jesus Cristo.

"Quando nos encaminhamos, por ordem da Santa Sé, ao país dos tártaros e às demais nações do Oriente, e nos comunicaram da vontade do papa e dos veneráveis cardeais, decidimos por nossa livre vontade nos dirigir inicialmente ao país dos tártaros. Nosso temor era de que eles pudessem ameaçar, num futuro próximo, à Igreja de Deus. E embora tivéssemos medo de sermos mortos pelos tártaros ou outros povos, ou que nos detivessem eternamente na prisão, ou que nos maltratassem, deixando-nos com fome, sede, frio e calor, dispensando-nos um tratamento indigno e nos impondo esforços excessivos que sobrepassassem nossa resistência — e tudo isto, exceto a morte ou a prisão eterna, viemos a padecer, na verdade em maior medida do que achávamos possível —, não duvidamos em carregar a dita carga sobre os ombros, pois tentávamos cumprir a vontade de Deus, seguindo o mandamento do papa, para ver se podíamos, de algum modo, sermos úteis aos nossos fiéis. Pelo menos queríamos tentar descobrir os projetos verdadeiros e as opiniões autênticas dos tártaros, para revelar tudo de modo que eles, se decidissem efetuar uma vez mais uma invasão de surpresa, não encontrassem indefesos os cristãos. Como ocorreu, aliás, em algum momento do passado, como castigo pelos pecados dos humanos, pois sabemos que, tempos atrás, nos infligiram uma grande derrota, produzindo-se, então, uma grande matança entre os cristãos. Por essa razão devem acreditar em tudo o que escrevemos aqui, para que saibam mais coisas, e como advertência, ainda mais que viajamos durante um ano e um pouco mais de quatro meses pelas terras dos tártaros, e boa parte acompanhados deles, quer dizer: convivemos com eles, e vimos tudo com nossos próprios olhos, ou pelo menos fomos informados por alguns cristãos que ali estão prisioneiros, e que vivem com eles e que, na nossa opinião merecem crédito. Nosso Sacerdote Supremo também encarregou-nos de estudar e explorar tudo com muita atenção, e que prestássemos atenção a tudo, por mais insignificante que fosse. Como o nosso irmão na ordem William de Roebruk, nosso companheiro em todas as vicissitudes, e intérprete, com todo o afã..."

— Espere! — interrompi. — Eu não posso escrever isso!

— Precisa escrever, William, terá de fazê-lo!

— E por que não mencionar então o nome dos dois, já que você não desapareceu? — rebelei-me contra tanta falta de lógica.

Mas Benedito respondeu:

— Sim, eu sim desaparecerei. Primeiro eu, depois você! Se escrever meu nome, irão apagá-lo. O seu, ao contrário, ficará do mesmo modo que o dos infantes reais que você acompanhou à corte do Grande clã. Esta é a Ystoria!

Sua humilde resignação irritou-me.

— Está bem — eu disse em voz alta para que um eventual espião pudesse escutar —,

escreverei o que você me ditar! — Mas a verdade é que escrevi foi o nome "Benedito da Polônia". E ele continuou:

— "E embora façamos anotações para satisfazer a curiosidade de nossos leitores sobre alguns detalhes de assuntos desconhecidos em nossas regiões, nem por isso devem pensar que somos mentirosos. Pois só os informaremos daquilo que bem vimos com nossos próprios olhos ou então escutam os relatos como fatos verídicos por outras pessoas que consideramos dignas de crédito. Seria muito cruel que alguém fosse insultado por pretender o bem dos outros."

Interrompeu-nos a entrada de Yarzinth, com o jantar que trazia para Benedito.

— Quer me envenenar outra vez? — Meu irmão polaco inspecionou com desconfiança o prato com sopa quente que expelia fumaça e as travessas com salada e carne fria. Também havia queijo e frutas. Eu tinha a boca cheia d'água; certamente devo ter ficado olhando aquelas iguarias com expressão de avidez.

— Você hoje jantará com as crianças pela última vez, William, não há outra forma de tranquilizá-las — disse Yarzinth com expressão de censura. — Será assunto seu fazer com que compreendam que nos próximos dias você terá muito trabalho pela frente — e apontou com o queixo um segundo catre que já estava preparado para mim —, de modo que não poderá trabalhar de ama-seca!

— Mas alguém precisa cuidar delas! — rebelei-me. — Surpreende-me que ainda não tenham vindo para cá.

— Ninguém que não conheça a travessia do labirinto de olhos fechados consegue abandonar o pavilhão.

— Não conhece muito essas crianças — respondi-lhe com expressão triunfante.

Yarzinth sorriu, com pena.

— Uma vez na prisão, o problema dos prisioneiros não é como entrar, mas como sair! — e mostrou a existência de um buraco na parede do sótão que se estreitava em direção a um escuro corredor formando uma espécie de funil. — Essa "última fuga" só é útil para um prisioneiro que tenha perdido as carnes. — Olhou para mim e para Benedito como se quisesse calcular nosso peso.

O homem não me inspirava confiança. Eu me via de repente na sua cozinha, onde ele me cortaria os dedos e me colocaria num enorme caldeirão, ou olhando de cima pelo alçapão, ele me obrigando a pular...

— Antes de devolvê-lo ao pavilhão — o cozinheiro fez-me voltar à realidade —, Benedito poderia satisfazer minha curiosidade.—Tirou uma garrafa tampada com rolha que trazia debaixo do avental e a pôs diante de si. — Como é possível que Pian de Carpine nunca tenha sabido durante toda a viagem que você não sabe escrever, Benedito? — O polaco tinha a boca cheia de salada e uma coxa de frango assado, muito apetitosa, atravessada entre os dentes, de modo que seu relato entre dentes só chegou em pedaços a meus ouvidos.

— ...fazendo anotações...Pian achava... escritura secreta... eu desenho bonecos, círculos, cruces... Ele pergunta: "Anotou tudo?" ... E digo: Não posso me concentrar se me olha por

cima do ombro, preciso de um isolamento meditativo... Ele insiste: "Leia o que você escreveu até agora!" E eu "leio" à luz da vela, e Pian se mostra mais e mais feliz quando se lhe repete a elegância de suas expressões, a agudeza de suas observações e a genialidade das conclusões que é capaz de tirar de tudo o que ocorreu. Enquanto lhe recito de cor seus pensamentos mais profundos, e os lampejos espontâneos de sua mente, sente-se emocionado e chora muito. Nos complementamos da maneira mais feliz: ele não se lembra de nada e eu tenho uma memória como a do próprio Deus-Pai!

—Vai lhe fazer falta — garantiu-lhe Yarzinth com voz maliciosa —, porque desta vez creio que vai querer, sim, ler suas heróicas lendas vividas entre os selvagens tártaros.

Benedito tentou responder ao cozinheiro, mas depois engoliu a resposta com o último pedaço de peito de frango e enxaguou a boca com o vinho oferecido.

—William — dirigiu-se a mim com um arroto de satisfação —, sinto-me aliviado agora que você está colocando tudo por escrito!

Eu não me sentia capaz de compartilhar da sua felicidade, pois os dedos me doíam, razão por que me senti muito contente de que me devolvessem ao pavilhão. Também desta vez não consegui me lembrar do caminho que Yarzinth percorria comigo; ele, ao contrário, parecia seguir com a segurança de um sonâmbulo.

Não me agradava depender dele a esse ponto; de todo modo, a verdade era que por minha própria vontade nunca teria incursionado por aqueles corredores subterrâneos. Nunca!

Também me pareceu ouvir o uivo, o grunhido ou o coçar-se de algum animal selvagem. Existiriam ali embaixo cervos malignos de esgoto, dragões ou algum outro anfíbio gigantesco? Pareceu-me preferível que me precedesse o cozinheiro.

— Diga-me a verdade sobre a câmara fechada com grades! Yarzinth não se virou:

— O balaneion! Nós o chamamos de "o banho dos mil pés"! — Sua voz mostrava uma leve ironia, que me fez estremecer naquele ambiente de curvas misteriosas pelas quais nos movíamos no labirinto. — É evidente que era um lugar de morte, destinado sobretudo às execuções em massa organizadas no caso de rebeliões populares, ou para os prisioneiros de guerra, pelos quais ninguém queria pagar resgate. E fácil colocar ah umas quinhentas pessoas de uma vez, daí o nome de "banho dos mil pés!" — Parecia-lhe uma invenção engenhosa. — Deve ter visto a corrente. Claro que não estava ah onde está agora, mas por fora, diante da grade. Uma vez cheio o recinto, fechava-se a comporta...

— E o tubo? — perguntei, com a voz cheia de espanto.

— Quando saía um jato de água pela parte de cima, todos entendiam que a sentença tinha sido executada. A água não sai até que tenha escapado todo o ar.

— Que horrível! Como pode um ser humano...

— Polia ta deina k'uden anthropu deinoteron pelei: não existe maior monstro que o ser humano.

Entramos no pavilhão, sem fazer barulho, pela porta de um armário, e Hamo, que ficara nos esperando à luz de uma lamparina de azeite, levantou-se assustado do assento. As crianças tinham dormido; pelo menos pareceu-me que dormiam profundamente.

Sentia-me desgostoso comigo mesmo por minha incapacidade manifesta de memorizar as

entradas e saídas do pavilhão. Assim, observei a Yarzinth:

— Aquele buraco na parede, essa saída direta do sótão que também é para qualquer prisioneiro um convite à fuga, suponho que também desemboca aqui mesmo, mas que armadilha possui?

— Muitos ganchos! — murmurou Yarzinth. — Foi construída para que se alguém entrasse não pudesse voltar nunca. Em suas estreitas paredes há pontas e lâminas elásticas inseridas com suportes de couro. Quando uma pessoa avança, elas se adaptam amavelmente ao corpo, mas ao mais leve movimento de recuo se cravam na carne do fugitivo. Só os ratos e os cachorros de patas curtas são capazes de passar por baixo de seus fios. Ao que parece, este pavilhão era utilizado para abrigar os cães de caça, que assim tinham acesso às vítimas torturadas e reclusas no sótão.

— Então havia motivo suficiente para que um prisioneiro tentasse fugir.

— Se soubesse o que o esperava no pavilhão... — e de novo uma centelha demoníaca passou pelos olhos do cozinheiro. Sua careca brilhava à luz suave da lamparina; seus olhos pareciam pedaços de carvão incandescente inseridos em concavidades profundas.

— Amanhã de manhã virei buscá-lo, William — sua voz pareceu-me a do próprio diabo, ou pelo menos a de um carrasco! Yarzinth retirou-se através de um dos painéis e me pareceu que, desta vez, escolhia outra porta.

— O "Pavilhão das Perversões Humanas" não é um acesso que serve para a conquista do palácio, senão o nó que comunica todos os caminhos de fuga que saem do mesmo — explicou-me Hamo em voz baixa. — Claro que quem os conhece pode tomar essas mesmas vias também em direção contrária, mas, à mais leve distração, pode ficar preso em alguma das muitas armadilhas mortais que estão dispostas.

— Eu não quero fugir, Hamo — sussurrei-lhe —, quero ficar e cuidar das crianças!

— Eu, sim, gostaria de fugir, William — confiou-me —, mas não saberia aonde ir.

— Eu também me sinto assim — tentei consolá-lo enquanto me cobria com a manta.

Quando fui apagar a chama, meus olhos caíram sobre o rosto de Yeza. A menina piscou-me um olho; estava perfeitamente acordada e com toda certeza havia aguçado o ouvido. Ameacei-a com o dedo e apaguei a luz.

Venerabilis

Constantinopla, outono de 1247

O calor poeirento e paralisante do verão bizantino dera lugar a uma reconfortante e alegre estação outonal. As nuvens ascendiam do mar de Mármara para descarregar seu precioso líquido sobre as colinas da cidade situada junto ao Bósforo.

O bispo, ao voltar da residência de verão para o palácio de Calixto, confirmara que o trabalho de redação que realizavam os franciscanos no sótão prosseguia e que as crianças estavam bem; também tinha sabido qual era o humor de sua tia Laurence. A visita imprevista da velha 510 senhora fora certamente a razão mais importante para que Nicola delia Porta decidisse retirar-se para sua outra residência, embora também ali tivesse hospedado um hóspede involuntário, a quem dia após dia era preciso convencer, oferecendo-lhe para isso provas convincentes de que os frades no sótão continuavam escrevendo até que os dedos doessem, aflitos para terminar o quanto antes a *Ystoria mongalorum* de Pian de Carpine. A finalidade era, exatamente, que o missionário e viajante nas terras do Oriente pudesse apresentar-se o quanto antes diante do papa.

O bispo deixara Pian naquela residência aos "cuidados" de outros hóspedes lá alojados: nada menos que uma delegação de templários sob o comando do seu preceptor, Gavin Montbard de Béthune. Para Nicola delia Porta, a presença dos cavaleiros da ordem era algo apaziguador, embora sua manutenção lhe custasse bastante. Mas ele era rico e podia permitir-se a isso; dados os difíceis tempos que esperavam o Império Latino em Constantinopla parecia-lhe muito importante dispor de certa proteção. Num futuro próximo, o palácio do bispo podia muito bem ser o cenário de violentas controvérsias. De modo que lhe convinha aproveitar as agradáveis jornadas que aquele veranico de São Martin lhe permitiam ainda.

Convidara tia Laurence para que o acompanhasse ao hipódromo, porque pensou que ali lhe seria mais fácil suportar sua presença. E assim ocupou o palanque sombreado junto à condessa e sua filha adotiva, Clarion, que continuava usando indumentária de freira enquanto permanecia ali. O palanque ficava situado pouco antes da curva norte, à altura do pequeno obelisco de Teodósio, e assim podiam perceber o odor penetrante que expeliam os cavalos e seus excrementos, e o couro, assim como os cavaleiros quando passavam rápidos e banhados de suor para se juntarem à entrada da curva na pista interior onde se aglomeravam, distribuindo pontapés e chicotadas. Depois chegavam os segundos intermináveis em que teria de esperar — sobretudo ele — submetido a toda espécie de torturas, para saber se o cavaleiro e o cavalo nos quais havia apostado estavam entre os que caíram ou não. E assim uma volta após a outra. O bispo dava pulos e gritava como uma criança, embora ninguém prestasse atenção ao seu comportamento: todos tinham feito suas apostas, inclusive tia Laurence. Ao fim, Nicola pôde respirar aliviado: seu cavalo entrara na reta, embora com a sela vazia, sem que se visse onde fora

parar o cavaleiro.

— Tes d'aretes hidrota theoi proparoithen ethekan: os deuses dispuseram que antes da vitória está o suor. - A condessa seguiu vitoriosa, embora apenas por duas voltas mais.

— Athanatoi makros de kai orthios oinos es auten — completou o bispo com malícia. As cores da condessa não estavam entre os que, acompanhados de uma gritaria ensurdecedora, cruzaram a linha de chegada.

- Nike, Nike! Vitória para são Francisco e os seus! — irrompeu urna voz que fez com que ambos se voltassem. Um monge empurrava a todos para entrar no palanque. Era Lorenço de Orta, legado papal que já no ano anterior tinha estado na residência do bispo, e a quem também a condessa conhecia de Otranto.

— Desde quando se permite aos frades menores apostar em corridas de cavalos? — cumprimentou-o Laurence com voz rancorosa, pois ainda não tinha superado a derrota.

— Bucéfalo é o nome do maravilhoso cavalo — respondeu-lhe um Lorenço radiante — que come sua forragem em nossa paróquia. São Francisco, padroeiro dos animais, eu agradeço!

Os três se afastaram um pouco para dar-lhe lugar.

— Como é que voltou a esta pecaminosa cidade de Bizâncio? — perguntou o bispo, com um tom amável e paternal.

— Não saiu o senhor navegando de Otranto para se apresentar diante de vosso senhor, o papa? — interrogou-o também a condessa, com voz incisiva.

— Assim o fiz! — sorriu Lorenço. — Desta vez venho acompanhado, embora devo confessar que, por iniciativa própria, o emissário especial do rei Luís de França, o senhor de Joinville — declarou aos borbotões — que chega em missão secreta a esta cidade para averiguar certas coisas — depois baixou a voz. — O conde vai averiguar, logo que chegue o irmão Pian de Carpine, quem acompanhou este ao país dos mongóis, o que aconteceu com essas crianças que, segundo consta, um tal de William levou assim mesmo àquelas terras...

A expressão de seu rosto continuava alegre, e não mudou enquanto esperava que sua mensagem surtisse efeito, embora nem o bispo nem a condessa parecessem minimamente impressionados. De modo que Lorenço acrescentou outra notícia:

— No séquito do senescal encontra-se um ex-sacerdote, um tal de Yves, também chamado de "o Bretão". Este é agora confessor pessoal do rei, mais ainda: é sua sombra e, embora não possa ser sua mão direita, é, sim, sua mão esquerda. O fato de o devoto Luís permitir que ele se afastasse mesmo que por pouco tempo demonstra a importância que o rei concede ao esclarecimento de tão estranha história: o assunto lhe pesa ao estômago!

— Aí se vê a mão do "cardeal cinza"— refletiu Laurence. — Percebe-se a extensão do braço do castelo Sant'Angelo. Prefiro partir! — De repente, sua voz parecia sobressaltada e, inclusive, assustada.

O bispo tentou acalmá-la:

— Rogo-lhe, estimada tia...

— Não me chame de tia! — reclamou ela. — Clarion, vamos embora logo e levando as crianças!

— Acalme-se! — Clarion estava consciente do incômodo da situação. Por sorte tinha começado uma nova corrida e ninguém parecia prestar atenção à discussão.

-Acalmar-me! — Laurence pôs-se de pé de um salto. — O tal Yves é um assassino, um vil assassino de encomenda. William me falou dele. Ele veio aqui pelas crianças... — Desta vez o bispo beliscou-a com tanta força o braço que a condessa teve de parar o discurso.

Abandonaram o palanque com toda pressa, subiram nos palanquins e voltaram pelo caminho mais rápido ao palácio de Calixto.

— A condessa conhece a entrada para o pavilhão? — perguntou Nicola a seu cozinheiro, que pediu que viesse quando Laurence, batendo as portas e acompanhada de Clarion, afastou-se em direção a seus aposentos.

— Melhor que você e eu — admitiu. — Visitou várias vezes as crianças, e Clarion também...

— É verdade, e Hamo conseguiu escapar cada vez que ela chegava — lembrou o bispo, manifestando uma passageira alegria. — Que parentela tão pesada!

Lorenço aproximou e o bispo aproveitou para dirigir-lhe uma crítica:

— O senhor deveria ter me comunicado logo, somente a mim!

— Eu não conhecia essa característica da condessa — defendeu-se o franciscano. — Em Otranto me pareceu uma mulher fria e racional!

Lorenço seguiu o bispo e seu cozinheiro pelo labirinto subterrâneo, até que se detiveram diante de uma porta. O bispo dirigiu-se a Yarzinth:

— Faça com que, se insistir, encontre o caminho fechado!

— Sempre deve haver a possibilidade de fuga em direção ao porto, isto sempre! — opôs este, e intimamente Nicola lhe deu razão.

— De qualquer modo, devemos impedir que alguém possa entrar no pavilhão e levar as crianças — falou com evidente mal-estar —; é uma precaução que devemos tomar logo!

— Não existe perigo imediato — respondeu o cozinheiro enquanto abria a porta.

Subiram por uma escadinha de madeira e, através de uma das aberturas redondas, resolveram olhar o grande aposento do sótão que estava abaixo deles. William estava atrás da mesa de escritório e escrevia o que lhe ditava Benedito, que passeava a sua volta com as mãos cruzadas nas costas. Sua voz se ouvia com clareza. Ao pé da mesa de escritório viram as crianças pacificamente sentadas, escutando com grande interesse o relato de Benedito.

— "...na época em que escolheram como Grande clã a Guyuk — nós estávamos presentes —, caiu no acampamento tanto granizo, e em pedaços tão grandes que depois, ao se derreterem de repente, mais de cem pessoas se afogaram, e a água arrastou várias yurtas e outros objetos..."

— Que é uma yurtal? — perguntou Yeza.

Benedito interrompeu:

— Uma tenda redonda feita com galhos entrelaçados, grande como uma casa e coberta com feltro trançado — explicou com amável paciência.

— E que é "feltro"?

— Uma tela suave e mole, que protege da chuva — Benedito era um professor exemplar. — Depois buscaremos em minha arca e te darei de presente um vestido de feltro — ofereceu à menina.

— Calças! — disse Yeza. — Prefiro umas calças!

— E colocam depois essas casas em cima de carroças e se transferem para outro lugar? — perguntou Roç por sua vez. — Devem ser carroças imensas!

— As carroças são tão grandes como... como o pavilhão — confirmou Benedito — e possuem rodas mais altas do que William e eu postos um em cima do outro.

— E quem puxa essas carroças? — Roç desconfiava de tão gigantescas dimensões. — Até oitocentos bois — a paciência de Benedito parecia não ter limite. — E apenas uma mulher os conduz!

— Está vendo? — Yeza beliscou seu companheiro, com orgulho.

O bispo deu o sinal de retirada e os espectadores se afastaram dali caminhando na ponta dos pés, sem que ninguém se tivesse dado conta de sua presença.

— Assim viajei também — refletiu Lorenzo. — Com um certificado de legado papal pode-se ir a qualquer parte, e, além disto, não custa nada — tirou-o da batina mostrando-o com orgulho —, tem data do ano do Senhor de 1246, mas ainda serve!

— Deixa-me vê-lo? — perguntou o bispo, e depois de examiná-lo brevemente entregou-o ao cozinheiro. — Poderá copiá-lo estendido por Sua Santidade Inocêncio IV, em Lyon, na Páscoa de 1245 — já saberemos da data exata através de Pian —, em nome de William de Roebuk?

— Suponho — murmurou Yarzinth, depois de examinar com cuidado o pergaminho provido de selo e se certificar de que Lorenzo havia se adiantado uns passos sem suspeitar de nada — que será a sentença de morte para o irmão William.

— Vão encontrá-lo junto a seu cadáver, apagando assim as últimas dúvidas.

— E Benedito?

— Não viverá para vê-lo, e Pian se resignará!

— E as crianças? Como suportarão o golpe?

— Você se tornou sentimental. Yarzinth? Kyklos ton anthropeion pragmaton! — o bispo sentiu-se incomodado. — É o preço que têm de pagar por sua salvação, e, além disso, assim foi decidido nas altas esferas... E como chegaram as crianças ao sótão onde estão os franciscanos?

— Descobriram como os cachorros e os ratos utilizam a "última fuga" sem ficarem presos e apunhalados — riu em voz baixa o cozinheiro. — Desde então saem cada manhã engatinhando do pavilhão ao sótão, depois que eu os proibi de navegar de barco pela

cisterna...

— O que diz? — O bispo estava visivelmente irritado, mas seu cozinheiro não quis lhe poupar outras surpresas que guardava para ele:

— Também encontrei-os duas vezes na sua câmara do tesouro. São como ratinhos!

— Espero que o gato não os coma! — resmungou o bispo. — Ou teu feliz Estix! — Nicola sentiu-se, como sempre, nervoso ao lembrar do animal. — Está preso na corrente? E trancado? Você tomou precauções suficientes para que essa fera não ataque as crianças?

— Eu tenho controle sobre Estix — reagiu o cozinheiro.

— Procure ter mais controle sobre as crianças Você é o responsável, e sua vida está em jogo.

— Como sempre, meu senhor.

O bispo começou a afastar-se, mas na porta quase esbarrou em Hamo, que o procurava.

— A condessa dirige-se com Clarion ao porto, à sua nave. — Hamo voltou a afastar-se, já aliviado, e o bispo seguiu-o com preocupação.

Entretanto, Yarzinth, que tinha alcançado Lorenzo, conseguiu enredá-lo numa conversa. Mencionou meio de passagem a urgência que tinham de adiantar certo relato, a impaciência de Pian, a má sorte ou, melhor dito, a falta de conhecimentos de Benedito, que mostrou ser analfabeto, e os dedos dormentes de William.

Lorenzo se ofereceu, sem mais perguntas, a ajudar seus irmãos na tarefa da escrita. O cozinheiro não mencionou seu próprio interesse no assunto, pois aquele bom samaritano o livraria da ameaça do bispo, que tinha pensado pôr-se ele mesmo a ajudar os redatores da Ystoria mongalorum. Por ora havia se salvado, pois, além disso, lhe restava a tarefa de falsificar urgentemente o documento papal com a nomeação de legado. De modo que conduziu muito satisfeito Lorenzo até o sótão, ordenou que servissem aos monges uma farta refeição e informou às crianças de que aquela noite podiam dormir ali com seus amigos. A resposta foi uma explosão de júbilo.

Também os três franciscanos se mostraram contentes com o reencontro.

— Faz três anos que não o vejo, Lorenzo — calculou o polaco, emocionado. — Na época o "cardeal cinza" o condenou por desobediência à cela de castigo, e agora veja só, conseguiu até ser nomeado legado!

— Ah, lo spaventa passeri, nosso "espantalho"! — pôs-se a rir o pequeno frade minorita. — O que acha: se William caísse em suas mãos nem quero pensar o que faria com ele.

— Nada pior que isso poderia me acontecer, pois aqui estou de escravo-escriva do nosso arrogante irmão Pian, tão desejoso de adquirir fama eterna como historiador que não hesita em se aproveitar de minhas costas e de meus dedos, o que não me parece nada agradável. Por favor, querido senhor legado, deve substituir-me durante algumas horas!

Gavin, o templário, encontrou o bispo no refeitório, ocupado em jantar na companhia de Hamo. Estavam já na sobremesa; da cozinha tinham subido pastas de maçapão e figos frescos com um pouco de pimenta moída, tâmaras cobertas de glacê e nozes, castanhas

confeitadas e pasteizinhos de amêndoas. Para acompanhá-la tomavam uma infusão quente e amarga de chá da Índia na qual acrescentaram um pouco de menta silvestre, um pedacinho de raiz de gengibre em conserva e a casca de um limão verde. Ofereceram tudo isso ao preceptor.

— Que pode nos dizer agora do bem-estar do nosso ilustre hóspede? — o bispo iniciou a conversa, embora, na verdade, pouco lhe interessava o estado de Pian.

A resposta foi pelo mesmo caminho:

— O senhor de Carpine não se encontra bem, nem se considera hóspede. O único consolo para sua alma são as páginas de pergaminho escritas que lhe são servidas, todo dia, junto com a comida, e que representam a produção do dia anterior de nossa dupla de escribas William e Benedito, páginas que Pian espera com grande impaciência. Quase gostaria de estar com eles para flagelá-los com o chicote.

— Brachys ho bios, he de techne makra! Se essas duas mulas soubessem que quanto mais escrevem mais próximos estão do fim de seus dias terrenos, borrariam nas calças em vez de gastarem tanta tinta! — Com essa mistura de sabedoria e vulgaridade artificial, Nicola escondia o seu mal-estar pelo cruel destino reservado aos dois monges inocentes, destino para o qual ele devia colaborar e que se cumpriria em sua própria casa, e Gavin entendeu.

— O flamengo acabou contribuindo para sua própria armadilha, mas e o polaco? Não se poderia deixá-lo fugir?

— Oida uk eidos — graças a Deus — não quero saber de que forma, nem quem decidiu lá em cima que esse cordeiro de Deus, uma vez realizado o trabalho, tenha de ser sacrificado por um magarefe. Não serei eu a fazê-lo, mesmo que, ao pensar na perfídia dos seres humanos e na vergonhosa tradição deste palácio...

— Está pensando na "última fuga"? — Em oposição à indiferença estóica do templário, Hamo sentia-se nervoso e abatido ao mesmo tempo diante da ameaça de morte que afetava uma pessoa que ele conhecia. — Será que já não tentou?

— Alguém já deve ter explicado a ele que um prisioneiro, em sua última noite antes de ser executado, pode aceitar o convite do buraco que a parede lhe oferece e fugir pelo corredor, de onde não mais poderá retornar; deve correr sem respirar, dobrando esquinas e saltando as escadas do labirinto, cada vez mais depressa, cada vez com mais esperança, até que verá uma luz ao final do corredor, um buraco na parede por trás de onde o espera a liberdade, a claridade; e, fora de si de alegria, tirará por ali a cabeça para olhar em volta.

— Prossiga! — exclamou Hamo, emocionado. — Vai se salvar?

— Junto da parede, já no "Pavilhão das Perversões Humanas", o espera o carrasco.

— Bonito nome! — disse Gavin, e suas palavras ficaram suspensas no silêncio. Hamo escutou um rangido atrás dos painéis de madeira e sentiu frio. No entanto, obrigou a si mesmo a indagar de onde procedia o barulho. Rapidamente abriu a porta do armário e viu os olhos espantados e muito abertos das crianças.

— Merda! — disse o bispo.

Depois que Hamo entregou Yeza, tão abalada que não podia pronunciar uma só palavra, ao cozinheiro, e Roç, que chorava, para que fossem devolvidos ao sótão, perdera a vontade de continuar testemunhando tais conversas. Também não quis aceitar a companhia dos minoritas, aos quais agora somava-se Lorenço. Considerou indecente estar vendo em Benedito um condenado à morte como se observa uma ratazana que não vê a serpente, mas que pressente sua aproximação e que sabe que ela virá de surpresa. De modo que decidiu abandonar o palácio episcopal e passar a noite na cidade, ou talvez no porto, assumindo o risco de lá esbarrar com sua mãe.

Gavin e o bispo permaneceram no refeitório. Foi então que o templário passou a mencionar o motivo real de sua chegada.

— Por cima de nossas cabeças está se cozinhando alguma coisa importante — explicou ao bispo. — Chegou John Turnbull.

Nicola delia Porta parecia aliviado. Finalmente se produziriam ordens que não eram de sua responsabilidade. Ver-se-ia então se estaria disposto a cumpri-las. Esperava obter decisões claras, o que nem sempre se podia esperar do velho John, e, sobretudo, que a execução fosse rápida e indolor. O bispo se desgostava quando pensava em algum tipo de sofrimento.

— Apresentou-lhe sua proposta de que as crianças sejam entregues aos cuidados dos templários?

— O venerabile irá decidi-lo esta mesma noite.

— É quase meia-noite — resmungou o bispo. — A que horas pensa honrar-nos com sua visita?

— Já está aqui — respondeu o preceptor. — No alto do telhado, em seu observatório!

O bispo quis se levantar, um tanto indignado, mas o templário o deteve:

— O mestre não quer que ninguém lhe dirija a palavra antes de ter entendido as perguntas e decifrado as respostas que o destino lhe formula, e que estão escritas nos astros. Ordenei a Yarzinth que o acompanhe lá em cima e acho que chegou o momento de que uma voz autorizada nos comunique a sentença que emitem os planetas e o eco da Terra habitada.

O bispo bateu palmas e ordenou a Yarzinth, logo que este se aproximou como um gato, que levasse queijo, azeitonas e uma garrafa do bom vinho seco ao terraço coberto, situado embaixo da plataforma do observatório. Ele mesmo pegou uma tocha e os três subiram pelas escadas e corredores até o andar superior do palácio de Calixto.

Ao fundo e abaixo deles se estendia o diadema de luzes cintilantes do porto e, atrás, a faixa negra do Bósforo. Da Ásia Menor chegava o clarão de pequeníssimos pontos de fogo que apenas desenhavam o cur-so da costa situada em frente. No degrau mais baixo de uma última escada, muito inclinada, encontraram Sigbert von Öxfeld, o gigantesco comendador dos cavaleiros da Ordem Teutônica, vigiando a entrada. Como cumprimento, o homem limitou-se a levar o dedo aos lábios de forma imperativa, razão por que o bispo se absteve de pronunciar uma piada que já tinha na ponta da língua sobre os teutões, em seu papel de "anjos da guarda de turno".

Sendo assim, limitaram-se a esperar em silêncio. Sigbert, no entanto, não renunciou a servir-se sem timidez do prato de queijo enquanto Yarzinth enchia os copos.

Uma vez os olhos acostumados à escuridão, podia-se apreciar em cima, na plataforma, a esbelta figura de John Turnbull. Atrás dele via-se a esfera armilar, o radiante e outros instrumentos indispensáveis para um astrólogo. Seus corpi metálicos, as armações de latão polido, refletiam com um brilho apagado a luz da lua. A figura de Turnbull ao se deslocar lembrava a de um morcego branco entre ângulos, tubos e segmentos. Nicola pensou que o corpo de um ancião, cujo espírito não quer a tranqüilidade, mas que se entrega a uma atividade desenfreada, tem um certo ar etéreo. Os velhos lhe pareciam grandes pássaros, cujo grasnido enche a noite até que levantam vôo batendo asas e desaparecem para sempre.

— Hoje é o dia da deusa Vênus, dos que não crêem — com estas palavras Turnbull havia finalmente se aproximado à balaustrada para dirigir a palavra aos que o esperavam. — Amanhã é o sabbat dos judeus, e domingo é o dia do Senhor, sol invictus, triunfo de Apolo luminoso, rei do Céu e da Terra! — O ancião começou a descer um degrau após outro, numa atitude que parecia de transe. — No domingo, o fogo que dá a vida se encontrará em Aquário, o Novo Homem ficará exposto à luz do sol; Júpiter governará em sentido diametral com a força de Leão, uma constelação cheia de força vitoriosa; Marte protegerá, cavalheiresco e em conjunção, ao maternal Câncer, do mesmo modo que a Lua se une em Peixes ao grande Ahmés: o casal de soberanos.

Com essas palavras chegara Turnbull ao final da escada, e Sigbert afastou-se com um gesto que demonstrava todo seu enorme respeito. O bispo e Gavin o esperavam com o copo na mão sem atreverem-se a levá-los à boca, como se um gole de vinho pudesse interromper o encanto mágico do oráculo que lhes falava com a voz do ancião.

— O terceiro do trígono sagrado é a Águia. Em suas asas confia Mercúrio, mensageiro dos deuses, e, ao mesmo tempo, filho deles também. A seu lado, Saturno, o Sábio, sustenta a balança da justiça e da equidade, da paz entre os povos e as religiões; por outro lado, a deusa do amor domina Sagitário. Não é a flecha do amor que sobrevoa fronteiras e mares, não: é Ágape quem reconciliará a humanidade!

Depois John se aproximou e só então pareceu reconhecê-los. Quando cumprimentou o bispo e o templário, o tom de sua voz havia se modificado. Recusou o vinho que lhe ofereciam, movendo a cabeça em sinal de negativa.

— Não o recuso para conservar uma sobriedade infantil — explicou-lhes num tom afável —, mas em respeito ao êxtase superior que sinto! — Seu olhar atravessou os presentes, perdendo-se numa distância que só ele parecia abarcar. — Tomei uma decisão — anunciou em voz baixa. — Domingo é o dia da revelação do Santo Graal. Passou a época de nos escondermos, de fugir e de sentir medo. Devemos ter a coragem de mostrar os infantes reais, de expô-los aos olhos de um mundo extasiado.

Nicola delia Porta e Gavin Montbard de Béthune ergueram seus copos em silêncio, e tampouco Sigbert von Öxfeld se absteve. Todos brindaram em silêncio.

— Pian de Carpine — o bispo interveio com certa reticência — ainda não está pronto, sua Ystoria não está acabada; deve querer...

— Pian não se negará à publicação muito mais importante que queremos realizar, nem ao papel que lhe corresponde nela — decidiu Turnbull, sem admitir observações. — O que não está escrito jamais se escreverá!

— E que fazemos com William?

Mas o ancião afastou com um gesto qualquer comentário e permitiu que Sigbert o pegasse pelo braço para ajudá-lo a descer as escadas.

— Amanhã à noite teremos ensaio geral. Kairon gnothi — o bispo seguiu-o com passo apressado.

Yarzinth olhou com ceticismo para o aparelho de tubos suspensos que apontava para o céu. Mantinha suas reservas quanto à decisão tomada pelo ancião no desenrolar de sua solitária meditação, e que lhe pareceu apressada em excesso. Também não queria acusá-lo de charlatanismo, pois, desde que o conhecia, Turnbull sempre se deixara influenciar pelo curso dos astros.

— Esperam-nos dias cheios de emoções, Yarzinth — comentou com um suspiro.

— Horas! — respondeu-lhe o cozinheiro, em tom cortês. — Minutos, instantes. O senhor nada disse de Lilith, a Lua Negra que agora mesmo está em Escorpião, no quadrante maligno em direção a Júpiter, e que escurece também o Sol; nem da cauda agitada do Dragão, cauda draconis, que surge atrás da Lua!

— Ou não vi. Boa-noite, Yarzinth!

A Última Fuga

Constantinopla, outono de 1247 (crônica)

— Adjutorium nostrum in nomine Domini.

— Quifecit coelum et terram.

No sótão abobadado, a luz cinzenta do amanhecer ia deslocando com parcimônia os véus da noite. Já era outono e a hora da missa matutina estava envolta numa turva obscuridade. Lorenzo de Orta, meu ajudante voluntarioso com a pena, nos havia despertado para rezar a Vigília.

— Benedito? Benedito ainda está aí? — murmurou Yeza com voz assustada, ainda um pouco adormecida; quando viu o polaco ajoelhado, não distante de seu leito, voltou a fechar os olhos, já mais calma.

Eu estava com ciúmes do seu repentino afeto pelo pálido monge. Na noite anterior, antes de dormir, também Roç havia lhe rogado insistentemente que não abandonasse o lugar, como se nisto estivesse em jogo sua felicidade. Como o polaco teria conseguido conquistar o coração das crianças? Mas logo me envergonhei daquele sentimento de inveja e me pus a rezar outra ave-maria na qual incluí a todos, até Benedito. Implorei a proteção da Mãe de Deus. Amém!

Yarzinth tinha entrado, silenciosamente como sempre, para deixar em cima da mesa nosso café da manhã: leite quente e uma panqueca grande para cada um; depois voltou a retirar-se. O cheiro da comida acordou as crianças, e imediatamente depois de tomá-lo colocamos de novo mãos à obra. Mega biblion, mega kakon. Lorenzo começou a escrever. Nos alternávamos a cada cinco minutos, de modo que cada um de nós podia fazer correr a pena em grande velocidade sobre o pergaminho, sem cansar muito as articulações dos dedos, enquanto o outro afiava a pena seguinte e apagava manchas de tinta e erros.

— "No mundo todo" — ditava Benedito — "não existem, nem entre os leigos nem entre os membros de uma ordem, súditos mais obedientes que os tártaros. Nunca mentem ou se insultam. Quando discutem, suas brigas nunca chegam às mãos, e entre eles não existem as lesões físicas ou a morte violenta, nem o roubo ou o furto. Quando têm pouca comida repartem-na generosamente..."

— Deixe de histórias! — interrompi-o. — Foram anjos os que destruíram a Hungria, torturaram homens e violaram mulheres? — Evitei outros detalhes mais tenebrosos, levando em conta a presença das crianças. — Qualquer cristão se roeria de inveja ao escutar falar de tanta bondade e pureza!

— Também não conhecem a inveja — sorriu Benedito — nem o adultério ou a prostituição! Embora de brincadeira costumam utilizar, sem que as mulheres desmereçam os homens nisso, palavras bastante grosseiras e ímpias. Ficar bêbado é honroso para

eles. Quando alguém bebe muito procura vomitar para poder continuar bebendo!

— Isso já soa mais humano — riu Lorenço. — Considero que os seus tártaros têm duas faces: uma amável para sua vida pacífica em comum, e outra cruel para o trato com os demais povos...

— Nisso você está com a razão — disse Benedito depois de refletir um pouco. - Acham que são um povo eleito e que o "resto do mundo" não é mais que terra de escravos...

-Também não têm cavaleiros? — perguntou Roç, que ouvia com atenção.

— Não — esclareceu Benedito —, só ginetes, mas desses há dezenas, centenas de milhares!

— Que entediante! — O rapaz considerou que o assunto estava encerrado.

— "Inclusive em sua aparência externa, os tártaros se diferenciam de todos os demais seres humanos..." — Benedito se deteve ao ver que se abria a porta de ferro e entrava Hamo, que já em outras ocasiões nos acompanhara na qualidade de espectador silencioso, embora interessado. Seria possível que escutar falar de um povo, cujo sangue corria em suas veias sem que ele o soubesse, despertasse nele algum sentimento, por mais contraditório que fosse? Eu o observava às escondidas, intimamente preocupado em não revelar com alguma palavra torpe meu conhecimento de sua origem.

Benedito continuou:

— "...pois a distância entre os olhos e as maçãs do rosto é maior que nos demais humanos, e inclusive suas maçãs do rosto situam-se muito mais longe da mandíbula. Seus narizes são achatados e muito pequenos..."

— Como o de Hamo! — gritou Yeza, alegre, mas se calou quando percebeu que o havia irritado, e, sobretudo, que ninguém a aplaudiu.

— "... as pálpebras de seus olhos — que não são especialmente grandes — vão até as sobrancelhas. Seu talhe é esbelto, e entre eles está pouco desenvolvido o crescimento da barba..."

— É verdade, é isso mesmo que acontece a Hamo — Roç voltou a insistir no assunto — e quando penso no bigode do "Falcão Vermelho"!

A comparação pareceu desagradar ao filho da condessa mais que qualquer outra coisa, pois fazia lembrar de como sua irmã adotiva, Clarion, havia se apaixonado loucamente por aquele árabe.

Tentei salvar a situação:

— As mulheres não costumam apreciar os pêlos da barba, para elas conta outra coisa... — mas não concluí a frase.

— As mulheres — interrompeu-me Hamo — não sabem contar, nem escrever, nem pensar; não gosto de nenhuma!

— Bravo! — disse Lorenço. — Economizará muitos desgostos!

— "Entre os mongóis" — continuou Benedito — "cada um pode ter tantas mulheres quanto consiga manter: dez, cinquenta ou cem!"

— Então não me casarei! — interrompeu Yeza. — Sei fazer tudo o que um homem sabe fazer, e, além disso, posso ter filhos!

— Sem marido! — riu-se Hamo dela, mas Roç neste instante interveio.

— Ela tem a mim - quis justificar a independência de sua companheira de jogos; uma independência que a ele podia entediar, mas que sempre defendia diante de terceiros.

— Mas não são irmãos? — perguntou Benedito, com desconfiança. — Já verão quando celebrarmos as bodas! — foi a resposta surpreendente de Yeza. E Benedito apressou-se em voltar aos mongóis, cujo mau exemplo lhe parecia útil para reafirmar a moral de sua própria Igreja:

— "Esses tártaros podem casar-se com seus parentes, exceto com sua mãe carnal, com sua própria filha e com sua irmã da mesma mãe. No caso de morte do pai, estão obrigados, inclusive, a contrair matrimônio com as mulheres daquele, exceto com sua própria mãe..."

— Ainda bem — interveio Hamo — que estabeleceram essa exceção e todos começaram a rir. Então Hamo prosseguiu: — Deveria ter visto a condessa esta manhã: como ficou furiosa quando não encontrou as crianças no pavilhão. Arrastou Guiscard consigo, que dava machadadas no alçapão para abri-lo daquele lado; eu tive o tempo justo para fugir dali.

Neste instante escutaram as chaves girando na fechadura da porta de ferro e surgiu o comendador dos cavaleiros teutônicos, a quem eu e as crianças não víamos desde Otranto. Elas o reconheceram logo.

— Tio Sigbert! — exclamou Yeza, jogando-se em seu peito amplo e rodeando-o o pescoço com os braços. — Que maravilha tê-lo aqui! — e tirou o punhal para agitá-lo diante de sua barba grisalha, após o que Koç também se aproximou, com o arco e as flechas.

-Ah, meu pequeno cavaleiro! - a voz do gigantesco cavaleiro retumbou entre aquelas paredes enquanto levantava a criança com o outro braço. Teria sido um bom pai para aquelas crianças se as idas e vindas das cruzadas não o tivessem levado a buscar o calor do lar e de uma família no seio da ordem de seus irmãos teutônicos. Mas seu coração pertencia às crianças, e elas o sabiam, por mais áspero que fosse, às vezes, no trato externo.

Também Hamo lembrou de suas conversas com o cavaleiro que, certamente, depois de ter combinado com a condessa, havia tentado atraí-lo para a ordem. O espinho que tinha cravado na relação com sua mãe era tão profundo que não pôde superar um sentimento de obstinada recusa quando cumprimentou o cavaleiro, após o que continuou seu relato provocador:

— Não imagina a fúria com que irrompeu no dormitório do bispo, indignada como uma galinha da qual tiraram os seus pintinhos. Nicola, ainda de camisola, mandou buscar o cozinheiro para que levasse a enfurecida mulher a John Turnbull, e este, balançando o magro pescoço — e Hamo colocou todo seu talento mímico para imitar o ancião —, pôde finalmente fazê-la recuperar a razão.

— Hamo — interveio encolerizado o comendador —, um homem não deve desperdiçar tantas palavras. E um cavaleiro nunca caça de outro! — Hamo calou-se, envergonhado. — A senhora condessa e seu ancião e fiel amigo John Turnbull logo se entenderam —

continuou

Sigbert — tanto no assunto quanto no horário. Continuamos convencidos de que será no domingo! — Como o senhor de Oxfeld estivesse presente ao anunciar isto, vendo um gesto de incompreensão de nossa parte, viu-se obrigado a acrescentar:

— Isso significa que têm apenas doze horas para terminar seu trabalho.

— Não conseguiremos terminá-lo! — queixou-se Benedito, buscando ajuda em mim e em Lorenço, mas Sigbert era homem de poucas palavras.

— Pois abrevie, fradezinho — brincou —, quanto menor, mais pessoas vão ler! — O comendador afastou-se, com passo decidido.

— Adiante! — exclamou Lorenço. — William, agora é sua vez!

— "Quando travam combate" — ditou Benedito — "costumam colocar na primeira fila os prisioneiros de guerra de outras tribos prisioneiras; se um deles foge, massacram todos os demais. Para que seu número pareça maior, costumam montar nas filas posteriores uns bonecos sobre os cavalos, com o qual, junto com as mulheres e as crianças também a cavalo, de longe parece que dispõem de um formidável exército."

— Deixam as crianças lutar também? — quis saber Yeza.

— "As mulheres cavalgam com a mesma habilidade que os homens, e aprendem desde criança a lidar com o arco e a flecha, já que todos, meninos e meninas, usam calças e samarras..."

— Você me prometeu as calças — interrompeu-lhe Yeza, mostrando a arca de viagem com enfeites de latão que era propriedade do polaco, e onde ela sabia que guardava a prenda que desejava ter. Mas, então, Roç interveio:

— Diga-lhe primeiro que as crianças, embora vistam calças, não podem lutar — exigiu com insistência. — Embora saibam atirar bem com o arco e as flechas, jamais o farão tão bem como um homem. Diga!

— "Elas costumam formar a retaguarda e intervêm na luta somente no caso de os homens se mostrarem covardes e fugirem, o que, no entanto, não acontece, porque neste caso o castigo que os espera seria a morte..."

— As calças! — insistiu Yeza, com teimosia.

— Entregue-as, vamos apressar isso! — propôs Lorenço, e Benedito abriu as fechaduras da arca, ergueu a tampa curva e começou a remexer entre panos, almofadas e toda espécie de recipientes e objetos de uso. Também saiu mostrando uma boinazinha infantil de veludo com aplicações de seda amarela e flores e folhas pintadas e desenhadas. Na parte superior levava um botão vermelho de coral. Benedito colocou-a na cabeça da vaidosa menina, mas Yeza não quis desviar do assunto principal.

— Estas são as calças? — insistiu, quando o monge agarrou um pacote bem amarrado.

— É um blusão de lutador — esclareceu baixinho o polaco. O blusão tinha um bordado de seda representando um dragão e terminava embaixo num largo cinto enfeitado com tachas de metal.

Roç explodiu de júbilo.

Depois saíram da grande arca uma bota de couro vermelho, enfeitada com tiras de cores e forrada com uma seda verde delicadamente plissada. Em seguida apareceram vestidos de seda e veludo, ricamente bordados com pedras, com fios de ouro que atravessavam o tecido. Na parte de baixo mostravam um enfeite ondulado com grande número de turquesas e cristais de várias cores.

— É um desenho que eles chamam "nó de origem" — explicou Benedito, orgulhoso de seus conhecimentos.

Seguiram-se gorros, perucas, peitorais e redes para as tranças, peças valiosas em ouro e prata esmaltada com finíssimos desenhos e acabamentos em pedras preciosas.

— Botas! — exclamou Lorenço. — O grande enfeite de festa das mulheres casadas!

— E as calças? — Yeza bateu no chão enquanto Hamo experimentava com grande respeito uma touca. Assentava-lhe como se nunca tivesse usado outra coisa na cabeça, embora aquele enfeite não estivesse destinado aos homens.

Finalmente Benedito mostrou, após remexer bem no fundo da grande arca, umas calças compridas simples, de feltro, pespontadas nos joelhos e com proteção de couro. A costura lateral estava enfeitada com uma fina rede vermelha. Era uma calça muito simples, mas a alegria de Yeza parecia não ter fim. Colocou-a — tinha o tamanho exato — certamente porque seu antigo dono seria um rapaz mongol magro, e só ficou um pouco comprida, razão por que dobrou-a um pouco. A menina descobriu em seguida um bolso lateral para o punhal e começou a dar pulos de alegria, sobretudo quando Benedito a presenteou com um par de pequenas botas pontiagudas e enfeitadas de peles, cujo cano também estava forrado com pele por dentro e nas quais podia colocar por dentro as calças compridas.

O polaco foi suficientemente inteligente para dar também um presente a Roç, a quem cedeu o valioso blusão de lutador com o dragão bordado, e o cinturão de couro tacheado; um cinturão que, no centro, tinha a largura de uma mão e ostentava o símbolo da cruz composta com malaquitas engastadas em prata. Os ombros do blusão tinham um forro que os levantava, razão por que, de repente, Roç parecia ter se transformado num indivíduo perigoso, uma vez que colocou o carcás e se dispôs a tencionar o arco.

Os dois estavam orgulhosos e formavam um maravilhoso par cheio de dignidade infantil. Meus pequenos soberanos! Mas eles não prestavam atenção aos olhares de admiração; agora era Benedito que havia conquistado seus corações.

— Bem, crianças, agora deixem-nos, temos de trabalhar! — advertiu Lorenço, que parecia ser o único que conhecia o sentido e a finalidade de nossas atividades, e, sem renunciar às brincadeiras e às alegrias, nos empurrava para não perdermos um minuto.

Mas neste momento entrou Yarzinth com grande estrondo de chaves e nos trouxe o jantar:

— Para que os senhores escribas não emagreçam!

E apresentou com orgulho, acompanhado dos pajens, as bandejas com pedaços de enguia temperada em azeite-de-oliva e pimentões pequeninos, cabaça doce banhada em vinagre de vinho, berinjelas fritas com fígado picante de pato assado, alcachofras ao vapor refogadas com mexilhões. Tudo isto eram apenas as entradas. Serviu-nos com correção e cortesia a cada um de nós, e não demorou muito tempo para que eu me sentisse ofendido ao ver que servia a Benedito com especial atenção, com mais atenção que a mim ou a

Lorenço, pois todos nos lançamos com grande apetite sobre os alimentos como se fôssemos tártaros famintos. Serviu-nos também um vinho branco procedente de Creta, que trazia numa fina ânfora; e quando já tínhamos esvaziado os pratos como se uma língua de bezerro tivesse sido passada neles, e estivéssemos chupando os nossos dedos, levantou a tampa prateada da travessa maior: o cheiro de um capão assado chegou-me às narinas. O assado descansava sobre um leito colorido de beterraba púrpura, cenoura coralina, o verde delicado de uns feijões macios e o verde-escuro do espinafre; tudo isto misturado com pérolas brilhantes de cebolinha e com o brilho marfim de alguns dentes de alho.

Yarzinth cortou o assado com uma cimitarra, um sabre curvo de Damasco cujo extremo final não era pontiagudo e tinha forma de tridente. Era uma arma suficientemente pesada e afiada como para cortar a cabeça de um boi vivo. Manejava-a com habilidade, e o fio cortava a carne como se fosse manteiga.

Para reafirmar sua perícia, pediu a um dos pajens que segurasse uma garrafa barriguda, cujo gargalo de cerâmica estava ainda selado. Com uma pancada rompeu o lacre sem que caísse uma lasca ou pozinho do barro. Insistiu para que trocássemos de copo e nos serviu.

—Vinho tinto da Geórgia! Nem o seu Grande clã prova um vinho tão bom — e o cozinheiro estalou sua grande língua contra o paladar.

— O clã bebe kumis — explicou Benedito.

— Kumi quê? — Roç perguntou, curioso.

— Leite de égua fermentado, misturado com sangue!

— Sangue humano? — Roç parecia espantado, mas todos os outros riam e continuavam bebendo.

—As crianças devem deitar-se — propôs Yarzinth, prudentemente. — Esta noite devem ir outra vez ao pavilhão... — E quando escutou seus gritos de protesto, acrescentou com voz afável: — Quando Benedito tiver terminado o trabalho de hoje, poderá ir dormir ah com vocês. Eu prepararei tudo. Já conhece o caminho.

Esta última observação ia dirigida a Benedito, e o queixo pontiagudo de Yarzinth assinalou o buraco que havia na parede e que representava a entrada à "última fuga", e as crianças aproveitaram para ir engatinhando até o sótão. "Somos ratinhos", costumava cantar Yeza cada vez que chegavam, certamente para dar coragem a si mesma e, ao mesmo tempo, para avisar da sua chegada. Depois gostava de voltar ao pavilhão caminhando erguida "como uma galinha".

Yarzinth não percebeu que o oferecimento de levar de novo seu amigo ao pavilhão causou um silêncio embaraçoso entre as crianças em vez do entusiasmo esperado. As crianças se entreolharam e depois seguiram com olhar de desgosto o cozinheiro, que não se deteve mais. No fundo de meu coração eu estava satisfeito, pois quis interpretar que o polaco, apesar de seus presentes, não tinha se feito tão amigo das crianças como me parecera num primeiro momento. Ao contrário, sempre gostaram de dormir comigo!

— Sigamos em frente! — disse Lorenço. — Amanhã deve estar acabado.

— "Quando morre um de seus chefes, matam seu cavalo preferido e comem a carne

durante o funeral" — continuou relatando Benedito, e sua expressão era agora um pouco compungida. — "As mulheres queimam os ossos do cavalo e recheiam sua pele, que penduram junto com a sela e as bridas sobre o túmulo solitário que fica na estepe. Quebram sua carroça, arrancam sua tenda e daí para a frente ninguém deve pronunciar seu nome. Cavam um buraco para enterrá-lo e colocam o escravo preferido do morto debaixo do cadáver, deixando-o ali até que esteja a ponto de perecer asfisiado. Logo depois tornam a tirá-lo, deixando que respire um pouco. Repetem esse ritual três vezes, e se o homem sai com vida da prova declaram-no livre e gozará daí para a frente de grande respeito entre todos os parentes do falecido. Depois fecham o túmulo, de modo que, uma vez decomposta a pele do cavalo, ninguém possa jamais encontrá-la."

— E por que teria de morrer o pobre cavalo? — perguntou Roç intimidado.

— Para que o mongol tenha no Além o ser que mais amou neste mundo.

— E sua mulher? — interveio Yeza.

— Gostaria, por acaso, que a recheassem também? — caçoou Hamo, que já não tinha vontade de continuar conosco. Deu umas pancadinhas na porta de ferro e deixaram-no sair do nosso "refúgio".

Benedito levantou-se do assento.

— Por hoje terminamos. Amanhã, com a mente desanuviada, acabaremos. Creio que Crean ficará orgulhoso de nós.

— Ficará orgulhoso de si próprio — respondeu de forma brincalhona. — A você, William de Roebruk! — levantou o copo, bebeu de um só gole e dirigiu-se à entrada da "fuga".

— Espere! — gritou Yeza, excitada; passou correndo a seu lado e escapuliu como um rato, na direção do orifício.

— Não faça isso, Yeza! — ressoou a voz de Roç. — William, segure-a! Levantei-me de um salto e saí correndo atrás dela.

—Yeza! — exclamei também, mas ela escapou e introduziu-se pelo buraco cada vez mais estreito que havia na parede.

—Yeza! — Roç se meteu entre minhas pernas e alcançou a entrada antes que eu; o terror de sua voz me fez segui-lo com ânimo, mas fiquei preso. Meus pés apenas tocavam o chão, meu corpo gordo ficou imobilizado como uma rolha e diante de meus olhos estendeu-se a escuridão do corredor, do qual me chegava um último e desesperado grito Yeza-aaa! O grito repetiu-se num eco múltiplo e desembocou num silêncio mortal.

— Que teria acontecido às crianças? — Tentei recuar, cheio de desgosto, quando senti uma estocada na coxa. Ai! Empurrei com o tórax, mas facas me tocavam os braços e os quadris.

— Socorro, ajude-me! — gritei na direção da escuridão, e senti que mãos puxavam-me por trás, enquanto voltavam aquelas pontas a cravar-se em meu corpo. — Solte-me! — suspirei. — Vai me matar!

— Não vai querer passar a noite aqui, e por causa disso obstruir-me o caminho — brincava Benedito às minhas costas.

— Precisa apertar essas malditas facas contra a parede, uma de cima e outra debaixo, empurrando-as com as mãos para a direita, e para a esquerda e para a frente para poder tirar-me daqui.

— Será possível que tenham querido fazer churrasquinho com seu corpo? — brincava Lorenço, enquanto tentava passar a mão perto de meus quadris.

— Tem pelo menos três de cada lado! — gritei encolhendo-me de dor.

— Só temos quatro mãos — protestou Benedito. — É preciso ir em busca de ajuda.

Eu tinha a impressão de ser uma espécie de cervo sacrificado que sangrava lentamente; ao mesmo tempo comecei a experimentar certa claustrofobia. Não podia fazer nada, não podia mover-me; se alguém quisesse, poderia ter me açoitado as nádegas por trás, ou me cortado a cabeça pela frente. Mas então ouvimos as chaves na fechadura e a voz de Yarzinth, que tinha voltado com surpreendente rapidez ao pavilhão.

— Já disse a William que essa "última fuga" não serve para ele. Teremos de tirá-lo como se destampa uma garrafa. William, rolha, você sairá da garrafa como o gênio do conto!

Rapidamente senti que várias mãos me agarravam ao mesmo tempo e devolviam-me pouco a pouco ao sótão; minha batina, a camisa e as calças estavam esfarrapadas, e meu corpo sangrava com várias feridas, como se tivesse saído das mãos de um barbeiro incompetente. Mas meus irmãos e o cozinheiro não paravam de rir.

— Quem as entende! — queixou-se Yarzinth. — Não sei o que se passa na cabeça dessas crianças. Quase matam Clarion com flecha e punhal. Ela as esperava no pavilhão para colocá-las na cama. A boa menina estava escutando com a cabeça metida no buraco para ver se vinham, quando de repente justo ao lado de sua cabeça passou uma flecha e um punhal. Pôs-se a gritar: "Deixem de bobagens!", mas as crianças gritavam do labirinto: "Morte ao carrasco, morte ao carrasco!" Em seguida, saí pela outra porta. Não sei o que é preciso fazer para educar a alguém, e muito menos a crianças.

Benedito reprimiu-me com delicadeza:

— William, você é culpado, isso ocorre por deixá-los escutar o que falamos aqui. Daí vêm essas idéias tão sanguinárias e suas pequenas mentes estão confusas!

— Que absurdo! — exclamou Lorenço. — Continuaremos amanhã pela manhã.

— Dormirei aqui — declarou Benedito. E Yarzinth nos desejou uma boa noite.

Prisioneiro do Legado

Constantinopla, outono de 1247

Por volta das onze horas da manhã do dia seguinte, o veleiro papal procedente do mar Negro navegava pelos flancos do Bósforo. Não havia vento, o céu estava cinzento e sob as águas havia uma espessa neblina. As velas estavam molhadas e flácidas e os remadores esgotados da longa viagem. O veleiro de três mastros avançava lentamente, arrastado pela corrente, para sudoeste, à espera de que em algum momento a entrada ao Corno de Ouro despontasse.

Anselmo de Longjumeau, o dominicano refinado e ambicioso, que, apesar de sua juventude — e da oposição de seu famoso irmão mais velho — conseguira ser nomeado legado papal, estava sentado sobre um rolo de cabo na proa do barco; mantinha o olhar fixo sobre o líquido leitoso que tinha à sua frente e tremia de frio.

Não queria ver ninguém, e tampouco queria chegar em Constantinopla. Estava descontente consigo mesmo. Sua missão o levava até Baitchu, o governador mais avançado dos mongóis, mas a viagem tinha sido um fracasso, do qual só podia culpar a si mesmo. Não trazia nenhuma mensagem escrita do repulsivo chefe tártaro, senão apenas dois nestorianos charlatões que desejavam convencer a Cúria de que também os nestorianos eram cristãos fiéis, embora ninguém jamais tivesse solicitado do papa que os reconhecesse. Baitchu pretendia que o chefe da cristandade fosse à seu palácio para ter uma conversa com ele, e aqueles sacerdotes corrompidos, temendo por suas míseras vidas, não ousaram contradizer essa pretensão.

Baitchu só era governador na Pérsia, não era o Grande clã. O homem não se havia mostrado competente ou generoso. E ele mesmo, frei Ascelino, também não se havia superado; não tinha insistido em continuar a viagem até Karakorum como os franciscanos. De Tabriz até Tiflis, a fama da missão positiva realizada por Pian de Carpine fora se espalhando sem interrupção, gota a gota, nos seus ouvidos, o que lhe parecia bastante incômodo; por isso achava que os minoritas já há tempos teriam voltado para onde os esperava o Santo Padre, e que ninguém se interessaria por ele ou pelo resultado de seus penosos esforços.

Ouviu um pigarrear e a voz de Vito de Viterbo às suas costas:

— Deveríamos nos aproximar do porto com cuidado e descobrir primeiro o que nos espera ali antes de sermos vistos, fiei Ascehno!

O interpelado voltou-se abruptamente, como se tivesse sido mordido por uma tarântula. Não havia ninguém no mundo, nem mesmo Baitchu, que o deixasse tão infeliz como Viterbo, cuja simples visão lhe provocava náuseas e a quem tivera de suportar durante toda a longa viagem.

— Ninguém nos espera — respondeu irritado, sem olhar para seu companheiro de viagem —, exceto os fantasmas que se empenham em nos perseguir! O legado sentiu um sobressalto, mas limitou-se a gritar sua raiva para a parede de neve que tinha em frente. — Ainda não se cansou de sua loucura? Senhor Vito, está possuído pelo demônio! De nada serve acorrentá-lo, melhor seria colocá-lo numa camisa-de-força e chamar o exorcista.

Vito de Viterbo tinha perdido um pouco de seu corpanzil de búfalo. A batina preta dançava em torno de seu corpo desajeitado; estava sujo e tinha um ar descuidado; o cabelo formava nós emaranhados por baixo do capuz. Só seus olhos continuavam brilhando, do mesmo modo que antes de iniciada a travessia do castigo.

—A loucura, Ascelino, é que está entrando com os olhos abertos no que será sua desgraça —Vito baixou a voz, adotando um tom conspirador. — O senhor não voltará com as mãos vazias, frei Ascelino. Juro...

— ... que encontraremos essas malditas crianças do Graal exatamente aqui, em Constantinopla! Pois sim, certamente estão atrás dessa neblina, no cais, nos esperando com um cumprimento. Bastará colocar as mãos em cima delas.

Vito opôs suas palavras arquejantes à brincadeira amarga do legado:

— Em que outra parte essa cabra, a condessa, pode encontrar um palácio que a proteja e dê comida para seus cabritos? Somente no palácio de seu sobrinho, o bispo pederasta. Por acaso não foi ela mesma, numa certa época, dona de uma casa de encontros cujas pupilas eram freiras jovens, e que por isso a chamavam de "a Abadessa"? Foi então que os agentes da Santa Inquisição afugentaram a herege disfarçada.

— E o senhor acha realmente que ela não teria nada melhor a fazer do que voltar, depois de tantos anos, ao lugar dessa sem-vergonhice, à espera de que chegue o esbirro mais temido do castelo Sant'Angelo, o terrível senhor de Viterbo, e que ele possa prendê-la aqui? — continuou Ascelino, caçoando, enquanto se levantava. —Vito, o senhor não é mais que um borrego disfarçado de lobo!

Diante deles a névoa abriu-se como um véu que cai, e sob a luz amarela do sol de outono resplandeceram as cúpulas e as torres de Constantinopla. Estavam seguindo na direção do cais.

-Alto, alto! — gaguejou Vito. — Atrás, atrás! — ficou sem fala e todos o olharam como se tivesse agora largado até a mão do demônio. — Aí está, aí está! — exclamou finalmente, e seu dedo pontiagudo mostrou, entre últimos retalhos de neve, a aglomeração de veleiros e galeras, de barcos de carga e de pesqueiros que se balançavam, atracados nos cais do Corno de Ouro. Ninguém via o que ele mostrava; só frei Ascelino se deu conta das intenções de Viterbo, que agora parecia definitivamente acometido de um ataque de loucura.

— Prenda-o! — ordenou calmamente à tripulação que o rodeava. — Este homem vê fantasmas.

— Não! — gritou Vito enquanto os marinheiros se jogavam sobre ele. — Lá está! Ali está a trirreme! Temos de nos esconder! — Mas os homens arrastaram-no na direção de uma das cobertas baixas.

— Já o dominamos! — avisou o mestre dos remadores, e ficou à espera da ordem do legado para entrar no porto, mas frei Ascelino ordenou:

—Virem as velas! Atracaremos na costa em frente, na Ásia!

A tripulação obedeceu mal-humorada às suas ordens; o capitão até lançou ao representante papal um olhar que expressava seu descontentamento. Mas o senhor legado havia se aboletado novamente em cima do rolo de cabo, apoiava sua cabeça nas mãos e não queria falar com ninguém.

Quando a corrente da âncora desceu com estrondo, a luminosa Bizâncio apareceu a uma difusa distância. De uma tenda instalada na popa saíram, excitados, os acompanhantes de Anselmo: Simon de Saint-Quentin e os dois sacerdotes nestorianos, e avançaram para ele, gesticulando. Simon tentou acalmá-los e prometeu que perguntaria a Ascelino sobre aquela mudança de rumo inesperada.

Ao atravessarem as banquetas dos remadores, Vito, que estava embaixo, acorrentado, dirigiu-se a ele com voz embargada:

— Simon, pelo menos você demonstre paciência! Não me incômodo de parecer louco, mas juro pela Santa Mãe de Cristo que ali em frente, na infiel cidade de Bizâncio, passeia calmamente a maior inimiga da Igreja, a falsa abadessa. Ali alimenta e cuida suas crias da serpente herege! — As palavras saíram aos borbotões da boca do condenado às galeras, pois o mestre dos remadores sabia muito bem quem era o culpado de que ele e seus companheiros tivessem de jogar as âncoras tão longe dos prazeres que o porto brindava, e seu chicote estalava sobre as costas de Vito.

— Cão imundo, vadio, reme! — disse-lhe, furioso.

—Já basta! — ordenou o legado, depois de observar por uns instantes aquele espetáculo. — A você ninguém conhece — dirigiu-se a Simon, antes que este pudesse dirigir-lhe a palavra. — Pode levá-lo consigo no barco. Estamos no Oriente — sorriu o jovem legado com malícia — e posso dar-lhe certa liberdade, pois o strictum só tem validade em terras do Ocidente. De qualquer modo, você será responsável de não chamar a atenção no porto e de que retorne a bordo. A única coisa que deve fazer é manter os olhos abertos, mas não faça nada: *nullum!*

Simon vacilava em aceitar tanta responsabilidade.

— Juro! — gemeu Vito.

— Suas iniciativas já fizeram muito mal à Igreja — advertiu-o Simon, ameaçador. — Talvez fosse melhor matar-te a pauladas, como a um cão raivoso.

E fez um sinal ao mestre dos remadores, para que soltasse as argolas de seus pés. No entanto, ordenou que o prisioneiro seguisse com as mãos imobilizadas, e que dois soldados o escoltassem no barco.

Quando saíram, Simon encabeçava a comitiva. Vito tinha o capuz afundado no rosto e as mãos unidas, como se estivesse rezando, e assim as mangas não deixavam ver as correntes de ferro com que os soldados o sujeitavam à esquerda e à direita. E assim, tropeçando muito, seguia a Simon.

— Não corra! — reclamou Vito. — Ali na frente está a trirreme. Vê o gnomo com a perna

de pau? — observou, cheio de ódio. — É Guiscard, o amalfitano, o timoneiro da "abadessa"! — Também viram Clarion cercada por suas "freiras", ajoelhadas e dispostas a rezar a oração do meio-dia. Não se via nem rastro das crianças.

Assim, continuaram arrastando Vito, antes que alguém pudesse perceber os olhares raivosos com que gostaria de atravessar as vigas da nave, incendiá-la, destruí-la, afundar a trirreme da condessa demoníaca! Mas essa nave estava acompanhada por uma galera de templários, severamente vigiada, e que, além disso, mostrava o galhardete de um preceptor. Simón teve um rápido pressentimento e perguntou a um guarda pelo nome, a procedência e o destino. A resposta foi breve: "Gavin, conde Montbard de Béthune, com quinze cavaleiros a serviço da ordem."

Seguiram adiante a passo rápido para não despertarem suspeitas, sem perceberem os dois comerciantes árabes que tomavam conta de suas mercadorias, que consistiam em jóias e essências valiosas colocadas em delicadas ânforas de cristal. Estavam sentados num tapete, bebiam chá e não perdiam de vista os barcos que tinham pela frente.

Junto da cruz vermelha de extremos em forma de garra via-se a cruz negra dos cavaleiros da Ordem Teutônica e a bandeira verde do Profeta ondulando pacificamente juntas no mastro de uma espaçosa escuna. A tripulação compunha-se de marinheiros egípcios e, por mais esforço que fizessem, não podiam entender mais que as palavras "embaixador do sultão". E não era seu próprio capitão quem lhes fechava a boca, mas um cavaleiro da Ordem Hospitalária, que os fazia voltar a bordo, insultando-os com blasfêmias em árabe.

A bela galera do grão-mestre da Ordem de São João mantinha-se afastada das outras, e só se podia chegar a ela com barcos a remo. Simón soube por meio dos barqueiros que o representante do grão-mestre, Jean de Ronnay, chegara para visitar o rei Balduino.

A chegada da polícia imperial pôs fim às perguntas curiosas do frade. Ele fez um sinal aos soldados para que levassem Vito. Mas foi exatamente este gesto que aguçou a suspeita dos policiais, e lhe fecharam o caminho.

— Sua documentação, estrangeiro! — Antes que Simón pudesse esclarecer a situação, escutou-se uma voz que vinha de mais atrás.

— Eu conheço este senhor! — Yves, o Bretão, acompanhado de um destacamento de soldados vestidos com o uniforme do rei francês e que ostentavam o galhardete do embaixador Joinville, personagem conhecido de todos no porto, interveio na discussão e os policiais apressaram-se a retirar-se com uma saudação para recomeçarem a ronda.

— A verdade é que não deveria dar o aval para sua pessoa, Vito de Viterbo! — disse o Bretão, com frio desprezo. — Faz muito tempo que meu senhor Luís sente falta de suas orações.

— A Cúria precisava dos meus serviços, senhor Yves — murmurou Vito, desgostoso pelo fato de que seu passado fosse alcançá-lo exatamente ali.

— O senhor deveria refletir e decidir bem a quem dá preferência — caçoou Yves, e dedicou um olhar de menosprezo à miserável aparência do dominicano. — Embora sua ausência prolongada e o descuido de suas obrigações de confessor também tivessem tido seu lado bom: o castelo Sant'Angelo já não fica sabendo de cada espirro do rei antes que ele tenha expulsado o sputum!

— Não sou um traidor! — rebelou-se Vito.

— Não — replicou o Bretão —, mas sim uma mísera escarradeira! — e cuspiu em Viterbo diante de seus pés, afastando-se depois.

— Quem é esse indivíduo? — repreendeu Simón de Saint-Quentin ao seu acompanhante — E por que não me apresentou?

— E um brigão — grunhiu Vito — a quem permitiram trocar a batina de sacerdote pelo uniforme de rei. — E retornaram ao barco, para que os devolvessem à outra margem.

— Pode dizer o que quiser — Vito estava nervoso quando o levaram novamente diante do legado —, mas uma reunião de máximos dignitários, embaixadores e núncios, aqui e agora em Bizâncio, não pode ser obra do acaso, deve ter sido convocada por alguém muito superior.

— Eu só me vejo como legado da Igreja, e ninguém me convocou, exceto meu senhor, o papa, aos pés de quem desejo voltar o mais rápido possível.

— Durante nossa ausência podem ter ocorrido muitas coisas, frei Ascelino. — Vito tentava induzir o outro a pensar. — Não deveria cometer mais uma vez o erro de desprezar a oportunidade que a História lhe oferece, apenas pela vontade de seguir ao pé da letra as limitações que sua missão lhe impõe, em vez de atuar num plano superior de sua visão política. — Com a coragem de quem já não tem nada a perder, Vito aceitava ver-se exposto ao descontentamento de muitos, inclusive à fúria crescente do legado. — Não se rebaixe a um simples carteiro, quando nossa Igreja concede a seus embaixadores uma onipotência tão extraordinária quanto gloriosa! A situação que o senhor encontra aqui o obriga a agir, considerar, julgar e atacar. — O frade, de pé, retorcia acima de sua cabeça as mãos acorrentadas. — Em nome de Cristo e de nossa Santa Igreja!

— Gloriosa? — Ascelino lançou-lhe um olhar de compaixão antes de fazer um sinal ao mestre dos remadores para que se aproximasse. — Prenda-o! — ordenou em voz baixa. — Nada de chicotadas, mas deve, sim, o senhor colocar-lhe uma mordança na boca — suspirou — antes que eu leve a sério seus conselhos e me livre dele, de mim e da Igreja. — Aibeg e Serkis, os dois nestorianos que Baitchu o havia forçado a levar consigo na qualidade de embaixadores, tentavam aproximar-se.

— Que fazemos aqui, perdendo tempo? — criticava Serkis, um homem magro, enquanto Aibeg, mais para corpulento, lançava, através do Bósforo, o olhar ansioso dos seus olhos sobre Bizâncio, que parecia ter ao alcance da mão. — Nesta costa inóspita, nem vale a pena descer a terra.

O legado trincou os dentes. Tinha nojo dos dois sacerdotes. Ele teria preferido deixá-los aqui, em terra, ainda que fosse lá em frente, na Babel dos pecados, mas assim acabaria se apresentando com as mãos inteiramente vazias diante do Santo Padre depois de ter fracassado em sua missão.

— Não gostaria de perder a cabeça — insistiu Serkis —, e Baitchu me fará cortá-la se não voltarmos a nos apresentar diante dele pontualmente e acompanhados do meu senhor, o papa...

— A morte dos mártires é certa — sentenciou Simón. — Esse terrível general tártaro se asfixiará na sua própria bÍlis se está esperando que a cabeça suprema da cristandade se

incline diante dele!

— Quando o senhor estava diante do seu trono não se atrevia a falar nesses termos. — Serkis devolveu-lhe o veneno de suas palavras. — Baitchu, em sua generosidade, tinha confiança de que o senhor responderia a seus desejos, e isto salvou sua vida!

— Na verdade, ele queria arrancar a sua pele — acrescentou Aibeg com um certo ar sonhador.

-Veja só, frei Ascelino — observou Simón com aspereza —, quanta razão eu tinha! É uma pena que não possamos apresentar Baitchu como exemplo, e exemplo do que é um crânio de tártaro, e expô-lo conservado em vinagre à vista de todo o Ocidente: sua horrenda aparência, seus lábios grossos, os olhos salientes, o nariz achatado, a testa baixa e a barba de bode.

— Não se esqueça de que somos seus emissários. Os castigará em seus filhos, e nos filhos de seus filhos! — resmungou Serkis. — É assim que os cristãos pagam a hospitalidade que lhes é concedida!

— Hospitalidade? — atacou Simón. — Essa comida de porcos, que só tem restos pestilentos e que tivemos de ingerir, trazida numa mala cheia de sujeira, e na companhia de bêbados que arrotam, vomitam e arquejam enquanto comem?

— Baitchu deveria ter jogado o senhor no caldeirão e arrancado sua pele — respondeu Aibeg, com um tom tranqüilo que costumava irritar ainda mais a Simon.

— Antropófagos! — gritou Simon, com voz estridente. — Não lhe disse, frei Ascelino? Os tártaros assassinam os cristãos, os assam e os comem sem prerrogativa alguma; lhes dá prazer chupar o nosso sangue com avidez.

— Esqueça, Simón — o legado queria pôr fim à discussão que ameaçava degenerar em ódio aberto. — Não nos coloquemos na mesma altura que esses bárbaros — seu sorriso revelava desassossego. — Concederemos aos senhores embaixadores o favor de deixá-los observar o que é a civitas ocidental, e a esses sacerdotes nestorianos o que é uma autêntica cristianitas. Esta noite, logo que escurecer, lançaremos âncora em Constantinopla.

XII - CONJUNCTIO FATALIS

Ensaio Geral

Constantinopla, palácio de Calixto, outono de 1247 (crônica)

Ao cair a noite, Yarzinth apareceu no nosso sótão.

— Lá em cima esperam por William e as crianças — comunicou a Lorenço —, e também por você.

Exatamente acabávamos de trocar de pena, e Benedito estava lhe ditando o que se lembrava sobre a cruel disciplina do exército mongol:

— "Embora fujam apenas dez de um grupo de cem, todos são condenados à morte. Assim mesmo, se um atira-se violentamente à luta, e sua fila de dez não o acompanha, ou se um cai prisioneiro e seus companheiros não o libertam, todos pagam com a vida..."

— Assim deveria ser também com os frades menores — brincou o cozinheiro. — Fim do texto! Terão de contar o resto da história de viva voz.

— Por que Benedito não pode vir conosco? — perguntou Roç, com desconfiança. A criança pusera outra vez o blusão de lutador, do mesmo modo que Yeza não se separava mais de suas calças de feltro.

— Porque ninguém perguntou por ele — esclareceu Yarzinth com rudeza. — Em frente, com vocês!

— Não! — replicou Yeza, e balançou o punhal na mão. Tinha aprendido a usá-lo bem, e Yarzinth levantou as mãos com um gesto de medo involuntário para proteger-se. — Diga aos de cima que só nos apresentaremos se Sigbert nos der a palavra de que ninguém o machucará no corpo ou na alma — apontou logo para o polaco, com a ponta do punhal, até então dirigido contra o ventre de Yarzinth.

— O senhor pode ir — e Roç se instalou com o arco tensionado ao lado da menina —, faça o que se manda!

Yarzinth inclinou-se e eu o acompanhei com Lorenço. Estava orgulhoso dos meus pequenos soberanos, embora lamentasse o ardor com que defendiam Benedito; mas achava que teriam agido do mesmo modo se fosse comigo. Além disso, a vida do polaco estaria por acaso em perigo? E este não me tinha recebido com as palavras: "Primeiro eu, depois você?" Cuidado, William!, disse para mim mesmo, enquanto ia tropeçando escadas acima para acompanhar o cozinheiro.

Estávamos na véspera do dia do Senhor. Yarzinth nos levou a uma sala muito bonita, cujo chão era de grandes quadrados de mármore, que formavam um tabuleiro de xadrez.

— O "centro do mundo"! — sussurrou-me Lorenço.

As arcadas da parte dianteira apareceram cobertas de cortinas feitas com um pesado veludo vermelho, e davam a impressão de um cenário, impressão reforçada pelo fato de

ali estarem reunidas personalidades de nome e posição os mais elevados que eu conhecia. A direção cênica estava, segundo entendi, em mãos do velho John Turnbull, que se movia excitado de um lado para outro; de fato, surpreendeu-me comprovar que continuava entre os vivos. Em seguida fez sinais a mim e a Lorenço para que nos aproximássemos, e empurrou o robusto Sigbert para o outro lado, o que este aceitou com estóica paciência.

— Sigbert representa Pian — informou-me Clarion, enquanto se esforçava em assistir o ancião. — Que está ocorrendo com as crianças? — perguntou depois, preocupada, ao ver que nos apresentávamos sem eles.

— Exigem garantias de que Benedito da Polônia não sofrerá nada no corpo nem na alma — ironizou Lorenço —, e só querem tratar do assunto com o comendador da Ordem dos Cavaleiros Teutônicos!

— Agora não posso prescindir de Sigbert — resmungou o velho John, que achava que as crianças exigiam não mais que um de seus caprichos inesperados; mas Sigbert pegou com as duas mãos uma das figuras que representava uma torre de xadrez, pendurou em cima a capa mongol bordada que, até o momento havia vestido, e a colocou no lugar onde ele estivera.

— Aqui está o glorioso correio do Grande clã! — comunicou a Turnbull, enquanto acabava de colocar na figura de xadrez o chapéu característico, de aba larga, com acabamento em ponta. — Podem render-lhe homenagem! — E afastou-se a passos largos.

John aceitou, embora ligeiramente confuso.

— Pois bem — continuou —, uma vez que tenha apresentado Pian — e assinalou com gesto cortês a maciça figura disfarçada —, você, Lorenço, como legado de Inocência, dará as honras ao missionário em seu regresso de...

— Mas se não era essa minha missão!

— O bispo vai lhe emprestar uma capa belíssima — o velho John reduziu a questão da nomeação a uma questão de roupas. — Depois Pian nos dirigirá umas quantas palavras sobre os perigos da viagem e mencionará com grandes elogios seu fiel acompanhante em todas as vicissitudes sofridas: Wilham de Roebruk!

— E as crianças? — atrevi-me a mencionar.

— Ah, sim, as crianças! Como apresentá-las de forma mais convincente?

— Pian poderia...

— Não! — decidiu Turnbull. — Você, Lorenço, pedirá mais uma vez a palavra, e dirigirá algumas frases de agradecimento ao Grande clã. Ele, em sinal de sua vontade de paz e do respeito pelo Ocidente, envia-nos os símbolos de uma simbiose superior entre ambos os mundos, entrega-nos aqueles que são a encarnação...

— Etecétera, etecétera — sussurrou-me Lorenço, vangloriando-se de sua total falta de respeito.

— ... do sangue real — prosseguiu John, em tom enfático: — os filhos do Graal! — e emudeceu, esgotado.

— Essa é a palavra-chave para você William! — interveio Lorenço. — Então você se

apresenta de mãos dadas com as crianças e as faz avançar, enquanto fica, humilde, um pouco atrás, no fundo...

— Por que não nos ajoelhamos todos? — Com estas palavras pretendia contribuir no jogo. — Ou ao menos Pian, você e eu?

— Faremos um ensaio — informou Turnbull. — Onde estão as crianças?

Roç e Yeza já estavam correndo entre as filas de espectadores onde haviam se sentado a condessa, o bispo e — o que me deixou mais intrigado — também Gavin, o cavaleiro templário. Até então a presença do preceptor sempre tinha anunciado grandes mudanças em minha vida, que costumavam arrastar-me de maneira perigosa até o limite de minha existência física. Em minha mente, um pouco confusa e aturdida pelo que se estava desenvolvendo ao meu redor, soou com estridência uma campainha de alarme.

As crianças acudiram com rapidez, sem que fosse preciso chamá-las duas vezes, e também Sigbert voltou a ocupar seu lugar.

— Que roupas estão usando? - reclamou John, vendo o aspecto marcial das criaturas. Depois dirigiu-se a Clarion: — Não poderiam aparecer com roupas melhores?

— Pois claro que sim! — exclamou Yeza, correndo em direção à caixa de fantasias de Benedito, que fora levada assim mesmo para o cenário.

— William também deveria apresentar-se com roupas de um importante sacerdote — propôs Lorenzo divertindo-se à minha custa. — Uma espécie de grande xamã, que só com sua presença evocaria toda a magia surpreendente do Oriente...

— Bobagens e superstições! — murmurou Sigbert, depois de ter colocado de novo sobre seus largos ombros a capa prevista para Pian. Mas Turnbull aceitou prazerosamente a proposta de Lorenzo.

— Talvez nos seja útil! — refletiu em voz alta, razão pela qual dirigi-me ao baú, cujo conteúdo era vasculhado por Clarion e as crianças.

— Deveríamos rever a distribuição dos assentos — falou, dirigindo-se a Turnbull, o bispo Nicola della Porta, que havia se aproximado dele. - Pensei situar o clero grego e demais confissões cristãs à direita...

— Todos misturados? — interveio Gavin, que oferecia galantemente seu braço a Laurence.

— E se colocarmos as ordens militares entre as diferentes facções? — propôs o bispo. — Os são-joanistas entre os católicos romanos e...

— Que não fiquem perto dos templários! — Também a condessa havia captado de imediato as maliciosas perspectivas que aquele jogo abria. — Seria preciso levantar um muro entre as duas ordens, ou, talvez, colocar os teutônicos no meio!

— No momento, apenas eu estou aqui — brincou Sigbert —, e só tenho dois braços para separar os possíveis contendentes.

— Nós, templários, nos colocaremos em frente — decidiu Gavin. — Estaremos ao lado dos sufis, e dos emissários do sultão.

— Há um detalhe que me preocupa muito mais — advertiu a voz de Sigbert, baixando de

tom. — Onde estão os emissários do "Ancião da Montanha"? Devemos contar com eles também!

— Não há entrada para os "assassinos"! — exclamou o bispo com voz vitoriosa. — Dispus um controle triplo na porta, que irá verificar a identidade de todos, e de cada um dos assistentes.

Gavin e Sigbert entreolharam-se, dando mostras da concordância mútua quanto à ilusão mentirosa em que mergulhara Nicola delia Porta ao pensar que a segurança consistia em reforçar a guarda nos portais.

— Também será preciso dividir os embaixadores das Repúblicas — propôs Gavin — para que a Sereníssima não fique colocada junto a Gênova...

— E gente que leva a espada muito solta — riu Sigbert. — Acho que o melhor será deixar que esses galos de briga procurem seus assentos por si mesmos, tão afastados do inimigo quanto julgarem necessário.

— Nesse caso se produzirá imediatamente uma luta pelos assentos da primeira fila — pôs-se a rir a condessa.

— Na primeira fila — o velho Turnbull tentou reafirmar sua autoridade — se sentará o conde Joinville, embaixador do rei de França; depois o filho do rei Bela, da Hungria...

— Filho bastardo! — corrigiu o bispo.

— ... depois o condestável de Armênia, Sempad, que é irmão de sangue do rei Hetum, que se hospeda na cidade, a caminho de visitar a corte do Grande clã, e em seguida... talvez lhes convenha sentar-se você, querida Laurence, com sua encantadora filha adotiva, Clarion, representando o imperador?

Neste instante Yarzinth levou a um canto seu senhor, e lhe sussurrou alguma coisa ao ouvido, o que o deixou levemente pálido.

— O imperador! — exclamou. — O imperador Balduíno e a imperatriz Maria esperam que as crianças sejam levadas amanhã à tarde a seu palácio, onde eles decidirão sobre o seu destino! Dizem que todos nós que estamos aqui reunidos devemos considerar-nos presos!

Essas palavras provocaram um silêncio seguido de um murmúrio de indignação, de onde se sobressaiu a voz de Turnbull; de novo voltava a ser mestre da situação, o intocável mestre venerabile.

— As estrelas — proclamou — também brilham de dia, embora não as vejamos! Sua posição favorável não se limita às horas noturnas do dia de amanhã; apresentaremos as crianças no meridiano, aqui, ao meio-dia, sem temor dos esbirros do imperador.

— E os hóspedes convidados? — atreveu-se a perguntar o bispo.

— Faça com que lhes chegue a notícia! — instruiu-o Turnbull. — Aquele que considere um favor dos céus acompanhar-nos nessa hora; ao que queira ver realizado seu desejo de apresentar os seus respeitos aos infantes reais, terá ouvidos para ouvir. Esta noite aparecerá uma estrela em cima do palácio... — interrompeu o discurso, porque a visão superava suas forças.

John Turnbull abandonou aqueles que o rodeavam e aproximou-se das crianças, que estavam sendo vestidas por Clarion como se fossem pequenos príncipes mongóis.

Escapuli, pois minha vestimenta de xamã, que era apenas um caftã amplo com mangas longuíssimas, enfeitado com ossinhos, abundantes guizos e fitas de cores, pareceu-me uma fantasia ridícula demais. O que pior me assentava era a máscara de cobre, que em torno da abertura destinada à boca tinha cabelo preso simulando uma barba, além de uma franjinha falsa e campainhas nas orelhas. Para acompanhar a fantasia, Clarion colocara nas mãos um tambor cujos pauzinhos pareciam mosqueiros. Eu não desejava me apresentar vestido assim, mas as crianças estavam entusiasmadas.

— Como você se sente no papel maternal de Maria — ouvi que Gavin caçoava do bispo —, à espera de uma Belém encenada ao meio-dia?

— Sinto-me como o asno do espetáculo! — resmungou Della Porta. — Temos de escurecer a sala — acrescentou —, senão o ambiente irá para o diabo.

— De qualquer forma, teremos os chifres do diabo, seja de noite ou de dia, inclusive numa escuridão artificial. Estamos entrando no aequi-noctium, que é quando o dono deste mundo faz dançar os seus — consolava-o Gavin exatamente no momento em que passei diante deles. O bispo fez o sinal-da-cruz e Gavin explodiu numa gargalhada quando arranquei a máscara do rosto.

—William é uma garantia ambulante — exclamou — de que amanhã, se alguma coisa puder falhar, falhará.

Entretanto, tinham acabado de vestir as crianças. Roç vestia umas calças amplas e bordadas, colocadas dentro de botas de brocado, uma capa cerimonial principesca de gola alta, e por baixo um colete bordado em ouro. Em volta de seu talhe esbelto tinham lhe amarrado um lenço de seda do qual sobressaía o extremo enfeitado com pedras preciosas de uma bainha de sabre, na qual Clarion colocara dois palitos de marfim como os que se usam para comer, com a intenção de não acrescentar perigos aos já existentes. O garoto não queria se separar do arco e das flechas, razão por que levava seu instrumental guerreiro escondido debaixo da capa.

Yeza quis salvar suas calças do incêndio, e decidiu-se por uma jaqueta... que estilizava sua pequena figura, convertendo-a numa boneca com os ombros muito levantados. Os penduricalhos, colares e braceletes, e sobretudo uma longa trança artificial, faziam com que parecesse muito maior do que era. Clarion havia escolhido para ela, do mesmo modo que para Roç, um chapéu enfeitado com um diadema que lembrava uma coroa; além disto, levava o punhal pendurado por uma corrente junto a outros objetos que indicavam suas virtudes domésticas, como um pedaço de isca, umas tesouras, um pente e um misterioso estojo.

A aparência das crianças era incrível, e com aquela espécie de gravidade infantil que irradiavam tive de repente a impressão de estar com seres absolutamente estranhos. Além disso, não me davam a menor atenção, só ficavam rindo uma para a outra, mas prestaram muita atenção às instruções que John Turnbull lhes deu com ar de avô, mais do que com autoridade patriarcal:

— Quando William os trouxer aqui e se retirar, não olharão para atrás, entendido? Eu

chegarei perto de vocês então, e darei a bênção.

— Seremos premiados? — quis saber Yeza, antes de mais nada. Roç deu-lhe uma cotovelada. — Será uma honra para nós, certo? — dirigiu-me um olhar interrogador. Concordei com a cabeça.

— E depois celebraremos o matrimônio quimiológico! — disse John, em tom solene. Fechou os olhos extasiado, o que me impediu de ver que Yeza devolvia o cotovelo a seu companheiro, enquanto Roç expressava suas reservas:

— E para sempre?

— Por que não o ensaiamos? — interveio a condessa sem o mínimo respeito por aquele problema íntimo. — Yeza, dê-lhe um beijo!

— Santos céus! — exclamou Gavin. — Não queira destruir a magia de um momento assim mostrando emoções estúpidas como muito humanas!

— Terão apenas que sorrir e dar-se as mãos, isto é tudo! — contribuiu o bispo com a cena. — O Espírito Santo fará o resto!

O templário continuava com vontade de brincar:

— Isso quer dizer que também aparecerá a pomba? Isso sim valeria a pena ensaiar antes!

— O matrimônio quimiológico — comentou Turnbull — não pode ser ensaiado, só se pode contrair! — suspirou. — Quer dizer, se realiza *eo ipso*, como o "grande plano"! Não podemos fazer outra coisa do que estar dispostos...

— Amém — disse o bispo. — Já é tarde e nossos pequenos soberanos da paz devem ir dormir. Amanhã será um dia cansativo.

— Eu os acompanharei de tarde, quando venham apresentar-se diante do imperador de Bizâncio — ofereceu-se Gavin —, já que Conon de Béthune, meu tio, foi regente aqui antes que o pequeno Balduíno pudesse passar do urinol ao trono...

— E certamente também não se sabe quanto tempo continuará sentado nesse trono! — retrucou Sigbert.

— Não se preocupem com Balduíno. Está ofendido porque nos esquecemos de convidá-lo — com estas palavras o bispo acabou com o ensaio geral. — Boa-noite — bateu palmas e os criados começaram a apagar as luzes.

Mas ninguém tinha vontade de dormir naquela noite. Turnbull pediu a Gavin e Lorenço que o acompanhassem escadas acima, ao observatório. A mim encarregaram de devolver as crianças ao sótão, coisa que eles se apressaram em realizar correndo, porque queriam ver se Benedito continuava vivo e são. Clarion ordenou a Yarzinth que a acompanhasse até o porto. Sua arca de roupas estava ainda na trirreme e ela desejava apresentar-se bem-vestida na festa do dia seguinte, tendo em vista que estaria sentada na primeira fila junto a tantos dignos senhores e cavaleiros. Só dois se retiraram muito calmamente para dormir: a condessa, porque sabia que sua beleza sofreria se não dormisse, e Sigbert, porque estava cansado como um cachorro.

O bispo se mexeria, insone, na cama, disto eu tinha certeza. Havia muitas coisas em jogo, e Turnbull, em sua teimosia de velho, tinha acelerado demais a marcha das coisas. Por

acaso não era o autor do "grande plano"? Deus meu, fazia mais de três anos que o documento tinha passado para minha calça, ao invés de ir às mãos de Elia! E quem poderia saber o destino que esperava a esse pergaminho? Eu quase me esquecera dele, mas John Turnbull não o esqueceria sem mais nem menos. Certamente o velho estava agora lá em cima, sobre o telhado, exigindo das estrelas que confirmassem suas decisões. Comecei a considerar se não éramos todos como satélites que giram com mais e mais rapidez, e vi-me como um deles até que finalmente saí em disparada do círculo e alcancei a cúpula do firmamento. Via as crianças voando a meu lado; estendi a mão, mas eles desapareceram e já não eram mais que umas figurinhas, cada vez menores entre as estrelas fulgurantes que se perdiam no espaço infinito.

A Hora dos Místicos

Constantinopla, outono de 1247

Logo ao chegar a noite, o veleiro papal se transferiu à margem grega. Apoiando-se nas informações do irmão Simon, Ascelino tinha dado ordens de não entrar no porto principal, mas que atracasse em frente, debaixo do cemitério de Gaiata, onde uma ponte de barcaças atravessa o Corno de Ouro. O legado se preparou para chegar a pé em terra firme, acompanhado apenas de um pequeno séquito.

— Quem dera que Vito fosse capaz de ir de quatro; assim chamaria menos a atenção! — lamentou-se Simon, quando subiram a coberta, para Viterbo, que continuava acorrentado.

— Não se pode forjar um colar tão estreito — o jovem legado recolheu a insinuação — para que Vito não seja capaz de fugir no momento menos oportuno, atraindo os olhares de todo mundo com seus uivos e batidas de queixo. Vito, poderia nos prometer deixar a bordo os instintos de lobo feroz? — dirigiu-se a seu prisioneiro, pedindo compreensão. — Também trabalhamos para o cardeal e desejamos farejar o rastro dessas crianças hereges, mas o que não queremos é assustá-los por causa de latidos!

Vito permanecia em silêncio e com expressão obstinada enquanto estendia ao outro, em sinal de reprimenda, suas mãos acorrentadas.

— Você o escutou? — provocou-lhe o mestre de remadores, levantando o látigo de nove pontas e disposto a deixá-lo cair sobre as costas do prisioneiro.

— Não o compreendo, Ascelino — Vito começou finalmente uma resposta zangada; mas, de repente, e diante de tanta teimosia, seu vigia perdeu a paciência e tirou uma faca.

— Se as orelhas não te servem — sussurrou em tom ameaçador —, posso cortá-las!

Então Vito apressou-se a dizer:

— Prometo ao senhor não abrir a boca e ficar por perto.

Assim, soltaram os ferros dos seus pés e o levaram preso com as correntes, de forma dissimulada. Tinham lhe imobilizado um braço, aplicando também uma ampla bandagem, mais outra na frente para que ninguém o reconhecesse, nem parecesse estranho que dois marinheiros robustos, com roupas de frade, o levassem sustentado-o à direita e à esquerda.

Os dois nestorianos, Aibeg e Serkis, que passaram o dia quase sem falar e resmungando por causa do tédio e do tempo perdido, abandonaram o veleiro antes dos demais e escapuliram, sem ao menos cumprimentar o gentio que se aglomerava na ponte àquela hora da noite. O legado adiantou-se com Simón ao resto do grupo, ambos vestidos com uma batina simples de dominicano.

— Aonde irão com tanta pressa nossos dois xamãs? — ironizou Simón.

— Não ofenda os xamãs comparando-os com esses míseros sacerdotes nestorianos — repreendeu-o Ascelino. — Sinto profundo respeito pelos indivíduos que se expõem à fúria dos elementos e à austeridade das estepes para experimentar uma comunhão mística com a natureza, associando-a à devoção pelo espírito, à adoração a Deus.

Mas Simón não quis renunciar a seu ar que ostentava superioridade.

— Quase sou levado a crer que você prefere a superstição dos xamãs ao batismo cristão.

— Só condeno os nestorianos que chamam a si mesmos de "cristãos" — corrigiu-o o legado. — Introduzem o Evangelho no cu dos soberanos mongóis, e adaptam a férrea formulação do Credo a como lhes é ditado, a cada momento, o bafo pestilento do Grande clã...

— Ou de acordo a seus peidos!

— Acho que agora você compreenderá, Simón, porque um autêntico xamã, que se sente unido à terra e não sabe nada de Jesus Cristo, é preferível a um escorregadio nestoriano que trai a Cristo todos os dias.

Enquanto escutava o discurso, e uma vez abandonada a ponte das barcaças, Simón não tinha perdido de vista as naves ancoradas no velho cais. Não estava com intenção de aproximar-se outra vez do lugar onde a trirreme estava atracada, para não provocar o destino, fora que percebia que o "ferido" Vito atraía muitos olhares curiosos, como pôde comprovar observando as pessoas que circulavam em torno. Assim, deu uma grande volta para não se aproximarem da nave da condessa, que balançava na escuridão da noite, embora sentisse curiosidade em vê-la alguma vez mais de perto.

Em certo momento Ascelino puxou-lhe pela manga da roupa: à luz de uma tenda aberta, e iluminada com inúmeras candeias de azeite, dançava um homem adulto que parecia estar inteiramente absorto, e em transe, enquanto rodava e fazia piruetas; seguindo o ritmo monótono de um tambor e de uma flauta, cujo som estridente se espalhava pelo ar. — Allahu akbar, allahu akbar, aschhadu an la ilaha illallah... Estava rodeado de um círculo de espectadores que, a julgar por suas roupas, era gente de Rum ou de Icônio, quer dizer, da Ásia Menor, que ficava em frente, e estes aplaudiam com entusiasmo. Os dois frades quiseram fugir discretamente, mas um dos comerciantes árabes que tinham suas mercadorias espalhadas diante da tenda aproximou-se de Ascelino. Lançando um olhar sobre Vito, que dava uma impressão lastimável, convidou-os a se sentarem para participarem com eles da diversão.

— As-salamu alaika. Uma bebida quente, amarga para o estômago, mas doce para a alma, irá esquentá-los e servirá para ajudá-los a resistir ao frio da noite, ao mesmo tempo que vai refrescar o espírito e dar à sua mente a clareza necessária para que encontrem o que buscam. — Os dominicanos viram-se obrigados a parar; Vito esforçava-se para não se expor à luz. Uma criança lhes serviu em tigelas o líquido escuro no qual boiavam folhas de menta fresca. O dançarino não tinha parado nem parecia ter percebido que eles estavam ah, o que induziu Simón a perguntar, um pouco por acaso:

— Um dervixe?

O árabe sorriu com lábios finos.

— Não, um sufú

— Sou dominicano — respondeu Simón.

— Estou vendo, senhor.

— E ele é o legado do Santo Padre, Sua Santidade, Inocêncio IV, papa de toda a cristandade — e mostrou com ar triunfal Ascelino, que em seu foro íntimo considerou uma apresentação exagerada.

— Isso não se vê — retrucou o comerciante, insinuando uma leve inclinação. — De todo modo, damos-lhes as boas-vindas. Aquele que vê dançando o sema não é mais que um humilde servidor de Alá, Mevlana Jellaludin Rumi. — Como não esperava nenhuma reação por parte dos dois frades, continuou com ar quase indiferente: — Teve de fugir do seu país diante da ameaça dos mongóis, ao que você deve conhecer muito bem. Os mongóis mataram seu mestre, Shamsi Täbrisi, e o sábio Rumi agora vive e ensina em Icônio...

— Conhecemos os mongóis — apressou-se em explicar Simón —, porque nossa missão nos levou até eles. São indivíduos terríveis, diríamos que animais selvagens e impuros!

— Somos todos muito impuros — corrigiu-o o árabe, com voz melosa. — Alguns permanecem na escuridão, enquanto outros tiveram a sorte de escutar as palavras do Profeta... — e continuou em seu discurso com tanta habilidade que Simón viu-se incapaz de interrompê-lo. — Rumi empreendeu a longa viagem da Ásia porque uma voz revelou-lhe que amanhã poderia ver, aqui em Bizâncio, o par de crianças soberanas, os futuros reis da paz!

Ascehno teve de fazer um esforço para esconder sua emoção, o que não escapou ao árabe, que o observava atentamente.

— Um par? Quer dizer um menino e uma menina?

— Por que Alá não permitiria - sorriu o comerciante ao ver que o legado morria de curiosidade — que um ser do sexo feminino encarnasse seu espírito e fosse coroado ao lado do soberano masculino?

— Onde e quando serão coroados? — Simón não pôde reprimir a pergunta.

— Quem deve sabê-lo, saberá — respondeu o árabe com leve receio. - Eu saberei esperar.

— Nós também! — esclareceu-lhe Ascelino rapidamente. — Só queremos dar uma volta por esta cidade que é desconhecida; talvez...

— Se me permite oferecer-lhe meus humildes serviços de guia, os acompanharei com muito gosto a todos os lugares.

Ascelino não queria chegar a tanto, mas também não soube recusar a amável oferta.

— Mas vocês têm aqui um hóspede muito importante — quis frear o comerciante quando este já estava trocando umas palavras rápidas em árabe com seu jovem colega, que lhe respondeu com gesto afirmativo. De modo que se encaminharam para a cidade velha que, atrás do porto, subia em direção à colina.

O teto plano da ala piramidal do palácio de Calixto sobressaía das copas das árvores, e graças à sua situação elevada superava inclusive as torres das igrejas próximas de santa Irene e dos santos Sérgio e Baco. Uma vista panorâmica abarcava as míseras fogueiras que iluminavam as ruas da cidade velha que descia até o porto, o amplo mar de luzes do Corno de Ouro com sua ponte de barcaças inteiramente iluminada e, ao longe, a margem da Ásia Menor com seus diminutos fogos. Mas os olhos do ancião, que manipulava o longo tubo suspenso numa armação de madeira com uma catapulta dirigida para o céu, haviam se fixado em outras luzes.

— Eu o invoco, Mitra — suspirou Turnbull. — Meus anos já não me permitem subir os sete degraus, mas deveria me dizer uma vez mais se eu, indigno adepto seu, interpreto bem as ordens de seus sete planetas — fez girar o tubo sem afastar o olho. — Diga-me se ajo em harmonia com as esferas ao apresentar, na próxima posição máxima do astro soberano, aos infantes reais diante do mundo. — Sua voz soava como uma oração, uma reza desesperada que ouviam também os dois homens que se mantinham a uma distância respeitosa.

Gavin cochichou na direção de Lorenço, que estava à seu lado:

— Precisa-se do atrevimento que possuem os não-iniciados para passar por cima das tradições que sustentam os cultos antigos e opor a Apolo, seja sob sua forma dionisíaca ou orfêica — de qualquer jeito, ao soberano masculino solitário - uma companheira feminina revestida de direitos equiparados.

— Ad latere — o corrigiu o frade num cochicho enquanto continuava a evocação daquela imagem, com olhar aceso. Diferente deste, o templário mostrava-se mais distante. — Não esqueçam de Perséfone, Hécate e — acrescentou com certa timidez — não esqueçam de Afrodite, a deusa do amor! Este é o atrevimento que tanta falta nos faz: o de reincorporar o amor ao conceito de soberania.

O velho John, como se tivesse ouvido aquelas palavras, dirigiu-se a seus dois acompanhantes:

— Por acaso na mesa redonda do rei Artur não girava tudo em torno do amor? — refletiu em voz alta, embora sem nos olhar no rosto, pois seus olhos estavam dirigidos novamente ao céu. — Os doze cavaleiros, os doze signos do ciclo zodiacal, doze degraus, doze passos ascendentes: para onde? Para o amor! — Falava agora em voz alta, como se um oráculo se expressasse através de sua voz. — Jesus? Um Jesus sem amor? Embora sua Igreja patriarcal tenha degradado Maria de Madalena até convertê-la numa puta!

Respirava pesadamente e teve de apoiar-se no cânone astronômico; uma visão penosa que para o templário oscilava entre ridícula e emotiva, enquanto que o franciscano a considerava uma revelação edificante e gloriosa.

— O centro deste mundo, a pátria setentrional de Apolo, Atlântis, Avalon — suspirou Lorenço, comovido —, ilhas de amor!

— E a busca do Graal? — rigozijou-se Turnbull, agradecido.

— Tudo é amor radiante, amor ao ser humano, amor entre os seres humanos!

Mas Gavin cortou a ênfase do discurso e explodiu num riso sarcástico:

— Os padres da Igreja inventaram um monte de dogmas medíocres e absurdos, mas há um aspecto no qual, sim, tiveram uma sábia previsão: afastar a mulher do homem para que este possa dedicar sua atenção ao espírito, à santidade.

Turnbull soltou o instrumento e enfrentou o templário:

— Não pode deixar de uma vez por todas em segundo plano o emparelhamento em seu sentido terreno mais primário? Trata-se de reconciliar a criação! Deus criou os dois: Eva não é um acréscimo do diabo! São uma só coisa, como o próprio Deus. São irmãos!

— Suponhamos que Roç e Yeza fossem irmãos, o que nenhum de nós sabe ao certo; o senhor não pode negar, mestre venerabile, que se trata de seres extremamente diferentes no seu espírito e na sua carne. Este dualismo incorpora uma tensão que pressagia futuras controvérsias...

— ... ou uma integração! — John interrompeu o falatório.

— Quer se trate de um casal tradicional ou de irmãos unidos pelo incesto, continuarão sendo dois, e jamais acharão nem trarão a paz!

— Vocês, os templários, não gostam das mulheres — indignou-se Lorenço, mas estas palavras serviram apenas para enfurecer mais ainda Clavin.

— Besteira! Nossa ordem está consagrada a Maria, e com muito prazer incluirei na sua advocação a todas as Marias deste mundo! Até posso imaginar que o mundo esteja dominado por uma rainha dos céus, mas sem nenhum ser masculino à seu lado.

— Existem muitos arcanjos para não nos preocuparmos! — caçou Lorenço.

— E por que seu são Francisco recusou a santa Clara, a quem sem dúvida alguma amava ardentemente? Porque sabia que só um pode reinar! O outro seria, quando muito, coregente. Por acaso imaginam Yeza nesse papel?

Lorenço não soube encontrar uma resposta que o convencesse, e também John permaneceu algum tempo em silêncio.

— Permita-me duas perguntas, nobre senhor de Béthune — falou depois. — Porque expressa apenas agora suas dúvidas, e por que vieram apoiando com tanta dedicação o "grande plano"?

— Responderei aos dois com uma só resposta: sabem que a base e o objetivo da Ordem do Templo é salvar e proteger o Santo Graal. Essa obrigação abarca também seu sangue manifesto, as crianças, sem que nenhum membro de nossa comunidade possa decidir sobre sua legitimidade, e muito menos um insignificante preceptor!

Mas John insistiu:

— No entanto, interessa-me exatamente essa sua opinião pessoal. A Gavin não parecia fácil dar uma resposta, estava lutando consigo

mesmo. Depois retrucou:

— Minha devoção para com os filhos do Graal tem a ver com minha pessoa, com meus sentimentos, com minha obediência aos mandamentos da ordem e a certeza de que só assim, segundo todas as previsões, a experiência e o cálculo da máxima probabilidade, pelo menos uma das crianças poderá alcançar a meta, se é que se consegue...

— Isto está nas mãos de Deus! — Turnbull respirou aliviado.

— Parece-me que lhes falta a força da fé — observou Lorenço, confuso.

— É a tragédia dos templários! — John pretendia insuflar ânimo. — Sabem demais. No entanto, estimado Gavin, depois de nos ter lançado nos abismos da dúvida, como o faz o Tentador, de certa forma desejo invocar ainda outra divindade para que proteja as crianças ou, se desejam, outro aspecto em vez de sempre o mesmo: Hermes Trismegisto! Em sua aparência de Toth, o egípcio não é apenas protetor da criança única e divina senão que, graças a seu rosto de Jano, também tem como encargo proteger os gêmeos, os irmãos, e assim mesmo o último mistério, de que ninguém sabe se é um ou dois! Eu me dedicarei a ele — afastou-se dos instrumentos e voltou ao centro da plataforma. — Deixem-me, agora, amigos, e reforcem com suas rezas o poder das minhas reflexões.

Com estas palavras despediu a Gavin e a Lorenço, que se retiraram pela empinada escada até o terraço inferior.

— De fato o senhor não sabe — a curiosidade de Lorenço o atreveu a formular uma pergunta —, de que estirpe procedem essas crianças?

— Na ponta da pirâmide do "grande plano" estariam inscritos, com toda certeza, os nomes e as origens, e tudo o que deva saber o saberá no seu devido momento.

Fosse ou não do seu agrado, o pequeno franciscano teve de se conformar com a resposta.

— Esta não pode ser a esplêndida cidade de Constantinopla, cujo poder ad extremum e cuja ordem interna são elogiados em todo o mundo! — lamentava-se Serkis. — Não vejo mais que caos e anarquia e nem um guarda que mantenha a ordem em parte alguma.

— É o mal dos latinos. — O corpulento Aibeg não sentia desejo de indignar-se. — Assim obedecem ao conceito de pecado da Igreja romana, para que depois esta possa ameaçá-los com a condenação eterna e o fogo dos Infernos. O poder sobre as almas é o verdadeiro poder!

Os dois nestorianos se esforçavam por subir as escadas que levavam do porto até a cidade velha. Seus olhares reprovadores caíam sobre pórticos abertos nos quais se amontoavam mendigos com a mão estendida, pedindo esmola, junto das prostitutas que ofereciam seus encantos a baixo preço e crianças que se colavam como moscas nos postos onde se vendiam medusas mucilaginosas, ameijoas pestilentas e demais produtos do mar, sujos e impuros, colhidos no próprio porto. Outros vendedores permaneciam sentados, diante de alguns figos escuros ou meia melancia. Pouco pão e nenhuma carne: aquele era o mercado noturno dos pobres. Também havia abundância de coisas doces: em grandes caldeirões estava o melado, que as mulheres mexiam no fogo com enormes colheres de pau, para retirarem, então, aquela massa pegajosa e doce. O que as crianças mais desejavam era um pouco dessa massa doce. Seus olhos miravam fixamente: grandes olhos escuros, com bocas pequenas, em rostos pálidos. O manjar, inalcançável para eles, era objeto dos seus ansiosos olhares, mas tudo o que conseguiam era que as mulheres lhes batessem nos dedos, com as colheronas, e as crianças os chupavam com deleite, esquecendo a dor.

Entre os edifícios imundos, nas covas e nos pátios, se sentia o cheiro de podridão. De

repente ouviram-se gritos e blasfêmias. Um grupo de adolescentes, com cabeças raspadas e rostos pintados com os símbolos chamativos do grupo, percorria o mercado e ameaçava as pessoas com correntes, paus e facas. Derrubando tudo quanto lhes atravessava o caminho, jogaram uma tocha sobre os cortes de tecido de um alfaiate, e esperaram em silêncio e com expressão de pouco caso que ele lhes lançasse algumas moedas antes de animarem-se a apagar o incêndio. Alguns levavam cascos para esconder a cara.

Depois continuaram sua marcha com grande algazarra. Mas logo seus uivos submergiram no mar dos ruídos noturnos de Bizâncio, até reaparecerem os gritos e as chamas no outro extremo.

Os dois emissários do governador mongol percorriam, mal-humorados, as estreitas ruelas. Seu desgosto pelo tratamento que lhes tinha dado o legado, e com isso sua raiva contra todo o Ocidente, aquele "resto do mundo" inchado de orgulho, os deixou por muito tempo sem se dirigirem sequer a palavra entre eles.

— Baitchu deveria ter dissecado seus corpos! — exclamou em certo momento o esbelto Serkis. — Que tem o Ocidente de melhor?

Atravessaram os bairros pobres, onde a sujeira formava uma corrente fétida no centro do calçamento defeituoso; viram pequenos fogos nos quais sujos caldeirões continham, boiando, pobres restos, casas de madeira meio destruídas, algumas meio chamuscadas, elevando suas ruínas enegrecidas para a fumaça que cobria o céu. Seus habitantes, esfarrapados, brigavam entre si, e por toda parte se viram incomodados por pessoas estranhas, que os ameaçavam e que roubavam ainda aos mais pobres dos pobres. Em cada quarteirão dominava o mal-cheiro e no ar imperavam o barulho e a violência.

— Aqui não há ordem e ninguém cumpre a lei!

— É a liberdade, querido Serkis — murmurou o gordo Aibeg. — Tomam a liberdade de viver como querem.

— Mas a fome, os roubos, a inveja e a morte não podem agradar a ninguém — indignou-se Serkis. — O assalto e a violação, o assassinato e o adultério também são castigados aqui com penas muito severas, não é assim?

— Sim; mas o suborno e o favor, a fama, e, sobretudo, um título nobiliárquico fazem com que os ricos e os poderosos tenham outros juízes que os pobres. Essa é a liberdade do Ocidente, e por isso nos consideram autoritários e cruéis, porque a lei dos jas é uma para todos e é aplicada com severidade.

Observaram com horror e indignação como dois soldados bêbados arrancavam de uma mulher uma criança que levava ao peito e ameaçavam matá-la; a mulher chorava sem se atrever a gritar e tirou uma bolsa debaixo de suas saias, entregando-a aos soldados. A mão de um deles se adiantara com avidez a pegá-la quando um brilho metálico atravessou o ar, e o soldado ficou imóvel, olhando o pulso sem pronunciar palavra, enquanto o sangue salpicava a mulher e a criatura que voltava a apertar contra o peito. A espada apontou rapidamente em direção ao outro soldado, que deu uma escorregadela e depois começou a correr, enquanto o primeiro, mortalmente ferido, pôde dar ainda dois passos para a frente, para cair depois, de bruços, na terra.

De repente juntou-se ali muita gente, que se animou a sair de seus buracos rodeando com

fortes lamentos a mulher que antes tinham abandonado à sua própria sorte.

— Se chegarem os guardas — falou o justiceiro, que vestia o uniforme do rei de França —, diga-lhes que o Bretão fica à sua disposição.

O homem que se apresentava com tanta suficiência não era imponente. Era curvado nas costas, e caminhava inclinando-se para a frente. Seus braços eram muito compridos em comparação com o aspecto rechonchudo do corpo, mas parecia ter o tórax e os ombros surpreendentemente largos e fortes debaixo do colete de veludo azul-escuro, que mostrava apliques de flores-de-lis bordadas com fios de ouro.

Guardou a espada e deu meia-volta.

— O senhor deveria esconder-se, bom homem — aconselhou-lhe Serkis quando se aproximaram —, embora tenha agido como deve ser. Podemos escondê-lo em nosso barco; ali estará sob a proteção do legado papal.

— Jamais o faria! — respondeu Yves brevemente, e quis afastar-se, mas deteve-se ao escutar Aibeg dizer:

— Viu, Serkis, como o Ocidente conseguiu corromper você também? Ou esse homem atuou bem, e nesse caso não tem razão para se esconder, ou agiu contra a lei e deve aceitar o castigo. Só assim poderia haver uma ordem!

— Seu amigo faz com que eu me envergonhe — Yves dirigiu-se a Serkis. — A verdade é que tenho certa tendência a me deixar levar pela ira. Mas como ia agüentar?

— Agüentar não é, certamente, uma de suas maiores virtudes! — sorriu Aibeg estendendo-lhe a mão. — Não obstante, acho que seria melhor sairmos daqui; o morto pode ter amigos.

— Não se preocupem — retrucou Yves —, minha fama os manterá afastados!

— Deixe pelo menos que o convide para uma taça de hidromel, ou alguma outra bebida mais forte — Serkis convidou-o a acompanhá-los. — Meu estômago precisa agora mesmo de um sedante!

Atravessaram umas ruelas angulosas até que os dois frades descobriram, com fino olfato, a existência de uma taverna.

— Vejo, por sua batina, que é sacerdote — observou Yves, que não tinha intenção de juntar-se ao gentio que estava ali amontoado.

— Nós proclamamos a fé em Cristo segundo a tradição de Nestor — respondeu-lhe Aibeg, e deu um leve puxão convidativo na roupa de Yves. — Vai beber um copo conosco?

— Queiram perdoar-me por não beber — respondeu Yves com firmeza. — Gosto de conservar a mente alerta! — Com estas palavras, deixou-os ali plantados e escapuliu na escuridão.

— Certamente é um muçulmano, pois falava muito bem o árabe — tentou se consolar Aibeg, e arrastou seu companheiro para dentro.—Ao que tudo indica, Constantinopla é uma cidade tolerante...

— Sim — anuiu Serkis —, a grande Babilônia! Aqui já começou o reinado do Anticristo! Sentaram-se diante de uma das mesas, e quanto mais vinho tomaram menos se

surpreenderam com o grande número de povos, idiomas e religiões que naquela noite celebravam um encontro na antiga Bizâncio.

No "centro do mundo" as luzes continuavam acesas. Os empregados do bispo estavam preparando a grande sala para o dia seguinte. Numa das arcadas frontais haviam montado debaixo uma tribuna composta de tabuleiros em forma de cenário, que subia até a altura dos degraus mais altos das filas laterais, que serviriam de assento. Os criados cobriam com valiosos tapetes o chão de mármore branco e preto.

Quando Gavin e Lorenço entraram no quarto, Nicola delia Porta se inclinava em cima do tabuleiro vazio de xadrez.

— O jogo de Asha — disse o templário ao passar — deve lhes parecer fácil em comparação com o que vão julgar aqui amanhã.

O bispo suspirou:

— Se soubesse apenas a quem atribuir os exércitos de Ahura Mazda, e a quem o papel de Ahriman!

— Assim é o jogo da vida! - filosofou Gavin, e quis afastar-se dali arrastando consigo a Lorenço.

Mas o bispo reteve o templário:

— Gostaria de falar com você, Gavin. — O templário tomou assento enquanto Lorenço se afastava. O minorita parecia de bom humor e saltava como uma criança pelos campos do mundo esforçando-se por evitar a água dos mares. Afastou-se rapidamente entre as colunas da frente que se abriam sobre o terraço e as escadas.

— Estou com pena — comentou o bispo, como se esperasse que pudesse chegar uma solução da mão do templário. — Estou confuso e melancólico. Figuras pretas em campos brancos, figuras luminosas em campo escuro. E onde me situo? — exalou um profundo suspiro, como pedindo compaixão, mas Gavin não sentia muita vontade de consolá-lo.

— Os senhores brincaram demais de damas nestes campos marmóreos de hybris, mas apenas pularam obstáculos, em vez de se baterem com eles.

— Sinto medo — queixou-se —, medo de perder o lugar que ocupo agora, medo de uma jogada errada.

Não se atrevia a olhar o templário de frente, embora tivesse gostado de ler em seu rosto uma resposta. Mas não conseguiu, pois os rasgos de Gavin mantinham-se inalteráveis, como costuma acontecer com os soldados experimentados e os jogadores espertos.

— Devem tirar da cabeça essa ilusão de que são vocês que ainda fazem as figuras se mexerem, Excelência — disse-lhe Gavin finalmente, com firmeza. — Vão empurrá-los. Devem apostar no cavalo correto e manterem-se na sela, por mais que o animal se sacuda, se encabrite e levante as patas para o ar. Se caírem, vão perecer debaixo das ferraduras, do mesmo modo que se apostam no cavalo errado e uma lança os joga fora da sela quando pareciam estar mais firmes, para acabarem com o corpo jogado na areia. — O bispo afundou seu olhar no do templário, e seus olhos revelavam o mar de dúvidas que o embargava.

— Haverá luta — observou o preceptor —, e de nossa firmeza depende que não seja muito sangrenta. Seu lugar é, como o meu, ao lado das crianças. — Gavin tentava infundir coragem ao bispo, que continuava mergulhado na incerteza.

Tentou animá-lo dando umas palmadinhas em seu ombro, e não aceitou mais que o retivesse ali.

Já era meia-noite quando Anselmo de Longjumeau, legado papal, terminou de atravessar a cidade velha, junto com Simón de Saint-Quentin e guiado pelo comerciante árabe.

O grupo tinha boa aparência, afastando assim qualquer galera mal-intencionada. Embora os frades não levassem armas visíveis, partia deles uma aura de ameaça, sobretudo do que mostrava sinal de ter sido ferido em alguma luta. Vito, acorrentado debaixo das ataduras, seguia em silêncio os passos dos outros, embora na verdade fosse ele quem indicasse a direção. O palácio do bispo, situado na parte mais alta da cidade, o atraía com um poder mágico, e sua impaciência, embora presa às correntes, impedia que o pequeno grupo se detivesse em algum lugar.

— Em toda minha vida de missionário que viajou muito — suspirava frei Ascelino — não vi jamais tantos adeptos budistas, partos, coptas e estarcios, maniqueus, hereges, patarenos e bogumiles, jacobinos ortodoxos e andreanos, armênios cismáticos e jovianos, judeus, persas adoradores do fogo, brâmanes e xamãs, dervixes que dançam, sufis alienados, faquires que tocam flauta para encantar serpentes, tibetanos que mexem seus molinilhos de oração, iogues desconjuntados e outros que vêm de mais longe, alunos de Lao-tsé de olhos rasgados, iluministas e herméticos, todos misturados numa só noite.

— Esqueceram de muitos outros — sorriu o muçulmano —, que não são reconhecidos à primeira vista, como agnósticos, druidas, pitagóricos, neoplatônicos, essênios e caldeus, e os ismaelitas de invisível braço armado, seguidores do "Ancião da Montanha", que distribuem golpes partindo do nada.

— Referem-se aos "assassinos"? — interveio Simón, quando viu que Ascelino parava para respirar depois de ter formulado a longa lista que resumia as impressões acumuladas em sua noite bizantina. — Acho que não são mais que uma lenda da época das primeiras cruzadas, quando interessava demonstrar que alguém havia acertado em alguém uma punhalada nas costas. São tão invisíveis porque nunca existiram!

— Cale-se — sussurrou Vito em voz muito baixa. Era a primeira vez que dirigia a palavra aos seus acompanhantes. — Se não podem reprimir sua vontade de falar, guardem-na para depois!

Por cima deles já se viam as muralhas do palácio de Calixto. Atravessaram com precaução o portal quando viram que no final da escada que havia atrás ardiam ainda as tochas na prisão e que a guarda continuava vigiando. Seguiram em silêncio na direção das muralhas, em busca de outra entrada. Mas não a encontraram. As muralhas erguiam-se lisas e sem nenhuma interrupção suspeita em volta da enorme construção, excetuando-se uma fonte que sobressaía em algum lugar das pedras da muralha. Uma fonte representava um jovem e ágil Dionísio lutando com um velho sátiro pela posse de uma ânfora de vinho, cujo conteúdo derramava-se com um potente jato em uma concha situada um pouco

mais abaixo.

Simón inclinou-se sobre a concha e deixou que o jato caísse na sua boca aberta. Das arcadas situadas diante da sala principal havia alguma luz, detalhe estranho numa hora em que os demais palácios e igrejas descansavam já há muito na escuridão profunda dos seus jardins.

— Este deve ser o lugar! — sussurrou Vito ao desiludido legado, que olhava à sua volta, sem saber o que pensar.

— É o lugar — afirmou o comerciante árabe. Mas acho que só está aberto para aqueles que, amanhã, possam atravessar o portal com a cabeça bem para cima.

— Suas palavras sobram — Simón repreendeu-o. — Já sei que esse problema não os afeta.

— Voltemos para o barco — insistiu Ascelino, e começaram a descer.

Hamo pensou que àquela hora sua mãe devia estar dormindo profundamente. Cansara-se de vagar pelas ruas da cidade e decidira voltar à noite ao palácio. Não confiava muito na passagem subterrânea, cuja escuridão provocava-lhe medo, sobretudo pela presença de Estix e dos ratos. Como lhe parecia que a noite outonal oferecia uma temperatura agradável, que convidava a um passeio, decidiu utilizar o atalho para evitar o caminho de acesso que sobe formando serpentinas, e subiu por umas escadas íngremes, que desembocavam diretamente diante da porta principal.

Estava a ponto de superar os últimos degraus, que fora contando para distrair-se, quando viu silhuetas suspeitas que atravessavam silenciosas a claridade espalhada pelas tochas. Não pôde reconhecer os primeiros, mas depois vinha um indivíduo que era arrastado pelos demais, e a luz da chama caiu durante um tempo preciso sobre um rosto cujos olhos reconheceu, apesar da venda e do capuz que lhe cobria a testa. Era ele! O carrasco negro, Vito de Viterbo, que os espionara e os incomodara durante a infeliz viagem pela Itália, até chegar aos Alpes! Não havia dúvida. O comportamento suspeito dos seus acompanhantes fez com que Hamo desse por certo a descoberta.

Era muito tarde para chamar os guardas, e não tinha sentido acordar o bispo, já que o nome de Viterbo não lhe diria nada, e Hamo não tinha vontade de explicar com sinais o porquê da periculosidade daquele lobo inquisidor. Em troca, Hamo sabia que Guiscard era o homem a quem se fazia necessário avisar de imediato.

De modo que deu meia-volta e voltou a descer com um suspiro as escadas que tinha acabado de subir com tanto esforço. Dando grandes passos, chegou até o posto. Quase derrubou um bêbado, e quis lançar-lhe um insulto cabeludo, quando percebeu que o homem, que se esforçava por bater nele furiosamente com seu bastão torto ostentava debaixo da capa o valioso ornamento da dignidade episcopal. Hamo esquivou-se dele habilmente, dando uma desculpa, e quis prosseguir sua caminhada.

— Espere jovem! — repreendeu-o o indivíduo, fazendo esforço para se manter de pé. — Diga-me se estou no caminho certo para ir à recepção do bispo latino.

— O bispo Nicola? — perguntou Hamo, e deteve-se, um tanto inseguro.

— Que sei eu! — reclamou o estrangeiro, mal-humorado. Trata-se da apresentação de uns

príncipes — argumentou — e suponho que vão oferecer algo para beber. Este país tem bom vinho!

Hamo decidiu esclarecer sem mais prerrogativas a situação para aquele hóspede algo adiantado:

—A apresentação dos infantes reais terá lugar ao meio-dia, às doze...

— Cada dia?

— Não, apenas amanhã. — Hamo não sabia se deveria sentir-se incomodado com o que fora dito ou se deveria levar tudo na brincadeira. — Perdoe-me agora, tenho pressa!

— Não corra tanto, jovem amigo — deteve-o o estrangeiro. — Sou Galera, colega do seu bispo em Beirute, e quero que agora me acompanhe a descer estas malditas escadas para irmos até a próxima taberna que encontremos aberta. — Havia se apoderado da manga de Hamo, de modo que este não teve remédio senão lhe oferecer o braço e ajudá-lo a descer passo a passo as escadas.

A Noite de Estix

Constantinopla, outono de 1247

Debaixo do dossel de sua cama, o bispo se remexia nervoso num primeiro sono. Nicola della Porta tinha esperado durante muito tempo o retorno de Hamo maldizendo sua tia, Laurence de Belgrave, cuja presença no palácio de Calixto tinha provocado que o rapaz praticamente submergisse na clandestinidade e se visse obrigado a afastar-se.

A conversa que tinha sustentado com Gavin também não era a mais adequada para acalmá-lo. Desejava nunca ter hospedado sob seu teto aqueles refugiados de Otranto! O destino destes governava agora o seu; sua presença tinha posto fim aos dias plácidos de exercício despreocupado do seu cargo, e de ocupação agradável das horas em tarefas que não eram propriamente obrigações. Embora não tivesse acontecido de forma abrupta, tinha se produzido da mesma forma que uma corda vai estrangulando alguém pouco a pouco. O medo tinha se apoderado do bispo, levando-o a apertar o punho em torno dos lençóis cor de damasco; às vezes, os arrancava do peito porque lhe pesavam tanto que ameaçavam afogá-lo... depois dormiu, e sonhou que Hamo estava com ele, que escorregara com agilidade por baixo das mantas e que sua pele cheirava a porto e pecado. Seu hálito quente lhe chegava ao rosto, e seus lábios se amassavam contra a sua orelha, enquanto sua língua lhe lambia com avidez o pescoço. Nicola apenas se atrevia a respirar; tinha desejado tanto esse momento para cuja consecução tinha assediado o rapaz com carícias e presentes, atenções e generosidade. Nunca o havia apressado, e agora obtinha o prêmio pela sua paciência. Hamo tinha se aproximado livremente dele para presenteá-lo com seu amor. Nicola espreguiçou-se, feliz e disposto a aceitar aquelas carícias úmidas e atormentadas, pouco hábeis; essa língua selvagem e maravilhosa que lambia incansavelmente suas bochechas, seu nariz, seus ombros...

Yarzinth tinha acompanhado Clarion até a trirreme. Inclusive se entretteve um pouco ali, porque ela tinha lhe pedido conselho sobre a roupa que devia vestir no dia seguinte. Depois também as acompanhantes da condessa, camareiras e criadas, o acoossaram com pedidos tímidos ao mesmo tempo que insistentes para que dissesse algo sobre as roupas, das zonas que ditas roupas deixavam visíveis e dos véus ou apenas jóias com que pretendiam encher esses vazios. Yarzinth, que até para o mais ingênuo era evidente que permanecia insensível a qualquer atrativo feminino, se desembaraçou daquele assédio — depois de vencer alguma resistência — com certo sarcasmo: recomendou às mulheres que mostrassem abertamente e com todo atrevimento seus encantos e elas aceitaram suas propostas com risos transbordantes de coqueteria, até que Clarion interveio com dureza e lembrou com palavras ásperas a seu séquito que esperava ver-se rodeada por um grupo de freiras recatadas. Yarzinth aproveitou a tristeza geral que se seguiu a esta reprimenda para afastar-se com todo sigilo.

O cozinheiro estava de bom humor. Decidiu dar uma olhada no palácio do seu senhor, o bispo, para ver se tudo estava em ordem e levar depois a Estix para realizar a visita noturna que pretendia fazer ektois teichos ao seu amante. Esse amigo secreto era o único que demonstrava carinho pelo cachorro, além de por ele mesmo, e em compreender o grande amor que Yarzinth professava ao animal. O cozinheiro acelerou o passo...

Nicola delia Porta estendeu os braços para atrair finalmente aquele animal insistente e lhe mostrar o caminho da glória definitiva. Abraçou sua cabeça, puxou-o pela densa cabeleira, e quando abriu os olhos se viu diante da bocarra aberta de Estix, de cujas queixadas gotejava saliva e cuja enorme língua lhe estava dando uma lambida na barbicha.

Quis emitir um grito estridente, mas este ficou engasgado na garganta, da qual apenas saiu, finalmente, um espirro desesperado. Sua testa encheu-se de suor frio, enquanto tentava afastar com suas últimas forças a cabeça do musculoso animal, cuja língua agora deslizava pelo seu braço até que terminou por lhe lambe a mão, que, imóvel, estava dependurada.

— Yarzinth! - finalmente o bispo pôde lançar um uivo audível. — Yarziiiiinth!

O animal deve ter atravessado a porta do corredor que levava à câmara do tesouro. Talvez ele mesmo não tivesse fechado com suficiente atenção aquele acesso oculto, embora, neste instante, não lhe importava nada seus tesouros, em comparação com o terror e a ameaça que sentia pela sua vida e pela sua integridade física.

-Yarziiiiinth!

Momentos depois entrou o criado, todo apressado, no quarto do senhor, e o cachorro cumprimentou-o agitando o rabo, sem deixar de lambe a mão do bispo.

Nicola levantou-se, tremendo.

— Leve este animal! — gritou.

Yarzinth agarrou Estix pela coleira e o empurrou na direção dos painéis de madeira e a abertura na parede.

— O senhor deixou aberta a porta, Excelência! — exclamou, em tom de censura.

Nicola atreveu-se, então, da pouca distância que o separava finalmente do cachorro, a observar o animal: mandíbulas horríveis sob um nariz de bolota; cabeça robusta sobre um tórax poderoso, cujo pêlo, que cobria o corpo com manchas pretas e de um tom avermelhado, apresentava no peito um babador branco. O cachorro deitou-se com as patas separadas e arreganhou os dentes para o bispo. O mais terrível eram seus olhos: olhos mortícios e avermelhados. Estix estava cego!

Essa comprovação devolveu alguma coragem ao bispo. Seu olhar caiu sobre a coleira que o animal estava usando, e que era do mais fino artesanato de prata.

-Yarzinth — disse separando muito as sílabas —, seu cachorro quis matar-me. — Nicola fixou seu olhar com muita atenção no cozinheiro, que sujeitava seu animal babão com ar de insegurança e expectativa. — Quero estar certo de que isso não voltará a acontecer nunca mais. Você o levará para fora daqui para sempre e me trará a coleira como prova

de obediência!

Nos olhos de Yarzinth revelou-se o medo.

— Não posso fazê-lo! — gaguejou. — Não posso passá-la por cima de sua cabeça, está soldada e não se pode abrir!

— Imagino — disse Nicola. — Peço que corte seu pescoço. Eu não quero que este cachorro exista, nem em cima da superfície da Terra nem embaixo!

Yarzinth começou a tremer e parecia querer ajoelhar-se.

— Fora os dois! — grunhiu o bispo. — E não se atreva a apresentar-se com as mãos vazias...

O cozinheiro já não percebia o resto das suas palavras, porque o bispo cobrira a cabeça com o lençol e ele mesmo estava seguindo a Estix mais além da porta secreta. O coração batia na garganta.

- Roç, está dormindo? — sussurrou Yeza. — Tenho de urinar! — Seu companheiro verificou com as pálpebras semi-fechadas o descanso calmo dos dois frades. Uma vela ardia entre William e Benedito, mas só restava agora um pedacinho da mecha que estremecia a ponto de apagar-se.

—Vamos ao pavilhão? — devolveu a pergunta com um sussurro. Yeza estava de acordo.

— Se agüento até lá...

Deslizou da cama e Roç viu, à luz da chama oscilante que o pequeno montinho onde a menina soltava das outras vezes sua urina começava a cobrir-se de uma penugem delicada; de qualquer jeito, ele não tinha nunca visto antes aquele velo de um louro-dourado que quase parecia uma sombra. E ainda o assustou mais, ao mesmo tempo que sentia um grande calafrio, o fato de que seu membro de repente adotasse uma rigidez que, embora sim a conhecesse, até então nunca tinha experimentado como algo que pudesse relacionar-se com Yeza.

Desfez-se dos cobertores escondendo, envergonhado, seu membro rígido do olhar da moça, mas quando o segurou, sentiu umas pulsações como se fossem pancadas, e Roç teve medo de que Yeza pudesse ver o tamanho gigantesco que adquirira seu membro. De modo que empurrou-a apressadamente em direção à abertura no muro; na verdade, não era preciso empurrá-la, já que ela, devido à pressão que sentia na bexiga, corria pela "última fuga" como se corresse de um furacão.

Os dois conheciam bastante o labirinto, e Roç não se surpreendeu, depois de dobrar três esquinas, de tropeçar no traseiro nu da garota. Yeza se agachara, e subira a camisa porque já não agüentava mais. Roç deteve-se com prudência e pôs a mão por baixo da menina. O líquido quente molhou seus dedos e uma idéia fixa acabou por se apossar da mente do rapazola.

— Espere — murmurou, enquanto tentava interceptar a fonte. Lançou-se para trás no corredor escuro e pedregoso e puxou a menina, para isto tendo de afastar a mão da fonte, de modo que a umidade desejada roçou nos seus joelhos e nas coxas, até finalmente alcançar seu membro.

— Pode mais? — suspirou. Mas Yeza, expulsando a última gota, proclamou, cheia de

orgulho:

— Acabei! — e levantou-se. Afastou-se alguns passos até perceber que Roç não a seguia.

— Roç? — perguntou, atemorizada, com o rosto voltado para a escuridão. — Roç, que está acontecendo?

Deu meia-volta e começou a engatinhar, sem ligar para as pedras que se prendiam aos seus joelhos. Finalmente apalpou os dedos dos pés.

— Roç, responda! — Mas só pôde ouvir sua respiração arfante. Escorregou pelas pernas do rapaz, e suas mãos, que estavam na frente, encontraram o membro rígido, que tinha crescido de uma forma tão estranha entre os dois testículos com os quais ela estava acostumada a brincar.

— Oh! — foi o único som que pôde expressar. — Oh, Roç! — Sentia pena dele, pois supunha que sentia dores. Lançou-se sobre o rapaz e apertou seu rosto contra seu ventre. O corpo duro que havia entre eles a incomodava, porém mais a surpreendeu observar que começava a diminuir, a retrair-se. Apalpou-o com cuidado, como se fosse de vidro e pudesse quebrar, e sentiu medo, até comprovar com certo alívio que tinha voltado a ser o antigo brinquedo tão conhecido.

— Ai — disse Roç —, estas pedras! — e os dois levantaram-se, e se afastaram — Roç ia na frente e levava Yeza pela mão pelo corredor, até chegar ao pavilhão.

— Podemos entrar debaixo do mesmo cobertor — propôs Yeza, que sentia um pouco de frio. Através dos filigranas da obra caía no quarto a luz difusa da lua. Entraram debaixo do cobertor e apertaram seus corpos um contra o outro. — Você se sentiu mal? — perguntou Yeza, com curiosidade. Sua pequena mão tinha tornado a baixar trotando como um pequeno caranguejo ao longo dos quadris do rapaz, até acabar enterrada entre suas pernas.

— Não muito — respondeu Roç —, a culpa foi do seu pipi.

A mão de Yeza se retirou bruscamente ao ouvir a resposta e nada disse, razão pela qual seus lábios começaram a procurar os olhos da menina. Estava acostumado a certificar-se, dessa maneira, se ela estava chorando.

— Mas se não é nada mau! — lambeu as lágrimas da moça, que continuava em seu obstinado silêncio. — Diga-me o que quer que eu faça! — sussurrou-lhe ao ouvido, passando depois a ponta da sua língua, em círculos pela orelha da menina. Roç sabia que ela gostava, e tinha sido sempre uma forma de conseguir seu perdão. Mas desta vez Yeza afastou a cabeça e seu cabelo lhe fez cócegas no nariz. Depois se sentou na cama e afastou o cobertor.

— O que eu quero... — soluçou, sem encontrar as palavras que buscava.

— O que quer? — insistiu Roç, e cobriu o pescoço de Yeza e a camisa que tapava os pequenos seios com seus beijos desbaratados.

— Quero que agora você faça pipi dentro de mim, agora mesmo!

Roç ficou petrificado.

— Mas se não tenho o que fazer — conseguiu dizer depois de algum tempo. — Agora não

posso!

Yeza pôs-se a rir e o abraçou.

— Então fica me devendo! — e tornou a meter-se com ele debaixo do cobertor. — Fica me devendo uma mijadinha, prometa-me! — insistiu, e parecia muito contente.

— Dou minha palavra de honra! — suspirou Roç, e voltou-se para o lado em que costumava dormir.

—Terá de cumprir sua palavra! — sussurrou Yeza, e se apertou contra as costas dele onde se apalpava cada costela, procurando não incomodá-lo com seus cabelos. Esperou até que a respiração tranqüila do rapaz a convencesse de que estava dormindo, e depois estirou-se sobre as costas, se espreguiçou satisfeita no calor que irradiava de Roç, e pôs-se a contar mentalmente as manchas de luz que via no teto.

Yarzinth descia as escadas com Estix preso na coleira. Sua intenção era seguir do palácio de Calixto, passando pelo cemitério alto dos Angeloi, pelo caminho mais curto, até a cidade antiga. O cachorro puxava a coleira e a Yarzinth doía-lhe na alma a idéia de ter de buscar a essa hora um ferreiro que estivesse disposto a trabalhar de noite e abrir a custosa argola, uma maciça e bela peça de prata de finíssimo filigrana. Era questão de lhe colocar uma serra pesada e voltar a uni-la, de modo que ninguém pudesse perceber a sutura. O colar era o símbolo da amizade que o unia a Estix: tinha mandado fabricar aquela peça, que representava em certo sentido um anel de noivado, para que ninguém pudesse tirá-lo do cachorro, e tanto ele como Estix estavam orgulhosos de poder manifestar assim sua união, baseada no carinho e na fidelidade.

Pensou que, na verdade, o tal Nicola tinha um caráter pérfido. O cozinheiro o odiava! Naquele momento desejava poder cortar a cabeça de Hamo e depositá-la, sangrenta, sobre a cama do bispo. Sentia-se até capaz de envenenar esse monstro desnaturado! O animal não lhe tinha feito nada, e ele se mostrava atroz e desumano, sem levar em conta que, ao contrário, o animal o lambera e beijara!

Yarzinth descia poucas vezes de noite em companhia de Estix à cidade velha. Não por medo de que o atacassem, pois o cozinheiro calvo e seu cão sanguinário formavam um par que inspirava suficiente medo, mas o homem achava que a cidade antiga com suas crueldades, sua sujeira e seus bandos de delinqüentes era um péssimo lugar para a alma delicada de seu amigo cego, e também não desejava que algum cachorro de rua cheio de sarna lhes impusesse sua má companhia.

Ninguém sabia que Estix estava cego e Yarzinth fazia tempo que procurava um remédio secreto. Sempre levava consigo um pequeno frasco de óleo de almíscar e o tinha adestrado para responder ao estímulo. No caso de que algum bêbado ou qualquer outra pessoa chegasse a ameaçá-lo com arma branca num acesso de loucura, bastava colocar umas poucas gotas sobre o atacante e Estix, livre da coleira, saltaria na sua garganta. O mastim não perderia tempo em morder os braços ou as pernas da vítima: buscaria rapidamente o lugar em que uma mordida forte acabasse com a vida do inimigo. Todos que o tinham visto agir alguma vez davam uma parada respeitosa quando viam aproximar-se Yarzinth e seu cachorro.

Na pequena igreja de são Georgio, estavam celebrando a missa da meia-noite. Do portal aberto, a luz dourada de inúmeras velas arrojava um reflexo ao calçamento da rua, como um tapete que convidasse a subir até o interior. Yarzinth se sentou sobre o resto de uma coluna de mármore entre dois ciprestes, atraiu seu cachorro para si e dispôs-se a escutar o belo canto coral dos sacerdotes.

Um grupo de dominicanos saía do portal, empurrando-se com violência.

— Ascelino! — exclamou um deles logo que chegaram ao ar livre, mas com a voz suficientemente elevada como para que o pudessem ouvir do interior. — Não me estranha que esses gregos, com sua ortodoxia prepotente, neguem a supremacia do papa! Cada um desses popes se comporta como se ele mesmo fosse o Santo Padre! Todos querem ser deuses barbudos!

— Cala essa maldita boca blasfemante, Simon! — gritou o interpelado! — Estamos num país estrangeiro! — E arrastou consigo um pequeno grupo no qual iam dois apoiando um ferido, afastando-se com toda rapidez. Não seria estranho que acabassem sangrando por alguma ferida, pensou Yarzinth, quando viu que alguns paroquianos entediados saíam do portal, buscando pedras e que as arrojavam naqueles que fugiam a toda pressa colina abaixo. Sem poder alcançá-los, e como sua fúria ainda não havia se desvanecido, encontraram no cachorro um objetivo mais próximo, ignorando o proprietário calvo que o sujeitava.

—Veja que animal horrível! Fora! Fora!

Yarzinth tentou proteger Estix, a quem a primeira pedra tinha acertado, fazendo-o uivar de susto antes de mostrar os dentes com um grunhido, embora em direção errada, e depois Yarzinth o arrastou consigo e se afastou entre as árvores. O cozinheiro não pôde evitar que lhe brotassem lágrimas. Por que seria tão mau o ser humano! Depois voltou a lembrar-se do ferreiro, e o cão e seu dono voltaram a descer em direção às ruelas estreitas.

O encontro seguinte que Yarzinth teve foi ao deter-se diante de uma taberna na qual tinha visto entrar o filho da condessa segurando um bispo que cambaleava e a quem ele não conhecia, e durante alguns segundos o cozinheiro se sentiu inseguro se devia dirigir-se a Hamo ou não. Naquele momento saíam da taberna dois sacerdotes estrangeiros, um magro e um muito gordo. Não mostravam nem o mais leve sinal de bebedeira, e seus olhos despertos descobriram de imediato o cachorro, e o cozinheiro calvo, que tinha o olhar fixo posto no interior do local.

— Acompanhem-nos! — dirigiu-se Serkis a Yarzinth, que naquele momento se mostrava um tanto confuso. — Se não têm dinheiro, convidamos vocês; em contrapartida, vocês nos indicarão onde estão escondidas as belas mulheres desta cidade...

— Buscamos as servidoras mais baratas do amor venal — acrescentou o gordo para que não houvesse um mal-entendido e seguraram o cozinheiro, arrastando-o com eles. Estix os seguia num trote obediente.

—Viemos de Tabriz — explicou-lhe o mais fraco — e somos forasteiros nesta cidade...

— ... razão por que desejamos esquecer durante umas horas de intranscendente pecado nosso voto sacerdotal — acrescentou Aibeg apressado.

Serkis perguntou:

— Onde fica o palácio de Calixto e de que forma pode-se entrar lá?

— Agora? — perguntou Yarzinth, consternado.

— Não, amanhã!

— É muito simples — Yarzinth tentava ganhar tempo. — Posso lhes mostrar o caminho se me disserem o que desejam lá.

— Mais vale que nos ensine onde fica o bordel mais próximo!

A Yarzinth era um pouco difícil entender o idioma que falavam, embora dominasse mais ou menos alguns dialetos turcos. De modo que lhe pareceu mais simples levar os dois estranhos servidores de Deus pelo caminho mais rápido à sua próxima meta, e entregá-los ali para seus prazeres íntimos. Mas durante o caminho sentiu que na sua mente despontava uma suspeita.

— São da Pérsia? Conhecem o "Ancião da Montanha"?

— Nunca ouvimos falar dele.

— Mas então são cristãos? — insistiu o cozinheiro, vendo reforçadas suas suspeitas.

— Nestorianos! — afirmou Serkis. — Estamos a serviço dos mongóis.

— E eu tinha pensado que eram ismaelitas!

— Já viu como podemos errar — disse o gordo Aibeg. — Quantas vezes acontece que a aparência de um indivíduo nos engana!

— Assim é — concordou Yarzinth com voz afogada —, sobretudo quando não quer que o reconheçam como é de fato.

Haviam chegado a um edifício baixo que tinha todo o aspecto de uma casa senhorial. Através do portal aberto se divisava um pátio interior em cujo centro ardia uma grande fogueira. Vários homens estavam sentados à sua volta. Apenas homens.

— Este é o lar de Afrodite? — Serkis refreou seus passos, e de repente parecia sentir medo.

— É só ir entrando — explicou-lhe Yarzinth, apontando a série de portas de madeira de meia altura, parecidas a entradas de pocilgas, que do pátio levavam ao interior —, mas devem marcar hora se não quiserem ter algum desgosto!

— Não quer entrar também, você e seu cão? — tentou seduzi-lo Serkis. Aibeg continuava se mostrando indeciso e quis acariciar o cachorro, mas este o afastou com um gemido que mostrava enfado.

— Não deixam entrar cachorros — disse Yarzinth e arrastou Estix consigo até virar a primeira esquina. Estava certo de que os dois eram "assassinos".

Yarzinth não tinha dado nem dez passos quando escutou às suas costas um grito agudo de mulher e o som de vozes aflautadas e estridentes pedindo auxílio em todos os idiomas: — Sphagei! Dolophonoi! Assassinos, assassini!

Quanta razão tinha tido! E como também Estix o puxava pela coleira, o cozinheiro voltou-se para trás e outra vez dobrou a esquina.

Tinha esperado ver os dois "assassinos", punhal na mão, dispostos a exercer seu pérfido ofício, mas não viu nem rastro dos suspeitos.

Ao contrário, uma turma de lestai juvenis estava acoessando a um único soldado diante da casa de encontros. Um estrangeiro! Este apoiava as costas contra a parede e brincava com ar obstinado com sua espada. O líder dos lestai era como um touro; usava um capacete do qual sobressaíam dois cornos e também os demais enfeitavam a cabeça com cabeças de lobo, peixes-espada e ratos dissecados; um, inclusive, linha prendido sobre seu gorro o corpo dissecado de um abutre, tudo com o objetivo de provocar terror. Ao cozinheiro, no entanto, mais lhe pareceram máscaras ridículas. Mas os homens eram uns vinte e iam armados com foices e garrotes cravejados, e faziam girar sobre suas cabeças bolas de ferro e correntes com ganchos nas extremidades.

O soldado não era covarde e estava decidido a vender sua pele o mais caro possível. Mas não havia contado com a perfídia dos lestai. Enquanto adiantava corajosamente sua espada na direção do touro, que parecia bater-se em retirada, os demais jogaram da direita e para a esquerda suas correntes sobre a arma, lhe arrancaram a espada da mão e a fizeram cair com um estampido sobre o calçamento. Os lestai celebraram a proeza com uivos.

— Esse homem é soldado do rei de França! — exclamou Yarzinth, dando um passo à frente, na tentativa de detê-los.

— Afaste-se, idiota! — gritou o líder do grupo; alguns de seus homens pareciam dispostos a lutar com o cozinheiro. O que estava mais à frente tentou acertar Estix com um garrote, exatamente na hora em que Yarzinth o puxava para trás; por isso o cozinheiro não teve outra saída senão lhes jogar algumas gotas do óleo de almíscar, que atingiram também o homem-touro, naquele momento virando-se em sua direção.

— Por que não penteamos esse cu careca? — gritaram todos, uivando de alegria. — Vamos cuidar do cachorro primeiro!

Yarzinth abriu a corrente, soltando Estix. O cão deu um salto enorme, derrubando-os mais à frente e dependurou-se por minutos na garganta do touro: ouviu-se um rangido, e a carcaça enfeitada de chifres caiu tombando de lado, sem vida. Estix deu meia-volta, e de um salto caiu em cima do primeiro que encontrou à sua frente, abrindo-lhe sua garganta; havia cheirado sangue e se dispunha a fazê-lo fluir em abundância. Uma gritaria assustadora invadiu toda a rua.

O soldado pegou Yarzinth pelo braço e o colocou perto da parede; com o mesmo movimento agachou-se, e seus longos braços recuperaram a espada, aproveitando para atingir o agressor mais à frente com uma boa facada no ventre. Depois imobilizou o seguinte, com um pontapé nas partes pudendas, e teve tempo ainda de levantar novamente a espada e de separar com um talho a corrente do proprietário dela, junto com a mão e o braço.

Entretanto, Estix já arreventara a jugular de meia dúzia de atacantes. O cachorro esperava com as patas separadas e cheirava o ambiente procurando o odor do almíscar, mas os lestai sobreviventes já tinham batido apavorados em retirada. Yarzinth afastou-se da parede protetora onde tinha se refugiado, atrás das amplas costas do soldado. Voltou a

prender Estix na corrente.

—Yves, o Bretão, lhe deve a vida — falou o soldado. — Quem é você, estranho homem, que parece acudir de forma tão desinteressada para me ajudar? — limpou a espada e tornou a guardá-la, num gesto que revelava certo descontentamento.

— Sou apenas o cozinheiro do bispo — explicou Yarzinth, com humildade. — Foi uma honra para mim.

— Seu cão vale ouro — replicou Yves, examinando a coleira de prata do animal. — Na verdade, você merece uma coleira de ouro! — dirigiu-se ao cachorro, como se ele pudesse entender seu elogio.

— Meu amo odeia o animal! — confiou Yarzinth a seu companheiro de luta. — Não o suporta nem mesmo com esse colar de prata. Inclusive, pretende que sua cabeça seja cortada! — O cozinheiro ajoelhou-se e acariciou com carinho a cabeça de Estix, fazendo com que não percebesse o lampejo que, por alguns segundos, acendeu os olhos do Bretão.

— Seu senhor trata-os injustamente, você e a seu companheiro — disse o soldado, com voz calma. — A verdade é que não levo ouro comigo, como esses bandidos imaginam — e abriu ingenuamente a camisa, para demonstrar ao cozinheiro —, mas quero recompensar sua intervenção. Vocês o merecem, você e seu fiel animal. Diga onde posso encontrá-los, digamos, dentro de três vezes meia hora.

Yarzinth ficou pensativo, calculando se o tempo concedido seria suficiente para encontrar finalmente um plateiro.

— Se insiste tanto, no cemitério dos Anjelois — respondeu depois.

— Dou-lhe minha palavra! — respondeu Yves. Passou por cima dos corpos dos mortos e se afastou na escuridão.

O relógio de Hefáistos tocou a quinta hora de Héspero. A torre do relógio estava situada debaixo do cemitério dos Anjelois, subindo como um bastião sobre o porto. No entanto, não emitia badaladas, mas um som metálico distinto para cada hora completa, um som que chegava até muito longe.

O grupo que acompanhava o legado, tão vergonhosamente disposto a fugir, tinha tornado a juntar-se, mas aquele artístico horologion não esclarecia nem um pouco a hora dada. Consistia num mecanismo de rodas que tensionava uma gigantesca mola metálica; esta, quando mudava a posição, colocava para fora uma figura munida de um martelo, que batia contra a peça de metal colocada à sua frente. Ao todo haviam seis peças dependuradas na grande roda central; peças que representavam placas de diferentes curvaturas e formas até configurar, inclusive, um tubo. Esta disposição dotava a cada uma das seis horas de cada metade da noite ou do dia de um som próprio e original, que ia da ressonância clara até o retumbar mais opaco.

— Os próprios gregos não devem saber por que se atribui o mecanismo ao deus dos oradores. É um presente do califa de Bagdá ao imperador Alexios Comneno — declarou em tom de caçoada o comerciante árabe, que até então tinha ficado em silêncio.

— Segundo consta, o povo de Constantinopla gosta desse relógio, embora seja apenas

porque os estrangeiros não gostam, pois são incapazes de adivinhar a hora pelo som que ele emite! — acrescentou frei Ascelino com um sorriso — Gnothi kairon!

— Os gregos são todos falsos — resumiu Simón de Saint-Quentin. — Tão falsos que procuram enganar um cristão até na hora do relógio.

— Existem pessoas falsas até no Ocidente mais cristão. Será melhor que cada um varra diante de sua própria porta. — Ascelino tinha muito interesse em que não se desenvolvesse disputa alguma. Estava satisfeito com o resultado daquela noite e desejava voltar sem mais problemas junto com o grupo todo, posto que sequer Vito tinha tido dificuldades. Já sabiam do caminho que os levaria, sem serem vistos, até o palácio do bispo, razão por que voltaram na direção do veleiro papal.

Ao chegarem na ponte, despediram-se do amável árabe, que recusou orgulhosamente as moedas que frei Ascelino lhe oferecia.

— Ajwan ashkurukum... — ao mesmo tempo que ele, por sua vez, agradecia com abundante falatório:

— ... ala suchbatikum... — querendo expressar que, para ele, tinha sido uma honra gozar de sua companhia: — al-dschamila.

Frei Ascelino desconfiava um pouco daquele homem, que tinha sido arrastado pela cidade noturna até os mesmíssimos muros do palácio de Calixto, sem que tivesse sido um guia muito útil e a quem ninguém tinha prestado muita atenção; pareceu-lhe, inclusive, terem sido bastante mal-educados com ele.

— Os senhores falaram muito e viram pouco — disse Viterbo, quando já não restava nenhum ouvido por perto. — Enquanto isso, idealizei um plano — frei Ascelino e Simon trocaram um sorriso meio irônico, meio compassivo, mas continuaram a escutar. — Três horas depois da missa da manhã descerei do barco, com um terço da nossa tropa. Atravessaremos a cidade em pequenos grupos, nos reuniremos no cemitério dos Anjelo e depois vamos explorar, com um grupo de guardas invisíveis todo o palácio — o tom de troça, bastante reprimido, mas que se entevia na voz do legado e do seu companheiro, aflorou com maior evidência e tiveram de fazer um esforço para não explodir numa gargalhada. — Uma hora depois, ou seja, duas horas antes do meio-dia, levarão o barco, remando, até o porto. Não sobra nenhum ancoradouro livre, por isso devem colocá-lo atravessado atrás da trirreme, tirando dela qualquer possibilidade de mover-se, e se dirigirão a seus tripulantes com amabilidade e cortesia, pedindo-lhes que deixem desembarcar o legado apostólico. Depois de mais uma hora, este deverá abandonar o veleiro, sem pressa, fazendo ostentação de sua dignidade, e se dirigirá à terra, atravessando para isso, uma vez obtida a correspondente permissão, a cobertura da nave de Otranto, e levando outro terço da tropa como séquito adequado. Fará sua entrada oficial no palácio do bispo, de modo que, se for possível, seja o último a chegar. Como irão ver — e o de Viterbo se dirigiu a Ascelino, que escutava-o com a cabeça baixa —, isso é importante; e se os senhores chegarem muito cedo, deverão parar no caminho para rezar, subindo as curvas em serpentina como se fosse uma via crua. Diante do portal eu me juntarei a vocês, sem chamar a atenção. O último terço...

— Um momento, genial generalíssimo! — frei Ascelino se sentiu obrigado a expressar o

respeito que, de fato, merecia o plano de Vito, embora gostaria de acrescentar-lhe certa dose de ironia. — Faremos tudo tal como combinado, mas Simón o acompanhará...

— E não lhe tiraremos as correntes! — acrescentou, maliciosamente. - Que dispõe para o último terço da nossa tropa?

— Que permaneça a bordo e que tente travar amizade com os guardas que ficarão na trirreme, de modo que, no caso de que a condessa pense em fugir, possam impedi-lo espertamente, se preciso até com violência.

— De qualquer jeito, devem impedi-lo, até que eu chegue ou o legado! — completou Simón.— Até então, o único que tem valor para nosso capitão é o selo papal do legado.

Atravessaram a ponte e alcançaram a nave. Simón pediu que acorrentassem de novo Vito, na coberta, e procedeu a dar suas instruções ao capitão e ao mestre dos remadores.

O relógio de Hefáistos bateu a sexta hora do Héspero. Era meia-noite.

Yarzinth encontrou finalmente um joalheiro a ponto de fechar a oficina. Não gostou nada da pretensão do cozinheiro de libertar Estix da coleira, cortando-a sobre o corpo vivo; o cachorro, que arreganhava os dentes e grunhia, provocava medo. Mas Yarzinth foi contando um número tão considerável de moedas sobre o banco de trabalho que a avidez venceu muito rapidamente o medo de ser mordido. Não obstante, o artesão insistiu para que imobilizassem o animal pela boca e pelas patas.

Quando, finalmente, encontraram cordas suficientes, foi Estix que colocou dificuldades. Tentava morder as ataduras e a qualquer um que tentasse se aproximar.

Naquele instante Yarzinth viu que, do outro lado da rua, passava o jovem conde de Otranto, que arrastava consigo aquele estranho bispo que mancava um pouco.

— Senhor, jovem senhor! — exclamou em voz alta. - Posso lhe pedir um favor?

Hamo estava mais que contente de poder safar-se do incômodo que seu acompanhante representava para ele. Deixou Galerão a um lado, e este, ao ver-se despojado do seu apoio juvenil, experimentou um grande desgosto que o levou a começar a blasfemar enquanto Estix insistia em grunhir para todos.

— Peço-lhe que amarre esta corda em volta da cabeça e da boca de Estix; eu seguro suas mandíbulas!

Hamo se sentia mal por ter de se aproximar tanto da boca do cachorro, mas consentiu em ajudar o cozinheiro.

Quando os dois estavam inclinados sobre a cabeça do animal, que insistia em mexer-se, enraivecido, buscando escapar Yarzinth sussurrou:

— Senhor, acho que descobri os "assassinos" que estão à nossa procura. São dois tipos fantasiados de sacerdotes nestorianos e que tencionam chegar amanhã...

Enquanto isso, tinham conseguido amarrar as mandíbulas de Estix, até o ponto que ele já não era capaz de abrir a boca, emitindo um gemido insistente. O coração de Yarzinth se partia em dois, mas fez um sinal ao joalheiro para iniciar a tarefa.

— Onde estão agora? — perguntou Hamo, respirando fundo, já que não tinha achado tudo

aquilo nada fácil, e que, além do mais, sentia nojo intenso do cachorro.

— Mandei-os para a cova dos pecados, onde estão as prostitutas baratas...

— Ao templo das héteras? — Hamo mostrou-se de repente muito excitado. — Procure livrar-me com decoro desse bêbado vestido de bispo e sairei à procura de Guiscard!

O joalheiro tinha cortado a coleira com uma lima muito fina, e abriu-a, escancarando-a, para poder arrancá-la. Yarzinth afrouxou um pouco as ataduras de Estix, e ele uivou como forma de protesto, o que levou Hamo a dar um pulo, assustado.

— Também descobri algo — sussurrou. — E nada agradável. A Cúria católica de Roma está nos enviando seu espião mais desagradável. Eu o vi rodeando o palácio. Perigo à vista...

Lançou um breve olhar a Galerão, que se ocupava em tentar enraivecer o cachorro preso, administrando-lhe empurrões com sua bengala, de modo que Hamo aproveitou a ocasião favorável e se retirou, dobrando na esquina mais próxima.

Mas Galerão percebeu, e lhe disse, gritando enfurecido, às suas costas:

— Juventude traidora, pérfida Bizâncio! — e deu bengaladas para o ar, embora sem fazer nenhuma tentativa de seguir seu jovem acompanhante, como desejaria Yarzinth no fundo de sua alma.

Neste momento apresentou-se Lorenzo de Orta na outra extremidade da rua do bazar, como um presente que caísse do céu. Yarzinth apressou-se a ir a seu encontro.

— Leva pergaminho e argila? — alfinetou-o sem maiores preâmbulos.

— Sempre os levo comigo — respondeu Lorenzo, um pouco surpreso.

— Quer ir até o templo de Vênus, se lhe pago as despesas?

— Isso sempre!

— Pois leve o bispo — e Yarzinth apontou discretamente para Galerão, que mancava apoiado na sua bengala e que parecia estar conversando com Estix — e conduza-o à casa de prazeres que já conhece...

— Só a conheço por fora! — objetou Lorenzo, com um sorriso.

— Pois entre de uma vez. Encontrarão dois nestorianos no pátio, um alto e magro e outro baixo e gordo...

— A mim interessam as caras, querido Yarzinth, não seus esqueletos e se são barrigudos.

O cozinheiro não queria perder tempo e esvaziou de sua bolsa todo o dinheiro, oferecendo-o a Lorenzo.

— Mestre, compro-lhe adiantado o retrato desses homens, pois tenho a mais cega confiança no seu imenso talento — e arrastou o frade através da rua, onde apresentou-o à Galerão, que segurou sem mais o braço de Lorenzo, que o seguia resistindo.

— Finalmente um cristão nesta Babilônia pecadora: um discípulo que pratica a castidade e a pobreza. Fugamos deste lugar em que todas as portas estão fechadas! — De fato, o prateador havia fechado a porta de sua oficina e afastava-se rapidamente. — Suponho que em algum lugar haverá uma taberna que continue aberta — e lançando um olhar pícaro ao

nestoriano, com seus olhos já turvos pelo vinho, prosseguiu: — Suponho que são Francisco não lhes proíbe um humilde gole do sumo da vida!

Yarzinth segurou o cachorro, preso como se fosse um saco, e colocou-o atravessado nos ombros. O cachorro já estava meio adormecido e, assim, não resistiu. O cozinheiro recolheu o colar de prata cuidadosamente recomposto, sem que o mínimo sinal denunciasse que fora cortado; embora ainda lhe doesse na alma a lembrança do corte cruel praticado na jóia, afastou-se com sua pesada carga.

— Siga-me, então! — Lorenço dirigiu-se, resignado, a Galerão; e afastou-se, acompanhado por ele.

O relógio de Hefaístos tocou a primeira hora de Fósforo, portador da luz, mas como seu som metálico não lhes dizia nada, os dois noctâmbulos não se perturbaram pelo adiantado da hora.

O Cemitério dos Anjelo

Constantinopla, outono de 1247

O cemitério dos Anjelo fica localizado um pouco abaixo da igreja de Santa Sofia, cujas cúpulas resplandecem de dia através dos ciprestes. À noite, o baluarte que se encontra a meia altura entre o palácio de Calixto e os bazares, em cujas ruelas os comerciantes abrem suas tendas embaixo das arcadas, era um oásis de tranqüilidade e Gavin costumava ir lá com alguma freqüência.

De longe, tinha percebido uma figura corpulenta que estava de pé sobre o muro que margeia as cruces, e que olhava para a cidade, que resplandecia graças às inúmeras pequenas fogueiras acesas na noite. Para não assustar o estranho, o templário pigarreou forte, embora o outro o esperasse com a espada nua, cujo fio brilhava à luz da lua.

— Baucent à la rescousse!

— Frances? — perguntou, em tom áspero, ao mesmo tempo que o estrangeiro guardava a espada.

— Templi militiae! — respondeu Gavin. — Adido do rei Luís! — parou, então. Não sabia se devia se sentir incomodado de ter de repartir com alguém seu refúgio preferido, ou estar contente de travar conhecimento com um estranho. — E quem é você?

— Yves, o Bretão, a serviço da coroa de França! — a voz soava orgulhosa e exigente.

— Gavin Montbard de Béthune! — apresentou-se o templário, que lembrara imediatamente da descrição que dera Lorenzo daquele especial servidor de Luís, embora não o tivesse revelado com nenhum gesto.

— De modo que o senhor está aqui para saber das notícias e das novidades que a missão dos franciscanos traz de sua visita ao Grande clã.

— Não era uma pergunta; o tom de voz dava a entender que o templário supunha que ele estivesse a par de tudo, mas este preferiu calar-se, por enquanto. — Acha que Pian de Carpine chegará a tempo?

Gavin respondeu, com tom decidido:

— Não deixará de ir ao encontro com o embaixador extraordinário do rei, o conde de Joinville — tratavam um ao outro com evidente desconfiança.

— Terá, pois, de honrar, como é devido, aos autênticos infantes reais.

— O Bretão sentiu-se impelido a abandonar o aconchego de suas precauções. — Embora não saiba quem vai querer fazer essas honrarias — acrescentou, para suavizar a impressão de suas palavras —, mas a verdade é que a cidade sofre uma espera tensa que lembra a todo bom cristão a noite de Belém. Só falta aparecer a estrela sobre o palácio de Calixto! — concluiu em tom de caçoadá.

— Embora não se trate exatamente de um estábulo — também Gavin adotou o tom leve de uma conversa despreocupada —, mas amanhã não faltarão à reunião nem o borrego nem o asno!

— Sou um simples observador — apressou-se o Bretão a delimitar o alcance de sua presença. — O cargo oficial está encomendado ao conde de Joinville.

— Acho que ele hesitará muito em exercê-lo — opôs Gavin suas reservas. — Além disso, também não era essa sua missão!

— Ninguém subestima sua inteligência, preceptor — retrucou Yves —, mas os templários estão sujeitos a um certo juramento que não permite duvidar de sua postura. E uma boa suposição a minha, de achar que a ordem não deve querer expor-se à suspeita de que protege essas crianças?

Gavin aproximou-se um pouco do seu interlocutor.

— E que sabe você do juramento dos templários?

— Eu sou de origem humilde — respondeu Yves. — Deve perdoar ao rei por me colocar numa posição que permite falar-lhe desse modo!

— Não há rei que possa permiti-lo! — respondeu Gavin, e sua mão se aproximou da espada.

— Desculpe — acrescentou Yves, apressado — a ousadia de minha língua por expressar tão estúpido pensamento.

— Algum dia a cortarão por esse motivo — ironizou o templário. — Embora não seja capaz de manchar a honra da ordem! Certamente a quem pretende reservar a aura de Messias, ou seu conto natalino?

Yves aceitou agradecido o volteio dado à conversa pelo templário.

— A idéia e a espera do surgimento de um Messias que salvará este mundo é, certamente, muito anterior ao nascimento de Cristo; já os essênios...

— Se conhece as revelações de Melquisedeque, detalhe que por certo me surpreende, por que fala com tanta ironia e desprezo da apresentação anunciada dos infantes como reis da paz? É preciso poder enfrentar sem preconceitos o que parece ser um mistério; do contrário, é preferível se manter afastado.

Yves respondeu:

— Sinto muito, mas acho que a época dos mistérios e dos milagres já passou, e que nosso mundo há muito tempo é governado por outros poderes.

— De onde tirariam esses poderes o carisma necessário se não fosse pelo mistério do sangue?

— Dinheiro, ouro, comércio — contrariou-o Yves secamente —; o senhor deve saber bastante sobre isso!

— E o senhor deveria lutar com sua língua, como Jacó lutou com o anjo! — ameaçou-o Gavin.

— Jacó sonhava com anjos que subiam e desciam por uma escada que conduzia ao Céu.

Parece que todos eles irão vestir muito brevemente uma capa branca marcada com a cruz vermelha de extremos em forma de garra.

A imagem evocada divertiu o templário:

— Pois acho que os eremitas deveriam servir como exemplo. Eles conseguem suas visões mais intensas não por meio do jejum, mas após passarem dias e dias guardando um silêncio total. Essa prática poderia estender-lhe a vida...

— Ou levar-me ao êxtase, como os rifai...

— Vejo que o senhor também conhece a mística islâmica — sorriu Gavin, agora já com benevolência. - Em tal caso, acho que deveria compreender a mensagem dos apócrifos, sejam eles de origem gnóstica ou cristã dos primeiros tempos, ou de origem judia e essênica, ou bem de procedência sufi, ou do distante Oriente; todos eles aceitam uma mensagem comum...

— A possibilidade de uma realeza universal da paz? Jamais! -A ânsia de reconciliação...

— Não acredito, jamais acreditarei!

— ...reconciliação consigo próprio! — Gavin concluiu a frase, mostrando-se paciente com o outro.

Yves ficou olhando-o por alguns instantes.

— Isso eu aceito — respondeu, depois de refletir por alguns segundos.

— As crianças poderiam ser um símbolo de tal atitude — insistiu o templário, embora sem êxito.

— E charlatanismo puro — objetou o Bretão — e devemos combatê-lo. Meu rei Luís jamais poderá...

— Lute contra si mesmo, Yves — replicou o templário. — Se não o fizer, irá parar no Inferno, sem ter se reconciliado! — e apontou-lhe a espada.

— Voltaremos a nos ver amanhã ao meio-dia! — exclamou este às suas costas, e Gavin não soube muito bem se se tratava de uma brincadeira, de uma advertência de que se preparasse para a luta ou de uma tentativa pouco hábil de propor um armistício.

—Vão para o diabo! — murmurou o preceptor, enquanto abandonava o cemitério, atravessando as portas de ferro. — Deveria tê-lo combatido com a espada em vez de falar! —Yves, o Bretão não era um cavaleiro, mas desgraçadamente, sim, um inimigo que merecia ser levado a sério. Sentiu-se desgostoso consigo mesmo e com aquele lugar, que para ele tinha perdido todo o atrativo.

Nicola delia Porta lutava contra a insônia no palácio de Calixto, situado bastante mais acima de Santa Sofia e do cemitério dos Anjos. Percorria os salões e entrou na sua câmara do tesouro, onde contou distraído as caixas nas quais descansavam as jóias mais fáceis de transportar: suas "provisões de emergência", como costumava chamá-las em tom de caçoada, embora naquele instante não tivesse vontade de brincar. Desceu à cozinha, esperando encontrar lá Yarzinth, para que lhe preparasse ovos mexidos na frigideira com um pouco de leite, mas só encontrou enormes baratas, que se espalhavam pelo chão.

Tomou um pouco do leite morno.

Depois do seu encontro com o Bretão, Gavin já não tinha muita vontade de descer até o porto, onde poderia ter examinado melhor os personagens que teria de enfrentar no dia seguinte, tanto se chegassem fantasiados ou com o rosto descoberto. Sabia, pelos franceses, que a Cúria estaria presente, embora não soubesse quem a representaria. Não dá-lo por fato teria significado subestimar gravemente as intenções do castelo Sant'Angelo. Todos estariam devidamente representados, inclusive Frederico, além de todo o Ocidente!

Ao contrário, o que mais o preocupava era o Oriente; neste caso, a parte invisível do mesmo: os "assassinos" e os mongóis, embora soubesse que finalmente também acudiria o soberano local, o imperador Balduíno, que era um poder fraco em comparação com outros, mas, no entanto, suficientemente forte para impor sua vontade dentro dos muros da cidade, embora Nicola della Porta não se mostrasse preocupado com isto. O preceptor decidiu voltar ao palácio de Calixto.

Pela avenida margeada por árvores que se estendia do palácio à cidade e ao porto, subiam cavaleiros que escoltavam um palanquim negro.

Deu-se conta, de repente, de que eram seus próprios companheiros templários, e recolheu-se na sombra. La grande mattresse! Não tinha vontade de responder naquele momento às suas perguntas. A comitiva passou rapidamente diante dele e perdeu-se na escuridão da noite.

Estariam procurando por ele? Começou a subir as escadas com certa desconfiança; depois deu uma volta e deteve-se um tempo diante da torre de Hefaístos, até que o mecanismo do relógio anunciou a segunda hora de Fósforo. À uma hora tão adiantada se presumia que não houvesse perigo.

Yves, o Bretão não estava acostumado a que o fizessem esperar, mas quando viu que o cozinheiro, encurvado sob o peso do cachorro amarrado nas suas costas, atravessou, finalmente, a grade do cemitério, seu desgosto se dissipou. A falta de pontualidade de Yarzinth tinha tido, finalmente, uma vantagem: seu encontro com o calvo não foi descoberto por aquele templário arrogante que, no entanto, também não parecia bobo, e que, pelo visto, se assustava com facilidade. Para evitar qualquer surpresa desagradável do mesmo tipo, Yves apressou-se em expor em breves palavras sua oferta e sua petição. Extraiu uma bolsa de suas vestes.

— E prata — esclareceu a Yarzinth, que olhava-o confuso, depois de ter depositado o cachorro adormecido na terra. — Que lembra esta bolsa de moedas de prata? Lembra o crânio de uma criança! — apressou-se o próprio Bretão em dar a resposta. — Se amanhã você me trazer as cabeças das crianças, o esperarão outras duas bolsas como esta, mas cheias de ouro puro, cada uma do peso que você mesmo poderá levantar com o braço estendido até a altura dos ombros...

Yarzinth olhou-o com atenção e cheio de espanto, quando percebeu a abominável proposta.

— Duas bolsas cheias de ouro serão suas para que você e seu fiel cachorro possam viver em paz até o fim de seus dias se me trouxer amanhã as cabeças das crianças.

— Não! — respondeu Yarzinth. — Não, não posso fazê-lo!

— Gosta, por acaso, mais das crianças que do seu cão Estix?

Yarzinth sentiu-se tão consternado diante de semelhante insinuação que lhe escapou o gesto rapidíssimo com que o Bretão tinha levado a mão ao cabo da espada. De repente viu que o fio brilhava em cima de Estix, o cão indefeso que dormia a seus pés.

— Poderia matá-lo agora mesmo — disse Yves secamente —, e de qualquer forma vou achá-lo e o matarei, por mais que o esconda. Minha espada corta com mais rapidez do que você leva em espalhar o almíscar!

A mão de Yarzinth separou-se rapidamente do frasco, pois tinha compreendido que não tinha escolha.

— Por que terão de ser as cabeças? — gaguejou. — Não poderiam?...

— Não! — Yves cortou o pensamento do cozinheiro, que pensava numa asfixia enquanto as crianças dormiam, num estrangulamento silencioso ou um envenenamento indolor. — Quero as cabeças, suas cabeças: não outras, cuja ausência ninguém notaria na parte velha da cidade. Deve trazê-las amanhã, antes do pôr-do-sol, dentro de uma cesta.

— Aonde terei de levá-las? — perguntou Yarzinth, com voz alquebrada.

— Aqui. Um cemitério me parece o lugar adequado! — Yves não sorria, mas sua voz adotou um tom brincalhão quando percebeu o horror que apavorava Yarzinth. — Você merece essa recompensa por não ter sido capaz de inventar nada melhor que salvar a vida de Yves, o Bretão! — Suas próprias palavras o fizeram rir e suas gargalhadas explodiram com um eco infernal nos ouvidos do cozinheiro.

Estix acordou e bocejou, abrindo a boca até onde permitia a corda que a prendia. Yarzinth agachou-se e pegou o cachorro com ambos os braços. Yves estendeu-lhe a bolsa e retirou-se.

O cozinheiro correu o mais depressa que pôde com aquela carga às costas, para afastar-se do cemitério e não dar àquele demônio a satisfação de ver as lágrimas que corriam por seu rosto, molhando o pêlo de Estix.

O bispo, com uma estola de lã que lhe cobria os ombros, e os pés calçados com pantufas de brocado, arrastava seus pés pelo palácio, quando a guarda lhe avisou que um jovem templário tinha se apresentado diante do portal e que desejava falar-lhe.

— Faça-o entrar! — ordenou, pensando que receberia notícias de Cavin.

— Peça-lhes que saia!

Nicola assustou-se, pois de repente lembrou-se com febril espanto da existência dos "assassinos" anunciados por Crean e que iam tentar aproximar-se sob qualquer disfarce. Porém, logo teve certeza de que o cavaleiro esbelto e de traços delicados que tinha diante de si não era um "assassino" ismaelita.

— Guülem de Gisors — apresentou-se o jovem. — Excelência, deve seguir-me por onde o

guie!

O olhar de Nicola percorreu indeciso a grande escada que levava até o portal exterior de seu palácio. A luz oscilante das tochas, viu um palanquim escoltado por cavaleiros templários, cuja presença lhe devolveu confiança.

— Asseguro-lhe que não sofrerá mal algum — acrescentou Guülem docemente, e seu rosto delicado se iluminou com um leve sorriso enquanto estudava as vestimentas do bispo. Nicola certamente teria gostado de encontrar-se a sós com aquele belo rapaz, mesmo que fosse em trajes de dormir; como no momento isto não fosse possível, aceitou pelo menos o braço que o jovem lhe estendia, e desceu as escadas recompondo no possível a dignidade da sua aparência.

Quando chegou ao palanquim negro viu que a cortina se abria um pouco, e através dela uma mão branquíssima e de formas delicadas lhe estendeu um escrito selado. O bispo reconheceu de imediato o selo. Tratava-se da carta dirigida pelo Grande clã ao papa; a carta que Crean, com a ajuda de Gavin, tinha roubado dos missionários que voltavam da Mongólia, e que na verdade deveria estar descansando, resguardada e segura, em sua câmara do tesouro.

— Como esta carta chegou às suas mãos? — dirigiu-se indignado ao cortinado, mas a resposta chegou-lhe pelos lábios do jovem cavaleiro.

— Não pergunte pelo percurso. Procure saber, sim, qual a meta! — O jovem tirou um papel do seu casaco. — Aqui está a tradução do original, que é em idioma persa, escrito com letras árabes — e colocou-o nas mãos de Nicola, que estava bem confuso. — Seu jovem amigo...

— Hamo? — perguntou o bispo, assustado.

— O jovem conde de Otranto dispõe de uma voz com um bom timbre. Irá ler esse texto sem aviso prévio, com o que irá surpreender a todos, e antes também que Pian de Carpine possa tomar a palavra. — Guülem de Gisors era um belo jovem, parecia um anjo! — Você, Nicola della Porta, procurará que o "mensageiro falante", quer dizer, seu jovem amigo, não possa ser visto depois por ninguém. O mesmo digo da tradução escrita!

O bispo sentiu uma dor como se lhe tivessem cravado uma faca no coração. Incapaz de pronunciar uma só palavra, ouviu uma voz que saía de trás do cortinado, como vinda de um túmulo. — Jure!

Antes de Nicola poder pensar em formular alguma objeção, o jovem cavaleiro puxou sua espada.

— De joelhos! — exigiu-lhe, estendendo em sua direção a lâmina brilhante. — Jure pela vida do conde de Otranto que agirá como eu disse!

— Assim seja! — exclamou o bispo, com voz estremecida. Que belo é este rapaz!, esteve pensando, ao vê-lo com a espada estendida, como um arcanjo com a espada flamígera; mas ao mesmo tempo também sentiu um calafrio nada agradável ao considerar o perigo que corria a integridade física de seu amado. Hon hoi theoi philusin apothneskei neos. E beijou o aço frio.

— O senhor deve manter o segredo — acrescentou Guillem. — Não fale disso com

ninguém! — Depois ofereceu-lhe o braço para o bispo poder levantar-se novamente. — E agora deve dizer a John Turnbull que venha à nossa presença.

Nicola voltou a subir a grande escada com passos inseguros e com a mente um tanto confusa. Em uma das mãos sustentava a tradução, e na outra o escrito de Guyuk dirigido a Inocêncio IV; o selo estava intacto. Quando chegou lá em cima, deu ordens aos guardas para descerem imediatamente ao porto e procurarem Hamo, o filho da condessa.

O relógio de Hefaístos marcou a terceira hora de Fósforo. Suas badaladas não atravessavam senão muito tenuamente os muros do palácio. Nos salões reinava o silêncio; ouvia-se apenas o forte ronco de Sigbert, vindo do quarto.

Poucos dormiam tão bem e com tanta placidez como o comendador naquela noite.

A condessa tinha pesadelos. Acordava de tempos em tempos banhada de suor, reclinando-se por não ter abandonado a cidade no primeiro dia junto com as crianças. Às vezes pensava ver sua trirreme, que se afastava com as velas infladas; Clarion lhe fazia sinais da coberta, mas ela mesma não estava a bordo. Outras vezes dava ordens aos remadores para que se afastassem depressa porque sobre eles pairava uma ameaça mortal, mas não se via nenhum remo saindo pelos lados da embarcação...

John Turnbull não conseguia dormir. Tentava cobrir com o manto macio e benfazejo da esperança os problemas que o afligiam, a insegurança mortificadora, certas pontadas de medo, os brilhos deslumbrantes da revelação anunciada; então, Gavin entrou no seu quarto.

— Que queria que eu fizesse? — suas palavras assustaram o ancião, já apreensivo.

— Nada! — respondeu Turnbull. — Sequer perguntou pelo senhor; mandou que me tirassem da cama.

— E o que mais? — indagou o preceptor, com tom rancoroso, e com um tamborileio nervoso dos dedos sobre o cabo da espada.

John sentou-se na cama.

— Suas ordens revelavam seu desgosto, e sua voz me chegou como uma censura depois de tudo o que tive de sofrer para conseguir ter as crianças aqui, sob nossa proteção! — O ancião estava profundamente ofendido. — Foi capaz de dizer-me: "Você ainda sonha com as mesmas loucuras que três anos atrás colocou por escrito, sem pedir autorização sobre o conteúdo e sobre o destinatário, naquele 'grande plano', revelando assim o enorme grau de sua irresponsabilidade?" Não pude vê-la, mas garanto ao senhor que a grande maîtresse tinha a voz carregada de bÍlis e veneno. "Porque fomos supor que a idade lhe faria ganhar juízo?" "Ela jamais recebeu o escrito", me defendi. "Mas o receberam no castelo", continuou me repreendendo. "Tive de tirá-lo com minha própria mão do arquivo, embora não tenha encontrado mais que uma cópia." "Como pode explicar isso?" A verdade é que não podia lhe dar uma explicação, e ela deve tê-lo interpretado como sinal de minha obstinação. Depois continuou com seus insultos: "Por acaso pensam que um mosto sem fermentar pode lhes proporcionar um bom vinho só porque é mexido com muita dedicação? Por acaso o senhor deseja que utilize toda a colheita?", opus-me à sua pretensão. Elaprosseguiu: "Deve armazenar o mosto em tonéis fechados e calar-se, em

vez de convidar todo mundo para uma festa maluca." Com estas palavras, me despediu.

— E que farão agora? Por acaso pretendem desistir do espetáculo?

— Nem pensar! — reagiu Turnbull. — Atravessarei as linhas inimigas: o ataque é sempre a melhor defesa.

— Sua melhor defesa! — corrigiu o templário. — E se a estratégia falhar?

— Conto com meus amigos, e conto com você, Gavin. Neste momento, uma retirada prejudicaria mais a honra dos infantes que a própria morte! — O preceptor considerou com a frieza própria de sua mente que Turnbull estava se entregando a uma perigosa ilusão. — Fecharemos o círculo em torno das crianças e brandiremos as espadas...

— John, ainda é muito cedo para empreender a última batalha. Essas crianças são muito jovens, terão a vida toda pela frente! Pode ser que para um ancião faidit como você, que sempre expôs sua vida a todos os perigos, possa parecer-lhe bom morrer com dignidade, com a bandeira levantada, mas não desejo um fim assim para as crianças! — Gavin pensou que as palavras da grande maîtresse não carecessem de razão. — Se pensa, senhor John, ser irrevogável e irremediável apresentar os infantes reais, deve pelo menos tomar algumas precauções, já que costuma desprezar o excesso de prevenção.

— Já lhes disse que devemos formar um círculo impenetrável em torno delas, e protegê-las com nossos próprios corpos! Juram?

— Isso, sim, prometemos!

— *Baucent à la rescousse!* — exclamou o velho, furioso e contente ao mesmo tempo. — Agora ainda quero dormir um pouco!

Yarzinth tinha tirado as cordas das patas de Estix, e o cachorro corria atrás dele, preso na corrente de cordas feita por Hamo, difícil de remover, amarrada em sua cabeça.

Assim chegaram ao muro exterior do palácio de Calixto, no lugar onde se encontra a fonte do Sátiro. Yarzinth olhou ao redor, para observar se alguém surgia pela avenida solitária. Depois subiu à beira da fonte e reteve com a palma da mão a água que saía da ânfora. Estix tentou pegar com a língua um pouco de água da concha. Yarzinth esteve um bom tempo com a mão apertada na saída da água, até que um leve ruído lhe avisou que o par envolvido na luta corpo a corpo começava a se separar: o sátiro retirou-se ao interior de uma cova que se abriu no muro, enquanto o adorável deus do vinho continuava sustentando a ânfora sobre a concha.

Yarzinth deixou, então, que a água retida saísse de um jato, inclinou-se para Estix, que o estava observando de pé, pegou o cachorro e entrou com ele na escuridão de um corredor. O sátiro retornou à sua posição e a avenida ficou entregue ao silêncio, como antes.

Pouco depois Yarzinth abandonou o palácio, vindo dos estábulos e sem cão, e depois de ter se despedido como é devido dos guardas do portal, saiu a cavalo. O barulho dos cascos ressoou através da noite. O relógio de Hefáistos indicou com um som opaco a quarta hora de Fósforo. O céu noturno sobre a Ásia Menor iluminava-se de vez em quando com o clarão de um raio distante, procedente talvez de uma tempestade desencadeada no interior do país. O trovão não se ouvia. Lorenzo de Orta tinha a intenção de chegar, pelo

caminho mais rápido, à casa de encontros, com a forçada companhia de Galerão, para encontrar os "assassinos" que o cozinheiro havia lhe descrito e fixar seus rasgos com a ajuda de um lápis. Não obstante, o caminho o levou a passar diante de três tabernas que ainda estavam abertas, e a cada vez teve de tomar um gole da jarra que, sem sua colaboração, o bispo de Beirute teria esvaziado sozinho.

Muito rapidamente, Lorenzo se deu conta dos efeitos do vinho, razão por que começou a preocupar-se com a firmeza de sua mão e a clareza de sua visão. Galerão parecia um tonel sem fundo. Mas embora houvesse prometido a Lorenzo apoiá-lo com todas as suas forças naquela missão tão perigosa de pegar os "assassinos" ismaelitas, no momento em que pisaram o pátio parecia ter esquecido inteiramente a razão por que o acompanhava.

O franciscano descobriu logo os frades suspeitos e Galerão ainda conseguiu apresentar seu acompanhante, o famoso retratista.

— Lorenzo de Orta é o maior artista vivo da Itália no campo do retrato humano. O senhor deve permitir que ele se sente conosco e que exerça sua arte neste lugar tão extraordinário sem ser incomodado.

Os nestorianos assistiam envaidecidos. Para que não chamasse a atenção o fato de que o objetivo verdadeiro dos esboços eram seus rostos, Galerão, que se sentara entre ambos, continuou sussurando e descrevendo com afã as características dos narizes dos demais homens que havia no pátio:

— Vê aquele do nariz grande, aquele homem pálido? Imagine o pendant correspondente, que enche impaciente seu caftã! Ou aquele ah, o de nariz de gancho da Geórgia, cuja espada, vermelha como o fogo, está a ponto de arrebentar-lhe a calça...

Aibeg e Serkis riam com vontade, enquanto o lápis de Lorenzo voava sobre o pergaminho. Tomava medidas com o canto dos olhos enquanto os olhares dos frades moviam-se com inocente alegria, imaginando as paráfrases plásticas que Galerão lhes contava.

— Aquele búlgaro com nariz de batata, quanto falta ainda para que suas calças arrebentem? Ou esses dois portadores de Icônio, com seus pequenos bicos de águia faminta que incubam sob si ovos gigantesco...

Galerão olhou de soslaio para o frade e este lhe avisou, baixando a cabeça em sinal positivo, que tinha finalizado a tarefa.

— Todos eles — dirigiu-se Galerão, com raiva, aos dois nestorianos — precedem a vocês na fila, razão por que eu, agora...

— Não sabe o que está perdendo — interrompeu-o Aibeg amavelmente. — É nosso convidado! — Enquanto isso, Lorenzo escapou, astuto, como Galerão comprovou, assustado.

— A renúncia significa evitar o possível e elevar o gesto à virtude — devolveu Galerão o sorriso dos nestorianos, enquanto tentava se colocar de pé, sem conseguir evitar mancar. — A mim atraí mais o palácio do bispo latino.

— E onde fica o palácio? — perguntou Serkis com presteza, quando compreendeu que o bispo, afogueado, estava firmemente decidido a abandonar sua companhia.

— Mais além da cidade velha — arrotou Galerão: — Qualquer cria encontrará o

caminho!

Depois disso, o visitante da Terra Santa abandonou o pátio com passinhos torpes, apoiando-se na sua bengala. Os dois nestorianos sorriam dissimuladamente enquanto esperavam que caísse de bruços. Mas Galerão alcançou sem tropeçar a saída e desapareceu do campo de visão.

Uma mulher corpulenta, que certamente pesava tanto quanto os dois estranhos frades juntos, lhe fazia sinais da porta amplamente aberta, que obstruía com as pernas separadas. Tinha chegado sua vez.

Guiscard insistiu, durante o mesmo entardecer, que os guardas da trirreme estivessem mais atentos do que nunca, e dividiu a tripulação de modo que não descessem a terra mais que em grupos reduzidos, e apenas durante três horas; considerava ser isto suficiente para que satisfizessem suas necessidades no bordel, ou que bebessem o que quisessem. Enviou primeiro os mais selvagens, que eram principalmente moriscos. Reservou para o último grupo, os *pace del sensi*, os mais pacíficos, que não viam atrativo nem em uma nem em outra distração, razão por que ficavam expostos às brincadeiras dos bêbados e dos que freqüentavam os puteiros; *pazzi del sensi*, "os loucos", era o nome dado a eles. Essa era a maneira de o amalfitano ter certeza de que no dia seguinte a cabeça de todos estaria leve, bastante leve.

Ele mesmo sentia na batata da perna uma puxada constante e certas fisgadas, que lhe diziam que algo não ia bem. Com o tempo, tinha aprendido a tomar suas precauções.

Depois de as mulheres decidirem sobre os vestidos que usariam no dia seguinte, e quando Clarion já havia se retirado para dormir, o amalfitano passou a inspecionar novamente a trirreme. A nave descansava tranqüilamente; não se ouviam brigas nem protestos, um detalhe que também era pouco comum. O homem passou sua perna de pau por cima do corrimão, desceu pela escada de cordas, cumprimentou os dois árabes que lhe ofereciam chá e seguiu adiante, ao longo do cais.

A galera do preceptor dos templários descansava bem ao lado. Fora, mas ainda dentro da baía do porto, balançava a do grande mestre da Ordem Hospitalaria de São João, muito mais ostensiva e visivelmente decidida a manter a distância. Depois seguia-se no cais uma escuna com esporão, egípcia e de aspecto mais simples, que mostrava junto ao soldado do sultão, também a águia teutônica e, finalmente, o barco magnífico do embaixador francês, no qual ondulava um estandarte. Em lado nenhum se via algo que pudesse levantar suspeitas!

De qualquer modo, Guiscard decidiu não se afastar em demasia de sua trirreme; também não desejava se encontrar na cidade velha com um grupo solto de seus marinheiros. Nunca tinha gostado de ser um desmancha-prazeres, mas naquele momento não sentia o desejo de dar uma cavalgada agitada sobre uma armênia de ventre mole, nem de colocar a terceira perna entre as nádegas apertadas de uma jovem da Galícia. Ao contrário, sim, sentia fome, e teria fincado os dentes com muito prazer num cabrito grelhado com tomilho, melhor ainda se fosse acompanhado de vinho tinto da Geórgia, pois o de Trebisonda era vendido muito caro e os caldos da Criméia não resistiam muito à viagem

por mar.

O amalfitano sentiu os aromas que chegavam das fogueiras abertas, sobre as quais giravam os assados cravados em lanças, levantou a tampa das panelas, meteu o dedo para provar o molho de frigideiras e marmitas e sentou-se finalmente diante de uma mesa, onde havia apenas um casal tomando num mesmo prato um caldo de verduras, onde colocavam pão e que consumiam em silêncio. Parecia faltar-lhes dinheiro para pedir algo mais.

Guiscard não estava disposto a arruinar seu apetite, de modo que pediu uma perna de cordeiro rosada, com muito arroz e pimentão, e convidou-os a que compartilhassem da festa. Aceitaram com expressão de fome atrasada. O homem seguiu com o mesmo olhar fosco e em silêncio, mas a jovem, cujo rosto belo e triste tinha fascinado desde o começo o amalfitano, tentou pedir desculpas pela sua situação, falando num dialeto que lhe era desconhecido. Por meio de um estranho idioma árabe misturado com expressões germânicas conseguiram finalmente se entender em latim, mas quando ele perguntou de onde vinha, o homem cortou a mulher:

— Não queremos lhe dizer, ninguém acredita...

— ... e, além disso, só nos traz desgraças dizê-lo! — ela completou a frase, com amargura.

Guiscard pensou que podiam ser ciganos, o que era perfeitamente possível pela sua aparência, embora os dois fossem muito esbeltos e altos. Pediu outra rodada e encheu seus copos de vinho, conseguindo, assim, afrouxar suas línguas.

— Viemos das montanhas; por culpa do nosso amor tivemos de abandonar nosso povoado, nossa gente — explicou-lhe a mulher de áspera beleza. — Descemos ao longo da costa...

— Que costa?

— A costa da Dalmácia. Sempre que Firouz — e apontou para seu marido —, que é caçador e bom atirador, podia obter emprego de soldado, acontecia de eu não poder ficar, e o que me ofereciam nos portos poderia nos alimentar, mas teria destruído nossa honra, tanto a sua como a minha.

Guiscard esforçou-se em não fixar o olhar na jovem, pois compreendeu que aquele homem sofria quando alguém olhava demais para a sua mulher. Mas impressionou-o o orgulho dela enquanto falava da honra de ambos, com uma voz um pouco rouca, e cheia de melancolia, que era perfeitamente capaz de enlouquecer os homens, e com a qual continuava agora, buscando com calma as palavras mais adequadas:

— Preferimos viver de um ou outro trabalho ocasional no campo, pois sabemos juntar-nos aos outros quando é preciso, ajudando nas colheitas e consertando utensílios.

— Mas, Madulain — interrompeu-a o homem com aspereza —, para que explicar tudo isso? Desde que William interveio em nossas vidas já não há como pôr ordem nelas, nossas raízes estão no vale do punt...

—William! — disse Guiscard, e largou o copo que acabara de levar à boca.

— Um soldado que teria feito melhor em continuar sendo sacerdote! — repôs o homem, com amarga ironia. — Colheu...

—Vocês são do povoado dos saratz, é verdade? — os dois assentiram, quase assustados.

— Não tenham medo, não vou traí-los! — Guiscard encheu os copos deles, e também o seu. — Um flamengo robusto e um pouco ruivo? Procedente de Otranto? William de Roebruk?

— Sim — disse a bela e pálida Madulain —, assim se chamava — e seus olhos brilharam. — Conhece-o?

— E como! — respondeu Guiscard. — Se não tivesse tido o desgosto da perna durante nossa viagem — e bateu na perna de pau —, teria ficado enterrado junto dele na avalanche.

— Chegou pelo menos a ser feliz com Rüesch-Savoing? — perguntou Firouz, que, de repente, parecia estar interessado na história. — Iam celebrar a boda no mesmo dia em que abandonamos o punt e os saratz...

—William, casado? — surpreendeu-se agora o amalfitano. — Incrível! — e sacudiu a cabeça. — Deve ter saído dali pouco depois de vocês partirem...

— Pobre Rüesch! — exclamou Madulain.

— Bem feito para ela! — murmurou Firouz, aceitando que a mulher o olhasse com censura.

— Ela amava muito a William, e, além disso, — a mulher lançou suas palavras como dardos para Firouz —, se não fosse por isso, nós dois não estaríamos aqui!

—Teria sido muito melhor, certamente! — replicou Firouz por sua vez, embora pegasse com carinho a mão da companheira.

— Sua mulher tem razão — interveio Guiscard, comovido e conciliador. — Sou o capitão da trirreme de Otranto — se deu tempo para falar com calma e voltou a encher os copos, esvaziando a jarra inteira —, e vocês poderiam ser úteis em minha nave. Estão de acordo?

Os dois se entreolharam, e entre as pestanas de Madulain apareceu uma breve lágrima, embora depois fosse ela a primeira em reconhecer a alegria. Abraçou seu marido até que ele se desembaraçou de seu abraço, pôs-se de pé e levantou o copo.

—Vamos servir-lo com fidelidade, rais! — declarou solene, e esvaziou seu copo.

Na residência de campo, Pian de Carpine esteve durante toda a noite relendo os pergaminhos que William e Lorenzo tinham recheado com sua escritura, até que finalmente Yarzinth entrou no quarto.

— Trago algumas frutas confeitadas — anunciou com voz melosa, mas Pian apenas levantou a vista. De modo que o cozinheiro desviou-se e estendeu com deleite seu corpo nu debaixo dos lençóis limpos. — Não vem?

— Quero acabar de ler isto, é muito interessante.

— É a sua Ystoria mongalomm — comentou Yarzinth, com orgulho e carinho.

— Já sei — respondeu o missionário, depois de algum tempo, pois a imaginação o levava longe dali e o fazia boiar na glória de sua futura fama.

Yarzinth acabou dormindo. Pian observou seu amante e "guardião", e sabia que com o fim de sua missão também aquela relação chegaria ao fim. Talvez algum dia sentisse saudades do calvo. Pian voltou a se concentrar na leitura.

— Qifa nabki min dhikra habibin / wa mansili bi saqti aluuwa / baina addu-chulifa haumali. Quando vi que você apagava o fogo em nosso lar e que chorava, suspeitei que tinha lhe causado dor — a voz obscura de Madulain mantinha o auditório fascinado. O silêncio havia se estabelecido em torno das fogueiras no porto, onde, em grandes caldeirões de cobre, fervia a "sopa marinera", fervida junto com todo tipo de restos que havia trazido a tropa de pescueiros que voltavam ao anoitecer, a uma hora em que não eram exatamente as pessoas mais delicadas que se reuniam sobre banquinhos de madeira em torno das grelhas acesas.

— Afatimu mahlan ba'ada hadha / at-tadalluli wa in kunti qad / azma'ti sarmifa adschmili. Quando vi que você tinha colocado em seu camelo preferido, o que habitualmente levava a nós dois, a sela de montaria, senti medo de que me abandonasse.

O canto melancólico e rouco se espalhava por quase todo o cais, onde ela estava sentada junto de Firouz e Guiscard. Fazia-se acompanhar por um alaúde diminuto.

— Wa inna schifa'i abratun / muhraqatunfa haVinda / rasmin darisin min mu'auwili. Quando vi que nosso leito, o nosso ninho do amor, tinha ficado coberto por um tapete, soube que você havia me abandonado.

Madulain tocou o último acorde, e sorriu para Firouz.

Logo que os dois recolheram seus pertences e caminharam juntos para o barco, Guiscard ficou pensando no que diria William, o filho-da-puta flamengo! Mas não disse ao casal que o frade, de certo modo, formava parte da tripulação, nem que àquela mesma hora estava em Constantinopla.

Ao subir à trirreme, o guarda lhe comunicou que o jovem conde tinha chegado muito excitado à procura do capitano e que já tinha partido novamente.

- Hamo, 1'Estrange! — saudou o amalfitano. — Suponho que será capaz de esperar até amanhã de manhã.

Clarion, sim, percebeu o aparecimento noturno de Hamo na trirreme, e ouviu que estava à sua procura, após um intercâmbio de palavras excitadas, que haviam tirado seu sono. Assim mesmo soube que tinha recusado asperamente o convite de acordar a condessa. Durante um instante pensou em atrair para seu lado o "pequeno irmão", de fazê-lo gozar do calor de seu corpo, de sentir seu belo membro enrijecer-se..., mas não! Introduziu com um gemido sua própria mão entre as coxas e, depois de algumas manipulações que ela própria tinha maldizido mil vezes, a imagem do corpo coberto de cicatrizes de Crean lhe provocou espasmos no ventre.

Sob o Sol de Apolo

Constantinopla, outono de 1247

O relógio de Hefaístos soou com nitidez a quinta hora. Benedito acordou e obrigou William, que continuava um pouco adormecido, que rezasse com ele pela salvação da sua alma.

— ...ora pro nobis peccatoribus, nunc et in hora mortis nostrae. Amém.

Uma vez terminada a invocação a Maria, e quando William já ia estender-se de novo no leito, perceberam que as crianças não estavam, embora os cobertores ainda estivessem quentes.

— Estarão no pavilhão! — William quis se acalmar. Mas Benedito suspeitava de alguma desgraça.

— E se foram seqüestrados?

— Quem iria fazê-lo? — murmurou William, e voltou a adormecer. Benedito permanecia acordado com o olhar fixo nas aberturas redondas da abóbada, esperando poder ver o céu. Mas só foi entrando a luz indireta do amanhecer que, conforme o dia clareava, deixava o sótão numa atmosfera difusa e turva de matiz cinza-azulado.

Gavin ficou satisfeito de que a importante visita noturna não perguntasse por ele. Não tinha vontade de continuar desperdiçando a noite, nem de sair cavalgando para voltar à residência de campo.

Assim, ele acordou Sigbert, que lhe preparou com prazer um leito em seu próprio quarto. Mas depois, e com a mesma naturalidade, o cavaleiro teutônico recuperou seu poderoso ronco, de modo que foi impossível para Gavin dormir.

Voltou a levantar-se, e quando amanheceu afastou-se novamente da cidade a cavalo, com a intenção de colocar-se à frente dos seus cavaleiros templários. Se estivessem a seu lado para lhe proteger as costas, poderia resistir a quantos perigos o ameaçassem durante o dia.

Uma vez atravessada a muralha, viu-se de novo coberto de dúvidas. Alcançou uma capela próxima que parecia esperá-lo na beira do caminho, desceu do cavalo e se ajoelhou.

— Ave Maria, graúa plena, Dominus tecum, benedicta tu in mulieribus — rezou em voz alta — et benedictus fructus ventris tui, Jesus. — Depois voltou a colocar o capacete e montou no cavalo. — Vive Dieu Saint-Amour! — a luz ascendente prometia um dia esplêndido.

Lorenço de Orta percorria como um cachorro vagabundo as ruelas cobertas de lixo

noturno. Gostava da hora em que surge a primeira luz do dia com sua cor violeta-alaranjada, que envolve inclusive durante instantes os asilos da pobreza numa atmosfera conciliadora de tons pastel. Ao pequeno frade lhe doeu uma vez mais não ter à mão giz de cor para reter aquele esplendor, pois somente com argila não podia reproduzir adequadamente o ambiente. Mas se deteve a pensar se não seria possível fixar, como último quadro idílico antes de retirar-se, o pequeno carromato coberto com um toldo que descobriu perto do caminho.

— Que há, belo estrangeiro? — ouviu, de repente, uma voz arrulhadora que o arrancou de seus sonhos. Só então se deu conta da mulher que estava junto ao poço, lavando o rosto e os seios com água fria.

— I-Inga?

— Ingolinda de Metz! — ela o ajudou a recordar-se. — Já sei — o frade conseguiu entender. — A de William!

— Para o diabo com seu William! — respondeu ela. — Onde se encontra agora essa jóia fulgurante da sua ordem?

— Que sei eu? — mentiu Lorenço, e deu um passo em direção ao carromato da puta para desviar sua atenção.

— Alto! — disse Ingolinda. — Agora mesmo não posso lhe servir. — Aproximou-se dele enquanto ia secando o corpo com uma toalha, e seus seios plenos dançaram diante do nariz do frade. — Lá dentro está um bispo em pessoa, profundamente adormecido... Não, não pense mal, o velho me deu pena: não sabia onde ir dormir nesta cidade que não conhece; além disto, uns malfeitores despojaram o coitado da única coisa que ainda tinha, deixando-o quase nu — continuou contando a mulher, sem muitos pudores.

— Deixe que o veja um instante — pediu Lorenço - talvez eu saiba...

Ela levantou um pouco o reposteiro do toldo. Ali estava Galerão dormindo muito comodamente sobre umas almofadas imundas de algum leito de pecado.

— Vou levá-lo comigo e me ocuparei dele — disse Lorenço, depois de uma breve reflexão. — De fato, é o bispo de Beirute.

O pequeno frade estava imaginando que, se as fontes da imaginação de Galerão brotavam com tanta expressividade quando sóbrio ou quando bêbado e cheio até transbordar de vinho resinoso, o bispo poderia se encarregar da tarefa de apresentar os infantes: tarefa que, a princípio, fora encomendada a ele, Lorenço.

Ingolinda se divertia muito:

— Agora acontece que, quando a Igreja falha, pelo menos intervém são Francisco para salvar a dignidade de seus membros mais esclarecidos. — O que dormia acordou entre ambos e destinou-lhes uma torrente dos piores insultos.

Lorenço suportou-os com paciência.

— Excelência — disse depois, amavelmente —, o bispo lhe dará roupas novas, mas o senhor deverá seguir-me!

Galerão, que permanecia muito alcoolizado e ainda mancava, desceu da sua pocilga

pecaminosa.

— Maldita puta, mulher perdida! — foi todo o agradecimento que teve para Ingolinda. Mas esta ria, enquanto Lorenzo arrastava consigo o bispo charlatão com toda a pressa que podia.

Nicola delia Porta encaminhou-se na direção do pavilhão quando o mensageiro regressou do porto, sem trazer Hamo. Não gostava de ir ao labirinto subterrâneo, embora soubesse que já não havia razão para temer a presença do cachorro.

Encontrou Hamo completamente vestido e dormindo sobre o tapete. As crianças estariam certamente no sótão com os frades; de qualquer modo, não as viu.

Despertou o rapaz. Hamo reagiu com desgosto e voltou-se para o outro lado. O sol matutino transpassava as filigranas de pedra e roçava o chão e o tapete com manchas claras, impedido de poder enviar ao interior algum raio deslumbrante. O pavilhão continuava sempre submerso numa luz mágica, ligeiramente azulada, tanto se havia lua cheia como se brilhasse o mais resplandecente sol do meio-dia.

— Hamo — sussurrou o bispo —, tenho de falar com você!

— Deixe-me em paz!

O bispo sentou-se numa das almofadas e tirou o papel com a tradução da carta. O barulho que fez ao desdobrá-la despertou a curiosidade de Hamo mais que qualquer convite. De repente sentiu-se completamente desperto, mas virou os olhos para não demonstrá-lo.

O bispo reclamou:

— Aqui há um texto que você deverá ler hoje em voz alta. Trata-se da tradução do texto que o Grande clã envia ao papa em Roma.

— Nem pense nisso — replicou Hamo bem decidido. — Não sou um arauto para precisar lê-lo diante de todo mundo.

— Hamo, peço-lhe de todo coração, ainda que seja a última vez que tenha de pedir-lhe alguma coisa...

— Não! — respondeu Hamo, que sentia um grande prazer em recusar o desejo tão emotivamente expresso pelo bispo.

— Hamo — suspirou o bispo —, há duas razões pelas quais você deve aceitar essa tarefa, pois só você deve levá-la a cabo. Uma das razões é que a máxima autoridade designou você...

— O papa? O senhor dá ordens e todos obedecem? Eu não!

— Hamo! — repreendeu o bispo.

— E a outra razão? — interrompeu o rapaz aquele sermão já esperado. — Diga-me! Talvez me convença.

— Não queria chegar a uma situação em que tivesse de dizê-lo, pois, na verdade, caberia à sua mãe...

— O que ela tem a ver com isso? — perguntou Hamo, desgostoso, irritado e desconfiado.

— Será melhor que não fale dela, se não quer que eu fique com raiva.

— Quero falar de seu pai.

— O almirante? — Hamo não demonstrava interesse. — Jamais o conheci.

— E verdade que Henrique de Malta, conde de Otranto, é quem aparece oficialmente como seu pai, mas você é, de fato, originário da semente da dinastia de Gengis Khan.

Houve um silêncio prolongado. Hamo mantinha os olhos fechados, e o bispo olhava fixamente a filigrana de pedra que fechava por cima de suas cabeças o pavilhão, formando uma cúpula luminosa.

— Por isso deseja Guyuk que seja eu quem leia seu escrito... — Hamo não havia se colocado uma pergunta, mas formulado uma observação simples e verdadeira. Depois continuou: — Bem, cumprirei a missão. Mas não quero vê-lo nunca mais. Prefiro que seja minha mãe que me conte a história de minha origem. Afaste-se agora, tenho de preparar-me.

O bispo levantou-se em silêncio. Sabia que tinha perdido para sempre o rapaz. Abandonou o pavilhão — dakryoen gelasasa —, sorrindo com os olhos marejados de lágrimas e sem dizer uma palavra.

O relógio de Hefaístos anunciou com um som opaco a sexta e última hora de Fósforo. Vênus empalidecia no céu matutino. O sol saía.

Quando chegou à residência de campo, Gavin Montbard de Béthune, preceptor da Ordem dos Templários, encontrou seus cavaleiros e sargentos vestidos e armados junto dos cavalos. Dirigiu-se sem demora, atravessando o amplo parque, na direção do edifício secundário que tinha servido de lar a Pian de Carpine, hóspede involuntário do bispo, durante sua prolongada estada.

Como ninguém respondesse a seu chamado, e ele se tivesse tornado responsável de levar o missionário com pontualidade e segurança para seu destino, entrou sem fazer barulho. Encontrou Pian adormecido, inclinado sobre sua mesa de trabalho, onde tinha ficado lendo a Ystoria mongalorum. Na cama, também profundamente adormecido, estava o cozinheiro.

Mas o que mais chamou a atenção de Gavin, além do fato em si, foi a bolsa cheia de moedas que descobriu junto do leito do cozinheiro calvo, ao alcance de sua mão, que se lhe pendurava até o chão. O templário deu um ligeiro pontapé na bolsa e caíram algumas moedas de prata. Eram dobrões franceses!

Pian acordou devido ao barulho. Gavin desculpou sua entrada.

— Sinto incomodá-los, senhor legado — evitou com muito tato dar a entender que tinha descoberto Yarzinth dormindo ali. — E a hora! Hoje é um grande dia para você, Pian de Carpine!

Lorenço encontrou Nicola delia Porta e John Turnbull debaixo do portal principal. Para sua surpresa, o ancião reconheceu de imediato o bispo de Beirute e cumprimentou-o

efusivamente. Galerão foi levado em seguida ao banho, onde lhe prepararam além disto uma roupa esplêndida e enfeitada.

Nicola providenciou que o desenho com o retrato dos dois "assassinos" fosse cravado em seguida pelos guardas no portal, e instruiu-os para que examinassem bem qualquer visitante, recusando todos que se mostrassem minimamente parecidos com as feições esboçadas no desenho.

— Muita atenção! — acrescentou Lorenzo. — Ambos manejam o punhal com mais rapidez que qualquer outro precisa para pegar sua espada!

Turnbull sentou-se junto de um barril cheio de água quente que expelia vapor, e falou com insistência e ar conturbado a Galerão. Os criados trouxeram "um pequeno presente do dono da casa": um báculo de bispo coberto de pedrarias, além de uma pesada corrente de ouro com uma cruz de ébano e um Cristo de marfim, razão por que o bispo procedente da Terra Santa — não esqueçamos nunca nossas antigas relações! — renunciou a qualquer objeção e encarregou-se sem reclamar da tarefa cerimonial que lhe haviam destinado.

— Por que tanta pressa? — A mão enluvada do preceptor segurou as rédeas quando Yarzinth, apressado porque já era tarde, quis montar no cavalo. — O bispo terá de esperar um pouco — disse o templário —, pois você, Yarzinth, não é apenas um mestre na arte culinária senão que, segundo me disseram, também na caligrafia. De modo que agora mesmo deve escrever a solicitação que vou ditar-lhe.

Yarzinth reconheceu, pelo tom que ele falava, que era inútil opor-se, o que também o fazia notar a pressão do punho que o conduzia à câmara do preceptor. Ali encontrou preparado o pergaminho e o recado de escrever que precisava. Molhou a pena no tinteiro.

— "Maria, cheia de graça, Santa Mãe de Deus, Rainha dos Céus e da Terra" - ditou-lhe Gavin com toda calma, para que o escrevente pudesse lhe seguir o ritmo. — "Seu servidor Gavin está disposto a empregar as humildes forças que Você lhe concedeu, empenhando inclusive sua vida, para que o infante real nascido de Seu ventre não sofra nenhum perigo. Rogo-te, Maria, que O acolha quando os poderes do Inferno, os demônios, queiram pegá-lo. Proteja-o com Tuas mãos ali onde as minhas não alcançam. Per Jesum Christum filium tuum. Amém."

Yarzinth escrevia com rapidez e fluidez, embora as palavras com que estava redigida aquela simplória petição lhe parecessem completamente inúteis; que estranhos pensamentos acozavam o preceptor em pleno dia! No entanto, prescindiu de qualquer observação para não perder mais tempo. Acabou com um enérgico "Amém!" e estendeu o pergaminho ao templário. Gavin guardou-o sem desperdiçar nem um olhar ao contemplá-lo, o que provocou, ainda mais, a irritação de Yarzinth.

— Cada façanha tem seu prêmio — comentou Gavin, e lançou ao cozinheiro uma moeda de prata. Yarzinth recolheu-a, e a reconheceu logo: um dobrão francês! Com a cabeça erguida, montou e afastou-se a galope, sentindo-se ainda mais furioso ao dar-se conta de ter ficado vermelho.

O preceptor fez um sinal a um de seus homens:

— Levem essa folha ao porto e entreguem-na em mãos a Guillem de Gisors, a quem

encontrarão na nave do senhor embaixador do rei de França!

Guiscard sequer tinha se deitado, lavou rapidamente o rosto com água fria, lubrificou o coto da perna e decidiu recuperar as horas de sono quando os senhores tivessem abandonado a nave. Também não tinha vontade de quebrar a cabeça para idealizar alguma tarefa apropriada que entretivesse a Firouz, que já havia se apresentado junto dele, razão por que lhe ordenou simplesmente que se mantivesse a seu lado.

A tripulação da senhora de Otranto tinha se reunido toda na coberta. O amalfitano enviou um olhar interrogador para o céu e examinou a água justo no momento em que a galera do grande mestre da ordem de são João, introduzindo com pancadas precisas seus remos na água, abandonava o porto, deixando na popa uma onda encrespada. Na coberta da nave estavam reunidos os cavaleiros vestindo a capa preta enfeitada com uma cruz branca, alargada, em forma de espada; talvez não considerassem útil se encontrar com os templários na reunião prevista. Também tinha desaparecido a tenda dos comerciantes árabes.

A uma ordem de Guiscard, os lancelotti levantaram os remos lanceolados para enviar uma saudação a uma galera que se afastava. Neste instante, Guiscard viu que pelo fundo do porto aproximava-se rapidamente um veleiro papal. A nave mostrava o galhardete inconfundível, sinal de que levava um legado a bordo, e seguia em linha reta na direção da trirreme...

XIII – A REVELAÇÃO

Formação, Saída e Desfile

Constantinopla, palácio de Calixto, outono de 1247 (crônica)

Naquela manhã, fui despertado por um Yarzinth ainda sonolento, que, para celebrar o dia, pusera seu corpanzil num colete verde-escuro enfeitado de cordões dourados no peito, calças estreitas de duas cores com as armas do bispo bordadas em ouro e uma ampla toga: duas serpentes que mordem-se o rabo, emblema que eu lembrava ter visto antes em algum lugar.

Comprovei, ainda adormecido, que as crianças estavam ali, vestidas já com as prendas mongóis; além disso, escutei Benedito instruindo-os com palavras carinhosas para que não se sujasse ao tomar seu leite frio matinal. Segui o cozinheiro, que me tirou com impaciência daquele sótão, que por longas semanas nos havia servido de quarto, refeitório e escritório. Chegara o momento culminante, e eu não sabia se deveria ficar contente ou não.

Uma vez lá em cima, Yarzinth abandonou-me e escapuliu apressado para trás de um biombo pesado que separava a sala chamada de "o centro do mundo" do palco.

Afastei um pouco uma cortina de veludo e observei através da janelinha o pavimento de mármore branco e preto, que aparecia na parte inundada de água: O Egeu e o Propôntis encontravam-se a um palmo debaixo da superfície líquida, razão por que a primeira fila de assentos ficava convenientemente separada do proscênio no qual me encontrava e aonde, mais adiante, deveria apresentar-me.

À direita e à esquerda, as fileiras de lugares estavam começando a se encher de gente. Pareciam seres estranhos os que confluíam àquele lugar. Alguns pulavam — como se estivessem em transe, com os olhos fechados, mas com passo seguro — de "terra firme" à "terra firme", para alcançarem seu lugar, outros gesticulavam como se estivessem possuídos, desciam e subiam dançando e cantando pelas poltronas, acompanhados das palmas entusiastas dos seus adeptos. Yarzinth mantinha-se no centro do redemoinho como uma rocha em meio à marulhada, assinalando a cada um o lugar que lhe correspondia, ordenando a uns que se reunissem e a outros que se separassem.

Chegou a tripulação musculosa de Otranto, e com ela Clarion, que escapuliu por uma porta lateral quando descobriu que ninguém ainda tomara assento nas poltronas da primeira fila. Yarzinth apontou para o pessoal da trirreme o lado esquerdo — onde eu estava —, e ali formou-se uma fila diante das poltronas. Desfraldaram a bandeira e formaram um quadro impressionante com suas armas resplandecentes. Guiscard apenas não lhes permitira levar consigo seus compridos remos lanceolados.

Depois foi Gavin que fez entrar seu pequeno exército de templários. Chamavam a atenção pela uniformidade de suas capas brancas, com a cruz vermelha de extremos terminados em garras; só a cruz de Gavin era um pouco maior que as demais. Ele ficou em um dos

extremos da primeira fila, e seus cavaleiros ocuparam todo o lado direito da sala.

—William, que faz aqui, bisbilhoteiro? — surpreendeu-me a voz do bispo. — É hora de se vestirem!

Seus criados levaram-me ao aposento que havia atrás do palco e foi ah que me encontrei, pela primeira vez na minha vida, com Pian de Carpine, meu famoso irmão na ordem. Soube de imediato que era ele, e o mesmo sucedeu da parte dele, de modo que dirigimo-nos mutuamente um sorriso um tanto forçado. Como os criados passeavam por ali, não era o momento apropriado para pronunciar alguma palavra que pudesse esclarecer nossa situação. Além disto, o missionário sentia-se atormentado por outras preocupações.

— Diga a seu bispo que não me apresentarei se não tiver antes a carta nas minhas mãos.

Alguém se apressou a comunicar a ameaça ao bispo. Em lugar da feia fantasia de xamã, vestiram-me com uma roupa de brocado de seda amarela, com aplicações abundantes e decorativas, com enfeites de veludo em cor vermelha e bege e arrematados com fio de ouro; as voltas das mangas eram de seda chinesa de cor roxa-clara, e as altas ombreiras apareciam realçadas com veludo de cor azul-turquesa enfeitado com sanefas de ouro. O mais bonito, no entanto, era a touca, que consistia numa boina de feltro vermelho-escuro e que terminava em ambos os lados em grandes chifres, presos com ricas peças de filigrana de prata. Dos extremos penduravam-se grandes tubos ornamentados com corais e peças de âmbar, que me lembravam os valiosos recipientes onde se costumava guardar os rolos da Torá que eu vira em mãos dos rabinos da grande sinagoga de Paris. Senti-me como um sumo sacerdote do Antigo Testamento; até cheguei a pensar que se o Grande clã de todos os tártaros quisesse eleger-se papa, poderia aposentar minha candidatura, da forma como eu estava trajado.

No entanto, tinham trazido também as crianças, que me rodeavam saltando e pulando como se eu fosse uma árvore coberta de fitas, tal como costumávamos enfeitá-las em minha juventude, em Flandres. Naquela época, o povo todo competia, entre risos e brincadeiras, para ver quem pendurava mais coroas e guirlandas numa árvore sem que esta se inclinasse.

Só Pian me olhava um pouco confuso, embora se sentisse obrigado a me dedicar um sorriso. O mais provável era que ele, que se considerava o principal personagem do ato, sentisse ciúmes pela magnificência e dignidade da minha fantasia e as das crianças. Vestia apenas o simples hábito marrom dos irmãos menores, embora sua bolsa de peregrino, provavelmente um presente dos mongóis, estivesse composta de diferentes peças de couro artisticamente pespontadas e os enfeites resplandeciam realçados com fileiras de pérolas; seus calçados pareciam ser da mesma procedência. Também eram valiosas minhas botas pontiagudas de feltro, com voltas de cor roxa forradas de veludo e com aplicações de diferentes peles. Debaixo do amplo abrigo de cerimônia apenas se viam as grandes calças amarelas que levava presa às botas.

Saí do quarto para me exhibir ao bispo, que naquele momento falava com um guarda que lhe comunicava terem chegado às portas do palácio dois comerciantes árabes carregados com valiosos presentes.

— Para as crianças? - perguntou Nicola um pouco confuso, mas depois lembrou-se das

normas de segurança que ele mesmo impusera.— Comprovaram se são parecidos?

— Os presentes são para o senhor, Excelência! — Estas palavras tiveram o efeito de quebrar rapidamente as reservas do bispo, sobretudo quando o guarda acrescentou com entusiasmo: — Parecem tão ricos como se fossem reis no Oriente, ou grandes senhores. Desejam vê-los para...

— Está bem — Nicola lhe cortou a palavra, e em seus olhos desenhou-se a avidez; que Yarzinth receba os presentes e indique a seus portadores um lugar de honra!

Também Della Porta vestira-se de modo cuidadoso, combinando de forma refinada diversos tons de vermelho, desde o vermelhão luminoso até o púrpura quase violeta; de jóias levava apenas uma cruz de ouro maciço e o famoso anel episcopal. Pareceu-me uma figura deslumbrante à espera de uma grande festa com hóspedes da máxima categoria, embora desse a impressão de se sentir um tanto infeliz, apesar do seu ativismo. Mas pensei que algumas pessoas nunca ficam inteiramente satisfeitas, parece que querem complicar a vida!

Nicola abriu a porta em direção a outro quarto, e vi um bispo que me era desconhecido e que, sentado sobre uma caixa, se agarrava a uma bengala torta. Embora... é certo que não o conhecesse? O indivíduo levantou o rosto num acesso de soluços e seus olhos me indicaram que era um pássaro de cuidado, adepto do vinho. E, de repente, seu nariz de bebedor pareceu-me conhecido.

Rapidamente percorri com o olhar os demais personagens que havia no aposento: ali estava Lorenzo, recitando algo a Hamo; lia num papel e Hamo tentava repetir. Fiz um esforço para saber qual era o assunto, mas tornaram a fechar a porta.

Olhei à minha volta. No centro do palco erguia-se uma espécie de altar para o qual pegaram umas escadas, mas ainda coberto por uma tela branca. À direita e à esquerda havia duas cadeiras de cada lado da parte frontal. Numa delas estava sentado, bem erguido e quase tão branco como o próprio lençol, o velho Turnbull. Não se mexia nem prestou atenção em mim, embora eu tivesse pensado que minha aparência mereceria pelo menos uma breve consideração, mas seus olhos pareciam apagados e descansavam fixos no telão, como se desejassem atravessá-lo, e avançar mais além da sala da qual nos chegavam vozes amortecidas e murmúrios expectantes. Também me chamou a atenção a brancura de seu cabelo, detalhe que reforçava a fragilidade da figura; uma figura cujos pensamentos pareciam muito afastados do que ocorria à sua volta, como se escutasse o adejo de uns patos selvagens que atravessam um céu cinza-leitoso. Retirei-me sem fazer barulho.

Depois olhei por uma janela redonda gradeada, e pude observar parte da grande escada e da porta principal que até o momento jamais tinha visto, já pois quando cheguei haviam me encaminhado logo ao sótão. Com um ligeiro estupor vi que subiam pela escada soldados do papa de aspecto solene, como se fosse uma procissão. Provavelmente os acompanhassem alguns monges, que, dali, só podia se ver o capuz negro.

Houve um rebuliço junto ao portal quando dois frades de aspecto estranho, um muito magro, o outro mais gordo, tentaram entrar como se fizessem parte dos monges escoltados pelos soldados do papa; mas os guardas empurraram-nos com força, alguns inclusive

desembainhando a espada. Os dois homens gesticulavam excitados e tentaram pedir ajuda aos papais, mas nem os soldados nem os monges reagiram diante de seus gritos. Sem prestar atenção a eles, passaram à sua frente, alguns com o olhar fixo para a frente, outros com a cabeça baixa, enquanto os frades impedidos de entrar davam pancadas no peito, mostrando suas cruces. Afugentaram-nos como se fossem cães vira-lata e sarnentos, e os guardas chegaram a lhes jogar pedras.

Pouco depois, voltaram a adotar uma postura respeitosa: haviam lhes comunicado a cercania dos franceses, que chegavam com a auriflama ondulando ao vento, e do conde de Joinville, montado a cavalo. Reconheci-o de imediato, embora não o visse desde os dias de Marselha, mas era difícil esquecer um pavão tão vaidoso e tão louquinho. Confiei que sua estupidez o impedisse de lembrar-se de mim, porque podia ocorrer de mostrar uma renovada surpresa: "Em missão secreta! Ha, ha!"

Corri para ocupar de novo meu lugar junto à janelinha do telão que dava para a sala, pois já estavam cobrindo a parede do fundo com uma tela de cor damasco-azulado, contra a qual se destacava, em grande elegância, o altar branco. De cada lado foi colocada uma trípode, e os criados encheram pratos com líquido combustível e instalaram recipientes similares à direita e à esquerda dos cantos do palco, com o objetivo de tentar conseguir alguma iluminação. Meu coração sentiu-se invadido por uma sensação de solenidade, mas minha curiosidade era ainda maior, razão pela qual me permiti lançar um último olhar pela janelinha do telão antes que me expulsassem do meu posto de observação.

A sala foi se enchendo de gente. A maioria dos assistentes havia se sentado para não perder o lugar conquistado. Debaixo das arcadas, na minha frente, onde desembocavam as grades que subiam do andar térreo, vi um legado papal e o embaixador especial francês tentando competir em cortesia, cedendo cada um o passo a outro, embora, na verdade, cada um deles desejasse ser o último a entrar. Do mesmo modo se passava com a condessa, a quem vi escapular por uma porta lateral, presa no braço de Sigbert. Estava certo de que ela conseguiria superar aqueles dois senhores!

Quando o eclesiástico cedeu e entraram na sala os soldados papais, antecedendo os franceses, descobri duas coisas: reconheci o jovem frade que num certo dia me recebera em Sutri: frei Ascelino! Então o dominicano havia conseguido que o nomeassem legado! E também vi, junto do conde de Joinville, Guillem de Gisors, o belo cavaleiro templário de quem me lembrava como acompanhante fiel de um palanquim negro: a grande maîtresse! Sendo assim, também ela tinha sua atenção fixa ao acontecimento, embora não estivesse presente. E, de repente, adquiri consciência da importância do ato, que anteriormente não tinha nunca associado a mim mesmo. Pois não se tratava somente das crianças, nem muito menos a atenção estava centrada em "William e os infantes!" Que aconteceu com a minha carta? — ouvi alguém resmungando em voz alta às minhas costas, tanto que até o bispo, passando por ali, pôde escutar.

— Não levante a voz! — sussurrou-lhe o bispo a Pian. — Hoje mesmo ela estará aqui em suas mãos. — Frei Ascelino ocupou junto de outro companheiro da ordem um assento do lado direito, e os demais monges sentaram-se nas grades que havia atrás. A seu lado instalou-se o abandeirado; os soldados do papa davam empurrões um no outro para ficarem próximos. Os templários não se moveram do lugar, até Gavin ordenar que se

adiantassem na direção do palco. O embaixador francês ocupou um lugar no centro da primeira fila; a seu lado sentou-se Guiliem de Gisors, que cumprimentou Gavin com uma leve inclinação, com o rosto ruborizado. O jovem cavaleiro ficou confuso quando viu que devia se sentar num lugar tão em evidência enquanto o preceptor continuava de pé. Os soldados do rei de França sentaram-se diante dos papais e junto aos de Otranto. À esquerda, diante das poltronas reservadas para a condessa, haviam se acomodado no chão de mármore os comerciantes muçulmanos sobre suas pernas dobradas; diante deles colocaram umas caixas que ostentavam objetos valiosos, como recipientes de incenso cobertos de pedras preciosas e pratos de ouro cheios de essências aromáticas. Um pouco mais para mim o mármore já estava submerso na água, e o espelho d'água refletia a imagem festiva do salão e seus ilustres convidados.

Finalmente entrou também a condessa, acompanhada de Clarion e protegida por Sigbert, que fazia de cavaleiro acompanhante. As duas mulheres desfrutavam da cena; usavam vestidos simples de refinada elegância, que não roubavam o esplendor de suas jóias e pérolas, além de acentuarem a figura esbelta e ainda encantadora da condessa e a transbordante beleza física da sua filha adotiva. Ao contrário, as camareiras, para maior contraste, se apresentaram vestidas com a simplicidade de uma batina de freira de cor bege, exceto uma. Quase me saltaram os olhos, quase caí através do telão ao centro da sala: num primeiro instante, pensei que não podia ser mais que uma ilusão de ótica; o rosto daquela camareira era igual ao de Madulain! Eu continuava com o olhar fixo nela enquanto aquele ser sonhado, minha princesa dos saratz, ocupava com gestos elegantes um lugar atrás das outras, como se fosse para ela a coisa mais natural do mundo.

—William! — a advertência de Yarzinth me arrancou dos sonhos. — O bispo já está entrando na sala. — O cozinheiro usava uma peruca e tinha uma vara de arauto na mão e me fez acudir à parte posterior da tapeçaria adamascada, onde já estavam prontos Lorenzo e o outro bispo estrangeiro, cujo nome recordei neste mesmo instante: Galerão de Beirute. Também estavam ali Pian de Carpine e, num canto, Hamo, com as crianças, muito excitadas.

O filho da condessa viera vestido como mongol, mas levava uma roupa austera de guerreiro muito bem talhada, com gola levantada, botas altas enfeitadas com peles e na cabeça um capacete artisticamente construído, com uma ponta grande no centro. Tudo isto o fazia parecer mais alto do que era de fato; realmente dava a impressão de nunca ter usado outras roupas na sua vida. Seu rosto tinha uma impressão severa.

Embora eu devesse agora me conformar, procurei e encontrei um pequeno orifício pelo qual eu podia continuar observando uma parte da sala, quando fosse aberto o telão principal. Não consegui, porque Hamo me fez pegar as crianças pela mão, que apertaram-se contra mim; depois Yeza me confiou que, antes de mais nada, teria de fazer xixi naquele momento. Lancei um olhar desesperado para Yarzinth e empurrei-a para o quarto vazio; Roç seguiu-me, agarrado às minhas calças. Ordenei à menina que urinasse no centro do quarto, tendo cuidado de não me respingar.

Pian assomou pela porta.

— Uma autêntica mulher *jalja!* — Mas seu sorriso era uma careta. — Só lhe faltam umas tranças longas metidas numa capa, mas não se apresse, elas crescerão! — Não entendi a

que se referia, mas depois pensei que possivelmente estaria caçoando de meus grandes chifres, tentando ridicularizá-los ao opinar que se tratava de um enfeite feminino.

Arrastei as crianças de novo para fora, e nos colocamos outra vez atrás da tela azul. Naquele instante estavam acendendo o fogo nos pratos, e suas chamas expeliram uma luz fosforescente sobre o teto e as paredes, iluminando com um brilho mágico o altar coberto com a tela branca. Yarzinth se adiantou, deu três pancadinhas com a vara no chão e o pesado tecido de veludo foi retirado para ambos os lados.

— O sumo sacerdote da Igreja Católica em Constantinopla, arcediano de Santa Sofia, cumprimenta seus distintos hóspedes! — Fez uma pausa para dar tempo a que todos cumprimentassem o bispo com uma leve reverência, quem acabava de sentar-se entre Ascelino e Joinville. — Celebremos em primeiro lugar a santa missa!

O cozinheiro retirou-se e viu que se adiantava Galerão seguido por Lorenço, que o assistia. Todos os assistentes se puseram de pé; as damas e os mais devotos caíram de joelhos.

— Kyrie, kyrie, kyrie eleison! — iniciou seu canto um coro de crianças, invisíveis para mim por estarem situadas mais em cima de nossas cabeças. O mais provável era que aqueles filhos prediletos de Nicola se tivessem instalado num palco.

— Christe eleison! — respondeu a voz profunda de Galerão sem trair em nada sua adição ao vinho. Infelizmente não podia observá-lo enquanto celebrava o santo ofício, por muito que tentasse esticar o pescoço.

— Kyrie, kyrie, kyrie eleison! — responderam de novo as crianças, e pensei que, de fato, em minha honra estivessem reunidos um número considerável de pessoas, pois me encontrava no "centro do mundo" e não havia ninguém mais, nem na sala nem atrás do palco, capaz de reunir nas suas mãos tantos fios daquela história. Mas quem ia amarrando com paciência e talento tantos destinos ao mesmo tempo? Era verdade que as crianças ocupavam o primeiro plano, centralizando a atenção de todos, porém onde estariam eles sem a minha presença? De modo que considerei justo e conveniente que, depois de passar tantas privações e necessidades, um público surpreso reclamasse minha presença: "William e os infantes!"

— Gloria in excelsis Deo — pronunciou Galerão na qualidade de praecantor, e as crianças responderam com suas vozes claras:

— Et in terra pax hominibus bonae voluntatis! — as crianças seriam "elevadas" em um dia como hoje, pois assim o tinha idealizado e ordenado o velho John Turnbull, que continuava sentado na sua cadeira. Provavelmente só se podia vê-lo a partir da parte esquerda da sala, mas com toda certeza o ancião causava uma impressão de grande dignidade e sabedoria, hagia sophia, e no entanto me assaltaram as dúvidas de se tudo se desenvolveria tão harmoniosamente a partir do momento em que o ancião tentasse substituir a cerimônia do "enlace quimiológico". Qual seria a reação dos convidados papais?

— Sanctus, sanctus, sanctus — soou o baixo profundo de Galerão. Era uma manobra inteligente incluir, aquele bispo na cerimônia, pois ninguém duvidara que procedesse da Terra Santa, de modo que o ato não teria um aspecto exagerado de um complô bizantino

caseiro, no caso de que os de Roma tentassem formular alguma reclamação nesse sentido —, Dominus Deus Sabaoth!

Continuei observando pelo orifício. Na primeira fila vi que Clarion se ajoelhava e que seus olhos não se separavam do jovem templário a quem seus olhares ardentes atacavam como mil marimbondos tentando se aproximar de uma flor. O jovem dobrou os joelhos — parecia sentir-se confuso — como se aquele gesto de humildade lhe pudesse facilitar uma maior resistência ao pecado, embora ao mesmo tempo ficasse na mesma altura que a sedutora, e com isto ainda mais exposto ao perigo. Como se o conde de Joinville se desse conta de que o jovem precisava de proteção, ou de que uma cena pouco conveniente estivesse se armando, deu um passo e, como se por acaso, acabou ficando entre os dois.

Graças a esse movimento, me chegou de repente um olhar insistente e frio, ao mesmo tempo que o canto de Hosanna! enchia meus ouvidos procedente do coro, embora o ouvisse muito disseminado. Aqueles olhos pertenciam a um homem que estava de pé atrás do embaixador e vestia o uniforme azul do rei, coberto de douradas flores-de-lis. Era o mesmo homem que tínhamos encontrado nas névoas da Camargue, que tinha matado a três sargentos, levados pelo prefeito em sua carreta. — Lembrei da palidez dos mortos, de seus crânios partidos. — Aquele homem era Yves, o Bretão.

Eu parecia estar assistindo a um desfile de fantasmas! Frei Ascelino, Madulain, Gisors! A visão deste último deu-me um grande susto, como se os caixões tivessem sido abertos e a sala estivesse se enchendo de múmias do passado estendendo suas mãos ossudas para mim. Um estremecimento me sacudiu o corpo e senti um suor frio na testa, nas costas, nas mãos.

— Agnus Dei, qui tollis peccata mundi.

— Dona nobis pacem! — respondeu o coro.

Lembrei como uma inesquecível ameaça, desde o ensaio geral: agora, justamente antes da minha entrada, deveria se apresentar o irmão Lorenço de Orta. Meus lábios se negavam a chamá-lo de legado de Sua Santidade, desde que tinha visto na sala outro que não estaria de acordo com o tal título, por fazer desmerecer sua própria posição. Chegara o momento em que Lorenço deveria anunciar a presença do missionário Pian de Carpine, de regresso de sua missão com os mongóis. Onde estaria Lorenço?

Vi John Turnbuli mexendo-se nervoso no sofá; depois inclinou-se para a frente, com ar inquisidor, e observei que um ligeiro nervosismo parecia se espalhar pela sala. Naquele instante Yarzinth avançou e deu três pancadas solenes com a vara de arauto; depois anunciou:

— Uma mensagem do Grande clã Guyuk!

Virei-me e vi Hamo avançando como se surgisse do nada. Com aquela roupa era difícil reconhecê-lo, pelo menos para os que não estavam tão familiarizados com sua imagem como eu. Observei que Pian empalidecia e Turnbuli ficava rígido. Hamo segurava na mão um pergaminho enrolado e esperou que se fizesse o mais completo silêncio na sala.

— "Nós, câ, por mandato do céu eterno e dotado de um poder tão imenso como o oceano, soberano do grande e prestigioso povo dos mongóis, emitimos a seguinte ordem..." A princípio, a voz de Hamo soou um tanto opaca, mas depois ele adotou um tom firme e

muito viril. — "Esta é uma instrução que dirigimos ao nosso grande papa, rogando que a entenda e que a anote. O presente escrito foi redigido após tomar em conta o conselho, e de escutar, da boca do seu emissário, a solicitação de nossa submissão. Para dar corpo a vossas próprias palavras, o senhor, grande papa, deve acudir com todos os reis, a render-nos homenagem. Então poderemos distribuir as instruções que consideremos conveniente. Além disto, nos comunicaram que seria para vocês uma vantagem aceitar o batismo, e nos submetem a seu convite. No entanto, não entendemos essa sua solicitação. Quando se continua dizendo 'Eu sou cristão pela graça de Deus', lhes perguntamos: como podem os senhores saber a quem Deus perdoará e em favor de quem derramará Sua graça? Como podem sabê-lo para se atreverem a expressar essa opinião? Por mandato de Deus foram entregues a nosso poder todos os impérios; desde onde nasce o sol até onde o sol se põe, tudo está em nossas mãos. Como podia alguém conseguir alguma coisa se não fosse pela vontade de Deus? Se os senhores respondem com o coração honesto, na verdade devem dizer: queremos obedecer e pôr nossos poderes a vossos pés. Os senhores, pessoalmente, à frente dos reis, todos devem acudir a nos render homenagens e colocar-se a nosso serviço. Neste caso tomaremos nota de vossa submissão. Mas se os senhores não aceitam o mandamento de Deus e obram contra nossa instrução, saberemos que são nossos inimigos."

Santo Deus, pensei naquele instante, como é possível que mude tanto o ambiente! A leitura pública dessa carta oficial dirigida à seu senhor Inocêncio derrota completamente Pian. Como tiraria sua cabeça daquele laço? E Turnbuli, querendo apresentar os infantes como portadores da paz, fará também o ridículo mais espantoso! Quem teria decidido aquela infame provocação? Devo interrogar a Hamo logo!

Este tinha posto fim à leitura com as seguintes frases:

— "Isto é o que lhes comunicamos. Se obram contra, como vamos saber o que acontecerá então? Só Deus sabe."

Na sala reinou um profundo silêncio, e depois, partindo dos papais e dos franceses, explodiu o tumulto. Vi como Yarzinth arrastava ao jovem conde para o fundo adamscado para depois voltar a adiantar-se sem sentir-se, ao que parece, particularmente afetado. Desenrolou o pergaminho, agora em suas mãos:

— "Escrito ao término da assembléia, no ano 644 depois da Hégira." Isto é dirigido aos nossos hóspedes muçulmanos — anunciou de bom humor, após o que o tumulto na sala silenciou um pouco. — Para os cristãos o escrito está fechado a princípios de novembro do ano do Senhor de 1246 — e antes que alguém pudesse impedi-lo, Yarzinth aproximou a mão que levava o pergaminho ao fogo de um dos seus pratos. O escrito incendiou-se rapidamente e desfez-se em seguida, as cinzas caindo no chão.

— Minha carta! — Pian jogara-se sobre ele em desespero, mas com um movimento rápido que ninguém teria podido imitar, Yarzinth tirou de repente outro escrito, que entregou com uma reverência displicente ao missionário. Pian deu voltas ao rolo, examinando-o: levava o selo de Guyuk, um selo intacto.

Eu dera um salto para agarrar Hamo atrás do fundo de damasco azul, mas não estava ah, embora tivesse me assegurado antes de que ninguém poderia sair daquele recinto. Não tive outra saída senão voltar para junto das crianças, que desfrutavam visivelmente

daquele rebuliço e não desejavam outra coisa que poderem se apresentar finalmente com suas indumentárias mongóis. Tive de detê-los quase à força.

— Também sei explicar a história de um grande rei, como Hamo — insistia Roç.

— E, além disso, não era sua vez! Agora tudo está de pernas para o ar. E uma brincadeira típica sua! — a menina exteriorizava seu descontentamento.

Eu quebrava a cabeça querendo adivinhar onde Hamo podia ter se escondido. Sem dúvida Yarzinth era um bruxo, de quem se devia tomar muito cuidado!

Lorenço avançou na tentativa de salvar a situação, mas para aumentar a tragédia, Yarzinth adiantou-se a ele apresentando-o:

— Lorenço de Orta, da Ordem dos Irmãos Menores de São Francisco de Assis. — "Não o fará", rezei fechando os olhos. Mas aquele arauto do próprio demônio continuou com sua voz mais gélida. — Legado de Sua Santidade, o papa Inocêncio!

Aquilo era um golpe no rosto do dominicano que estava embaixo na sala, mas não pude acompanhar sua reação, pois tive de empregar todas as minhas forças para segurar as crianças, desejosas de adiantar-se ao palco. A sala se viu de novo imersa no silêncio, embora desta vez fosse um silêncio gelado.

— O soberano de poderes tão vastos, quanto o oceano — iniciou Lorenço sua conversa num tom que pretendia dar a entender que se tratava de uma brincadeira, e por um momento conseguiu que alguns soltassem uma gargalhada, reforçando assim sua posição, embora de imediato voltassem a calar-se —, que afirma com tanta suficiência ter do lado de seu povo o poder de Deus — alguns o aplaudiram ao ouvir estas palavras —, tem, como sabemos bem, duas caras: uma muito cruel, que todos conhecemos, e da qual deixou boa prova na Hungria, razão por que suponho que quis nos mostrar essa careta ameaçadora para nos fazer lembrar — o público da sala parecia interessado em acompanhar o relato, embora eu ainda achasse pouco provável que o perigo tivesse passado. — Mas também tem outra cara, e esta nos indica que é temente a Deus e que não está tão certo da superioridade dos mongóis. O cã conhece muito bem o poder espiritual do Santo Padre, e o fato de que o rei de França o é, "pela graça de Deus"; portanto, podemos considerar que esta outra cara do cã está coberta de lágrimas e que está arrancando desesperado a barba e dando-se pancadinhas de arrependimento no peito. - Considerei que Lorenço havia representado um magnífico declamador de feiras, pois intercalava pausas convenientes nas quais sua fantasia se ocupava em continuar enovelando fios. — Quando o missionário enviado pelo Santo Padre, o irmão Pian de Carpine, viu que o soberano dos tártaros mostrava-se tão obstinado, se adiantou e disse: "Levarei este escrito dirigido ao papa, mas o exporei diante dos olhos de toda a cristandade e Deus o castigará!" — Naquele momento o silêncio da sala era tenso, e Lorenço demonstrou que possuía inteireza suficiente para interromper com grande maestria seu monólogo exatamente neste instante, deixando-me boquiaberto. Depois continuou: — Agora mesmo saberão, pela boca do famoso e sábio missionário, o que disse — e retirou-se no instante em que Pian tinha saltado sobre o palco. Parecia tão excitado e furioso que não me atrevi a alimentar a esperança de que soubesse recolher a bola que Lorenço lhe tinha jogado com tanta habilidade e inteligência.

— "Deus o castigará, e o castigará por mediação minha!" — exclamou Pian em voz alta, como se tivesse o cã diante de si. — "E o castigo consistirá em tirar-te os infantes reais que meu senhor, papa, o enviou em companhia do irmão William de Roebruk, e aos quais esperavam com tanta ansiedade, já que representam o bem do mundo, o sangue glorioso da reconciliação, a promessa de paz, uma paz que tanto precisas. As crianças não lhe serão entregues, não as terás até que mostres público arrependimento por ter escrito semelhante carta!" — Pian sustentou com ar de triunfo a carta ao alto, e depois ainda se permitiu uma extravagância de comediante da que eu jamais o havia considerado capaz. — O clã enfureceu-se e retrucou: "Como se atreve" — resmungou com a voz modificada — "a falar-nos nesse tom! Poremos tua cabeça lá onde tens teus pés sujos. Guardas! Alcancem-me a espada do carrasco!" — a cena que Pian descrevia estava conseguindo interessar ao público. — Então afirmei: "Poderoso cã! Se me cortar agora a cabeça, cortará o último fio do qual ainda se pendura uma mínima possibilidade de que você possa abraçar um dia, depois de se arrepender e pedir perdão tal como lhe aconselhei, aos infantes reais.

"Não se esqueça de uma coisa: as crianças crescem. Se você perder muito tempo um dia, quando elas forem os reis da paz neste Universo, tanto no Oriente como no Ocidente, lhe arrebatarão o poder. A elas lhes bastará fazer um sinal com o dedo mindinho!" Então o Grande clã me abraçou, encheu-me de caros presentes e fez-me promessa de arrependimento. Regressei e tirei meu irmão William e as crianças de seu esconderijo: aqui as tens — e finalizou com ênfase sua balada: — William de Roebruk e os filhos do Graal!

Era a senha para a minha entrada! Pian olhou orgulhoso em volta; agarrei Roç pela mão direita e Yeza pela esquerda e saímos ao palco. Cumprimentou-nos o estrondo de uns aplausos que caíram como uma tromba sobre Pian, que havia demonstrado ser um brilhante ator, e também sobre minha humilde pessoa. As pessoas puseram-se de pé e explodiram em emoção e entusiasmo, embora estivessem mais fascinadas com as crianças, que se apresentaram sorrindo e seguras pela mão. Enquanto os convidados se entregavam ao êxtase, Pian e eu demos humildemente um passo para trás; as ovações dirigidas a Roç e a Yeza pareciam não ter fim. Então vi que, no fundo, o velho John Turnbull despertava do seu aturdimento. O "espetáculo" ameaçava fugir do seu controle, razão por que resolveu adiantar-se remando com os braços, e de fato conseguiu acalmar um pouco o público. Com seu cabelo branquíssimo e sua batina branca também o ancião representava uma figura digna.

— Os filhos do Graal... — começou a dizer com uma voz que mais parecia um grasnido. De repente levantou-se um dos dominicanos de batina preta que estavam atrás de frei Ascelino, e com um pulo semelhante ao de um touro em que puseram bandeirolas, começou a gritar:

— E uma farsa! — levantou o crucifixo para impressionar a concorrência. — Uma fraude dos hereges... — Suas palavras acabaram num gorgolejo e caiu de novo sobre o sofá, como se o diabo mesmo o tivesse agarrado pela nuca, embora não me custou nada reconhecê-lo, antes de que alguém cobrisse de novo a face do lobo com o capuz: Vito de Viterbo! Finalmente compreendi ser o que estava esperando!

A intervenção pouco hábil de Turnbuli bastou para que também o monge sentado junto a frei Ascelino começasse a gritar:

— Traição, traição! Apresse-os! — e os franceses, a quem ninguém tinha se referido, começaram a correr e tropeçaram com os de Otranto, que tentavam proteger as crianças, embora ninguém lhes tivesse dado ordens de fazê-lo. Ainda ninguém tinha desembainhado a espada, mas a confusão reinante foi suficiente como para que os soldados do papa, que se adiantaram também, não pudessem atravessar a sala.

— Traição, traição! — clamavam também os esotéricos.

Agarrei pelas mãos as duas crianças que, como lhes tinham ordenado sorrir, continuavam sorrindo enquanto observavam o caos que se desenrolava a seus pés, e as arrastei para o fundo do palco, atrás do telão de veludo azul.

Ali encontrei-me com Yarzinth, que me pegou de surpresa:

— Quietos aí! — quando quis atacá-lo com os punhos, escutei a voz estridente da condessa, que gritava na sala:

— Otranti, alia riscossa! — E naquele instante abriu-se o chão debaixo de nossos pés e caímos escorregando por um plano inclinado que nos colocou numa canaleta de cobre polido.

— Uiii! — exclamou Yeza. — Olha, que divertido!

As crianças se apertavam contra mim enquanto descíamos a toda velocidade, escorregando por algumas curvas até acabar a viagem no fundo do sótão, ao que caímos por um buraco na parede e do qual eu sempre havia pensado ser um buraco de ventilação. Fomos parar nas camas da masmorra, onde Benedito continuava acocorado.

— Hamo os espera no pavilhão! — comentou quando nos viu.

Eu achava que estava ouvindo os passos apressados dos nossos perseguidores na escada, os golpes de suas espadas contra a porta.

— Pena não tê-lo sabido antes! — declarou Roç, entusiasmado.

— Quem poderia saber que Vito... — tentei lhe explicar o perigo da situação.

— Refiro-me a esse magnífico escorrega! — retrucou a criança. Apressei-me a empurrá-lo, primeiro a ele e Yeza depois, para o corredor.

— Rápido, rápido — suspirei. — Hamo os levará ao barco!

— Somos ratinhos! — foi cantando Yeza enquanto começavam a correr. Benedito tinha se aproximado de um pulo e abracei-o, sabendo que devia finalmente render-me ao sacrifício para o qual meu robusto corpo parecia predestinado. Por uma vez na vida, minha gordura teria um sentido!

O tumulto havia se aproximado da porta, que não resistiria durante muito tempo à investida. Assim comecei a correr e me introduzi como um tampão no funil que se abria na parede.

Senti a opressão em minhas carnes, as costelas amassadas. Pude escutar o estrondo com que a porta se abriu e pareceu-me sentir o alento caloroso e úmido do carrasco na nuca. Chegara a minha hora.

William, consegui pensar, morrerá como um herói: as crianças estão salvas!

Naquele momento voltou à minha memória a profecia que o basco moribundo me confiara ao pé do Montségur: por acaso eu não tinha me comportado como um fiel guardião? Até o último momento! Minha vida pelos filhos do Graal! Acolha-me em teu seio, Morte!

— Maria, em Tuas mãos divinas coloco meu espírito, tende piedade de mim!

A Mãe de Deus não permitirá que eu caia vivo nas mãos de Vito, pensei agradecido, e apenas lamentei que começasse a me faltar a respiração, que acabou se transformando num suspiro, até eu perder os sentidos.

O Jogo de Asha

Constantinopla, palácio de Calixto, outono de 1247

Lorenço de Orta era o único ainda capaz de distrair seu olhar nos quadrados brancos e pretos nos quais se resolvia o jogo. Certo de que na sala representando o "Centro do Mundo" reinava um grande tumulto, mas para aquele pequeno minorita que o observava de cima, posicionado atrás de uma das cortinas do palco e sem ser visto por ninguém, não era outra coisa que o já antigo jogo sobre a Terra, a eterna confrontação entre os poderes da luz e das trevas. Com um olhar rápido soube apreciar a situação que parecia tão confusa a quantos dela participavam.

A sua frente e à esquerda, via o triângulo dos de Otranto. Seu lado mais amplo alcançava desde o centro das grades até quase a metade do centro do palco. A ponta mais extrema era defendida por Sigbert, que representava uma torre, e tinha arrastado consigo a condessa e Clarion.

Os franceses, que a princípio se situavam seguindo aos primeiros, diante dos degraus da esquerda, haviam avançado em diagonal em direção à tribuna sem manter nenhuma disciplina, de modo que em sua parte baixa só permanecia livre o lado direito, mas não se tinham atrevido a escalar o palco. Sendo assim, estes tinham em um de seus flancos os de Otranto e no outro os templários, que continuavam formando para a direita, diante dos primeiros degraus, um muro fechado. Seu preceptor não tinha dado mais que um passo, impedindo-lhes o avanço na direção da sala.

Os papais tentavam avançar também em direção à tribuna, passando diante dos templários, mas descobriram que o caminho estava bloqueado pelos franceses, mais rápidos. Além disto, lhes faltava um chefe que ordenasse a manobra, pois as autoridades tinham se atrasado e cercavam o legado.

Era essa a situação que se oferecia à vista de Lorenço. Ainda lançou um olhar à fila dos lugares da frente. Exceto o bispo, já não havia ninguém sentado ali. A sua direita, os demais representantes da Cúria rodeavam frei Ascelino e mantinham-se a uma distância considerável de Nicola. A sua esquerda, passeava indignado o conde de Joinville, vindo depois o jovem Gisors, que tinha às suas costas Yves, o Bretão. As cadeiras da condessa e de seus acompanhantes estavam vazias.

Mais atrás, se viam os correspondentes criados, e nos degraus havia mais outro grupo de convidados que se moviam em forma de ondas. Às vezes avançavam, em parte por curiosidade, embora sempre houvesse algum que pisava na água ou empurrava o outro a meter os pés nela, levantando respingos; mais de um caiu dentro. Só alguns tentaram alcançar, temerosos, a saída. A maioria mantinha ocupados os degraus, discutia em voz alta ou murmurava formando pequenos grupos. Também havia alguns solitários, que desfrutavam da ocasião dançando extasiados em cima dos lugares depois que lhes

negaram o acesso ao palco. Sem mover-se, procuravam atrair a atenção emitindo gritos e uivos.

Os templários continuavam imóveis, formando um muro. Com suas espadas desembainhadas e na vertical diante do corpo, observavam com estoicismo aquele reboliço, esperando que lhes chegasse uma ordem de seu preceptor. Mas Gavin Montbard de Béthune mantinha os olhos fechados e apoiava o queixo sobre o cabo da espada.

O embaixador francês, irritadíssimo, admitiu que Yves saltasse sobre uma cadeira e ordenou que os franceses se retirassem. Com isto provocou que os papais se dispersassem inteiramente e os de Otranto acabassem por rodear a tribuna sem deixar um resquício sequer.

Através da gritaria se ouvia ainda a voz estridente de Simón de Saint-Quentin, que exclamava: "Agarre-os! Não os deixem escapar!", razão por que os falsos dominicanos que rodeavam Vito começaram a tirar as espadas que levavam escondidas debaixo da batina.

— Abram caminho para o inquisidor! — gritou Viterbo, arrastando seus guardiões para que subissem ao palco, o que foi contestado com um grito que no mesmo tom deram os ocupantes da sala, pois cada qual temia, quando não por sua vida, pelo menos à Inquisição. Os convidados tentaram alcançar a saída presos de pânico.

— Que ninguém abandone a sala! — gritou Simón. Frei Ascelino assediava o bispo:

— Como legado de Sua Santidade, exijo... Mas Nicola já não tinha nada a perder:

— Enquanto eu seja o dono desta casa...

— Está destituído! — interveio Simón, sempre uivando.

— Exijo um registro do palácio! — e frei Ascelino empurrou o outro num gesto destemperado.

— O senhor está em sua casa! — O bispo começou a rir, e recuou, deixando o outro sozinho.

Sigbert continuava com a espada desembainhada diante da condessa e de Clarion, de modo que todos davam uma grande volta em torno do gigantesco cavaleiro teutônico exercendo o comando sobre os de Otranto. Nos degraus gesticulavam e cantavam sacerdotes e frades das mais diversas confissões. Um dos dervixes dançava, muitos choravam.

— Deixe-nos passar! — ordenou Gavin a Sigbert. — Eu me responsabilizo pela proteção de nossos amigos no palco. — O templário procurou, então, que o bispo subisse com os demais antes de fazer avançar seus homens pelo corredor que os de Otranto abriam de bom grado.

Não ocorria o mesmo com os dominicanos, que empurravam por trás. Simón colocou-se diante do robusto cavaleiro teutônico e gritou com voz esganiçada:

— Vou excomungar a todos se não deixarem passar o inquisidor! — o que lhe valeu uma gargalhada estrondosa, já que os de Otranto iam bem armados, e não esperavam mais que

a ordem de poder atirar nos papais.

Mas Sigbert manteve a mesma serenidade que Gavin pelo outro lado, e este adotou uma postura neutra. Foi o bispo quem resolveu a situação ao conceder a Vito, com um gesto de desprezo, sua licença para revistar o edifício. Viterbo passou com seus dominicanos rapidamente diante do bispo, sem pronunciar palavra e furioso pelo tempo perdido.

—Yarzinth! — exclamou Nicola. — Mostre a este senhor como se vai ao sótão! — Mas o cozinheiro, fantasiado de mestre-de-cerimônias, havia desaparecido.

Como o legado papal e Simón continuavam ao pé do cenário, Vito aproveitou a ocasião para pedir a um dos soldados que partisse com um golpe de espada a corrente que unia seus grilhões. Depois, foi o primeiro a descer correndo pelas escadas que conduziam ao sótão, enquanto agitava furiosamente as pontas soltas da corrente.

O jogo de Asha ia se transferindo mais e mais para o palco e, ao faltarem os campos branco e preto, perdeu todo atrativo para seu observador, Lorenço, que assistia ao espetáculo sem exteriorizar sequer um sinal de paixão. Depois, a partida se decidiu numa total confusão. Não haveria decisão, não haveria vencedor, só haveria vencidos! Os iluminados apareciam cobertos de manchas escuras e os poderes da escuridão não sucumbiriam sob o efeito da luz!

Joinville, que reunira um número suficiente de franceses em torno da auriflama, ordenou que o acompanhassem à saída enquanto seu corpo todo continuava tremendo. Lorenço aderiu a eles sem chamar a atenção, pois se conheciam por terem realizado juntos a viagem de vinda. Pegou sem mais nem menos o embaixador pelo braço, e nenhum soldado do papa se atreveu a impedir-lhe que saísse da sala, embora por trás se escutasse a voz excitada de Simón:

— Detenham o falso minorita! Não o deixem escapar!

Os únicos que permaneceram tranqüilamente sentados em suas almofadas durante todo aquele rebuliço foram os dois comerciantes árabes, como se não lhes importasse nada o espetáculo ao qual assistiam. O que fizeram em troca foi aproximarem mais de seu corpo as caixas onde estavam depositados os recipientes de incenso e as ânforas, para protegê-los dos soldados que os rodeavam num vaivém constante. Entreolhavam-se e sorriam.

A condessa estava nervosa:

— E as crianças? — sussurrou assustada a Sigbert.

— Há tempos que estão no pavilhão — tentou tranqüilizá-la Clarion.

— Ou talvez no barco! — quis acalmá-la o cavaleiro. — Hamo as terá salvo.

—Vamos embora daqui! — Laurence insistiu. — Preciso me sentir segura e ter as tábuas da minha trirreme sob os pés!

— Calma, calma! — replicou Sigbert. — Não chame agora a atenção. Logo que possível, as levarei ao porto.

Os templários, sob o comando de Gavin, haviam fechado a passagem em torno da maior parte do palco e, formando um muro indevassável, conseguiram proteger a Turnbulli, Galerão e Pian do ataque imediato dos papais.

—Já o temos! — ouviam-se algumas vozes difusas e opacas, procedentes do sótão. — Já encontramos o falsário, já o prendemos! — e os demais convidados, junto com os soldados papais, começaram a avançar de novo para a tribuna, onde tiveram de enfrentar-se com os de Otranto.

— Nada de violência! — exclamou Sigbert com um estrondo de sua voz, para os seus. — Vejamos o que foi capaz de descobrir o senhor inquisidor!

O riso dissolveu um pouco a tensão que reinava no ambiente, mas todos que tinham ficado ah esperando, por curiosidade, temor ou devoção — e estes eram a maioria — começaram a empurrar-se uns aos outros para a frente, para ficar o mais perto possível do lugar.

No Reino de Hades

Constantinopla, outono de 1247

Hamo conseguia com muito esforço dirigir a estropeada embarcação e cruzar imune entre as colunas. A pequena barca sacudia com tanta violência porque ele não estava acostumado a fazê-la avançar com a ajuda de uma vara, e chocava-se com as colunas que subiam das águas escuras diante de seus olhos, formando centenas de obstáculos adversos.

As crianças se agachavam na proa, imóveis. Não tinham medo, mas se esforçavam para "não deixar Hamo mais louco ainda".

Se tivesse um par de remos normais, há tempos teria deixado para trás esse bosque subterrâneo de colunas. A isto se acrescentava um silêncio aterrador, apenas interrompido por uma ou outra gota que caía das abóbadas e o fazia estremecer. Haveria mais alguém dentro da cisterna, escondido atrás da próxima coluna? Sairia outra barca com a rapidez de uma flecha por um canal lateral, ou apareceria alguém que estava seguindo sua pista? Cada vez que olhava para o outro lado perdia o rumo; de qualquer jeito, também não estava inteiramente certo de que não tivesse perdido já a orientação, e estaria dando voltas inúteis enquanto pensava estar avançando em ziguezague. A distância entre as colunas era toda igual e não se via o final do lago, e muito menos a única saída que, ao que parece, existia. Talvez já a tivesse passado?

Hamo resolveu tomar simplesmente um rumo em linha reta, esperando chegar em algum momento a uma parede, ao longo da qual pudesse fazer avançar o barco. O jovem conde estava tenso e ao mesmo tempo miseravelmente esgotado.

Roç e Yeza também não facilitavam a tarefa. Hamo sentia a responsabilidade como um pesadelo sobre sua nuca, sobre seu peito, no corpo todo! A opressão ameaçava lhe tirar o ânimo. Desta vez não eram uns órfãos quaisquer saídos de alguma parte; além disto, também Guiscard não estava ah para ajudá-lo! Hamo tivera de insistir muito para que as crianças se apressassem; eles pretendiam esperar que William os seguisse e iam olhando constantemente para trás para ver se o viam. Esforçando-se para não demonstrar seu próprio medo, tinha conseguido convencê-los de que deixassem o pavilhão, de onde no entanto esforçaram-se por levar seus brinquedos preferidos: o punhal, o arco e as flechas. Chegando à cisterna subterrânea, os fez saltar para o barco que os estava esperando, mas Yeza insistiu em buscar outro e deixá-lo ah amarrado para quando William conseguisse segui-los, de modo que Hamo dedicou um tempo a procurar para ver se descobria outro barco entre as centenas de colunas, desejando ao mesmo tempo abandonar o quanto antes aquele lugar no qual, como sabia, desembocavam muitos corredores secretos. Seus perseguidores podiam chegar a qualquer momento por algum deles.

Finalmente, encontraram um barco meio afundado e o arrastaram até o cais para deixá-lo amarrado ali. Não consentiu que o esvaziassem da água, e apressou-se em continuar a fuga. Para isso lhe dava no mesmo se as crianças se aborreciam ou não. Uma vez mais o tinham comprometido: exatamente quem não queria ter nada a ver com aquelas espertezas de sua mãe e seus amigos; que simplesmente tinha partido por sua conta depois de ter caído a avalanche; que considerava toda aquela história do "grande plano" um grande tédio. Justamente sobre ele tinha caído de repente a responsabilidade das crianças e agora não podia deixá-los para trás. Tinha de resolver aquele problema! Como se o poder do destino, este grande desconhecido, tivesse escutado naquele momento seus lamentos mentais, viu de repente a escada que subia da água ao alto do dique e lhe indicava o final da cisterna. Deu um empurrão com a vara e aproximou a barca; Roç e Yeza saltaram nos degraus. Ainda se lembravam do caminho percorrido quando de sua chegada, e antes que Hamo tivesse deixado a vara de lado, eles já tinham alcançado o alto do muro.

— A grade está aberta! — gritou Yeza, entusiasmada, e desceu pelo outro lado. Roç seguiu-a logo depois. Sempre demorava um pouco para colocar o arco corretamente ao ombro; mas depois, quando Hamo acabava de amarrar o barco, o menino voltou a mostrar-se, pálido como um morto, no alto do dique.

— O portal se mexeu — disse em voz baixa —, embora não tenhamos ainda chegado à entrada. — Acrescentou em seguida: — Mexeu-se como se quisesse fechar. — Hamo voltou a recolher a vara, Roç colocou uma flecha no arco e ambos correram atrás de Yeza.

Ela se encontrava no centro do recinto, junto do tubo de cobre, e sua aparência denunciava certa perturbação. - Acho que há alguém aqui!

Neste instante a porta de ferro às suas costas fechou-se com grande estrondo. Os dois batentes armados de pontas de aço se haviam posto em movimento guiados por uma mão invisível. Então, viram que as agulhas estavam dispostas de modo a não se poder salvar nem um gato, pois seu corpo teria ficado atravessado e empalado por ambos os lados!

Roç rompeu o silêncio aterrorizante dos três:

— Aposto que a outra porta também está fechada!

—Voltemos ao barco. — Hamo tiritava como um álamo estremecido. — Isso me dá medo. — Mas Yeza tinha retrocedido já até a grade, embora não se aproximasse muito. Pareceu-lhe excessivamente perigosa; as pontas de aço a olhavam com olhos malignos, bastou que ela lançasse um breve olhar.

— Já não abre — disse, com serena convicção. — Estamos presos. Voltou a passo lento para perto dos outros, junto da falsa coluna,

como se exatamente o tubo de cobre pudesse lhes dar proteção. Ninguém pronunciava uma palavra e cada um esperava que a grade dianteira, a que levava à cloaca, até a liberdade, se abrisse por si mesma para lhes dar passagem. Os batentes do portal, dotados também de garras afiadas, se apoiavam contra a parede e pareciam estar esperando como espera a aranha situada num extremo de sua teia a que alguém, empurrado por um terror cego ou por ignorância, tocasse o mecanismo mortal. A vara de Hamo era muito comprida para aquela câmaratão baixa, razão pela qual batia no teto e lhe escapou da mão. Ao cair,

bateu contra o tubo suspenso e provocou um som, repetido várias vezes pelo eco, ressoando na câmara e dando um tom de forma alguma tranquilizador.

Então Hamo recolheu a vara e tornou a dar uma pancada no tubo, e depois outra vez mais, até encher o recinto todo com seu estrondo. Era puro desespero que o levava a bater no cobre. As crianças haviam retirado algo para que não ficasse ao alcance da vara, que acabou se quebrando em duas partes, e quando já ia desaparecendo o som, seus olhares caíram, através da grade dianteira, sobre a escada que havia detrás. Imediatamente reconheceram pela calça quem era o indivíduo que chegava ao lugar: era Yarzinth, e a seu lado trotava Estix.

Esperaram que aquelas pernas dessem mais dois ou três passos descendo as escadas; de repente pareceu-lhes que as botas diminuía a marcha, demorando uma eternidade, enquanto germinava nos prisioneiros a esperança de seus males cessarem e que por ah chegasse a salvação. Mas quando apareceu o dorso nu coberto de estranhas tatuagens, com os musculosos braços enfeitados com pulseiras de prata e sustentando a gigantesca cimitarra, o curvo sabre afiado numa mão, compreenderam que uma ameaça sangrenta enchia a câmara como o raio de sol que atravessa as nuvens.

O olhar do cozinheiro estava vidrado, havia se transformado como se procedesse do "Outro Mundo". Em volta da sua fronte calva levava uma fita vermelha, embora não oferecesse o aspecto de um pirata arrojado. Era o carrasco! O mesmo carrasco que no "Pavilhão das Perversões Humanas" estivera espiando, por um orifício, o pobre Benedito, o mesmo que de noite não deixava de dar voltas ao redor deles Yarzinth meteu a mão entre as grades e entrou na câmara sem fazer barulho, como era seu costume. Estix ficou em posição de espera, até que seu amo fechou de novo a porta atrás do animal.

Hamo não pôde conter sua fúria; levantou o resto da vara quebrada, pois não tinha outra arma à mão, e adiantou-se.

— Acaso pensa em nos afogar aqui? Vem nos matar?

Tentou bater nele, mas Yarzinth impediu sua torpe estocada, e ao mesmo tempo lhe deu um pontapé no ventre que o fez cair para trás.

— Deixe-me em paz, Hamo — retrucou, com muita tranquilidade. — Nada tenho que ver com você.

Yeza e Roç, junto da coluna, entreolharam-se. O olhar de Roç transparecia tristeza e ele lutava para não explodir em lágrimas, mas continuava sustentando o arco com a flecha preparada em seus punhos, embora tremessem.

Yeza sorria para dar-lhe coragem.

Hamo voltou a levantar-se a duras penas e lançou um olhar às crianças.

— Primeiro terá de me matar! — gritou ao cozinheiro, e tentou dar-lhe um pontapé nas pernas. Mas Yarzinth esquivou-se e Estix começou a grunhir e a mostrar os dentes.

— Não me obrigue a fazê-lo! — respondeu Yarzinth, irritado, mas de novo Hamo tentou bater nele. Yarzinth afastou-se e, enquanto as crianças lançavam um grito de terror, levantou a espada e a arremessou

com o cabo na testa de Hamo, que caiu por terra como um saco de areia molhada, e a vara

voou a um lado.

O cozinheiro não desperdiçou nem um olhar ao jovem inconsciente, e dirigiu seus passos lentos às crianças.

— Por que quer nos matar? — gritou-lhe Roç com voz queixosa. Yeza não disse uma palavra; seus olhos verdes eram duas janelas onde brilhavam, como raios, o ódio e a raiva.

— De joelhos os dois, e fechem os olhos — ordenou Yarzinth, com a mesma voz suave com que sempre os mandara para a cama.

Roç obedeceu, dobrou um joelho até tocar a pedra, desceu o arco, fechou os olhos e ofereceu sua nuca ao cozinheiro, que se aproximava. Yeza o olhava fixamente, sem o menor gesto de querer se humilhar. O olhar da menina o irritou tanto que voltou a dirigir os olhos para ela, embora já segurasse a cimitarra no alto.

Naquele instante Roç levantou o arco e disparou a flecha, que penetrou em Yarzinth exatamente debaixo do olho direito. O cozinheiro lançou um grito parecido ao de um touro quando queima o estábulo, cambaleou para trás e gritou para o cão:

— A eles, a eles! — enquanto ele próprio ia retrocedendo passo a passo em direção à parte dianteira da câmara.

As crianças prenderam a respiração. Mas pouco antes de chegar à boca aberta do portal, Yarzinth deteve seus passos e começou a rir de um modo brutal, de si mesmo e de suas vítimas. Era um riso horrível. Do olho lhe brotava um sangue escuro, mas a flecha não tinha lhe chegado ao cérebro. O cozinheiro a arrancou junto com o olho, e com isto pôs fim ao movimento do seu cachorro: Estix preferiu morder a ponta da flecha e lambe-la a massa gelatinosa presa nela. O cozinheiro não conseguia vê-lo.

— A eles, a eles! — gritava, enquanto procurava no seu cinturão o frasco de almíscar.

— Estix! — exclamou Yeza com voz clara, um pouco ciciante, como costumava ocorrer quando ficava nervosa. — Vem, querido Estix! — e o cachorro pulou com um latido na direção daquela voz tão conhecida. Ela abraçou seu pescoço e ele agitou o rabo.

Esta visão era demais para o ânimo de Yarzinth. O cozinheiro lançou um grito terrível.

— Estix! — disse, mas o cão não se moveu. — Estix! — gritou o cozinheiro uma vez mais, com uma mistura terrível de amor profundamente ferido e ódio mortal. Brandiu o sabre: os crânios fendidos das crianças seriam igualmente úteis para o cumprimento da missão. Cortaria o pescoço daquelas criaturas insolentes!

O carrasco aproximou-se das crianças, cambaleando e arquejante.

A flecha que Roç estava preparando caiu no chão, e ele não se atrevia a agachar-se para pegá-la. Yeza se adiantou com o punhal na mão; sustentava-o bem visível no punho, fazendo exatamente o contrário do que Guiscard havia lhe ensinado. Na sua testa apareceu a ruga vertical da ira, típica da sua linhagem. Aproximou-se de Yarzinth, que se detivera, surpreso. Por acaso a menina pretendia defender-se com um punhal contra seu sabre?

Depois viu o cachorro, que trotava atrás da menina. O único olho que restava ao cozinheiro, e que agora parecia o olho avermelhado de um peixe, iluminou-se com uma

centelha de ira. Retirou a tampa do frasco...

Yeza ia se aproximando com o punhal estendido para a frente, afastado de seu corpo, como se desejasse desfazer-se dele.

— Dê-me — sussurrou Yarzinth com voz adulatora. — Venha, dê-me o punhal!

Yeza levantou o braço como se resistisse e escondeu o punhal atrás de sua cabeça; sentiu o fio de aço através do cabelo.

— Aí está! — e lançou-o contra Yarzinth.

O punhal não voou com rapidez, mas dando voltas no ar, de modo que o homem não pôde pegá-lo, nem desviar-se. O óleo de almíscar derramou-se sobre seu peito nu.

Ainda antes de seu cheiro poder estender-se por todo o ambiente, Estix deu um pulo. Seu choque jogou Yarzinth com força contra o engradado. O cachorro continuava pendurado em sua garganta, e no mesmo instante suas mandíbulas se fecharam com uma dentada mortal. As pontas de aço transpassaram o amo e seu cachorro com um barulho que levou Yeza pela primeira vez a fechar os olhos para não ver os agulhões que saíam da carne nem o sangue que começava a jorrar. Depois fez-se o silêncio.

Nesse silêncio foi Roç o primeiro a perceber o rangido. Em sua fúria mortal, Estix havia arrancado quase inteiramente a corrente que o prendia, cravada no chão à mesma distância de Roç, junto da coluna, e de Yeza, diante da grade. Ambos ficaram olhando o gancho, que ia girando lentamente diante de seu olhar.

Yeza afastou-se a um lado, e a corrente silvou pelo ar, batendo com grande estrondo contra a grade de ferro. A roldana fez um leve barulho e a comporta de carvalho da represa caiu com um estrondo surdo no único desembocadouro do dique, do outro lado do portal engradado cujos espinhos férreos sujeitavam os mortos. Depois disto aquietou-se o leve gorgolejo da água que descia pelo canal. O nível da água superou rapidamente a beira e começou a apropriar-se do chão pétreo da câmara, formando poças em contínua expansão.

— Oh, Estix! — exclamou Yeza. — Não fiz por querer!

Uma vez fechada a grade diante de seus olhos, a menina não voltara a olhar os corpos presos. Só Roç conseguia, com o olhar fixo no portal onde Yarzinth e seu cachorro ficaram suspensos e despedaçados, formando um único corpo. Não podia afastá-la daquela imagem, embora também não tivesse vontade de aproximar-se.

— Temos de acordar Hamo! — disse depois. Pegou a parte quebrada da vara e deu uma pancada contra o tubo de cobre. Yeza aproximou-se do canal, encheu as mãos de água e colocou-se junto a Hamo, que continuava caído no chão. Deixou que a água pingasse na sua nuca, e Hamo começou a mover-se com um gemido.

— Cheguei a pensar que também estivesse morto — disse a menina em voz alta. — Estamos correndo risco de nos afogar. Afogar-se é perigoso — acrescentou com voz grave.

A água já tinha a altura de um dedo e alcançou Hamo. Ele se apoiou sobre um braço e sacudiu a cabeça, na qual assomava uma inchação sangrenta.

— Levante-se, Hamo — ordenou Yeza. — Vamos nos afogar!

Roç dava pancadas furiosas contra o tubo. Mas o som do cobre já não era o mesmo que antes retumbava com grande estrondo; seu tom se ia reduzindo mais e mais até se parecer à martelada surda oriunda de um subterrâneo. A água já tinha alcançado a borda inferior do tubo e continuava subindo.

O Roque

Constantinopla, palácio de Calixto, outono de 1247 (crônica)

Não voltei a mim até me arrastarem pela escada do sótão para cima, como se fosse um porco depois de ter sido sacrificado. Dois monges negros me seguravam pelos braços, embora eu não pudesse ver quem me sujeitava as pernas, porque minha cabeça estava pendurada para baixo, e inclusive cheguei a batê-la alguma vez contra as escadas, sobretudo quando não batia contra minha cabeça o salto de alguma bota, jogando-a para cima. De modo que, de fato, não se pode afirmar que eu tivesse "voltado a mim". Estava sangrando como um porco. Os esbirros de Vito devem ter me arrancado com toda a força dos ganchos do funil, e eu conhecia de sobra aquelas faquinhas que penetravam e se enroscavam sem remédio na carne. Vito não havia se ocupado muito de me tratar com delicadeza, e me tiraram dali como se arranca uma tampa achatada e bem grossa, mais que nada pela raiva que senti ao ver que lhe haviam ensinado o caminho de fuga tomado pelas crianças quando já era muito tarde para persegui-los.

Finalmente, chegamos até em cima, um detalhe que registrei agradecido só porque minha cabeça já não se via obrigada a contar os degraus em cada batida, pois, além do mais, o bonito toucado que tinha me protegido ficara enganchado entre as facas da última fuga. Foi então que vi uma batina marrom destacando-se entre os demais hábitos negros, e que fizeram passar por cima do meu corpo. Benedito! Então também tinham aprisionado o polaco!

A carne me ardia como fogo; meu crânio retumbava como se alguém tivesse estado batendo com um tambor durante uma prolongada batalha. Só queria que me deixassem cair ao fim, que me deixassem deitado na terra e podendo sangrar em paz, para assim me evadir para as nuvens nas quais se dilui a dor junto com os sentidos. Mas em vez disto mãos brutais me levantaram como se fosse uma salsicha sangrante espetada por mil garfos. Diante de meus olhos via Vito, que empurrava Benedito para o estrado ou o fazia adiantar-se com socos; e observei que também tinham obrigado Pian a apresentar-se ali. Pude ver o gentio que, no início nervoso e em silêncio, aplaudiu depois nossa desgraça reunindo-se ao pé da tribuna, pois todos os visitantes que ficavam na sala se aproximaram de nós. Com o rosto desfigurado pela ira, Vito empurrou Benedito até situá-lo ao lado do missionário e levantou o braço como se fosse proclamá-lo vencedor num combate de boxe.

— Aqui está o verdadeiro acompanhante de Pian de Carpine! - gritou em desaforado tom de triunfo. — Não foi William — e mostrou, arquejante, meu pobre e cambaleante corpo, parecido a uma bolsa de gelatina. — Na verdade foi Benedito da Polônia quem... — mas já não pude ouvir seus gritos, pois me sentia por segundos mais e mais tonto...

— Huwa sadiq al-mubassir! — os dois comerciantes árabes saltaram como gatos sobre o palco, e enquanto ainda estavam no ar, nasceram punhais de suas mãos. O fio de um deles se afundou no peito de Benedito uma vez, duas vezes, três vezes; depois o aço me

ameaçou com uma viva centelha, mas só me atingiu em algum ponto do ombro, pois Vito havia se arrojado, mostrando sua dentadura de lobo, sobre o agressor. Um grito cortou a atmosfera:

— "Assassinos"!

Benedito caiu no chão, tentando inutilmente agarrar-se a Pian. Seu assassino, o mais jovem dos dois, deu um salto e evadiu-se pela pequena janela que dava ao telhado da casa. Mas meu atacante já não conseguiu salvar-se. Vito lançara por trás o extremo solto da corrente que ainda rodeava suas mãos em volta da garganta do árabe, a quem

estrangulou com uma manobra de carrasco experimentado. O punhal soltou-se com um tilintar da mão desmaiada daquele amável árabe maior. Seu corpo sem vida não chegou a cair inteiramente no chão onde já estava Benedito, morto e rígido, porque os punhos poderosos dos templários arrancaram a sua vítima de Viterbo.

A punhalada que me deram no ombro foi para mim quase a libertação. Os dois monges que me sujeitavam soltaram-me, preferindo, para salvar sua própria pele. Afundei em mim mesmo, descansei e fiquei imóvel e teso. Certamente a morte já estaria se apoderando de mim, embora não compreendesse porque meu cérebro continuava funcionando e pondo tanta atenção em tudo que ocorria. Há tempos que já não podia mover nem um músculo, e inclusive os globos de meus olhos se gelaram como se fossem de vidro; ainda viam, mas não podia fazê-los girar. Também meus ouvidos voltavam a registrar com absoluta nitidez qualquer barulho.

A sala fervia e parecia querer derramar-se como o leite de uma panela que alguém esqueceu de retirar do fogo. Por entre as pernas dos que me rodeavam vi que Sigbert reunia os de Otranto em torno da condessa e de Clarion, e que também Madulain estava ali. Compreendi que nunca mais voltaria a afundar o olhar nos belos olhos da minha princesa. Os vi retirar-se da sala com a bandeira ao alto, deixando-me ali estirado, mas não podia chamá-los; com muito gosto lhes teria mandado beijos às crianças antes que também acabasse de morrer meu cérebro, lhes diria que seu William os vigiaria e os protegeria inclusive lá do céu, e que os amava de todo o coração!

Mas Vito e Simón perceberam a retirada dos de Otranto.

— Não devem permitir que fujam! — gritou Viterbo.

— Por acaso os senhores querem detê-los? — ironizou Simón. — Detê-los também com as mãos vazias?

— Não podem escapar — tentou acalmar Ascelino aos dois galos de briga. — Nosso barco!

E olhou pela janela em direção ao Corno de Ouro, no momento exato em que o veleiro do papa saía rapidamente do porto.

— Alto! Alto! — gritou Vito, como se sua voz pudesse alcançar os ouvidos das autoridades do porto. — Que alguém...

Da garganta de Vito já não saiu mais que um arquejo. Em seguida vai ter um ataque, pensei, e também ele cairá morto. O frade tinha se aproximado da janela. Agora se jogará no vazio, supus com alegria, mas apoiou-se, lamuriando-se, na porta, o olhar fixo no

barco que se afastava.

— Como o capitão pôde fazer isso comigo... vou matá-lo! — e sacudiu os punhos, fazendo soar com estrépito os extremos soltos da corrente. — Quem vai poder reter agora essa maldita condessa?

— Logo terão oportunidade de pegar as crianças! — ironizou Ascelino, embora seu sangue também estivesse fervendo de raiva. — Graças à sua estratégia genial, os senhores conseguiram trocar nosso barco por William de Roebruk, e agora podem levá-lo como troféu, a pé, carregado nas suas costas...

O bispo afundou complacentemente no papel denegrado representado por Viterbo.

— Segundo meu correto saber e entender, William não está em condições de ser transferido!

Naquele momento vi reunirem-se todas as botas em torno da minha pessoa.

-William está morto! - a voz de Gavin pôs fim à disputa. A mão do templário me acariciou a testa já fria, sem que eu pudesse senti-la, e fechou com gesto experiente as pálpebras por cima de meus olhos imobilizados...

A Honra de Otranto

Porto de Constantinopla, outono de 1247

A água chegava aos joelhos de Hamo, e até a barriga das crianças. O nível subia, lentamente, mas sem interrupção. Estavam junto da coluna, a única coisa que naquele lugar podia servir para se agarrarem, se é que agarrar-se podia ter algum sentido. Já haviam renunciado a dar golpes com os dois pedaços da vara contra o tubo de cobre, abaulado e que já não ressoava. As madeiras boiavam em alguma parte.

Os três tinham feito prova de coragem sacudindo a grade de trás, sem que ninguém respondesse. Não se atreviam a aproximar-se da outra porta. Só Yeza se adiantou com o olhar fixo no punhal antes que a água o cobrisse todo depois de ter caído ao chão de pedra, debaixo de onde se viam dois cadáveres presos na grade. Foi buscá-lo sem levantar os olhos e o guardou, como de costume, atrás de seu pescoço. Era tudo o que podia fazer.

A menina nunca imaginara que afogar-se fosse um processo tão lento, quase chato. Também Roç se lamentava: estava muito calado e muito sério. Só Hamo gemia e se queixava do seu inchaço na cabeça. Que bobagem tinha sido pensar que poderia se mover pela vida sem portar uma arma! Uma de suas orelhas estava vermelha como um tomate, o que não melhorava seu aspecto: mais lhe dava um aspecto ridículo. Hamo nunca seria um cavaleiro! Não fazia mais que refrescar o crânio recolhendo água com a mão e jogando-a contra a testa. Logo que o nível da água tivesse subido um pouco mais, já não teria de agachar-se, mas então ela e Roç já estariam afogados...

Como seria isso, afogar-se? Não sabiam nadar como Hamo, porque em Otranto nunca lhes tinham deixado sair nem aproximar-se do mar, ou pelo menos ao pequeno porto onde descansava a trirreme quando estava ali. A condessa tinha culpa! Já podia esperar agora seu regresso, já podia mandar que os buscassem por toda parte...

Jamais lhe ocorreria a idéia de olhar ali onde estavam! O mais certo era que tia Laurence não se aproximasse da cloaca, por medo dos ratos. E Clarion? Provavelmente só faria choramingar! Voltou compassos lentos até onde estavam os homens. Roç, sim, era um autêntico cavaleiro, e abraçou-o.

— Pelo menos estamos juntos — disse a menina, em voz baixa.

Um lampejo do misterioso sorriso que o menino viu nos olhos verdes acendeu seu ânimo também.

—Agarre-se — disse com aspereza, e levou a mão da menina para a coluna. Na verdade, estava muito contente por tê-la tão perto. Yeza obedeceu e colocou sua mão em cima da dele.

Naquele momento o tubo de cobre começou a mover-se — as crianças perceberam com

muita lucidez que de fato se movia!

Então Hamo também colocou as mãos no tubo de cobre, quando esteja estava deslizando, num leve estremecimento, para cima, de modo que alguém o puxava! Não sabiam se deviam pegá-lo ou soltá-lo; de qualquer jeito, a lisura do cobre não admitiu que o detivessem: a extremidade aberta saiu da água com um estranho som e deslizou diante dos seus olhos até desaparecer no teto de rocha.

Caiu-lhes areia e pó nos olhos, e descobriram no teto uma abertura do tamanho de um escudo redondo, que começou a abrir-se de um lado. A pesada pedra ajustada afastou-se com um rangido, depois com um baque surdo. Através do buraco aberto não viram o céu azul, mas uma luz mais clara que a penumbra do recinto inferior. Ouviram vozes e alguém fez descer uma corda.

Ainda balançava por cima de suas cabeças quando começou a descer por ela um templário, como desce um marinheiro do mastro de um barco, e meteu-se com um chapisco na água.

— Todos estão bem! — gritou para cima. — As crianças estão bem, e o jovem conde também!

— Obrigado — falou Hamo, e o ajudou a segurar Yeza, que o templário apertou contra seu corpo quando de cima começaram a puxar a corda.

— ... Foi assim como salvamos as crianças! — acabou o cavaleiro seu informe diante da cortina negra do palanquim.

— Traga-os — ouviu-se uma voz vinda do interior.

O templário se retirou e aproximou-se do grupo que continuava rodeando o buraco no chão. Fez sinais a Roç e a Yeza, que estavam observando como Hamo saía dele por suas próprias forças. Depois seguiram com curiosidade o cavaleiro.

— Quem quer nos ver? — perguntou Roç, mas a cada resposta o templário punha um dedo sobre seus lábios e sorria. — Já entendo — disse Roç —, é um segredo!

Yeza tinha se adiantado e levantou despreocupadamente a cortina negra. No interior viu uma anciã sentada, estendendo a mão para ajudá-la.

— Venha, Roç — gritou para seu companheiro, que preferia examinar primeiro a caixa negra por fora.

— Não a faça esperar! — retrucou o cavaleiro que o acompanhava, e deu a Roç um leve empurrão. O cortinado se fechou atrás das crianças.

Hamo olhou à sua volta. Estavam dentro de um templo. Por trás de umas colunas, se entrevia o Bósforo. A estátua de bronze da deusa jazia deitada a um lado; naquele momento tentaram incorporá-la de novo com a ajuda de barras e cordas. O grosso e redondo friso de pedra voltou a instalar-se sobre a abertura que lhes servira de saída.

Hamo dirigiu-se a Guillem de Gisors, de quem lembrava muito bem por tê-lo visto sentado na primeira fila, junto ao embaixador francês.

— Como souberam que estávamos lá embaixo?

— Têmis nos indicou! — sorriu o simpático cavaleiro. Quando viu pela expressão de

Hamo que não entendia nada, explicou: — As pessoas daqui pensam que este é o templo de Nêmesis, mas na verdade a estátua nos mostra a deusa da justiça: em uma das mãos leva uma balança, na outra uma espada!

— Como a estátua pôde ter lhes comunicado que nós...

A mente de Hamo continuava rebelando-se, em busca de uma relação lógica. Guillem continuou:

— O artista que criou a estátua dotou-a de um mecanismo: no momento em que se abaixa o balaneion, a corrente escorrega pela roldana e fecha a comporta, Têmis desce sua balança e levanta a espada. Enquanto os buscávamos, alguém chegou correndo e gritou assustado que Nêmesis, a deusa da vingança, deixara cair com um movimento repentino e terrível os pratos da balança, elevando a espada: aquele era um sinal adverso para a cidade, pois se abateriam sobre ela desgraças, peste, sangue, e perdição. Pois bem — Guillem riu —, aquele homem assustado caiu como uma chuva de ouro, porque soubemos por ele onde os senhores estavam. Também foi ele quem nos ensinou a possibilidade de "exercer a graça do indulto".

Hamo ficou pensativo:

— Não sabem as coisas horríveis que aconteceram lá embaixo antes de a água subir. Acho que as pessoas têm razão ao considerar que este lugar pertence a Nêmesis...

— Já soubemos. Mas nossa senhora lhes pede encarecidamente que guardem silêncio sobre o ocorrido.

— Que dizem! Não querem que contemos a ninguém a traição de Yarzinth? Que não se diga nem uma palavra sobre as grades insidiosas e mortais com seus nojentos espinhos de ferro que...

— Isso! — respondeu Guillem, muito sério. — Nem uma palavra, a ninguém! — depois esperou até ver acalmada a excitação de Hamo. — Nossa senhora está furiosa porque as crianças foram expostas a tal perigo. Isso não devia ocorrer! — e olhou para Hamo com severidade. — Têm de jurá-lo! — Hamo percebeu que o levavam a sério, que o consideravam um homem.

— Meus lábios estarão selados — prometeu com ar solene. — Mas e as crianças?

— Vamos lhes explicar, e aí entenderão.

Enquanto isso, o templo retornara à normalidade. A deusa voltava a segurar a espada e a balança em posição de equilíbrio. Os sargentos recolheram o palanquim e os cavaleiros de capa branca enfeitada com uma cruz vermelha terminada em garras começaram a retirar-se.

Depois de descerem pelos jardins que contornam a cidade velha, alcançaram o cais, percorrendo-o até verem a trirreme.

As crianças pareciam estar de muito bom humor quando desceram do palanquim. Quatro templários as acompanhavam — a elas e a Hamo — até pararem exatamente diante da nave. Roç e Yeza estavam ansiosos para subir a bordo, mas Hamo, que era um guerreiro esperto, queria antes ter certeza de que o caminho até a trirreme estivesse livre de inimigos e que não houvesse nenhuma armadilha preparada; só depois deixou-os ir.

Ao som de gritos de guerra, as crianças lançaram-se sobre Guiscard, saudando-o com suas armas. O velho guerreiro levantou-as, rodopiando algumas vezes, apoiando-se habilmente em sua perna de pau.

— Eu sabia que voltariam — comentou Guiscard, alegre, e Hamo observou que a trirreme estava pronta para sair do porto.

— Soube por Lorenzo de Orta, que me contou quando passou por aqui! — continuou o amalfitano. — Depois, o senhor legado subiu a bordo da embarcação papal, ancorada ao nosso lado, apresentou uma carta selada e ordenou que a nave zarpasse. De início, o capitão duvidou, porque de fato ele havia trazido na viagem de ida outro legado, mas dois sacerdotes nestorianos, emissários do cã, chegaram gritando que todos haviam sido mortos e que dois "assassinos" mataram Ascelino e Simón no palácio do bispo, e que o melhor seria voltar logo para junto do papa! Ao escutar essas notícias, o capitão mandou içar as velas, dando ordens ao timoneiro de partir rapidamente... — Guiscard suspirou, um suspiro rápido, mas furioso. — Eu estava inteiramente de acordo! Não gosto de ter, diante do meu nariz, um devoto do papa, muito menos do meu lado! — o velho resmungou algo e sorriu para Hamo. — Mesmo achando que tudo isso não fosse mais que uma mentira refinada do minorita para tirar o barco dos dominicanos.

Hamo estava um pouco transtornado; sua orelha ardia e a inchação na cabeça lhe proporcionava punçadas violentas.

— Então houve uma luta séria? — o amalfitano não queria acreditar na gravidade da ferida; parecia sentir mais por não ter podido estar presente à disputa.

— Na verdade, foi emocionante! — exclamou Yeza, muito contente. Já eliminara de sua mente quase tudo o que ocorrera, como se fosse questão apenas de sacudir algumas gotas de água, como as que agora escorriam de suas calças molhadas. — As pessoas aplaudiam...

— ... E gritavam! — interveio Roç. — Lorenzo explicou-lhes uma história de um Grande clã...

— ... Que queria cortar a cabeça de outro; tudo por nossa causa! — acrescentou Yeza, entusiasmada. - E depois saímos dali escapando por um tubo, e quase nos afogamos!

Roç lançou um olhar que parecia implorar a Yeza para não prosseguir, e ela logo interrompeu seu relato.

— E a condessa? — Guiscard dirigiu-se, preocupado, a Hamo.

— Aí vem! — replicou, querendo fugir.

— Fique, por favor! — sussurrou-lhe o amalfitano. — Em caso de emergência, os de Otranto devem manter-se unidos! — Num lance de olhar pôde perceber que as senhoras se faziam acompanhar por Sigbert, que avançava com a espada na mão, e que todos pareciam muito excitados.

— Vamos sair correndo daqui! — exclamou a condessa, logo que todos haviam subido a bordo — Saiamos do cais! — gritou para Guiscard.

— Mas onde está William? — Yeza então perguntou a Clarion, que parecia fora de si, e que se dirigiu em busca de ajuda para o cavaleiro teutônico, o único que ficara olhando

do cais enquanto os cabos iam sendo soltos.

-William está...

— William está ferido e não pode viajar conosco! — exclamou a condessa, com voz áspera — Vamos!

— Não! — retrucou Roç, com voz aguda. — Otranto! Ajude-me! — O rapaz continuava de pé sobre o cais, e todos perceberam a sua vontade férrea — Vamos buscar William!

— Suba essa criatura a bordo! — ordenou a condessa a Guiscard. — Traga-o aqui! — ordenou.

Hamo foi o primeiro a abandonar o barco e descer à terra.

— A honra de Otranto — dirigiu-se aos lancelotti, mouros e arqueiros que formavam um apertado grupo na cobertura e que acompanhavam em silêncio o desenvolvimento da disputa — exige que se aja tal como quer Roç!

— A guarda permanece a bordo! — ordenou Guiscard. — Todos os outros devem ir!

E, então, todos desceram à terra; desta vez os lancelotti levaram seus remos que pareciam foices e a comitiva pôs-se em movimento, encabeçada por Roç e Hamo, que envolveu com um braço os ombros do menino.

— Esqueceu seu arco!

— Bobagens de pirralho! — respondeu Roç, querendo confirmar que levavam a bandeira.

— Merda — resmungou Yeza —, pena que as mulheres não possam ser cavaleiros!

— Podemos lhes enviar um adeus — prôpos Clarion, e despediu-se dos homens com os braços para o ar. Depois viu que Yeza escapuliu sigilosamente, e sem que os demais percebessem, trepando por cima da beirada, correndo rapidamente atrás do grupo como um esquilo. Clarion contemplava com orgulho a comitiva de guerreiros que se movimentava em direção à cidade velha. Sigbert ia em último lugar, protegendo a retaguarda, e isto a todos tranqüilizava: ia de mãos dadas com Yeza.

O Graal se Desvanece

Constantinopla, outono de 1247

— Exijo que me entreguem esse sumo sacerdote herege — o dedo de Vito parecia querer atravessar o indevassável muro dos cavaleiros templários, como se desejasse cravar a lança de seu dedo no corpo de John Turnbull. — Exijo sua entrega à Inquisição! E também esse episcopus Terrae Sanctae deveria...

Um gesto de frei Ascelino fez com que Viterbo tivesse que engolir os últimos insultos. Um dos soldados que subjugava Vito, como se ele fosse um cachorro acometido de raiva, estrangulou sua voz, apertando a argola de ferro que lhe rodeava o pescoço.

O palco tinha-se dividido em dois campos inimigos. O limite era formado pelo muro dos templários que, sem discutirem, exerciam a arbitragem das armas. No canto de trás, protegidos pelos cavaleiros, sentavam-se os acusados, John Turnbull e Galerão. Ambos fingiam não se importar em nada com os acessos de Viterbo. O ancião continuava sentado numa cadeira, imóvel como uma pedra e com o olhar vazio; o bispo de Beirute movia-se agitado em seu lugar, mas o que mais o preocupava era que não lhe dessem nada para beber. Diante dos templários, que continuavam silenciosos, o preceptor e o bispo Nicola mantinham-se juntos.

O outro canto do palco era ocupado pelos papais Vito estava rodeado por soldados pontífices disfarçados com hábitos negros, que simpatizavam com ele, em certa medida, ou que pelo menos se sentiam indecisos entre apoiar sua agressividade contra o resto dos presentes ou sujeitar severamente aquele frade horrível, tal como queria frei Ascelino, o legado do papa.

Os criados do bispo haviam retirado o cadáver do "assassino" e Nicola ordenou que depositassem os dois frades diante do altar. Quando Pian de Carpine juntou a mão dos mortos sobre o peito, viu que de um bolso interior do abrigo tártaro, que envolvia os restos mortais de William de Roebuk, saía a ponta de um escrito dobrado. Como até então a sorte não o favorecera em seu trato com as cartas, tentou muito rapidamente esconder o pergaminho sem que os outros o vissem.

Mas Simón, o dominicano, não deixara de vigiar seu irmão de Assis, nem mesmo enquanto exercia aquele "último ato piedoso".

— Tire as mãos, minorita! — sussurrou. E depois, em voz alta: — Será que vai roubar mais um documento da Cúria? — Deu um salto e arrancou a carta das mãos de Pian.

—Vamos ouvir o que diz! — decidiu frei Ascelino, e seu companheiro de ordem desenrolou o escrito.

— "... Legado de Sua Santidade, Inocêncio IV..." — Simón leu o conteúdo com voz receosa... —"dado em Sutri, na vigília de São Pedro, a.D. 1244..."

— Agora me lembro — interrompeu frei Ascelino depois de contemplar o rosto de William. — Em julho, o Santo Padre estava a caminho de Lyon; de fato, este homem esteve em Sutri!

— Uma falsificação! — resmungou Vito, retido à força.

— O que mostraria que William de Roebruk estava encarregado de levar as crianças à corte dos mongóis...

— Nunca esteve ali!

— E as crianças... também não? — frei Ascelino tratava Vito com tal delicadeza que já parecia ser este, mais um dos falecidos.

— Também não! — reclamou Vito, a quem o aro de ferro machucava bastante cada vez que suas mãos se mexiam: já tinha a nuca e as mandíbulas inchadas. — Pergunte a eles! — acrescentou em tom de troça, pois foi um dos primeiros a ver entrar os de Otranto na sala, até então quase vazia.

Os "soldados das chaves" continuavam diante da tribuna, com os pés molhados, pela água que inundava o chão de mármore e lhes chegava até os tornozelos. Estavam furiosos porque o legado não lhes havia permitido que se enfrentassem com a dúzia exata de templários arrogantes que ocupavam o palco, aos quais superavam em número. Exceto eles, ficavam no "centro do mundo" alguns personagens especialmente dedicados, superativos ou curiosos incansáveis que, absortos em orações, cantando, batucando ou dançando em êxtase absoluto, ofereciam um fundo sonoro suficiente para não se perceber o barulho das armas e das pisadas produzidas pelos soldados, cuja comitiva avançava em silêncio, encabeçada por um menino de coragem.

— Guardem as armas! — ordenou a voz áspera do preceptor quando viu que alguns papais empunhavam suas espadas. Os homens obedeceram rapidamente a ordem daquele estranho homem quando perceberam, pela expressão nos rostos dos de Otranto, que não fariam prisioneiros; além do mais, seus remos lanceolados sobressaíam ameaçadores e pareciam estar à espreita de toda mão que cometesse uma imprudência. De modo que os papais de baixo se afastaram a um lado, o legado e seu grupo, que permaneciam no palco, retiraram-se até ficarem protegidos pelo muro dos templários, e os soldados da sala acabaram por se retirar assustados em direção às grades.

Nem Vito foi capaz de dizer algo. Não se escutava nenhuma palavra; os cantos e batuques pararam de repente e todos olhavam Roç, que, sem mostrar a menor insegurança, sentou-se entre os soldados pontífices, pediu que Hamo lhe estendesse a bandeira e levou o pano com toda seriedade aos lábios.

Hamo queria fazer o mesmo, pois em lugar de desgosto, o gesto do rapaz lhe havia causado, inesperadamente, uma profunda impressão; então viu que os olhos dos presentes se dirigiam para a entrada. Na porta aberta estava a figura imponente do alemão da Ordem Teutônica, apoiado em sua grande espada. De sua sombra desprende-se a figura delicada de Yeza que, como uma visão, atravessou inteiramente sozinha a sala vazia até chegar ao meio. Uma vez ali, deteve-se e dirigiu o olhar de seus olhos verdes firmemente para o palco, onde tropeçou com os olhos de Vito, que a olhava cheio de ódio, embora incapaz de emitir qualquer som.

Yeza dobrou o joelho num gesto delicado de humildade.

— Oremos — disse com voz firme, e se ajoelhou.

E todos que estavam na sala caíram de joelhos, um após o outro, como uma onda suave que arrastasse em seu movimento a todos os presentes. Inclusive os que se mantiveram na tribuna foram incapazes de evitar a magia do momento.

Primeiro foram os templários, embora dobrassem um joelho apenas; depois, o bispo Nicola ajoelhou-se para rezar, enquanto Pian se jogava inteiramente ao chão. E, de repente, o grupo de dignitários papais ficou só, já que seus soldados, embaixo na sala, há tempos haviam seguido o exemplo da menina. Ascehno encolheu os ombros levemente e também se ajoelhou, e depois Simón, embora ele tivesse tido um gesto de impaciência. Vito foi o único a ficar de pé. Mas depois, quer obrigado pelo olhar de Yeza, quer pela pressão exercida pelo soldado na argola que lhe rodeava o pescoço, também se ajoelhou.

Todos rezaram em silêncio, embora o mais provável é que não rezassem pelo mesmo motivo, nem com a mesma devoção, que Galerão. Inclusive Turnbulli acordou de sua rigidez e juntou as mãos, ao mesmo tempo que inclinava, resignado, sua cabeça de ancião. Aí estavam os infantes reais, os filhos do Graal! O erro era seu. Ele não fora escolhido para consagrá-los: eles próprios tinham se consagrado. Assim, considerou que devia dar graças a Deus.

Yeza levantou-se, enviou um rápido sinal de consentimento a Roç e voltou para junto de Sigbert. Os arqueiros mantinham seus arcos esticados na direção do grupo: os mouros treparam no palco, depositaram o corpo de William sobre um amplo escudo normando e o cobriram com a bandeira; os lancelotti carregaram-no nos ombros e abandonaram a sala, com disciplina férrea e ameaçadora, mas sem correrias. Demoraram algum tempo; apenas quando o último soldado da condessa abandonou a sala, um dos que tinham ficado para trás atreveu-se a abrir a boca:

— Suponho agora que também poderemos abandonar este lugar — declarou Ascelino, lançando um olhar ao bispo que expressava tudo, menos agradecimento. Embora estivesse cansado demais para conjecturar sobre a humilhação que acabara de sofrer.

Foi Vito quem rompeu o encantamento:

— Todos colaboraram nessa traição — os acusou, sem levantar demais a voz. — Todos conspiraram contra o papa e a Igreja! — Vito havia compreendido instintivamente que sua denúncia soaria mais grave se não se rebelasse nem gritasse. De fato, deixaram que falasse. — Esse emissário mongol que pretende ter chegado da corte do Grande clã é, de fato, o bastardo da condessa de Otranto! — Vito intercalou uma pausa, mas esperou, em vão, descobrir na platéia alguma reação de susto ou culpa. Não lhe fizeram esse favor. — O falsário William teve seu merecido castigo: desceu aos Infernos! Também Benedito saberá porque reencontra ali seu companheiro! Lorenzo de Orta é um espião e um traidor e Pian de Carpine é culpado de perjúrio!

— Pax et bonum! — respondeu em tom de ironia Simón de Saint-Quentin. — E sabido que os franciscanos não são mais que hereges e traidores!

Frei Ascelino viu-se na obrigação de intervir:

— Todos eram legados nomeados pelo papa — repreendeu-os; depois, dirigindo-se a

Vito: — E os dois frades morreram por culpasua!

Mas, então, a voz de Viterbo explodiu num uivo:

— Bem que você gostaria, Anselmo de Longjumeau, de apresentar-se com essa versão diante do papa! — O soldado pontífice, cuja tarefa era impedir, puxando pela argola, que Vito falasse, não prestou atenção ao gesto do legado, porque sentia muita curiosidade em ouvir a continuação do relato da boca de Viterbo. Este voltou a baixar o tom de voz, para adaptá-la ao relato da conspiração descoberta.

— Entendi sua traição, frei Ascelino! Você queria que eu fosse testemunha do seu encontro "casual" com os "assassinos", aos quais você mostrou o caminho e com quem combinou os assassinatos...

— Tape-lhe a boca! — gritou Simón, mas nenhum dos soldados se atreveu; já estavam bastante contentes por Vito não conseguir arrebentar as correntes.

— E por que não recuperar o tempo perdido? — trovejou uma voz que, até então, não se fizera ouvir. Yves, o Bretão, havia retornado e estava de evidente mau-humor. — Por que os senhores não o jogam pela janela? — propôs, e falava seriamente. — Diremos que "morreu numa tentativa de fuga! Vou ajudá-los com muito prazer. — Yves estava disposto a subir no tablado.

— Por mim, os senhores façam com ele o que bem entenderem! — exclamou Simón de Saint-Quentin, e era visível que a proposta não lhe desagradava.

No entanto, Gavin e frei Ascelino, unidos numa estranha aliança, opuseram-se ao Bretão e recusaram tal tentativa. Yves parou onde estava. Pensou que não valia a pena lutar com o templário, por causa de uma pessoa como Vito.

—Vito de Viterbo fica detido! - declarou o bispo, formalmente. — Será entregue à justiça do imperador, acusado de assassinato!

— Não se exponha ao ridículo, ilustríssimo — repreendeu-o com delicadeza frei Ascelino. — Guarde suas últimas atuações como bispo de nossa Igreja para algum procedimento mais digno: por exemplo, para enterrar esse pobre homem — e apontou Benedito —, pois deve ter certeza — sorriu levemente — de que por Vito de Viterbo o espera alguém no castelo Sant'Angelo, que será um juiz muito mais terrível que qualquer carrasco de Constantinopla. Apertem-lhe as correntes!

Neste instante Vito jogou-se no chão com um movimento rápido como um raio. Os soldados pensaram que tropeçara, mas quando o ajudaram a se levantar, viram que em sua mão brilhava uma arma: o punhal do "assassino" que ele havia descoberto ali jogado! Os soldados se afastaram e Vito alcançou com um pulo o vão da janela.

— Não me devolverão ao castelo! — gritou, disposto a pular. — Nem você, frei Ascelino, lacaio miserável, peão fracassado; nem você, Yves, fanfarrão pela graça do rei!

Vito lançou um olhar para trás a fim de calcular exatamente a distância que teria de saltar, levando em consideração o espaço interior e a estrutura do teto. Quando voltou a olhar para a frente, viu debaixo de si, pregado na parede como um lagarto, o mais jovem dos "assassinos".

No tablado ninguém percebeu, e Vito não pôde impedi-lo: a faca do "assassino" cortou-lhe, de um talho único e calculado, ambos os tendões-de-aquiles. Vito caiu da janela sem pelo menos poder lançar um grito; seu corpo bateu no teto, e acabou com os ossos quebrados na escada que conduz à entrada.

— Julgou a si mesmo — disse frei Ascelino em voz baixa. — Os senhores todos viram! — dirigiu-se aos soldados, que pareciam assustados.

-Venha conosco, Pian de Carpine — interveio Simón —, mas antes devem finalmente confessar...

— Só prestarei contas ao papa em pessoa! — retrucou o missionário, um tanto transtornado. E como visse que Yves, o Bretão, subia ao tablado com o objetivo de se aproximar da janela e lançar um olhar para fora, o que mais ninguém até o momento se atrevera, Pian pôs-se a gritar por socorro com voz esganiçada:

— Coloco-me sob a proteção do rei de França! Leve-me a Lyon!

Simón desinteressou-se dele; seu olhar, ao contrário, caiu sobre John Turnbulli que, no entanto, estava fora de seu alcance atrás do muro indevassável formado pelos templários.

— E o Santo Graal? — resolveu brincar com o dominicano. — O que aconteceu com o Santo Graal?

E Simón arrancou com rápido movimento o pano do altar, como se o mistério estivesse oculto debaixo. Mas ali não havia mais que uma pedra nua.

Então, deixou cair com descuido o lençol manchado de sangue, que foi cobrir o rosto pálido de Benedito da Polônia, de quem ninguém mais se lembrava.

Os papais partiram com as mãos vazias. Yves, o Bretão, conduziu Pian para fora da sala; Pian estava aflito e se retirou não sem antes recolher todos os seus pertences e ter se certificado de estarem entre eles tanto a carta do Grande clã como sua Ystoria mongalomm. Os criados do bispo ajudaram-no a retirar o equipamento. Os templários se ocuparam do velho Turnbull. Gavin despediu-se com breves palavras de seu anfitrião. Sob o alto pórtico da sala, Sigbert esperava-o.

Triunfo Final

Porto de Constantinopla, outono de 1247 (crônica)

Quando estenderam a bandeira sobre meu corpo, um sopro roçou o meu rosto e saí flutuando, leve, daquele lugar. No entanto, o fato de perceber minha existência me fez pensar que talvez não estivesse morto ainda, e quando me dei conta de que era capaz de refletir vi reforçada a idéia de estar vivo, embora já estivesse aceitando minha morte. Não percebi que se tratava da bandeira de Otranto senão mais à frente, quando tomei a decisão de voltar a abrir os olhos que Gavin me havia fechado com tanta delicadeza. — Por acaso não foi também o templário quem me assistiu, no começo das minhas aventuras, junto à "Loba", quando sofri aquele desmaio cataléptico, e quem depois fez com que eu fosse o companheiro das crianças, que desde então foram meu destino? Naquela circunstância, só havia ele me dado um empurrão, que deveria ter me servido de advertência, mas desta vez o prejuízo fora bem maior.

Depois senti que a paralisia dos meus membros diminuía, e que começavam a formigar. Era provável que a punhalada do "assassino" contivesse uma espécie de veneno, que tivesse me salvado a vida, evitando que eu me esvaísse em sangue ou que sofresse uma infecção, mas, sobretudo, tinha suprimido as dores a que ficara exposto pelo trato brutal infligido por Vito e seus comparsas. Estaria ainda nas mãos deles? Quem estava me carregando como se eu fosse um barco que balança na água, onde estava?

Escutei como um retumbar longínquo as pisadas da tropa que me acompanhava, o tilintar metálico de suas armas. Os gritos de entusiasmo e os aplausos da multidão amontoadas nas ruas que atravessávamos flutuavam como nuvens que passam ao largo. Abri um pouco os olhos e vi que um pano tapava meu nariz, e tinha as mãos unidas sobre o peito; tentei, então, mexer as falanges dos dedos, que se moveram, e pude puxar o pano, afastando-o com cuidado para um dos lados. Consegui, então, que se abrisse uma fresta pela qual pude observar o rosto das pessoas que presenciavam nossa passagem, com expressão de comoção. Alguns faziam barulho, outros exclamavam em grego "Morra, Roma!" e "Viva os filhos do Graal!" ao mesmo tempo que brandiam os punhos.

Pude ver a nuca do homem que ia à minha frente, um dos que me transportavam, e pelo lenço azul e amarelo que usava no pescoço soube ser um dos de Otranto. As mesmas cores ostentava a bandeira sobre a qual eu descansava, o herói morto em terrível combate.

Fizeram-me passar tão perto dos rostos dos mirões e doentes, dos furiosos e curiosos — alguns trepados nos ombros de outros curiosos — que poderia até roçar seus lábios, beijar as crianças de colo que as mulheres mais jovens sustentavam no alto. Em certo momento, consegui ver Ingolinda. Pisquei-lhe um olho, mas ela olhava para cima, certamente para a bandeira, enquanto exclamava: "Ai, coitado do meu William!" e seus belos olhos enchiam-se de lágrimas... Já tinha passado!

Depois descemos pelas ruelas escarpadas da cidade velha; tive medo de cair do escudo e apoiei, inconscientemente, meus calcanhares contra a beirada. Ao dobrar uma curva, pude ver a onda de nossa comitiva. À frente, erguido e ciente de sua dignidade, meu pequeno Roç, com Hamo a seu lado, que virava por vezes a cabeça para trás, certificando-se de que eu continuava em cima do escudo. Não me fazia sinais?

Depois vi que Roç se detinha para a comitiva desfilar diante dele; dentro de pouco tempo chegaria à sua altura, mas naquele instante a coluna mudou de direção e não voltei a ver mais que rostos desconhecidos. De repente escutei de novo a voz das crianças, e foi como se me abrisse o céu!

— Embora não possa ajudar a transportá-lo — meu pequeno Roç parecia sentir muito —, estou contente de ter William tão próximo.

Onde estariam agora; talvez caminhassem debaixo do escudo? A voz de Yeza me confirmou, definitivamente, a suposição.

— William teria gostado; sempre disse que queria ser nosso protetor e nosso escudo!

— Mas já não está conosco! — lamentou-se Roç. Dei por certo que a menina lhe rodearia neste momento os ombros com o braço...

— Pense no que a senhora nos disse!

— Não fosse por ter o cabelo tão branco — refletiu Roç em voz alta —, podia imaginar ser nossa bondosa mãe.

Yeza parecia estar de acordo.

— Lembre-se de que ele disse: "Não tenham medo. Estarei com vocês até o fim dos tempos."

— Mas se não tenho medo! — Roç queria parecer valente, embora eu percebesse que ele estava lutando com as lágrimas — E você também não deve ter medo, lembre-se que disse: "Amai-vos um ao outro tal como eu amo a vocês!"

No silêncio que se seguiu, quebrado apenas pelos passos da caminhada, o barulho das armas e os aplausos e exclamações de júbilo dos espectadores nas estreitas ruelas da cidade velha pareceu-me perceber, no entanto, que as crianças choravam em silêncio. Eu me vi tentado a estender a mão para lhes acariciar a cabeça, mas não sabia se convinha fazê-lo.

— Agora você deve voltar a encabeçar a marcha — ouvi a vozinha meio afogada de Yeza. — Volte com a bandeira! Eu ficarei com Sigbert na retaguarda. Não nos acontecerá nada! — certamente foi imaginação minha, mas pareceu-me ouvir que seus passinhos se afastavam.

Lancei um último olhar para a frente, e acalmou-me muito ver as lâminas brilhantes das foices nos remos dosancelotti, os arcabuzes em seus ombros, as estrelas matutinas, os ganchos de abordagem e as tochas dos mouros. E depois chegamos ao porto, onde nos encontramos com os franceses do conde de Joinville, que desceram o estandarte com a auriflama real com flores-de-lis bordadas para saudar o cadáver de William de Roebruk. Senti-me comovido, embora talvez fosse a brisa vinda do mar que fizesse brotar minhas lágrimas.

Meus carregadores me subiram a bordo da trirreme.

— Adeus, William! — escutei murmurar Sigbert, o resmungão, que provavelmente ficaria atrás, no cais. Também a condessa falou, com uma entoação carinhosa e um pouco rouca, que jamais lhe escutara antes.

— Tudo irá bem, rapaz! — Será que dirigia estas palavras a Hamo, seu filho recuperado? Estaria soluçando? Não, certamente não. — Em marcha! — ordenou, depois, com o mesmo tom de voz que eu estava acostumado a ouvir.

— Agli ordini, confessa! — respondeu o bravo amalfitano.

Deixaram-me na proa, diante do toldo. Ouvi o chapinhar dos remos ao entrar na água, e uma pancada de vento levantou a bandeira, pondo meu rosto meio descoberto. Sentia um pouco de cócegas, embora ninguém se preocupasse comigo, e eu queria que fosse assim, pois estava perfeitamente bem.

Saímos ao mar. De certa maneira, no jeito um tanto profético de John Turnbuli, havia-se cumprido o objetivo do "grande plano". Não temos uma frota grande e numerosa — onipresente, mas sem estardalhaço —, ia pensando eu, mas estamos no mar, somos livres e estou vivo.

Meu olhar abarcou, além da perna de pau do bondoso Guiscard, uma Laurence de pé que tinha, a seu lado, Clarion. A condessa rodeava com um braço os ombros de Hamo, e mais adiante, na última extremidade da popa onde ondulava o galhardete, vi as crianças sentadas e olhando juntas as ondas que levantavam a trirreme. Suas pernas se dependuravam do barco, salpicadas com espuma. Algumas poucas gotas de água salgada chegaram inclusive até mim. Atrás esfumava-se a cidade de Bósforo, entre as névoas do sol do entardecer, que iluminavam — pela última vez para nós — suas cúpulas douradas e suas poderosas torres.

"Com vocês até o fim dos tempos!" Sorri e me senti feliz.

OBSERVAÇÕES DO AUTOR

Personagens e Citações em Idiomas Estrangeiros

PRÓLOGO

Graal: o Graal era o grande segredo dos cátaros, conhecido apenas pelos iniciados. Até então não se sabia ainda se era um objeto, uma pedra, um cálice (que conteria algumas gotas do verdadeiro sangue de Cristo), um tesouro ou conhecimentos relativos a certas questões (como o prolongamento da dinastia do rei Davi, que, passando por Jesus de Nazaré, chegara à Ocitânia). Nesta direção, aponta também a teoria segundo a qual "saint Grial", "santo Grial" ou "san Grial" deveria ser lido, de fato, sang real, quer dizer, "sangue real". No campo da alquimia, o Graal identifica-se com a "pedra filosofal", e na mitologia ressurge com os cavaleiros do Santo Graal, que compõem a tábua redonda do rei Artur.

Da crônica: fragmento do escrito que William de Roebrok dirigiu a um irmão minorita.

William de Roebrok: nasceu em 1222, no povoado de Roebrok (também Rubruc ou Roebroek), em Flandres, sendo batizado com o nome de Willem. Ingressou na Ordem dos Frades Menores e estudou em Paris sob o nome de Guglielmus.

Montségur: o mais famoso dos castelos cátaros, situado sobre um penhasco, ou pog, de Arière (condado de Foix). Em 1204, foi ampliado por iniciativa de Esclarmonde de Foix, até ser transformado em fortaleza. Antes existiu, no mesmo local, um lugar de culto celta. Ainda hoje as ruínas do Montségur podem ser visitadas, e encontra-se em bom estado de conservação.

Heresia: os cátaros (do grego hoi catharoi = os "puros" ou "perfeitos") constituíram um movimento radical renovador de confissão católica romana, embora separado da Igreja oficial. Inicialmente, o movimento instalou-se no Languedoc, no sudoeste francês, mas ao expandir-se ultrapassou os Pireneus e invadiu toda a região provençal, atravessando, inclusive, os Alpes, até alcançar a Lombardia e os Bálcãs. A teoria dos "puros" teve seu antecedente nas primeiras comunidades cristãs, a diáspora judaica e os druidas celtas. Ao longo do século XII, e sob a influência do gnosticismo e do dualismo maniqueu, registrou um desenvolvimento tão intenso que foi considerada um perigo para Roma. Entre a população comum, os hereges gozavam de grande prestígio pela austeridade de seus

sacerdotes, embora também a nobreza local aderisse aos cátaros, pelo fato de eles não reclamarem nenhuma fatia de poder terreno, ao contrário da Igreja romana. A heresia catara era abraçada com alegria pelos adeptos, pois prometia o Paraíso, ao mesmo tempo que atraía e unia a nobreza na nostalgia comum de alcançar o Santo Graal.

Imperador de Constantinopla: após Veneza modificar a meta da quarta cruzada, esta culminou em 1204 com a conquista de Constantinopla (a antiga Bizâncio), onde os cruzados europeus proclamaram o Império Latino. Balduíno IX, conde de Flandres, foi consagrado primeiro imperador com o nome de Balduíno I (16.5.1204-15.4.1205).

Obulus: "óbolo" em latim, originalmente uma pequena moeda grega.

Viribus unitis (latim): significa "com forças unidas".

São Luís: Luís IX, rei de França (de 8.11.1226—25.8.1270), obteve ainda em vida o cognome de "santo" (Saint Louis).

Frederico II: imperador do "Sacro Império Romano-germânico" (de 22.11.1220—13.12.1250). De sua mãe, Constance de Hauteville, herdou também o Reino da Sicília.

São Francisco: Francisco de Assis (de 1181—3.10.1226) nasceu com o nome de Giovanni Bernardone. Fundou a Ordem dos Irmãos Menores, *ordofratrum minoram* (O.F.M.), também chamada de franciscanos.

Vito de Viterbo: nasceu em 1208, filho bastardo de um membro da família Capoccio, de grande influência na Cúria vaticana. Pertenceu à Ordem dos Dominicanos.

Papas: em 22.8.1241 faleceu Gregório IX, encarniçado inimigo do imperador. Sucedeu-o Celestino IV (de 25.10—10.11.1241), antes Goffredo di Castiglione, cardeal-bispo de Milão e simpatizante da família imperial germânica, razão pela qual foi eliminado para dar passagem a Inocêncio IV (de 25.6.1243—7.12.1254), antes Sinibaldo Fieschi, conde de Lavagna, cardeal-bispo de Gênova. Em sua gestão, Frederico foi destituído como imperador no Concílio de Lyon (de 28.6—17.7.1245).

Assassinato do inquisidor em Avignonet: no dia de Corpus Christi de 1242, alguns cavaleiros ocitanos, sob o comando de Pierre-Roger de Mirepoix, assassinaram Guillaume Arnaud, inquisidor de Tolosa, e seus ajudantes.

Cila e Caribde: estreito marinho cheio de redemoinhos mencionado na Odisséia;

atualmente localiza-se perto de Messina.

"Assassinos": membros de uma seita secreta ismaelita, com sede principal em Alamut (Pérsia), que em 1196 espalhou-se também pela Síria. Neste país, seu primeiro grande mestre foi o alcaide Rashid red-Din Sinan, famoso e temido com o apelido de "Ancião da Montanha". O termo "assassino" deriva, ao que parece, de "hashashin" (afirmava-se que os seguidores da seita faziam amplo uso de haxixe), e é empregado até hoje em todo o Mediterrâneo ao homicida que mata à traição. O apelido "Ancião da Montanha" foi herdado por todos os sucessores do primeiro.

Tártaros: nome dado à população das estepes do Extremo Oriente que invadiu a Europa pela primeira vez por volta de 1240. Só mais tarde impôs-se o termo mais preciso de "mongóis".

I - MONTSÉGUR

O CERCO

Tolosa: condes de Tolosa. Depois de Raimundo VI (1194—1222), o filho nascido de seu (quarto) matrimônio com Joana Plantageneta (irmã de Ricardo Coração de Leão), Raimundo VII, herdou o título de conde, então apenas nominal, até reconquistar Tolosa em 1218 (arrebataada a Simon de Montfort), embora em 1229, no Acordo de Meaux, perdesse definitivamente o condado, que ficou na França. Em 1242, realizou-se a última tentativa fracassada de recuperá-lo; em 1249, morreu o último legítimo conde de Tolosa.

Viscondes de Foix: nobres estreitamente aparentados com a linhagem dos Trencavel. O irmão da famosa Esclarmonde, Roger-Bernard II, morreu em 1241. Sucedeu-o Roger-Bernard III, cujo irmão bastardo, Lops de Foix, chegou a ser um temido faidit. Sua irmã foi Esclarmonde d'Alion.

Guy de Levis: a linhagem dos Levis obteve, depois da cruzada contra os hereges adeptos do Graal (1209—1213), o viscondado de Mirepoix (vescomtat de Miralpeix). Isabel de Levis foi a mãe de Marie de Saint-Clair.

Esclarmonde de Perelha: (em francês, de Pereille) não se deve confundir com "a grande Esclarmonde" de Foix, irmã de Parsifal.

Parfait, parfaite: assim se denominavam em França os "puros" ou "perfeitos", que ingressavam na comunidade religiosa dos cátaros. Também eles se denominavam

"buonhommes".

OS MONTANHESES

Montagnards (francês): "montanheses, sapadores de montanha".

Donjon: nos castelos normandos, a torre principal fortificada.

Barbacã: originalmente é a troneira pela qual se dispara do castelo; posteriormente, passou a dominar toda estrutura exterior de uma fortaleza.

Consolamentum: consagração dispensada antes da morte, aceita voluntariamente pelos cátaros. A tal "consolo" segue-se a "endura", que representa o último percurso "duro" antes de se alcançar a "porta do Paraíso".

"A Loba": nome de guerra de uma parfaite catara, Rosalba Cecília Estefânia de Cabaret (Cab d'Aret), nascida em 1194. Pertencia à nobreza ocitana; seu primo Pierre-Roger de Cabaret era líder dos faidits.

A BARBACÃ

Adoratrix murorum (latim): "adoradora de muros".

A CAPITULAÇÃO

Macte anime (latim): "com bom ânimo".

Gavin Montbard de Béthune: nasceu em 1191, preceptor da casa da Ordem Templo em Rennes-de Château. André de Montbard foi, instigado por seu sobrinho Bernard de Clairvaux. Um dos fundadores e quarto grão-mestre da Ordem dos Templários, fundada depois da primeira cruzada. Conon de Béthune, pertencente a uma nobre família ocitana, foi um famoso trovador, falecido em 1219. Seu filho tornou-se regente do Império Latino, de 1216— 1221; morreu em 1224. Em 1209, Gavin era um cavaleiro jovem e foi eleito pelos líderes da cruzada para servir de arauto e oferecer ao visconde de Carcassone (Trencavel = Perseval = Parsifal) uma retirada honrosa. Simón de Montfort rompeu a palavra dada, o visconde foi feito prisioneiro e assassinado em seguida.

Quidquid pertinet vicarium (latim): "no que se refere ao vicário" (de Cristo), ao parto

virginal, ao Filho e ao Espírito Santo.

Sefirot: escala de dez perfeições da natureza divina segundo a cabala hebraica - beleza etc.

Portiúncula: capela próxima de Assis, ponto de partida do movimento franciscano, hoje enterrada debaixo de uma catedral.

Laudato si' mi' Signore... (italiano): "bendito seja o Senhor por meu irmão vento e pelo ar e pelas nuvens, pela alegria... (do Cântico delle creature, o "Canto ao sol" de são Francisco de Assis, de 1225).

Laudate e benedicte mi' Signore... (italiano): "Louvado e Bendito seja o Senhor, demos-lhe graças e o sirvamos com humildade" (idem).

Bertrand en Marti: bispo cátaro, sucessor de Guilhabert de Castres.

Tregua Dei (latim): condição indispensável para algo se cumprir.

"Grande maîtresse" (francês): termo depreciativo com o qual se classificava as decantadas grandes mestras femininas, neste caso Marie de Saint-Clair, nascida em 1192, que ascendeu ao cargo de grande mestra da Prieuré de Sião (1220—1266), após a morte de seu marido Jean de Gisors. Guillem de Gisors, seu afilhado, nascido em 1219, tornou-se seu sucessor e ingressou em 1269 na "Ordem do Barco e da Dupla Meia-lua", fundada por Luís IX para os nobres que participaram da sexta cruzada.

Pacta sunt servanda (latim): "os pactos devem cumprir-se".

Auto-de-fé: termo habitualmente utilizado para referir-se à queima de hereges na fogueira.

A ÚLTIMA NOITE

Maxima constellatio (latim): constelação de planetas que, segundo a astrologia, adquire um significado importante.

Credentes (latim): crentes (cátaros) ou noviços merecedores da instrução prévia para ascender ao reino dos parfaits.

Constâncio de Selinonte: nasceu em 1215, filho do vizir egípcio Fakhr ed-Din e de uma escrava cristã, com o nome de Faress ed-Din Octay. O jovem emir foi enviado por seu pai à Sicília, à corte do imperador Frederico, a quem aquele admirava profundamente. Frederico o fez cavaleiro com o título de "príncipe de Selinonte"; posteriormente serviu ao sultão do Cairo com o nome "Falcão Vermelho".

Sigbert von Öxfeld: nasceu em 1195, serviu sob seu irmão Gunther ao bispo de Assis, aderiu em 1212 à cruzada e caiu prisioneiro dos egípcios; ingressou depois de sua libertação na Ordem Teutônica. Foi comendador desta em Starckenberg.

INTERLÚDIO NOTURNO

São Alberto Magno (1193—1280): dominicano, filósofo, mestre de santo Tomás de Aquino.

Roger Baconius (Bacon): (cerca de 1214—1294): franciscano e escolástico inglês; estudou em Paris na década de 1230.

Nasir ed-Din el-Tusi (1201—1274): árabe, científico universal.

Ibn al-Kifti (1172—1248): sábio árabe, autor de uma crônica de médicos famosos.

Gesta Dei per los francos (latim): "gesto de Deus em favor dos francos".

Sublimatio ultima (latim): "última sublimação", expressão da alquimia.

Lapis excillis, lápís ex coelis (latim): "pedra excelente, pedra celestial", expressões extraídas da disputa em torno da interpretação do Graal; v.t. "Dasgrosse Werk = a grande obra" de Wolfram von Eschenbach.

Pax et bonum (latim): forma de saudação dos franciscanos (em italiano: pace e bene).

Mistérios: teorias secretas dos gregos.

Grão-mestre de São João do Acre: após a reconquista de Jerusalém por Saladino (em 1187), São João do Acre (Akkon) foi proclamada capital do Reino de Jerusalém.

Ultramar (em francês, outremer): nome que, na época, dava-se à Terra Santa, e que posteriormente passou a denominar todas as possessões situadas no além-mar.

Esotérico (grego): "escritos secretos", não reconhecidos oficialmente.

Baucent (também beaucéant): em francês, a bandeira de guerra dos templários.

À la rescousse (francês): "em minha ajuda, ao meu resgate!"

A "**grande obra**": trabalhar a "pedra filosofal", em termos alquimistas, com o catalisador que transforma os metais inferiores em ouro; equivale em termos metafísicos a alcançar a sabedoria divina (v.t. sublimatio ultima).

Deus vult (latim): "Deus o quer!"; em latim vulgar/italiano: Deus lo volt!

MÁXIMA CONSTELLATIO

Diaus vos benesiga (provençal): "Deus os abençoe!"

Aitals vos etz forz (provençal): "que sejas forte para poder defender".

N'Esclarmunda, vostre noms significa... (provençal): "Esclarmunda, seu nome significa que dará ao mundo uma luz clara, que sois pura, que jamais fizeste nada que não fosse conveniente; de modo que sois digna portadora do tesouro representado por este nome".

Ay, efans (provençal): "ah, crianças, que Deus vos proteja!"

II - O RESGATE

A "LOBA"

Les enfants du mont (francês): "as crianças da montanha".

Faidits (francês): "os proscritos" (do árabe faida).

Vive Dieu Saint-Amour (francês): "viva o Deus do Santo Amor!", grito de guerra dos templários.

LE TROU'DES TIPLI'ES

Trou'des tipli'es (francês): "o buraco dos templários", zombaria que ainda hoje é a denominação de uma ruína no sudoeste da França (fechada ao público).

Insha'allah! (árabe): "faça-se a vontade de Deus".

Crean de Bourivan: nasceu em 1201, filho natural de John Turnbull; sua mãe foi a catara Alazais d'Estrombez (morta em 3.5.1211, na fogueira). Foi educado pelo nobre cujo apelido ostenta no castelo de Belgrave, no sul da França. John Turnbull concedeu-lhe o feudo (muito disputado) de Blanchefort, na Grécia, com cuja herdeira, Elena Champ-Litte d'Arcady, se casou em 1221. Depois da morte violenta desta, Crean converteu-se ao Islã e ingressou na seita dos assassinos sírios.

Langue d'oc, língua de Ocitânia (provençal).

A FOGUEIRA

Le bûcher (francês): "a fogueira".

Camp des Crematz (provençal): o "campo dos queimados", e ainda hoje se denomina Champ des Crémats a encosta existente debaixo do Montségur.

Dieus recepja las armas (provençal): "Deus recebe as almas".

XACBERT DE BARBERÁ

Xacbert de Barberá: chamado também Lion de Combat (1185—1273), guerreiro ocitano, que ao exilar-se diversas vezes por causa de sua permanente luta contra o rei de França (Tolosa, 1218—19, e Carcassone, 1240—41), participou depois da conquista de Maiorca durante o reinado de Jaime I de Aragão (1213—27.7.1276) e finalmente, protegido por este último, retirou-se para o forte de Quéribus.

Wolfram von Eschenbach (1170—1220): poeta medieval germânico, compôs em 1210 a obra épica Parsifal, baseada no antecedente francês de Chrétien de Troyes, e em 1218 o poema épico das cruzadas "Willehalm", além de "Titurel" e outras obras.

Trencavel: nome da linhagem dos viscondes de Carcassone (vescomtat de Carcassona).

Como a casa reinante em Ocitânia, de origem goda, intitulava-se simplesmente "condes de Tolosa", os condados situados ao redor se contentavam com o título respeitoso de "viscondes". O nome dos Trencavel adquiriu fama legendária e transformou-se em "Persifal" (Perceval = Tranchez-bel = corta bem, corta pelo meio).

Parsifal: historicamente, Ramón-Roger II de Carcassone, nascido em 1185, feito prisioneiro e depois assassinado em Carcassone em 1209, no início da cruzada contra o Santo Graal, denominada também "guerra dos albigenses".

Simón de Montfort (1150—1218): conde de Leicester, casado com Alix de Montmorency, liderou a cruzada de 1209 e foi seu beneficiário direto em nome de França; usurpou o trono dos condes de Tolosa, ocupou esta cidade em 1215 ao lado do delfim Luís VIII, voltou a perder a cidade para Raimundo, e morreu durante o cerco pelo disparo de uma catapulta. Sua família teve durante muito tempo uma considerável influência na Terra Santa.

Ocitânia: Região do sudoeste da França; politicamente, identifica-se com o então muito poderoso condado de Tolosa.

Ramón-Roger III: nasceu em 1207, filho de Parsifal; morreu em 1240 durante a batalha em que tentou reconquistar Carcassone.

Oliver de Termes: nasceu em 1198; seu pai, Ramón de Termes, foi assassinado depois da queda da cidade em 1211; seu tio, Benoit de Termes foi bispo cátaro de Razes. A cidade de Termes foi entregue a Alain de Roucy que, em 1213, matara o rei Pedro II de Aragão na batalha de Muret. Oliver foi um faidit, um proscrito, que apoiou o último dos Trencavel. Depois do fracasso deste, passou para o lado dos franceses e transformou-se em inimigo encarniçado de Xacbert de Barbera, que continuava resistindo ao rei de França.

Canço (provençal): "canção".

O ASNO DE SÃO FRANCISCO

Nolens volens (latim): "sem querer".

Inter pocula (latim): "entre copas".

OS CIGANOS

Aigues Mortes: porto retangular fortificado que Luís IX mandou construir na região pantanosa da Camargue para uso dos cruzados.

Igreja do Amor: organização eclesiástica dos cátaros.

Armigieri (italiano): "mestres armeiros"; os responsáveis pelas armas não gozavam na Ordem do Templo do mesmo nível militar que os cavaleiros. Seu distintivo era uma cruz vermelha sobre hábito negro.

EM TERRAS DE BABILÔNIA

Conde Jean de Joinville: nasceu em 1225, senescal da Champagne; tomou parte como cronista na cruzada de Luís IX.

Yves, "o Bretão": nasceu em 1224, antes sacerdote, fanfarrão indultado pelo rei Luís IX em cujo serviço entrou; mais adiante, ingressou na Ordem dos Dominicanos.

"Árbitro Máximo": apelido de Luís IX, que supostamente, acima de qualquer dúvida quanto a seu catolicismo, agia como intermediário entre o imperador e o papa.

Poverello (italiano): "pobrezinho", apelido dos franciscanos.

III - IN FUGAM PAPA

In fugam papa (latim): "o papa foragido".

O MAPA-MÚNDI

Castelo Sant'Angelo: em italiano, castelo de Santo Angelo, construído sobre o túmulo do imperador Adriano.

Capoccio: Rainiero de Capoccio nasceu em 1181; foi cardeal-diácono de Santa Maria em Cosmedino; em 1261, delegado da Cúria para o desenvolvimento da Ordem Franciscana. Pertenceu à Ordem do Cister e era senhor de Viterbo. Pedro de Cappocio, primo do primeiro, foi cardeal-diácono (1244—1259) de São Jorge ad velum aureum.

Personae sinegratia (latim): pessoas que não merecem indulto.

Dchebel al-Tarik (árabe): "penhasco de Tarik", o de Gibraltar, chamado assim em memória do guerreiro da dinastia dos omíadas que ali desembarcou em 711, procedente de Tânger, e derrotou o exército dos visigodos durante o domínio de Rodrigo.

Hic sunt leones (latim): "aqui há leões".

Divina Hierosolyma (latim): "Jerusalém divina".

Chrisoqueras (grego): o "Corno de Ouro".

Patriarcado de Aquiléia: praça de soberania eclesiástica. Em 1445, passa para o domínio da Sereníssima (República de Veneza).

Caput mundi (latim): "cabeça" ou "capital do mundo", Roma.

Horda de Ouro: região mongol independente durante a regência de Batu, neto de Gengis Khan. Atualmente, Bielo-Rússia.

Batalha de Liegnitz: após a conquista de Kiev, em 6.12.1240, as forças mongóis de Batu dividiram-se, e sob o comando de seu primo, Baidar, atacaram, em 9.4.1241 os exércitos unidos do rei da Polônia e do duque Henrique II de Silésia, que foram derrotados e destruídos.

Batalha do rio Sojo: Batu e seu general, Subutai, venceram as forças do rei Bela da Hungria em 11.4.1241.

Gregório IX: papa (19.3.1227-22.8.1241), Ugolino di Segni, cardeal-bispo de Óstia, e desde 1220, cardeal protetor dos franciscanos.

Sacerdote João: figura legendária de um suposto rei-sacerdote cristão no Extremo Oriente, o sacerdote João das Índias, do qual o Ocidente esperava obter ajuda na época das cruzadas. Durante algum tempo se pensou que o próprio Gengis Khan (de religião cristã nestoriana) era tal personagem, mas as invasões mongólicas de 1240—41 mostraram o equívoco. Mais tarde pensou-se que o sacerdote João poderia ser, como a rainha de Sabá, um rei copta da Abissínia.

Ogodai: Grande clã dos mongóis, morreu em 11.12.1241 em Karakorum.

Kuriltay: assembléia ou dieta dos mongóis. Numa ocasião durou cinco anos, até que os herdeiros concordaram em nomear Grande clã a Guyuk, filho mais velho de Ogodai.

Spaventa passeri (italiano): "espantalho".

Omnes praelati (latim): verso satírico referente ao seqüestro e aprisionamento de uma nave genovesa carregada de cardeais por Enzo, filho natural do imperador, com a ajuda de marinheiros pisanos (3.5.1241): "Todos os prelados/obedientes ao papa/mais três legados/ foram presos."

Bastardo de açougueira: alusão maldosa às dúvidas que envolveram o nascimento legítimo de Frederico II em Jesi (26.12.1194): havia rumores de que sua mãe, a herdeira normanda Constância, adotou em segredo, aos quarenta anos, o recém-nascido de uma açougueira local.

Amante do imperador: terceira e última esposa de Frederico, Isabel da Inglaterra (irmã do rei Henrique III); morreu em 1241, no parto de seu terceiro filho.

Suicídio do primogênito: o filho mais velho do imperador, Henrique VII, considerado por seu pai culpado das revoltas registradas no império, foi condenado à prisão numa fortaleza de Apúlia. Durante a transferência, suicidou-se, em 10.12.1242, jogando-se com seu cavalo em um abismo.

Traição de Viterbo (9.9.1243): a revolta contra a guarnição que o imperador mantinha na cidade foi instigada por Rainiero de Capoccio e apoiada por Roma. Prometeu-se retirada honrosa à tropa, mas o incidente terminou com uma agressão na qual foi feito prisioneiro o margrave imperial Simon de Tuscia (Toscana).

Canis Domini (latim): "cão do Senhor", termo formado a partir da troca da ordem das palavras Domini canis (dominicanos).

Elia de Cortona: nasceu em 1178, da família dos barões de Coppi, de sobrenome il bombarone (em italiano, "o bom barão"). Ingressou em 1211 na Ordem de São Francisco, na qual chegou a ser provincial de Toscana, em 1217. De 1218—1220, foi provincial da Síria; em 1221, vicário de Francisco; em 1223, ministro-geral da ordem; reeleito em 1232; destituído em 15.5.1239. Retirou-se para Cortona (primeira excomunhão). Elia foi seguidor de Frederico e residiu em 1242—43 como embaixador do imperador em Constantinopla, onde pôs fim à disputa entre o imperador latino Balduíno II (1228—25.7.1261) e o imperador grego João III Vatatzes, que se casou com a filha natural do imperador Frederico, Ana Constância. Em 1244, regressou a Cortona trazendo a sagrada relíquia da Vera Cruz. No mesmo ano, o novo ministro-geral Aimone, um inglês, convidou

Elia a assistir ao capítulo geral da ordem, convocado em Gênova para 4.10.1244. Elia desculpou-se por escrito e não compareceu.

VÃ ILUSÃO DO FUGITIVO

Idiota: palavra grega que classifica os excluídos ou marginalizados da sociedade.

CRUZ ENTRE DUAS FUGAS

Nonte Argentário (costa meridional da Toscana): situado diante da região pantanosa e de bosques da "Maremma".

Incubus (latim): "pesadelo".

São João Batista: dia festivo, primeiro de julho (a.D. 1244).

O BOMBARONE

Patriarca de Antioquia: Alberto de Rezzato (1226-1245-46).

Rukn ed-Din Baibars: nasceu em 1211, conhecido como "o Arqueiro", emir mameluco que posteriormente usurpou a posição de sultão e mostrou grande empenho em destruir todos os assentamentos cristãos importantes na Terra Santa.

Stemma: escudo eclesiástico.

Papa Urbano II: (12.3.1088—29.7.1099): convocou, em 1095, a primeira cruzada no Concílio de Clermont.

Imperador João III Doukas, chamado também de Vatatse (1193—1254): após a fundação do Império Latino, em 1204, a casa imperial bizantina refugiou-se na Ásia Menor, estabelecendo ali o Império de Trebisonda e o Império de Nicéia. Este, durante o reinado de Miguel VIII Paleólogo, sucessor do Vatatse, pôs fim, em 1261, com a ajuda dos genoveses, ao Império Latino de Balduíno II.

IV - PEGADAS APAGADAS

CONTRA O ANTICRISTO

Intricata... composita... cantata (latim): "intrigas... compostas... cantadas".

São Albano: abadia localizada em Herfortshire, na Inglaterra.

HISTÓRIAS DE HARÉM

Almirante Enrico Pescatore: em 1221, Frederico II enviou o almirante como seu representante a Damietta, mas não pôde impedir que a cidade fosse devolvida ao sultão El-Kamil. Em agosto de 1225, foi buscar, por ordem do imperador, a jovem noiva deste, Iolanda, em São João do Acre, e transferiu-a a Brindisi, onde se celebrou o casamento em 9.11.1225. Como recompensa por seus méritos, Frederico nomeou-o conde de Malta.

Laurence de Belgrave: nasceu em 1191, filha do matrimônio morganático entre Lívia de Septimsoliis-Frangipane e Lionel Lord Belgrave, aliado de Montfort e posterior protetor da Resistenza. Laurence foi nomeada, em 1212, abadessa do convento das carmelitas no monte Sacro de Roma; em 1217, a ameaça da Inquisição obrigou-a a fugir da Itália, e dirigiu-se a Constantinopla. Ali fundou um bordel e mais tarde tornou-se famosa e temida como pirata e mercadora de escravos. Seu apelido era "a Abadessa". Em 1228, casou-se com o almirante e tornou-se condessa de Otranto. Em 1229, nasceu seu filho, Hamo, que levaria o apelido de l'Étrange.

Clarion: nasceu em 1226 como "produto secundário" da noite de núpcias de Brindisi (9.11.1225). Frederico II engravidou Anais (filha do vizir Fakhr ed-Din), dama de honra de Iolanda. Clarion foi criada em Otranto e Frederico concedeu-lhe o título de condessa de Salento.

Bismillahi al-rahmani al-rahim (árabe): "em nome de Alá, o Misericordioso". Invocação que antecede cada sura do Corão.

Qul a'udhu birabbi al-nasi... (árabe): significa "busco refúgio no Soberano dos humanos, o Rei da humanidade, ante as malévolas insídias do vil difamador que sussurra ao coração do ser humano, saindo do dshinn e do homem" (Alcorão, sura Al-Nas).

Guido della Porta: nasceu em 1176, filho natural de Lívia di Septemsoliis-Frangipane e do margrave Guilherme de Montferrat. De 1204 até sua morte, em 1228, foi bispo de Assis, com o nome de Guido II. Em sua guarda serviu durante breve tempo (em 1212) Sigbert von Oxfeld, entre 1204 e 1209, e John Turnbull foi seu secretário.

Geoffroy de Villehardouin: nasceu em 1150. Marechal de Champagne e historiador

(Histoire de la conquête de Constantinople); a partir de 1204, marechal do Império Latino; de 1210—1218, príncipe de Acaia, vassalo de John Turnbull (em Blanchefort, depois herdado por Crean de Bourivan).

Anna: amor juvenil de Sigbert, que o acompanhou em 1212 à cruzada e acabou no harém do vizir Fakr ed-Din. Mãe de Fassr ed-Din Octay.

Qul a'udhu birabbi al-falqi... (árabe): significa "Busco refúgio no Senhor da manhã diante da malignidade do que foi criado... e diante da malignidade dos que sopram sobre os nós das relações mútuas para desfazê-las, e diante do mal do invejoso quando inveja" (Alcorão, sura al-Falaq).

Pax mediterrânea: o conceito de "paz mediterrânea" deve-se ao imperador Augusto.

O SACRIFÍCIO DE BECCALARIA

Eufemismo (grego): "imagem idealizada".

"O GRANDE PLANO"

De profundis... (latim): "do mais profundo O implorei, Senhor".

MORTE EM PALERMO

Ricardo da Cornualha: nasceu em 1209, irmão de Henrique III, sobrinho de Ricardo Coração de Leão, conde da Cornualha desde 1225. Foi hóspede de Frederico II na Sicília, em seu regresso da cruzada em 1240—41. Posteriormente, depois da morte de Frederico, foi nomeado anti-rei alemão (13.1.1257—2.4.1272), junto com Afonso de Castela, em oposição ao aspirante da casa dos Hohenstaufen (Manfredo). Morreu em 1272.

Afonso X, rei de Castela: apelidado "o Sábio" (1252—4.4.1284). Anti-rei alemão (1.4.1257-1275), renunciou; filho de Fernando III, o Santo, rei de Castela e de Leão. Sua mãe foi Beatriz de Hohenstaufen.

Filha de Artur: referência à relação legendária entre os cátaros e os cavaleiros da Távola Redonda do rei Artur, a Parsifal e aos cavaleiros do Graal.

Capella palatina: capela normando-bizantina no primeiro andar do palácio real de Palermo.

JOGOS AQUÁTICOS

Meden agan (grego): "não muito".

Grão-mestre da Ordem dos Cavaleiros Teutônicos: no caso, Hermann II von Salza (1210—30.2.1239), o mais importante e fiel amigo do imperador, que realizou repetidas tentativas para reconciliá-lo com o papado.

El-Kamil: sultão do Cairo (1238—1249).

Oi llasso...: poema escrito pelo próprio Frederico II e dedicado à "flor da Síria" Anais, filha do vizir.

A CONDESSA DE OTRANTO

Trirreme: veleiro de guerra dotado de três cobertas para os remadores.

Conrado IV: nasceu em 25.4.1228, filho e sucessor de Frederico II, com o título de rei da Alemanha; sua mãe foi Iolanda (que morreu de parto). Ao nascer, adquiriu o título nominal de rei de Jerusalém. Casou em 12.9.1246 com Isabel da Baviera (filha de Oton II, da casa de Wittelsbach) e deste matrimônio nasceu Conrado V, chamado "Conradino", último monarca dos Hohenstaufen.

Conde Jean-Odo de Monte Sião: nome de guerra de John Turnbull. Supõe-se que sua mãe foi Héloïse de Gisors (nascida em 1141). Ela, ao que parece, contra a vontade de sua família, descendente em linha direta dos Payens (fundadores da Ordem do Templo) e dos condes de Chaumont, contraiu matrimônio com Rodrigo do Monte, irmão do bispo de Sitten ("Sion", Valais, Suíça); desta união morganática nasceu, provavelmente em 1170 (ou em 1180), Jean-Odo. De 1200—1205, foi secretário de Geoffroy de Villehardouin; de 1205—1209, esteve a serviço de Guido II, bispo de Assis; de 1209—1216, filiou-se à Resistenza clandestina contra Simón de Montfort; de 1216-1220, serviu a Jacques de Vitry, bispo de São João do Acre, depois ao sultão el-Kamil. Em 1221, empreendeu viagem a Acaia, esteve depois repetidas vezes em Assis. O nome de seu feudo no Peloponeso, Blanchefort, indica que manteve uma relação intensa com os templários e com a associação secreta chamada Prieuré, de Sião, à qual pertenceram também Bertrand de Blanchefort (grão-mestre dos templários) e os Gisors (ver também Peter Berling,

Franzikus oder Das zweite Memorandum).

Ordo equitum theutonicorum (latim): "Ordem dos Cavaleiros Teutônicos".

Blanchefort: nome do feudo que John Turnbull possuía na Acaia, recebido de Geoffroy de Vollehardouin, como recompensa por seus serviços. Esse feudo foi herdado depois por seu filho natural, Crean de Bourivan, quando Blanchefort o passara às mãos da família Champ-Litte d'Arcady com cuja filha Helena Crean casou-se.

Reine innocente (francês): "reina inocente", uma variedade de lírio.

Allahu akbar (árabe): "Alá é Grande".

Wa-Muhammad rasululah (árabe): "e Maomé é seu profeta".

LADRÕES VIAJANTES

Advocatus diaboli (latim): "advogado do diabo", trabalho que corresponde ao examinador crítico nos processos de canonização.

V - O OUVIDO DE DIONISO

Dioniso: segundo a mitologia grega, deus do vinho, da embriaguez e dos mistérios; em latim, corresponde a Baco. "Ouvido de Dioniso" é uma construção arquitetônica (funil de ressonância) através da qual se ouve perfeitamente o que se fala em local afastado.

UMA PORTA SEM TRANCA

Lucera: ao pacificar o Reino de Sicília, Frederico II deportou uma parte dos sarracenos rebeldes e assentou-os em Apúlia, na cidade de Lucera, fundada com este propósito. Com o tempo, os sarracenos formaram a tropa mais dedicada e fiel ao imperador.

Apage Satana (grego): "afaste-se, Satanás!"

O CASTELO DE QUÉRIBUS

Picardinos: soldados da Picardia francesa; infantas que lutavam com lanças.

Os quatro cavaleiros do Apocalipse: figuras alegóricas do Apocalipse de são João, que representam a Peste, a Guerra, a Fome e a Morte.

A MINA SEM SAÍDA

Aurum purum (latim): "ouro puro".

Vasama la uallera: em dialeto napolitano, "beije-me os ovos!".

HISTÓRIAS DE MULHERES

Maestro venerabile (italiano): locução dirigida ao mestre de uma ordem ou de uma loja.

Patrimonium Petri (latim): "Patrimônio de São Pedro", as propriedades que na Idade Média constituíam o Estado Pontífice: o Lácio, alguma parte (em litígio) da Toscana, da Umbria e das "marcas" de Bolonha, Ferrara e Ancona.

Preces Armatae (latim): "petições urgentes".

Boécio: Anicius Torquatos Severinus Boetius, filósofo e político romano, autor da *Consolatio Philosophiae*, 480—524 (morreu executado).

Status quo ante (latim): "o mesmo estado de antes".

Giovanni Pian de Carpine (chamado também Piano di Carpinis) (cerca de 1182—1252), primeiro protetor da Saxônia, autor do *Liber Tartarorum*.

Jacobitas: movimento da Igreja dos primeiros tempos do cristianismo, seguidores do apóstolo Santiago.

AIGUES MORTES

Pierre Vidal: trovador ocitano (1175—1211).

Drut (provençal): o "Apaixonado", alcunha dada a Roger-Bernard II de Foix.

Terras da coroa: a filha do conde Raimundo VII e última herdeira de Tolosa, Joana, foi prometida quando ainda era criança a Afonso de Poitiers (irmão de Luís IX). O pai de Joana foi retido em Paris até a consumação do matrimônio. Com isto, Tolosa transformou-se em província francesa.

O PALANQUIM

Virgílio: Publius Virgilius Maro, poeta romano (70—19 a.C.), profetizou em sua Bucólica (cerca de 40 d.C.) o advento de uma "Era de Ouro" após o nascimento de uma criatura "santificadora".

VI - CANES DOMINI

EXCOMUNHÃO E CONDENAÇÃO

Soldados das chaves: tropas papais (pelas chaves cruzadas que ostenta o escudo pontifício).

Conde Raimundo-Berengar IV (1209—19.8.1245): Suas quatro filhas se casaram: Margarida (1234) com Luís IX, rei de França; Leonor (1236) com Henrique III, rei da Inglaterra; Sancha (1244) com Ricardo da Cornualha, rei da Alemanha; e Beatriz (1246) com Carlos d'Anjou (irmão de Luís IX), que em 1265 foi coroado rei de Nápoles (decapitação de Conradino); o Sacro Império perdeu a Provença.

Duque Bertoldo de Merano: patriarca de Aquiléia (27.3.1218-23.5.1251).

Tadeo de Suessa: juiz do supremo tribunal, fiel a Frederico II, foi morto em 18-2-1248 durante a rebelião de Parma e a destruição de Vitória, cidade-acampamento do imperador.

Stupor Mundi (latim): "Assombro do Mundo", apelido de Frederico II, mas que ainda não ostentava quando nasceu em 25.12.1194 na praça de mercado de Jesi. Para anular qualquer dúvida em torno do seu nascimento legítimo, a mãe mandou montar uma grande tenda na dita praça, obrigando dezoito prelados, cardeais de Roma e bispos das redondezas a assistirem ao parto.

Iella (italiano) (do árabe): "desgraça, má sorte".

Mal'occhio (italiano): "olho-grande".

O AMALFITANO

Erostrático: derivado de Eróstrato, incendiário grego que destruiu em 356 a.C. o templo de Éfeso, uma das sete maravilhas do mundo.

A GRANDE MAÎTRESSE

São Pedro: basílica construída em Roma sobre o túmulo de São Pedro (morto aproximadamente no ano 65, no circo de Nero); fechada em 324, durante a regência do imperador Constantino I (307—337), foi reinaugurada em 326 pelo papa Silvestre I (314—347).

Enzo (1216—1272): filho natural de Frederico II, rei de Torre e Gallura (Sardenha); morto em Bolonha, na prisão.

Marie de Saint-Clair: nasceu em 1192; casou-se em 1220 com Jean de Gisors, este já em seu leito de morte, para assegurar a sucessão como grão-mestre da Ordem Prieuré de São ao menino Guillem (nascido em 1219), cuja mãe, Adelaide de Chaumont, falecera no parto; é considerada mãe de Blanchefleur (1224—1279), filha do imperador.

Rei Filipe II Augusto de França (de 1180—14.7.1223): seu delfim foi Luís VIII, rei de França (1223—8.11.1226); a este sucedeu seu filho, Luís IX.

Jean de Brienne: casou-se em 13.09.1210 com a herdeira do Reino de Jerusalém, Maria, "a Marquesa", que morreu de parto ao nascer sua filha Isabel II, chamada Iolanda.

Pelágio (Pelagius Galvani O.S.B.): de procedência espanhola (?), cardeal-bispo de São Albano (1213—1229) e, em várias ocasiões, legado papal, primeiro no Império Latino, e depois na cruzada denominada "de Damietta" (1217—1221); empenhou-se posteriormente na absorção da Igreja armênia e na sucessão do trono de Chipre.

Grão-mestre dos hospitalários: na época, Guarin I de Montague (1208—1230).

Inocência III (1198—1216). Lotário Conti, conde de Segni, foi de 1197—1215, tutor do jovem Frederico II; depois passou a ser seu inimigo mais encarniçado, quando o imperador não cumpriu a promessa de organizar as cruzadas.

Honório III: papa (18.7.1216—18.3.1227), Cencio Savelli, cardeal-bispo de San Giovanni, padrinho de Frederico II; durante toda sua vida tratou seu pupilo com benevolência.

Vita sicarii (latim): "vida de sicário".

Venefex (latim): "envenenador, preparador de venenos".

Pourquoi cette éjaculation... (francês): "por que essa ejaculação precoce? Vosso coq (pênis) já não era capaz de preconizar?" (jogo de palavras entre "précox", "coq" e "préconiser").

Esclarmonde: condessa de Foix, a Esclarmunda do poema do Graal, filha de Parsifal; seu filho, Bernard Jourdain, casou-se com Índia de Toulouse-Lautrec (irmã de Adelaide, mãe de Parsifal), do que deriva-se a confusão entre várias gerações, levando a se pensar que Parsifal e Esclarmunda fossem irmãos. Em 1207, deu a ordem para fortificar o pogo de Montségur (cuja primeira pedra fora colocada em 12.3.1204) e transformar, assim, o castelo em refúgio do Santo Graal dos cátaros; morreu pouco depois.

Domingo: Domingo Guzmán de Caleruega (1170—1221), superior de Osma, fundou em 1207, em Fanjeaux, o convento de mulheres de Notre-Dame de Prouille, e, em 1216, a Ordem Dominicana (ordo fratrum praedicatorum = O.P.), ou de "pregadores ambulantes", dedicada à conversão dos cátaros. Em 1220, foi confirmada como ordem mendicante; a partir de 1231—32, encarregada da "inquisição" dos hereges. Seu fundador, pregador fanático e infatigável, foi canonizado em 1234.

Prati (italiano): "pradarias" situadas sobre a margem direita do Tibre.

Transtiberium (latim): "mais além do Tibre", em italiano Trastevere, bairro de Roma, o único construído na margem direita do rio e incluído na muralha para proteger o porto de Ripa.

Capeto: dinastia dos reis de França. O primeiro, Hugo (987—996), tomou o nome da palavra "cappa". Os Capeto tiraram os merovíngios do trono e o conservaram até a Revolução Francesa.

Panecillo caliente [pãozinho quente]: último aviso dos "assassinos" que, segundo a crônica já era conhecido nos tempos de Ricardo Coração de Leão e de Saladino. O calor do pãozinho indicaria que eram capazes de introduzir-se secretamente nos locais mais privados.

TEMPESTADE SOBRE APÚLIA

Pupazzi (italiano): "bonecas de pano".

Sine glossa (latim): "sem comentário", "sem mais", referindo-se aqui com sentido de ironia ao chamado "Testamento de São Francisco".

Bismillahi al-rahmani al-rahim... (árabe): "em nome de Alá, o Misericordioso. Toda louvação corresponde a Alá, Senhor do Universo, o Misericordioso, Soberano do dia do Juízo. Só a ti servimos, só a ti rogamos que nos ajude. Guie-nos pelo caminho reto, o caminho daqueles que gozam de tua benevolência, não o daqueles a quem tens rancor, nem o daqueles que erram. Amém" (assim evoca a oração).

PRATOS QUEBRADOS

Zelanti: fanáticos minoritas seguidores da regula sine glossa, o testamento de São Francisco, não reconhecido pela Igreja.

Salsicce (italiano): "salsichas".

CLARÕES QUE PARECEM RAIOS

Avlona: lugar na costa da Dalmácia, diante de Otranto.

OS INFANTES REAIS

Boda quimiológica: união de elementos polares contrapostos, chamada também coincidentia oppositorum; no simbolismo hermético dos alquimistas, qualifica "o ato de criação", seja químico ou espiritual, necessário para que se "nasça" ou se "origine" algo novo.

Hermes Trismegisto (grego): "Hermes, o triplamente maior"; os dezessete livros que lhe são atribuídos procedem provavelmente dos primeiros séculos d.C., da escola esotérica de Alexandria. Tratam de temas astrológicos, rituais do Templo, medicina.

DÚVIDAS EDIFICANTES

Sunna (árabe): "tradição"; sunitas = seguidores do califato eleito, em oposição aos xiitas, que defendem a descendência direta do profeta (também chamados fatímidas).

Na montanha: alusão à lenda do monte de Kyffhäuser onde se esconderia Frederico I, o Barba-Roxa. Posteriormente, a lenda foi ampliada para também acolher, no mesmo lugar, Frederico II.

A AVALANCHE

Saratz: aproximadamente em 850, um grupo de guerreiros árabes (que àquela época dominavam todo o sul da Itália e a Sicília, conquistada pelos gregos) alcançou (provavelmente subindo pelo rio Pó e passando por Veneza) os Alpes e lá se estabeleceu (no atual cantão dos Grisons, na Suíça), após conviverem com os montanheses da região.

VII - OS SARATZ

O "CARDEAL CINZA"

Ordo fautuorum minorum (latim): jogo de palavras que significa "ordem dos bobos menores".

Carpe diem! (latim): "proveite o dia!"

Logos (grego): "palavra, mente".

Homo agens (latim): "homem ativo".

Humores: na Idade Média, as quatro substâncias líquidas secretadas pelo corpo.

Omissis (latim): "suprimido, omitido" (termo especial dos copistas).

Dei Patris Immensa: encíclica papal de Inocêncio IV, de 5.3.1245, entregue ao legado Lorenzo de Orta ao empreender a missão que o levaria à corte dos mongóis. O importante não era o fato de as três primeiras palavras terem um sentido, mas sim que não fossem repetidas em nenhuma outra encíclica.

A PONTE DOS SARRACENOS

Ma lahu lajm ahayd... (árabe): "que carnes tão brancas tens!... pele tão vermelha?... como um porquinho?..., mas envoltas na bandeira do imperador!"

Guarda lej (reto-romano): "guarda do lago".

Guarda gadin (reto-romano): "guarda do vale".

Diavolezza (italiano): "a diabólica".

Landgrave (da Turíngia): Henrique Raspe (de 1242—17.12.1247), anti-rei alemão (de 22.5.1246—17.12.1247); cunhado de santa Isabel da Hungria. Com ele extinguiu-se a linhagem dos ludovíngios: na Guerra de Sucessão (que durou até 1264), Meissen passou a pertencer à família dos Wettin; a Turíngia e Hesse à dos Brabante.

Graffittisti (italiano): técnica especial de decoração de paredes que consiste em esfregar sobre varias mãos de pintura.

Duque Welf I da Baviera: casou-se com Matilde, margravesa de Túscia, dez anos mais velha que ele. Em 1077 (depois da humilhação em Canosa), tentou impedir que o imperador Henrique IV (1056— 1106) regressasse a terras germânicas, onde os príncipes eleitores haviam proclamado neste ínterim como anti-rei a Rodolfo de Suábia.

Servi Camerae Nostrae (latim): "servidores de nossas câmaras"; lei de Frederico II, de 1236, para proteger os judeus, que deste modo ficavam diretamente subordinados ao imperador.

Guarda Del punt (reto-romano): "guarda da ponte".

FERROS CANDENTES

Carcer strictus (latim): "regime estrito de prisão".

Carnifex (latim): "carrasco".

Questor (latim): "juiz instrutor, fiscal do Estado".

A IGREJA INCINERADORA

INP + F+ SS: abrev. de: In Nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti.

INRL abrev. de: Iesus Nazarenas Rex Iudaeorum.

Per omnia saecula saeculorum (latim): "pelos séculos dos séculos". civitas (latim): originalmente "virtude cívica romana"; aqui: civismo, civilização.

CONJURAÇÃO BIZANTINA

Nicola della Porta: nasceu em 1205, em Constantinopla (filho natural de Guido II, bispo de Assis; mãe desconhecida); bastou morrer seu pai e ele ascendeu, em 1228, a bispo de Spoleto, e em 1235 foi nomeado para o Império Latino.

Avó: Livia di Septemsoliis-Frangipane (mãe de Guido della Porta e também de Laurence de Belgrave).

Uk estin udeis, hostis uch hauto philos (grego): "cada um é o melhor amigo de si mesmo".

Jean de Brienne: quando o rei João de Jerusalém perdeu seu reino devido ao matrimônio de sua filha, Iolanda, com Frederico II (o germano rompeu a promessa de apoiá-lo), pôs-se primeiro a serviço do papa, e, em 1229, foi nomeado regente e co-imperador do imperador-menino Balduíno II (1228—1261) de Constantinopla, cargo que desempenhou até sua morte, em 1237.

Chrysiion d'uden oneidos (grego): "o ouro não mancha".

Politikos (grego): significa "homem que pensa e atua socialmente".

Hydruntum (latim): denominação de Otranto, proveniente do grego.

kai kynteron allo pot'etles (grego): "... coisas piores (mais caninas) sofrestes".

Arche hemisy pantos (grego): "o começo é a metade do todo".

Hasan-i-Sabbah: procedente de Quom (desconhece-se sua data de nascimento), fundou em 1090, na cidade de Alamut, ou "Ninho das Águias" (situada na cordilheira de Jorasam, ao sul do mar Cáspio, sobre a Rota da Seda), a seita secreta dos assassinos, e foi o primeiro grão-mestre dela. A ordem tinha uma organização muito rígida (que mais tarde serviu de exemplo aos templários), limitada a um círculo reduzido de iniciados, os

"da'i"; dispunha, além disso, de outro círculo mais amplo de "fida'i", solicitantes de admissão, que prometiam obediência absoluta (até a morte). Hasan-i-Sabbah morreu em 1124. Desde 1221, a ordem foi regida por Muhammad III, que ascendera a grão-mestre aos nove anos.

Keyf (também, kaij): estado de embriaguez da alma induzido pelo consumo de haxixe.

Gerasko d'aiei polla didaskomenos (grego): "envelheço e continuo aprendendo".

Hos mega to mikron estin en kairo dothen (grego): "que grande chega a ser o pequeno no momento oportuno".

VIII - O SOLSTÍCIO

Solstício (latim): ponto de inversão da radiação solar, no verão e no inverno, com noites mais curtas e mais longas, respectivamente.

A CÂMARA DE TESOUROS DO BISPO

Estix: na mitologia grega, rio que se atravessa para deixar o mundo dos vivos e alcançar o Reino dos Mortos (o Hades).

Vitellaccio di Carpaccio (italiano): trocadilho com os nomes "Vito" e "Capoccio"; vitellaccio é um bezerro bobão; carpaccio é um prato de carne crua, cortada em tiras finas.

Damasco: capital de Gezira, "cidade soberana e franca", que representava no mundo islâmico um terceiro poder entre Bagdá (sede do califa) e o Cairo (sede do sultão). Seu líder era o malik (rei). Homs, Hama e Kerak foram emirados sírios que, da mesma forma que Damasco e Aleppo (então capital oficial da Síria), estavam em poder dos aiubitas.

Ho chresim'eidos uch ho poll'eidos [sophos] (grego): "sábio é quem sabe coisas úteis, não quem sabe muitas coisas".

Ariston men hydor, ho de chrysos (grego): "a água é um bem apreciável, mas o ouro..."

Kyrie eleison (grego): "Senhor, tende piedade".

TRIBUTO DE AMOR

Lingua franca (latim): nome habitual que se dava ao idioma dos francos (franceses), embora, neste caso, queira significar fala franca (livre e sincera).

O MENU

Efebos (grego): rapazes adolescentes.

Al-salih al-Din Aiyub: o nome do sultão Aiyub inclui o de seu famoso tio-avô, Saladino. Aiyub era filho do sultão el-Kamil, que por sua vez era filho do sultão el-Adil (irmão de Saladino), sendo o pai de ambos o general Nadjm Aiyub, fundador da dinastia dos aiubitas (1171-1254). Nadjm Aiyub morreu em 1173. Seu filho Salah, ad-Din (Saladino) tirou, em 1171, do trono a dinastia dos fatímidas, proclamou-se em 1176 sultão de Egito e da Síria, reconquistou, em 1187, a Jerusalém dos cristãos e morreu em 3.3.1192. El-Adil (Safadino, irmão de Saladino) impôs-se em fins de 1201 como sucessor sobre os filhos deste; morreu em 31.8.1218. Depois de sua morte, o Império foi dividido entre seus três filhos: el-Kamil, sultão do Egito (Cairo), que morreu em 8.3.1238; Mu'azzam, sultão da Síria (Aleppo), que morreu em 11.11.1227; e al-Ashraf, soberano de Gezira (Damasco), que morreu em 27.8.1237. As-Salih Aiyub sucedeu seu pai, el-Kamil, no trono do Cairo; morreu em 23.11.1249.

Speude bradeos (grego): "ir devagar para chegar longe!"

VÉSPERAS DE CASAMENTO

Maison d'arrêt (francês): "local de parada obrigatória".

Arcebispo de Mogúncia: Sigfrido III de Eppstein (outubro de 1230— 9.3.1249).

Isabel da Baviera (1227—1273): filha do duque Óton II da Baviera, casou-se com o filho do imperador, Conrado IV (1228—1254) desde 1237 rei da Alemanha e desta união nasceu, em 1252, Conradino (decapitado em 1268).

UM FRANCISCANO ENJOADO

Taj al-Din: grão-mestre dos "assassinos" de Masyaf, na Síria, aonde chegou destinado desde a sede principal de Alamut; seu poder está documentado entre 1240 e 1249.

Rainha-mãe Alicia de Champagne: de 1229 até a sua morte, em 1246, foi regente do

Reino de Jerusalém; casou-se com Hugo I, de Chipre. Passou a regência a seu filho, Henrique I de Chipre. Este casou-se em 1237 com Estefânia da Armênia, irmã do rei Hetum, ocorrendo a reconciliação entre a Armênia e Antioquia (disputa eclesiástica).

IX - A PISTA DO FRADE

UM BANHO QUENTE

Amor vulgus (latim): "amor comum, vulgar".

ARMADILHA DE RATOS

Requiem aeternam... (latim): "Senhor, dá-lhes descanso eterno e que a luz eterna os ilumine. Amém".

Bernardo de Clairvaux: (aproximadamente 1090—20.8.1153), de origem nobre (pai: de Chatillon; mãe: de Montbard), ingressou, em 1112, na Ordem de Císter, e fundou, em 1115, o convento reformado Clara Vallis. Em 1130, decidiu com seu voto a eleição do papa Inocêncio II; em 1140 condenou o renomado escolástico Abelardo; e em 1145 acompanhou ao legado papal Alberico numa missão contra os hereges albigenses. Suas prédicas foram decisivas para o início da segunda cruzada (1147—1149). Em 1174, foi proclamado santo. Seu tio, André de Montbard, foi um dos fundadores da Ordem do Templo.

Rei Dagoberto III (711—715): famoso rei dos merovíngios, morreu assassinado.

Plantageneta: Matilde de Inglaterra, última herdeira normanda, casou-se em 1128 com o duque Godofredo de Anjou, dando origem a uma nova dinastia, chamada Plantageneta (pelo enfeite de planta genestra no capacete dos anjovinos). Ricardo Coração de Leão era neto de Matilde.

DESGOSTO EM ÓSTIA

Palle (italiano): literalmente "ovos", figurativamente "não ter Ovos (testículos) = não ter coragem".

Duque Henrique II de Brabante (1235—1248): casou-se com Sofia, landgravesa da Turíngia. Os duques de Brabante eram denominados anteriormente duques da Baixa

Lorena.

Guilherme, conde da Holanda (1234): anti-rei alemão (3.10.1247— 28.1.1256) após a morte de Henrique Raspe da Turíngia.

Inpectore (latim): literalmente "guardar no peito", figurativamente "guardar... uma carta na manga, astúcia, esperteza, ter a intenção secreta de..."

Carlotto: Henrique Carlotto (1238-39—1253), filho do terceiro casamento de Frederico II com Isabel da Inglaterra; a partir de 1247, foi regente da Sicília.

Terra ferma (latim): "terra firme", termo que se aplicava em Veneza para diferenciar as terras continentais de suas propriedades insulares na lagoa.

Laus Sanctae Virgini (latim): "louvada seja a Virgem Santíssima"; neste caso, o nome de uma embarcação.

Taglio (italiano): "corte".

Testa o croce (italiano): "cara ou coroa".

WILLIAM, AVE DE MAU AGOURO

Et quacumque viam dederit... (latim): "seja qual for o caminho que nos mostre a Fortuna, o seguiremos" (Virgílio).

X - CHRISOQUERAS

A "ABADESSA"

Ex oriente lux (latim): "do oriente nos vêm a luz".

Fica (italiano): "figa".

Santa Clara (1195—11.8.1253): seguindo o exemplo de Francisco de Assis, ela fundou, em São Damiano (em 18.3.1212), a Ordem das Clarissas, sendo nomeada, em 27.9.1212,

sua abadessa.

A ESPERA

Asparagoi (grego): "aspargos".

Trajaria (grego): "sêmola de trigo sarraceno".

Sacrae domus militae... (latim): "senhores e guardas do sagrado Templo de Jerusalém".

Ganimedes: na mitologia grega (Ilíada, 20, 232) um belo adolescente elevado ao Olimpo para servir a taça de Zeus.

Belvoir: Castelo dos "são-joanistas" (por seu santo patrão), chamados então de "hospitalarios", da Ordem dos Cavaleiros Hospitalarios de Jerusalém, fundada em 1118 (como reação à fundação da Ordem do Templo, da mesma época); depois se retiraram da Terra Santa e se deslocaram para Rodes e Malta; malteses.

Podestà (italiano): "alcaide, líder de um município".

Akuein ta legomena, prattein ta prosejomena (grego): "ouvir o que se diz, fazer o que se ouve".

Agraphos nomos (grego): "lei não escrita, regra do jogo".

Aei gar oi piptusin hoi dios kyboi (grego): "pois sempre caem bem os dados de Zeus".

FALTIFICATIO ERRATA

Faltificatio errata (latim): "falsificação com erros".

Thalatta, thalatta! (grego): "o mar, o mar", exclamação famosa que aparece em Anabasis, de Xenofonte.

Anabasis (grego): literalmente "ascensão".

Mongóis: Temudjim, adotando depois o nome de Gengis Khan, foi quem uniu as tribos tártaras, que, depois, passaram a denominar-se mongóis, e deu origem a uma dinastia. Morreu em 1227 e deixou quatro filhos: Yuci, Yagatai, Ogodai e Tuh. Ogodai, que o sucedeu no título de Grande clã, não teve como sucessor seu neto, como estava previsto, mas (por instigação de sua viúva, a katuna Toragina), seu filho mais velho, Guyuk, em 1246. O rei Hetum da Armênia delegou seu irmão, Sempad, para render-lhe honras. Guyuk estava casado com a oghul Qaimach, ou Qaimich, que depois da morte daquele, em 1248, tornou-se regente. No entanto, não foram os filhos de Guyuk que ascenderam ao título de Grande clã, mas os de Tuli, cuja viúva, Sorhaqtani, princesa de Kara-jitay, fez com que a assembléia, ou kuriltay, nomeasse Grande clã primeiro a Môngke, depois a Kublai (primeiro imperador da China), enquanto seu terceiro filho, Hulagu, ascendeu ao título de ilkan da Pérsia. Batu, filho de Yuci, distanciou-se do grande canato e fundou junto com seu filho, Sartaq, o canato da "Horda de Ouro".

Baitchu: general mongol e governador, invasor da Mesopotâmia, venceu Boemundo IV de Antioquia.

Cum Non Solum: bula papal de 13.3.1245, difundida por Inocêncio IV para a missão de Pian de Carpine em terras mongóis.

A TRIRREME

Propontis: o mar de Mármara.

Tethathi de kradie (grego): "agüenta, meu coração".

Dis kai tris to kalon (grego): "o belo não só uma vez, não duas, três vezes!"

Pater filiusque (latim): "Pai e Filho".

Pauci electi (latim): "poucos são os eleitos".

Gnothi seauton (grego): "conhece-te a ti mesmo".

Seduta (italiano): "sessão".

Dictum (latim): "sentença".

Me kinein kakon eu keimenon (grego): "um mal bem instalado melhor não removê-lo".

All'etoi men tauta theon en gunasi keitai (grego): "de fato! Agora tudo descansa no seio dos deuses!"

As-salamu'alaina (árabe): "a paz esteja convosco / e com os servidores devotos de Alá".

Allah karim (árabe): "faça-se a vontade de Alá".

XI - NO LABIRINTO DE CALIXTO

O PAVILHÃO DAS PERVERSÕES HUMANAS

Justiniano I: nasceu em 483, imperador bizantino (527—565). Influenciado por sua esposa, Teodora (508—548), fechou em 529 a escola de filosofia de Atenas, destruiu em 533 o império dos vândalos (Sicília, Sardenha) e em 535 o dos ostrogodos, na Itália; promulgou em 534 o código civil "Corpus Iuris Civilis".

Têmis: deusa grega da justiça.

Nêmesis: deusa grega da vingança.

Sarcófago: ataúde de pedra, em grego, literalmente, "engolidor de carne".

Polla ta deina k'uden anthropu deinoteron (grego): "[existem muitos monstros, mas] não existe monstro maior que o ser humano".

VENERABILIS

Dias alciónicos (grego): "dias de felicidade, paz, serenidade".

Teodósio II: imperador bizantino, nasceu em 401, reinou de 408 a 450.

Tes d'aretas hidrota theoi proparoithen ethekan (grego): "...os imortais! Longo e escarpado é o caminho!"

Nike, nike! (grego): "vitória, vitória!"

Kyklos ton anthropeion pragmaton (grego): "a vida é breve; a arte perdura".

Oida uk eidos (grego): "sei que nada sei".

Esfera armilar: instrumento clássico de astronomia que mede os ângulos e que representou junto com o astrolábio, o equipamento preferido da astrologia até a época moderna. Sua invenção é atribuída a Tales ou a Anaximandro (século IV a.C.)

Sol invictus: divindade romana da época tardia.

Amas: conjunção das "luzes principais", o Sol e a Lua, ou, em geral, à conjunção massiva de pelo menos três planetas.

Águia: antigo signo zodiacal, substituído depois pelo signo de Escorpião. Na astrologia, é atribuída a São João, o Evangelista.

Ágape (grego): "o amor puro, geral e divino", em oposição a eros e filis ("amizade").

Kairon gnothi (grego): "reconhece o momento [adequado]!"

A ÚLTIMA FUGA

Adjutorium nostrum (latim): "nossa ajuda está no nome do Senhor / Criador do Céu e da Terra".

Mega biblion mega kakon (grego): "livro grande, mal grande".

PRISIONEIRO DO LEGADO

Nestorianos: seguidores de Nestor, patriarca de Constantinopla (morreu em 451). Foram expulsos do Império Romano em 431, depois do III Concílio de Éfeso, e fundaram uma Igreja na Pérsia, na China e na África, e também entre os mongóis, embora sem substituir o xamanismo.

XII - CONJUNCTIO FATALIS

Conjunctio (fatalis) (latim): em astrologia, confluência estreita entre pelo menos dois planetas.

ENSAIO GERAL

Imperador Balduíno II: de (1228—25.7.1261, quando foi destituído, e morreu em 1273); seus pais foram Pedro de Courtenay (imperador latino de Constantinopla, de 9 de abril a 11.7.1217) e Iolanda de Flandres (morta em 1219). Balduíno casou-se com Maria de Brienne, nascida do terceiro e último casamento de Jean de Brienne com dona Berenguela de Castela.

Xamanismo: sacerdócio livre, não organizado em forma de casta ou religião, que extrai sua iniciação de uma união mística com a natureza, os animais e os elementos. Busca a reconciliação do homem com o Universo, através de uma apreciação global dos problemas e uma auto-realização mística.

Aequinoctium: equinócio, igualdade do dia e da noite, como ocorre no começo da primavera e do outono.

Eo ipso (latim): "por si mesmo".

Kuno (Conon) de Béthune: regente do Império Latino (1216—1221), morreu em 1224.

A HORA DOS MÍSTICOS

Parasimile (latim): "comparação".

Allahu akbar (árabe): "Alá é O mais elevado, tenho fé de não haver Deus fora de Alá".

As-salamu alaika (árabe): "a paz esteja contigo".

Dervixe (árabe): "o que se encontra no umbral"; "que procuram a verdade", islâmicos que tentam aprofundar seus conhecimentos por meio do êxtase; organizados em Ordens.

Sufi (árabe): sábios que elevam a busca espiritual à posição de ciência e que fazem uso também da meditação; tiveram grande influência sobre os escolásticos ocidentais na Idade Média. Seu representante mais conhecido era, então, Ahmed Badawi, nascido em 1199, em Fez (Marrocos), viveu em Meca e teve visões com o profeta Maomé; morreu em 1277.

Mevlana Jellaludin Rumi: místico sufi, procedente do Afeganistão, fugiu dos mongóis e refugiou-se entre os rum-selêucidas (Konya); em 1244, foi discípulo de Shams-i Täbrisi.

Diz uma lenda que ele inventou o ritual dos dervixes denominado "sema", que expressa a dor pelo assassinato de Shams. Sua obra mais famosa é o livro Mesnevi, escrito no idioma persa.

Culto da Mitra: mistérios procedentes da Pérsia (sete graus de iniciação), muito marcados por idéias helenísticas; chegou a ser um dos cultos mais importantes no Império Romano, sobretudo entre os militares.

Hiperbóreos: teóricos de uma cultura importante que teria existido aproximadamente em 6000 a.C. na Europa (Atlântida, Stonehenge, Carnac) e que teria dado lugar à mitologia grega.

Thot: deus egípcio da escrita e da sabedoria.

Jas: código de leis mongol.

Zaratustra, ou Zoroastro: fundador de uma das religiões mais antigas do mundo, que viveu aproximadamente entre 1700 e 1500 a.C. e que teve influência nos essênios judeus, chegando em 600 a.C., em forma de parsismo, religião oficial na Pérsia. Os escritos Avesta que foram conservados têm um equivalente na mitologia do Rigveda hindu. Baseando-se nas religiões naturalistas (fogo e água), Zaratustra define o Deus Criador, Ahura Mazda, e seu oponente, Ahriman, o Destruidor. A contradição cósmica de duas forças opostas no Universo (como no yin-yang taoísta) levou à inversão do "jogo de Asha", o xadrez ritual.

Buda: fundador do budismo, viveu na Índia de 550 a 480 a.C.

Lama: sacerdote budista da região étnica tibetana-mongol, cujo chefe supremo é o Dalai-Lama.

Parsi: "adoradores do fogo", seguidores de Zoroastro (Zaratustra), da Pérsia, que, perseguidos pelos árabes, se deslocaram para a Índia em 766 d.C.

Coptas (grego): "aigyptos — egípcios", uma das primeiras Igrejas cristãs a se estabelecer no Egito e na Etiópia. Seus eremitas viviam em comunidades influenciadas pelos essênios e foram exemplo para a posterior criação de conventos religiosos na Europa (de são Jerônimo e de são Benito de Núrsia).

Starets (russo = "velho"): ermitão de religião Ortodoxa Oriental, de vida marcadamente contemplativa.

Maniqueus: com base no dualismo de Zaratustra (Zoroastro), Mani (242 a.C.) fundou, na Pérsia, uma religião ariano-gnóstica, que teve importância até a Idade Média e que muito influenciou os cátaros.

Patarinos: seguidores de um movimento reformador do clero que nasceu em 1056 em "Pataria", bairro pobre de Milão, na Itália.

Bogomilos ou bogumilos: seguidores de um dos primeiros movimentos cristãos dualistas, gnósticos e hereges segundo a Igreja Católica, originários da Bulgária. Influenciado pelos essênios, foi seguido depois pelos cátaros.

Andreanos: supostamente, refere-se aqui aos discípulos do apóstolo André, pois não pode referir-se ainda aos seguidores de JoãoValentinus Andreae "Rosacruz".

Jovianos: crentes de uma heresia surgida durante a regência do imperador romano Joviano (363—364).

Brâmanes: sacerdotes da primeira casta hindu. Sua organização (dentro do budismo) data do século I.

Confúcio: filósofo chinês (551-479 a.C.).

Iluminismo: escola persa (século XIII) que não deu lugar à fundação de uma ordem; é importante devido à sua teoria das cores e da luz. Seus representantes mais famosos são Al-Kubra (nasceu em 1145, viajou pela Índia e pelo Egito), Ibn Arabi e Suhrawardi. Influenciou os sufi-gnósticos: do grego "gnosis" = conhecimento. Seu centro principal foi Alexandria. Fé cristã em um deus transcendental, misericordioso e bom, mas afastado do cosmos.

Pitagóricos: seguidores das ideias de Pitágoras (centro de ouro, seção, triângulo); seu centro era na escola de Crotona (Calábria).

Neoplatônicos: adeptos de uma doutrina filosófica surgida em Alexandria no século III. Plotino e Porfírio são seus representantes mais conhecidos. Combina a mística com os ensinamentos de Platão.

Essênios: irmandade ou seita secreta judaica, cuja existência situa-se aproximadamente em 150 a.C.junto ao mar Morto (Qumran). Considera-se seu fundador o legendário

"mestre da justiça" o avatar Melquisedeque. O mesmo mestre invisível existe entre os sufi com o nome de Khidr-Elias. Os essênios esotéricos combinaram a doutrina monoteísta de Moisés e Zaratustra. Afirma-se que Jesus de Nazaré foi essênio.

Caldeus: povo da Mesopotâmia, sucessor do povo assírio, aproximadamente em 626 a.C. Sob seus sumos sacerdotes floresceu a astrologia no Ocidente (na biblioteca de Nínive, destruída em 612). Mais adiante, empregou-se o termo "caldeu" para falar dos astrólogos e adivinhos.

Ismaelitas: seita xiita que se propagou por todo o Oriente (Paquistão). Seu líder supremo é o Aga Khan. Dela nasceram os "assassinos".

A NOITE DE ESTIX

Ektos teichos (grego): "extramuros".

Sphagei! dolophonoi! (grego): "matadores, assassinos!"

Lestai (grego): "ladrões".

Hefaístos: deus grego do fogo.

Horologion (grego): "relógio, mecanismo de relojoaria".

Afwan ashkurukum... (árabe): "nada agradecer (de nada)... sou eu quem deve agradecer... sua companhia".

Sigillum (latim): "selo".

O CEMITÉRIO DOS ANGELOI

Angelo: soberanos bizantinos.

Melquisedeque: ver essênios.

Ri'fais: linha de dervixes derivada de Ahmed Ri'fais, que nasceu em 1106, em Basra, e

morreu em 1183; até hoje existem grupos na Síria e Egito; são conhecidos pela fanática rigidez com que cumprem os períodos de meditação, silêncio e abstinência, mas, sobretudo, por suas extraordinárias técnicas de entrar em êxtase.

Hon hoi theoi philusin apothneskei neos (grego): "o que é amado pelos deuses morre jovem".

Pace dei sensi / pazzi dei sensi (italiano): jogo de palavras: "(na) paz dos sentidos / loucos".

Oriflama, auriflama: bandeira do rei de França: flores-de-lis douradas no campo azul.

Rais (árabe): "chefe, caudilho, capitão".

Quifa nabki min...: de uma canção de amor árabe, de Imru'ul Quais (século VI).

SOB O SOL DE APOLO

Dakryoen gelasasa (grego): "sorrindo entre lágrimas" (Ilíada 6,484).

XIII - A REVELAÇÃO

FORMAÇÃO, SAÍDA E DESFILE

Verti creator Spiritus (latim): "vem, Espírito criador".

Hagia Sophia (grego): "Divina Sabedoria" (Santa Sofia).

Hégira: data da saída do Profeta (15.6.622) de Meca para Medina; começo do calendário muçulmano.

Enrocamento: jogada de xadrez na qual se troca a posição do rei e de uma torre.

Huwa sadiq al-mubassir (árabe): "este é o verdadeiro acompanhante do missionário".

Balaneion (grego): "banho".

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Walter Fritzsche pela coragem de ter aceito o assunto proposto e o ânimo constante dado ao autor para aproveitar todas as possibilidades oferecidas.

Agradeço ao doutor Helmut W. Pesch o sacrifício de ter revisado, com base em sua completíssima formação humanística, palavra por palavra, mais de mil páginas do manuscrito.

Agradeço ao professor Achim Kiel, de Braunschweig, e a seu colaborador, Achim Przygodda, a sensível atenção dispensada às minhas intuições e o importante auxílio para a conversão dessas intuições em imagens reais.

Agradeço, at last but not least, a meu agente literário, Michael Görden, por ter se colocado uma vez mais como interlocutor confiável, de valor inestimável, diante do acúmulo de material e de idéias de seu "protegido".

Agradeço a ajuda da arabista doutora Gisela Ruppel, da Universidade Livre de Berlim; do professor de História da Música da Universidade de Áquila, Dario della Porta, nas questões litúrgicas; da doutora Cláudia Von Montbart, do Instituto do Banco Mundial, em Paris; em História das Ordens Religiosas, do professor Wieland Schulz-Keil, de Uppsala; em investigação de seitas e doutrinas secretas os conselhos lingüísticos do doc. Priv. Peter H. Schroeder, de Paris; o apoio sui generis de Dieter Geissler, Leonardo Pescarolo e Philipp Kreuzer. Finalmente, agradeço a meu pai, por ter me transmitido o gosto pela história escrita.

Escrevi este livro a mão. Aproximadamente as 1.600 páginas do manuscrito foram introduzidas no computador, com paciência e aplicação infinitas, por Simone Pethke, Angelika Hansen, Numi Teusch, Bettina Petry, Sabine Rohe e Arnulf.

Devo agradecimento especial à Editora Gustav Lübbe, que me ajudou com tão boa disposição nas fases mais difíceis de produção e finalização deste livro.

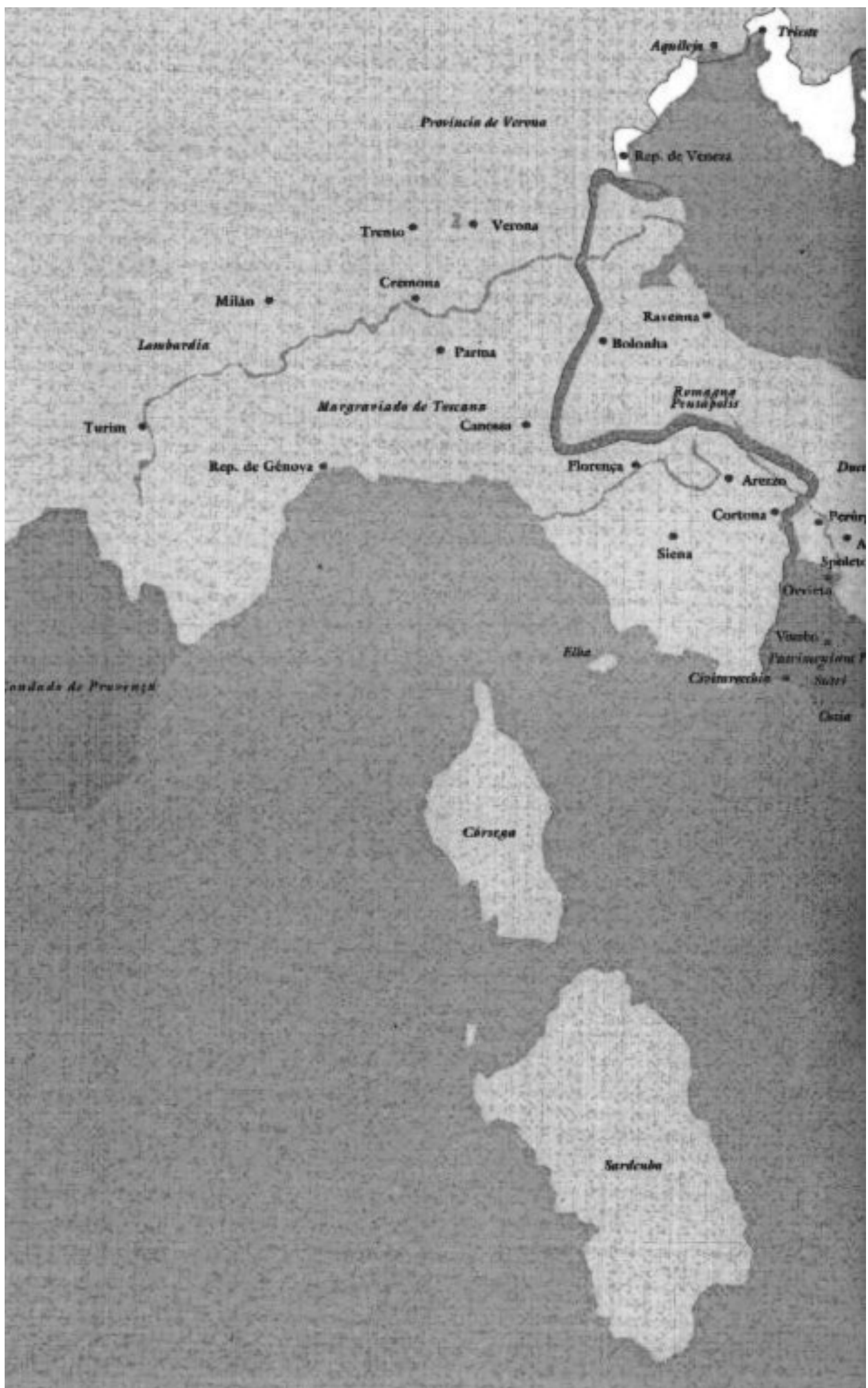
Levei em conta crônicas e documentos de época, como Jean de Joinville, *Chronicles of the Crusades* (The Estate of M.R.B. Shaw, 1963); Kaiser Friedrich II (Klaus J. Heinisch, Winkler-dtv, 1977); *Die Kreuzzüge aus arabischer Sicht*, (Francesco Gabrieli, Winkler-dtv, 1973). Para mim teria sido impossível escrever uma novela ambientada na Idade Média sem a ajuda de Steven Runciman, em *A History of the Crusades* (Cambridge University Press, 1954), a quem tanto devo. Além desse opus magnum, foram-me bastante úteis Otto Rahn, *Kreuzzug gegen den Gral* (Urban Verlag, Friburgo i.B., 1933), Eugen Roll, *Die Katharer* (J.Ch. Meilinger, Stuttgart, 1979), Jordi Costa Roca, Xacbert de Barbera (*Libres del Trabucaire*, Perpignan, 1989), John Charpentier, *L'Ordre des Templiers* (Klett-Cotta, Stuttgart, 1959), Hans Prutz, *Entweihung und Untergang des Tempelherre-nordens* (G. Grote sehe Verl., Berlim, 1888), Bernhard Lewis, *The Assassins* (Weidenfeld & Nicholson, Londres, 1967), Edward Burman, *GH Assassini* (Convivio-Nardini edit., Florença, 1987), Bertold Spuler, *Geschichte der Mongolen*

(Artemis, Zúrique, 1968), Gian Andri Bezzola, Die Mongolen in abendländischer Sicht (A. Francke, Berna, 1974), Friedrich Pdsch (edit.) Johan de Piano Carpini, Reisebericht 1245—1247 (Leipzig 1930), Friedrich Risch (edit.), Wilhelm Rubruk, Reise zu den Mongolen 1253—1255 (Leipzig, 1934) e finalmente minha própria obra, junto com o índice e os anexos; Peter Beding, Franziskus oder Das zweite Memorandum (Goldmann, München, 1989, 2ª edição, 1990).

Roma, 1- de maio de 1991

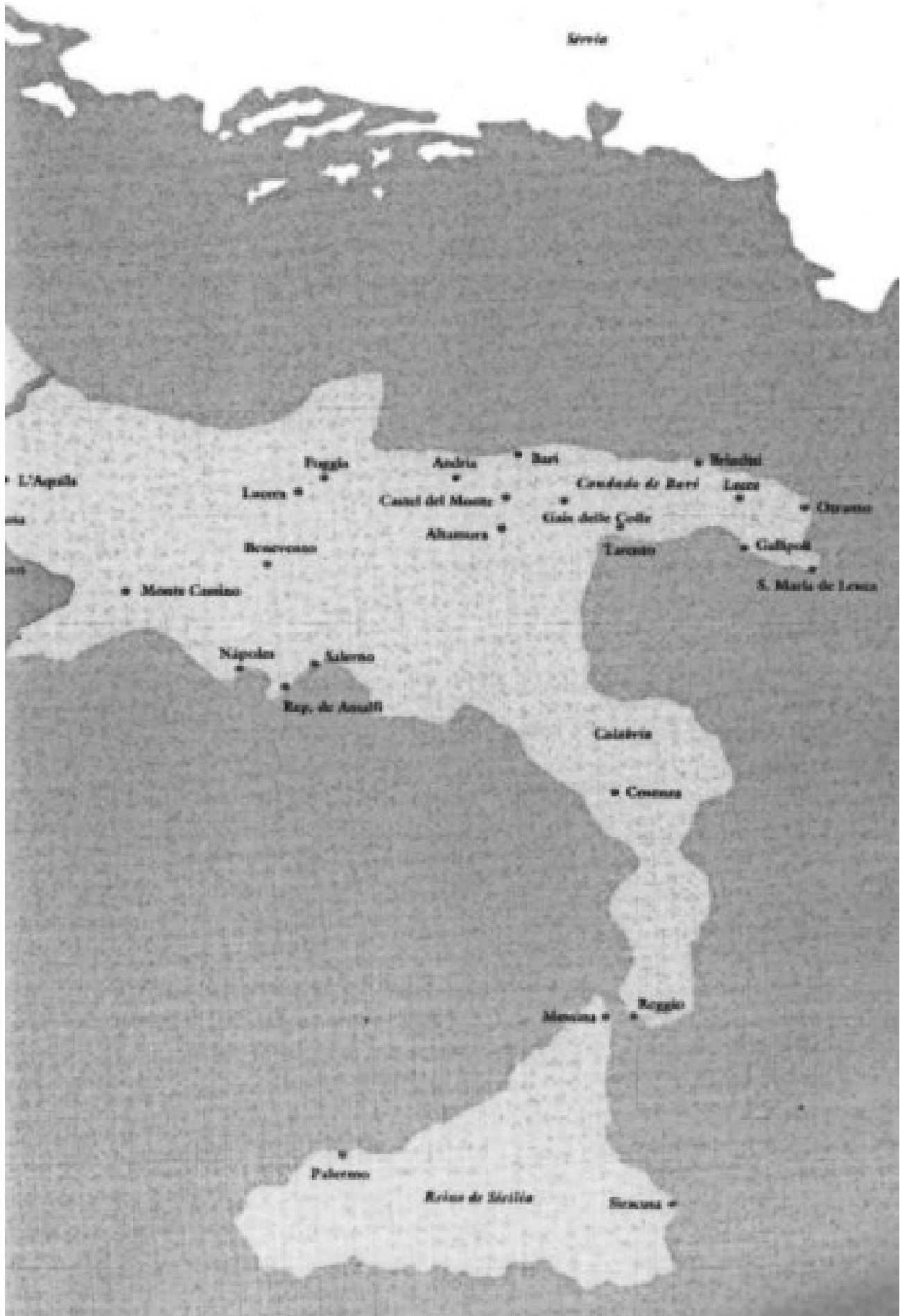
Peter Beding

MAPA DA ITALIA



Croazia

Serbia



Umbria

Foggia

Perugia

Assisi

Bari

Brindisi

L'Aquila

L'Aquila

Castel del Monte

Canalino di Bari

Lecce

Ugento

Marche

Benevento

Altamura

Caserta

Taranto

Gallipoli

Campania

Monte Cassino

S. Maria de Leuca

Napoli

Salerno

Reg. de Amalfi

Calabria

Cosenza

Massima

Reggio

Palermo

Regione di Sicilia

Siracusa